



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Câmpus de São José do Rio Preto

Gelbart Souza Silva

*Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis*

Estudo e tradução

São José do Rio Preto  
2019

Gelbart Souza Silva

*Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis*

Estudo e tradução

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Aquati

São José do Rio Preto  
2019

S586e SILVA, Gelbart Souza  
Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis : estudo e tradução /  
Gelbart Souza SILVA. -- São José do Rio Preto, 2019  
405 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),  
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio  
Preto  
Orientador: Cláudio Aquati

1. Literatura Clássica. 2. Romance antigo romano. 3. Guerra  
de Troia. 4. Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis. 5.  
Tradução. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do  
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados  
fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Gelbart Souza Silva

*Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis*

Estudo e tradução

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Cláudio Aquati  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto  
Orientador

Prof. Dr. Márcio Natalino Thamos  
UNESP – Câmpus de Araraquara

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Norma Wimmer  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto  
13 de maio de 2019

*À minha esposa Karen, companheira sempre presente,  
e aos meus pais, Geraldo e Edileusa, razão de minha existência.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e à minha Família, esteios da minha vida.

À minha esposa, Karen, pelo apoio incondicional.

Ao Prof. Dr. Cláudio Aquati, meu *aeternus magister*, de quem aprendi lições valiosíssimas.

A todos os meus professores e professoras de graduação e pós-graduação, cujas aulas agregaram à minha formação como profissional e também como pessoa.

Aos professores Márcio Thamos e Norma Wimmer pela leitura atenta e comentários cruciais para o aprimoramento deste trabalho.

Aos meus amigos e colegas pela companhia indispensável.

Ao Ibilce e toda a sua equipe pelo ótimo serviço prestado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος*

*In principio erat Verbum*

No princípio era o Verbo

(BÍBLIA SAGRADA, João 1:1)

## RESUMO

Neste trabalho, estudamos e traduzimos integralmente uma obra da literatura latina tardia conhecida como *Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis* (*Diário da Guerra de Troia*), anônima e datável do século IV d. C. *Ephemeris* relata os eventos da Guerra de Troia do ponto de vista de um narrador em primeira pessoa que se apresenta como um soldado cretense de nome Díctis, alistado na tropa do comandante grego Idomeneu. A narração do prélio entre gregos e troianos, conhecida em literatura primordialmente pela leitura da *Ilíada*, de Homero, reveste-se em *Ephemeris* de uma intenção racionalista ao diminuir os heróis à condição humana regular, ao diminuir a atuação dos deuses e ao estruturar a narrativa de forma lógica e cronológica. Composta de seis capítulos, precedidos por uma epístola e um prólogo, a obra é uma versão para o latim de um texto do século II originalmente em grego, o qual se encontra hoje fragmentado. *Ephemeris* ganha importância no tocante à conservação do mito troiano, pois no Ocidente latino, desde o século I a. C., a história da Guerra de Troia era cada vez menos conhecida por intermédio dos poemas homérico e da literatura grega em geral em decorrência de uma precariedade na difusão do idioma grego por entre a elite romana. Acrescente-se a esse fator a posterior e crescente pressão da Igreja que rechaçava os deuses não cristãos que habitavam a narrativa homérica. Desse modo, outras obras, compostas em latim, assumiram a transmissão da história troiana que nos oferecia a épica homérica. Destaca-se dentre elas a própria *Ephemeris*, que apresenta em prosa e de forma concisa, toda a história da Guerra de Troia: de sua origem no rapto da formosa Helena até o regresso dos gregos vitoriosos à terra natal. O destaque dessa obra confirma-se pela importante intertextualidade conhecida de *Ephemeris* em relação a obras da Idade Média, como *Roman de Troie*, de Benoît de Sainte-Maure, e *Historia destructionis Troiae*, de Guido de Columnis.

**Palavras-chave:** *Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis*. Guerra de Troia. Romance antigo. Mitologia clássica.



## ABSTRACT

In this work, we study and translate integrally a late Latin work known as *Ephemeris belli Troiani* (*Diary of the War of Troy*), anonymous and dating from the fourth century AD. *Ephemeris* reports the events of the Trojan War from the viewpoint of a first-person narrator who presents himself as a Cretan soldier named Díctis, enlisted in the troop of the Greek commander Idomeneu. The account of the battle between Greeks and Trojans, known in literature primarily by the reading of the Homer's *Iliad*, is dressed in *Ephemeris* of a rationalistic intention by diminishing the heroes to the regular human condition, by decreasing the performance of the gods and structuring the narrative logically and chronologically. Composed of six chapters, preceded by an epistle and a prologue, the work is a Latin version of a text of second century, written originally in Greek, which is now fragmented. *Ephemeris* gains importance with regard to the conservation of the Trojan myth. In the Latin West, since the first century BC, the story of Trojan War was less known through Homeric poems and Greek literature in general because of a precariousness in diffusion of the Greek language among the Roman elite. Add to this factor the later and growing pressure of the Church that rejected the polytheistic gods who inhabited the Homeric narrative. In this way other works composed in Latin assumed the transmission of the Trojan story that offered the Homeric epic. Of particular note is *Ephemeris*, which presents in prose and in concise form the whole story of the Trojan War: from its origin in the abduction of the beautiful Helen to the return of the victorious Greeks to the native land. This is confirmed by the important intertextuality of *Ephemeris* in relation to works of the Middle Ages, such as *Roman de Troie*, by Benoît de Sainte-Maure, and *Historia destructionis Troiae* by Guido de Columnis.

**Keywords:** *Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis*. Trojan War. Ancient Novel. Classical Mythology.

## RIASSUNTO

In questo lavoro, studiamo e traduciamo integralmente una opera latina conosciuta come *Ephemeris belli Troiani* (*Diario della guerra di Troia*), anonima e risalente al secolo IV d. C. *Ephemeris* riporta gli eventi della guerra di Troia dal punto di vista di un narratore in prima persona che si presenta come un soldato chiamato Ditti Cretese, arruolato nell'esercito del comandante greco Idomeneo. La narrazione del combattimento tra Greci e Troiani, nota in letteratura soprattutto per la lettura della *Iliade* di Omero, si presenta in *Ephemeris* con un'intenzione razionalista poiché diminuire gli eroi alla condizione umana normale, ridurre il ruolo delle divinità e strutturare la narrazione in modo logico e cronologico. Composto da sei capitoli, preceduti da una lettera e un prologo, il libro è una versione latina di un testo greco del secolo II, che ora si conosce in frammenti. *Ephemeris* guadagna importanza per quanto riguarda la conservazione del mito troiano, perché nell'Occidente latino, dal primo secolo, la storia della guerra di Troia era sempre meno conosciuta attraverso i poemi omerici e la letteratura greca in generale, a causa della bassa diffusione della lingua greca tra l'élite romana. D'altra parte, l'ulteriore e crescente pressione della Chiesa respingeva le divinità non cristiane che abitavano la narrazione omerica. In questo modo, altre opere, composte in latino, presero la trasmissione della storia di Troia offerta dall'epopea omerica. Si distingue tra queste *Ephemeris*, che dispone in prosa e in modo conciso l'intera storia della guerra di Troia: dalla sua origine nel rapimento della bella Elena al ritorno dei greci vittoriosi a loro patria. Evidenza confermata dalla significativa intertestualità di *Ephemeris* nota in relazione a alcune opere del medioevo, come *Roman de Troie*, di Benoît de Sainte-Maure, e *Historia destructionis Troiae*, di Guido de Columnis.

**Parole-chiave:** *Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis*. Guerra di Troia. Romanzo antico. Mitologia classica.

## LISTA DE ABREVIATURAS

APOL. RH. <i>Arg.</i>	Apolônio de Rodas, <i>Argonáutica</i>
APOLLOD.	Pseudo Apolodoro
	<i>Bibl.</i> — <i>Biblioteca</i>
	<i>Ep.</i> — <i>Epítome</i>
CATUL.	Catulo
CEDR.	Cedreno
<i>De Excid.</i>	<i>De Excidio Troiae Historia Daretis Phrygii</i>
DIOD. SIC.	Diodoro Sículo, <i>Biblioteca Histórica</i>
<i>Eph.</i>	<i>Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis</i>
EUR.	Eurípides
	<i>Andr.</i> — <i>Andrômaca</i>
	<i>Hec.</i> — <i>Hécuba</i>
	<i>Hel.</i> — <i>Helena</i>
	<i>Iph. Aul.</i> — <i>Ifigênia em Áulis</i>
	<i>Iph. T.</i> <i>Ifigênia em Táuris</i>
	<i>Tr.</i> — <i>As Troianas</i>
	<i>Or.</i> — <i>Orestes</i>
	<i>Hercl.</i> — <i>Heráclidas</i>
	<i>Rh.</i> — <i>Rhesus</i>
EUST. <i>ad Hom.</i>	Eustácio, <i>Comentários sobre a Ilíada e a Odisseia de Homero</i>
HELLANIC.	Helênico
HEROD.	Heródoto, <i>História</i>
HES. <i>Theog.</i>	Hesíodo, <i>Teogonia</i>
HYG. <i>Fab.</i>	Higino, <i>Fábulas</i>
<i>Hymn. Hom.</i>	Hinos homéricos
<i>Il. Lat.</i>	<i>Ilias Latina</i>
<i>Il.</i>	<i>Ilíada</i>
LIV.	Tito Lívio
LIV. ANDRON.	Lívio Andronico
LUCIAN.	Luciano
	<i>D. Deor.</i> — <i>Diálogos dos deuses</i>
	<i>VH.</i> <i>Verae Historiae</i>
LYC. <i>Alex.</i>	Licofrón, <i>Alexandra</i>
MALAL. Chronogr.	<i>Malalas, Cronografia</i>
NEV.	Névio
<i>Od.</i>	<i>Odisseia</i>
OV.	Ovídio
	<i>Met.</i> — <i>Metamorfoses</i>
	<i>Her.</i> — <i>Heróides</i>
Pap. Ox.	<i>Oxyrhynchus Papyri</i>
PAUSAN.	Pausânias
PHILOSTR. <i>Her.</i>	Filóstrato, <i>Heróico</i>
	<i>Imag. Imagens</i>
PIND. <i>Olymp.</i>	Píndaro, <i>Olímpicas</i>
	<i>Pyth.</i> — <i>Píticas</i>
PROCL. <i>Chrest.</i>	Proclo, <i>Crestomatia</i>

QUINT. SM., <i>Posth.</i>	Quinto de Esmirna, <i>Posthomérica</i>
SALLUST. B. Iug.	Salústio, <i>A Guerra de Jugurta</i>
SEN.	Sêneca
	<i>Ag.</i> — <i>Agamêmnon</i>
	<i>Herc. F</i> — <i>Hercules Furens</i>
	<i>Herc. Oe</i> — <i>Hercules Oetaeus</i>
	<i>Med.</i> — <i>Medeia</i>
	<i>Th.</i> — <i>Tiestes</i>
	<i>Tr.</i> — <i>As Troianas</i>
SERV. ad. VIRG. <i>Aen</i>	Sérvio, <i>Comentários à Eneida de Virgílio</i>
SOPH. <i>Aj.</i>	Ájax
	<i>Phil.</i> — <i>Filoctetes</i>
STESICH.	Estesícoro, <i>Palinódia</i>
STRAB.	Estrabão
SUD.	Suidas
TAC. <i>Ann.</i>	Tácito, <i>Anais</i>
THUC.	Tucídides
TRIPH.	Trifiodoro, <i>O saque de Ilíon</i>
TZETZ	Tzetze
VIRG. <i>Aen</i>	Virgílio, <i>Eneida</i>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. A GUERRA DE TROIA ATRAVÉS DO TEMPO: DOS FINAIS DA IDADE DO BRONZE AO INÍCIO DO RENASCIMENTO .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1. Nível histórico .....</b>	<b>15</b>
<b>2.2. Nível mítico.....</b>	<b>21</b>
<b>2.3 Nível literário: os hiper e hipotextos de <i>Ephemeris belli Troiani</i> .....</b>	<b>30</b>
2.3.1. A Guerra de Troia em Homero e nos poetas épicos.....	31
2.3.2. A Guerra de Troia nos poetas trágicos .....	40
2.3.3. A Guerra de Troia entre os romanos .....	49
2. 3. 4. A Guerra de Troia nas crônicas troianas e suas relações hipo e hipertextuais.....	59
<b>3. ANÁLISE DE <i>EPHEMERIS BELLI TROIANI</i> .....</b>	<b>68</b>
<b>3.1. Autoria, datação e contexto histórico-literário .....</b>	<b>69</b>
3.1.1. Texto grego .....	70
3.1.2. Texto latino .....	82
<b>3.2. <i>Ephemeris belli Troiani</i> como romance, romance como gênero.....</b>	<b>89</b>
3.2.1. <i>Ephemeris belli Troiani</i> como romance periférico .....	106
3.2.2. <i>Ephemeris belli Troiani</i> no entrelugar da história e ficção .....	114
<b>3.3. Texto e paratextos: o pacto ficcional e o labirinto da leitura em <i>Ephemeris belli Troiani</i> .....</b>	<b>134</b>
<b>3.4. Narrador e personagens em <i>Ephemeris belli Troiani</i>.....</b>	<b>162</b>
3.4.1. Entre gregos e troianos: personagens principais.....	165
3.4.2. Díctis: a questão do personagem/narrador/autor .....	197
<b>3.5. A presença do divino em <i>Ephemeris belli Troiani</i>.....</b>	<b>209</b>
<b>4. TRADUÇÃO DE <i>EPHEMERIS BELLI TROIANI</i>.....</b>	<b>220</b>
<b>4.1. Sobre esta tradução .....</b>	<b>220</b>
<b>4.2. Texto latino de <i>Ephemeris belli Troiani</i> .....</b>	<b>223</b>
<b>4.3. Tradução: <i>Diário da Guerra de Troia</i>, de Díctis Cretense .....</b>	<b>286</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>393</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>395</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A Guerra de Troia é uma das histórias fundadoras da literatura e da cultura ocidentais. Dela trataram diferentes autores, de diversas artes, através do tempo: pintura, escultura, poesia, teatro, romance, música, etc. Até os dias de hoje, a Guerra de Troia e toda a diversidade de personagens que encerra, humanos e divinos, inspiram releituras por representarem a força do ser humano na luta pelo que deseja: fama, glória, território, riquezas, vingança ou a concretização do amor. Nessa história, há derramamento de lágrimas e de sangue, há mortes que pesam na vida de uma nação, há demonstrações de amor, honradez, respeito e companheirismo, mas há também exemplos execráveis, destinos tétricos e diversas falhas de caráter. A Guerra de Troia não conta apenas o confronto entre dois povos; ela retrata a derrocada de uma cidade pelo confronto de ambições e vaidades humanas. Troia é, assim, símbolo da nação destruída, do conflito entre destino coletivo e impulsos individuais.

Dentro do sem-número milenar de obras que tratam da Guerra de Troia, encaixa-se o nosso objeto de estudo e tradução, o romance antigo em latim *Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis* (*Diário da Guerra de Troia, de Díctis Cretense*), de autoria anônima e datável de cerca do século IV d. C. Com um narrador em primeira pessoa apresentado como um soldado cretense de nome Díctis, alistado no exército do comandante grego Idomeneu, a Guerra de Troia é contada pelo escrutínio histórico de uma testemunha ocular, que foi ao confronto entre atidas e priâmidas, viveu-o e venceu-o. O *Diário da Guerra de Troia*, que Díctis escreveu por ordem de seu comandante, abarca grande parte dos eventos que constituem a narrativa mítica. Narra desde as circunstâncias que levaram ao rapto de Helena até ocorrências posteriores à devastadora pilhagem da cidade troiana, como o retorno dos gregos vitoriosos para casa e o destino de seus principais reis.

A narração em *Ephemeris* é conduzida por um estilo intencionalmente simples: os eventos são sumarizados e apresentados de forma cronológica e não se constata ambição literária nem interesse em ornamentar o texto. Apresenta um tom sóbrio, com parca intervenção de comentários do narrador, que apenas relata as sucessivas investidas políticas e bélicas, as sequências de combates e tréguas, as vitórias e derrotas dos soldados. A voz do narrador é predominante, sendo poucos os personagens que têm o direito de se expor no discurso. Quando o fazem, o caráter é de uma retórica de cunho ético e persuasivo.

O texto latino é, na verdade, uma tradução de um texto grego quase todo perdido, datável do século II d. C.; os poucos fragmentos deste apontam para uma tradução parafrástica

naquele. Como é atualmente editado, o texto latino apresenta-se composto de três partes: Epístola, Prólogo e a Narração. Na Epístola, escrita pelas mãos do suposto tradutor romano Lúcio Septímio e endereçada a outro romano de nome Quinto Rufino Arádio, encontra-se a descrição de Díctis e da trajetória de seu texto, pois, cumprindo seu último desejo, os anais que escrevera foram enterrados em sua tumba que, depois de alguns séculos veio a ruir, expondo o objeto a pastores que costumavam passar pelo local; esses vasculharam os escombros e encontraram os anais e, como estavam grafado em caracteres desconhecidos, levaram o achado para o senhor do local, o qual, por sua vez, enviou-o ao imperador Nero. Este ordenou que especialistas analisassem o achado e, uma vez constatado ser o conteúdo um registro *verdadeiro* da Guerra de Troia escrito em língua grega por meio de caracteres fenícios, editou-o e guardou-o em sua biblioteca; por fim, por um acaso chega o texto de Díctis às mãos de Septímio que decide traduzi-lo. O alógrafo Prólogo, que provavelmente teria sido de um “editor”, mesmo que se considere um personagem fictício, descreve os mesmos fatos, da morte de Díctis à biblioteca de Nero.

Essas circunstâncias em relação a Díctis e seu diário de guerra são, certamente, da ordem da ficção. Não se credita verdade histórica aos fatos que circundam o texto grego e seu prólogo (a tradução para o texto latino que temos hoje é real), sendo, portanto, essa descrição um processo de ficcionalização efetuado por um autor desconhecido por volta do século II d. C. Essa construção narrativa de atmosfera pseudo-histórica contrasta com a abordagem mítica em que se gestavam as pregressas epopeias e tragédias gregas e romanas. A relativa ausência dos deuses e o cerceamento da potência heróica dos personagens são consequência desse jogo narrativo. Septímio, ou por ingenuidade ou por aceitação do pacto ficcional, traduziu do grego para o latim o texto desse romancista anônimo que criativamente escreveu um texto literário de tema troiano nos moldes de diário de guerra. Uma vez traduzido para o latim, *Ephemeris* sobreviveu durante a cisão do Império Romano ao ostracismo da cultura grega no Ocidente e, por outro lado, continuou a ser lido em sua versão grega no Oriente. Incluído no espírito de crítica a Homero, emplacada desde a época de Platão (século IV a. C.), mas intensificada na Segunda Sofística (século II d. C.), *Ephemeris* se torna no período medieval fonte alternativa para o mito troiano ao lado de obras como *Ilias Latina*, *De Excidio Troiae Historia* e *Excidium Troiae*. Poetas medievais, como Benoît de Sante-Maure e Guido De Columnis, inspiraram-se nessa fonte e recontaram o mito troiano, constituindo eles mesmos fontes para outros autores, como Shakespeare. Por outro lado, cronistas retomaram o mito troiano para nele firmar as raízes das nações em ascensão, como a *Fredegarii Chronicon*, que faz os francos descenderem dos troianos, e a *Historia Brittonum*, que o mesmo faz em relação aos

bretões.

Para além do conteúdo e de sua ligação com a trajetória e a prevalência do mito troiano, *Ephemeris* importa no que tange ao gênero romanesco, porque traz à baila questões de forma. Por apresentar características da historiografia unidas ao plasma mítico da épica, essa obra acentua a discussão sobre a gênese do romance antigo e seu desenvolvimento, podendo ser considerada um dos marcos distintivos da evolução da prosa em tempos imperiais (BOWERSOCK, 1994).

Como essa obra é ainda pouco abordada pelos Estudos Clássicos brasileiros e com poucos trabalhos em língua portuguesa a seu respeito, na perspectiva de fornecer conteúdo acadêmico a respeito de *Ephemeris*, decidimos produzir uma tradução anotada e comentada da obra, bem como um estudo introdutório que tratasse dos principais aspectos desse romance antigo, sem, evidentemente, exauri-lo. Assim, a presente dissertação divide-se em duas partes, estudo e tradução.

No estudo, apresentamos um quadro panorâmico de Homero à época medieval acerca da narrativa da Guerra de Troia, no qual *Ephemeris* tem importantes relações hipo e hipertextuais no nível temático e no nível formal da narrativa troiana.

Na segunda parte do estudo, analisamos *Ephemeris*, discutindo os seus elementos externos (datação, contexto, autor, etc.) e os elementos internos (gênero, personagens, narrador, etc.), com o fito de traçar uma leitura crítica no nível linguístico-literário que sustente a nossa proposta de tradução.

Quanto à tradução, buscamos produzir um texto balizado pelas características de *Ephemeris*, como a prosa mediana, as repetições e o estilo conciso. As notas e comentários visam a fornecer informações intertextuais, contextualizações e interpretações das passagens quanto ao tema e à sociedade representada na obra, assim como a relações internas do próprio romance.



## 2. A GUERRA DE TROIA ATRAVÉS DO TEMPO: DOS FINAIS DA IDADE DO BRONZE AO INÍCIO DO RENASCIMENTO

A história da Guerra de Troia tem uma presença forte no imaginário ocidental, atestada facilmente, por exemplo, por antropônimos (Heitor, Helena, Antenor, etc.) e por expressões populares muito conhecidas, como “tendão/calcanhar de Aquiles” (em inglês, *Achilles' heel*; em italiano, *tallone di Achille*; em francês, *talon d'Achille*, etc.), significando ponto fraco de alguém ou de alguma coisa, e “presente de grego” (*Greek's gift*, em inglês; *regalo de griego*, em espanhol; *cadeau grec*, em francês), significando um ardiloso embuste. Nos novos suportes de narrativa, o mito troiano também encontra espaço. Por exemplo, inspirado no ciclo troiano, sobretudo em Homero, há o filme hollywoodiano *Troy* (2004) e a recentíssima série *Troy: fall of a city* (2018), que agradaram muito o público não especializado. Todavia, entre a versão escrita da *Ilíada*, ocorrida por volta do século VI a. C., e as adaptações cinematográfica há um hiato milenar em que outras obras focadas sobre o mesmo tema foram produzidas. Nesse hiato há uma verdadeira trajetória cheia de percalços, em que houve variação da história e a mudança na abordagem do mito da Guerra de Troia.

### 2.1. Nível histórico

*Mas se um país não tivesse mitos estaria já morto*  
(DUMÉZIL, 1969)

Atualmente não há dúvidas de que realmente houve uma Guerra de Troia histórica e que houve uma cidade troiana destruída por aqueus. A famosa escavação amadora de Heinrich Schliemann, que, tendo iniciado um sítio de escavações baseado nos indícios geográficos das epopeias homéricas, encontrou em 1870 na colina de Hissarlik, na atual Turquia, uma sobreposição de cidadelas, contando sete no total, número que mais tarde teria um acréscimo de duas outras cidades feito pelo ajudante de Schliemann, o arqueólogo Wilhelm Dörpfeld. Apesar de os métodos de escavação assumidos por Schliemann terem destruído ou danificado parcialmente algumas evidências arqueológicas, sua contribuição lançou uma atmosfera de realidade histórica para aquilo que até então era considerado pelos modernos puramente mitológico, fruto inteiramente de imaginação criativa.

Na Antiguidade, muitos autores dataram a Guerra de Troia e a ela conectaram outros eventos significativos da história, tornando-a um marco temporal. Por exemplo, Ápio, em sua *História Romana*, anotou que “os fenícios fundaram Cartago, na África, cinquenta anos antes

da tomada de Troia”.<sup>1</sup> Também a sua localização era detalhada pelos antigos. Segundo Isidoro de Sevilha (c.560-636) em *Etimologias* (apud YAVUZ, 2015, p. 15):

*Est autem regio [Phrygia] Troadi superiecta ab Aquilonis parte Galatiae; a meridiana vicina est Lycaoniae; ab oriente Lydiae adhaeret; ab occidente Hellesponto mari terminatur. Huius regio Troia est, quam ex suo nomine appellavit Tros, Troianorum rex, Ganymedis pater. Duae sunt autem Phrygiae: maior et minor. Maior Phrygia Smyrnam habet, minor vero Ilium.*

Ora, a região [Frígia] fica acima da Trôade, ao norte da Galácia; ao sul da Licônia, e faz fronteira com a Lídia ao leste e no oeste com o Helesponto. Sua região é Troia, a qual Tros, o rei dos troianos, pai de Ganimedes, a partir de seu próprio nome a batizou. Duas são, então, as Frígias: a Frígia Maior e a Frígia Menor. Na Frígia Maior fica Esmirna, na Menor, Ílion.<sup>2</sup>

Não só a guerra era tida como real e localizada na história mas também os gregos do tempo de Homero e posteriores consideravam os micênicos da Era do Bronze seus ancestrais. Modernamente, as escavações trouxeram à luz evidências que sustentam essa ancestralidade. Como relata Brandão (2010):

Schliemann, a princípio, pensou que a Troia III fosse a homérica, mas a cultura e a experiência de Dörpfeld fizeram-no inclinar-se para Troia VI, que possuía restos de cerâmica muitíssimos semelhantes à de Micenas e Tirinto. Por este e outros indícios concluiu-se que a Troia VI fora erigida [por volta de] 1900 a. C., por um povo sem dúvida proveniente também do mundo indo-europeu para a Ásia Menor. Cultivando a cerâmica mímia, esse povo não apenas mantinha comércio ativo com os micênicos, mas o que é mais importante, devia ter um possível parentesco com os primeiros gregos.

Segundo Maria H. R. Pereira (1965, p. 56), Brandão (2010, p. 102) afirma que esse povo eram, “segundo todas as probabilidades”, os hititas. Pereira (1965) afirma que há registros desse povo que relatam uma coligação de cidades da Ásia Menor, dentre as quais uma seria Troia e outra Ílion, que estavam, por volta do século XIII a. C., em conflito com outra coligação de cidades, essa formada pelos aqueus. Esse embate teria ocorrido na época de domínio de Micenas, coincidindo justamente com a data de destruição da cidade de Ílion que, segundo as informações arqueológicas, teria ocorrido por volta de 1230 e 1225 a. C., com diferença de poucas décadas em relação à data que tradicionalmente se confere à Guerra de Troia (por volta de 1200 a. C.), a qual o geógrafo Eratóstenes de Cirene especifica ter sido em 1183 a. C. (BRANDÃO, 2010).

Corroborando essas informações, Thompson (2013), apoiada em Bryce (1989), explica que de 1680 até mais ou menos 1180 a. C., o poderoso império hitita controlava grande parte da Anatólia. Apesar de não haver nenhum testemunho escrito próprio de Troia e de a escrita

<sup>1</sup> *The Phoenicians founded Carthage, in Africa, fifty years before the capture of Troy.* apud Yavuz (2015, p. 13).

<sup>2</sup> Todas as traduções para o português são de nossa responsabilidade.

linear B dos gregos micênicos destinarem-se ao registro de possessões e não de assuntos políticos, existem tabuletas hititas que se referem aos micênicos (chamados *Ahhiyawanos* pelo povo hitita) e a Troia (conhecida pelo nome *Wilusa*). Essas tabuletas, ainda segundo a pesquisadora, atestam relações políticas e incluem um trato entre o grande rei hitita Musatalli e um homem chamado *Alaksandu*, comandante do reino de Wilusa, nome evidentemente semelhante a *Alexandre*. A relação entre o império hitita e Wilusa-Troia seria de vassalagem deste para com o outro. Dominar a cidade troiana traria muitos benefícios geopolíticos aos hititas, haja vista a localização dela, entre os micênicos ao oeste e o resto do reino hitita ao leste. Desse modo, Troia estava na região de convergência da expansão micênica em direção ao oriente e da expansão hitita em direção ao ocidente. Esse fato explicaria a razão pela qual Troia havia de ser extremamente fortificada por uma ingente muralha (e, na crença, protegida pelos deuses).

As escavações sob a direção de W. Blegen trouxeram novas informações. A Troia VI, cidade fortemente murada, cuja riqueza do solo favorecia a criação de gado e de cavalo<sup>3</sup>, teria sido destruída por um forte tremor de terra. A cidade que a sucedeu, Troia VIIa, que não deu continuidade à sua opulência nem à sua cultura, com grande probabilidade é a cidade de Príamo, a Troia homérica<sup>4</sup> (BRANDÃO, 2005, p. 102).

O motivo que a mitologia assume para a eclosão da Guerra de Troia é o rapto de Helena, rainha espartana, mulher de Menelau, efetuado por Páris, príncipe troiano. Contudo, parece inconcebível que a História com o seu rigor crítico aceite que uma guerra tão intensa, o derramamento de sangue tão grande e um contingente de vidas afetadas tão amplo tivesse sido

---

<sup>3</sup> Interessante lembrar que Homero dá o epíteto de “domador de cavalos” a Heitor e a outros heróis troianos, como é atestado no verso final da *Iliada*: “E assim foi o funeral de **Heitor, domador de cavalos.**” (*Il.* XXIV, 804; trad. Frederico Lourenço, 2005). O cavalo é um grande símbolo para a cidade de Troia. Nas narrativas mitológicas o rei Laomedonte, filho de Ilo e neto de Tros, fundador de Troia, teve auxílio de Poseidon e de Apolo na construção da famosa inexpugnável muralha troiana. Os deuses haviam recebido tal tarefa como punição à conspiração malograda que, em aliança com Hera e Atena, engendravam contra Zeus. Ao fim do trabalho, Laomedonte não cumpriu o pagamento ajustado (GRIMAL, 2005, p. 57). Ao ver-se ultrajado, Poseidon enviou uma enorme serpente marinha para destruir a cidade. Por meio de um oráculo os troianos tomam conhecimento do remédio para aquele mal: o sacrifício de uma donzela. A sorte cai sobre Hesíone, filha do rei e irmã de Príamo. Contudo, antes de consumir o sacrifício, o herói Hércules que estava pela região, sabendo do fato, dispôs-se a salvar a jovem matando a serpente, sob a condição de ser recompensado com os **cavalos divinos** que Tros recebera de Zeus em compensação pelo rapto de seu filho Ganimedes (MAYERSON, 2001, p. 386-387). Hércules cumpre sua parte, mas Laomedonte, mais uma vez, não. Então, Hércules ultrajado, junto com uma tropa grega, ataca Troia e a destrói, raptando Hesíone e dando-a como esposa a Télamon (Príamo, que foge à chacina, sucede seu pai no comando da cidade troiana). Não se pode passar ao largo de outro episódio com cavalo, certamente o mais emblemático, o qual seja o do **cavalo de madeira** prenhe de soldados que causa a destruição definitiva de Troia no tempo de Príamo.

<sup>4</sup> Para Brandão (2005, p. 102), Homero em sua *Iliada*, na verdade, teria amalgamado “o fausto da Troia VI com a ruína da Troia VIIa”. Ainda relata o estudioso que a Troia VIII não tem muita importância cultural e que, por fim, a Troia IX seria de data muito tardia, o que invalidaria já daí a sua cotação para a historização da Guerra de Troia.

gestado por causa de uma e única mulher. Na épica homérica, por exemplo, Helena, cuja beleza superara a de todas as mortais e já se assemelhara a deusas, é pelos anciãos de Troia admitida como razão certa passível dos sofrimentos entre aqueus e troianos. Estavam eles observando sobre a muralha a peleja que ocorria nos prados em frente aos portões quando:

[...] viram Helena avançando em direção à muralha,  
[e] sussurraram uns aos outros palavras aladas:  
“Não é ignomínia que Troianos e Aqueus de belas cnêmides  
sofram durante tanto tempo dores por causa de uma mulher destas!  
Maravilhosamente se assemelha ela às deusas imortais.  
Mas apesar de ela ser quem é, que regresse nas naus;  
que aqui não fique como flagelo para nós e nossos filhos.”  
(*Il.* III, 154-160, trad. F. Lourenço)

Em sua *História*, Heródoto fazia objeções:<sup>5</sup>

Sou da opinião dos sacerdotes egípcios no que se refere a Helena, e eis aqui algumas conjecturas da minha parte: Se essa princesa estivesse em Tróia, tê-la-iam entregue, certamente, aos Gregos, com ou sem o consentimento de Alexandre. Príamo e os príncipes da família real não eram tão desprovidos de senso, a ponto de pôr em perigo sua própria segurança, a de seus filhos e de sua cidade, a fim de que Alexandre permanecesse na posse de Helena. Mas, mesmo supondo que tinham tal propósito no começo da guerra, ao verem que pereciam tantos Troianos em cada combate travado com os Gregos e o sacrifício em vidas que a luta estava custando aos filhos de Príamo, teriam, se Helena estivesse realmente em seu poder, procurado pôr fim à contenda, devolvendo-a aos que a reclamavam. O próprio Príamo, mesmo que estivesse, como muitos afirmam, por ela apaixonado, não hesitaria em entregá-la aos Gregos para livrar-se de tantos males. (II, 120)

Como se observa, Heródoto critica os poetas épicos por eles supervalorizarem a importância de uma só mulher em detrimento das vidas de tantos soldados e, sobretudo, dos príncipes troianos. No entanto, segundo a análise de Rynearson (2013), sobressai, na *Ilíada*, a ideia de que a mulher tem um grande valor “econômico” como prêmio de guerra (*geras*). Para ele, a *Ilíada* é estruturada por atos de troca de riquezas ou de bens, iniciando com a tentativa frustrada de Crises recuperar sua filha e terminando com a de Príamo em resgate do corpo de Heitor. Não é de se ignorar, portanto, o fato de que mulheres feitas cativas quando da tomada de uma cidade por um povo hostil, ou ainda dadas como prêmio por um feito heróico ou mesmo por consagração de uma aliança entre reinos. A mulher, assim como o ouro, a prata e território, tinha um valor de troca inerente.

Todavia, como o mesmo Rynearson assume, “com certeza outros incentivos mantiveram os gregos em Troia, seja material (saque) seja imaterial (*kleos*)”.<sup>6</sup> Se da *kleos*, a glória, a arte deu conta de exprimir em suas obras, com os interesses materiais as hipóteses

<sup>5</sup> Versão brasileira de J. Brito Broca baseada na tradução do grego para o francês feita por Pierre Henri Larcher.

<sup>6</sup> “Of course other incentives are held out to the Greeks at Troy, both material (*plunder*) and immaterial (*kleos*)”.

históricas tentam lidar. Como já anteriormente se comentou, Troia tinha um território que a constituía como mediadora entre o Ocidente e o Oriente no contato constante entre os hititas da Anatólia e os gregos de Micenas. As riquezas encontradas nas ruínas da Troia VI evidenciam não só a opulência da cidade, mas também a diversidade de etnias dos seus visitantes, fazendo dela um verdadeiro “empório internacional” (CLINE, 2013 *apud* THOMPSON, 2013). Brandão observa o mesmo fato ao traçar a expansão micênica por meio de vestígios desse povo nas margens do Mediterrâneo e de objetos egípcios na Grécia. Seguindo a tese de Page (1962), no avanço da empresa de conquistar as “praças” de comércio:

Os aqueus, por conseguinte, não se satisfizeram com a ocupação de Creta, Rodes e Chipre, mas conquistaram estabelecimentos comerciais em toda a costa do Mediterrâneo oriental, desde a Tróada até o Egito e isto sem falar em sua expansão ocidental, que atingiu, comprovadamente, Tarento e Siracusa. Ora, um tal império marítimo haveria, mais cedo ou mais tarde, que chocar-se com interesses de outros povos. E foi exatamente o que aconteceu. Os micênicos, que já se haviam instalado em Mileto e Cólofon e que tinham em Troia um excelente cliente, para a qual vendiam punhais de bronze, pontas de flecha, mármore, objetos de marfim e sobretudo vasos, acabaram chocando-se com o império hitita e com o reino vassalo de Asuwa. (BRANDÃO, 2010, p. 103)

Desse conflito de interesses puramente comerciais e econômicos, surgiram as duas coligações, a da Ásia Menor e a dos aqueus, cujo embate os aedos rememoram.

Por outro lado, Brandão (2005), nos passos de Pierre Lévêque (1968) e outros críticos, reclama ser estranho esse método de conquista; parece-lhe descabido que os aqueus destruíssem uma cidade com a qual mantinham um bom e constante relacionamento comercial. Seria, segundo Pierre Lévêque, mais racional entender que se tratasse de “uma gigantesca operação de pilhagem”, pois, aproveitando-se do fato de a riquíssima cidade participar da coligação que lhes fazia frente, os micênicos decidiram devastá-la e confiscar-lhe todos os bens. As hipóteses históricas ressaltam a importância não só da riqueza que a cidade teria, mas, e principalmente, a relevância de sua posição geográfica, por ter sido sobretudo a situação de câmbio que lhe propiciara a prosperidade. Quem a conquistasse ou com ela mantivesse uma boa relação poderia usufruir da prosperidade de que gozava.

As Troias VIII e IX provavelmente não tiveram o mesmo relevo que a Troia VII. Todavia, como aponta Yavuz (2015, p. 15), Troia foi local de visitas de algumas ilustres figuras da história antiga de acordo com alguns relatos greco-romanos. O pesquisador cita o exemplo de Lucano que em sua *Guerra Civil* afirma ter César visitado Troia; outra visita teria sido a de Alexandre, o Grande, segundo o historiador romano Arriano. Yavuz reporta que muitos exemplos de visitantes históricos podem ser encontrados em outros testemunhos,

como o de Sozomeno<sup>7</sup> acerca da intenção do imperador Constantino de construir uma cidade no sítio de Troia antes de decidir sobre Bizâncio. Segundo esse historiador:

quando ele [Constantino] tinha resolvido os assuntos do império de acordo com a sua própria mente, e tinha retificado assuntos estrangeiros por guerras e tratados, resolveu fundar uma cidade que deveria ser chamada pelo seu próprio nome, e deveria ser célebre igual a Roma. Com essa intenção, dirigiu-se a uma planície aos pés de Troia, perto do Helesponto, acima do túmulo de Ajax, onde, dizem, os aqueus tinham estacionado os navios e tendas enquanto sitiavam Troia; e lá ele estabeleceu a planta de uma cidade grande e bela, e construiu os portões em um local elevado de terra, de onde eles ainda são visíveis do mar para aqueles que navegam. Mas, quando ele já tinha ido longe, à noite Deus apareceu e ordenou-lhe que buscasse outro lugar. Conduzido pela mão de Deus, chegou a Bizâncio na Trácia, além de Calcedônia, na Bitínia, e ali desejou construir sua cidade e torná-la digna do nome de Constantino. Em obediência às palavras de Deus, ampliou a cidade anteriormente chamada de Bizâncio e cercou-a de muros altos.<sup>8</sup>

Se para a história do povo antigo o evento bélico entre troianos e gregos foi marcante, mais relevante tornou-se por causa da abordagem artística que recebeu. Nas palavras de Brandão (2010, p. 104)

A derradeira expedição em que heróis destemidos se congregaram para impor-se no Mediterrâneo oriental [...] não teria passado de mais uma gesta, certamente heróica, não fora a epopeia homérica, que imortalizou o arrojo e o arrebatamento de Aquiles, a astúcia e a “nostalgia” de Ulisses, a fidelidade de Penélope, a dignidade de Heitor e a ternura de Andrômaca!

Já para Mayerson (2001, p. 375), “nenhuma guerra de qualquer magnitude funcionou melhor na imaginação do poeta e artista”. Nesse sentido, é muito importante observar como Troia desenvolveu-se miticamente.

---

<sup>7</sup> *The Ecclesiastical History of Sozomen: Comprising a History of the Church from A.D. 324 to A.D. 440*, trans. by Edward Walford (London: Bohn, 1855), II.3.

<sup>8</sup> “when he [Constantine] had settled the affairs of the empire according to his own mind, and had rectified foreign affairs by wars and treaties, he resolved upon founding a city which should be called by his own name, and should be equal in celebrity to Rome. With this intention, he repaired to a plain at the foot of Troy, near the Hellespont, above the tomb of Ajax, where, it is said, the Achaeans had their naval stations and tents while besieging Troy; and here he laid the plan of a large and beautiful city, and built the gates on an elevated spot of ground, whence they are still visible from the sea to those sailing by. But when he had advanced thus far, God appeared to him by night, and commanded him to seek another spot. Led by the hand of God, he arrived at Byzantium in Thrace, beyond Chalcedon in Bithynia, and here he was desired to build his city and to render it worthy of the name of Constantine. In obedience to the words of God, he therefore enlarged the city formerly called Byzantium, and surrounded it with high walls.”

## 2.2. Nível mítico

*O mito é o nada que é tudo.*  
(PESSOA, 1972)

Consoante Brandão (2010), discernimos nesta abordagem da Guerra de Troia duas “Troias”, uma histórica, e outra mítica. Se, por um lado, a Troia histórica se constrói no cotejo de testemunhos históricos, artefatos arqueológicos e evidências diversas que atestam a existência real da cidade e do evento, por outro lado, a Troia mítica prioritariamente se conserva pela tradição oral e escrita, na transmissão de geração a geração. Cada obra que aborda centralmente ou tem como pano de fundo ou como foco um elemento/personagem da Guerra de Troia contribui para o acervo de narrativas que constituem o que chamamos de “memória da Guerra de Troia”: um conjunto atestado de variantes de um mesmo núcleo narrativo com o tema Guerra de Troia. Nesse acervo estão copresentes diversas versões de um mesmo fato, visões diferentes de uma mesma ação, perspectivas dissimes de um mesmo personagem. Normalmente, esse conjunto vem transcrito em obras cujo título se inicia pela palavra “mitologia”.

Sabe-se que na base da Guerra de Troia está o conflito entre duas famílias, os atridas e os priâmidas, cujo nó consiste em um dos maiores crimes que havia dentre os antigos: infringir o direito de hospitalidade (*ξενία*, em grego; *hospitium*, em latim). O troiano Alexandre, filho de Príamo, fugiu com a bela Helena, esposa do rei espartano Menelau, quando este estava ausente do reino. Em seu retorno, descobriu o crime, foi ter com seu irmão Agamêmnon e juntos convocaram os reis da Grécia para montarem uma expedição contra Troia. Os gregos tentaram, primeiramente, conseguir a devolução de Helena e dos bens com ela levados de modo pacífico. Uma vez frustrada a tentativa, declarou-se guerra e assim se deu o início do mítico embate que duraria dez anos e levaria milhares de soldados e muitos ínclitos comandantes gregos e troianos ao mundo subterrâneo.

### 1.2.1. O conceito de mito

A palavra mito atualmente tem uma acepção muito diferente daquela que tinha para as sociedades primitivas. Os dicionários em língua portuguesa atestam, em linhas gerais, um sentido popular e mais usual da palavra mito,<sup>9</sup> o qual seja de “narrativa fictícia”, uma “história

---

<sup>9</sup> A título de exemplo, veja-se o verbete registrado em *Aulete online*, com negritos nossos: sm.1. Narrativa fantástica, simbólica, ger. com elementos sobrenaturais, transmitida pela tradição oral de um povo, e que retrata sua visão de mundo e de aspectos da natureza humana e a forma como explica fenômenos naturais; LENDA;

falsa”.<sup>10</sup> Comprovam-no vários títulos de artigos de revista (quer eletrônicos, quer impressos) que trazem “X mitos sobre...” ou a expressão “isso é mito!” usados, por exemplo, para desmerecer credences populares ou verdades absolutas porém sem fundamentos prováveis, que se transmitiram de pais para filhos, como deixar o chinelo emborcado traz má sorte ou comer manga com leite leva à morte. Outro uso notório encontra-se na função predicativa ligada a pessoas. A expressão “Esse é mito” refere-se a um indivíduo que superou em algum âmbito os seus pares na sociedade.<sup>11</sup> Já atualizadas, essas acepções guardam relação apenas parcial com a definição primordial de “mito”, respectivamente, a transmissão de uma verdade absoluta de geração em geração e o caráter de modelo exemplar.

Definir “mito” (do grego *μῦθος* - *mýthos*) é difícil, pois ele “é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (ELIADE, 1972, p. 11). Apesar da dificuldade e da multiplicidade, buscaremos definir esse conceito com vistas para sua relação com a literatura antiga.

Antes de mais nada, devemos asseverar: o mito é uma criação humana. A obviedade da afirmativa se deve ao fato de que há perigo de entendê-lo dotado de precedência sobre o ser humano, o que poderia ocorrer graças à sua conexão com a religião ou com crenças *latu sensu*. O mito é obra do trabalho intelectual humano, é fruto de suas vivências, resultado do exercício cognitivo. Antes do ser humano havia um mundo e na exploração desse mundo o ser humano foi organizando-o, sistematizando-o, dando sentido àquela imensidão que o rodeava. Essa busca do humano pelo sentido transcendental, fora dos limites simples do cotidiano, das coisas que o circundam, é inerente ao ser humano e é aquilo que o distingue dos demais animais (ARMSTONG, 2005). Se, por um lado, somos dotados de configurações instintivas próprias da biologia de nossa espécie e que nos aproximam dos demais seres vivos, por outro, temos a imaginação, a capacidade de representar mentalmente não só as coisas concretas do mundo, mas também as abstratas, e todas as suas relações. Como explica Armstrong (2005, p.

---

MITOLOGIA: 2. **Crença popular** ou tradição que se desenvolve sobre alguém ou algo; MITOLOGIA: 3. Acontecimento ou fato extraordinário, incomum, com **frequência exagerado e distorcido pela imaginação popular ou pelos meios de comunicação**. 4. Personalidade de destaque nos meios artísticos, esportivos, culturais etc., cuja atuação, trabalho etc. são reconhecidos e reverenciados pelo público. 5. **Pessoa ou coisa que não tem existência real ou passível de ser provada**. 6. **Representação idealizada** de uma época passada ou futura da humanidade. 7. Verdade, valor moral, conceito etc. inquestionável para um grupo social. 8. **Pej. Noção falsa ou infundada**.

<sup>10</sup> Alerta Eliade (1972, p. 130) que “se em todas as línguas europeias o vocábulo 'mito' denota uma 'ficção', é porque os gregos o proclamaram há vinte e cinco séculos”. Contudo, a palavra “ficção” também tem nuances na dicotomia verdade-mentira. Mais à frente neste trabalho se dissertará sobre a proclamação grega, devedora do racionalismo.

<sup>11</sup> No sentido 4 do verbete citado, *Aulete online* traz como exemplo as seguintes frases: Pelé é um mito do futebol; Tom Jobim é um mito da música brasileira.



8), é peculiar da mente humana

a capacidade de ter ideias e experiências que não podemos explicar racionalmente. Possuímos imaginação, uma faculdade que nos permite pensar a respeito de coisas que não se situam no presente imediato e que, quando as concebemos, não têm existência objetiva. A imaginação é a faculdade que produz a religião e a mitologia.

O mito é forjado pela capacidade imaginativa como resultado da práxis exploratória do ser humano. A descrição de André Jolles (1976, p. 88) em *Formas simples* é ainda mais pontual. Para o linguista germano-holandês, o ser humano toma a posição de sujeito indagador do Mundo e “*pede* ao universo e aos seus fenômenos que lhe tornem conhecidos; recebe então uma *resposta*, recebe-a como *responso*, isto é, em palavras que vêm ao encontro das suas.”. Logicamente o estudioso não está personificando e dotando de consciência o universo. Interprete-se, portanto, que o ser humano, ao fazer-se (fazer a si mesmo) uma pergunta sobre o universo, projeta a sua própria resposta como dada pelo universo. É, ao nosso ver, por meio de um jogo de espelho balizado pela pergunta-resposta que “O universo e seus fenômenos fazem-se conhecer.” (*idem, ibidem*). Conclui Jolles (1976, p. 88) que “Quando o universo se cria assim para o homem, por meio de *pergunta* e *resposta*, tem lugar a Forma a que chamamos Mito” (grifos do autor). Aceitar que o universo “responde” ao inquérito do ser humano é dar validade e autoridade ao mito, porquanto está fora dos domínios daquele frágil e dúbio ser. No entanto, e voltamos a frisar, o eixo é humano, o mito é produto do homem.<sup>12</sup> O mito, na verdade, não vem da reação do Universo, mas, sim, da iniciativa do ser humano em se questionar sobre as coisas e, por fim, do tratamento que dá a resposta “que o universo lhe forneceu”.

Outro ponto a ser salientado é que “mito” é “fala”, conforme asseverou Roland Barthes (2001) em suas *Mitologias*. Entenda-se “fala” como um sistema de comunicação, uma mensagem, um discurso, uma narrativa, ou, nas palavras de Barthes (2001, p. 133): “toda a unidade ou toda a síntese significativa, quer seja verbal, quer seja visual”. Em complementação, Brandão (2010, p. 14) define o mito como *metalinguagem*, “uma segunda língua na qual se fala da primeira”, pois o mito não sendo “um objeto, um conceito, uma ideia”, é “um modo de significação, uma forma, um *sýmbolon*”. Portanto, o mito é, para todos os efeitos, um *modus dicendi*, um discurso ou mesmo uma linguagem.

<sup>12</sup> Como bem distinguiu Frye (2004), “não é *datum* (dado, dádiva), mas um *factum* (fato, obra) da existência humana: pertence ao mundo da cultura e da civilização que o homem construiu e onde ainda habita. Da mesma forma que um deus, é uma metáfora que identifica uma personalidade com um elemento da natureza, mitos solares, ou estelares, ou da vegetação podem sugerir uma forma primitiva de ciência. Mas o interesse real do mito é o de traçar uma circunferência em torno de uma comunidade humana e olhar ali dentro para aquela comunidade; não é o de indagar sobre as operações da natureza.” (p. 63).

Quanto ao conteúdo, “o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do 'princípio'.” (ELIADE, 1972, p. 11). À gestação desse princípio, situado no *illo tempore*, no “outrora”, estão ligados seres acima do nível humano. Logo, “o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição” (*idem, ibidem*). Sinteticamente, define-se mito como a narrativa de uma “criação”, nas palavras de Jolles (1976, p. 92), “o mito é o lugar onde, a partir de sua natureza profunda, um objeto se converte em *criação (Schöpfung)*” (grifos do autor). O mito, portanto, é a formulação da resposta à pergunta “como surgiu tal coisa?”.

O tempo e o espaço míticos são distantes do presente do ser humano. A distância permite a intangibilidade e a construção de um lugar que transcende o alcance humano. O mito age tanto na retrospectiva (começo) como na prospectiva (fim), situado na perspectiva, resultado de uma criação e meio-passo de um fim; sempre, portanto, imperfeito. De acordo com a formulação de Jolles (1976, p. 99), “toda vez que a pergunta se anula na resposta, toda vez que [o] universo se torna criação, encontramos sempre um *evento (Geschehe)*”, cuja definição consiste naquilo “que advém, que sobrevém, que intervém”, concluindo, por fim, que o evento define o gesto verbal do Mito. O “vir a ser” – seja de uma localidade, de uma planta, de uma sociedade, de uma atividade ou relação humana – é essencial ao pensamento basilar do mito.

Outro aspecto caracterizador do mito é a sua coletividade. A relação pergunta-resposta do mito tem sempre como escopo a vida humana na sua totalidade, a explicação do estado-de-coisas geral. Sendo a fixação de um evento de verdade sagrada que explica o mundo, o mito é transmitido de geração em geração, com o fito de “tornar as pessoas mais conscientes da dimensão espiritual que as rodeia e faz parte natural da vida” (ARMSTRONG, 2005, p. 20). Dentro dessa transmissão não estão, contudo, informações factuais, mas uma verdade absoluta e transcendental que constitui um guia comportamental (arquétipo). Longe de ser uma “fabulação vã, [o mito] é ao contrário uma realidade viva” (ELIADE, 1972), cuja veracidade toma corpo e validade quando posta em prática, seja no viés ritualístico, seja no ético, com vistas à superação da condição humana (ARMSTRONG, 2005).

Em linhas gerais, entendemos mito como a transmissão, por meio da linguagem, de um conteúdo primordial de caráter sagrado sistematizador da relação do humano com os aspectos do mundo natural e social. Seguindo Eliade (1972, p. 22), pode-se observar no mito cinco aspectos importantes: 1) constitui a história dos atos dos Entes Sobrenaturais; 2)

constitui uma verdade absoluta e sagrada; 3) relata a “criação”; 4) propicia, pelo conhecimento das suas “origens”, a dominação e manipulação das coisas; 5) é vivido, seja pela rememoração ou reatualização. Armstrong (2005, p. 9-10), por outro lado, aponta alguns tópicos inerentes à quase toda tradição mitológica, como a experiência humana da morte e do medo da extinção, relação com os limites da vida e do desconhecido, a construção de um paradigma de comportamento e a conexão com outro plano, paralelo ao do humano mas a ele sempre conectado.<sup>13</sup>

Como qualquer realização humana, o mito também tem suas vicissitudes na dinâmica histórica. Com o surgimento das primeiras civilizações, a partir de cerca de 4000 a. C., o mito primitivo era vivido no cotidiano arcaico e anterior à criação de qualquer prática religiosa. O mito também acompanhou o avanço da consciência e o progresso tecnocultural humanos. Quando do estabelecimento das artes e da invenção da escrita, surge, então, a possibilidade de fixar o mito por meio de uma linguagem estática e perene. A esse respeito, Brandão (2010) explica que no contexto grego, o mito escrito tem a peculiaridade de não se ter conservado o contexto ritual. O seu conjunto de mitos, sua mitologia, chegou a nós, em certa medida, já “profanada”. Contudo, segundo Brandão (2010):

É claro que houve, na Grécia, um liame muito forte entre literatura, arte figurativa e religião, mas, ao plasmar o material mitológico, os poetas e artistas gregos não obedeciam tão somente a critérios religiosos, mas também, e isso é fácil perceber, a ditames estéticos. Toda obra de arte como todo gênero artístico e literário possuem exigências intrínsecas. Entre narrar um mito, que é uma práxis sagrada, em determinadas circunstâncias, para determinadas pessoas, e compor uma obra de arte, mesmo alicerçada no mito, vai uma distância muito grande. (p. 26)

Contudo, com a documentação mitológica, isto é, o registro do mito, submete-se ele a uma dependência ao gênio particular do poeta, o artista da palavra, que não relata simplesmente um mito, mas o interpreta. E, a depender da qualidade do poeta, como observou Brandão (2010, p. 26-27), determinada versão poetizada torna-se um “mito canônico” em detrimento de outras versões que com ela coexistem.

O movimento de urbanização descaracterizou o mundo natural. O movimento de sedentarismo da espécie humana resultou na comprovação de seu domínio sobre o mundo. A natureza então começava a ter forte concorrência. Essa desnaturalização do homem afetou também o seu imaginário mítico, como relata Armstrong (2005, p. 68):

A vida urbana mudou a mitologia. Os deuses começavam a parecer mais remotos. Cada vez mais os antigos rituais e histórias deixavam de projetar

---

<sup>13</sup> A esse último tópico, Armstrong (2005, p. 11) explica que “Não havia no início uma separação ontológica entre o mundo dos deuses e o dos homens e mulheres”.

homens e mulheres no reino divino, que antes eram tão próximos. As pessoas se desiludiam com a antiga visão mítica que satisfazia seus ancestrais. À medida que as cidades se organizavam, a política crescia em eficiência, ladrões e bandidos eram levados a julgamento, e os deuses pareciam cada vez mais indiferentes ao destino da humanidade.

Um novo modo de significar começa a surgir nas balizas do homem da *pólis*. O que estava em germe no *homo sapiens* quando este começou a se organizar coletivamente e a aprimorar as técnicas de caça e de plantio, terá seu pleno desenvolvimento e nome com os gregos: *lógos* (em grego λόγος). Sempre definido em oposição ao mito, o *lógos* configura-se como a razão e o mito, por sua vez, como a fabulação; *lógos* como a palavra que demonstra e mito como a palavra que conta.<sup>14</sup> A esse respeito, cite-se Pierre Grimal (2005, p. 17):

*Logos e mythos* são as duas metades da linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida do espírito. O *logos*, sendo um raciocínio, pretende convencer; origina, no auditor, a necessidade de estabelecer um juízo. O *logos* é verdadeiro, se é justo e conforme à “lógica”; é falso, se dissimula qualquer artimanha secreta (“sofisma”). Mas o mito não tem outro fim senão ele próprio. Acreditamos nele ou não, a nosso bel-prazer, por acto de fé, se achamos “belo” ou verossímil, ou simplesmente, se desejamos acreditar nele. O mito, assim, atrai à sua volta a parte do irracional no pensamento humano [...]

Dessa forma, sendo “duas metades da linguagem”, não é de se espantar a contradição do pensamento ocidental de que trata Armstrong (2005, p. 88) quando relata que

o *logos* grego aparentemente se opunha à mitologia, mas os filósofos continuavam a usar o mito, seja para considerá-lo um precursor primitivo do pensamento racional ou um discurso religioso indispensável. E, realmente, apesar dos avanços monumentais do racionalismo grego durante a Era Axial [800 a 200 a. C.], ele não afetou a religião grega. Os gregos continuaram a oferecer sacrifícios aos deuses, participar dos mistérios eleusinos e celebrar seus festivais até o século VI da Era Cristã, quando sua religião pagã foi reprimida à força pelo imperador Justiniano e substituída pelo *mito* da Cristandade.

A conversão do mito ao *logos* não é um movimento abrupto, uma ruptura seca e limpa. Há um processo dialógico de aceitação e negação parcial. André Jolles (1976) esclarece essa conversão:

O que existe [...] é uma reorientação mental, uma espécie de conversão em que se opera um desvio da forma para tentar abordar o fenômeno a partir de si mesmo, constituindo-se por si mesmo um julgamento sobre tal fenômeno e

<sup>14</sup> Essa última oposição, haurida de Grimal (2005, p. 17), reflete a oposição platônica entre *diegese* e *mímesis*. *Diegese* estaria para o mito ao passo que *mímesis* para o *logos*, que se definem por grau de distância e presença. Zilberman (1977) observa a mesma distinção entre *Mythos* e *Logos* em Homero, em que tinham a mesma significação de “verbo”, distinguindo-se, no entanto, pelo fato que *Logos* representava o lado subjetivo de quem pensa e fala, oriundo do entendimento, ao passo que mito referia-se ao factual, à própria História, a coisa acontecida, numa identidade completa entre a palavra e o fenômeno por ela denominado. O mito (como linguagem/fala) está quase no mesmo lugar e no mesmo tempo de seu conteúdo mítico, ao passo que o conteúdo veiculado pelo *logos* passou por um crivo que distancia objetivamente a palavra da coisa.

produzindo-se, de si mesmo, o objeto que essas condições propiciaram.

Com a nova disposição mental que buscava o entendimento não pelas sendas da crença, mas, sim, sobre os paralelepípedos do saber demonstrado e comprovado pela razão, tudo deveria passar pelo escrutínio crítico, o mundo deveria ser questionado. Assim, entendemos que também a base do pensamento lógico cimenta-se no par pergunta-resposta; o que o diferenciaria do mito é o surgimento da resposta pelas configurações naturais verificáveis do mundo e não de uma boca deífica. De qualquer forma, Armstrong (2005, p. 87) supõe que o estudo da Filosofia provocou a fratura entre *mito* e *logos* que até então haviam sido complementares, dois lados de uma mesma moeda.

A cultura grega submeteu o mito a “uma longa e penetrante análise, da qual ele saiu radicalmente 'desmitificado'” (ELIADE, 1972, p. 130). Baseados nos mitos canônicos, na dita “mitologia clássica”, os filósofos pré-socráticos buscavam a desvalorização do mito como forma significativa de compreender o mundo em favor do modo racional, baseado no pensamento lógico. As principais críticas se estabelecem no nível ético das ações e posicionamentos dos deuses que na mitologia constituíam, *grosso modo*, humanos projetados ao nível transcendental da imortalidade, pois os deuses, assim como os humanos, nasciam, comiam, amavam e, por vezes, até morriam, bem como nutriam os mesmos sentimentos e emoções e agiam da mesma forma que o homem mais baixo da terra. Essa configuração das deidades muito próxima à dos mortais, o “antropomorfismo divino”, era rejeitada pelos primeiros filósofos, os quais entendiam que a natureza divina deveria ser algo mais elevado. Ilustrativas são as considerações de Xenófanes de Cólofon (576-480 a. C.), na Ásia Menor, que encontrava nas letras de Homero e Hesíodo atitudes de deuses que seriam vergonhosas até mesmo para os homens, como adultério, roubo e trapaças mútuas. Segundo o filósofo, nenhum deus seria semelhante ao gênero humano; a única razão para que o ser humano pensasse que os deuses fossem semelhantes a ele residia no fato de que os entes divinos eram delineados pela imaginação humana. Como enfatiza esse filósofo:

Se os bois, os cavalos e os leões tivessem mãos e pudessem, com suas mãos, pintar e produzir as obras que os homens realizam, os cavalos pintariam figuras de deuses semelhantes a cavalos, os bois semelhantes a bois e a eles atribuiriam os corpos que eles próprios têm (Frg. B15 *apud* Brandão, 2010, p. 28).

Os naturalistas, nos primórdios da filosofia grega, observavam a natureza (Φύσις, *physis*) para compreender as regras e o funcionamento do mundo, abandonando pouco a pouco a ideia de mãos divinas construindo o Universo. Armstrong (2005) relata que esses naturalistas

[...] viam o mundo como evolução a partir da matéria primal, mas não por causa de uma iniciativa divina, e sim em consequência das leis regulares do cosmos. Para Anaximandro (c. 611-547), o *arqué* (princípio) original era diferente de tudo o que havia em nossa experiência humana. Ele o chamava de Infinito; os elementos familiares de nosso mundo surgiram a partir dele, num processo conduzido pela alternância entre calor e frio. Anaxímenes (morto c.500) acreditava que o *arqué* era o ar infinito; para Heráclito (influyente em c. 500), era o fogo. Essas especulações iniciais eram tão ficcionais quanto os velhos mitos, pois não havia meio de verificá-las. (p. 84)

Mas o *lógos* ganha espaço e vai paulatinamente empurrando o mito para as bordas. Com Demócrito de Abdera (460 - 370 a. C.) e a teoria dos átomos, ao entrechoque destes foi imputada a origem e a constituição das coisas, dos seres, da alma, dos deuses. Tudo é matéria e, por ser matéria, está sujeito à morte. Tudo estava alinhado pela régua da matéria.

A purgação do mito continua com Píndaro (521-441 a. C.), Ésquilo (525-456) e Eurípides (480-406), cuja concepção religiosa e ética julgava e determinava quais eram as versões “moralmente boas” dos mitos. Os mitos passam, então, por uma “politização”, na qual, principalmente aqueles referentes aos heróis, são deslocados para favorecer a determinada hegemonia política. Para Tucídides (460-395 a. C.) o adjetivo *mythodes* (em grego μυθῶδες) significava “semelhante ao mito”, de acepção “fabulosa e sem prova”. Os sofistas continuam a tendência de desprezar o pensamento mítico. No século IV a. C., o epicurismo promove um conceito de abolição do temor dos deuses e da morte, pois se tudo é matéria e a matéria se finda, os deuses não deveriam ser temidos, logo eles eram, em última instância, feitos da mesma substância que o ser humano e tinham destino símile.

Desmerecido e dessacralizado, o mito não mais triunfava na busca do homem intelectualizado em compreender o mundo que o cercava, sendo substituído quase totalmente pelo pensamento baseado no *lógos* que, à semelhança do mito, buscava a origem explicativa das coisas com o fim de dominá-las. Contudo, mesmo que não compreendidos literalmente, ou seja, na referência direta ao mundo do rito, os mitos, por serem produtos do ser humano, conservavam em si alguma memória da cultura e história humana. Era assim que as correntes do alegorismo<sup>15</sup> e evemerismo<sup>16</sup> entendiam o fenômeno. Passa-se, então, a buscar nos mitos “as ὑπόνοιαι (*hypónoiai*), isto é, as *superstições*, as *significações ocultas*, os *subentendidos*” que, a partir do século I d. C., passarão a ser denominadas *alegoria*. Essa palavra, pela

<sup>15</sup> *Alegorismo* ou simbolismo é o tipo de interpretação da mitologia que entende os mitos como imagens e procedimentos para expressar, de modo especial ou de linguagem distinta da linguagem corrente, as forças e fenômenos da natureza e as qualidades e realidades morais do homem individual e social (RUIZ ELVIRA, 1982, p. 14).

<sup>16</sup> *Evemerismo* é um tipo de interpretação pseudo-historicizante, pautada em pretensões científicas e na testemunha ocular (*autopsia*), que entende os mitos como eventuais distorções, por vezes artísticas, de uma realidade histórica.

etimologia, significa “dizer outra coisa”, ou mais detalhadamente, “o desvio do sentido próprio para uma acepção translata”, como se uma espécie de máscara fosse aplicada pelo autor à ideia que se propõe a explicar (BRANDÃO, 2010, p. 31). A exemplo disso, Eliade (1972) cita Teágenes de Régio,<sup>17</sup> o qual, no século VI a. C., observava que os nomes dos deuses em Homero representavam faculdades humanas ou elementos naturais. Os estóicos tomaram essa observação como verdade e Crísipo promoveu a redução dos deuses a postulados físicos e éticos. Apesar da aparente pouca aceitação do alegorismo pela intelectualidade grega, essa abordagem do mito teve bastante êxito em Alexandria e Roma (ELIADE, 1972, p. 136).

Foi exatamente em Alexandria que surgiu a segunda corrente interpretativa do mito, na passagem do século IV a. C. a III a. C., o evemerismo, de certa forma antípoda do alegorismo. O filósofo Evêmero “acreditava haver descoberto a origem dos deuses: estes eram antigos reis divinizados.” (ELIADE, 1972, p. 136). Em sua obra *História Sagrada (Hiera Anagraphé, Ierà Anagrapḗ)*, traduzida pelo poeta latino Quinto Ênio (239-169 a. C.), espécie de “romance” nos moldes de viagem filosófica, o alexandrino declara que as deidades antropomórficas eram célebres reis e homens divinizados e que os seus mitos eram reminiscências confusas de suas façanhas na terra transfiguradas pela imaginação (BRANDÃO, 2010, p. 32; ELIADE, 1972, p. 136). O evemerismo abre uma senda histórica pela qual o mito pode ser transpassado continuamente e tornado cada vez mais “humanizado”, porquanto menos divinizado.

Se, por um lado, a elite intelectual abandonava conscientemente o mito, por outro uma massa iletrada se agarrava ainda mais à tradição religiosa (BRANDÃO, 2010, p. 33). Mais tarde, com o cristianismo opondo-se fortemente às religiões dos Mistérios, das soteriologias e dos diversos tipos de mitologias e religiões populares, usou-se de um subterfúgio para que a nova fé ganhasse a benevolência dos não-cristãos. A esse respeito, Brandão (2010, p. 34) declara que a religião do nazareno cristianizou os significantes da mitologia grega, oriental e romana e que, sobretudo, salvou essa mitologia ao aproveitar da dessacralização, completando-a para logo em seguida ecumenizá-la. Comprovação desse processo se encontra nas múltiplas semelhanças do culto cristão com fatos mitológicos dessas civilizações.

Nessa situação de despojamento quase total de qualquer vestígio vivo da conexão religiosa, subordinada ao alegorismo e ao evemerismo, e, por fim, cristianizada, a mitologia e

---

<sup>17</sup> Teágenes de Régio é considerado como o primeiro a escrever sobre Homero, conhecido por ser um dos primeiros alegoristas que buscava nos seus comentários defender os poemas de Homero das críticas dos racionalistas, que acusavam as epopeias homéricas de serem implausíveis e imorais (LAVADO, 1994).

também o panteão clássico atravessaram toda a Idade Média até chegarem ao Renascimento, período em que se tornaram objeto de investigação científica, um “tesouro cultural” (ELIADE, 1972, p. 137). Responsáveis por essa conservação são as obras artísticas e literárias, que ao mesmo tempo em que transmitiam, informavam também a consciência, a abordagem e a validade que a época conferia ao mito. A literatura grega e também romana se dá na intersecção do mito vívido e da expressão artística escrita. A mitologia vive pela literatura. São, portanto, simbióticos. Os gregos e romanos fizeram “literatura a partir de mito” (RUTHVEN, 1997) e é possível ter acesso aos mitos greco-romanos prioritariamente por meio da literatura. Mito e literatura se relacionam, no ambiente greco-romano clássico, por um verdadeiro mutualismo.

### 2.3 Nível literário: os hiper e hipotextos de *Ephemeris belli Troiani*

*Verba volant scripta manent*

Como observamos no excursão da seção anterior, o mito experimentou algumas vicissitudes e chegou a nós numa segunda forma, já atualizada, tratada artisticamente. O mito grego é conhecido, sobretudo, em testemunho literário, no sentido lato. Eliade (1972) proclama a vitória do *logos* sobre o *mythos* e considera que essa mesma vitória se projeta na derrota da tradição oral para o “livro”, derrota da experiência vivida para qual só existiam meios de realização pré-literários para o documento, sobretudo o documento escrito. Pelas palavras de Brandão (2010, p. 25), consequências cruciais da prevalência da forma escrita foram, de um lado, a desfiguração de algumas características básicas do mito, como, por exemplo, as suas variantes que se constituem no “verdadeiro pulmão da mitologia”, enrijecendo assim o mito e fixando-se em uma forma definitiva; do outro lado, há a distância do momento da narrativa, das circunstâncias e da maneira como aquela se converteria numa ação sagrada. Orientados por fatores poéticos, os artistas, mesmo que modificassem os mitos, seja reduzindo-os, recriando-os, alterando-os parcialmente, de qualquer forma os aceitavam, mantinham e transmitiam, se não com ideal verdadeiramente religioso, pelo menos como matéria-prima. Interessante é a observação de Grimal (2005, p. 20-21) que, após contrapor a perspectiva racional à mítica, entende o mito em um entrelugar:

Reserva de pensamento, o mito acabou por viver uma vida própria, a meio caminho entre a razão e a fé ou o jogo. Nele teve a sua fonte toda a meditação dos Gregos e, depois deles, a dos seus distantes herdeiros; foi nele que procuraram os seus temas os poetas trágicos e os líricos as suas imagens [...]. Em casa como no teatro, essas figuras [os entes mitológicos] são



companheiros que impregnam o pensamento, ocupam a imaginação, dominam as concepções morais. Não há, até aos filósofos, quando o raciocínio atingiu o seu limite, quem não tenha recorrido a ele como um modo de conhecimento susceptível de libertar o desconhecido [...]. Não é, sem dúvida, excessivo sustentar que esta generalização do mito e esta libertação dos seus poderes foram um dos contributos fundamentais – talvez mesmo o contributo mais essencial – do helenismo ao pensamento humano. Graças a ele, o *sagrado* perdeu os seus terrores; abriu-se à reflexão toda uma zona da alma; graças a ele, a poesia pôde transformar-se em sabedoria.

Com efeito, essa posição mediana propicia ao mito a perenidade, ao considerar que um modo de raciocinar se torna ultrapassado, quando não obsoleto; ao considerar que a fé é tendenciosa e circunstante; ao considerar que razão e fé vivem em constante antagonismo, uma quer provar-se superior à outra; contudo, o mito como herança de um povo legada e compartilhada (quando não atingida por questionamentos enviesados) com o mundo, despersonaliza-se sem, no entanto, descaracterizar-se no todo. Como meio (método), o mito é via de acesso poético-crítico tanto à razão quanto à fé. Como conteúdo (matéria-prima), contrapõe-se à razão e à fé, pois ambas, indistintamente, buscam a “verdade”, ao passo que o mito se torna apenas uma representação possível dos aspectos do mundo humano. Desprendido de qualquer grilhão, o mito é o que é: uma leitura do mundo. Ao mito é inerente a plasticidade, a possibilidade de moldá-lo, dar-lhe novos ares. Na perspectiva de Jolles (1976), o mito como forma simples está passível à atualização e, comumente, essa atualização do mito se dá pelo meio poético, uma atualização propriamente artística.

Considerando ser o mito da Guerra de Troia aquele que interessa ao nosso trabalho, exporemos, a seguir, um breve panorama das obras literárias que constituiriam o “cânone troiano”, salientando os principais textos antigos que potencialmente serviram de hipotexto<sup>18</sup> a *Ephemeris belli Troiani* e obras posteriores que sobre esse romance se basearam.

### 2.3.1. A Guerra de Troia em Homero e nos poetas épicos

Herdeiro de uma poesia épica micênica que se transmitia estritamente via oralidade por meio de aedos e rapsodos, Homero é incontornável quando se trata da literatura grega e do

---

<sup>18</sup> Genette (2010) propõe a hipertextualidade como toda relação que une um texto B (hipertexto) a um texto anterior A (hipotexto) do qual ele brota de uma forma que não é a do comentário (um texto que evidentemente trata do outro), mas por processo de Transformação ou Imitação. No nosso entender, há uma tensão entre esses dois processos, não funcionando ambos de modo isolado, mas em diálogo. Para nós, a Transformação se liga, *grosso modo*, a ideia de inovação, modificação de forma/contéudo, ao passo que, por sua vez, a Imitação se liga a ideia de permanência, conservação de elementos de forma/contéudo. Um hipertexto não é meramente uma cópia ou um simples refazimento, nem mesmo a transformação ou deformação completa de seu hipotexto. Ele é, com efeito, a tensão entre o imitar e o transformar, residindo a originalidade do texto na dosagem particular de uma e de outra prática e, conseqüentemente, na coerência/coesão dos elementos jungidos à leitura.

tema troiano. *Iliáda* (IX a. C.) e *Odisseia* (VIII a. C.) são, como se sabe, pilares da civilização grega e um grande legado para a posteridade (LOPES, 2013).

A *Iliáda* relata a desavença entre Aquiles e Agamêmnon quanto à posse de uma cativa e suas consequências para a guerra contra Troia. Apesar de focalizar o décimo e último ano da mítica Guerra de Troia, pondera Jones (2005, p. 10) que “Homero dá a impressão de cobrir a totalidade da guerra, até mesmo os períodos anterior e posterior a ela”, pois, por exemplo, “ao longo da *Iliáda*, e totalmente fora do âmbito cronológico da história, somos informados de que a deusa Tétis se casou com o mortal Peleu, gerando Aquiles” entre outros fatos anteriores e posteriores à alteração entre os dois gregos. Contudo, a despeito dessa aparência de totalidade, Homero não narra a guerra em seu todo, mas se centra em um tema específico, como os primeiros versos de sua epopeia demonstram:

Canta-me, ó deusa, do Peleio Aquiles  
A ira tenaz, que, lutuosa aos Gregos,  
Verdes no Orco lançou mil fortes almas,  
Corpos de heróis a cães e abutres pasto:  
Lei foi de Jove, em rixa ao discordarem  
O de homens chefe e o Mirmidon divino.

(*Iliáda*, I.1-6, trad. Manoel Odorico Mendes)

Jones (2005, p. 9-10) afirma que, conseqüentemente, “a *Iliáda* se distingue por uma rigorosa economia de ação. Quatro quintos dos eventos se desenrolam em meros quatro dias e noites (a totalidade dos cantos XI-XVIII ocorre em apenas 24 horas)”.

No que tange à postura narrativa na épica homérica, o narrador-aedo se posiciona na terceira pessoa, limitando-se ao relato (que lhe vem divinamente por meio da musa), abstendo-se da emissão de comentários e de opiniões acerca do fato narrado, conferindo-lhe uma aparência de objetividade. Contudo, pondera-se tal afirmação uma vez observadas as falas dos personagens, que ocupam grande parte do poema. Observa o classicista inglês que as considerações morais e avaliadoras encontram-se sobretudo na voz dos personagens que, em seus discursos, conferem “peso psicológico” ao poema.

A autoridade do narrador outorga-se pela invocação que ele faz à Musa, filha da Memória (Mnemósine). Seria o bardo apenas um porta-voz da divindade que sabe do passado, do presente e do futuro. Contudo, a objetividade e impessoalidade da narrativa, porque de origem divina, são por Brandão (1999, p. 19) ponderadas. Ao questionar-se a relação entre o enunciador do poema e a Musa, o estudioso afirma que não se pode entender o discurso, a narração, impessoal e creditada inteiramente à Musa, que, por consequência, apagaria a figura do poeta. Mas, ao contrário, parece mais adequado perceber que o poeta ao pôr sua voz no

momento de invocar a filha de Mnemósine determina o seu próprio espaço de responsabilidade, marca “justamente o que lhe cabe, explicitando seu lugar, o da Musa e o de seu público, bem como ditando à deusa seu programa narrativo”. Para Brandão (1999), a relação entre Musa e Poeta (ou seja, o narrador) nessa dinâmica narrativa é, no mínimo, dialética e de cunho cooperativo, cabendo a cada um o seu papel: à Musa, a superioridade divina de conter toda a relíquia da reminiscência humana; ao poeta, a competência de nutrir-se dessa matéria para recompô-la com arte em narrativa. Por essa leitura, esmaece-se a ideia de total impessoalidade da narração épica<sup>19</sup> e desvela o lugar do poeta e sua “função poética”.

Outra característica que pesa na épica, e faz parte de sua convenção, é a presença personificada dos deuses. Segundo Jones (2015), Heródoto<sup>20</sup> afirmara que Homero, como Hesíodo, haviam dado aos gregos suas divindades, pois, apesar de desde os mais remotos tempos os deuses serem cultuados pelos gregos por meio de rituais de honra e de apaziguamento, somente com os poetas teria sido conferida às deidades uma face individual, humanizada, antropomorfizada, constituindo uma comunidade: sobre os deuses noticiavam-se os seus nascimentos, as suas relações familiares, o seu caráter e a sua moral, e até mesmo a sua dinâmica do cotidiano. Imiscuíam-se com os mortais: davam origem a raças heróicas, tinham favoritos e tomavam partido de um ou de outro grupo, de um ou de outro herói, e vinham à planície terrena pelejar por uns e contra outros. Acerca desse último caso, Brandão (2010, p. 114) observa que não raro tem-se impressão de que na *Ilíada* a Guerra de Troia foi mais uma teomaquia, um confronto entre deuses, do que uma andromaquia, um confronto entre homens. Citando a formulação de Kerényi, conclui Brandão (2010) que “o mundo grego com seus deuses é um mundo do homem”.

Quanto à natureza do conteúdo, a *Ilíada* pode ser situada entre a ficção e história. A esse respeito, Jones (2005) expõe que estudiosos entusiasmados tendem a ver história na obra apesar de “o épico homérico não [conter] nenhuma compreensão histórica do mundo

---

<sup>19</sup> Um exemplo como contraponto encontra-se, segundo o mesmo autor, na narrativa do *Gênesis* bíblico: “a impessoalidade, a naturalidade, a confiança com que o narrador do Gênesis judaico conduz seu relato: ele não sente necessidade alguma de apresentar-se (ou representar-se) para seu leitor, não tem de justificar o modo nem a finalidade do que narra, pois existe uma suposição de base, que é tanto sua quanto, sobretudo, de seu destinatário: a de que tudo o que ele diz é nada menos que a palavra de Deus. Num certo sentido, dispensam-se portanto os pressupostos poéticos, da perspectiva de que são supérfluos para a simples comunicação da verdade.” (BRANDÃO, 1999, p. 15). Quando se lê “No princípio criou Deus o céu e a terra” a narração é debitada à terceira pessoa, a não-pessoa benvenistiana. A mesma discussão é entabulada por Auerbach (1971) ao comparar o episódio homérico do reconhecimento de Ulisses e a narrativa bíblica do sacrifício de Isaque.

<sup>20</sup> *História* de Heródoto Livro II. LIII: “Durante muito tempo ignorou-se a origem de cada deus, sua forma e natureza, e se todos eles sempre existiram. Homero e Hesíodo, que viveram quatrocentos anos antes de mim, foram os primeiros a descrever em versos a teogonia, a aludir aos sobrenomes dos deuses, ao seu culto e funções e a traçar-lhes o retrato. Os outros poetas, que se diz tê-los precedido, não existiram, na minha opinião, senão depois deles[...]”.

micênico” (p. 19) e de, na realidade, haver apenas uma aplicação de “verniz antigo” sobre a obra, pois, no intuito de narrar a glória, a fama e os problemas derivados de guerras e de aventuras dos ancestrais, os poetas épicos orais reviviam pelo canto essas histórias para seus contemporâneos com as antiquíssimas técnicas da composição oral comuns à poesia heróica. Esse “verniz antigo” encontra eco no comentário de Bakhtin (1988) acerca do “passado absoluto” característico da epopeia como um gênero acabado, dentro do qual “tudo está integralmente pronto e concluído” e por meio dessa distância épica é que se pode louvar as glórias bélicas de homens ilustres. Contudo, Brandão (2010), reportando a visão “realista” de Page,<sup>21</sup> afirma que os gregos não hesitavam em acreditar na veracidade histórica daquilo que narrava Homero. Pelo contrário, estavam certos de que a *Iliada* era, de fato, um poema histórico com alguns pormenores fictícios. O poema homérico fornecia aos gregos um vivo painel da Grécia micênica dos anos 1200 a. C., época em que se teria dado o assédio à cidade troiana. O mesmo escreve Havelock (1996, p. 31), afirmando que “Aos olhos dos gregos, seu primeiro historiador foi Homero”. Os poemas do mítico bardo dominaram completamente o imaginário arcaico e era hegemônico desde Hesíodo a Aristóteles. Homero foi o primeiro a ter o texto transcrito na então nupérrima Linear B. Por outro lado, segundo Brandão (2010), o que há de histórico na *Iliada* foi “revestido de um engalanado maravilhoso poético”. A realidade histórica nessa epopeia está, de fato, profundamente confundida no mito, pois o evento narrado passou por transformações, ocorridas através de vários séculos, levadas a cabo pela tradição oral anterior à composição e à fixação por escrito do poema homérico.

As evidências arqueológicas encontradas nas escavações modernas comprovam a existência histórica do local e do evento e dá caráter de historicidade a Homero. Na verdade, Jones (2005) afirma que apenas se evidencia “o passado profundo em Homero”. Em outras palavras, tanto a região quanto os personagens, a época e alguns detalhes, todos foram filtrados pelo crivo da ficção. Contudo, esse crivo não cancela nunca e de modo algum o real, antes se aproveita dele e o deixa artisticamente franqueado. O mesmo, em certa medida, conclui Jones (2005, p. 22), pois, para ele,

Com base nos indícios ora disponíveis, podemos concluir que a poesia de Homero devia estar ligada a uma tradição de poesia oral existente na era micênica. Porém a *Iliada* representa aquilo que ele achava que tinha sido o mundo heróico: em outras palavras, Homero tomou o que a tradição oferecia e plasmou na forma da *Iliada* que temos hoje, de acordo com suas próprias suposições culturais e prioridades narrativas de poeta épico oral. Nessa medida, a questão de ter havido ou não uma Guerra de Troia é irrelevante para os desígnios do autor.

<sup>21</sup> PAGE, Denys. *The greeks*. London: A. C. Watts, 1962, cap. I, p. 16. *apud* BRANDÃO, 2010, p. 122.

Quanto à *Odisseia*, valem as mesmas considerações gerais,<sup>22</sup> com a ressalva de que, na *Ilíada*, focam-se diversos personagens, enquanto na *Odisseia* focaliza-se quase que exclusivamente o herói Ulisses,<sup>23</sup> assim apresentado nos primeiros versos do poema, na tradução de Manoel Odorico Mendes

Canta, ó Musa, o varão que astucioso,  
Rasa Ílion santa, errou de clima em clima,  
Viu de muitas nações costumes vários.  
(*Odisseia*, I.1-3)

No cotejo entre as duas obras do poeta, considera-se que, no nível narrativo,

Se a *Ilíada* é uma saga longa, condensada de modo brilhante e intensamente focada, a *Odisseia* é mais uma história simples contada através de uma narrativa complexa. A história do herói da Guerra de Troia começa quase no final de seu retorno, usa *flashbacks* para dar conta dos anos anteriores, sincroniza diversas subtramas e apresenta eventos importantes sobretudo por lembranças e pela perspectiva de outros. Em outras palavras, já no começo da literatura ocidental quase todos os recursos do cinema e do romance modernos são expostos com maestria. (MARTIN, 2014, p. 8)

O herói Ulisses em seu *nóstos*<sup>24</sup> (retorno a casa) passa por vicissitudes que o fazem errar por diversos locais e conhecer “de muitas nações costumes vários”. Ainda as obras *Ilíada* e *Odisseia* podem ser diferenciadas em relação à atmosfera, pois a primeira trata-se de um poema de feitos bélicos e a segunda, de aventuras. Bueno (2009, p. 6) observa outras distinções na natureza das epopeias homéricas:

Era a *Ilíada* um poema militar, guerreiro, tendo por escopo principal a narração do que fora essa guerra que terminara com o extermínio de todo um povo, de toda uma cidade, a famosa Ílion. Como devia ser, traz o poema movimentação extraordinária, descrições que nos conservaram as emoções das grandes batalhas travadas entre heróis, tão grandes e tão fora dos moldes humanos que os próprios deuses, como se fossem homens, nelas tomaram parte ativa e decisiva. Tudo na *Ilíada* respira militarismo, feitos bélicos, devotamentos e sacrifícios heróicos como nunca mais voltaria a raça humana a apresentá-los na face do mundo [...]. Muito ao contrário, é a *Odisseia* um poema de paz, uma criação dos tempos posteriores à tremenda ação guerreira de Ílion, quando todo o povo heleno se refazia da grande empresa e vivia para si exclusivamente, voltado para objetivos puramente sociais e domésticos. [...] Desaparece aquela tonalidade bélica e a imaginação do Poeta adorna de tons românticos as cenas que poderiam reavivar passadas angústias.

<sup>22</sup> A respeito da natureza histórica profunda, a motivação da *Odisseia*, afirma Brandão (2010), seria a busca por estanho. Na *Ilíada*, como apontamos na seção 1.1., estaria a expansão micênica em direção ao oriente e o choque contra a expansão hitita em direção ao ocidente.

<sup>23</sup> Uma vez que o objeto deste estudo é uma obra que veicula o ciclo troiano em latim, demos preferência à denominação Ulisses (lat. Vlixes) em detrimento da denominação Odisseu.

<sup>24</sup> Segundo Werner (2018, p. 63), “O substantivo *nóstos*, derivado do verbo *neomai* ('alcançar, salvar-se, chegar em casa, retornar') manifesta uma raiz indo-europeia (\*nes-), cujo sentido básico é 'voltar são e salvo (para casa)' e 'escapar (em oposição a morrer)'.”.

Ao lado dos poemas épicos de Homero são postos outros cujo conjunto é normalmente denominado “ciclo épico”. Homero e esses poemas compartilhavam o mesmo material mitológico da Guerra de Troia. Quase totalmente perdidos, restam-nos apenas testemunhos indiretos. As principais fontes por meio das quais tomamos conhecimento desse conjunto poético se encontra na quase toda perdida *Crestomatia* de Proclo, conservada apenas no códice 239 da *Biblioteca* do patriarca Fócio e em excertos inseridos em manuscritos da *Iliáda*, sobretudo no mais velho deles, no *Venetus A*, que, além de trazer uma *Vida de Homero*, apresenta também sete outros textos, provavelmente os únicos fragmentos originais da obra de Proclo (GATTI, 2012). Apresenta-se, a seguir, uma síntese dos conteúdos dos poemas, seguindo a ordem estipulada na *Crestomatia: Cíprias* ou *Cantos Cíprios*, narram desde a intriga entre as deusas Afrodite, Hera e Atena até a retirada de Aquiles do combate; *Iliáda*, narra da ira de Aquiles à morte de Heitor; *Etiópidas* ou *Cantos etíopes*, de Arctino de Mileto, narra desde a chegada de Pentesileia até a morte de Aquiles levada a cabo por Alexandre/Páris, o sepultamento do herói grego e a disputa por suas armas entre Ulisses e Ájax; *Pequena Iliáda*, de Lesques de Mitilene, narra desde a vitória de Ulisses em respeito à disputa das armas de Aquiles e o suicídio de Ájax até a confecção do cavalo de madeira, o roubo do Paládio e o aceite e ingresso do cavalo na cidade troiana; *Saque de Ílio*, de Arctino de Mileto, narra desde a discussão entre os troianos sobre o que fazer com o presente dos gregos, a morte de Laocoonte e fuga de Eneias até o incêndio da cidade e imolação de Polixena sobre o túmulo de Aquiles; *Retornos*, de Ágias de Trezene, narra o regresso dos gregos vitoriosos, a morte de Agamêmnon e a vingança de Orestes; *Odisseia*, narra o retorno e as aventuras de Ulisses; e, por fim, *Telegonia*, de Êugamon de Cirene, fecha com a narração dos acontecimentos desde o sepultamento dos heróis gregos até a busca de Telêgono por seu pai Ulisses, o parricídio e a imortalização e casamento de Telêgono e Penélope e de Telêmaco e Circe.

A relação entre Homero e os poemas cíclicos de tema troiano é ainda discutível. Por um lado, alguns estudiosos afirmam que Homero prevalece sobre esses poemas, sendo o autor da *Iliáda* e da *Odisseia* fonte para outros poetas. Os épicos troianos apresentariam, nessa perspectiva, um estatuto de complementaridade em relação aos poemas homéricos. Segundo considera Havellock (1996, p. 31), por causa do conhecimento limitado das letras,

[...] aqueles que sucederam a Homero na composição, em qualquer gênero, podiam lê-lo, enquanto seu público ainda não era capaz disso; ou, pelo menos, podiam ouvi-lo recitado a partir de um texto que estava a ganhar o *status* de um *corpus* e de um cânon. Os poetas do ciclo épico praticamente assumiram o papel de comentadores de um texto preexistente, suprimindo histórias para completar seu contexto histórico, à guisa de introdução, suplemento ou

conclusão.

Assim, os poetas épicos que versaram sobre o tema troiano buscariam fornecer ao público textos cuja natureza seriam *prequel*, *sequel* e *spin-off*<sup>25</sup> de Homero. No próprio texto fociano, parágrafo 19, fica patente essa ideia de completude: “καὶ περαουται ο ἐπικῶται ὁ ἐπικὸς κύκλος ἐκ διαφόρων ποιητῶν συμπληρουμενος...”, “Fecha-se o ciclo épico à medida que é completo pela contribuição de diferentes poetas...” (GATTI, 2012, p. 11). Nessa mesma senda, segundo informa Lesky (1989, p. 106), a despeito das inseguranças existentes em relação aos fragmentos de Proclo, pode-se, com grande possibilidade, afirmar que as epopeias do ciclo troiano foram compostas como “complemento” para a *Ilíada* e a *Odisseia*, com o fito de constituírem juntas um “ciclo legendário completo”.<sup>26</sup> Para sustentar sua asseveração, o estudioso austríaco reporta uma forma do verso final da *Ilíada*, preservada pelo escólio T ao livro 24, verso 804, no qual há substituição do epíteto de Heitor “domador de cavalos” por “mas a amazona chegou” como fechamento do hexâmetro, expressão referente a Penteseleia. No momento de recitação, esse novo final criaria uma abertura da obra homérica, conectando-a com a obra que a sucederia em relação ao conteúdo, o poema cíclico *Etiópidas*.

Outro exemplo, não literário, faz o historiador da literatura grega assumir conexões entre Homero e o Ciclo Épico de tema troiano: o testemunho de algumas gravuras em vasos representando cenas da matéria troiana. Em um deles representa-se Príamo diante de Aquiles rogando o corpo de Heitor, seguindo outra cena, na qual o rei está ao lado do túmulo do filho e recebe a aliada Penteseleia, rainha das amazonas; e uma terceira cena em que se representa a luta entre ela e Aquiles. É significativa essa sequência de cenas, uma vez que se entenda a morte de Heitor como a perda da confiança troiana na vitória e a chegada de Penteseleia como o renascimento da esperança e que o episódio da aliada troiana é ausente em Homero.

Contudo, para Burgess (2001), não existe razão para entender os poemas do Ciclo Épico como derivados da *Ilíada* e da *Odisseia*, seja na forma ou na matéria. Sob a perspectiva da tradição do mito troiano, tende-se a hierarquizar de modo diferente os poemas homéricos e os cíclicos. Na opinião do autor,

Os poemas do Ciclo [Épico] compartilham a mesma tradição mitológica com os famosos poemas homéricos, a *Ilíada* e a *Odisseia*, e, de fato, o Ciclo Épico é ainda mais representativo da tradição da Guerra de Troia do que os poemas

<sup>25</sup> *Prequel*, *sequel* e *spin-off* são, respectivamente, produções que antecedem, precedem ou são paralelas a uma determinada obra. Esses termos se popularizaram com as franquias cinematográficas, ao lado de outros como *cycles*, *franchise*, *remakes* e *re-boots*.

<sup>26</sup> “Volvemos a preguntarnos aquí si las epopeyas del ciclo troyano ya habrían sido concebidas por sus autores como complemento de la *Ilíada* para configurar un ciclo legendario completo. A pesar de todas las inseguridades que entrañan los extractos de Proclo, podemos dar una respuesta afirmativa a esta pregunta.” (LESKY, 1898, p. 106-107)

homéricos. Se a tradição da Guerra de Troia fosse uma árvore, inicialmente a *Iliada* e a *Odisséia* teriam sido um par de pequenos galhos, enquanto os poemas do Ciclo estariam em algum lugar no tronco.<sup>27</sup>

Para Burgess (2001), tanto Homero como os poetas do Ciclo Épico são herdeiros da tradição oral, no entanto essa “tradição oral” deveria ser entendida em sentido mais amplo. Para o estudioso, se, por um lado, o verso épico desempenhou papel de extrema importância na coleção, divulgação e preservação das histórias tradicionais, por outro lado, não só eram as performances bárdicas que assumiam esse papel, pois outros tipos de versos, representações não profissionais, recitações não-metrificadas, contos populares que tratavam do mito troiano eram contemporâneos às epopeias e com elas interagiam. Segundo Burgess (2001), a despeito da não sobrevivência e da tênue presença das tradições orais, seria arriscado duvidar da existência de uma tradição multifacetada e difundida da Guerra de Troia na Era Arcaica, cruzando linhas de gênero, meio, função, classe e contexto.

Na contramão dos estudiosos que conferem a Homero vulto colossal que eclipsa os demais poetas do ciclo épico, Burgess (2001) considera que a influência da *Iliada* e da *Odisséia* em respeito à tradição mitológica não foi assim tão superlativa na Era Arcaica. Para o autor, esses estudiosos

tendem a argumentar que [a] inventividade e sofisticação [de Homero] instantaneamente ultrapassaram a tradição preexistente e obscureceram as tentativas de continuar essa tradição. Mesmo os estudiosos que favorecem a natureza tradicional dos poemas homéricos tendem a retratá-los como recebendo toda a tradição e submetendo-a à tradição homérica. No entanto, a composição dos poemas homéricos assim explicada geralmente leva a pensar que a *Iliada* e a *Odisseia* se tornaram rapidamente dominantes. Duas consequências se seguem: nenhum representante puro da tradição pré-homérica se torna possível uma vez que Homero tenha enlameado as águas, e qualquer uso da tradição preexistente pelos poemas homéricos se torna obscuro por causa do próprio sucesso dos poemas homéricos.<sup>28</sup> (BURGESS, 2001, p. 6)

As diferenças entre as tradições cíclicas e homéricas, na opinião de Burgess (2001), não são uma questão de prioridade, mas, sim, de estratégias narrativas e funções culturais, refletidas, sobretudo, no caráter relativamente “local” que os poetas cíclicos apresentam em

<sup>27</sup> Texto original: “The poems in the Cycle share the same mythological tradition with the famous Homeric poems, the *Iliad* and the *Odyssey*, and in fact the Epic Cycle is even more representative of the Trojan War tradition than the Homeric poems. If the tradition of the Trojan War were a tree, initially the *Iliad* and *Odyssey* would have been a couple of small branches, whereas the Cycle poems would be somewhere in the trunk.”

<sup>28</sup> “[They] tend to argue that [Homer's] inventiveness and sophistication instantly outdated the preexisting tradition and overshadowed attempts to continue this tradition. Even scholars who favor the traditional nature of the Homeric poems tend to portray them as receiving the tradition whole and subsuming it into the Homeric tradition. However the composition of the Homeric poems is accounted for, it is usually thought that the *Iliad* and *Odyssey* became quickly dominant. Two consequences follow: no pure representative of the pre-Homeric tradition becomes possible once Homer has muddied the waters, and any use of the preexisting tradition by the Homeric poems becomes obscure because of the very success of the Homeric poems”.



contraste com a natureza “pan-helênica” de Homero. Young (1948) considera que ao longo de todo o curso do mundo antigo greco-romano nenhuma linha fina de distinção poderia ser traçada entre Homero e os poetas cíclicos. Foi nessas epopeias que se desdobrou a história da Guerra de Troia desde o plano de Zeus para uma purgação de um mundo superpovoado até o retorno dos heróis gregos para suas casas no final da guerra. Burgess (2001) assume que as tradições homéricas e cíclicas têm muitos pontos de contato, mas os considera efeitos colaterais por terem ambos, Homero e poetas cíclicos, lugar dentro da tradição da Guerra de Troia na Era Arcaica. Se, por um lado, os poemas homéricos recebem maior prestígio no que se refere à qualidade estética, a sua plena apreciação não é possível sem uma forte consciência de uma tradição maior da Guerra de Troia,<sup>29</sup> conclui Burgess (2001, p. 175).

Apesar de serem normalmente referidos como um conjunto, um “círculo” (em grego κύκλος) fechado, Burgess (2001) é da opinião de que cada poema tinha a sua autonomia e que se uniriam apenas no tocante à matéria mitológica. Eles, como herdeiros da tradição oral, semelhantemente como ocorrera a Homero, foram sendo performados pelo canto público até que se registrassem por escrito, e nesse meio tempo teriam sido continuamente recriados e paulatinamente iam se cristalizando. Para o autor,

Os poemas cíclicos provavelmente não eram bem conhecidos na Era Arcaica, mas a fama de sua tradição mitológica parece ser comprovada pela extensa representação da história da Guerra de Troia na arte do período. Versões fixas dos poemas cíclicos tornaram-se geralmente conhecidas na Idade Clássica, mas seria apenas no período helenístico que uma coleção de poemas épicos anteriormente independentes teriam sido reunidos para formar um “ciclo épico”. O desenvolvimento do ciclo épico teria resultado em mudanças nas versões fixas anteriores dos poemas individuais, e assim o resumo do Ciclo Épico por Proclo é um indicador muito enganador da extensão desses poemas em seu estado anterior. (BURGESS, 2001, p. 171-172)<sup>30</sup>

Partindo da ideia de Burgess (2001) de “fabricação editorial” do Ciclo Épico, é possível supor que as obras e os autores compilados constituíssem uma lista de poetas exemplares. Consequentemente, é também possível supor a existência de outros aedos que cantassem a Guerra de Troia de forma diversa, com abrangências e focos diferentes, que a nós não chegaram nem sequer notícias. Todavia, esse rol de Proclo colabora para o entendimento

<sup>29</sup> Ao contrário, Young (1948) afirma que os poemas homéricos são importantes não no “que” relatam, mas por “como” relatam, acentuando o caráter formal e a beleza poética de Homero tão louvados nos estudos literários.

<sup>30</sup> “The Cyclic poems were probably not well known in the Archaic Age, but the fame of their mythological tradition seems to be proved by the extensive representation of the story of the Trojan War in art of the period. Fixed versions of the Cyclic poems became generally known in the Classical Age, but it would only be in the Hellenistic period that a collection of previously independent epic poems would have been gathered together to form an “Epic Cycle.” The development of the Epic Cycle would have resulted in changes to the earlier fixed versions of the individual poems, and so the summary of the Epic Cycle by Proclus is a very misleading indicator of the extent of these poems in their earlier state.”

da manutenção da narrativa troiana, haja vista ela ser uma tentativa de descrição global sobre o tema, com esforço de exposição didática da complementação da narrativa mítica que os dois poemas épicos homéricos não abarcavam. Nas palavras de Burgess (2001, p173), “o Ciclo Épico fora fabricado para ser uma substituição fixa e letrada de tradições que estavam se extinguindo.”.

De qualquer forma, como avaliou Mayerson (2001), os Poemas Cíclicos, apesar de perdidos hoje, haviam se tornado, na Antiguidade, parte considerável da tradição grega e exercido influência nos escritores posteriores que, como eles, propiciavam versões paralelas à narrativa encontrada em Homero.

### 2.3.2. *A Guerra de Troia nos poetas trágicos*

Sem levar em conta, neste trabalho, obras paródicas, como a *Batracomiomaquia*, nem a lírica grega (como por exemplo, Estesícoro com *Palinódia*, os hinos de Píndaro e Baquilides<sup>31</sup>), passa-se direto ao trato das obras clássicas dos poetas trágicos, pois, como em linhas gerais apontou Grimal (2005, p. 121), o mito helênico passara, e se transformara, por três épocas distintas, as quais nomeia “épica”, “trágica” e “filosófica”. Não que se deva desconsiderar as contribuições que os cantos paródicos e líricos têm a oferecer no entendimento mais completo da abordagem do mito troiano. Muito pelo contrário. Young (1948), por exemplo, ao tratar da constituição da tragédia grega de tema troiano cogita que ela fez uso do mito épico como material e da tradição lírica como método de interpretação, combinando ambas numa nova forma. Segundo Young (1948, p. 31):

Assim, a mente crescente e a alma profunda dos atenienses investiram na história de Troia uma expressão abundante de sua concepção de vida como um empreendimento artístico no campo da razão imaginativa. Da objetividade simples do épico à subjetividade intensa da lírica e à projeção do indivíduo nas paixões conflitantes inerentes à sua luta contra o Destino ou contra si mesmo, os heróis e heroínas da Guerra do Troia saíram do esquecimento insensível do passado para servir na tragédia grega como portadores para a mais alta das aspirações artísticas e filosóficas contemporâneas.

---

<sup>31</sup> cf. Young (1948). Mayerson (2001) considera que os poetas líricos gregos que sucederam os cantores épicos manipulavam o conhecido material mítico adequando-os às demandas do gênero. Assim, ao contrário dos rapsodos que cantavam as histórias como relatos sem intrusões subjetivas, o canto lírico rememorava o passado heróico com introduzindo nele o presente do público imediato. Ainda segundo o autor, entre os séculos VII e V a. C., auge da poesia lírica, os poetas compunham seus textos para elogiar homens proeminentes (encômio), para celebrar atletas vitoriosos nos jogos sacros (epinícios, odes), para lamentação (elegia), para louvar os deuses (ditirambos e hinos triunfais) e outros propósitos diversos, sobretudo, com o fito de instruir e delinear máximas morais, haja vista o estatuto do poeta, comparado a um mestre e porta-voz dos deuses. A matéria mítica, portanto, entrava nos poemas como ornamento, enriquecia-se de detalhes e de peso poético, e era purgada no nível moral. Logo, o mito consistia mais um adorno do que um tema.

A matéria mítica serviria aos poetas trágicos como um repertório de enredos a serem desenvolvidos em drama (MAYERSON, 2001. p. 7), do qual retiravam aquilo que menos havia sido desenvolvido, pois assim poderiam ter maior liberdade de criação. Episódios da *Ilíada* e da *Odisseia* eram, portanto, evitados. Na representação dos mitos divinos e heróicos da cultura, principalmente no que tange ao mito troiano, constitui-se o drama herdeiro da epopeia, diferenciando-se dela no trato. Mayerson (2001) entende que a mitologia era um *medium* para os poetas trágicos que a usavam à guisa do entusiasmo dramático: com o escopo de despertar emoções imediatas na audiência. Não apenas se dramatizava o mesmo conteúdo ou conteúdo semelhante da epopeia, mas criava-se uma perspectiva totalmente nova. Uma tragédia, explica Pierre Grimal (2005), não é mais um relato, mas uma espécie de meditação sobre um episódio isolado. Se à epopeia interessa a ação como façanhas heróicas, na poesia trágica a ação funciona como questões acerca das relações do homem com os deuses e com os seus pares. Portanto, os problemas universais e contemporâneos do homem e de seu mundo encontram espaço amplo para representação nos dramas. O mito, questionador e gerador de significados, é apropriado pelos tragediógrafos para a representação dos impasses sociais presentes. Segundo Mayerson (2001, p. 8)

O passado heróico, real e credível para o grego médio, permitia ao [poeta] trágico concentrar-se com grande economia na situação dramática e concentrar-se com grande intensidade no pensamento e no significado. Como seu público conhecia o esboço da trama, o poeta ficava despojado do fardo da exposição; como também o desenvolver era conhecido, o poeta poderia obter um efeito irônico impressionante [...]. A limitação imposta pelo uso de material lendário foi superada por meio do embelezamento de tramas antigas e familiares por meio de novas facetas, novas sutilezas e novos significados.<sup>32</sup>

Grimal (2005), contudo, alerta para o equívoco de imaginar a tradição na tragédia como pretexto para a expressão de uma filosofia ou como um simples sustentáculo servil a uma moral. Os mitos na tragédia grega trazem, latente, uma atmosfera gradiosamente religiosa, herança mantida de suas origens, explica o autor. Para ele, mesmo que muito mais humanizado, passível a paixões e voracidades da humanidade, vive o herói em uma dimensão à parte, onde as coisas têm grande vulto e peso, onde tudo é mais significativo e onde as ações são exemplares.

Ao nosso ver, quanto à apreciação do público, o tratamento do tema troiano no teatro

---

<sup>32</sup> “The heroic past, real and credible to the average Greek, permitted the tragedian to concentrate with great economy on the dramatic situation and to focus with great intensity on thought and meaning. Since his audience knew the outline of the plot, the poet was relieved of the burden of exposition; since the outcome was also known, the poet could achieve stunning ironic effect [...]. The limitation imposed by the use of legendary material were overcome by embellishing old and familiar plots with new facets, new subtleties, and new meanings.”

caracteriza-se pela sua particularização (foco ainda mais estrito, parcializado, que nas épicas) e pela exploração mais enfática do *pathos* no efeito sobre a audiência, visto que, no contraponto com Homero, distinguem-se as obras teatrais pela ausência do narrador onisciente e de qualquer outro, o que torna o mundo “muito mais inóspito e incognoscível” (JONES, 2005, p. 18), pois não haveria um guia, um indicador de caminhos por onde olhar. Os personagens são, o quanto se pode assim afirmar, realmente encarnados.

Muitas tragédias escritas e encenadas não chegaram até nós, sendo algumas delas conhecidas hoje apenas a partir de fragmentos e outras ainda apenas por seu título. Mayerson (2001) observa que, pelo que se pode deduzir desses testemunhos parciais, os mitos gozavam de prestígio. Dentre eles, a família atrida, um dos núcleos da história da Guerra de Troia, foi utilizada e reutilizada muitas vezes. O tópico da maldição familiar é um tema recorrente, por meio do qual se discutem os problemas da luta entre livre arbítrio e a fatalidade do destino, o sofrimento por uma falta cometida involuntariamente e, sobretudo, a punição por faltas cometidas por antepassados. Amor, ódio, ciúme, ganância e vingança e outras paixões humanas violentam e afligem o ser humano e ganham complexidade na atuação sobre o palco.

Os maiores representantes da tragédia grega de tema troiano constituem uma tríade: Ésquilo (525-456 a. C.) e suas obras *Agamêmnon*, *Coéforas* e *Eumênides*, que compõem a trilogia *Oresteia*; Sófocles (496-406 a. C.) e suas obras completas *Filoctetes*, *Ájax* e *Electra* e as incompletas ou perdidas *Polixena*, *Antenoridas* e *Laocoonte*; e, por fim, Eurípides (485-406 a.C) e suas obras *Ifigênia em Áulis*, *Ifigênia em Táuris*, *As troianas*, *Hécuba*, *Andrômaca* e *Helena*.

A trilogia esquiliana, única que nos chegou completa, trata da maldição dos atridas pelo crime abominável que Atreu cometera contra o irmão Tieste. Em *Agamêmnon*, encena-se a volta do comandante supremo dos gregos ao seu reino, trazendo ao seu lado, como cativa, Cassandra, a filha profetisa de Príamo. Clitemnestra planeja vingar a imolação de sua filha Ifigênia mediante derramamento de sangue do marido. Seu cúmplice em tal crime é Egisto, primo de Menelau e Agamêmnon, com o qual a rainha vivia em situação adúlterina. Clitemnestra doía-se pelo fato de que Agamêmnon havia dado aos deuses a virgem Ifigênia como holocausto em favor de bons ventos para que as frotas partissem rumo a Troia, “crime inominável”, em razão do qual a rainha matou com as próprias mãos o marido.

Em *Coéforas*, Orestes, filho de Agamêmnon e de Clitemnestra, volta a Argos anos depois da morte de seu pai, para vingá-lo. Encontra sua irmã Electra dirigindo-se ao túmulo do seu pai para fazer libações sobre o seu sepulcro sob ordem de sua mãe, que era afligida noite após noite por um pesadelo no qual lhe saía do ventre uma serpente, à qual Clitemnestra

oferecia o seio para amamentar e, aceitando-o, o animal sugava o leite com tanta força que junto saía sangue. Era o presságio do matricídio. Neto e neta de Atreu juntos tramam vingança contra a mãe. Orestes dirige-se ao palácio, onde Clitemnestra o recebe não reconhecendo o próprio filho, que havia se dissimulado como um mensageiro que trazia a notícia da morte do filho da rainha (ou seja, forjando a própria morte). Clitemnestra manda chamar Egisto que, por intervenção das coéforas<sup>33</sup> que estavam junto de Electra, chega totalmente desarmado, fato que facilita a Orestes, então infiltrado no palácio, matá-lo. Chegada a vez de matar a própria mãe, Orestes hesita, mas seu companheiro Pílates lembra-o das ordens do deus Apolo a esse respeito. Com isso, o jovem se reveste de coragem e comete o matricídio, crime pelo qual será atormentado pelas erínias<sup>34</sup>. Então o jovem, totalmente perturbado, foge imediatamente do palácio.

A sucessão de vingança e derramamento de sangue parental finaliza-se na última peça, *Eumênides* (“as benévolas”), na qual se encena o fim da maldição dos atridas por meio do julgamento de Orestes. Acolhido no santuário do deus Apolo em Delfos, Orestes sob proteção da divindade local, aproveita o sono das perturbadoras erínias para poder se dirigir às pressas à cidade grega de Atenas e lá encontrar justiça das mãos de Palas Atena. As erínias são despertadas pelo fantasma de Clitemnestra e, já em Atenas, as erínias e Orestes se enfrentam em um julgamento perante um tribunal de juízes atenienses (o Areópago). Palas Atena observa. A votação finda com um resultado equilibrado: uma metade a favor e a outra contra o jovem. Coube, ao fim, a Atena dar o voto de desempate. Ela absolve o jovem e angaria a indignação das erínias, que só foram apaziguadas pela promessa de morada permanente e veneração naquele local. Com a absolvição do jovem descendente de Atreu, finda-se o ciclo de vingança e morte que afligia essa família. Muitos, como Mayerson (2001), interpretam essa trilogia como o embate entre o velho e o novo modo de julgar crimes representado na figura máxima de Palas Atena que concebe um ideal de justiça mais sofisticado pelo qual um ato de homicídio não é mais vingado de um modo primitivo, mas de modo civilizado, por meio de um júri de cidadãos atenienses, preservando o estatuto de sociedade e reconciliando os anseios de autoridade (Apolo) com os instintos humanos (erínias). Em outras palavras, se, por um lado, uma vingança tinha fundamento humano (Clitemnestra) e outra divina (Apolo

<sup>33</sup> As coéforas (“portadoras de libações” eram entre os antigos gregos mulheres destinadas a levar oferendas aos mortos.

<sup>34</sup> As erínias (do grego *Erynies*) ou fúrias (em latim *Furiae* ou *Dirae*), também conhecidas pelo nome de *Eumênides* (“as benévolas”) e Semnai (“as sagradas”), eram seres nascidos do sangue de Urano quando este fora mutilado por seu filho Cronos. Representadas como mulheres aladas, por vezes rodeadas de serpentes, desempenhavam o papel de vingadoras de crimes contra parentes (HARVEY, 1937, p. 241). Desses seres Ésquilo intitulará a sua terceira peça, fechando a trilogia trágica com sua *Eumênides*.

influenciando Orestes), por outro lado, a justiça só poderia vir da união de ambos os níveis, na figura do Areópago assistido por Palas Atena.

Sófocles, dentre os três tragediógrafos, era o mais homérico. Os personagens sofoclianos, assim como os de Homero, gozam de independência para agir em nome próprio, eles agonizam em favor da dignidade heróica e não por renúncia fatalista, como o fazem os personagens de Ésquilo. O sofrimento em Sófocles tem um alto valor educativo. *Filoctetes*, estreada em 409 a. C., trata do sofrimento do herói homônimo envolvido na Guerra de Troia. Filoctetes, filho de um argonauta e amigo próximo de Hércules, do qual recebera os lendários arco e flechas, havia sido mordido por uma serpente, ferida que exala um odor insuportável, motivo de extremo desconforto para os seus camaradas. Decidiram-se, então, por abandonar o herói na solidão da ilha de Lemnos, de onde os gregos partiram rumo a Troia. E Filoctetes ficou na ilha sofrendo com a ferida e com o abandono. Por dez anos viveu nessa solidão, sobrevivendo das aves que conseguia abater. Nutria profundo ódio pelos atidas e por todo o exército grego. Ulisses, responsável pelo abandono de Filoctetes, e Neoptólemo, filho de Aquiles, chegam à ilha para reencontrar Filoctetes e levá-lo à guerra. No entanto, Ulisses propõe que isso seja feito por meio de dissimulação, de modo que Filoctetes acredite que Neoptólemo desistiu de guerrear por motivos de desentendimento com os demais comandantes gregos e então voltava para pátria. Para dar mais veracidade ao embuste, deveria repreender Ulisses e tomar posse do arco. Neoptólemo resiste, em um primeiro momento, mas concorda em por em prática a trama: encontra-se com o herói abandonado e conta-lhe a mentira. Filoctetes implora que o filho de Aquiles o leve de volta à Grécia, e Neoptólemo aquiesce. Filoctetes adormece e confia o arco a Neoptólemo que, cheio de remorso, quando o herói ferido acorda, conta-lhe tudo o que Ulisses tramara. Prestes a devolver o arco ao seu dono, Neoptólemo é impedido por Ulisses. Ambos voltam aos navios. Filoctetes lamenta a sua perda. Mais uma vez o herói havia sido lesado pelos companheiros. Contudo, já partindo, Neoptólemo volta, decidido a devolver o arco, mas Ulisses o persegue a fim de impedi-lo novamente. Filoctetes, já de posse do arco, arma-se para atirar em Ulisses, mas o filho de Aquiles o contém. Tenta com palavras convencer o arqueiro a acompanhá-lo na luta contra Troia, porém malogra. Então assume a responsabilidade de levá-lo de volta à Grécia. No entanto, por meio de uma visão, Hércules visita Filoctetes e o aconselha a ir junto aos gregos contra Troia e este, por respeito e amor ao mestre, obedece.

O tratamento de Eurípides para com os mitos tende a ser mais humanizador do que os seus predecessores. Permeado pelo novo intelectualismo dos sofistas helênicos, o humano toma o centro de suas obras com maior vigor, inaugurando a relatividade da verdade, pautada

agora pela experiência subjetiva, como se seguisse a fórmula de Protágoras, amigo próximo do poeta trágico: “o homem é a medida de todas as coisas”. Segundo Mayerson (2001), Eurípidés tinha simpatia para com os questionamentos que os seus contemporâneos faziam em respeito à moralidade dos deuses da mitologia e à existência de algum governo divino sobre a terra. Para o poeta trágico, afirma o autor, interessava a vida individual e as forças elementais que estavam em conflito com a psiquê humana. Segundo a distinção que Aristóteles fez em sua *Poética* (1460 b 34), enquanto Sófocles retratava o humano como ele deveria ser, Eurípidés o retratava como era. Sua abordagem do material mítico se apresenta com pouco valor religioso e despojado da exemplaridade. O poeta escreveu durante a Guerra do Peloponeso e utilizou-se dos mitos dramatizados como protesto contra as misérias e as agonias que a guerra traz. Focando naqueles que estavam imersos na angústia da derrota, *As troianas*, apresentada pela primeira vez em Atenas, no concurso dramático das Grandes Dionísias de 415 a. C., encena o destino das mulheres de Troia após o saque da cidade. A peça inicia com a discussão entre Poseidon e Palas Atena acerca da ofensa que os gregos fizeram ao violar Cassandra e o templo sagrado em Troia e acerca de como haveriam de punir os gregos pelos seus feitos hediondos. Poseidon os atormentaria no alto mar. Taltíbio, o arauto, aproxima-se de Hécuba, que já viúva e destituída de filhos, estava prostrada nas areias da praia da Troia sitiada. A ela o mensageiro anuncia o destino da parentela feminina: Cassandra coube como prêmio a Agamêmnon, Andrômaca, a Neoptólemo, e ela mesma a Ulisses. Acerca da sua outra filha, Polixena, de modo velado fala sobre a morte da jovem. Cassandra canta as desgraças futuras de Agamêmnon, seu novo senhor, e também as de Ulisses. Hécuba se lamenta da derrocada do reino, antes próspero, agora infausto. Andrômaca com seu filho aparecem a Hécuba e é revelada a imolação de Polixena junto ao túmulo de Aquiles. A lista de perdas ainda não havia sido completada: por medo de vingança, os gregos decidem assassinar Astíanax, bebê de Heitor, lançando-o de cima das muralhas da cidade troiana. Helena, que aquela altura já podia ser contada dentre as troianas, também teve seu destino de cativa. Menelau a recupera e promete-lhe morte quando chegados em terras espartanas (embora se saiba que, seduzido, Menelau não cumprirá tal sentença). O arauto Taltíbio retorna com o corpo de Astíanax depositado sobre o escudo do pai. Andrômaca, tendo partido com os navios, não consegue com as próprias mãos dar ao filho o enterro digno segundo os costumes troianos. Cabe, então, à avó velar o neto. Hécuba tenta se juntar, em ato suicida, à sua cidade que queimava, mas falha. A ela resta apenas encabeçar a fila de cativas que se dirigia aos navios gregos rumo à indigna escravidão. A derrota de uma cidade representa a perda não só da vida coletiva como reino mas, e com maior ênfase, a vida individual, particular.

Como já notado, o ciclo troiano no seio helênico era extremamente valorizado e o mito era, não importava qual a sua abordagem, veículo essencial para propagação de ideias e visões de mundo. Na Idade Helênica o mito troiano mantém a sua força e encontra novas nuances e novos gênios poéticos. Contudo, Mayerson (2001) observa que Eurípides havia prenunciado, em suas obras *Ifigênia em Táuris* e *Helena*, o espírito do novo século que despontava. Como o estudioso caracteriza, no século que se seguiu ao de Eurípides, no mundo grego governado por Alexandre, o Grande (356-323 a. C.), houve uma diminuição considerável do vigor criativo da pólis, na qual mito e pensamento ainda travavam uma íntima ligação significativa. Alexandre alcançara um gigante império no Oriente Próximo e Médio, fundando cidades no molde grego e levando o espírito helênico para as terras recém-conquistadas na Ásia e na Índia. Em consequência dessa expansão, ainda segundo Mayerson (2001), perderam-se o orgulho e as responsabilidades do autogoverno, fazendo com que a pólis se tornasse uma unidade administrativa e não mais uma organização política, e o cidadão se tornasse um indivíduo isolado e não mais o animal político como Platão e Aristóteles o viram. Reflexo da mudança da comunidade, o papel do poeta e da arte em si também passou por uma mudança, da qual decorreu uma espécie de profissionalização aliada a uma dessacralização da imagem do artista. De parte integrante da existência da pólis, a literatura passa a ser apenas uma diversão para os educados em língua e cultura gregas. Após Alexandre, o Grande, novos centros culturais continuaram surgindo à guisa das célebres instituições atenienses fundadas por Platão e Aristóteles, dentre as quais as mais famosas foram, em Alexandria, no Egito, o Museu e a Biblioteca (por volta de 280 a. C.) que acolhiam os maiores pensadores do oriente grego. Alexandria tornou-se, em pouco tempo, epicentro da cultura literária e “alexandrino” virou denominação para a produção artística daquela época. Em Alexandria,

[...] os estudiosos não apenas criavam novas formas literárias e imitavam os antigos, mas também preservavam o legado do passado copiando, classificando, catalogando e anotando obras antigas da literatura grega. Mas como eruditos, para quem a mitologia era assunto de pesquisa avançada e literatura era para uma audiência de estudiosos e leigos altamente educados, eles compunham poesia abundante em mitos e lendas que não se tornaram instrumentos de pensamento, mas ornamentos para ostentação literária e pedante.<sup>35</sup> (MAYERSON, 2001, p. 11)

A mitologia na época alexandrina já se tornara ainda mais entranhada na arte literária. Se antes era matéria, conteúdo, agora se instituía um recurso artístico a serviço da literatura.

---

<sup>35</sup> Texto original: “[...] scholars not only created new literary forms and imitated the old, but they also preserved the legacy of the past by copying, classifying, cataloging, and annotating older works of Greek literature. But as scholars, for whom mythology was a subject for advanced research and literature was for an audience of scholars and highly-educated laymen, they composed poetry abounding in myths and legends which became not instruments for thought, but ornaments for literary and pedantic ostentation.”



Segundo Vieira (2015), um exemplo desse pedantismo talvez possa ser encontrado em Lícofron, em seu poema um tanto “obscuro”, *Alexandra*, escrito em grego em forma de profecia por volta de 295 a. C. (YOUNG, 1948, p. 35). As previsões enigmáticas são as de Alexandra, outro nome para a filha do rei Príamo, Cassandra, reportadas ao rei troiano em um monólogo de um mensageiro. O monólogo críptico cobre toda a história da guerra de Troia e os descendentes de heróis troianos e gregos, sendo a maior parte dos vaticínios sobre os regressos dos varões gregos quando do fim da guerra. Na opinião de Mayerson (2001), não há outro poema grego que tenha esse grau de obscuridade e essa complexidade em relação ao material mítico, haja vista que recolhe as mais recônditas passagens e alusões mitológicas. O estudioso supõe que, tendo sido Lícofron convidado por Ptolemo Filadelfo a vir a Alexandria para organizar a coleção de comédias na Biblioteca Real, teve ele a oportunidade de entrar em contato com as mais diversas (e hoje totalmente desconhecidas) fontes mitológicas dos literatos alexandrinos. Exemplificando a obscuridade da obra, Mayerson (2001) cita o passo acerca de Helena que, no entanto, no poema não é nomeada, mas referida de modo indireto, como “a louca da linhagem de Pléuron, casada cinco vezes”. Para compreender essa referência, deve-se recorrer, por um lado, à genealogia dessa mulher, uma descendente de Pléuron<sup>36</sup>, pai de Agenor que, por sua vez, dentre outros filhos teve Téstio, que viria ser pai de Leda, genitora de Helena. Por outro lado, devem-se reconhecer seus diversos casamentos: o primeiro com Teseu, que teria sido o seu primeiro sequestrador;<sup>37</sup> o segundo, com Menelau; o terceiro, com Páris Alexandre; o quarto com o irmão de Páris, Deífobo;<sup>38</sup> e o último, e talvez o mais estranho de todos, teria sido com o falecido Aquiles.<sup>39</sup> Em Lícofron ainda encontra-se um motivo que não havia sido conhecido, mas que nas versões medievais da Guerra de Troia se tornaria um verdadeiro *topos*: a traição de Antenor.<sup>40</sup> Também em Lícofron (*Alexandra*

<sup>36</sup> Confirma-se essa referência junto a *Biblioteca* de Apolodoro, livro I.7.7. e I.7.10. Para o nascimento de Helena, nessa mesma obra livro III.10.3.

<sup>37</sup> Conta-se que Teseu, junto de Pirítoo, combinaram de tomar como esposas filhas de Zeus. As escolhidas foram Helena, que ainda criança (entre 10 a 12 anos) vivia em Esparta, e Perséfone, filha do deus com sua irmã Deméter, que se encontrava no mundo inferior sequestrada por seu tio Hades. Primeiramente apanharam Helena, mas quando desceram ao submundo foram feitos cativos. Os dióscuros Castor e Pólux, irmãos de Helena, posteriormente recuperaram-na. Em resgate de Teseu e Pirítoo ocorreu Hércules que teve de escolher um entre os dois. Apenas Teseu voltou a ver a luz do sol terreno, Pirítoo mante-se cativo para sempre. Veja *Biblioteca* de Apolodoro, Epítome, 1.23. Ambas as figuras, de Perséfone e Helena, estão ligadas à colheita, a vegetação, o que explica a ideia mítica de raptos subsequentes.

<sup>38</sup> Em *Ephemeris belli Troiani*, Livro IV.22, Deífobo, após morte de Alexandre, toma Helena como esposa para evitar que ela, por conspiração dos próceres troianos junto de Antenor e Eneias, fosse devolvida a Menelau. Um escólio ao verso 251 do 24º canto da *Iliada* de Homero também reporta o casamento do jovem troiano com Helena.

<sup>39</sup> Versão constante do geógrafo Pausânias (3.19.11–13), em que Helena compartilha a vida após a morte com Aquiles. Ele atesta essa versão dando como fonte os relatos dos povos de Crotona e Himera e conecta-a com a lendária cegueira de Estesícoro e a composição da *Palinódia*.

<sup>40</sup> Young (1948, p. 35) informa que Lícofron (340-343) descreve Antenor assinalando com uma tocha e abrindo a

1226-1280) encontra-se a partida de Eneias rumo a Lavínio, levando consigo seu pai e os penates.

Segundo Mayerson (2001), os críticos tendem a deplorar a produção literária da Era Helenística, julgando-a sem vida e obcecada pela elegância, erudição e amor romântico. Contudo, o estudioso reavalia essa posição, considerando que “A paixão dos eruditos helenistas por dados de qualquer tipo levou à reunião de histórias curiosas e exóticas fora do convencional da mitologia clássica.”<sup>41</sup> Exemplo dessa “paixão” por dados de que comenta o historiador nova-iorquino é a *Biblioteca* atribuída equivocadamente a Apolodoro, um erudito ateniense do século II a. C.,<sup>42</sup> um compêndio mitológico que compila mitos e lendas a partir da literatura épica e trágica, abarcando desde a Teogonia, com nascimento de Zeus, até a Telegonia, com a morte de Ulisses.

Se, como explana Mayerson (2001), a história de amor, que era pouco explorada pelos escritores anteriores, tornara-se para os alexandrinos um tema favorito, somando-se aí os interesses acadêmicos da época por antiquarismo, pelas racionalizações do folclore mitológico e pela pesquisa abusiva, não parece absurdo ver ecos dessas características nos escritores que desenvolverão prosa literária entre os séculos I e II d. C., na época em que floresce a Segunda Sofística. Para o estudioso, Evêmero bebe da fonte da tendência racionalista que iniciara já com Eurípides e se avolumara depois com as obras dos helenistas desse período para formular sua teoria antropológica acerca dos deuses.

O período helenístico teve intensas influências sobre o povo romano. A emblemática sentença do poeta Horácio explora a relação entre o povo latino e o grego: *Graecia capta ferum victorem cepit*. Aponta Mayerson (2001) que o débito romano para com os gregos antecede mesmo a conquista de 146 a. C. Antes mesmo do século V a. C., os contatos que o povo do Lácio teve com as colônias gregas no sul da Itália e com o povo etrusco ao norte (que eram também influenciados pelos gregos) desenvolveram no espírito “primitivo” da religião romana um avançado e encorpado panteão de deuses antropomórficos, identificando os deuses que já cultuavam (Júpiter, Juno, Diana) a deuses gregos (Zeus, Hera, Ártemis) e introduzindo outros deuses da Grécia e da Ásia como novas deidades (Apolo, Esculápio, Cibele) ou sob o nome de deuses da natureza com os quais tinham vaga identificação

---

entrada aos gregos. As crônicas troianas *Ephemeris belli Troiani* e *De Excidio Troiae Historia* tomarão essa referência como elemento crucial de suas narrativas, incluindo ainda Eneias como cúmplice de Antenor. Essa cumplicidade, ainda nos informa Young (1948, p. 36), já se encontra relatada por Dionísio de Halicarnasso, o qual afirma que Menecrates de Xanto reputa Eneias traindo a cidade troiana por causa do ódio que tinha para com Páris.

<sup>41</sup> Texto original: “The passion of Hellenistic scholars for data of whatever kind led to the gathering of curious and exotic stories outside the mainstream of classical mythology.” (MAYERSON, 2001, p. 13).

<sup>42</sup> Atualmente se usa “Pseudo-Apolodoro” para acentuar essa questão quanto à autoria.

(Deméter assimilada a Ceres, Afrodite a Vênus, Perséfone a Libera). Ao final, praticamente nada sobrou da tradição nativa latina que não tenha sido influenciada, inventada ou sobreposta pela grega (MAYERSON, 2001, p. 13).

Com o crescimento romano por meio das conquistas bélicas, a musa viu nesse povo um novo canto.<sup>43</sup>

### 2.3.3. *A Guerra de Troia entre os romanos*

Consoante Young (1948), muitos autores acreditam que o modelo máximo para a arte literária romana foram os autores gregos já altamente sofisticados na escrita poética. Para Carpeaux (2008), tamanha é a condição servil da literatura romana inicial em relação à desenvolvida grega que aparenta ser uma arte de “segunda mão”, uma “literatura de imitação”. No entanto, não se deve entender o termo “segunda mão” como algo de baixa qualidade ou de substância diluída, mas, sim, no termo genettiano de hipertextual. Os romanos não se apropriavam servilmente, de modo passivo, da matéria grega, mas, sim, sobre ela trabalhavam artisticamente e adequavam-na às demandas de sua cultura. Era, até certo ponto, um trabalho de aculturação. Carpeaux (2008, p. 94) observa o mesmo ao escrever que “Não há, porém, uma equivalência perfeita entre as duas literaturas, porque os romanos – donos duma capacidade de assimilação comparável só à dos ingleses – modificaram o espírito dos modelos, produzindo sempre coisas um tanto diferentes.”

Nos primórdios, a literatura romana é herdeira direta da Guerra de Troia na figura monumental de Homero. Nas palavras de Young (1948, p. 36),

A leitura e a tradição de Homero e da lenda de Troia em geral nunca entraram em eclipse durante o intervalo de quatro séculos que separa Grécia e Roma no seu melhor, mas a maré baixa da Grécia e a crescente onda de Roma não trouxeram consigo grandes poetas de primeira ordem, exceto Teócrito.<sup>44</sup>

De fato, o que se observa nas primeiras manifestações sistemáticas da literatura latina é uma verdadeira apropriação do ciclo troiano. É consenso creditar o marco inicial dessa literatura<sup>45</sup> à primeira tradução de uma obra grega para a língua do Lácio: um escravo grego

<sup>43</sup> Mayerson (2001, p. 13-14) afirma que a grande vitória sobre Cartago na Primeira Guerra Púnica (264-241 a. C.) e a segunda vitória contra os cartagineses (201 a. C.) criaram a necessidade de registrar poeticamente a magnitude do povo conquistador, como o poeta Pórcio Licino, citado pelo autor, cantou: “Com a Segunda Guerra Púnica a Musa fez um vôo alado e veio ao bruto povo de Romulo que em batalha teve sucesso”.

<sup>44</sup> “The reading and tradition of Homer and the Trojan legend in general had never gone into eclipse during the interval of four centuries which separates Greece and Rome at their best, but the ebbing tide of decadent Greece and the rising tide of Rome's fortunes carried with them no great poets of the first rank save Theocritus.”

<sup>45</sup> Considera-se o marco da “literatura” entendida como algo destacado da realidade imediata e pragmática. Em Roma, existiram manifestações pré-literárias tanto em verso quanto em prosa. Faziam-se cantos líricos, satíricos

liberto de nome Lívio Andronico (284-204 a. C.) traduzira, em meados de 250 a. C., para a língua e cultura latinas a *Odisseia* homérica. Trazido de Tarento a Roma após vitória romana sobre o sul da Itália (272 a. C.), exercia a função de *grammaticus*, “professor”, de grego e de latim. Também escrevia peças teatrais e atuava. Sua atividade foi tão reconhecida em Roma que recebera honras públicas e a instalação de um prédio oficial para o exercício de seu ofício, seu *collegium scribarum histrionumque* (CONTE, 1994, p. 39). Com intuito didático, compôs a sua tradução, a *Odusia*, para ser um texto de estudo escolar, o que não diminui em nada seu valor poético, uma vez que, como observou Conte (1994, p. 40), Andronico concebeu sua tradução como um processo artístico que tanto preservasse o conteúdo e o modo de significação do texto homérico quanto pudesse ser um texto autônomo. Além da tradução da *Odisseia*, Lívio Andronico compôs algumas tragédias com tema troiano nos moldes gregos, os quais se conhecem pelos títulos: *Aquiles*, *Egisto*, *Ájax com açoite* (*Ajax Mastigophoros*), *O Cavallo de Troia* (*Equos Troianus*), *Hermíone*.

Lívio Andronico, ao transpor a *Odisseia* aos versos satúrnios e ao vocabulário ainda pouco poético dos latinos, propiciou os primeiros rudimentos da narrativa épica romana e estreou a tradução artística escrita, fenômeno extremamente novo e de grande importância histórica.<sup>46</sup> Seu contemporâneo Gneo Névio (270 a. C.-201 a. C.) teria sido o primeiro que efetivamente escrevera uma épica nacional. De origem campaniana, o romano teria lutado nos últimos anos da Primeira Guerra Púnica (264-241 a. C.), experiência que relatará em versos satúrnios em seu épico *Bellum Poenicum*, texto que mescla evidências históricas com elementos míticos. Das partes que nos chegaram, evidenciam um poeta inconstante no estilo, mostrando-se grandioso nos trechos mitológicos e raso nos trechos históricos (CARDOSO, 1948, p. 18). As longínquas origens da conquistadora Roma são buscadas por Névio no mito heróico do troiano Eneias, varão piedoso e fiel, que teria sobrevivido à devastação da cidade troiana e chegado à Itália onde deu origem à linhagem da qual viriam os gêmeos Romulo e Remo.<sup>47</sup> Na fragmentada epopeia neviana, um episódio retrospectivo apresenta Eneias informando ao rei Latino como conseguira abandonar Troia (YOUNG, 1948, p. 37; CONTE,

---

e dramáticos em versos satúrnios, versificação aborígene da Península Itálica. A prosa, por sua vez, surge em germe na Jurisprudência, Eloquência e História. Praticamente nenhum exemplar desses documentos chegou aos nossos dias, algumas poucas referências indiretas de autores posteriores. De pouco valor e interesse para o estudo tanto da língua quanto da literatura latina, teriam bastante valor histórico e étnico. (cf. SOUZA, 1977, p. 15-36).

<sup>46</sup> A esse respeito, Conte (1994, p. 40) explica que embora os mesopotâmicos e egípcios já fizessem tradução escrita, os textos traduzidos eram essencialmente jurídicos e religiosos. Somente no período do Império Romano ocorreu sistematicamente a tradução de um texto artístico, de linguagem imagética e vocabulário sofisticado, da língua original para o latim. Era o *vertere* romano, que não se alinhava a uma mera substituição lexical, mas uma verdadeira reelaboração.

<sup>47</sup> Névio escreveu uma peça com o título *Romulo* na qual certamente desenvolveu essa versão mítica da origem romana.

1994, p. 44). Calçado na herança homérica, além dos deuses que são praticamente os mesmos do aedo grego, o poema de Névio estrutura-se em duas grandes partes: viagem (as desventuras marítimas de Eneias após a queda de Troia) e guerra (o confronto entre romanos e cartagineses), certamente decalque da natureza respectivamente da *Odisseia* e da *Ilíada*. Assim como Lívio Andronico e inspirado nele, Névio escreveu tragédias ligadas ao ciclo troiano, títulos como: *Equos Troianus*, *Danae*, *Hector Proficiscens* (*Heitor partindo*, referente a sua convocação à luta singular contra Aquiles.) e *Ifigênia*.

Na mesma esteira de Névio, com mais ênfase e cuidado, Ênio (239-169 a. C.), considerado “O pai da poesia romana”, compôs os *Anais* da história de Roma, usando pela primeira vez o épico hexâmetro e construções à moda helênica. O poema celebra a grandiosidade do povo romano desde o tempo de Eneias até os dias contemporâneos do autor. Composto de dezoito livros, os seis primeiros são dedicados exclusivamente à narração mítica da fundação da cidade e os demais, a acontecimentos marcantes da história romana, como as Guerras Púnicas, as campanhas na Grécia depois da vitória sobre Aníbal e as guerras na Síria (CARDOSO, 1948, p. 19; CONTE, 1994, p. 79). Assim como os seus antecessores, Ênio também foi prolífico na produção teatral, não só como escritor de peças como a tragédia intitulada *Tiestes*, mas também colaborando com a tradução e emulação de peças gregas, tendo preferência pelas de tema troiano, como *Alexander*, *Andromacha Aechmalotis* (*Andrômaca prisioneira de guerra*), *Hecuba*, *Iphigenia* de Eurípides; *Eumênides*, *Hectoris Lutra* (O resgate de Heitor), de Ésquilo; e *Ajax* de Sófocles (CONTE, 1994, p. 78).

Os primórdios do campo literário romano estavam prenhes da presença grega. Homero e a tríade de tragediógrafos gregos foram mais que inspirações, foram verdadeiros modelos para a arte representativa latina. A helenizada elite romana da época de Lívio Andronico naturalmente lia Homero (e conseqüentemente os demais gregos) no original (CONTE, 1994, p. 40), pois na Roma praticamente “grega” as casas abrigavam um tutor grego (*paedagogus*), uma biblioteca grega, tinham na aprendizagem do grego um privilégio e uma necessidade e viviam praticamente em um “estado de bilinguismo” (HIGHET, 2015, p. 5). Como conta Mayerson (2001, p. 14), em meados do século II a. C., uma nova energia criativa começava a ser visada pelos romanos. A figura dos alexandrinos começava a interessar aos novos poetas romanos inclinados ao culto da erudição, à aprendizagem, a alusões mitológicas, ao tom romântico, à emoção e à psicologia, adaptando essas características alexandrinas aos moldes latinos, principalmente pela senda do romance sentimental e do nacionalismo. O “amor e aprendizagem” encontrará solo fértil nas letras dos dois maiores poetas após Ênio, Virgílio (70-19 a. C.) e Ovídio (43-17 a. C.).

Virgílio foi o poeta épico romano por excelência. Sua *Eneida* desenvolve o amor romântico e patriótico e mantém a estrutura viagem/guerra e as intervenções divinas que Homero apresentava. Virgílio, segundo se conta, perfeccionista que era, trabalhou na composição de seu poema durante dez anos, de 29 a. C. 19 a. C., mas não lhe deu o acabamento que gostaria, porque morreu antes de terminá-lo. Na esteira de Névio e Ênio, em seu poema de doze cantos (9.896 versos no total), Virgílio mistura natureza histórica e natureza mitológica e nesse amálgama poético

A lenda no correr do texto - a história da acidentada viagem de Enéias, príncipe troiano salvo da guerra para fundar a nova Tróia, e das duras lutas que travou no Lácio - é mero pretexto para a exaltação de Roma e de Augusto, para a valorização do romano e de seus feitos remotos e recentes, para a demonstração de vasta erudição em todas as áreas do conhecimento, para a sugestão de uma linha filosófica que sintetiza, praticamente, as correntes de pensamento então difundidas em Roma. (CARDOSO, 1948, p. 20)

A função celebradora do povo procedia principalmente pelo recurso dos “fundadores” que eram descendentes sobre-humanos, normalmente de linhagem heróico-divina, como podemos encontrar enfaticamente no projeto da *Eneida*. Segundo explica Tannus (1992), o surgimento do poema virgiliano está inserido em um contexto sócio-político específico. A República Romana já havia sido esfacelada pelas guerras civis, cujo ápice fora o assassinato de César, e Roma se encontra em uma ostensiva guerra pelo poder. O filho adotivo de César, Otaviano, busca de forma diplomática pôr em prática o plano de reestruturação política de Roma, que atendia a uma necessidade histórica. Em um processo gradativo de tomada de poder, apaziguando as correntes políticas adversas, evitando conflito exterior, reformando costumes políticos, sociais, religiosos e morais, e, acima de tudo, buscando a configuração sólida da tradição do povo itálico, chega, enfim, o tempo do Império e Otaviano recebe título de Augusto em 27 a. C. Nesse ensejo, visando a exaltar o novo Estado Romano, “Vergílio, tomado de entusiasmo, se decide a escrever uma epopéia, a fim de nela consignar sua adesão à grandiosidade do projeto de Augusto” e, para tanto, em seu épico canta “não a Augusto diretamente, [...] mas ao herói troiano Enéias, de quem, segundo rezava a tradição, Augusto descendia, por pertencer à *gens Iulia*, de Iulo ou Ascânio, filho de Enéias” (TANNUS, 1992, p. 74). Nesse contexto, como versificou Propércio, cederam os passos tanto escritores gregos quanto romanos ao poeta que haveria de escrever um poema maior que a *Ilíada*.

Embora suas fontes tenham sido majoritariamente gregas, segundo Mayerson (2001, p. 15), Virgílio alicerçou a apropriação grega de tal maneira que, na verdade, tornou-a o oposto do que os gregos, particularmente os alexandrinos, representavam. Ao nosso ver, no entanto, Virgílio se coloca em paralelo com as tradições helênicas, buscando em seu poema elevar o

sentimento romano, condizente com o contexto político de Augusto. Essa época era animada pela “restauração das raízes itálicas” e o poema virgiliano parece atender a um projeto de moldação e afirmação da nacionalidade romana em um cotidiano fortemente helenizado. Essa suposição aponta o motivo pelo qual o troiano Eneias, derrotado e desterrado, fora escolhido como fundador de Roma: os troianos tiveram sua derrota vingada quando o povo romano conquistou a Grécia (MAYERSON, 2001, p. 15), ressaltando a cultura romana, mesmo que mantenha traços gregos.

Com efeito, na figura de Eneias estariam sintetizadas as virtudes primordiais que um romano necessitaria ter, a *fides* e a *pietas*. Ele é na *Eneida* o homem nutrido de comiseração, senso de justiça e amor à paz (apesar de fazer guerra por necessidade). Sobre seus ombros, o *Fatum* colocara o passado, simbolizado pela figura de seu pai Anquises com o qual parte de Troia, e o futuro, simbolizado pela figura do escudo que Vulcano lhe confecciona, no qual estavam esculpidos feitos históricos de Roma (TANNUS, 1992, p. 75).

Um uso diferente do ciclo troiano encontramos em Ovídio. Segundo Young (1948, p. 41), o poeta manteve a inquebrável continuidade da transmissão do mito troiano, trazendo-o com particular entusiasmo e limitação que se impunham pela sua própria personalidade. Ovídio era um homem urbano, espirituoso e condescendente, produto da era em que não sofrera os duros efeitos da guerra civil, de temperamento indócil à colaboração para a propaganda da visão solene do patriotismo romano (MAYERSON, 2001, p. 15). Compôs as *Heróides* (*Heróidum epistolae*, “Cartas de Heroínas”), poemas de amor em versos elegíacos em forma de cartas supostamente escritas pelas heroínas a seus amantes/maridos. Possivelmente compostas entre a primeira e segunda edição de seus *Amores*,<sup>48</sup> pretendia Ovídio criar com as *Heróides* um novo gênero literário, uma espécie de epistolografia (HARVEY, 1937). As cartas ficticiamente escritas por heróis e heroínas constituem estudos ovidianos acerca do amor a partir do ponto de vista feminino, usando de episódios épicos, trágicos e também líricos. Estão entre elas personagens femininas do mito troiano, como Enone, primeira mulher de Páris, a cativa Briseida e as esposas Laodâmia e Penélope. Os episódios passam pelo escrutínio da moral e do sentimentalismo contemporâneos do poeta romano, ou nas palavras de Young (1948, p. 42), “o passado consegue viver em um sentido real no mundo sofisticado, amante de prazeres, impertinente e completamente delicioso para o

---

<sup>48</sup> Os *Amores* são um conjunto de elegias de amor, publicadas inicialmente em cinco livros e mais tarde condensadas em apenas três, nas quais se destaca a figura de uma moça, Corina, personagem que o poeta criou para tratar virtualmente das mulheres em geral. Ao lado de outras obras ovidianas que surgem por volta do século I a. C. ou os primeiros anos de nossa era, *Ars amatoria* (“A arte de amar”), *Remedia amoris* (“Os remédios do amor”) e *De medicamine faciei feminae* (“Produtos de beleza para o rosto da mulher”), fica patente o interesse do poeta em tratar de e expressar o universo feminino.

qual Ovídio escreveu.”<sup>49</sup>

Mais categoricamente mitológica é sua obra em hexâmetros *Metamorfoses*. Nela, como o título já denuncia, Ovídio conta histórias de transformações miraculosas que, em seu conjunto, formam um verdadeiro e artístico compêndio mitológico greco-romano, abarcando desde a criação do mundo até a apoteose de Júlio César. Quanto ao mito troiano,<sup>50</sup> nas *Metamorfoses* lemos os episódios do salvamento de Hesíone por Hércules, o casamento de Peleu e Tétis, o de Agamêmnon em Áulis, a morte de Aquiles, a disputa entre Ajax e Ulisses, a história de Hécuba e Polimestor, a narrativa sobre Mêmnon, a queda de Troia, algumas aventuras de Ulisses e também Eneias no Lácio. Por meio do fio condutor das transmutações, Ovídio passeia pelo campo do mítico com o colorido do *pathos*. Muitas transformações de pessoas em animais, árvores, flores, pedras ou corpos divinos são provocadas pelo amor e o mito se reveste de peso etiológico dos monumentos naturais ou instituições humanas.

Em língua latina o mito troiano durante os primeiros anos depois de Cristo, estará fortemente presente nas tragédias de Sêneca (4 a. C. - 65 d. C.), que, influenciado pela épica e pela dramaturgia gregas, principalmente por Eurípides, compôs *Troades (As Troianas)*, *Agamemnon (Agamêmnon)* e *Thyestes (Tieste)*.

Contemporâneo de Sêneca, a Higino é atribuída a obra *Fábulas*, compêndio mitológico no qual se encontram esparsamente vários episódios de tema troiano (ALVES, 2013).

Outros autores do período neroniano escreveram sobre a guerra de Troia. Lucano (39-65 d. C.), autor da *Farsália*, poema épico de cunho histórico acerca da guerra civil tratada por Júlio César, em *Bellum Civile*, teria composto um outro poema épico narrando a morte de Heitor e a recuperação de seu corpo chamado *Iliacon* que não chegou até nós.<sup>51</sup> Petrônio em seu fragmentado romance *Satíricon*, no qual mescla prosa e verso, lemos, além de outras referências ao mito troiano e alusão a Homero, um poema que descreve a “Tomada de Troia”, *Troiae Halosis*. De Estácio (40-96 d. C.) temos uma epopeia inacabada *Achilleis (Aquileida)*, que narra as façanhas do filho de Peleu.

Ainda sob o domínio de Nero, imperador apaixonado por mitos troianos, que também teria escrito um poema sobre o tema, *Troica*, diversas traduções, epítomes e resumos da *Ilíada* se fizeram, como as obras de Átio Labeão, Pérsio, e Políbio, que se perderam. Destaque há

<sup>49</sup> “[...] the past manages to live on in a real sense into the sophisticated, pleasure-loving, naughty, and thoroughly delightful world for which Ovid Wrote.”

<sup>50</sup> Em outra obra ovidiana, *Tristia*, encontra-se a narração da queda de Troia.

<sup>51</sup> Algumas obras de Lucano, como *Iliacon*, só conhecemos por intermédio de biografias escritas por Suetônio (*Vita Lucani*), Tácito (*Annales*, XV, 49) e Estácio (*Silvae*, II, 7).



para a tradução adaptada em latim feita por Béblio Itálico, a *Ilias Latina* (*Ilíada Latina*), datável do século I. d. C. O surgimento de obras dessa natureza se explica pelo fato de a elite romana paulatinamente a partir do século I perder o contato com o idioma grego, fazendo com que a *Ilíada* e outras obras gregas desaparecessem do Ocidente. Segundo explica Highet (2015), as línguas (e a ela atreladas, suas culturas) grega e romana, que em certo momento haviam vivido em um estado de bilinguismo, de uma dúplice cultura, começaram a se distanciar uma da outra: o idioma grego espalhou-se por todo o Mediterrâneo oriental, falado não só pelo povo da Grécia, mas também pelo do Egito, da Palestina e demais lugares; era esse um grego *standard* destinado a intercomunicação (daí o *Novo Testamento* ser escrito em grego); já o idioma romano era falado em grande parte da Itália, da Europa Ocidental e norte da África. O Império Romano, relata o estudioso, graças à incapacidade de administração e de conservação da unidade, acabou por se dividir em dois em 364 d. C.: um império ocidental com a capital em Milão e outro oriental com capital em Constantinopla. Daí em diante, embora ainda houvesse contatos entre as partes resultantes, as diferenças entre o lado ocidental e o lado oriental cresciam mais e mais, culminando em 476 d. C. com o último imperador do ocidente deposto por um rei bárbaro. Desse ponto em diante, acentua-se gravemente a distinção.

Segundo Jones (2005), com a ruína do império do Ocidente, o conhecimento da literatura grega existente no hemisfério ocidental reduziu-se ao mínimo, seguindo os quase mil anos, praticamente desconhecida a língua-literatura grega. Até mesmo a Bíblia era lida na tradução latina de Jerônimo (iniciada em 380 d. C.). Todavia, explica o estudioso inglês, os gregos continuaram a ler e copiar textos gregos no Império Romano do Oriente, centrado em Constantinopla (a atual Istambul), quase totalmente habitado por grecófonos. Da mesma forma, Manguel (2007), em sua divulgação acerca da fortuna da *Ilíada* e da *Odisseia*, levando em consideração que no século IV “a divisão entre a metade oriental grega [do império romano] e a metade ocidental latina já era mais evidente”, observa que

Intelectualmente, o Oriente considerava essencial o estudo tradicional dos clássicos gregos e latinos; no Ocidente, a erudição clássica era julgada parte integrante das crenças pagãs. Portanto, enquanto Homero continuava a ser publicado, estudado e lido em Constantinopla, em Roma ele praticamente desapareceu da memória dos leitores. (MANGUEL, 2007, p. 75)

Do lado helenofônico, contudo, ainda no final do Império Romano o mito de Troia inspirou escritores a comporem obras acerca do tema. Young (1948) elenca dentre eles Filóstrato (séc. III.), Quinto de Esmirna (séc. IV), Trifiodoro (meados do séc. V), Coluto (séc. V) e João Tzetze (1110-1180). Do primeiro da lista, temos a obra *Heróico*, um diálogo entre

um marinheiro fenício e um viticultor trácio cujo conteúdo é o relato da peleja troiana. O viticultor conta ao marinheiro que o fantasma de Protesilau, herói grego morto no assédio a Troia e cuja tumba não ficava muito longe do local onde o trácio trabalhava, visitara-o e contara-lhe histórias sobre os demais heróis. De acordo com Young (1948), o texto de Filóstrato busca evidenciar personagens que foram, de certa forma, negligenciados por Homero e faz críticas diretas ao autor da *Ilíada* por ter misturado elementos miraculosos a fatos reais, de haver feito Mito o que era História. Quinto de Esmirna, por outro lado, está mais próximo da tradição de Homero. Seguindo a linguagem homérica, sua obra *Posthomérica* em 14 livros conta do funeral de Heitor, onde a *Ilíada* havia acabado, até os naufrágios causados por Atena e Poseidon aos gregos. Na opinião de Young (1948), a grandiosidade de Homero e de Virgílio está ausente no poema de Quinto, pois é o realismo que toma o centro da narrativa. Trifiodoro compôs um poema em hexâmetro, um *Saque de Ílion*, no qual, além do relato ortodoxo do mito adiciona a fundação de Roma. Também em hexâmetros compôs Coluto o seu poema em 394 versos intitulado *O rapto de Helena*, o qual gira em torno da união de Páris e Helena, desde o casamento de Peleu e Tétis até a chegada dos jovens a Troia. O mais tardio dessa lista, João Tzetze, escreveu uma *Iliaca*, um poema em 1676 hexâmetros que se divide em Ante-homérica, Homérica e Pós-Homérica e cobre desde o nascimento de Páris até a partida grega pós-vitória sobre os troianos. Em adição a esse autor bizantino, cabe recordar João Malalas, Costantino Manasses e George Cedreno, todos cronógrafos bizantinos. Malalas (por volta do século IV) pretendia em sua *Crônica* escrever em 18 livros a história do mundo desde sua criação até a vida e feitos de Justiniano, ocupando-se da Guerra de Troia no quinto livro. Por sua vez, Manasses (por volta do século XII) escreveu uma crônica em verso, o seu *Breviário de História*, que conteria o período desde o começo do mundo até a morte do imperador bizantino Nicéforo III Botaniate, ocupando a Guerra de Troia os versos 1107-1473 dessa obra. Também escreveu Cedreno (entre os séculos XI e XII) um *Breviário de história*, porém em prosa, no qual a Guerra de Troia ocupa os parágrafos 216-237.<sup>52</sup>

Do lado latinofônico, Highet (2015) afirma que a cultura grega fora totalmente subtraída, retornando ao Ocidente efetivamente apenas centenas de anos depois, quando da

---

<sup>52</sup> Esses autores bizantinos encontram em italiano uma introdução e tradução parcial em *L'altra iliade*, sob coordenação de Emanuelle Lelli (2015). Esse monumental e riquíssimo estudo foca na Guerra de Troia nos textos em latim e em grego mais propagados durante o fim do Império Romano e início da Idade Média no Ocidente e Oriente. Abarca, assim, *Ephemeris belli Troiani* e *De Excidio Troia Historia* e trechos selecionados dos textos bizantinos. A tradução parcial dos textos bizantinos efetuada pelo grupo de estudiosos se refere à parcela em que se narram os episódios do mito troiano e que têm relação com as duas obras em latim. Desconhecemos, até o momento, tradução das referidas obras bizantinas em língua portuguesa.

ameaça turco-otomana à cidade de Constantinopla, o que fizera com que os eruditos gregos começassem no século XII d. C. a fugir para o oeste levando consigo manuscritos.

A Europa Ocidental tomou conhecimento de Homero nessa época, obviamente, porque os autores romanos o mencionavam com frequência (a *Eneida* de Virgílio era uma espécie de *Ilíada-Odisseia* romana). Foi uma época palpitante para os eruditos da Itália, quando os gregos começaram a chegar com grandes obras das quais já tinham ouvido falar, mas nunca haviam lido. (JONES, 2005, p. 36)

O latim, que havia tido uma sorte completamente diferente, sobrevivera graças à proliferação na derivação de outras línguas (as línguas românicas), mantendo seu prestígio como língua erudita, e também graças ao apoio da Igreja Católica que assumia para si a identidade de “descendência espiritual do Império Romano” (HIGHET, 2015, p. 10), que conservava a língua romana como estandarte dessa herança. As obras escritas em latim, na Antiguidade, chegavam ao conhecimento da Europa até a Idade Média sem dificuldades. O tema troiano, portanto, passara a ser conhecido no Ocidente prioritariamente por obras que o veiculavam em latim.

Nesse meio tempo de ostracismo do idioma grego no Ocidente, como alternativas para a leitura do mito troiano, ao lado de autores latinos como Virgílio e Ovídio,<sup>53</sup> surgem na literatura latina, como observado, traduções, versões e adaptações das obras de Homero que, segundo Landa (2004), não apenas derivam do material homérico, mas também do material do Ciclo Épico, cujas epopeias, como já se comentou, apresentariam um caráter dialógico em relação a Homero. No entanto, na opinião de Landa (2004), no período medieval, a herança do Ciclo Épico deveria ser combinada não com o próprio Homero, mas com as traduções e os resumos latinos de suas obras. Generalizando, essas obras apresentam a história ligeiramente romanticizada, visam a corrigir algumas inconsistências em Homero (a atitude dos troianos em relação a Helena, por exemplo) e tendem a humanizar a história e a acrescentar o quanto possível de lógica ao enredo (LANDA, 2014). A simplicidade da *Ilíada Latina* leva Haight (1947) à hipótese de ter sido ela elaborada para ser um livro escolar. No nível do estilo é simples, plano, fluido e rápido, exhibe poucos adornos, alguns apóstrofos, algumas perguntas retóricas e muitos discursos diretos, mas nenhum deles longo; na dicção apresenta reminiscências de vários poetas latinos, como Virgílio, Ovídio e Lucrécio, usando o

---

<sup>53</sup> As obras ovidianas e a *Eneida* de Virgílio eram conhecidas parcialmente (COUMERT, 2005) e por apresentarem o mesmo caráter que as obras homéricas, a saber, a soberania dos deuses e a focalização de partes, e não o todo, do mito, essas obras latinas não satisfaziam “o interesse da alma medieval de conhecer toda a história de Troia, do início ao fim” (PROSPERI, 2011, p. 47). O mesmo desinteresse ocorrerá, como aponta Coumert (2005, p. 4), com textos latinos curtos que foram inspirados em Homero: *Ilias Latina* e *Excidium Troiae*, cuja disseminação durante a Idade Média teve pouca força.

hexâmetro pós-ovidiano; na sua recitação percebem-se e se salientam a fluidez e rapidez do estilo (HAIGHT, 1947, p. 263). Bêbio itálico em sua tradução da *Ilíada* homérica, tendo possivelmente o ideal didático em mente, teve que proceder em modificações estruturais que não encontram paralelo com a “tradição tradutória” romana, a qual, via de regra, buscava a emulação. Também dividida em 24 livros,<sup>54</sup> a *Ilíada Latina* resume a *Ilíada* de Homero de maneira bastante irregular: alguns episódios recebem abordagem detalhada; outros não, ou são mesmo completamente excluídos. Extremamente condensada, na *Iliada Latina* alguns livros homéricos são resumidos em poucos versos, como os XIII e XVIII. Parece que o interesse de epitomizar a *Ilíada* não se procedeu apenas na sintetização extrema do poema, mas também na acumulação de funções de personagens, como afirma Almeida (2015, p. 41) ao considerar que em algumas passagens “o autor também funde vários episódios em apenas um e, por consequência, atribui a uma mesma personagem ações que em Homero são desempenhadas por personagens distintas.”. Por conseguinte, Almeida (2015) sustenta que Bêbio Itálico resumiu a obra homérica de forma seletiva, mantendo a imitação do aspecto formal do poema grego por meio do uso de fórmulas e símiles. Para ela, seguindo Scaffai (1997, p. 27), o autor da *Ilíada Latina* foi “apenas um modesto representante da poesia épica de cunho classicista” que reelaborou “Homero sem visar a mais do que seus modelos canônicos”, cuja única intenção era “produzir um exercício de tradução poética do grego, sem deixar-se envolver em um refazimento de perspectiva total da *Ilíada*.”. O mesmo afirma Haight (1947, p. 262):

O autor não era pretensioso ou ambicioso como Lívio Andronico quando este traduziu toda a *Odisseia* em verso saturniano, ou Cneo Mátió, que traduziu toda a *Ilíada* em hexâmetros latinos, ou Átio Labeão, que traduziu toda a *Ilíada* e a *Odisseia*. Esse Itálico apontou para algo muito mais modesto: apresentar de forma simples aos jovens “a história da divina Troia”.<sup>55</sup>

A condensação também afeta a presença divina, diminuída na narrativa latina. A descrição das disputas entre os deuses é deixada de lado para que tome o centro o progresso da guerra entre os homens (HAIGHT, 1947) e, por vezes, as ações que na *Ilíada* eram de

<sup>54</sup> Almeida (2015, p. 41) alerta que essa divisão tem grande probabilidade de não ter sido feita por Bêbio Itálico, mas, sim, de responsabilidade dos copistas da Antiguidade ou do uso do texto nas escolas (para facilitar a consulta) e considera ser uma adequada justificativa para explicar algumas transições de um livro para o outro que parece acontecer dentro do mesmo verso e pelo fato de nem sempre respeitar a divisão homérica. Consideramos que qualquer divisão da obra, na realidade, não fomentaria equivalência perfeita com o poema homérico, pois, como observa a estudiosa, Bêbio Itálico troca a ordem de alguns eventos, sobretudo na parte final, mais resumida.

<sup>55</sup> “The author was not pretentious or ambitious as was Livius Andronicus when he translated the whole of the *Odyssey* into Saturnian verse, or Cn. Matius who translated the whole of the *Iliad* into Latin hexameters, or Attius Labeo who translated all the *Iliad* and the *Odyssey*. This Italicus aimed at something far more modest: to present in simple form to the young ‘the tale of Troy divine.’”

responsabilidade ou de iniciativa de um deus, no poema latino são unicamente atribuídas ao humano (ALMEIDA, 2015).

Outra obra de caráter de epítome é *Excidium Troiae* (*A Queda de Troia*) obra em prosa, de autoria anônima, datável por volta do VI século, que pode ser dividida em três partes segundo seu conteúdo: i) versão clássica da Guerra de Troia, desde o casamento de Peleu e Tétis até a morte de Aquiles; ii) Queda de Troia e um resumo detalhado das andanças de Eneias; e, por fim, iii) um relato bastante breve da fundação de Roma e de sua história inicial (ATWOOD & WHITAKER, 1944, p. xi). Todavia, conforma-se radicalmente à tradição clássica de Homero e Virgílio quanto a eventos e elementos constituintes, como os deuses, aparentando ter, assim como a *Ilíada Latina*, um fito didático.

#### 2.3.4. A Guerra de Troia nas crônicas troianas e suas relações hipo e hipertextuais

Diferentemente dos textos que epitomizaram ou traduziram a herança da épica mitológica, duas obras em prosa representaram maior influência na literatura posterior de mito troiano, configurando-se verdadeiramente elo entre a Antiguidade e a Idade Média. Na contramão da conformação com a tradição homérica, as anônimas *Ephemeris belli Troiani* (*Diário da Guerra de Troia*) e *De Excidio Troiae Historia* (*História da destruição de Troia*), dos séculos IV e V respectivamente, apresentam-se ambas como tradução de originais gregos<sup>56</sup> que foram traduzidos para o latim por um romano: Lúcio Septímio, no caso de *Ephemeris*; Salústio Crispo, em *De Excidio*. Os textos originais supostamente teriam sido escritos por soldados que batalharam na Guerra de Troia: Díctis, cretense, no caso de *Ephemeris*; um frígio Dares, em *De Excidio*. Sendo supostamente contemporâneos de Aquiles, Agamênon, Páris Alexandre e Heitor, teriam sido partícipes da guerra e tomado ciência e nota dos fatos em primeira mão. Em tom espirituoso, Landa (2004) escreveu que a recepção desses textos teria maior sucesso pelo fato de serem "testemunhas oculares" em vez de "ficções de um cego", fazendo referência à tradição de um *caecus Homerus*. De certa forma, na recepção, esses textos criariam uma expectativa de desenvolverem sua matéria de modo mais sóbrio e factual, em ordem lógica, concebida com pouca ou nenhuma ambição literária, à semelhança de um *commentarius*, o que parece efetivamente ocorrer, pois, segundo Merkle (1999, p. 131-132), coerentemente, ambos os textos são escritos em uma prosa

---

<sup>56</sup> O original grego foi confirmado para *Ephemeris*, mas não para *De Excidio*. Contudo, a ficcionalização do narrador em primeira pessoa e o caráter pseudo-histórico, que ainda será estudado neste trabalho, não devem ser assumidos como equívoco. Há um original grego, sim, mas ele é de um autor anônimo do século I ou II de nossa era e não um soldado contemporâneo à peleja entre aqueus e troianos.

despretensiosa e algumas características de seus supostos autores os aproximam de historiadores críticos, como a descrição dos seus métodos historiográficos e outras informações relevantes, seja de cunho histórico-cultural, como ocorre em *Ephemeris*, seja de cunho estatístico, como se dá em *De Excidio*. Além disso, em nenhuma das duas narrativas os deuses atuam de modo personificado e o heroísmo se mantém na escala humana regular, aspecto que se opõe à tradição épica.<sup>57</sup> Para Merkle (1999), *Ephemeris* e *De Excidio* são textos que se propõem a tratar dos eventos de maneira mais objetiva, como verdadeiras “crônicas de guerra”, em vez do modo poético de como Homero e a tradição que o segue tratam o material troiano.

Quanto ao conteúdo narrado, ambas as obras buscam a totalidade dos eventos. *Ephemeris* inicia-se com o rapto de Helena por Alexandre, a origem da guerra e a formação da expedição grega e termina com a conquista e destruição de Troia e o regresso dos gregos à terra natal. Já *De excidio* inicia a sua narração com os acontecimentos relativos à expedição argonáutica e sua escala em Troia, onde os argonautas tomam Hesíone como prisioneira. Como somente em seguida é narrado o rapto de Helena, esse enredo dá outro significado à contenda entre gregos e troianos, e o litígio passa a ter uma outra causa, anterior ao do rapto da esposa de Menelau, que teria ocorrido como uma resposta de Troia ao rapto de Hesíone. Dessa forma, a culpa primeira dos célebres eventos bélicos recairia sobre os gregos. A narração de Dares prossegue com a viagem dos gregos a Troia e termina com a conquista e destruição da cidade troiana pelos gregos e a partilha dos prisioneiros entre os vencedores. Por fim, *De Excidio* ainda faz um balanço da guerra.

A estrutura principal dessas narrativas é a gesta bélica. O cenário é todo marcial.

Após a declaração de guerra, lemos sobre sacrifícios e preparativos, de travessias e desembarques, sobre batalhas e tréguas para o enterro dos mortos, sobre cercos, sobre as recém-criadas negociações para a paz, sobre a traição e sobre desastre, sobre a queda final de Troia, incêndio criminoso, assassinato, saque e depois sobre volta para casa. (HAIGHT, 1947, p. 266)

São os pormenores, o cotidiano do soldado que sofre a ação da distância e a nostalgia

---

<sup>57</sup> A esse respeito, digno de nota da produção épica romana é a *Farsália*, de Lucano. Enquanto Ênio e Névio compuseram suas obras com base nas suas próprias experiências de guerra, mas convencendo-as ao gênero épico por meio do amálgama do universo divino e humano e Virgílio, por outro lado, produziu uma ilusão de fusão entre mito e história por meio do revestimento poético sobre os fatos reais, Lucano, ao expurgar o mito clássico convencional, "faz épica a história de homens realmente históricos" (DE CARVALHO, 2001, p. 100). Ao que pese ausência do elemento maravilhoso, não faltam, contudo, elementos religiosos na épica de Lucano. Segundo Medeiros (2012), Lucano não se exime de apresentar os deuses em sua narrativa pela descrição dos ritos, mas, pelo contrário, por intermédio dessas cenas ele expressa consciência estética e religiosa e firma a necessidade da virtus, da fides e da pietas, conceitos que tiveram na *Eneida* de Virgílio a sua mais firme propaganda. Assim, em uma perspectiva transtextual (GENETTE, 2010), pode-se considerar Lucano um hipertexto de *Ephemeris* no que tange à forma de expressão e como um precursor na transformação dos elementos épicos, principalmente acerca do aparato divino, em direção a elementos prosaicos.

da pátria e dos parentes que é narrada de modo sóbrio, sem aprofundamento filosófico ou psicológico, apenas na superfície das ações. Os motivos que movem os indivíduos em um embate de tamanha magnitude nessas narrativas não são os desígnios dos deuses, apesar de o *Fatum* ser inelutável, mas o espírito humano, a luxúria pela beleza da mulher, a sede por riqueza e a ganância desenfreada pelo poder. Em *Ephemeris* e em *De Excidio* não há um herói focalizado ou um núcleo específico sobre o qual se centraliza, mas, sim, alguns personagens principais (de um lado, os comandantes gregos, os príncipes e anciãos troianos, as mulheres; de outro, massas disformes e sem face, que se nomeiam da mais variada forma, seja turba, exército, linha de frente, povo) têm relevo na narrativa. É o confronto entre uma coletividade contra outra.

Comparando *Ilíada Latina*, *De Excidio* e *Ephemeris*, observam-se alguns pontos de convergência e divergência nas características, como comenta Haight (1976, p. 269):

A pequena *Ilíada Latina*, com seu estilo simples e suas linhas fluidas, cumpre seu propósito óbvio como um sumário de histórias heróicas. O *De Excidio Troiae*, alegando ser história, mostra-se estéril e monótono em repetições incolores, estatísticas manipuladas e propriedades fisionômicas, embora seja estimulado por certas racionalizações irônicas, desmacaramento de heróis e um esqueleto de uma trágica história de amor. *Ephemeris* de Díctis apresenta em grande estilo uma imagem em movimento (um cinema) de uma cidade sitiada, seus líderes, seus cultos religiosos, suas batalhas e suas tréguas, suas histórias humanas, suas lutas entre a família real e as pessoas comuns, seu último lance e o efeito subsequente da vitória sobre os vencedores. Heterogêneo como seu material é, indefinido como é o tema, *Ephemeris belli Troiani* é, mesmo em nossa versão latina reescrita, uma abordagem romântica precoce significativa para o relato de Troia.<sup>58</sup>

A abordagem romântica e o tema bélico serão os dois elementos mais bem recebidos no espírito dos literatos medievais. *Amor et militia* (amor e guerra), contudo, sempre estiveram patentes na história da Guerra de Troia e nessa ordem mesmo: o amor que leva à guerra. No entanto, cada vez mais se acentuou o papel do amor, e cada vez mais ele passou a ser o foco nas narrativas posteriores. As crônicas troianas de Díctis e Dares são responsáveis por transformar a matéria que a tradição troiana greco-romana tratava de modo mitológico a um só tempo por dois vieses: por um lado, deu feição categórica de história; por outro,

---

<sup>58</sup> “The small Latin Iliad with its simple style and its flowing lines fulfills its evident purpose as a reader's digest of heroic stories. The *De Excidio Troiae*, claiming to be history, proves barren and dull in colorless repetitions, doctored statistics, and physiognomical profiles, enlivened though it is by certain ironic rationalizations, the debunking of heroes, and a skeleton of a tragic love story. The *Ephemeris* of Dictys presents a moving picture (a cinema) in the grand style of a besieged city, its leaders and its women, its religious cults, its battles and its truces, its human stories, its struggles between royal family and common people, its final overthrow, and the subsequent effect of victory on the victors. Heterogeneous as its material is, undefined as is the theme, the *Ephemeris Belli Troiani* is, even in our rewritten Latin version, a significant early romantic approach to the tale of Troy”

romancizou os personagens. Desse modo, essas obras fornecem principalmente uma espécie de crítica do épico homérico. No entanto, deve-se ter cautela ao usar somente Homero como pedra de toque. Como apontamos com a presente trajetória pela literatura de mito troiano mediante alguns autores selecionados (e sem sermos exaustivos), a Guerra de Troia sobreviveu sem Homero ou a par dele. Não que se negue a Homero os louros que lhe são próprios, como um dos monumentos da literatura ocidental, mas o fato crucial é que ele pode ser entendido também como mais uma das inúmeras referências literárias em se tratando da narrativa troiana, mesmo constituindo ele a maior. As crônicas troianas de Díctis e Dares travam estreita relação não só com Homero, mas com toda a tradição épica, lírica e dramática grega e romana que as antecederam. No contexto medieval, mesmo que Homero estivesse disponível, os leitores teriam preferido as obras pós-clássicas (LANDA, 2014).

Consoante Peinado (2015), e reiterando afirmação de Landa (2004), consideramos que *Ephemeris* e também *De Excidio* sofrem grande influência do ciclo épico de tema troiano, principalmente para a narração dos eventos que antecedem e sucedem a *Iliada* e a *Odisseia*; aos eventos centrais da guerra e ao retorno do herói Ulisses segue a Homero; outras fontes também se entreevem na narrativa de *Ephemeris*, como a virgiliana *Eneida* (principalmente nos ecos verbais e sobre o evento da mutilação de Deífobo, que em nenhuma outra parte se lê) e tragédias gregas, como a *Oresteia* esquiliana, *Filoctetes* sofocliana e *As Troianas*, *Andrômaca*, *Hécuba* e *Ifigênia em Áulis* esquilianas (PEINADO, 2015, p. 419-446). Seguindo a Griffin (1907), acrescentaríamos a *Biblioteca* de Pseudo-Apolodoro, Plínio, Ovídio, Higino, Filóstrato, como fontes possíveis das crônicas troianas. Quanto ao *De Excidio*, como retrocede e narra a saga argonáutica e o rapto de Hesíone, incluem-se dentre suas fontes, além do próprio Homero para o catálogo das naus e façanhas bélicas centrais e os autores supracitados, Apolônio de Rodes, Higino e Dracôncio (*De Raptu Helenae*). No entanto, Griffin (1907, p. 5) supõe que o autor de *De Excidio* deve ter seguido algum compêndio ou resumo escolar tal é o seu caráter “vago e fugidio”.

De toda forma, e não nos estendendo aqui mais nas características formais dessas obras, cabe enfatizar que as crônicas troianas não são apenas resultado da prosificação de Homero ou do Ciclo Épico de tema troiano, mas são obras que lidam com toda a “memória” do mito troiano. Segundo Merkle (1999), consideramos que as inovações e o jogo literário que *Ephemeris* e *De Excidio* propõem, referentes à tradição poético-mitológica, só poderiam ser apreciadas por aqueles que conhecessem o mito troiano.<sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> O conhecimento do mito troiano, por exemplo, é por Petrônio satirizado na *Cena Trimalchionis* (LIX), quando Trimalquião, bufão como é, explica a encenação dos homeristas de modo todo equivocado, misturando



Grande sucesso obtiveram as crônicas na transmissão do conteúdo troiano pela Idade Média. Segundo Griffin (1907), as obras tiveram esferas de influência diferentes: Dícitis ao Oriente, Dares ao Ocidente. *Ephemeris*, simpático aos gregos e de afastamento menos radical da tradição antiga, tornou-se o porta-voz natural do Oriente, onde a influência grega prevaleceu, onde, inclusive, ainda permanecia um contato escolástico com Homero. Nesse contexto, em sua versão grega, *Ephemeris* influenciou principalmente os cronistas bizantinos, como Malalas em sua *Cronografia. De Excidio* prevaleceu em influência no Ocidente latino e totalmente desconhecido no Oriente grego.<sup>60</sup> Na parte latinófona, graças a seu caráter filotroiano, teve maior projeção, pelo fato de a promoção do que chamamos “mito troiano de fundação”,<sup>61</sup> o desejo dos reinos europeus de, assim como fez o romano, derivar sua origem da linhagem da mítica Troia. Nesse sentido, a leitura e tradução das crônicas troianas ganhou popularidade. A primeira tradução conhecida dessa linhagem é a irlandesa *Togail Troi*, versão livre composta no século X (DOS SANTOS, 2016). No século XII em terras islandesas produziu-se uma versão intitulada *Trójumanna Saga* e em terras alemãs uma *Der Götterweiger Trojanerkrieg*, atribuída a Wolfram von Eschenbach. Ao lado das traduções, encontram-se também adaptações da obra em latim, como a anônima *Historia Troiana Daretis Frigii* (1150), em hexâmetros latinos e a versão de José Iscano, *Frigii Daretis Ylias* (1190).

Por outro lado, há autores da Europa medieval que tomaram as duas crônicas em suas versões latinas como um par inseparável, aproveitando aquilo que cada uma oferecia de matéria. Da leitura conjunta de *Ephemeris* e *De Excidio*, conhece-se o célebre *Roman de Troie*, de Benoît de Sainte-Maure, escrito em meados do séc. XII. Com a extensão de mais ou menos 30 mil linhas, a história começa com o relato sobre a navegação argonáutica em busca do Velocino de Ouro. Os argonautas aportam em Troia para saqueá-la, raptando nessa oportunidade a irmã de Príamo, Hesíone. Em resposta, os troianos mandam uma expedição

---

personagens de outras narrativas míticas e criando relações casuais inexistentes na narrativa troiana, como o casamento de Aquiles com Ifigênia ser motivo da insanidade de Ajax. A graça e o riso nessa passagem do *Satíricon* só se efetuará pelo conhecimento prévio e em consonância à tradição do leitor acerca da narrativa tradicional do mito.

<sup>60</sup> O que corrobora a ideia da inexistência de um original grego.

<sup>61</sup> Esse aspecto é importante na transmissão da história da Guerra de Troia nos povos medievais. Possivelmente seguindo a consolidação que na *Eneida* se fez da sobrevivência de Eneias à devastação em Troia e a sua fuga da cidade em chamas, suas subseqüentes desventuras no mar, a chegada a terras estrangeiras e a fundação de uma Nova Troia. Essas narrativas de fundação normalmente servem à reivindicação e afirmação da autoridade política do novo povo via remissão a um tempo e uma descendência heróicos. Consideraram-se descendentes troianos, por exemplo, os godos (*De origine actibusque Getarum*, de Jordanes, século VI), francos (*Crônica*, de Fredegário, século VII), os turcos (na citada obra de Fredegário e reafirmada na islandesa *Edda* em prosa ou *Heimskringla*, de Snorri Sturluson, século XIII), os bretões (*Historia Regum Britanniae*, de Godofredo de Monmouth, século IX), os normandos (*De moribus et actis primorum Normanniae ducum*, de Dudon de Saint-Quentin, século XI), os saxões (*Rerum Gestarum Saxoniarum*, de Viduquindo de Corvey, do século X) e também fundações de cidades europeias, como Genebra, Xanten (que ainda hoje é popularmente chamada de “pequena Troia alemã”) e Reims (cujos nome e fundação viriam do romano Remo, descendente de Eneias).

que acaba por arrebatara Helena, dando assim o início à guerra. Essa sequência, a mesma seguida em *De Excidio* (pois no prólogo do poema, Benoît afirma remeter-se a Dares seguindo a tradução latina de Cornélio Nepos), tira dos troianos a culpa primeira da eclosão da guerra. A narrativa do poema descreve a queda de Troia e, em seguida, o retorno das tropas gregas à terra natal, fechando o relato com a morte de Ulisses pela mão do seu próprio filho com Circe, Telêgono. Como este último episódio não consta na narrativa de *De Excidio*, certamente apoiou-se no relato de *Ephemeris*. Benoît declara explicitamente que, mesmo cheio de cultura e talento, o relato homérico do assédio à cidade troiana não era verdadeiro, porque nascera muitos séculos depois da guerra.<sup>62</sup>

Em justificativa do uso desses dois textos como fontes para o poeta francês, Highet (2015) supõe que, tanto *Ephemeris* quanto *De Excidio*, tinham atrativos: eram fáceis de ler se comparados a Virgílio; em ambos há uma ampla gama de incidentes; enfatizavam, de certa forma, o amor; e mantinham fora do centro os deuses, o que agradava o novo público, composto de indivíduos cristãos que rechaçavam os deuses não-cristãos. Apesar de reclamar de alguns problemas de composição, Highet (2015) considera o poema *Roman* extremamente popular e importante por ter reintroduzido a história e a lenda clássicas na cultura europeia, espalhando-as pelo mundo escolarizado.

Amplamente traduzida e imitada, a obra *Roman* serviu de base, apesar de não nomeadamente declarada, para o autor siciliano Guido de Columnis compor a sua *Historia Destructionis Troiae*, na segunda metade do séc. XIII. Guido ganha mais popularidade<sup>63</sup> na camada erudita europeia, segundo Highet (2015), porque escrevera em latim, língua ainda internacional e mais prestigiosa que os “romances”. A partir de Guido e Benoît as relações hipertextuais que se iniciaram nas crônicas troianas se complexificam. Sobre essa concatenação de influências que se alonga, Vega e López (2001, p. 151) completam que:

[...] a cadeia segue complicando-se e acrescentando novos enlaces. Um exemplo visível de tal progressiva complicação sublinha-o Highet [em *A tradição clássica*] com luminosa espirosidade: uma vez que o *Roman* foi traduzido para o latim por Guido, e a obra de Guido traduzida novamente para o francês por Raoul Lefreve em 1464 com o título de *Le recueil des hystoires*

<sup>62</sup> Essa afirmação se encontra também no prólogo de *De Excidio*, atribuído ficcionalmente a Cornélio Nepos: “[...] *utrum verum magis esse existiment, quod Dares Phrygius memoriae commendavit, qui per id ipsum tempus vixit et militavit, cum Graeci Troianos obpugnarent, anne Homero credendum, qui post multos annos natus est, quam bellum hoc gestum est.*”

<sup>63</sup> Gotérrez (2010, p. 336) anota que o sucesso de Guido se observa pelas veersões que recebera pela europa: italiana (1324), alemã (1392), inglesa (século XIV), escocesa (1400-1425), francesa (1464), checa (1468), islandesa (1607), dinamarquesa (1623), etc. O estudioso ainda afirma que, com a chegada da imprensa, a obra de Guido tornou-se uma das mais favoritas até meados do século XVI, cuja primeira edição impressa data de 1477 em Colônia.

*troyennes* [Antologia de histórias troianas], e a obra de Lefevre traduzida para o inglês [por Caxton] (...) e essa tradução foi fonte de Shakespeare para seu *Troilo e Crésida*, diz o autor de *A tradição clássica* que a mencionada obra de Shakespeare é uma “dramatização de uma parte de uma tradução francesa de uma imitação latina de uma antiga ampliação francesa de um resumo latino de um romance grego”. Não há exemplo algum melhor que este de intertextualidade, uma intertextualidade em cadeia; poucos casos mais patentes que nos falem da contínua metamorfose dos temas e da autofagocitose e autorregeneração constante da literatura.

Como se observa, entre as crônicas troianas e Shakespeare há um entremeio pleno de outras obras que abordaram o tema troiano e que são hipertextos daquelas e hipotexto desta. Shakespeare se aproveita da tradição do personagem Troilo, que se iniciou na ênfase dada a ele em *De Excidio*. Enquanto no texto de *Ephemeris* (IV, 9), assim como na *Iliada* (XXIV, 257), ele é apenas mencionado rapidamente, em *De Excidio* (XXIX) o príncipe troiano exhibe coragem bélica ao enfrentar e matar muitos gregos (GRIFFIN, 1907, p. 10, nota 1). Benoît aproveita de Dares essa ênfase e inventa a relação entre Troilo e Criseida/Briseida (LANDA, 2004, p. 6), rompendo com toda a lógica da narrativa tradicional, na qual não há meios de ocorrer esse encontro. Entram em cena, então, Guido, Raoul, Boccaccio, Caxton e Chaucer para que se chegue ao maior dos dramaturgos ingleses. Débito das crônicas troianas, a história de Troilo é o exemplo máximo de elemento não-homérico das narrativas medievais de tema troiano (GRIFFIN, 1908).

A cisão política entre Ocidente e Oriente também tem seu reflexo no âmbito religioso. Enquanto que, no lado grego, continuavam a leitura e o estudo de Homero, no lado latino não só faltavam condições de compreensão do idioma grego, mas também havia uma forte oposição dos cristãos frente a histórias politeístas (THOMPSON, 2004, p. 129). Se Homero e sua obra não foram totalmente eclipsados, deveu-se ao fato de ter sobrevivido na forma da adaptação condensada de Bêbio Itálico, a *Ilias Latina* (CURTIUS, 1979, p. 51).

O mito troiano ainda fazia parte dos estudos da língua latina graças à presença colossal de Virgílio e, ainda, por encontrarem na obra desse autor um paralelo para a grandiosidade da Igreja. Sabe-se da equivocada interpretação da Écloga IV das *Bucólicas* de Virgílio, os cristãos creditam a ela um caráter profético do nascimento de Cristo. Dessa ligação primeira, outras analogias e paralelos entre o poeta foram feitos:

Compararam-se as viagens mediterrâneas de Enéias às do apóstolo Paulo, a fundação da Urbs à da Igreja. Lembrou-se a unificação do Império Romano por Augusto, o soberano de Virgílio, como condição indispensável da missão do cristianismo. A Idade Média não sabia explicar a profecia e o gênio de Virgílio senão transformando-o em feiticeiro poderoso, em herói de inúmeras lendas; em Dante, Virgílio já é o representante da “Razão” pagã, não batizada,

mas “naturaliter christiana” e iluminando todo o mundo latino e católico. Chamaram a Virgílio “pai do Ocidente” (CARPEAUX, 2008, p. 112).

No entanto, a progressiva rejeição do conteúdo não-cristão das origens de Roma, conduziu, frente ao papel fundamental de Virgílio para o ensino do latim, a um abandono do texto virgiliano e a uma recorrência ao suporte de seus comentadores, como os escólios de Donato, como o fez Isidoro de Sevilha ao citar numerosas vezes a *Eneida* usando apenas um tratado gramatical cristão (COUMERT, 2005, p. 400). Assim, a presença da *Eneida* nesse período se mostrou fragmentada.

Mesmo com a *Ilias Latina* e a *Excidium Troiae* se difundindo no início da Idade Média, foram *Ephemeris* e *De Excidio* que se tornaram mais aceitas na perspectiva cristã por apresentarem uma tendência racionalista frente aos deuses épicos (COUMERT, 2005, p. 401), a ponto de Isidoro de Sevilha categorizar, em suas *Etimologias*, Dares como um verdadeiro historiador enquanto a versão virgiliana, uma ficção (YAVUZ, 2015, p. 42). Assim, Díctis e Dares, de personagens fictícios, tornaram-se autores históricos, graças à mentalidade medieval que pouco distinguia “entre realidades materiais e realidades imaginárias: história e lenda se confundem, porque ambas têm a mesma significação alegórica” (CARPEAUX, 2008, p. 187).

Durante o Renascimento, Homero retorna, enfim, à cena do Ocidente, graças ao movimento de recuperação dos clássicos. Foi um processo lento, no qual dois aspectos foram cruciais para o reestabelecimento da língua e da literatura clássica gregas: por um lado, escolares do Ocidente começavam, no século XIV, a aprender grego com viajantes bizantinos que chegavam à Itália e, por outro, o aparecimento de manuscritos no Ocidente trazidos por eruditos partícipes do êxodo de Constantinopla (HIGHET, 2015, p. 16-17). Segundo relata Jones (2005), pode-se marcar a data do retorno de Homero em 1354,

quando Petrarca adquiriu de Nicolaos Sigeros, um grego envolvido na unificação das igrejas ocidental e oriental, um manuscrito contendo os dois épicos homéricos. Naturalmente, não era capaz de lê-los, e escreveu em uma carta: “Homero é mudo para mim, ou melhor, eu sou surdo para ele. No entanto, gosto simplesmente de olhar para ele e, muitas vezes, abraçando-o e suspirando, digo: ‘Ó grande homem, com que entusiasmo te ouviria’”

Lourenço (2005, p. 55) completa relatando que Petrarca, frustrado por não conseguir ler o poema em grego, “[...] encomenda uma tradução latina a Leôncio Pilato, a primeira de várias traduções renascentistas. Por fim, em 1488, vem a lume, na Itália, a primeira edição impressa da *Iliada*.” Com a tradução em mãos, mesmo que uma tradução latina pobre, apenas Petrarca e Boccaccio estavam familiarizados com Homero no ocidental século XIV (LANDA, 2004, p. 11). Em sequência a Homero, novos textos gregos vieram sendo redescobertos na primeira metade do século XV. Giacomo d'Angelo da Scarparia trouxe a público textos de

Aristóteles, Platão, Ptolomeu. A *Ilíada* foi impressa em Brescia em 1474 e apareceria em outra edição em 1497. Mais comum no Renascimento foram as edições gregas em textos bilíngues dispostas lado a lado, versão grega e tradução latina, o que se explicaria pelo fato de existir ainda dificuldades de assimilação do grego. O papel dessas traduções, portanto, como supõe Landa (2004), era auxiliar a leitura, motivo pelo qual eram razoavelmente literais. Landa (2004) enxerga nisso uma vantagem para Homero, pois com traduções para o latim dessa natureza mantinham-se livres da elegante retórica neoclássica da época, que definitivamente não era homérica. No século seguinte, um novo passo na recuperação de Homero: neste século, traduções das obras homéricas aparecem pela primeira vez em vernáculos, como italiano, espanhol, francês, alemão e inglês. Tornando acessível em grego, latim e em vernáculos, e uma vez recuperados textos gregos que comentavam Homero (como Heráclito, Porfírio, estóicos, neoplatônicos e alguns patriarcas) e o tratavam alegoricamente, os textos homéricos serão pelos modernos interpretados também pelo viés alegórico, seguindo a tradição desses textos gregos antigos reencontrados, como o fez Boccaccio em sua *Genealogia dos deuses pagãos* (1364). Os textos de Homero eram (e são) facilmente passíveis a abordagem alegórica, segundo Landa (2004), por tratar principalmente de duas metáforas possíveis para a vida humana como um todo: a guerra e a jornada. Considerem-se, também, os elementos concretos nos poemas que se prestam à alegorização, como as intervenções dos deuses, os nomes dos personagens, as parábolas frequentes em seus discursos. Estava fortemente se reestabelecendo o profundo interesse pela tradição homérica, em questão de forma e conteúdo.

Com as obras homéricas novamente disponíveis, pouco a pouco reassumiram o lugar primordial de fonte para o mito troiano e em consequência *Ephemeris* e *De Excidio* foram descentralizadas. Homero e seu mais sofisticado seguidor, Virgílio, em seus textos originais sobrepujam a tradição troiana que carregavam os textos de Díctis, Dares, Benoît, Caxton e demais (YOUNG, 1948, p. 72). Segundo Movellán Luis (2015) e Prospero (2014), já com o fim da Idade Média, Díctis e Dares perdem autoridade, embora permanecessem lidos, estudados e apreciados<sup>64</sup> e, com efeito, desde o século XVIII, com a exposição do erudito Jacob Perizonius, passou-se a considerar essas obras trabalho de “falsários”.

---

<sup>64</sup> Prospero (2014) afirma que o humanista italiano Coluccio Salutati (1331-1406) usava *Ephemeris* e *De Excidio* como fontes documentais e literárias apesar de abordá-los com reserva em relação à veracidade.

### 3. ANÁLISE DE *EPHEMERIS BELLI TROIANI*

Na parte 1 desta Dissertação, destacamos dois fatores principais que colocaram em risco a continuidade da tradição da matéria troiana: a divisão do Império Romano em 395 d. C. entre Ocidente e Oriente e o estabelecimento do cristianismo como a religião oficial do Império Romano.

A crescente desagregação entre leste e oeste ressaltou a proeminência de Homero no lado grego e, no lado latino, a de seu maior epígono, o romano Virgílio, estabelecendo um interesse filo-helênico de um lado e do outro, filotroiano (o que se replicou na popularidade literária de *De Excidio Troiae Historia* e de *Ephemeridos Belli Troiani* durante a Idade Média na parte ocidental). As crônicas troianas, ao contrário dos modelos épicos virgiliano e homérico, contavam de modo simples, objetivo e com totalidade, os eventos da Guerra de Troia, além de prescindir de ações de seres divinos e de descrever heróis como se fossem semideuses. Essas obras gozaram de grande prestígio entre os cristãos medievais por terem essa abordagem mais sóbria e em que confiavam mais, dado seu caráter historiográfico no trato da Guerra de Troia. Além disso, por não apresentarem os deuses personificados, esquivavam-se da forte censura da Igreja cristã.

A popularidade do tema troiano no tocante às crônicas atribuídas a Díctis e Dares, como vimos, dará origem a versões medievais de cunho romântico-cavaleiresco acerca da história de Troia, como o poema em francês *Roman de Troie*, de Benoît de Sainte-Maure, que introduziu personagens épicos antigos no mundo do amor cortês medieval e trouxe uma história antiga contida nas línguas clássicas grega e latina para a língua vulgar francesa com o fito de tornar conhecida essa narrativa para aqueles que não conheciam aqueles idiomas (*illetterati*). As crônicas troianas tornaram-se fonte primordial porque, além do despojamento dos deuses, trazem, forjado em sua narrativa, um narrador em primeira pessoa e uma narração de verniz histórico, em razão do que, foram elas, na Idade Média, ingenuamente promovidas a documento histórico. Nesse sentido, alinham-se *Ephemeris* e *De Excidio* a um contexto em que uma forte corrente revisionista buscava corrigir por meio da racionalização as incoerências de Homero e Virgílio no que tange à narrativa troiana.

Muito embora essas crônicas tenham representado grande impacto cultural e literário no período medieval, quando do retorno dos textos gregos originais, Homero retoma o espaço central, e sua complexidade poética ofusca a simplicidade deliberada dessas crônicas, transformando-as de simples em simplórias. Os *veriores texti* sobre a Guerra de Troia tornam-se obsoletos e desautorizados como História. De qualquer forma, já não mais impactavam os

literatos, pois o interesse dos estudiosos desviara-se das fontes históricas, da comprovação da verdade, para a beleza poética e para a potência da imaginação artística. Quando o povo não mais precisava se inscrever na esteira da História do Mundo, o que faziam por meio do “mito da fundação”, ligando sua gente a linhagens mítico-heróicas troianas, restava buscar a permanência pela transcendência, pelo cantar do próprio povo e vislumbrar horizontes mais próximos das terras pátrias.<sup>65</sup>

Propomos para esta parte do estudo uma análise de *Ephemeris belli Troiani* no tocante à sua estrutura, com o fito de detalhar as características gerais que apontamos brevemente na primeira parte deste trabalho. Muito ao contrário do que à primeira vista se pode julgar, a relativa simplicidade e a falta de literariedade da obra não são, ao nosso ver, defeitos estritamente ligados à habilidade do autor, mas, pelo contrário, efeitos produzidos pela estruturação certamente não aleatória da obra. *Ephemeris*, assim como *De Excidio*, foi alvo de algum desprezo desde o final do século XV por ter sido considerada uma obra sublitéria.

Para além da questão da transmissão do mito troiano, na qual essas obras representam, por um lado, uma tendência de racionalizar o enredo mítico e, por outro, uma inclinação a torná-lo mais romântico, o estudo de *Ephemeris* deixa ainda mais patentes relações formais entre os gêneros epopeia, historiografia e romance antigos.

### 3.1. Autoria, datação e contexto histórico-literário

O estudo de *Ephemeris belli Troiani* tem uma particularidade no que tange ao seu contexto, datação e autoria, qual seja a bifurcação em obra latina (chamaremos *Ephemeris*) e obra grega (chamaremos *Ephemeris grega*). O texto atribuído a um romano chamado Lúcio Septímio é apresentado como uma tradução para o latim de um texto escrito originalmente em grego. Foi o texto latino que nos chegou primeiro e que foi computado entre as obras antigas em prosa. Por muito tempo, com acesso apenas à fonte latina, diversos estudiosos questionavam-se sobre a existência de um “original” em grego, acreditando alguns que o texto de Septímio era único e que sua apresentação como tradução não passava de uma “fraude” ficcional, um jogo literário. Os que defendiam a existência do texto grego observavam, na prosa latina, reverberações da tradição grega e consideravam textos de outros autores gregos que citavam Díctis e seu relato sobre a Guerra de Troia. A discussão apenas teve fim efetivo

---

<sup>65</sup> A história do Rei Artur, por exemplo, que encarna a Grã-Bretanha em sua defesa contra a invasão dos saxões por volta do século VI teve sua estreia em Godofredo Monmouth. Na sua obra *Historia Regum Britanniae* (*História dos reis britânicos*) Brutus, fundador da Britânia, é cotado na linhagem de Eneias. Dessa forma, na raiz do Ciclo Bretão estaria o elemento troiano.

quando começaram a surgir fragmentos de papiros contendo um texto em grego comparável a porções do texto latino de *Ephemeris*. Uma vez confirmada a existência do texto grego, e que o texto latino era, de fato, uma tradução, a atenção da crítica voltou-se para a comparação entre um e outro texto e para o estabelecimento do contexto em que cada versão surgira.

Dessa forma, parece-nos adequado tratar também e primeiramente do texto grego e em seguida do latino.

### 3.1.1. Texto grego

O texto latino em seu prefácio assinado por um romano de nome Lúcio Septímio é apresentado como uma tradução livre de um texto original escrito por um soldado cretense alistado no exército que assediou Troia. Por muito tempo, a crítica do texto latino, assumindo-o como uma “falsificação literária”, oscilou entre a valorização e a desvalorização do seu estilo.<sup>66</sup> O seu modo despojado de ornamentos, direto e claro era entendido por alguns comentadores como intencional para a construção de um caráter histórico. Mesmo com esse entendimento, durante o iluminismo, a falta de ambição literária foi responsável pelo desmerecimento de *Ephemeris* (MOVELLÁN-LUIS, 2015, p. 14). Para os novos intelectuais, se essa obra era uma falsificação, não servia como testemunho historiográfico (nem como atestado dos fatos narrados, nem como amostra do gênero), logo teria que ser tomada no âmbito literário; contudo, as características que a inclinavam para uma obra historiográfica ao mesmo tempo a afastava da instância literária, o que a deixava desprovida, também, de interesse literário. Segundo Movellán Luis (2015), a partir da *Dissertatio*<sup>67</sup> de Jacob Perizonius, deu-se efetivamente início à crítica desfavorável do relato de Díctis para, em seguida, ser posto à margem dos estudos literários e filológicos como um *unicum* entre as obras produzidas no período imperial. Resistia, no entanto, a preocupação, isolada e pontual, em torno da existência ou não do original grego. Ao longo do século XIX foi essa a discussão que manteve *Ephemeris* na perspectiva acadêmica. Somente com o trabalho de Nathaniel E. Griffin, publicado em 1907, *Ephemeris* volta a ser, de certa forma, reavaliado. Também nesse ano se encontrariam os primeiros indícios de um texto grego compatível com a versão latina de *Ephemeris*, o que posteriormente traçaria novas circunstâncias para a discussão em

---

<sup>66</sup> Griffin (1907, p. 2, n.1) explica que o estilo de *Ephemeris* se localizaria entre as opiniões de Barth, para o qual vislumbra no texto uma eloquência antiga, e de Dederich, para quem o estilo parece vicioso. A latinidade de *Ephemeris*, para Griffin, certamente é inferior aos modelos da Antiguidade, mas consideravelmente superior ao seu par *De Excidio*.

<sup>67</sup> Publicada como introdução à edição de 1702 de Ludovico Smids e reproduzida nas edições de Artopoei de 1825 e de Dederich de 1837.



questão. Não tendo ainda o fragmento da *Ephemeris grega* em mãos, Griffin (1907) considerava que o tópico era controverso e, em sua revisão do assunto, o estudioso apontava que a oposição radical das opiniões dos críticos era muito bem ilustrada pelos juízos antagônicos proferidos por Gerhardus J. Vossius (1624), que em *De Historicis Graecis*, III.428. supunha um Dícitís grego, mas, três anos depois, em *De Historicis Latinis* III.742. retratou-se: *Quisquis auctor est ejus operis, Latine, non Graece scripsit* (“quem quer que seja o autor dessa obra, escreveu em latim, e não em grego”). A mesma tendência havia sido seguida, em linhas gerais, durante todo o século 17.

A busca pelo original grego era dúbia e vacilante. Duas teorias, portanto, sobre a origem de *Ephemeris* concorreram: de um lado, sustentava-se que não haveria um modelo grego do qual o texto latino proviesse; do outro, defendia-se a hipótese da origem grega para *Ephemeris*. Griffin (1907) explana essas duas correntes. A teoria da existência do texto grego baseava-se nas numerosas diferenças marcantes nos termos com os quais o tradutor Septímio e escritores bizantinos posteriores referem-se a Dícitís, assim como as variações entre a *Ephemeris* latina e as obras bizantinas e, ainda, na presença, em *Ephemeris*, de elementos gregos, como o tema, as fontes e os nomes. A partir da outra teoria, levando em consideração a mesma relação entre Septímio e os bizantinos, chegou-se a considerações opostas: a concordância fundamental, em todos os detalhes essenciais, no modo empregado por Septímio e os Bizantinos para citar Dícitís, a semelhança básica entre o texto latino e os textos bizantinos, e, principalmente, a presença em *Ephemeris* de exemplos inconfundíveis de uma imitação estilística de Salústio, Virgílio e outros autores latinos demonstravam que o texto latino era, para todos os efeitos, o original. No entanto, Griffin (1907) relata que Jaspar Barth (1624), cotejando Septímio e as versões bizantinas, considerou impossível elas derivarem do texto latino, podendo terem se baseado, no mínimo, em uma tradução para o grego do texto latino de *Ephemeris*.

Nos anos finais do século XVII, como observa Griffin (1907), a visão de Barth foi parcialmente aceita e ampliada por Ulrich Obrecht. Em sua edição de *Ephemeris*, em 1691, apontou que as semelhanças entre as duas tradições, a de Septímio e a dos bizantinos, nada mais eram que provas da existência de um texto-base comum. Seguiram e defenderam essa hipótese editores e comentadores de *Ephemeris* como Fabricius (1697), Perizonius (1702) e Dederich (1837) e, quase sem hesitação, os vários historiadores literários da primeira parte do século XIX, tais como Dunlop (1816), Schoell (1830), Bernhardt (1842), Cholevius (1856) e Ghassang (1862). A inexistência do texto grego, sustentada principalmente pelo argumento da imitação latina, parecia refutada ao se considerar que um tradutor naturalmente se usa do

repertório literário e linguístico de sua própria língua para construir a tradução de um texto fonte. Diante dessa possibilidade, a dependência de um original grego ganhava o assentimento absoluto dos críticos.

Contudo, Dunger (1869) e outros renovaram a ênfase na originalidade latina de *Ephemeris*. Ainda baseados fortemente no argumento da imitação de autores latinos e revendo a questão da semelhança entre Septímio e os bizantinos, para a qual acrescentam que a proximidade entre as duas tradições se atestariam tanto pelo uso e citação de palavras e autores latinos quanto, e mais especificamente, pela alusão de Eudócia<sup>68</sup> a Septímio. Para esses críticos, o Díctis e o texto a quem se refeririam os bizantinos não passavam de criações de Septímio. Já para as diferenças entre as tradições, os críticos, em discordância entre si, apontavam ou para uso de fontes diferentes ou para criação deliberada dos escritores bizantinos.

Um novo exame da questão ocorre em 1892, com Noack e Patzig. Comparando as *Éclogas* e Cedreno com a *Ephemeris* latina, os autores descobriram que a mais antiga versão bizantina de Díctis era, na sua forma original, um texto muito mais longo e elaborado do que se supunha até o momento; na verdade, superava constantemente a *Ephemeris* latina em abundância e plenitude de tratamento. Assim, demonstrou-se a falsidade da conclusão de Dunger, a qual supunha que Malalas obteve seus registros sobre Díctis diretamente de Septímio, pois o texto comparado com Septímio por Dunger era a versão resumida do romano contida no excerto de Malalas, preservado no MS de Oxford (cf. p. 45), que concordava em geral com as partes correspondentes de Septímio. Noack e Patzig usaram uma reprodução mais completa do original encontrado no trecho das *Éclogas*, que apresenta o texto de Malalas em uma versão que frequentemente excede as porções correspondentes da *Ephemeris* latina.

Esses fatos, explica Griffin (1907), impossibilitava a derivação direta dos textos bizantinos a partir do texto latino de Septímio. Aliada a isso, caberia a explicação de Gudeman (1894), autor que considera o recurso de falsificação histórica como aquele empregado em *Ephemeris* mais próprio da mentalidade grega do que da romana. Griffin (1907, p. 18), concordando com a opinião do crítico, afirma que “relatos de falsificações baseadas em ficções similares [a essa de *Ephemeris*] são abundantes na literatura grega, mas eles são desconhecidos na literatura dos romanos.”<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> Elia Eudócia, imperatriz-consorte romana do oriente e esposa do imperador Teodósio II, foi importante figura histórica da ascensão do cristianismo nos primórdios do Império Bizantino, que escreveu os seus *Centos homéricos*, conjunto de poemas de temática mitológica que mistura a mitologia grega e a judaico-cristã.

<sup>69</sup> “Reports of forgeries based upon similar fictions abound in Greek literature, but are unknown in the literature of the Romans” (GRIFFIN, 1907, p. 108).

Após sua revisão, Griffin (1907) alinha-se em defesa da existência do original grego, argumentando que os textos bizantinos certamente basearam-se em um texto originalmente em grego bem mais remoto que o latino, cuja prova seria, com efeito, as diferenças entre os usos dos escritores bizantinos, o que demonstra uma série de modificações e recensões que o texto original grego de *Ephemeris* teria sofrido. Por fim, a inexistência material do texto grego, supõe Griffin (1907), deve-se ao fato de que, uma vez conservado pela tradução latina e pela recensão bizantina, o texto acabou por perecer, talvez por ter se tornado de leitura prescindível.

No mesmo ano de 1907, em que Griffin<sup>70</sup> publica sua defesa da origem grega para *Ephemeris*, Grenfell, Hunt e Goodspeed publicam, em Londres, no volume II número 268 de Tebtunis, o primeiro papiro encontrado da “*Ephemeris Grega*”. A dúvida, finalmente, foi sanada, já que agora era uma realidade material inconteste.

Além da confirmação da existência de um original grego, o achado confirmou três outras questões que a crítica aventava: 1) Septímio havia feito mesmo uma tradução; 2) os escritores bizantinos como Malalas e Cedrenos em suas histórias sobre a Guerra de Troia em larga escala derivaram de fato da *Ephemeris grega*; e, por fim, 3) o texto grego não é mais rico que o texto latino.

O primeiro fragmento, Ptebt.268, foi então publicado em 1907 por Grenfell, Hunt e Goodspeed em Londres e conservado na Biblioteca Bancroft da Universidade da Califórnia em Berkeley. Datável por volta do século III d. C., o conteúdo do papiro corresponde ao livro IV. 8-15 da *Ephemeris* de Lúcio Septímio<sup>71</sup> e a numerosas passagens também com os escritores bizantinos, como Malalas, Cedreno, Manassés e a obra intitulada *Éclogas*. O segundo papiro foi o POxy. 2539, publicado em 1966 por Barns, Parsons, Rea e Turner e conservado na Biblioteca Sackler em Oxford. Datável entre os séculos II-III d. C., seu conteúdo (apesar do estado lacunoso) corresponde ao livro IV.18<sup>72</sup> da *Ephemeris* latina. Em 2009 mais dois papiros foram publicados por Hatzilambrou, ambos encontrados em Oxirrínco e conservados na Biblioteca Sackler em Oxford. O POxy. 4943, datável provavelmente na

---

<sup>70</sup> Griffin, de posse do achado, publica em 1908 em *The American Journal of Philology* um artigo dedicado ao novo papiro e ao “*Díctis grego*”.

<sup>71</sup> Conteúdo referente aos seguintes episódios: derrota troiana no campo de batalha, captura e decaptação de Licaón e de Troilo, filhos de Príamo; estabelecimento de trégua; emboscada de Alexandre e Deífobo contra Aquiles; morte de Aquiles; lamento e luta pelo cadáver de Aquiles; Ajax prepara um sepulcro para Aquiles; chegada de Neoptólemo, filho de Aquiles, ao acampamento grego.

<sup>72</sup> Conteúdo referente aos seguintes episódios: o envio dos ossos de Eurípilo; Crises declara que o troiano Heleno vive no templo Apolo por causa da injúria cometida por Alexandre; os gregos enviam Diomedes e Ulisses para conduzir Heleno até os navios; ele explica aos gregos o motivo de sua estadia no templo.

primeira metade do século II d. C., corresponde ao livro II 29-30 da obra latina.<sup>73</sup> Entre os autores bizantinos, a correspondência do conteúdo do papiro só se confirma em Cedreno e em Tzetzes. O Pox. 4944 corresponde aos capítulos finais do livro V, 15, 16 e 17 da versão latina de Lúcio Septímio.<sup>74</sup>

Peinado (2015), avaliando que se pode, a partir das datações dos papiros, considerar que cada um deles pertence a uma cópia diferente da *Ephemeris grega*, motivo pelo qual não se tem fragmentos de uma mesma edição, conclui que o texto original de *Ephemeris* tinha uma tradição aberta e que certamente teve muita repercussão em sua época e nas posteriores pela forma como apresentava a Guerra de Troia, o que fez com que ela tivesse numerosas edições. Pelo POxy 4943, o mais antigo papiro sobrevivente da *Ephemeris grega*, datado do século II d.C., tem-se um limite objetivo para datar o autógrafo da obra em uma época que seria em torno do final do primeiro século ou início do segundo século. Peinado (2015), investida na edição e no estudo linguístico dos papiros, chegou a algumas considerações importantes para datar a obra original. Apesar de afirmar que os fenômenos linguísticos não podem fornecer informações exatas porque os papiros são muito fragmentados, a autora percebe que, no nível morfológico, o uso frequente dos tempos do presente e aoristo, do modo indicativo, das formas de participípio e o abundante número de verbos compostos de preposição são, de certa forma, caracterizadores da obra como um diário de guerra. O mesmo se perceberia no nível da sintaxe, na qual se encontram orações simples, de estilo paratático e de estilo καὶ;<sup>75</sup> em questão nominal, segundo a pesquisadora, não se observa evolução em respeito ao grego clássico no que tange ao emprego de locuções preposicionais em lugar de casos oblíquos sem preposições. Dessas observações, Peinado (2015) infere que o autor seria culto e que manteve a correção gramatical e a estrutura clássica dos textos narrativos. No nível semântico, a terminologia empregada pelo autor apresenta ecos de obras da tradição clássica, sobretudo a trágica e a historiográfica<sup>76</sup>. As questões estilísticas reforçariam a

<sup>73</sup> Conteúdo referente aos seguintes episódios: o sacerdote de Apolo Crises retorna para casa sem conseguir recuperar a filha e uma praga, que é considerada proveniente do deus a que servia, estende-se sobre o exército grego como punição à ofensa a Crises.

<sup>74</sup> Conteúdo referente aos seguintes episódios: a disputa entra Ajax, Diomedes e Ulisses pelo Paládio; a morte de Ajax; os retornos dos heróis gregos; a explicação do narrador Dictis acerca de sua origem, função e sua obra.

<sup>75</sup> Uso abundante da conjunção coordenativa καὶ, de significação ampla “e, também, mas, ainda, isto é, ou seja”, usado frequentemente para marcar o início de uma frase. Interessante observar o artigo de Consuelo Ruiz Montero (1982) no qual ele analisa o “estilo καὶ” no romance de Xenofonte de Éfeso e considera que é uma marca de oralidade e seu uso uma espécie de “mímese” da modalidade oral. Considera, em outros momentos, a preferência da parataxe para obras em prosa como recurso retórico, principalmente no gênero romanescos, citando o *Asno* de Pseudo-Luciano como exemplo da língua grega e as *Metamorfoses* de Apuleio, da latina.

<sup>76</sup> Como exemplo peculiar, Peinado (2015) cita a semelhança entre *Ephemeris grega* em POxy. 4943 nas linhas 9-10 “καὶ ἄρχεται μὲν τὸ κακὸν ἀπὸ τῶν...” que recordaria Galeno em *De tumoribus praeter naturam* 7.714.3-4: “ἐξ αὐτῶν ἐκείνων πρώτον ἄρχεται τὸ κακόν”. Galeno é do século 130 ao 200 d. C., portanto contemporâneo

datação da *Ephemeris grega* no início do século II d. C.

Peinado (2015), ainda sobre a datação do texto grego original, afirma que haveria três níveis de datação: 1) a fictícia da composição, 2) a fictícia do seu (re)descobrimento e 3) a real datação de sua composição.

A datação fictícia da composição do texto se encontra, principalmente, nos paratextos do texto latino, epístola e prólogo, e também no “prólogo” tardio, o *sphragis*, em que Díctis se identifica como autor ao final do livro V da *Ephemeris* latina, parte que consta no fragmento POxy 4944.

Na epístola de Septímio a Quinto Arádio Rufino lê-se:

*Ephemeridem belli Troiani Dictys Cretensis, qui in ea militia cum Idomeneo meruit, primo conscripsit litteris Punicis [...]*

Díctis Cretense, que serviu com Idomeneu nessa campanha, redigiu um diário da Guerra de Troia, primeiramente em letras púnicas [...].

Já no prólogo anônimo, com um pouco mais de detalhe:

*Dictys, Cretensis genere, Gnosio civitate, isdem temporibus, quibus et Atridae, fuit, peritus vocis ac litterarum Phoenicum, quae a Cadmo in Achaiam fuerant delatae. Hic fuit socius Idomenei, Deucalionis filii, et Merionis ex Molo, qui duces cum exercitu contra Ilium venerant, a quibus ordinatus est, ut annales belli Troiani conscriberet.*

Houve um Díctis, cretense de origem, da cidade de Cnossos, contemporâneo dos atridas, versado na linguagem e letras fenícias, as quais foram trazidas por Cadmo à Acaia. Ele foi aliado de Idomeneu, filho de Deucalião, e de Merião, filho de Molo, que, como comandantes, vieram com seu exército contra Ílion, dos quais recebeu ordem para redigir os anais da Guerra de Troia.

Criando a narrativa que servirá de moldura para a narração da Guerra de Troia em *Ephemeris*, os prefácios informam que havia, na época em que estourara o conflito entre gregos e troianos (por volta do século XII a. C.), um soldado de Creta chamado Díctis, da companhia de Idomeneu, que tinha como responsabilidade tomar nota dos eventos da empreitada bélica, o que fez usando o alfabeto fenício. Essa datação é, sem dúvida, pura ficcionalização.

No livro V,17, no encerramento, deste modo se apresenta Díctis em primeira pessoa:

*Haec ego Gnosius Dictys comes Idomenei conscripsi [...]. Igitur ea, quae in bello evenere Graecis ac barbaris, cuncta sciens perpessusque magna ex parte memoriae tradidi. De Antenore eiusque regno quae audieram retuli.*

---

do autor da *Ephemeris grega*, o que viabiliza a consideração de que podiam conhecer um a obra do outro, mas, por outro lado, impede que se decida qual entre os dois é o modelo do outro.

Essas coisas, eu, Díctis de Cnosso, companheiro de Idomeneu, redigi [...]. Portanto, aquilo que na guerra aconteceu com os gregos e com os bárbaros, conhecendo tudo e tendo passado por grande parte, confiei à memória. Acerca de Antenor e de seu reino o que havia ouvido reporteie.

Do mesmo modo, em POxy. 4944, fr. 1.III 93-95 e 105-8:

ταῦτα δὲ ἐγ[ὼ] συνεγραψάμην,] Δίκτυ[ς] Κνώσσι[ος, Ἰδομενεῖ] συνεπ[ό]μενος [. . . . .] . . . τὰ μὲν οὖν συμβ[άν]τα τοῖς Ἑλ[λη]σι καὶ τοῖς βαρ[βάρ]οις πάν[τα] εἰδὼ[ς] ἀ[ὐ]τὸς συνεγραψάμην.

Eu, Díctis de Cnosso, compus isto acompanhando Idomeneu... Assim, portanto, ao conhecer todos o acontecimentos imprevistos para os gregos e para os bárbaros, eu mesmo os compus.<sup>77</sup>

Outro ponto, tão fictício quanto essa datação da composição, é a determinação da época em que o texto teria sido descoberto. Ficcionamente, após ter sido escrito por Díctis durante a Guerra de Troia, o diário foi com ele enterrado e só séculos depois encontrado, como se lê tanto no *Prólogo* quanto na *Epístola*.

*Verum secutis temporibus, tertio decimo anno Neronis imperii, in Gnoso civitate terrae motus facti cum multa, tum etiam sepulchrum Dictys ita patefecerunt, ut a transeuntibus arcula viseretur. Pastores itaque praetereuntes cum hanc vidissent, thesaurum rati sepulchro abstulerunt. Et aperta ea invenerunt tilias incognitis sibi litteris conscriptas [...]. (Eph. Prol.)*

Tempos depois, porém, **no trigésimo ano do principado de Nero**, houve na cidade de Cnosso um tremor de terra tão forte que fez o sepulcro de Díctis se escancarar, expondo o cofre à vista de quem por ali passasse. Pastores, pois, que transitavam, como o vissem, arrebatarem-no do sepulcro acreditando ser um tesouro. E, tendo-o aberto, encontraram tília redigidas com letras estranhas para eles.

O mesmo aponta Peinado (2015) nos escritores bizantinos:

- Malalas, *Chronographia*. V 29.4-5: ἡύρέθη ἐπὶ Κλαυδίου Νέρωνος βασιλείῳ
- Aretas, Dio Chrysostomus. Or. XI 92.6: εὔρέθησαν χρόνῳ μακρῷ ὕστερον ἐπὶ Νέρωνος

Outra proposta seria durante o reinado de Cláudio: Mal., Chron. X 28. 59: τῷ δὲ ἤγ' ἔπει τῆς βασιλείας τοῦ αὐτοῦ Κλαυδίου Καίσαρος.;Sudas: ἐπὶ Κλαυδίου.

E uma última proposta, conciliadora, seria durante o reinado de Cláudio e Nero: Éclogas. Ist. II 221.20-21. ἐπὶ Κλαυδίου καὶ Νέρωνος εὔρέσθαι βασιλείων.

Considera-se que essa datação fictícia do “(re)descobrimento” do texto seja, na realidade, a época em que a obra efetivamente foi composta. Ou seja, a datação real da composição, que estaria, segundo as propostas dos críticos, na passagem entre o século I e o século II d. C. Peinado (2015) informa que, antes do descobrimento dos papiros, já Perizonius

<sup>77</sup> Tradução a partir de Peinado (2015, p. 249): “Yo, Dictis de Cnosos, compuse esto acompañando a Idomeneo ... Así pues, al conocer todos los sucesos imprevistos para los griegos y para los bárbaros yo mismo los compuse.”

datava a *Ephemeris grega* nos tempos de Nero, enquanto Dederich afirmava ser, com efeito, de data posterior e Gudeman assinalava a datação da obra grega pela metade do século I d. C.

Com a *editio princeps* do Ptebt. 268 em 1907, explica Peinado (2015) que os editores do papiro encontram no verso, o próprio Ptebt.268, o texto de *Ephemeris* enquanto o recto, o Ptebt. 340, apresenta algumas contas que são datáveis em 206 d. C., acrescentando que o uso do verso do papiro com o texto de *Ephemeris* não é muito posterior, uma vez que poderia corresponder à primeira metade do século III d. C. e que é uma cópia do original grego. Assim, a referência ao reinado de Nero não deveria ser absurda. Portanto, eles chegam à conclusão de que, ao se tomar como *terminus post quem* o ano 206 d. C. e as evidências paleográficas apresentadas pelo papiro, a datação da composição do original grego poderia ser estabelecido não mais longe que 200 d. C.

Quanto à data da composição do texto grego, Griffin (1908) afirma que as variações ocasionais no fragmento daquilo que devemos supor ter sido a forma original do relato de Díctis servem para corroborar a visão geralmente aceita de que a *Ephemeris grega* foi composta logo após o reinado de Nero. Com a publicação em 1966 do segundo papiro, o POxy 2739, os seus editores confirmaram a datação do Ptebt. 268 e dataram o novo papiro por volta da mesma época que o recto de Ptebt. 268, 206 d. C. ou até mesmo antes (PEINADO, 2015, p. 253).

Eisenhut supõe ser mais precisa a datação do original grego na sétima década do primeiro século de nossa era, partindo da data de 250 d. C. que os editores príncipes da Ptebt. 268 oferecem como *terminus ante quem* e da datação de POxy. 2539 antes do Ptebt. 268. Em sua edição de *Ephemeris*, afirma: “*Dictym Graecum septimo decennio saeculi primi post Christum natum compositum esse me certum habeo (...), Septimum autem saeculo quarto libros translatos edidisse vix a vero abhorreat*” (“Parece-me certo que o Díctis grego foi composto no sétimo decênio dos primeiros séculos d. C.”) (EISENHUT, 1969, p. 119). Esse intervalo de tempo, de praticamente três séculos, permitiria, em tese, a chegada do texto grego às mãos do romano Septímio. Peinado (2015) afirma que a maioria dos estudiosos, como Frazer, Fry e Merkle, aceitam um hiato que se estenderia do ano 66 d. C. até o 250 d. C., sendo o primeiro número referente à data ficcional do descobrimento do texto durante o reinado de Nero (*tertio decimo anno Neronis imperii*) e o segundo, à datação do Ptebt. 268., que, refinada, atualiza-se para 206 d. C., segundo o *terminus ante quem* oferecido por seus editores com vista à margem de tempo médio de reutilização do verso do papiro de cerca cinquenta anos.

Por outro lado, Peinado (2015) reporta estudiosos que tentaram justificar a datação

empregando outros critérios: Champlin, considerando o estilo “severo” dos papiros, propõe como período os finais do século II e o primeiro decênio do século III, na época do imperador Septímio Severo, afirmando que o relato ou fora composto ou circulara nesse tempo, estando assim mais próximo da *Ephemeris* latina; Timpanaro situa a composição na época dos Antoninos (96-192); Merkle, desconsiderando a referência temporal ao reinado de Nero, para ele mera ficção, data-a em período posterior; Marcos Casquero, no entanto, retoma a hipótese do período neroniano e assinala que haveria a possibilidade do manuscrito ter sido entregue a Nero durante viagem a Grécia, validando a datação nessa época, e acrescenta que a obra estaria em ambiente que deu origem à Segunda Sofística, um tempo mais antigo que o proposto por Vicente Cristóbal, que, baseado em razões de natureza literária, elegia o século II d. C. como berço do original grego; com mais generalidade, Mastronarde aponta como data os arredores do século I d. C.

Com a publicação dos fragmentos mais recentes, no ano 2009, mais uma vez passa a datação por uma revisão. Para POxy.4943 e POxy.4944 os editores apresentavam respectivamente a datação provável na primeira metade do século II e começos do século III d. C. Segundo Peinado (2015), pode supor-se agora que a obra grega tenha sido composta em outro período, pois POxy. 4943 datava-se no século II d. C., o que leva a pensar que a *Ephemeris grega* foi composta nos finais do século I ou início do século II d. C. Seguindo a Gainsford, Peinado (2015) informa que para a *Ephemeris grega* teríamos como um *terminus post quem* a data de 66 d. C., da ficcionalização do descobrimento do texto, ou baseando-se nas considerações de Dowden acerca de Dion Crisóstomo e sua crítica a Homero, a data de 82 d. C. Como *terminus ante quem*, seguindo a Gainsford, propor-se-iam três possibilidades: 1) a datação de POxy. 4943, primeira metade do século II; 2) por uma possível paródia de um episódio de Díctis em *História Verdadeiras* de Luciano (GAINSFORD, 2011) assumindo como limite o ano de 190, data aproximada da morte do autor; e 3) os finais do século I pelas referências de Ptolomeu Queno. Peinado (2015) está propensa a pensar que a primeira proposta seja a mais segura. Ela também observa que Gainsford abandona o terceiro século por não acreditar que o autor da *Ephemeris grega* teria sido devedor de Filóstrato. Para a estudiosa, portanto, é mais plausível que datação do original grego siga mais perto a localização do POxy. 4943 nos começos do século II d. C., possivelmente incluindo-se os finais do século I. Reforça essa datação a natureza literária da obra, já que é perceptível que a escrita de *Ephemeris* está amplamente influenciada pela Segunda Sofística e as características e os recursos literários que apresenta são observáveis em obras da época.

No que tange ao contexto literário, de acordo com Merkle (1999, p. 137), a *Ephemeris*



*grega* se encaixaria adequadamente nesse período do século I e II d. C. porque, por um lado se observa nesse ínterim um crescimento do revisionismo homérico e da ocorrência de relatos da Guerra de Troia em que há uma testemunha ocular dos fatos. A exemplo, citam-se o décimo primeiro discurso de Dion Crisóstomo, o *Heróico* de Filóstrato e uma passagem em *Galo*, de Luciano de Samósata. Por outro lado, localizando a obra no contexto do romance antigo, Merkle (1999) considera que ela se localizaria às margens do gênero, na vizinhança das biografias ficcionais (como *Vita Aesopi* ou o Romance de Alexandre) e as epistolografias, as quais, assim como as crônicas troianas, apresentariam fundamentalmente eventos históricos em forma pseudo-histórica.

A crítica a Homero é um elemento fortemente apontado pelos estudiosos como traço da Segunda Sofística. Seguindo Cristóbal López, Peinado (2015) observa que é difícil ver na *Ephemeris grega* interesse pela expressão linguística e pela prática da retórica típica dos autores desse período (como Suetônio, Frontão, Áulio Gélío, Apuleio, etc.). No entanto, concorda quanto à atitude crítica e revisionista, quanto à busca de novas e impressionantes interpretações e à correção homérica. Bowersock (1997, p. 11) explana que autores do segundo século preocupavam-se com a diferença entre mito e história e que havia a tendência de rever os velhos mitos e de criar “romances históricos”. Havia, segundo o autor, um revisionismo sério de Homero que ocorre durante a maior parte do período do império romano, dentro do qual começam várias tentativas elaboradas de inventar uma perspectiva pré-homérica acerca da narração da Guerra de Troia, dentre as quais são de relevância as crônicas troianas.

A Segunda Sofística, como descreve Movellán Luis (2015, p. 26-27), é um movimento de ressurgimento da oratória grega na parte oriental do Império, que havia diminuído durante a época helenística. Esse movimento, detalha Whitmarsh (2005), impregnou a maior parte dos falantes gregos do Império Romano nos três primeiros séculos de nossa era. O império, explica Movellán Luis (2015), trouxe consigo modificações nas relações político-sociais entre as elites. A aristocracia competitiva da antiga república deu lugar a uma aristocracia de serviço que faz carreira mantendo o entendimento entre os pares. A oratória, que servia para a escalada política, passa a servir como arma para a competição por *status* entre a aristocracia. Ainda segundo a autora, a despeito dos vários tipos de oratória, os temas eram normalmente escassos. Nesse sentido, a recordação do passado histórico terá lugar privilegiado nesse mundo, porque, enquanto os exercícios para aprender eram predominantemente de âmbito fictício ou mítico, as performances (que nesse período constituíam em declamações públicas e discursos oratórios de natureza epidíctica, cuja finalidade era a admiração e respeito do

público) eram prioritariamente de âmbito histórico. Ainda assinala que a impossibilidade de competição, no marco de uma política imperial como a romana, quando também se está na periferia do poder, quando a luta é somente possível em termos de estatuto pessoal, resta apenas “manter aberta uma brecha para a resistência frente ao 'invasor' por meio da recordação do passado glorioso” (MOVELLÁN LUÍS, 2015, p. 27). O tópico histórico, conclui a autora, deveria ser um tema recorrente entre oradores e escritores de diversa índole, pois o único manual para historiadores conservado se escreveu nessa época pelas mãos de Luciano de Samósata, o intitulado “Como se escreve a História”.

Assim como apontou Merkle (1999), Movellán Luís (2015) considera que gênero romance antigo, cujos primeiros exemplos surgem por volta dessa época, está presente na conformação da *Ephemeris grega*. Assim, seguindo Lauwers, Peinado (2015) destaca que nos romances propriamente sofisticados, como os dos autores Longo, Aquiles Tácio e Heliodoro, estão presentes torneios retóricos contemporâneos, o que permite entender que o público tinha noção, ao menos rudimentar, de certos princípios narratológicos e retóricos por assistirem às declamações públicas. Peinado (2015), consoante Whitmarsh (2005), afirma que os discursos públicos, realizados pelos sofistas, poderiam parecer um meio para preservar a classe elitista. O gênero romanescos, que analisaremos com mais cuidado em seção apropriada, traz inovações narrativas, pois a mudança da sociedade não mais acolhia uma abordagem épica. Mudaram-se, principalmente, a relação entre o divino e o humano. O romance como gênero reflete a classe aristocrática, a qual perdera a direção e o poder. Como formula Movellán Luís (2015, p. 28):

A vida tornou-se pura aventura, o protagonista do romance é o naufrago deste destino tempestuoso cheio de avatares e surpresas envolventes. Seu único heroísmo é, afinal de contas, sua natureza paciente em um mundo que não compreende e onde os misteriosos deuses operam.

Ainda sobre a Segunda Sofística e a relação com a temática histórica, Movellán Luís (2015), seguindo a ideia de “crise da posteridade”, de Whitmarsh (2005), a qual se reflete pela sensibilidade daquela época à influência da tradição, afirma, com efeito, que diariamente os habitantes do Império, tanto no Ocidente quanto no Oriente, deparavam-se com edifícios de grande antiguidade e ruínas extremamente vetustas. O passado no presente é, inevitavelmente, atualizado. Assim se dá a tentativa, segundo a autora, de emendar um passado que se tornou incompatível com a moda da identidade local da época, com o fito de criar um novo passado quando o *continuum* histórico sofreu violência ou ruptura. Esse processo, contudo, requer a invenção de inscrições “antigas” ou outras “evidências arqueológicas”. Essa é a base da pseudo-história e da invenção de pseudo-documentos, que, segundo a autora, foram um

fenômeno real e uma importante estratégia política no mundo grego sob o Império Romano. Na recuperação do passado, três tópicos, segundo Movellán Luís (2015), são preferidos na Antiguidade, os quais sejam a Guerra de Troia, as Guerras Médicas e a época de Alexandre. *Ephemeris* escolheu a primeira e conjugou o passado heróico ao desejo histórico.

Antes de passarmos para obra latina, cabe remeter brevemente às observações de Peinado (2015) quanto ao autor e ao título da obra grega.

A autoria é, com efeito, desconhecida. O que se tem é, apenas, a referência a Díctis, nome do narrador em primeira pessoa ou mesmo “autor ficcionado” do romance. O nome de Díctis aparece tanto no prólogo e na epístola do texto latino quanto no corpo do texto latino e grego, como se mostrou. Entretanto, o nome do autor ficcional também aparece nos escritores bizantinos, dentre os quais selecionamos de Peinado (2015) alguns exemplos:

**Δίκτης** ὁ ἐκ τῆς Κρήτης / **Δίκτης** ἐκ τῆς Κρήτης (Mal. Chron.V.10.63)

ὁ **Δίκτης**, ... ἀπὸ τῆς Κρήτης (Cedrenus, Compendium historiarum, 1.223. 4-5)

**Δίκτην** τὸν Κρήτηα (Tzetzes, Chil. V, Hist. 834)

As inferências ou interpretações suscitadas a partir da etimologia do nome de Díctis e de sua origem cretense, terão espaço na seção sobre o narrador. Por ora, é importante observar, junto de Peinado (2015), que o próprio nome Díctis teria sido o título da obra. Essa possibilidade, no entanto, coexiste com outras informadas pelos autores antigos, já que nos papiros não se conservaram o título da obra. Reportamos as referências elencadas por Peinado (2015):

- *Ephemeridem belli Troiani* (Eph. lat., epist. 1) “Diário da guerra de Troia”
- *annales vero nomine Dictys* (Eph. lat., prol. 30-31) “anais sob o nome de Díctis”
- Ἐφημερίς Τρωικοῦ διακόσμου (Ἰλιακά) (Suidas, 1-2) “Diário do ataque contra Troia (Íliaca)”
- ἡ ἔκθεσις τοῦ Τρωικοῦ πολέμου (Malalas, Chron. X 28.60-62) “a história da guerra de Troia”
- τὰ Τρωικά (Schol. in Homeri Iliadem A 108.11) “Troicas”
- ὁ Δίκτης (Sikeliota, Chron., 8.6-8.7) “o Díctis”

Levando essas referências e outras que não citam o título da obra grega, mas a ela fazem referência de algum modo, Peinado (2015) apresenta três inferências: 1) o nome da obra original grega era *Díctis* (Δίκτης), nome do próprio autor; assim, necessitando de maior determinação, os bizantinos teriam colocado o conteúdo de sua obra ao lado do nome de

Díctis; 2) nem Septímio nem os autores bizantinos teriam, de fato, o original grego, mas apenas texto de copista em que não constaria o título; 3) as diferentes maneiras de se referir à obra poderiam ser atribuídas à catalogação duvidosa do gênero como: crônica, romance, história etc., consequência do modo como se constitui a narração dos eventos da Guerra de Troia em *Ephemeris*, a qual se mostra um amálgama de características de gêneros diversos (problema que intriga, ainda hoje, os estudiosos e será analisado nas seções seguintes). Peinado (2015) informa que Eisenhut em seu *praefatio* à versão latina de *Ephemeris* supõe que a obra grega se intitularia Ἐφημερίδα τοῦ Τρωικοῦ πολέμου (“Diário da guerra de Troia”), porém não há confirmação a esse respeito e, parece-nos, o editor certamente “reverteu” o título latino à língua do original. Para Peinado (2015), enfim, é mais provável que o texto latino tenha recebido como título o homônimo de seu narrador-autor e que Septímio e os escritores bizantinos não tinham em mãos uma cópia com título certo.

### 3.1.2. Texto latino

Como observado, por muito tempo a crítica só teve acesso ao texto latino de *Ephemeris*. Griffin (1907) afirma que muito engenho crítico foi aplicado na tentativa de delinear o contexto em que a obra latina se formou. Ele afirma ainda que Dunger acreditava que *Ephemeris* tinha sido escrita em algum momento entre a aparição do *Heróico* de Filóstrato 260 d. C. e a referência mais antiga a *Ephemeris*, por Siriano (c. 400). Griffin (1907) relata que Havet (1878, p. 288) seguiu Dunger nesse último ponto; porém, como essa referência a *Ephemeris* não passa de uma interpolação tardia, segundo Collilieux (1886, p. 12), deveria ser abandonada essa data como limite para a composição de *Ephemeris* latina. Joly (1870, p. 181) traçou um limite que não passaria do quarto século, uma vez que percebe no estilo e no sentimento moral de *Ephemeris* características que não poderiam exceder esse período. Griffin (1907) complementa essa observação acrescentando que, de modo particular, as numerosas imitações estilísticas de Salústio e Virgílio, bem como os ocasionais helenismos e alusões no *Prologus* e *Epistula* a Nero, permitem assinalar ainda um período anterior ao rompimento das relações com o passado literário e, portanto, exatamente dentro do quarto século.

O *Prólogo* também deu a alguns críticos elementos para delimitar o período de composição. Por exemplo, Havet (1878) vê na alusão a *Rutilius Rufus* como *illius insulae tunc consularis*, indício bastante suficiente para estabelecer um período posterior ao reinado de Constantino (que primeiro instituiu o título oficial *consularis*). Segundo essa hipótese, o autor

do texto latino teria se equivocado no uso do termo, pois, no contexto de Nero, Creta e Cirenaica formavam juntas uma única província senatorial administrada por um *procônsul* de posto pretoriano, cuja separação somente se daria sob o domínio de Diocleciano (MOVELLÁN LUÍS, 2015, p. 18). Esse anacronismo, também lido por Champlin (1981, p. 197), explica-se pelo fato de que *consularis Cretae* não é atestado antes da década de 370 e certamente foi uma criação do século IV. Portanto, pareceria, na opinião de Champlin, sólido o quarto século um *terminus ante quem non* para a tradução. Contudo, modaliza o crítico, pode-se argumentar que o termo usado no prólogo *consularis* fosse um termo oficial perfeitamente padronizado para um governador no século II, particularmente se derivado do grego *hypatikos*, como seria usado por um forjador grego desinteressado em sutilezas oficiais. Champlin (1981) considera que o esforço de explicar toda a obra por meio desse ponto específico é improdutivo, haja vista que o Prólogo latino pode ser um acréscimo posterior, como veremos mais à frente.

Havet, no entanto, em decorrência da sua hipótese, chama a atenção para a possível identificação de Quinto Arádio Rufino, destinatário da *Epístola* assinada pelo tradutor Septímio, com um romano de mesmo nome que era *comes orientalis* em 363 d. C.. Outra hipótese de identificação reporta Frazer (1966, p. 10), para qual haveria um *Quintus Aradius Rufinus* que teria sido prefeito de Roma no quarto século de nossa era, mas, mesmo assim, anos antes do reinado de Constantino. Por sua vez, Collilieux (1886, p. 66), que tendia em ver no autor de *Ephemeris* um cristão, encontra no paralelismo marcante entre as histórias da descoberta do corpo de São Barnabé e a do texto de Díctis razão para supor que *Ephemeris* não foi composta antes do ano 478. Essa hipótese, todavia, já modalizada por Griffin (1907), no estado atual dos estudos cai completamente em descrença, já que, para sua efetivação, teríamos que aceitar que fossem o texto e também os paratextos de origem romana. Hoje, com efeito, conhecemos já o original grego. Além do que, como de certa forma já comentamos, mas será tópico de discussões posteriores ainda neste trabalho, há na tradição narrativa referências a objetos/documentos encontrados por acaso. De forma diversa, Körting (1874 *apud* GRIFFIN, 1907), por meio da análise das citações bizantinas, além de assumir a existência de um original grego (que em sua época ainda não se achava provada), determinou para a obra latina também o quarto século.

Por fim, Griffin (1907) chega à conclusão de que a obra latina deveria ter sido composta depois de 250 ou mesmo após 304 e 363, datas das possíveis referências a um Rufino constantes na *Epístola* e no *Prólogo*; seria, segundo o crítico, difícil estar localizado além do século IV, principalmente pelo jogo imitativo de autores romanos que o texto latino

apresenta. Hamilton (1909), resenhando a tese de doutorado de Griffin, faz uma observação importante: se, na ficção do Prólogo há a referência à conservação dos anais de Díctis em uma biblioteca que, por pressuposto, assume-se que seja a de Nero (*Annales vero nomine Dictys inscriptos in Graecam bibliothecam recepit, quorum seriem, qui sequitur, textus ostendit.*), ao mesmo fato Malalas se referiria ao escrever “καὶ ἐν τῇ δημοσίᾳ βιβλιοθήκῃ ἀποτεθῆναι αὐτὰ” (*apud* HAMILTON, 1909, p. 17). Para Hamilton (1909), a exatidão da frase "*Graecam bibliothecam*" é comprovada pela declaração de Suetônio (*Augustus*, 29) de que Augusto acrescentaria ao templo de Apolo um "*porticus cum bibliotheca latina Graecaque*" e a inscrição em relação a um atendente "*ab bybliothece Graeca*" (CLI. vi.5188). Hamilton (1909) informa que essa biblioteca, dividida em duas seções, foi fundada em 28 d. C., escapou ao incêndio de Nero, em 64 e ruiu em 363. Desse modo, conclui-se que *Ephemeris* deveria ter sido composta antes disso ou ao menos antes de se perder a memória da existência de tal biblioteca. Isso caberia, no entanto, à localização do contexto do autor grego, como supomos na seção anterior. As informações do *Prólogo* não servem, contudo, para datar o texto latino, pelo fato de poder ter sido uma tradução de um terceiro sobre um suposto original prefácio/proêmio grego que teria encabeçado o texto grego primordial.<sup>78</sup>

Cameron (*apud* Movellán Luís, 2015, p. 20), já em um período em que os achados resolveram muitas dúvidas das críticas acerca do original grego, observa que o estilo da língua em *Ephemeris* não parece decisivo, já que é uma tradução. Também ele acredita que o Arádio Rufino da *Epístola* é um nome muito comum para atribuí-lo a uma pessoa real e que se deveria analisar a questão do termo *consularis* de outra forma, pois esse nome de cargo seria encontrável nos segundo e terceiro séculos, embora não no quarto, como uma abreviação informal para *legatus consularis*, um governador de um território consular de uma província imperial, como se atesta nas *Inscriptiones Latinae Selectae* I.46 (197/8) *Cl. Claudiani cos. Duarum Pannoniarum*. De qualquer forma, Creta seria uma província senatorial, não podendo ter, por conseguinte, um *legatus*; porém, uma vez mais, recorre-se à cogitação de que os gregos não estariam muito interessados nas questões técnicas dos títulos oficiais romanos, o que facilmente poderia conduzir a tal equívoco. Cameron chega a supor que talvez o autor grego da *Ephemeris* teria vivido em uma província realmente governada por um *legatus consularis* e que utilizou esse título sem qualquer precaução para predicar o homem de Creta. A mesma despreocupação passaria, segundo o crítico, pela mão do tradutor latino que não viu nesse detalhe relevância alguma e o traduziu retamente para o latim. Afinal de contas, como,

---

<sup>78</sup> Ver a discussão desenvolvida em 2.3. Texto e paratextos: o pacto ficcional e labirinto da leitura em *Ephemeris*.

na verdade, tudo era uma ficcionalização, não importaria mais uma.

Movellán Luís (2015), todavia, observa que toda a argumentação desse autor serve para dar base a sua ideia de que o tradutor Lúcio Septímio seria, na verdade, Septímio Sereno, um dos *poetae novelli*.<sup>79</sup> Sustenta-a com a referência (um tanto vaga, ao nosso ver) que se pode ler, no catálogo de manuscritos do Monastério de Bobbio, acerca desse autor e de suas obras: *Septimii Sereni duos, unum de ruralibus, alterum de historia Troiana, in quo & habetur Daretis* (“De Septímio Sereno, dois livros, um sobre coisas do campo, outro sobre a história troiana, no qual se tem [um livro] de Dares”). Para Cameron, como para qualquer um que lance a vista sobre essa sentença, o texto sobre a história troiana tem grande possibilidades de ser *Ephemeris* de Díctis, pois a referência ao nome de Dares aponta para a união temática desses dois autores. Como informa Peinado (2015), o estudioso apoia-se no fato de que apenas o livro que trata dos assuntos do campo, *De ruralibus*, e alguns fragmentos de conteúdo vário são os únicos trabalhos desse poeta; porém, os nomes não conferem: falta o *Lucius* em um e sobra *Serenus* em outro, sendo somente *Septimius* a coincidência entre os nomes dos indivíduos.

Segundo Cameron, Champlin (1981, p. 18) afirma categoricamente que Septímio é Sereno Samônico e elenca três razões para assim crer: 1) o segundo nome *Sammonicus* tem o mesmo epíteto geográfico que o de Díctis (p. 205-206); 2) Septímio e Samônico teriam muito em comum, sobretudo o interesse pela temática antiga (p. 206-207); 3) ao nome Septímio era pós-posto o nome Sereno e, possivelmente, colocava-se Samônico em seguida, para completar a referência (p. 207-208). Apesar do esforço que faz o autor para encontrar testemunhos que sustentem a sua hipótese, Movellán Luís (2015) logo esclarece que os anos oitenta tendiam a datar *Ephemeris* ligando a figura do tradutor a alguma figura de certo renome. Para a autora, contudo, o estudioso colaborou para direcionar a pesquisa no sentido do texto, sem partir dos paratextos, modo como procedeu Griffin (1907) quando analisou a estrutura e a constituição de *Ephemeris*.

Merkle (1999, p. 137) retoma os dois críticos, Cameron e Champlin, e a datação que ambos propuseram para *Ephemeris* (começo do terceiro século), confiados em conectar o texto com a esfera arcaizante de escritores latinos como Gélio e Frontão para, em seguida, desconsiderá-la, pois não haveria, segundo seu ponto de vista, textos latinos daquele período compatíveis. Portanto, propõe o estudioso ser mais adequado encaixar *Ephemeris* no século

---

<sup>79</sup> Por *poeta novelli* se denomina uma corrente poética latina que teria florescido em Roma no século II d. C., caracterizada pelo apreço pelos temas arcaicos, pela retrospectiva, pelo estudo filológico e à propensão ao experimentalismo.

IV pelo fato de, nessa época, observar-se um crescente e produtivo interesse em tópicos históricos. Prova disso, afirma o autor, seria o grande e vasto número de obras latinas e traduções do grego que se produziram nesse contexto, como as adaptações do material de Alexandre, as *Breuiaria* de Festo e de Eutrópio, a *História Augusta* e o *Corpus Aurelianum*. A isso incluía-se que, à semelhança do suposto Septímio, tradutor de Díctis, outros autores do período demonstravam afinidades ao estilo salustiano.

Movellán Luís (2015), por sua vez, aceita a datação proposta e defendida por Merkle e afirma que os dados do Prólogo e da Epístola não dão margens para um refinamento da data, seja porque podem não ser contemporâneos, seja porque se alinham ao interesse literário de “falsificação documental”. Quanto ao procedimento de ligar os nomes de Quinto Arádio Rufino, Rutílio Rufo ou Septímio a pessoas que realmente existiram, parece a ela infrutífero. Quanto à querela acerca do termo *consularis*, a posição de Movellán Luís é de dúvida, pois não acredita haver comprovação alguma de qual teria sido a palavra empregada no original grego. Ainda sobre o termo *consularis*, Movellán Luís (2015) aceita a opinião de Cameron: os gregos da época não teriam muito interesse nos cargos romanos; assim, o emprego desse termo poderia ser um simples erro ou uma simplificação. Acrescentamos ainda, pelos fragmentos hoje recuperados, não existir indício algum do que e de como teria sido o prefácio original; apenas pelo cotejo da *Epístola* septimiana e do *Prólogo* alógrafo entreveem-se seus elementos nucleares no âmbito narrativo.

Desde Griffin (1907), avalia-se que o *Prólogo* é uma tradução tardia desse suposto prefácio grego que encabeçaria o texto original, feita por alguém versado em latim que, de posse dessa porção textual, decidiu ser sua tradução uma introdução melhor à narração de Díctis a despeito da epístola do tradutor romano. Por sua vez, ainda seguindo a hipótese de Griffin (1907), o texto elaborado por Septímio ter-se-ia gestado *de cor*, sem ele ter à mão o texto grego, pois dista bastante em complexidade e em completude quando comparado ao *Prólogo*.

Cabe acrescentar o fato de Peinado (2015), em seu estudo dos testemunhos bizantinos, não encontrar menção alguma ao nome de Septímio, a não ser uma única alusão na *Suda*. Em uma nota dessa obra, atribui-se a Eudócia a referência a um tal Septímio que traduziu para o latim uma obra grega. Contudo, a estudiosa informa ser essa nota apenas uma interpolação tardia por mão desconhecida.

Quanto ao título da obra, é comum a aceitação das primeiras palavras de Septímio em sua *Epístola* para nomeá-la: *Ephemeridem belli Troiani Dictys Cretensis [...] conscripsit*, “Díctis Cretense escreveu um **diário da guerra de Troia**”. O dicionário Faria (1994, p. 197,



col.2) registra o verbete da seguinte forma: **ephēmēris, -īdis**, subs. f. diário, efemérides (Cic. *Quinct.* 57). Com mais detalhe, o dicionário Oxford assim o registra:

<b>ephēmēris</b> ~idis or ~idos, f. [Gk. Ἐφημερίς]
<p><b>1</b> A record of one's daily transactions; esp. A day-book, account-book.</p> <p>Ad ~idem reuertitur; inuenitur dies profectionis pridie Kal.Febr. Cic.<i>Quinct.</i>57; LIB(ertus)...PROC(urator) AB ~IDE CIL.3.536; - scimus non amplius quam terna milia...in singulos menses ex ~ide eum expensum sumptui ferre solitum <i>NEP. Att.</i>13.6; his (sc. tabellis) aliquis rationem scribit auarus et ponit duras inter ~idas PROP. 3.23.20; OV.<i>Am.</i>I.12.25; tamquam ~idem patri adprobaturus SEN.<i>Ep.</i> 123.10.</p>
<p><b>2</b> A calendar, almanac</p> <p>ad siderum motus ex ~ide mathematica cibos dando PLIN. <i>Nat.</i> 29.9; JUV.6.574.</p>

A palavra *ephemeridem* (em alguns editores *ephemerida*) está, certamente, no acusativo e corresponde, no nível da sintaxe, ao objeto do verbo *conscribo*. Para servir como título à obra latina, usou-se trazer a palavra de volta ao nominativo *ephemeris* e manter os seus satélites ainda no genitivo, *belli Troiani*, como estavam. Como era e é comum, em muitos títulos de obras vêm descrito a forma e o conteúdo da obra. No nível histórico, a austeridade e objetividade dava-se desde o título. Intitular a obra como *Ephemeris* adequa-se perfeitamente ao interesse pseudo-histórico a que se presta a obra, principalmente porque, como definimos por meio dos verbetes, a apreensão dos fatos em cadeia lógica parece ser o seu foco. Movellán Luís (2015), a esse respeito, informa-nos que, em época imperial, existiam dois tipos de anotações históricas, *ephemeris* e *hypomnēmata* (ὕπομνήματα), que eram, apesar de distintas, teoricamente símileis no nível genérico-estilístico. Caracterizavam-se por serem relatos pouco formais de feitos históricos ou por serem mesmo diários de guerra registrados em linguagem sem pretensões, basicamente rascunhos que serviriam, no futuro, de matéria prima para historiadores (e, também, poetas). Assim como Merkle (1999), a autora relaciona o gênero *ephemeris* à tradição dos *comentarii*, entre cujos predecessores contam-se Cícero, que teria escrito alguns comentários sobre seus consulados (como se pode deduzir de *Cartas a Ático* 2.1.1), e César e seus *Comentarii de Bello Gallico*, nos quais descreve a Guerra da Gália.<sup>80</sup>

<sup>80</sup> Movellán Luis (2015, p. 52) afirma que os *commentarii* de César surgem de seu hábito de enviar breves relatos de guerra ao Senado.

Por fim, cabem, ainda sobre o título (que conseqüentemente adianta algumas questões do gênero), duas observações. A primeira se liga à figura de Luciano de Samosáta que, em sua obra *Como se deve escrever a história* (*πως δεῖ ιστορίαν συγγραφειν*), descreve alguns procedimentos históricos à guisa de manual e com bastante teor crítico quanto ao gênero histórico. Zanusso (2015, p. 17-24) observa algumas aproximações possíveis entre preceitos luciânicos contidos nessa obra e as características inerentes a *Ephemeris*, em especial quando Luciano cita o gênero *hypomnēmata*.<sup>81</sup> Segundo a autora, a obra de Luciano pode ter servido de inspiração ao autor de *Ephemeris* para escrever nos moldes da historiografia no que tange ao estilo, à dinâmica dos diálogos, à objetividade na narração e à parca presença do mítico, porém, diferindo de seu modelo quanto ao gênero, escolhendo a diarística que era na perspectiva de Luciano um material ainda muito primário carente de elaboração.

A segunda consideração, ainda na tentativa de definição do termo que dá título à obra latina, recorre à explicação de Cizek (1995, p. 16), para quem *ephemeris* (ou mesmo *diarium*) relaciona-se com as memórias como forma de boletim de fatos a serem conservados. O estudioso recorda a definição de *ephemeris* que Áulio Gélío (5.18.6-8) fornece: *Cum vero non per annos, sed per dies singulos res gestae scribuntur, ea historia Graeco vocabulo ἐφημερίκ dicitur*; “Quando os acontecimentos são escritos não ano por ano, mas dia por dia, chama-se essa mesma narração pelo vocábulo grego *Ephemeris*”. A rigor, a nossa *Ephemeris* não é um “diário” exatamente no mais nuclear do gênero, porém dele aproveita a sucessão de ações que se encadeiam em tempo cronológico sequencial.

Em conclusão a essa seção, reforçaremos, em modo de recapitulação, que a obra com a qual estamos trabalhando é, em linhas gerais, uma tradução datável do século IV d. C., feita por um romano chamado Septímio sobre cuja identidade nada podemos afirmar, e que participa de um contexto sócio-histórico-literário ligado a um período em que surge uma variada sorte de trabalhos que vertem para o latim obras gregas de interesse histórico. O texto grego do qual parte a nossa versão latina data do século II d. C.; de autoria anônima e de título dúbio, participa do contexto da Segunda Sofística, época de uma diversidade de obras enviesadas pelo revisionismo da temática antiga, sobretudo mitológico-homérica.

---

<sup>81</sup> “Ἄλλος δέ τις αὐτῶν ὑπόμνημα τῶν γεγονότων γυμνὸν συναγαγὼν ἐν γραφῇ κομιδῇ πεζὸν καὶ χαμαιπετές, οἷον καὶ στρατιώτης ἂν τις τὰ καθ’ ἡμέραν ἀπογραφόμενος συνέθηκεν” (16); “uno che aveva composto un puro e semplice *hypòmnema* degli avvenimenti, scritto in una prosa quanto mai pedestre, come l’avrebbe potuto comporre un soldato che annotasse i fatti giorno per giorno”; “Aquele que tiver composto um puro e simples um diário (*hypòmnema*) dos eventos, escrito em prosa muito pedestre, como haveria podido compor um soldado que anotasse os fatos dia após dia”. (ZANUSSO, 2015, p. 21).

### 3.2. *Ephemeris belli Troiani* como romance, romance como gênero

Se *Ephemeris belli Troiani* é um romance, logo de partida, pode-se indagar: qual tipo de romance?

Dessa mesma indagação serve-se Brandão (2013) quando discute a problemática do conceito no contexto moderno e antigo para designar um dos gêneros narrativos. E a resposta a ela pode ser múltipla, uma vez que a palavra “romance” parece ser um termo “guarda-chuva” que traz abaixo de si um sem-número de “tipos” de romance. Já desde sua denominação, a abordagem do gênero merece certa cautela, já que

Estas reflexões abrem-se intencionalmente com uma interrogação – qual romance? – porque pretendem tomar o gênero “romance” como problema, e desdobra-se, ao situar-se entre “antigos” e “modernos”, no esforço de conjugar a discussão mais teórica, que a primeira formulação carrega, com os vieses que a história do gênero lhe imprime. Nenhum dos três substantivos pretende ter aqui um valor ontológico, mas apenas relacional, de modo que tanto “romance” se entende como um gênero em relação com outros gêneros, quanto “antigos” e “modernos” expressam não mais que situações que se podem aplicar a temporalidades diversas, sem se fechar numa cronologia tradicionalmente pré-determinada, mas que antes se constrói ininterruptamente na sucessão do agora com um antes e um depois. (BRANDÃO, 2013, p. 81)

Não é de se espantar a modulação cuidadosa de Brandão (2013), pois, para muitos estudiosos, o romance não pode receber outra especificação senão moderno. Aguiar e Silva (1968), por exemplo, em sua *Teoria da literatura*, afirma categoricamente que, embora na Grécia e na Roma antigas existissem narrativas de ficção em prosa de certo interesse literário, o gênero romance era, com efeito, “uma das mais ricas criações artísticas das modernas literaturas europeias” (p. 254). Do mesmo modo, Schüller (2000, p. 80) entende que o romance nasce como “testemunha do declínio de um período, a Idade Média” e, podendo “recuar os vagidos dos tempos modernos até o século XII”, segundo a leitura que faz das características desse período do Ocidente, declara, por fim, que o romance é, por excelência, gênero da Modernidade. Nesse sentido, Lukács elegerá como o primeiro romance de envergadura a obra *Dom Quixote*, de Cervantes, e dará ao romance, seguindo Hegel, o título de “epopeia da modernidade”, entendendo-o como fruto da emergente casta burguesa. O estranhamento provocado pela própria denominação do *romance antigo* não é outra coisa senão reflexo do seu anacronismo.

Fato é que, sempre, o fenômeno precede sua denominação, o referido ao referente. A história do termo é, em si, complicada e revela questões culturalmente interessantes. Afirma Brandão (2005, p. 25-29) que o termo *romance* apareceu na Idade Média para designar

narrativas que se escreviam nos diversos *romances*, as línguas rudimentares descendentes do latim vulgar quando do período da romanização do continente europeu. Ilari (1992, p. 50) explica a escala que dá origem à palavra romance: do adjetivo *Romanus* (“romano, de Roma, da Roma antiga”) deriva outro adjetivo, *Romanicus* (“parecido com o romano da Roma antiga, que tem ligações com o romano da Roma antiga, mas não é mais o romano da Roma antiga”) e, deste último, deriva o advérbio de modo *romanice* (“à maneira romana, segundo o costume romano”). Esse advérbio era usado na expressão *romanice loqui*, empregada para indicar os falares que, por sua vez, opunham-se a *barbarice loqui*, que indicava as línguas não românicas dos bárbaros, e também a *latine loqui*, que identificava o falar do latim culto das escolas. Desse advérbio, explica o linguista, surgiu o substantivo “romance” que denominava qualquer composição escrita em uma das línguas vulgares românicas. A palavra “romance”, portanto, não tinha a mesma referência que tem hoje, não designava um único gênero “romance”, mas, na verdade, tudo aquilo que, com a nova realidade linguística, escrevia-se em *romance*, denominação da língua comum e cotidiana de comunicação. O termo ainda não se estreitara para designar um único e específico procedimento, “romance” não era ainda designador de gênero algum. Brandão (2013, p. 81-82) explica que não havia, antes do século XVIII, consenso acerca do que seria considerado “romance como gênero” e que os termos romance/novela e seus correlatos nas línguas espanhola, italiana, francesa, inglesa e alemã não designavam um gênero bem delimitado mas, com efeito, abrangiam textos tanto em verso quando em prosa, tanto de temas heróicos quanto comuns, tanto de intenção séria quanto burlesca. Tinham, apenas, como traços comuns o fato de serem narrativas, identificadas como ficcionais e escritas em língua vulgar. Para Brandão (2013), essa indefinição se enfatiza nos tratadistas entre o Renascimento e o século XVII e sua explicação reside no fato de que esses intelectuais adotavam inteiramente a tríade aristotélica. Aquati (1997, p. 73) esclarece que o romance antigo, como gênero, fica à margem da antiga teorização greco-latina pelo fato de surgir após a *Poética* de Aristóteles e por não contar com os cuidados de Horácio em sua *Arte Poética*, já que essas obras ditaram os interesse e focos nos estudos literários posteriores.

A incúria dos sábios antigos permitiu aos preceptistas quinhentistas cogitarem de que natureza era aquela manifestação literária ainda não denominada e de contornos disformes. Brandão (2013, p. 82), seguindo Muhana (1997, p. 23-25 *apud* BRANDÃO, 2013), cita os *Discorsi dell'arte poetica, e in particolare sopra il poema eroico*, de Tasso, editado em 1587, em Veneza, no qual o escritor italiano busca demonstrar a “equivalência entre a cavalaria e o gênero épico descrito por Aristóteles”, ou em outras palavras, demonstrar “que os *romanzi* não são gênero distinto da epopeia antiga”, entendendo “por *romanzi* (...) os romances de

cavalaria medievais, sobretudo os em verso, italianos, e seus mais recentes exemplares, os de Ariosto e Boiardo”, incluída entre esses a sua própria *Jerusalém libertada*, “composta como uma prova da possibilidade de recriar no romance de cavalaria, enquanto épica moderna, as leis da antiga épica greco-latina”.

Na contramão da identificação que buscava Tasso, a presença dos exemplares romanescos da Antiguidade, por meio das traduções para línguas modernas, permitirá contraste entre os gêneros poéticos tanto na forma (verso/prosa) quanto no conteúdo (ficção/história). Brandão (2013, p. 82) afirma que das narrativas de ficção em prosa antigas têm destaque dois romances gregos que chegam ao conhecimento da Europa ocidental a partir do Renascimento: as *Etiópicas*, de Heliodoro, publicado em grego em 1534 e traduzido para o francês, em 1547, por Amyot, e mais tarde, em 1552, para o latim, e em seguida para outras línguas; e *Leucipe e Clitofonte*, de Aquiles Tácio, traduzido para o italiano em 1546, a partir de um manuscrito mutilado em que faltavam os capítulos iniciais, e adaptado em espanhol, por Núñez de Reinoso, com o título de *Historia dos amores de Clareo e Florisea*, em 1552. Essas obras que diferiam dos romances de cavalaria revelam “um campo novo da poesia, o das ficções em prosa, exigente de uma diversa preceituação”, afirmação de Pinciano em sua obra *Philosophia antiqua poetica* de 1596, na qual chama esses exemplares de “poemas heroycos que non son en metro” (MUHANA, 1999, p. 27 *apud* BRANDÃO, 2013, p. 82). Essa “epopeia em prosa” desviava-se dos preceitos aristotélicos e não encontrava um modelo na épica, motivo pelo qual o português Manuel Pires de Almeida, na obra incompleta *Argumento de Heliodoro* (por volta de 1633), decantará nesse romancista as raízes desse “gênero poético distinto da épica antiga e dos romances de cavalaria”, “deixando de subordiná-lo à épica antiga seja devido ao metro, ou à caracterização dos personagens, seja a qualquer outro elemento da arte poética” (MUHANA, 1999, p. 29-30 *apud* BRANDÃO, 2013, p. 83).

Da leitura de Heliodoro enquanto modelo, conclui-se, segundo Brandão (2013, p. 83), que o novo gênero, isto é, “epopeia em prosa”, “é imitação comum de ação grave, una e extensa, narrada, sem metro, com pensamento ornado”. Ainda segundo o estudioso, não há motivo para se obstar a extensão da denominação romance de forma que se abarquem tanto os exemplares em prosa antigos e medievais quanto aqueles romances produzidos até o século XVII, desde *Dáfnis e Cloé*, de Longo do século II d. C. até *A demanda do santo Graal*, incluindo aí também as chamadas “epopeias em prosa”, dentre as quais estariam *Os trabalhos de Persiles e Sigismunda*, de Cervantes. Assim, “esse reconhecimento não se dá aleatoriamente, mas supõe uma mudança de perspectiva com relação às preceptivas que vão

dos quatrocentos aos seiscentos.” (BRANDÃO, 2013, p. 83).

Embora começassem a se definir fronteiras, mesmo que tênues, para esse gênero, é sabido que o primeiro estudioso a realmente dar um tratamento histórico à questão foi Pierre Daniel Huet ainda nos seiscentos. Em seu prefácio ao romance *Zayde, histoire espagnole* (*Zaíde: história espanhola*), publicado em 1670, Huet dedica-se a uma abordagem histórica que busca a origem do romance. De início, declara onde não está a origem desse gênero:

não é nem na Provença, nem na Espanha, como muitos creem, que se deve esperar encontrar o primeiro começo desse agradável divertimento dos preguiçosos honestos: é preciso ir buscá-lo nos países mais longínquos, e na antiguidade mais recuada (HUET, 1670, p. 4 *apud* BRANDÃO, 2013, p. 84).

E considera o autor que:

Antigamente, compreendiam-se sob o nome de romances não só os que eram escritos em prosa, porém mais frequentemente ainda os que eram escritos em verso. Giraldi e Pigna, seu discípulo, em seus tratados *De Romanzi*, praticamente não reconhecem outros, e dão Boiardo e Ariosto como modelos. Mas hoje o uso contrário prevaleceu, e o que se chama propriamente romances são ficções de aventuras amorosas, escritas em prosa, com arte, para o prazer e a instrução dos leitores. Digo ficções, para distingui-los das histórias verdadeiras. Ajunto de aventuras amorosas, porque o amor deve ser o principal assunto do romance. É preciso que elas sejam escritas em prosa, para serem conformes ao uso deste século. É preciso que sejam escritas com arte, e de acordo com certas regras; de outra forma seriam um amontoado confuso, sem ordem e sem beleza. O fim principal dos romances, ou, pelo menos, o que deveria ser e se devem propor os que os compõem, é a instrução dos leitores, aos quais é preciso sempre fazer ver a virtude coroada e o vício castigado. Mas como o espírito do homem é naturalmente inimigo dos ensinamentos e seu amor próprio o revolta contra a instrução, é preciso enganá-lo com a isca do prazer, e adoçar a severidade dos preceitos com o atrativo dos exemplos, e corrigir os defeitos condenando-os num outro. Assim, a diversão do leitor, que o romancista hábil parece propor-se como objetivo, não é senão um fim subordinado ao principal, que é a instrução do espírito e a correção dos costumes; e os romances são mais ou menos regulares conforme se distanciem mais ou menos dessa definição e desse fim. (HUET, 1670, p. 4-6 *apud* BRANDÃO, 2013, p. 86)

Nessa passagem encontramos a definição de romance com palavras que visam tanto à forma e ao conteúdo do gênero quanto a sua função e recepção. Romances, nas palavras de Huet, “são ficções de aventuras amorosas, escritas em prosa, com arte, para o prazer e a instrução dos leitores”. Aventura amorosa, como se verá mais adiante, será e estará na base de alguns estudiosos quando da tentativa de definição do gênero e da delimitação do seu *cópus*. Fato é que, acertadamente, Huet destacou os elementos nucleares do romance e, com o cuidado de um erudito que conhece obras literárias diversas e também intelectuais, declara que “os romances são mais ou menos regulares conforme se distanciem mais ou menos dessa definição e desse fim.”. Apesar de questionável em alguns pontos, o retrato que Huet fornece

é, sem dúvida alguma, o verdadeiro início de uma teoria sistemática do romance.

Continuadores e questionadores dos pressupostos de Huet serão o filólogo alemão Erwin Rohde que em 1876 publica um estudo sobre o romance grego antigo intitulado *Der griechische*, seguido em 1905 e 1915 do também filólogo Marcelino Menéndez Pelayo, que publica *Orígenes de la novela* e, por fim, mas não o último, seguem os trabalhos de Mikhail Bakhtin, em *Questões de literatura e estética*, publicados nas décadas de 1920-1930, nos quais se retoma novamente a questão da origem e da história do gênero. Todos esses estudiosos denominam e consideram, sem problema, “romance” os exemplares ficcionais em prosa gregos e latinos. Com Brandão (2005), buscando definir o fenômeno romance (e não o termo), consideramos que *romance* é, em linhas gerais, “narrativa de ficção em prosa, escrita com certa extensão”.

A questão dos termos pelos quais os antigos chamavam o que se poderia reconhecer como *romance* é complexa, muito embora persista um fundo comum, qual seja a ficção com tema amoroso em forma histórica. Dois comentários antigos são sempre lembrados. O primeiro, segundo García Gual (1975), teria sido a admoestação do imperador Juliano que, no ano 363 escreve a Teodoro uma missiva com instruções claras:

ὄσα δὲ ἐστὶν ἐν ἱστορίας εἶδει παρὰ τοῖς ἔμπροσθεν ἀπήγγελμένα πλάσματα παραιτητέον, ἐρωτικὰς ὑποθέσεις καὶ πάντα ἀπλῶς τὰ τοιαῦτα.

“Todas as **histórias inventadas** do tipo publicado por escritores de eras anteriores na forma de **relatos históricos** de **histórias de amor** e todo esse tipo de narrativa devem ser rejeitadas.”

García Gual é da opinião de que a descrição “em forma de relato histórico” possa fazer alusão à narração extensa em prosa que constitui o caráter formal da historiografia, diferindo um do outro pelo fato de que o romance é ficção (*πλάσματα, plásmata*). Contudo, a ficção se diferenciaria também do “mito” tradicional, de origens sagradas e remotas, pois o romance é em oposição a ele, verossímil e seu relato desenvolve-se em um mundo histórico. Com essa formatação histórica, o romance se diferenciava da épica que vinha aparatada da sua temática heróico-mitológica e sua expressão solenemente poética em versos formulaicos.

O seu conteúdo, por outro lado, parece estar ligado especialmente ao caráter amoroso, atestado como elemento do gênero pelos próprios romancistas, nomeadamente Cáriton e Longo, que escrevem “experiências amorosas” (*ἐρωτικὸν πάθος, eroticon páthos*).

Outro testemunho, este em latim, encontra-se em Macróbio, na sua obra *Commentarium in Ciceronis Somnium Scipionis* (*Comentário sobre O sonho de Cipião, de Cícero*, 1.2.7–8):

*Fabulae, quarum nomen indicat falsi professionem, aut tantum conciliandae auribus voluptatis, aut adhortationis quoque in bonam frugem gratia repertae sunt. Auditum mulcent vel comoediae, quales Menander eiusve imitatores agendas dederunt, vel **argumenta** fictis casibus amatorum referta, quibus vel multum se Arbiter exercuit vel Apuleium non numquam lusisse miramur.*

As **histórias** cujo título indica que contam um fato imaginário foram inventadas apenas para o prazer aos ouvidos ou também para exortação de produzir bons frutos. Agradam a audição como as comédias que Menandro e seus imitadores representaram, ou como os **enredos** repletos de casos de amor inventados, os quais exerceu muito Árbitro e com os quais nos maravilhamos que às vezes Apuleio se deleitava.

A falta de uma teorização favorece a diversidade de denominações que o gênero recebeu no contexto da Antiguidade, como *lógos, plásma, história, páthos, diégema, fabula, argumentum*, etc. Como lembra Horta (1984, p. 53 *apud* AQUATI, 1997, p. 73), os gregos, que “criaram e nomearam todos os gêneros literários transmitidos ao mundo ocidental, não tiveram nenhuma denominação especial para designar a ficção romanesca como tal, isto é, o romance”. Também não os tiveram os latinos. Assim, diante de um modelo literário supostamente emergente, para o qual nos “teóricos” clássicos não encontravam nem nome nem largas explanações, os modernos viram um gênero a adotar, com o risco de empregar anacronicamente o termo “romance” para designar os exemplares desse gênero difuso, de cujo surgimento, cópula e caracterização no contexto antigo passamos agora a tratar.

Considera-se que a Grécia do século I a. C. seja o berço do romance antigo. Também a completude e a relativa conservação das narrativas de ficção em prosa gregas na Antiguidade permitem afirmar que o gênero foi “inventado” na Grécia, sem que se negue, entretanto, que já existiriam “narrativas romanceadas” num período anterior ao dessa invenção e que a prática possa ser de uso também de outros lugares. Brandão (2005, p. 82-83) afirma que a mudança de “origem” para o termo “inventado” implica por um lado, “tornar secundária a questão da originalidade” e, por outro, “entender que, como qualquer outro produto poético, é *pepoiéménon*, ou seja: fabricado”. Nesse entender do autor, tomam um plano central determinadas estratégias discursivas que “tornam romanceadas todas as matérias que abordam, venham elas de onde vierem, da epopeia ou da historiografia, das narrativas de amor ou de viagens”. Apesar de cômicos dessa distinção, usamos também o termo origem, pelo fato de que, para nós, o termo “invenção” também é problemático, pois pode dar margem



ao entendimento de ser “romance” fruto do trabalho de um só gênio, o que é pouco provável.

Aquati (1997), seguindo Hägg (1983) e Gual (1972), apresenta uma ampla descrição da sociedade que permitiu o surgimento do gênero romanescos. Na bacia do Mediterrâneo, à borda do mar, na parte oriental, ficavam reinos helenísticos fragmentados pelo reinado de Alexandre, pelo governo de monarcas gregos e pela submissão aos romanos, respectivamente. Para o autor, em função desse contexto, composto por grandes centros helenizados há mais de dois séculos, o romance grego apresenta-se indiscutivelmente cosmopolita e urbano, com formação heterogênea de reinos orientais cuja cultura e idiomas são, contudo, gregos. Explana que a cultura grega espalhou-se geograficamente, misturando-se a diferentes culturas autóctones em regiões diversas, o que propiciava uma luta pelo centro político-cultural. Segundo Aquati (1997, p. 75)

Ambiente de longa tradição literária, Egito, Fenícia, Síria, Pérgamo, Selêucia, províncias da Grécia — o Oriente Próximo — formam uma aparente unidade cultural franqueada por sua língua de expressão, grega helenística, a coíné ou dialeto comum, empregado pelos mais diversos povos ligados em um plano mais culto pela tradição literária grega, comungada por todos.

Nessa época, algumas mudanças no âmbito da vida prática afetarão o modo de ser e entender-se naquele mundo social. O amálgama cultural de essência grega espalha-se graças à ampliação e à facilitação de rotas de viagem, que tornavam possíveis itinerários não só de mercadores e migrantes, que visitavam novos locais em busca de riqueza, como também de turistas, que viajavam em busca de novas experiências. Como marcas dessa expansão cultural, Aquati (1997) cita o procedimento de traduzir para o grego, ou mesmo de escrever nesse idioma, os textos sagrados dos hebreus com o fito de difundi-los com mais facilidade; o fato de filósofos errantes disseminarem seus pensamentos tanto no Império, quanto em Roma e na Síria; o fenômeno de expansão das escolas gregas, nas quais ocorriam o ensino desde a alfabetização até complexas técnicas de retórica, que chegaram desde cidades do Oriente helenístico até as do sul da Gália.

Consequentemente, as novas rotas que aperfeiçoaram o trânsito de riquezas favoreceram também o surgimento de riscos e perigos, tanto em terra quanto em mar. A bandidagem se organiza quase que profissionalmente e, enquanto por terra “encontram-se grupos profissionais de ladrões e tribos nativas semicivilizadas”, por mar, “o grande problema, ao lado das ocorrências naturais como as tempestades, é a pirataria organizada, que atinge enormes proporções e não conhece adversários até por volta dos anos 60 a. C., com a ação de Pompeu” (AQUATI, 1997, p. 76).

Aponta ainda o estudioso como consequência tanto de guerras (que desestabilizam as

condições políticas) quanto da mencionada bandidagem, a escravidão, medo comum que “era capaz de alcançar os mais diferentes setores da população, sobretudo viajantes ou moradores de localidades costeiras ou insulares” (*idem, ibidem*) e que fazia com que a liberdade fosse algo transitório e incerto.

A religião era um todo sincrético. Deuses olímpicos são abandonados, adaptados ou totalmente reformulados. Exemplo dessa assimilação religiosa praticada no contexto grego é apropriação total da deusa Ísis. O aspecto da salvação individual presente nas religiões orientais será aceito de bom grado por essas pessoas que se sentem sob uma opressão, inseguras e solitárias em um mundo em violenta expansão, pessoas que se sentem desamparadas e passivas frente ao destino; por sua vez, a filosofia (escolas cínica, epicurista, estoica) focará sua atenção nos problemas éticos da figura do indivíduo (AQUATI, 1997).

Ao indivíduo dessa sociedade, Aquati (1997) fornece alguns contornos: ele perdera o interesse nos assuntos públicos, como habitante de cidades mistas e de pouca ou nenhuma autonomia política; ele tem uma mudança de disposição moral e religiosa, produzida pelo choque de cultura entre o tradicional e o novo (sociedade aberta culturalmente frente às cerradas da época anterior); e é ele um sempre paciente diante de uma instabilidade socioeconômica, que se agrava periodicamente pelas amplas regiões do Império, a partir do século II d. C.

Começa, então, a florescer uma noção de individualidade. O sujeito não mais participava de uma coletividade, porque de uma coletividade se esperaria o mínimo de homogeneidade, coisa que tal sociedade plural e fragmentada não oferecia. Por outro lado, os deuses não mais eram os verdadeiros guias do destino do ser, mas é a sorte (*tikhe*) que se torna a responsável pelas vicissitudes da vida. Aquati (1997, p. 78) alerta para o fato de que, decorrente dessa nova configuração do sujeito, “a criação, o desenvolvimento e a consolidação do romance grego deram-se totalmente desvinculados do conceito de 'pólis', dissipado há muito”. O indivíduo é submetido à força da sociedade. Não participando esse indivíduo da vida política, resta-lhe apenas voltar-se para o seu interior, ao governo da vida particular e familiar.

Apesar da ampla participação da língua e da cultura gregas na gênese do romance, também não se deve descurar de suas fortes ligações orientais. Ruiz-Montero (2006), por exemplo, lembra o fascínio que o Egito exerceu, desde Heródoto, sobre os gregos, e que se revela também na configuração do gênero romanescos. Nessa linha, Reardon (1989) afirma que os gregos traduziram histórias egípcias por meio da prosa, preparando o caminho para o gênero romanescos. Contudo, esse argumento seria refutado mais tarde, a partir da

reorganização dos dados cronológicos que passa a estabelecer como o mais antigo o romance de Cáriton de Afrodísias, no qual não há marca egípcia.

Quanto ao público do romance antigo, sabe-se pouco, e somente a partir das marcas de “leitura ativa”, nomeadamente aquelas feitas por intelectuais que apreciam obras, autores e a arte literária em geral e deixam escritas suas opiniões, como é o caso de Aristóteles e Platão, e também, como já comentado, Juliano e Macróbio. De outra forma, resta-nos apenas cogitar mediante poucos dados indiretos que temos ou de dentro das obras (como as idealizações dos narratários) ou por inferências de nível arqueológico e de nível sociológico. Bowie (1994) informa haver quem defenda que o romance se destinava a uma nova categoria de leitor, composta de homens e mulheres letrados, mas não intelectuais, residentes nessa vasta faixa do mundo helênico já descrita, que procuravam identificação nos protagonistas dos romances e encontravam sentido para suas próprias vidas nos padrões das aventuras daqueles personagens. Essa hipótese parece congruente com o espelhamento da sociedade descrita observado em diversos romances: um mundo onde belos jovens são lançados ao perigo em busca da concretização do amor, impedidos pela força do inesperado e apossados por piratas, raptos, bandidos e prodígios da mais variada natureza.

Por outro lado, Bowie (1994) afirma também haver estudiosos confiados no argumento de que os textos são produzidos pela mesma elite social e intelectual que lidava com os clássicos e eram por ela mesma lidos. Parece-nos, no entanto, uma visão excludente, pois é possível um indivíduo letrado de baixa casta também ter acesso a romances. Nesse sentido, podemos supor um público composto de “ricos e pobres, pagãos e cristãos, filósofos, médicos, sábios, e mesmo o imperador.”<sup>82</sup> (AQUATI, 1997, p. 79). Eram eles do Oriente e do Ocidente, mas versados no grego *standard*, a coíné. Alguns estudiosos acreditam que o público leitor em geral havia se alargado nessa época, pois parte da população passara a trabalhar em profissões liberais, no comércio e em outras ocupações, dentre as quais se destacam as de escriba e de secretário, que difundiam também a escritura de livros. Esse público seria formado por uma população relativamente jovem e com ideias românticas (PEINADO, 2015, p. 496).

A inclusão da mulher no público leitor também é um fato notável sustentado por alguns estudiosos. Gual (1972) e Hägg (1983) observam a presença de um número considerável de mulheres participando como protagonistas nas narrativas romanescas, as

---

<sup>82</sup> Aquati (1997) informa que García Gual (1972, p. 39) e Hägg (1983, p. 94-5) concordam com o fato de que se encontram preservados, em questão de aparato paleográfico, não só exemplares materialmente caros como também exemplares de baixo preço, o que pode assinalar a possibilidade de leituras de diferentes níveis socioeconômicos.

quais destoam quando comparadas aos outros gêneros. Esse fato é, para os autores, indício não desprezável de que mulheres compunham o público leitor. Numa inferência aparentemente forçada, embora não de todo descabida, como corroboração dessa hipótese, estaria o fato de que, ao ver-se destituído de sua ação em sociedade, dadas as novas condições políticas, muito distantes daquelas da ágora ateniense ou da república romana, o indivíduo recolhe-se a uma esfera de ação menor, a vida privada, levando a alçar-se o amor conjugal ao nível de mito, no sentido de utópico. Para Bowie (1994), o problema dessa cogitação reside no fato de os mesmos eventos amorosos e aventureiros, protagonizados por uma mulher bela e por um jovem corajoso, supor, também, um leitor do sexo masculino. O estudioso aponta Eurípides como exemplo de autor que escreveu direcionado a um público masculino explorando a psicologia feminina.

Outros como Egger (1999) tentaram provar a hipótese de leitoras femininas por meio da análise interna dos romances, focando na representação das personagens femininas, e por dados externos à literatura, que informassem o estatuto do gênero feminino na sociedade da época. Evidências de papiros mostram um aumento progressivo do nível educacional das mulheres desde o século III a. C., certa e primeiramente no Egito e provavelmente expandindo depois para as outras regiões helenizadas. Como observa Sano (2013, p. 41-42), as personagens femininas representadas nos romances leem e escrevem, embora não seja especificado o gosto pelo romance (como acontece em romances modernos), a exemplo de Antônio Diógenes em *As coisas incríveis além-Tule* que dedica o texto à sua irmã Isidora que “ama o estudo”. Por outro lado, segundo informação de Sano (2013), consta que os testemunhos antigos sobre o gênero são escritos por homens e que até mesmo há uma recomendação, feita no século IV, de Teodoro Prisciano que dá como remédio, para impotência masculina, a leitura de histórias de amor.

Quanto à análise das heroínas, a mesma observação de Bowie serve para Egger: a configuração do romance poderia agradar tanto o público composto de mulheres quanto de homens. Portanto, não seria disparate entender o público como sendo minimamente misto, pelo menos no nível potencial. Sano (2013) propõe, por sua vez, uma réplica a Egger, considerando que há episódios e passagens nos romances sofisticados que parecem pouco apropriados para uma leitura feminina, principalmente se forem consideradas as personagens secundárias. A título de exemplo, ela reporta que

Licênion, em Dáfnis e Cloé, é esposa de um fazendeiro vizinho de Dáfnis e é descrita como uma mulher da cidade, sofisticada demais para o campo. Licênion arquiteta um plano (III.15-19) para ter Dáfnis como amante; percebendo sua total devoção a Cloé, ela oferece uma lição prática –

prontamente aceita – de como realizar o ato sexual, de forma que Dáfnis possa posteriormente se relacionar com Cloé, algo que o casal vinha tentando fazer sem sucesso, por total inexperiência. Há também a passagem de Aquiles Tácio em que Menelau, Clinias e Clitofonte (III.34-38) comparam os prazeres do amor hetero e homossexual, que foi com alguma frequência expurgada das traduções. Leucipe não presencia essa conversa, por estar oportunamente dormindo. (SANO, 2013, p. 42)

Ruiz-Montero (2006), por sua vez, afirma que as mulheres capacitadas para ler romances eram as de casta superior social e economicamente; um número reduzido, portanto. Johne (2003) supõe que há a possibilidade de mulheres, além de serem leitoras, serem também elas escritoras, o que Pomeroy (1975) entende ser impossível de provar por ausência de dados e testemunhos concretos. Da nossa parte, não descartamos de todo a possibilidade de leitoras formarem também o público do romance pelo fato de que, insistimos, as marcas de leitura são sempre quase invisíveis.

Outro ponto interessante é a possibilidade de existir, ao lado do público leitor, uma audiência do romance. Supõe Hägg (1983) que as marcas de oralidade nos romancistas antigos bem poderiam ser amostras indicativas de um público leitor menos sofisticado como também o fato de serem, de fato, uma audiência. Nessa linha, Aquati (1997) observa, seguindo a García Gual (1972, p. 41, nota 2), que havia uma parte da população que assistia a performances públicas em que os romances eram lidos e ouvidos para deleite pessoal. Acrescenta o pesquisador o fato de que o aparecimento do romance, por volta do século II ou I a. C., coincidiria com o esgotamento do drama, em uma época em que não mais apreciavam apresentações sofisticadas, preferindo antes assistirem a espetáculos mais violentos ou a farsas mímicas e que, seguindo Horta (1984, p. 55), a literatura helenística havia se afastado dos estádios e dos teatros, fazendo cair o valor do canto pela glória dos campeões pan-helênicos e da tragédia e comédia, e passando a valorizar os palácios e bibliotecas, onde se inicia a prática do culto à forma, ao eruditismo e à prosa por encomenda. Tudo parece apontar para o isolamento do indivíduo, o que pode dar suporte ao que alguns afirmam acerca das marcas do romance que o fazem destinado especialmente à leitura, esta entendida como silenciosa e individual. Aquelas marcas observadas por Hägg nos romancistas, elas mesmas poderiam servir para manutenção da leitura e não para recapitulação de caráter mnemônico, como supôs. Na verdade, embora as fontes antigas informem acerca das performances públicas, sobre o romance nada é efetivamente mencionado e pode-se mesmo considerar que o mais breve deles é, de modo igual, muito longo para recitação (STEPHENS, 1994, p. 409 *apud* SANO, 2013, p. 43). Acrescente-se que, via de regra, o verso, em sua origem, destina-se à *oralidade*, ao passo que a prosa é mais apropriada à *leitura*. Aquela busca ouvintes; esta,

leitores.

Por fim, como descreveu Aquati (1997), seguindo Gual, (1972, p. 41),

em contraste com o público que não só aprecia as formas teatrais tradicionais, bem como frui dessa literatura erudita e formal, existe o restante da população do império, desde os centros urbanos onde são criados os romances gregos até os confins das províncias; são pessoas de formação cultural muito diversificada, mas com gostos às vezes semelhantes, que apreciavam a fantasia, o idealismo, as maravilhas, o amor pessoal.

Um último ponto a ser considerado no que tange ao surgimento do romance é o fato de os modelos literários tradicionais se encontrarem desgastados, o que favorecia o aparecimento de novas formas de expressão literária. É assim que nasce o romance, como comenta Aquati (1997, p. 80),

fluido e versátil, despojado do verso que restringia a leitura e uma criação mais ágil, vindo a cobrir o espaço surgido entre o público helenístico e a poesia da corte, poesia helenística, refúgio de intelectuais e voltada a um público restrito, favorecido cultural e socialmente.

O público do novo gênero teria a destreza de enxergar a mescla de gêneros anteriores que nele se emprega. É notável esse compartilhamento de características do romance com outros gêneros. Segundo Bakhtin (1988, p. 398-399), o romance foi um gênero que romancizou outros gêneros, outros estilos, outras linguagens, e criou para si uma abertura — assim como fazia a própria sociedade em que nascia — a influências. A narrativa romanesca grega, por exemplo, absorveu certos aspectos estilísticos dos outros gêneros já existentes, ou ainda, a essência deles. Dessa confluência de características, emerge hibridamente o romance, que, nessa mistura, vai se configurando e formando. De modo esquemático, poder-se-ia apresentar o seguinte quadro<sup>83</sup> das características compartilhadas pelo romance e de seus precedentes:

---

<sup>83</sup> Cf. D'Onófrio (1976, p. 204 *apud* AQUATI, 1997, p. 90).

<b>Gênero precedente</b>	<b>Ponto em comum com o romance</b>
Épica	Aventura mítica e heróica
Tragédia	<i>Pathos</i>
Comédia	<i>Vis comica</i>
Sátira	Espírito crítico
Lírica	Sentimento amoroso
História	Relato
Retórica	Técnica persuasiva

A esse respeito, Futre Pinheiro (2014), seguindo Fowler, argumenta que o fenômeno de mistura (*mixture*) de gênero é pelo estudioso chamada de modulação (*modulation*) e observa que a “[m]odulação é tão frequente que poderíamos esperar que ela progressivamente afrouxasse os gêneros, misturando-os em um único amálgama literário”.<sup>84</sup> Esse ponto é consonante com a investigação de Brandão (2001) acerca daquilo que chama de *gramatofagia* do romance antigo, que consiste em plasmar outros gêneros limítrofes.

Não podemos nos furtar da dificuldade que é a delimitação de um gênero, para o qual se devem sempre levar questões internas e externas à própria literatura de sua época. Contudo, o imaginário do gênero serve apenas para um “conforto científico” para que possamos ter um nome determinado (e distinguível) para o nosso objeto em foco. “Dessa forma, os diferentes gêneros são meras abreviaturas que listam um conjunto de obras que compartilham características comuns, sendo seu referente a coleção de objetos selecionados e descritos por meio de análise.”<sup>85</sup> e completa afirmando que, “na prática, é possível que um certo trabalho exista sem que haja uma designação genérica para ele.”<sup>86</sup> (FUTRE PINHEIRO, 2014, p. 203).<sup>87</sup>

<sup>84</sup> “[m]odulation is so frequent that we might expect it progressively to loosen the genres altogether, mingling them into a single literary amalgam.”

<sup>85</sup> “In this way, the different genres are mere abbreviations that list a set of works that share common features, their referent being the collection of objects selected and described by means of analysis”.

<sup>86</sup> “In practice, it is possible for a certain work to exist without there being a generic designation for it.”

<sup>87</sup> Isso ocorre pelo simples fato de que sofremos da “síndrome do Adão Nomeador”: os animais já existiam ali, criados por Deus, porém sem nome, tarefa que Deus deixou a cargo do primeiro homem. “Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome.” (Gên 2:19). A veia

Futre Pinheiro (2014), por outro lado, questionou o próprio entendimento do que seria gênero e formula que “A natureza do que chamamos de 'gênero' mudou ao longo dos tempos, dependendo das posturas estéticas e filosóficas dos estudiosos.” (p. 202)<sup>88</sup> que flutua entre várias opiniões, desde um uso instrumental de hierarquia genética (como aqueles que supunha o romance ser “degração da épica”, por exemplo) até a abolição total da utilidade de definição de gênero. E quando tratamos do romance, a questão parece avolumar-se porque há dois berços para uma suposta só criação. Futre Pinheiro (2014, p. 202) aponta a seguinte questão crucial:

[...] Esta nova era [grega], marcada por novas forças transformadoras (monetarismo, comércio, internacionalização e imperialismo), é o resultado de complexas mudanças sociais e estabelece um novo conjunto de valores que culmina em uma cultura de mérito pessoal. No entanto, é bastante curioso que, em um contexto hermenêutico moderno, os princípios filosóficos do romance do início do século XVIII sejam discutidos em termos do nascimento da “consciência individual” que aparece quando a “ideia do indivíduo” se torna central e ganha importância. [...].<sup>89</sup>

Dessa forma, compreendemos que as mesmas características que medravam no contexto burguês e que permitiram a fertilização para o florescimento do romance moderno, observam-se, à sua maneira, no contexto antigo. Para todos os efeitos, o romance antigo é, em seu mundo, fruto de um “movimento de modernidade”, um movimento de re(i)novação tanto social quanto literária. Como pensa Futre Pinheiro (2005, p. 10), ambas as manifestações literárias estariam “no dealbar de duas modernidades”, pois “a modernidade greco-romana [...] surge no fim de um longo e complexo fenômeno cultural” e, por sua vez, surge “a modernidade europeia, que se assume como o devir histórico e literário da primeira e no conjunto da qual o romance é justamente considerado como uma das suas mais ricas e produtivas manifestações.”.

De modo bem sucinto, ampliando as diretrizes de Futre Pinheiro (2014, p. 209), entendemos que o romance como gênero pode ser definido por três fatores formais: a estrutura narrativa em prosa com certa extensão, a verossimilhança do enredo e os motivos

---

saussuriana é evidente quando se pensa na arbitrariedade e no caráter convencional desse procedimento de nomeação.

<sup>88</sup> Texto original: “The nature of what we call 'genre' has changed throughout the ages, depending on scholars' aesthetic and philosophical stances.

<sup>89</sup> “[...] This new [Greek] era , marked off by new transforming forces (monetarism, commerce, internationalization, and imperialism), is the result of complex social changes and establishes a new set of values that culminates in a culture of personal merit. Yet, it is rather curious that, in a modern hermeneutic context, the philosophical principles of the early eighteenth-century novel are discussed in terms of the birth of the “individual conscience” that appears when the “idea of the individual” becomes central and gains importance. [...]”



erótico-amoroso e aventureiro.<sup>90</sup>

Cabe, por fim, delinear o *cópus* do romance antigo. As complicadas questões relacionadas a papiros, quase sempre fragmentados, impossibilitam a leitura e análise detida de algumas obras, as quais muitas vezes são ou não incluídas/excluídas do *cópus* do romance por inferências várias. O conjunto de romances antigos é, em suma, um verdadeiro “*cópus* mutilado” (BRANDÃO, 2005). Por isso vale a observação de Sano (2013, p. 40), segundo a qual considera que “novas descobertas de papiros podem em algum momento, como já aconteceu, desestabilizar as estruturas sobre as quais nossa concepção atual das origens do romance foi fabricada” e não só mudar o estado de coisas em questão de antecessor/sucessor, na questão da origem/invenção, mas também no âmbito de formas, mecanismos e recursos literários.<sup>91</sup>

O *cópus* do romance antigo, bem como sua datação (entre I a. C. a V d. C.), é, a despeito da língua, todo romano, como explana Brandão (2013, p. 94), seguindo as considerações de Bakhtin:

“Sendo mais claro: entendo que a situação dos autores que escrevem em grego no espaço romano não difere da de seus colegas que escrevem em latim e que, de ambos os lados, se encontra essa “consciência literária (...) bilíngue”. Se é preciso concordar que “a consciência criativa e literária dos romanos originou-se, do começo ao fim, no fundo da língua e das formas gregas”, isso só se dirá de modo exato com a precisão de que não há mais, sob Roma, autores gregos, mas todos são romanos, independentemente da língua em que escrevem”.

Segundo informação de Holsberg (2005), os textos *supérstites* do romance antigo nos chegaram de três formas principais: manuscritos completos, manuscritos fragmentados e por comentários de terceiros. Ainda segundo o autor, duas são as tendências que permitem enquadrar os romances: um grupo formado pelo caráter idealista e outro pelo caráter cômico-realista. A primeira tendência é de trama basilar com o núcleo no amor, quase sempre à primeira vista, entre dois jovens enamorados, que sofrem com obstáculos de diversas naturezas que os impedem de concretizar a união. Ao final da jornada as dificuldades são superadas e o elo é reafirmado num final feliz. Assim, essas narrativas romanescas constroem-se sobre o ideal de mundo no qual o bem vence o mal e o amor verdadeiro prevalece e é

<sup>90</sup> Entendemos por “aventura” algo mais abrangente. Não só se liga a viagens, mas também à violência, elemento que Sano (2013) demonstra ser importante no romance grego, e nós estendemos essa importância ao latino.

<sup>91</sup> Como observa Stephens (2014, p. 157) em referência aos papiros fragmentados: “Assim, fragmentos que hoje se acredita serem [do gênero] história, magia, religião, exercício retórico ou mesmo mímica podem, com a adição de duas colunas, apresentar-se totalmente diferentes, pois o que atualmente se passa por marcadores genéricos salientes seria incorporado a estratégias narrativas novas e consideravelmente mais elaboradas” (Hence, fragments now believed to be history, magic, religion, rhetorical exercise, or even mime might, with the addition of two columns, look entirely different, as what currently passes for salient generic markers are subsumed into new and considerably more elaborate narrative strategies).

prêmio pela castidade e persistência. Pelo amor, as personagens dessas narrativas lançam-se às sortes de uma jornada em busca da sua concretização, viajando a terras e países hostis e longínquos. Aspecto muito acentuado das narrativas romanescas antigas é a *aventura*. A aventura, marcada principalmente no ato da viagem, oferecia “escapismo” que permitia ao protagonista – e também ao leitor — acessar fantasias além das fronteiras do tempo e do espaço, lugares e épocas, em que maravilhas ocorrem e veem-se peculiaridades. Servindo ao desejo coletivo, apresentam-se histórias nas quais há a vitória do bem e seus valores sobre o mal e seus defeitos. Assim, o retrato fiel à figura da sociedade contemporânea é secundarizada para que o princípio do amor e a satisfação do sonho e do desejo sejam favorecidos. Daí seu caráter idealista.

Arrolar-se-iam, nesse primeiro grupo, os cinco romances que retratam o amor e a aventura (os chamados *Big Five* para os americanos), os quais sejam os de Cáriton, Xenofonte de Éfeso, Aquiles Tácio, Longo e Heliodoro. Ainda na literatura de língua grega, encontram-se outros textos de estado fragmentado que, no entanto, podem ser considerados partícipes desse grupo, a exemplo de *Romance de Nino* ou *Ninopedia*, *Sesonchosis*, *Metíoco e Partenope*, *As Fenícias* e *As Babilônicas*, os quais, à semelhança daqueles que nos chegaram inteiros, apresentariam em sua extensão a história de um belo casal de amantes jovens lutando contra adversidades para consumarem seu amor. Da literatura latina, podemos incluir no padrão idealista o anônimo *História de Apolônio, rei de Tiro*.<sup>92</sup>

Da vertente cômico-realista são exemplos as obras: *Satíricon*, de Petrônio, *Iolaus* (anônimo) e *Lúcio* ou *O asno* (de Pseudo-Luciano) e *Metamorfozes* ou *Asno de Ouro*, de Apuleio. Eles dialogariam com a outra vertente mediante o viés satírico-cômico. As obras são elaboradas por escritores sofisticados literariamente e narrados em primeira pessoa. Ao lado do viés de entretenimento, os romances têm senso crítico, mesmo que não aparentem. São essencialmente cômicos, satíricos e burlescos, mesclando na mesma narrativa o sublime e o grotesco. Notáveis também nas narrativas dessa vertente são as histórias inseridas na narrativa principal. Destoam, contudo, em alguns aspectos, como, por exemplo, pelo fato de o romance de Petrônio ser de tom mais paródico ao passo que o de Apuleio ser de tom mais maravilhoso.

Se no romance idealista a viagem é o espaço e a atmosfera dominante, no romance cômico-realista, entretanto, apesar de ser a viagem um motivo importante, ela serve apenas de conduto para a essência da narração, a qual seja a observação e o retrato da sociedade. Como definiu Bakhtin (1988), as vertentes de desenvolvimento do romance antigo têm ênfase nas viagens e aventuras: enquanto na primeira vertente as obras seriam “romance de aventuras e

---

<sup>92</sup> O texto, cuja autoria se desconhece, é obra da literatura latina datável entre o séc. V e o séc. VI d. C. e pode ser uma tradução de um texto grego do séc. III.

provações”, a segunda, “romance de aventuras e costumes”.

À margem dessas duas vertentes, que juntas formariam o *cópus* principal do romance antigo, correm obras de variada natureza por Holzberg (2005) nomeadas, em razão disso mesmo, de “*fringe novels*”, que poderíamos traduzir por “romances periféricos” que contrastariam com aquelas primeiras que são consideradas “romances propriamente ditos” (*novels proper*, no dizer desse mesmo Holzberg). O autor os divide em cinco grupos a partir da natureza ou conteúdo da obra. O primeiro grupo, nomeado “Utopia e viagem fantástica”, abriga a *Hiera anagraphé*, de Evêmero de Messenas,<sup>93</sup> e alguma(s) obra(s), cujo título não se tem conhecimento, de um certo Jâmbulo.<sup>94</sup>

O segundo grupo abriga obras entendidas como “biografias ficcionais”, tais que *Ciropedia*, de Xenofonte de Atenas; *Vida de Esopo*, de autor anônimo; *Vida e feitos de Alexandre*, de Pseudo-Calístenes (obra suplementada pelo latino *Romance de Alexandre*, coleção de obras e histórias de autoria variada); e *Vida de Apolônio de Tiana*, de Filóstrato.<sup>95</sup>

O terceiro grupo colige cartas fictícias que refletem uma série específica de eventos na vida de um narrador em primeira pessoa, via de regra uma personalidade histórica, organizadas em ordem cronológica. Conhecem-se coleções epistolares sob o nome de Platão, de Temístocles, de Eurípides, de Sócrates e dos Socráticos, de Hipócrates, de Quíon de Heracléa e de Ésquines, e há também indícios da possível existência de uma coleção sob o nome de Alexandre, o Grande.

Por mostrarem paralelos com a narrativa de ficção grega quanto a mecanismos narrativos, são incluídos no grupo “romances do cristianismo primitivo” os *Atos Apócrifos dos Apóstolos* e as *Vidas de Santos*, dentre as quais se pode citar a autobiografia do homônimo *Romance de Clemente*.

Por último, encontram-se os “romances troianos” e são seus exemplares *A história da*

<sup>93</sup> Homônimo do narrador que em primeira pessoa que relata as viagens que fez a mando do rei Cassandro da Macedônia (305–297 BC). O conteúdo dessa obra foi sumarizado por Diodoro Siculo (séc.I) na sua *Biblioteca histórica* (5.41–46; 6.1).

<sup>94</sup> *Biblioteca histórica* de Diodoro Siculo (2.55–60). Holzberg (2005, p. 10) encontra similaridades entre as características das obras de Jâmbulo e Evêmero com a caricatura distorcida apresentada por Luciano de Samósata em sua obra *Alethe diegemata, Das histórias verdadeiras*, na qual parodia vários gregos que teriam sido autores de relatos sobre *mirabilia* (“coisas incríveis”, “maravilhas”) encontradas em civilizações exóticas. Esses relatos, no entanto, não nos chegaram.

<sup>95</sup> Holzberg (2005) observa que, apesar de travarem semelhanças com obras da vertente idealista, nomeadamente as fragmentadas *Ninopedia* e *Sesonchosis*, essas quatro obras não podem ser entendidas naquele filão pelo fato de não apresentarem apenas um conjunto fechado de aventuras que focaliza exatamente a tríade amor-separação-reencontro característica das narrativas idealizantes, mas, sim, cobrem praticamente toda a vida da personagem, normalmente uma figura histórica de certo relevo social, à guisa de biografia e com caráter didático (contudo, o elemento amoroso não é completamente ausente). Há quem encontre nessas e em outras narrativas do *cópus* periférico embriões de subtipos do romance moderno, como defendeu Cerdas (2011), que considera a *Ciropedia* um romance de formação (*Bildungsroman*). O mesmo se aplica aos romances epistolares.

*destruição de Troia*, de Dares Frégio, e o *Diário da Guerra de Troia*, de Díctis Cretense, ambos autores ficcionalizados (isto é, não empíricos). Embora escritas em latim, as duas se projetam como traduções de um texto grego, o que foi provado para Díctis, mas não ainda para Dares. Antecedendo essas obras em escrever relatos da Guerra de Troia em prosa estariam as *Troica (Histórias de Troia)*, de Hegesíanax de Alexandria, por volta do século III a. C., e outra obra homônima de Dionísio Escitobráquion, do fim do século II a. C., e mais tarde, Helâncio de Mitilene, no século V. Essas *Troicas*, pelo que se pode deduzir de seus fragmentos e referências, mesclam, como as obras de Díctis e Dares, mitografia apoiada em fontes antigas a invenções deliberadas, interpretações racionais e tergiversações de dados tradicionais, tornando-se “uma contraditória juntura de ficção, mitografia e veleidades historiográficas” (VEGA & LÓPEZ, 2001, p. 118).

### 3.2.1. *Ephemeris belli Troiani como romance periférico*

Ajustando nossa afirmação que abriu a presente seção, *Ephemeris belli troiani* é um romance periférico. À margem, convive com a mais variada sorte de narrativas estendidas de ficção em prosa, motivo pelo qual alguns críticos, frente a essa multiplicidade, consideram arbitrária a organização utilizada pela tradição dos estudos sobre o romance antigo. Ora, a reclamação tem algum fundamento, pois essa natureza múltipla dos romances “marginais”, como expomos, deixa uma faixa de romances que vão daqueles em forma de diário de viagem àqueles em forma epistolar e biográfica/autobiográfica, tipos de romance que em momentos esparsos da modernidade serão (ou voltarão a ser) desenvolvidos com mais alento e sistematização. Diante dessa circunstância, Movellán Luis (2015, p. 264) afirma que é fato inequívoco que nos séculos posteriores à virada da era (ou mesmo anteriormente) constata-se o auge o desenvolvimento da literatura de ficção em praticamente todas as suas formas e que essas formas (ou gêneros) se interrelacionam entre si, tornando-se complicado distinguir claramente as características que poderiam diferenciar uma da outra. Observa, ainda, que se conservam mais exemplos de obras às margens do cânone do que nele mesmo. Por fim, conclui em relação a *Ephemeris* que seu autor utilizou os recursos disponíveis para criar uma obra ao gosto do seu tempo, mesclando elementos diversos de diferentes gêneros literários em voga com o escopo de criar um texto que se situe precisamente nos limites da ficção e da história.

Conjugam-se em *Ephemeris* três gêneros literários principais: a historiografia, o

romance e a épica. Vega e López (2001, p. 121) detalham essa conjugação de gênero que faz de *Ephemeris* um texto híbrido. Da **historiografia** *Ephemeris* toma sua pretensa autenticidade, a ausência de elementos sobrenaturais para os quais frequentemente fornece explicações ou versões racionais, o constante apoio da testemunha ocular do suposto próprio autor ou de fatos ouvidos a partir de testemunhos presencias, o estilo narrativo seguindo em ordem os acontecimentos dia a dia,<sup>96</sup> a precisão de dados. Do **romance**, para além das similaridades com a historiografia (prosa, abandono dos personagens divinos e sobrenaturais), *Ephemeris* toma a importância do tema amoroso e das figuras femininas e o rebaixamento da escala heróica dos protagonistas. E da épica, *Ephemeris* toma o argumento.

Além da influência da épica e da historiografia, o autor grego de *Ephemeris* valeu-se também da tragédia, como bem demonstra Peinado (2015, p. 178-188) quando analisa a terminologia empregada nos fragmentos gregos do texto, nos quais se constata reverberações de termos usados naqueles gêneros, fato que, segundo autora, permite-nos considerar o autor da *Ephemeris grega* um bom conhecedor da literatura que o precedeu e, sobretudo, daquela que tomava a Guerra de Troia como matéria.

A intersecção entre épica, historiografia e romance em *Ephemeris* reclama considerações sobre qual gênero de fato deu origem à narrativa de ficção antiga. A respeito da origem, Brandão (2005, p. 218), observando a epopeia e a história em perspectiva com romance no aspecto formal, argumenta que “embora o romance assimile técnicas de vários gêneros [...] em termos de macrotendências, epopéia e história são os dois que se apresentam como candidatos a seus principais avatares”. É assim que uns cognominam o romance de “epopeia em prosa”, e outros, de “história fictícia”.

Se, por um lado, o romance, por ser uma narrativa mista em prosa, está alinhado com a história, por outro lado, por ser narrativa mista ficcional, está ligado à epopeia, no que se refere à dicotomia realidade/ficção (factual/verossímil para Aristóteles e verdade/mentira para Luciano de Samósata). Brandão (2005), por conseguinte, conclui que “em vez de se pensar que é a prosa historiográfica que se ficcionaliza dando origem ao romance, seria provavelmente mais razoável admitir que é a epopéia que se *prosifica*” (p. 220, grifo do autor) e que essa abordagem tem como vantagem assumir que “a esfera na qual o romance se elabora é a da literatura e que, portanto, seu traço mais distintivo é a ficção e seu efeito principal, o prazer.” (p. 221).

Em outro sentido, o romance, de acordo com Dostálová (*apud* PEINADO, 2015, p.

---

<sup>96</sup> Foge a regra, por exemplo, o *flashback* de Ulisses no último livro de Díctis, que, segundo os críticos, é elemento de herança épica relativo ao discurso do herói na *Odisseia*.

498), é assumido por alguns críticos como produto do declínio da historiografia clássica no período helenístico, caracterizado tanto pela "prosa épica" quanto pela inserção de discursos, cartas, descrições de batalhas e cercos; por outro lado, existiria a relação do romance com a monografia histórica biográfica. Por fim, teria sido no tempo de Políbio que o romance teria se separado da historiografia, no ato de abandonar o passado e atualizá-lo, e de dotá-lo de um caráter mais popular.

Para os que derivam o romance da épica, as semelhanças que o novo gênero narrativo, sobretudo em sua vertente idealista, trava com a *Odisseia* de Homero provam a sua origem. Nessa epopeia homérica estaria já a motriz do amor e da aventura, a narração de um herói apaixonado que foi (e está sendo) separado de sua amada (Penélope) e tenta com todos os esforços voltar para casa, para os braços da amada. Nesse ínterim, a vagância lhe possibilita ver as *mirabilia* de terras estranhas. Os primeiros versos do poema clarificam o caráter paradoxográfico:<sup>97</sup>

Do varão me narra, Musa, do muitas-vias, que muito  
vagou após devastar a sacra cidade de Troia.  
De muitos homens viu urbes e a mente conheceu,  
e muitas aflições sofreu ele no mar, em seu ânimo,  
tentando garantir sua vida e o retorno dos companheiros.  
(*Odisseia*, Canto I.1-5, trad. C. Werner)

Outro aspecto é a performance de Ulisses como narrador de sua própria história quando recebido na corte de Alcínoo, fazendo dele o “inventor do relato fantástico, e, portanto, da ficção verossímil” (RUIZ-MONTERO, 2006, p. 54).

Ruiz-Montero (2006), no entanto, acredita que, mais do que a *Odisseia*, as *Argonáuticas* parecem ser cronológica e esteticamente um modelo literário mais próximo do romance. Dessa epopeia helenística que narra a busca de Jasão pelo velocino de ouro, teria o romance modelado as viagens marítimas, seus perigos e a posterior salvação, aliado a descrições paradoxográficas, e também a presença do erótico, com o romance da feiticeira Medeia e o chefe da Argos. O mesmo caráter paradoxográfico e erótico se entreveria na *Eneida*.

Bakhtin (1988) também comparou o romance com a epopeia e traçou três aspectos da épica que contrastariam com o romance e permitiriam distingui-los. O primeiro deles é o tempo, que na epopeia se caracteriza como sendo “absoluto”, perfeito, totalmente completado, um verdadeiro *outrora*. Para o crítico, "O mundo épico do passado absoluto, por sua própria natureza, é inacessível à experiência individual e não admite pontos de vista e apreciações

---

<sup>97</sup> Paradoxográfico indica tudo o que é relativo a aventuras e viagens.

peçoais". (BAKHTIN, 1988, p. 408), o que revela a natureza coletiva, nacional, ou mesmo o círculo fechado de que trata Lukács (2000, p. 26).

O romance, por outro lado, é o indivíduo, o ser particular, sem renome, enfrentando uma busca tão terrena e ao rés do chão como o é o seu próprio cotidiano (seja a concretização do amor, como em *Dáfnis e Cloé*; seja o contato com o mistério, como nas *Metamorfoses*; seja safar-se de uma grande enrascada, como no *Satíricon*, seja, por fim, o dia a dia da guerra, como em *Ephemeris*). O tempo do mundo do romance não é mais do que o passado “como se fosse ontem”, um pretérito relativizado, quase presente. O passado nos poemas épicos são a performance da memória ancestral coletivizada e figurada no nível sublime, motivo pelo qual são as musas, filhas de Mnemosine, que o conservam. Já o passado do romance é a performance da memória pessoal por excelência, seja ela de terceira ou primeira mão.

Para Bakhtin, outro traço distintivo é a lenda nacional ou, acrescentemos, o mito tradicional. Como observamos na primeira parte desta Dissertação, uma característica distintiva do mito é a sua totalidade, o seu aspecto de coletividade dos homens, a sua unicidade explicativa. O mundo épico “é dado somente enquanto lenda, sagrada e peremptória, que envolve uma apreciação universal e exige uma atitude de reverência para consigo” (BAKHTIN, 1988, p. 408). A essa reverência de que trata o crítico se liga o caráter de exemplaridade do mito realizado no épico, pois o mito explica as relações humanas no meio e fornece os moldes para a prática e perpetuação da ordem. O mito/lenda, na perspectiva do crítico, não é apenas o tema ou conteúdo da epopeia, mas, sim, o seu traço formal-conteúdístico. O romance, por sua vez, tem como fito o mito da individualidade, para o qual a satisfação primordial, a sua completude, dá-se no âmbito particular. Não mais a vitória da sua nação contra os bárbaros é o escopo, mas alcançar o acalento dos braços da amada ou do amado. O herói do romance não está mais abrigado por um mundo que lhe oferece transcendência e completude; o herói romanesco sofre do alheamento frente ao mundo (LUKÁCS, 2000, p. 66). Ele está sozinho nesse mundo tão cheio de coisas estranhas e maravilhosas para serem vistas e enfrentadas, com auxílio ou oposição dos deuses.

O terceiro e último traço elencado pelo estudioso, ligado de certa forma com o primeiro, diz respeito à localização do mundo épico na distância da contemporaneidade do autor e do público, é a “distância absoluta”, o distanciamento épico, que permite o encantamento tanto do espaço quanto do tempo e, em consequência, dos personagens que ali habitam. O romance, mesmo que vise à representação de um passado heróico, afirma Bakhtin (1988), não deixa de ancorar-se na contemporaneidade do autor. Como exemplo, afirma que a *Ciropedia* de Xenofonte tem como objeto o herói Grande Ciro, mas os pontos de vista e as

valorações são coetâneas do público, ao que ele chama de “modernização” do passado, que, pela nuance utópica da obra, permite perceber “um reflexo ligeiro e tímido do movimento do presente que parte do passado para o futuro” (BAKHTIN, 1988, p. 419).

Observando a natureza do *epos* e do romance, podemos considerar que, enquanto a epopeia é perfeita, no sentido de plenamente completa tanto em sua forma como em seu conteúdo, o romance é *perfectível*, no sentido de plenamente aberto e inacabado, na forma e no conteúdo. Nesse sentido, Bakhtin (1988) afirma que embora a *Ilíada* se apresente como um “extrato fortuito do ciclo troiano” (p. 421), não abarcando todo o passado épico, a parte que toma é completa, já que “a estrutura do todo se repete em cada parte, e cada parte é acabada e fechada como um todo”, daí o sentido de “ciclo”. A *Ilíada* abre-se com a conflagração da ira de Aquiles na sua pendenga com Agamêmnon e fecha-se com a morte de Heitor, que, em certa leitura, pode coincidir com o apaziguamento e a superação da *mênin* do pelida. Contudo, as pontas soltas, os sobreviventes e a própria guerra ficam suspensos e sem termo nessa obra. Na visão de Bakhtin (1988), a necessidade de conclusão é própria do romance.

Por fim, conclui o crítico que

O romance se formou precisamente no processo de destruição da distância épica, no processo de familiarização cômica do mundo e do homem, no abaixamento do objeto da representação artística ao nível de uma realidade atual, inacabada e fluida. Desde o início o romance foi construído não na imagem distante do passado absoluto, mas na zona do contato direto com esta atualidade inacabada. Sua base repousava na experiência pessoal e na livre invenção criadora. (BAKHTIN, 1988, p. 427)

A relação entre épica e romance, em nível formal, pode ser complexificada se observarmos a “árvore da narrativa” delineada por Motta (2006) seguindo o estudo de Scholes e Kellogg (1977) em diálogo com as considerações de Frye (1973). Motta (2006) observa que o surgimento do gênero épico se deu pelo processo de tornar homogêneas as diversas manifestações narrativas orais. Os primeiros rapsodos gregos deram unicidade a essa ampla gama de narrativas e transformaram a “criação coletiva” em “invenção solitária”. Para ele:

As três vertentes formais, no nível subterrâneo da história evolutiva em foco, estão, ainda, presas à oralidade de um contexto pré-artístico, mas pressionam a germinação do gênero narrativo, fazendo pulsar na latência de sua semente, por força do impulso vital dessas raízes, um componente *mítico*, na forma recorrente e cíclica de estruturar um enredo; um componente trágico com a *lenda* buscando a direção do histórico e do real; um componente cômico com o *conto popular* propiciando a abertura do imaginário para o plano da ficção e do ideal (MOTTA, 2006, p. 58)

O mito (sacro), a lenda (secular) e o conto folclórico (popular), seriam, respectivamente, histórias que i) narram acontecimentos fora do mundo profano do homem e



seu tempo; ii) narram acontecimentos dentro do mundo profano do homem e seu tempo; e, por fim, iii) narram acontecimentos regidos pelas leis que regem o mundo real. São, em ordem, os fios mítico, mimético e ficcional. Essas vertentes se entrelaçariam e configurariam a *síntese épica*, fazendo da própria epopeia, em suas raízes, um “amalgama de mito, história e ficção” (Scholes & Kellog, 1977, p. 7 *apud* MOTTA, 2006, p. 61).

Em um passo seguinte de sua descrição da “árvore da narrativa”, Motta (2006, p. 99) afirma que, após um processo de “profanação do modelo de narrativa tradicional” e de “purgação do mito”, a narrativa passa da oralidade à escrita, do canto/contador ao narrador, do *epopoios* (fazedor de verso) ao *logographos* (escritor de prosa). O desenvolvimento da prosa escrita, segundo Motta (2006), bifurcou o tronco do amalgama épico em dois ramos fundamentais: o ramo empírico (ligado à lenda) e o ramo ficcional (ligado ao conto popular). Surge nessa oposição os princípios da diferença entre “verdade” e “mentira” (ou mesmo “ficção”). Descreve o estudioso brasileiro que

Na travessia para esses dois ramos opostos, a narrativa, seguindo o impulso da *verdade* da narrativa histórica, caminho do mítico para o mimético, enquanto, no outro galho, seguindo o impulso da *beleza*, a prosa ficcional conduz o mítico para um plano eminentemente simbólico. Por ser o ramo ficcional o suporte em que a arte da narrativa fez florescer a sua natureza simbólica, frutificando formas específicas pelas ramagens da prosa escrita, levaremos o impulso mimético do ramo empírico da História para figurar, no lado da ficção, como força-motriz de representação realista. Essa tendência, cuja alusão ao real cria a ilusão do real, comporá, com a variante expressiva de tendência idealista que, por sua vez, cria retoricamente a ilusão de um mundo ideal, os dois modelos principais do gênero narrativo. (MOTTA, 2006, p. 99)

Nesse percurso, o estudioso aponta a História e o romance antigo como sendo, por assim dizer, gêmeos univitelinos.<sup>98</sup> Para Scholes & Kellog (1977, p. 39 *apud* MOTTA, 2006, p. 100), o fluxo factual e o fluxo ficcional “nascem do manancial da epopéia homérica e seguem caminhos separados até voltarem a unir-se no romance”. Caracteriza o fluxo factual o desejo pela “verdade histórica” e a eliminação do “elemento fabuloso (*mythodes*)”, formando a narrativa histórica. Seguindo a progressão da escrita e um conceito linear de tempo, o ramo empírico contribui para a formação do gênero narrativo ao delinear, por um impulso histórico, na cultura grega, um padrão de narração biográfico em terceira pessoa e outro, já no período de domínio romano, de ordem autobiográfica, na primeira pessoa. Caracteriza o fluxo ficcional a regência de um “impulso romântico” e de um ideal de heróismo e beleza. A união desses dois fluxos formam, segundo o crítico, o padrão “biografia-busca” e o padrão “autobiografia-viagem”, um paradigma idealizado e um paradigma realista.

<sup>98</sup> Poderíamos supor até serem gêmeos xifópagos se observada a imanência do eco formal da narrativa histórica nos romances antigos, sobretudo os do córpus periférico.

Seguindo o percurso formal, o romance antigo<sup>99</sup> teria muitas relações com a narrativa histórica e distinguir-se-ia dela apenas pelo fluxo proeminentemente ficcional. Ruiz-Montero (2006) também assume a semelhança que o romance tem com a historiografia e, exemplificando, afirma que o romance *Nino*, que trataria de homônima figura histórica ou mesmo lendária e teria se formado por um processo folclórico de contaminação de uma lenda oral, poderia situar-se em uma das etapas pelas quais a historiografia teria passado em direção ao romance, esse produto da retórica da Ásia Menor. Para o estudioso, a tradição biográfica, representada por obras como *Ciropedia*, *Anábasis* ou a versão helenística da atual *Vida de Alexandre*, constituem um marco importante no desenvolvimento da ficção na prosa grega, enfatizando que desde a sua aparição como gênero no século IV a. C., a biografia é apresentada como um louvor do herói, e, nesse aspecto, é o objeto de um tratamento retórico, continuado e aumentado durante o período helenístico. Cerdas (2011) esclarece ainda mais esse ponto ao explicar que o desenvolvimento do discurso epidítico (ou encomiástico) por volta do século V a. C. procedeu pela procura das qualidades dos textos poéticos no suporte da prosa, marcando aí o “aparecimento de uma prosa decorativa, com finalidade estética” (p. 39). Ele afirma ainda que “A biografia era direcionada para capturar as potencialidades tanto quanto a realidade da vida individual.” (p. 40), o que provocava a diluição da fronteira entre ficção e realidade com mais ênfase na biografia do que na historiografia propriamente dita. Essa configuração, segundo Cerdas (2011), era provavelmente percebida pelo público, pois ao passo que a historiografia tratava de temas políticos e militares (o geral, o pátrio), a biografia tratava da vida particular de um homem ínclito, e quem acorria a esse gênero buscava conhecer sobre a educação, os casos de amor e os traços únicos do caráter do herói, informações essas de difícil documentação, mas de fácil acesso e forja para a ficção. Cerdas (2011, p. 40-41), por fim, apresenta o testemunho de Políbio, que escrevera tanto no gênero historiográfico quanto no encomiástico, pelo qual observamos que ele procedera de forma diversa em relação a cada obra: em se tratando da história, a parcimônia nos fatos e elementos constituintes da obra visava manter a escrita com o fito na verdade; em se tratando da biografia, havia certa margem para sumarizar alguns fatos e exagerar outros. Ainda sobre a biografia, Ruiz-Montero (2006, p. 48-49) observa que nesse gênero também poderia se encontrar, em alguma escala, a contaminação de outros gêneros existentes. A épica, por exemplo, observa-se na caracterização do herói, como no caso do imperador Alexandre que tomava a proporção de “novo Aquiles e novo Ulisses” ao mesmo tempo. O drama, por sua

---

<sup>99</sup> Motta (2006) prefere a expressão “narrativa de ficção grega” ao invés do anacronismo.

vez, emprestaria o suspense, o interesse psicológico, a importância das mulheres, a concepção trágica dos fatos. Assim, conclui o autor que os mais antigos romances gregos podem ser considerados "romances históricos" e que estariam ligados à tradição biográfica. Para ele, a história parece preceder e explicar o romance, pois a influência que tiveram as tradições historiográficas e biográficas, estreitamente unidas na Grécia, apontam para um papel fundamental na formação do romance e precede tanto em questão de técnicas narrativas quanto em questão de temas e episódios específicos que o autor copia ou adapta a novos contextos.

*Ephemeris*, a nosso ver, não só acentua a característica histórica (em sua forma) como assinala uma herança épica (em seu conteúdo). Como se comentou, o autor de *Ephemeris* demonstra ter conhecimento da literatura que o precedeu e também de ter traquejo no nível da linguagem, e isso permite a hipótese de que sua obra é fruto de um interesse retórico. Como observa Ruiz-Montero (1996, p. 65), a ficção em prosa remonta ao nascimento da retórica no século V a.C, o período das *Tetralogias* de Antífon, os primeiros discursos totalmente fictícios da literatura grega e, de igual valor para o desenvolvimento da ficção retórica, são o *Elogio de Helena* e a *Defesa de Palamedes*, de Górgias. Para o estudioso, essas obras mostram como, desde seus primórdios, a retórica se utiliza do mito como um ponto de referência, um dispositivo que se revelaria uma característica típica de seu desenvolvimento posterior. Ele explica que a declamação, plenamente constituída no período helenístico, propiciou o aumento do caráter ficcional, pois paulatinamente ia passando de um exercício prático de contexto legal para um estatuto crescente de literatura imaginativa, cujo enfoque principal residia na narração de fatos. Os exercícios retóricos tomavam suas referências tanto do mito quanto da história verdadeira, envolvendo desde Aquiles a Alexandre; praticavam generalização dos fatos históricos por meio da omissão de nomes; remontavam, sobretudo, ao passado histórico, particularmente à gloriosa época de Atenas, mesmo que experimentassem certa falta de precisão histórica; marcam-se o uso da etopeia e do dramático como tendência de declamação; as principais fontes estariam na oratória, na comédia, no material folclórico e também em contos e lendas (RUIZ-MONTERO, 1996, p. 66). A declamação também se aproximaria do romance pela tópica, pois, de fato, seus temas incluem rapto, piratas, paixão, adultério, envenenamento, jovens castas, senhoras em bordéis, etc.

Na lição de Ruiz-Montero (1996), observa-se que a retórica, que por natureza visa à amplitude e ao progresso da linguagem expressiva, em seus exercícios permeia diferentes gêneros literários dos períodos helenístico e romano, o que acaba, senão por figurar como "origem" do romance, pelo menos por constituir seu espírito genericamente aberto. Contudo,

Ruiz-Montero observa que não se deve apenas creditar a construção do gênero romance às questões formais, pois ela está estreitamente vinculada ao fenômeno cultural do seu contexto de emergência. A retórica, acrescenta ela, é outro fenômeno sociocultural do período imperial particularmente evidente que não apenas é um conjunto de exercícios e regras. Conclui, então, que os exercícios retóricos são instrumentos que estão a serviço da criatividade e do talento de cada autor: “eles não são um começo nem um fim em si mesmos, mas, sim, um meio.” (RUIZ-MONTERO, 1996, p. 67). Assim, o romance e a retórica estavam extremamente próximos e a presença desta naquele revela o alto nível de consciência retórica e domínio da linguagem que tinham os autores dos romances, e esse fato prova que o romance não é um desenvolvimento marginal fora da literatura oficial cultivada do período, mas, pelo contrário, carrega seu selo. A linguagem do e no romance, segundo Ruiz-Montero, estaria sempre em diálogo com a retórica da época, assim como os romances de Longo, Aquiles e Heliodoro são mais sofisticados na medida em que a retórica do período é mais sofisticada, mais preciosa do que a do século I d.C, como as obras de Aristides e Luciano confirmam.

Nesse contexto, não nos parece absurdo que, senão a obra inteira, pelo menos a concepção de *Ephemeris* tenha sido originada de uma *progymnasmata*, um exercício retórico escolar em cujo acervo de procedimentos estariam estratégias úteis para lidar com textos, como fazer resumos, mudar o ponto de vista de uma história ou mudar o gênero. Assim, parece-nos que o termo “história romanceada” ou mesmo “ficcionalizada” caberia tão bem quanto “épica prosificada”, mas em nada resolveria nem contemplaria a intersecção dos três segmentos nesse romance. Ora, o que é *Ephemeris* se não um *romance histórico de tema troiano*?

### 3.2.2. *Ephemeris belli Troiani no entrelugar da história e ficção*

O estudo de *Ephemeris belli Troiani* traz à tona a questão, sempre complicada, da tênue relação entre *história e ficção*. Como observamos, Motta (2006) assevera que a narrativa épica se dá pelo amálgama do mito, da história e da ficção, que criaram a sua unidade artística como um reflexo próprio de um universo totalizado, de caráter religioso, mítico e politeísta, igualados culturalmente os planos do divino e do humano, como o era então o contexto grego. Separar esses ingredientes não era nem fácil nem pretendido, com o risco de derruir o inerente caráter po(i)ético do gênero. Todavia, nesse percurso, o desenvolvimento da narrativa, cada vez mais ligada à escrita, tenderá a uma bifurcação: de um lado desabrocha um fio *empírico* e

do outro um fio *ficcional*, segundo Motta (2006), reflexos tardios daquelas raízes ancestrais da *lenda* e do *conto popular*. Duas sendas se formam, uma que se direciona à verdade; outra, à beleza. A primeira, portanto, constituir-se-ia de elementos empíricos, os fatos, aquilo que fosse factual; enquanto a segunda constituir-se-ia de elementos de caráter retórico, no âmbito da inventividade, do belo, ou definitivamente, da ficção.

Nesse sentido, no ramo histórico, balizado pelo desejo de verdade, buscou-se o afastamento dos elementos que não lhe fossem naturais, ou seja, os elementos de caráter fabuloso. Afasta-se, portanto, a narrativa histórica da convenção épica. Assim nascia e se acentuava a distinção, no nível da convenção formal, entre ficção e história, entre “mentira”<sup>100</sup> e verdade.

A História, como muitas outras disciplinas, surge da filosofia, do interesse de questionar o mundo. A própria palavra “História” (em grego ἱστορία) significa investigação, informação. A busca por respostas a que se destina a história ou o historiador difere grandemente da primeira forma de questionar o mundo que reinou por muitos séculos: o mito. Como observamos, Jolles (1976) caracteriza o mito como forma mínima ao estruturá-lo como uma pergunta e uma resposta, na qual o ser humano, atônito frente ao incognoscível que o cerca, indaga o universo que o responde com uma verdade, sempre absoluta. A História, *mutatis mutandis*, teria a mesma estrutura. Não é, porém, ao universo que indaga, mas aos fatos (sejam eles de qual natureza forem), fatos com os quais a História tece sua narrativa. O epicentro tanto da explicação mítica quanto da histórica é a *dúvida*. E foi de fato a dúvida sobre os próprios mitos que levou o cético Hecateu de Mileto, no século V a. C., a afirmar que as lendas gregas eram “muitas e risíveis”, fato que o impeliu a escrever o que lhe parecia ser verdadeiro. Foi o que buscou fazer em suas *Genealogias*, obra que nos chegou em fragmentos. Em Hecateu, homem viajado e conhecedor de muitos lugares e povos, podemos encontrar o embrião da historiografia séria, em prosa, de método crítico, visando a distinção entre o mito e o fato histórico.

Considera-se comumente que Heródoto, o “pai da História” teria sido o primeiro a usar, de fato, a palavra *história* com o sentido de *investigação, pesquisa*. Como escreveu Soares (2010, p. 39), “Se Heródoto era considerado o pai da história, Tucídides foi considerado o pai da história verdadeira, porque era um mestre da verdade.”. Isso se deve ao fato de que Tucídides teria sido o primeiro a elaborar, de fato, um programa metodológico

---

<sup>100</sup> Aqui se usa a palavra *mentira* como um sinônimo não perfeito para ficção com o fito único de contrapor ao ideal de verdade, conceito sobre o qual, como se assinará mais adiante, inicia-se um debate filosófico a partir de Platão.

para fundamentar a sua prática histórica na lida com os fatos. Foi esse grego, estrategista de Atenas, que viveu entre os séculos V e VI a. C. e participou da guerra do Peloponeso, que ajudou a inventar tanto a ideia quanto a prática histórica tal qual entendemos hoje (CRANE, 1997, p. 27 *apud* SOARES, 2010, p. 396).

Em ambos os historiadores gregos é perceptível o interesse e a preocupação com o momento presente e com as situações pelas quais as sociedades em que vivem estão passando. É a explicação do hoje, do estado de coisas atuais que tomam o primeiro plano. Borges (1993, p. 20) afirma ser o presente o ponto de partida para a investigação dos historiadores gregos, pois eles estariam “ligados à sua realidade mais imediata, espelhando a preocupação com questões do momento”, dentre as quais as questões de organização política e campanhas militares são de primeira ordem. Nesse ponto, observa o autor, encontra-se a distinção essencial da explicação mítica e da explicação histórica, pois não se manifesta mais “uma preocupação com uma origem distante, remota, atemporal” como era inerente ao mito, “mas sim a tentativa de entender um momento histórico concreto, presente ou proximo passado” (*idem, ibidem*). O distanciamento e o outrora do mito são substituídos na história pela proximidade do tempo e do espaço. Apesar do mito, a História não busca a sua explicação em “causas sobre-humanas”, pois “não são mais os deuses os responsáveis pelos destinos dos homens”, já que esse homem “começam a examinar os fatores humanos, como costumes, os interesses econômicos, a ação do clima, etc.” e nesses fatores encontram a explicação para os fenômenos naturais e sociais, mesmo que ainda assim na história “se encontrem referências aos mitos e aos deuses” (BORGES, 1993, p. 20).

A preocupação explícita pela busca da “verdade” é o que mais tem de característico dentro da História. Exemplo disso é a declaração de Políbio, historiador grego do século II a. C.: “Desde que um homem assume atitude de historiador, tem que esquecer todas as considerações, como o amor aos amigos e o ódio aos inimigos... Pois assim como os seres vivos se tornam inúteis quando privados de olhos, também a história da qual foi retirada a verdade nada mais é do que um conto sem proveito” (*apud* BORGES, 1993, p. 21). A ausência da verdade é capaz de desestruturar a História de modo a convertê-la em algo outro, sem utilidade.

Esse traço de “utilidade”, “pragmatismo” é o acréscimo que os romanos, sempre herdeiros da cultura grega, farão às características da historiografia da Grécia. Segundo Borges (1993), a história servirá de exaltação de Roma e de seu papel no mundo, de seu projeto imperialista, o que leva ao próprio Políbio escrever que Roma era “a obra mais bela e útil do destino” e que, por conseguinte, todos deveriam a ela se submeter. A história tinha, aí,

uma função pedagógico-social que se encontra perfeitamente consumada no aforismo de Cícero: *historia magistra vitae* (história, mestra da vida).<sup>101</sup> Nesse ponto, muito se aproxima do caráter exemplar do mito, pois ambos (história e mito) fornecem verdades que, se não são imutáveis, servem para aprendizado e compreensão das coisas.

A verdade histórica se sobrepôs à verdade mítica, e a suplantou por meio da sua desvalorização, descrédito e degradação, até que a relegou ao extremo oposto, ao lugar de não-verdade, da mentira, da pura ficção.<sup>102</sup>

Fato é que a relação era sempre dicotômica, entre o que era real e o que era falso, a verdade e a mentira, de um lado o poeta, do outro, o historiador; ficção em contraposição à história. Nesse sentido, ao compor uma breve revisão das relações entre ficção e história, inicia seu exame pela perspectiva platônica e afirma que a problemática não fora considerada pelo filósofo, já que para ele “o poeta não é capaz de atingir a verdade, sequer conhecer a realidade” (GOBBI, 2004, p. 39), pois o artista seria o “artífice da imagem”, afastado três graus da natureza, do real, do tangível. Seria com Aristóteles que teríamos a primeira perspectiva de distinção entre poeta e historiador. Ao analisá-lo, a pesquisadora argumenta que “o poeta é, para Aristóteles, aquele que é capaz de organizar uma história plausível que,

<sup>101</sup> “*Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis, qua voce alia nisi oratoris immortalitati comendatur*” (Cícero 2002, II c. 9, c. 36 e c. 12, c. 51).

<sup>102</sup> A subordinação da verdade mítica à verdade histórica mais se deu para alguns filósofos que se contrapunham tenazmente ao mito e aos poetas do que ao geral imaginário antigo. Soares (2010, p. 543) afirma que a história como gênero tinha uma situação parelha à subalternização em relação à poesia lírica, trágica e épica. Esses gêneros, ao contrário da historiografia, narravam de modo grandioso os prodígios dos heróis e os monumentais eventos do passado longínquo. Para o estudioso, explica-se a preferência pelo fato de que os gregos nutriam grande consideração pela explicação mítica, pois “[...] as grandes verdades sobre a vida do ser humano só estavam ao alcance do mito e o mito dominava o ambiente no qual surgiram os historiadores. Antes da história, o mito dava uma resposta a tudo. Ele tornava o passado inteligível através de elementos que adquiriam permanência, pertinência e significação universal. No tempo de Heródoto, Édipo, Agamêmnon e Teseu, figuras de um passado longínquo, eram mais reais para os Atenenses do que qualquer personagem histórica anterior ao século V, excepto Sólon, que entretanto assumira contornos míticos. Todos os anos, estes heróis míticos eram trazidos à cena pela tragédia e pela lírica coral, no contexto das festas religiosas, e isto 'era sério e verdadeiro, literalmente verdadeiro'.” (SOARES, 2010, p. 543-544) Evidentemente o mito continuava sendo para o povo grego o “grande mestre do espírito”, era ele que dava os fundamentos para a moral e a conduta de vida, representava as virtudes da nobreza e do justo equilíbrio ou os prejuízos dos vícios. O mito ensinava sobre a origem da raça, da cultura e das instituições políticas. Nessa busca pela explicação, anda lado a lado com a história, mas trilhando direções diversas. Desse modo, “não é de estranhar que a história tivesse sido avaliada por comparação com a poesia”, já que “No essencial, eram duas formas distintas e rivais de redizer o passado.” (*idem, ibidem*). O próprio Tucídides, que criticou indiretamente a atitude de Heródoto que confere à sua narrativa caráter fabuloso (τὸ μυθῶδες), “não se inibe de recorrer à tradição mítica e epopeica nos capítulos introdutórios da sua *História*, conferindo a estas fontes estatuto histórico.” (*idem, ibidem*). A explicação para isso parece-nos evidente, pois sem registros escritos ou orais que sejam de fiável referência ao que de fato aconteceu no passado, os mitos que dele tratam fornecem o retratado pretérito, se bem que colorido. De maneira semelhante procedem Nívio e Ênio em suas obras históricas: para o passado de outrora, servem-se do mito; para o passado mais recente, das fontes coetâneas. (CONTE, 1994). O que os historiadores fazem, por vezes, assim como os críticos dos mitos, é racionalizar a explicação mítica e nela encontrar os fundamentos de uma verdade histórica. Tucídides, por exemplo, considera que Agamêmnon fora eleito como rei supremo não por consequência do pacto de Tíndaro, mas por causa de sua potência político-militar.

eventualmente, pode até conter o real” (GOBBI, 2004, p. 40). Gobbi (2004) contrapõe a concepção estética aristotélica à concepção ontológica platônica em respeito à arte. Aristóteles entende o discurso literário, a mímese poética, como a “representação do verossímil e do necessário, ou seja, daquilo que poderia acontecer, independentemente de sua vinculação com uma 'verdade' exterior, e subordinado apenas a uma espécie de coerência interna que fosse capaz de persuadir o ouvinte” (*ibidem*). O mito, entendido como ficção, ou mesmo “trama”, como Motta (2006, p. 66) aproxima o termo ao formalismo russo, “constituiria um conjunto elaborado de elementos escolhidos e agenciados segundo uma ordem necessária” (GOBBI, 2004, p. 40). À história caberia, em contrapartida, narrar os acontecimentos que realmente sucederam (τὸν μὲν τὰ γινόμενα) e que não se submetessem aos critérios de necessário e de verossimilhança.

A visão de Aristóteles a respeito da distinção entre ficção e história residiria, portanto, não na forma (verso ou prosa), mas, sim, no conteúdo da narração. Nesse sentido, segundo a leitura de Gobbi (2004, p. 40), ao outorgar a possibilidade de “desvendar as aparências, levando o homem a conhecer as essências”, Aristóteles concede à ficção a função que Platão furtara-lhe. Assim, ao passo que a história se restringe a relatos de acontecimentos particulares, a poesia anuncia verdades mais gerais, universais, “justamente pelo seu poder paradoxal de revelar o ilusório do mundo em que vivemos, alcançando, assim, o universal pela mediação do particular.” (*idem, ibidem*).

Mesmo sendo o poeta um fabricante de representações não lhe é vedada a referenciação a conteúdos externos, sejam presentes ou passados, como se pode perceber pelo pensamento de Aristóteles:

De tudo isto resulta evidente que o poeta deve ser um construtor de enredos mais do que de versos, uma vez que é poeta devido-à imitação e imita acções. E, se lhe acontece escrever sobre factos reais, não é menos poeta por isso: nada impede que alguns factos que realmente aconteceram sejam [possíveis e] verosímeis e é nessa medida que ele é o seu poeta. (ARISTÓTELES, 2004, p. 55)

Não é, portanto, nem mesmo a natureza dos conteúdos narrados (reais ou apenas verosímeis) que comporta a distinção entre o ser poeta e o ser historiador.

Soares (2010, p. 533) aponta que, no capítulo XXIII, encontram-se ainda a matéria representada e a estrutura (*mythos*) como traços distintivos entre Poesia e História:

o poeta constrói o seu enredo a partir de uma acção única e a sua estrutura prima pela unidade e coerência; o escritor de histórias habituais (ιστορίαις τὰς συνθέσεις) narra todos os acontecimentos ocorridos durante um determinado período de tempo, sem conexão lógica entre eles (1459a 22). Este tipo de história é confinado aos limites da crónica - mero registo de uma sequência



temporal de eventos -, circunscrito ao domínio do contingente, do incoerente e do irracional, por oposição à poesia que rege os seus encadeamentos por ordem lógica e causal.

Ainda no confronto das visões platônica e aristotélica, Brandão (2005), ao analisar o estatuto da narrativa no mundo grego, diferencia *diegésis* e *mímesis* e aponta a inclinação de um e outro filósofo a preferir determinado modo narrativo. Segundo o autor, a partir de um ponto político Platão busca em *A República* “responder à questão sobre que tipos de poetas seriam acolhidos na *pólis* construída com o *lógos*.” (p. 39). De acordo com Brandão (2005), esse dado é importante para chegar às conclusões do filósofo grego que discerne duas categorias de poetas: os que narram e os que mimetizam.<sup>103</sup> Como explica Brandão (2005), a teoria dos três gêneros pautar-se-á pela análise do caráter mimético ou não dos modos de enunciação, partindo assim de uma escala<sup>104</sup> que se inicia de uma narrativa não mimética (*haplè diégesis*, “narrativa simples”), cujo melhor exemplo seria em parte o ditirambo; passando por uma narrativa mista, cujo exemplo seria a epopeia (mas também outros gêneros); e uma narrativa puramente mimética, cujo exemplo se encontra no teatro, com a comédia e a tragédia. Brandão (2005) afirma que Platão está disposto a demonstrar a superioridade da “narrativa simples” sobre as demais, haja vista “a coerência de caráter do poeta (ou prosador) que fala sempre por si mesmo e como ele mesmo, sem mimetizar outros locutores no discurso direto” (p. 40). Essa simplicidade é a caracterização da verdade absoluta. O poeta (ou o prosador) que mantivesse a simplicidade de seu discurso (uma veracidade do “eu”) atingiria uma qualidade de natureza divina, como se lê no seguinte fragmento do texto platônico: “Por conseguinte, Deus é absolutamente simples e verdadeiro em palavras e atos, e nem se altera nem ilude os outros, por meio de aparições, falas ou envio de sinais, quando se está acordado ou em sonhos” (*A república* 382 c. *apud* BRANDÃO, 2005, p. 42).

Se para Platão os prosadores e poetas praticavam a *diégesis*, para Aristóteles eles e os demais artistas (como músicos, pintores, atores, etc.) praticavam a *mímesis*. Nessa distinção teórica situa-se a diferença do pensamento aristotélico em relação às ideias de seu mestre.

<sup>103</sup> A partir dessa distinção, Brandão (2005, p. 40) advoga que seria equivocado “entender, *tout court*, que Platão expulsa os poetas da cidade, pois, na verdade, ele condena apenas a literatura narrativa mimética, de uma perspectiva pedagógica”, literatura narrativa mimética que Brandão (2005) interpreta como sendo o seu exemplo puro o teatro.

<sup>104</sup> Na perspectiva de Brandão (2005) acerca da exposição platônica, a *haplè diégesis* seria a forma basilar de narrativa sobre a qual as demais seriam derivadas de acordo com a inserção nela de elementos miméticos. Essa “narrativa simples” para a qual o filósofo grego tem dificuldade de encontrar um verdadeiro exemplo, seria o reflexo da *simplicidade* buscada na *pólis*.

Acerca dos modos de mimetização, assim organiza e explica Brandão (2005) o entendimento de Aristóteles:

[...] com os mesmos meios é possível mimetizar as mesmas coisas, 1) às vezes narrando (*apangélonta* - 1.1.) ou tornando-se em algo outro, como faz Homero, 1.2.) ou como si mesmo e não mudando - 2) ou com todos os mimetizados agindo e atuando. (Poética 1448 a. *Apud* BRANDÃO, 2005, p. 44)

Sendo tanto a história quanto a ficção veiculáveis tanto em verso quanto em prosa e uma vez delineados os modos de enunciação, os historiadores antigos (como Heródoto e Tucídides), segundo Brandão (2005), enquadrar-se-iam de modo perfeito dentro da modalidade de narrativa mista, já que, em seu texto, encontram-se a fala tanto do narrador quanto discursos diretos das personagens, apesar de que predomine neles a narrativa simples, permeada de considerações, teorizações e comentários de cunho pessoal. Como narrativa mista, portanto, a narrativa histórica se assemelha à épica (narrativa de ficção).

Brandão (2005) propõe três distinções que separariam a narrativa literária da narrativa histórica no cerne do estatuto da narração, as quais se reelaboram no quadro abaixo:

<b>Narrativa literária</b>	<b>Narrativa histórica</b>
Refere-se ao universal e ocupa-se do que poderia acontecer.	Refere-se ao particular e visa ao acontecido.
Organiza-se segundo critérios da verossimilhança e da necessidade.	Pauta-se na conformidade das ações como elas tenham acontecido num determinado tempo, guardando uma com as outras um nexo puramente casual.
Tem como objetivo produzir prazer.	Tem como escopo a educação. <sup>105</sup>

A especificidade, portanto, da narrativa poética (literária) está ligada ao *poieín*, como explica Brandão (2005): “do ponto de vista da produção, é obra de um *po(i)eta*; do ponto de vista do produto [seja argumentos, seja personagens], é *po(i)etizada*; do ponto de vista da recepção, produz (*poieí*) prazer no receber.” (p. 53). Assim, a “fabricação”, “a ação de criar” é

<sup>105</sup> Tangendo à distinção entre ficção e história no que concerne a função social, Gennaro D'Ippolito (2010, p. 53) não se satisfaz nessa simples contraposição e argumenta que, se é verdadeira a afirmação de que a historiografia tem como função primeira um efeito cognitivo-pedagógico ao passo que o romance um efeito de entreterimento, em grande medida, participam uma da outra. Acrescenta ainda que para o contexto antigo o hiato de importância entre as duas funções é muito rarefeito quando não anulado. Soares (2010), em sua análise cruzada de Ricoeur e Tucídides, considera que, tanto no passado quanto no mundo moderno, a retórica e o estudo da linguagem (*linguistic turn*) serviram em muito à escrita histórica de seu tempo, permitindo que a ficção “complete” as lacunas que a História deixa em seu traçado. Diferenciar a escrita histórica da escrita literária tem sido uma das áreas em que há tempos produzem-se trabalhos acadêmicos, uns a favor da distinção e outros contra. Soares aponta que, “Depois de Ricoeur, outros historiadores e pensadores vieram pôr a ênfase no papel fundamental da literariedade da história, porquanto ela não só quer fazer ver como quer ser vista, isto é, quer sair do gueto dos eruditos e dar-se a ler com prazer ao público em geral.” (p. 575).

a base da narrativa poética, “ainda que tenham em vista fatos particulares, os quais, em princípio, seriam objeto da história” (p. 50).

Aristóteles contrapõe narrativa poética (entendida aqui por extensão “ficcional”) e narrativa histórica, sem, no entanto, como concebe Brandão (2005), ter claro o conceito de ficção nos termos que hoje se entende, apesar da evidente margem que dá a essa questão. Para esse autor, a tradição crítica de Aristóteles é balizada por duas questões principais: os aspectos sociais da realização da obra, que incluiria, portanto, tanto quem o diz, o “produtor”, como o conteúdo daquilo que é dito, o “produto”, e pela questão da finalidade da obra, que, por sua vez, incluiria o público leitor, o “consumidor”,<sup>106</sup> e também o “produto”. Dessa forma, fica clara mais uma vez que a obra, o produto, é o meio concreto de ligação pelo qual se “encontram” e se efetivam os interesses do produtor e do consumidor, explicitamente ausentes sempre por um hiato que os tornam, um para o outro, fastasmas mais ou menos transparentes, quando não totalmente rarefeitos, porém sempre implicitamente presentes no âmbito virtual.

Esses dois aspectos, então, enveredarão a concepção do narrado o qual será percebido a partir de um duplo ângulo, construído, mais uma vez, por posições dicotômicas: utilidade opondo-se à não-utilidade (prazer/divertimento) e, estritamente ligado a essa oposição, verdade (*alétheia*) opondo-se à ficção (*pseûdos*).

Na opinião de Brandão (2005), a questão da verdade, que marcou o diálogo da filosofia e da historiografia com a literatura desde o século VI a. C., alcança o seu ápice no século II d. C., em razão da imposição definitiva da *narrativa de ficção em prosa* como gênero literário. Confunde-se, então, “a fronteira que, ainda na época de Aristóteles e pelo menos nos três séculos subsequentes, circunscrevera praticamente a literatura à forma versificada”, pois, cabe lembrar, o filósofo admitia que não havia como agrupar sob um nome comum (entendido como *cópus*) os exemplos de obras literárias em prosa existentes em sua época.<sup>107</sup>

---

<sup>106</sup> Opera-se aqui a apropriação dos termos produtor-produto-consumidor por servirem a motivos argumentativos. Não devem ser, portanto, entendidos sob o viés necessariamente econômico-social, pois o que aqui é relevante são os jogos de interesse (oferta/demanda) que se realizam na efetivação da obra, em nível formal-conteudístico.

<sup>107</sup> Nas considerações de Brandão (2005) acerca da “primeira teoria sobre literatura na Grécia” trabalhada por Platão e Aristóteles, lê-se que esse último, mesmo tendo uma percepção fina do que poderia ser uma definição de literatura, concentra-se, em detrimento da ordem da prosa, no plano da poesia, o que terá reflexo determinante na teoria do romance, principalmente na sua não-efetivação por muito tempo. Na dicotomia do plano prosaico e poético, o autor supõe que para o entendimento da época “de certa forma, a ficção é própria do poético, e o uso da liberdade ficcional num texto em prosa não deixa de ser algo deslocado”, assim como, no que concerne à recepção, “o verso parece destinar-se ao ouvido, pelo menos em suas origens, e só mais tarde visa à leitura, o que vale tanto para a Antiguidade quanto para a Idade Média” ao passo que “a prosa, desde cedo, destinou-se à leitura”. Nesse sentido, Brandão (2005) propõe o romance como sendo um gênero “imprevisto” ao somar ficção à prosa. Essa imprevisibilidade, em grande medida, é o coração do gênero romanesco ainda nos dias modernos.

Dentre os antigos que trataram do elemento da verdade, cabe ressaltar, dada a incisividade e o modo peculiar como o fez, Luciano de Samósata, para o qual é pelo critério de verdade que se pode distinguir entre a história e a poesia. Luciano confere à poesia a pura liberdade (*ákratos eleuthería*) e à história lha veda determinadamente, pois a esta compete a verdade (*alétheia*) e àquela, a ficção (*pseûdos*, literalmente *mentira*). Para Luciano, as regras específicas de cada uma não devem se confundir, ao risco de desconfigurar-se a história ao serem introduzidos nela os rebuscados ornamentos retóricos da poesia, o mito, os louvores e as hipérboles típicos da poesia. Bem próximo à ideia de Luciano, estabelece-se a posição de Hegel, que, para Gobbi (2004), distingue a atividade do historiador e a do ficcionista em termos de criação, em que não é admissível ao historiador qualquer intervenção na história, a não ser enquanto organizador. Esse fato parece ser reflexo do que Aristóteles considerou entre casualidade da história e causalidade da ficção.<sup>108</sup> O historiador, portanto, deve narrar “o que existe, e tal como existe positivamente (incluindo aí as 'acidentalidades' da história, o jogo da contingência e do acaso), sem interpretações arbitrárias ou deformações poéticas” e Gobbi completa sua interpretação reportando as seguintes palavras de Hegel (1964, p. 70, *apud* GOBBI, 2004, p. 42):

Até mesmo quando o historiador, guiado pelos seus conhecimentos subjetivos, procura atingir as razões absolutas dos acontecimentos e a essência divina ante a qual tudo o que é acidental desaparece para dar lugar à necessidade profunda e interna à qual tudo obedece, não deve invadir o domínio da poesia que sozinha tem o gosto e a liberdade de transformar a matéria existente, a fim de a tornar, mesmo exteriormente, conforme a verdade interna.

Esse gosto e essa liberdade de transformação (ou mesmo deformação) da matéria existente da qual Hegel afirma a poesia gozar é, em outras palavras e língua, a *ákratos eleuthería* luciânica.

O *pseûdos* é o eixo central da crítica de Luciano de Samósata. Brandão (2005) esclarece que o termo não deve ser entendido como “negação da verdade, o que o tornaria mera inverdade, mas na categoria de um gênero de discurso que tem sua própria natureza e é o outro dos discursos verdadeiros”. Nesse sentido, a “mentira” ou a ficção é uma construção linguística que, com meios diversos, tem o fim de parecer ou mesmo passar por verdade. Assim, não é a verdade o diametralmente oposto à mentira, mas o seu concorrente no campo

<sup>108</sup> Forster (2003) apropria-se dessa distinção para definir dois termos cruciais para a análise da narrativa romanesca em sua perspectiva, estória e enredo: “Definimos a estória como uma narrativa de eventos dispostos conforme a seqüência do tempo. O enredo também é uma narrativa de eventos, na qual a ênfase recai sobre a causalidade. 'O rei morreu, e depois a rainha morreu' é uma estória. 'O rei morreu, e depois a rainha morreu de desgosto' é um enredo. A seqüência do tempo é mantida, mas o senso de causalidade a ofusca” (p. 73). Fica patente que é a maior desenvoltura da linguagem que dista a estória e o enredo, é a explicação, ou melhor, a conjectura que caracteriza, com efeito, a ficção.

dos discursos, pois a verdade, também veiculada linguisticamente, tem o fim de ser entendida com o estatuto que é seu por direito, o estatuto de *verdade*, de fiável. É assim que, na linha platônica da qual herda algumas marcas o pensar luciânico, “o *pseûdos* deve ser entendido como o outro da verdade”, mantendo entre si uma relação de “comunicação (*koinonía*)” (BRANDÃO, 2006, p. 58).

Ao analisar a obra *Filopseudes* de Luciano, Brandão (2006) discerne três tipos de *pseúdea*. O primeiro é o motivado pela necessidade, na qual o uso da mentira é desculpável, pois se justifica em vista da nobreza dos objetivos. Não é esse por excelência a mentira que se encaixa perfeitamente no caso da ficção, mas, sim, se inclina a certo gênero de *pseûdos* apropriado pela história com o fim útil, objetivo, de mera conexão. Nesse caso, revela-se que as categorias de verdade e mentira não são, portanto, antiteticamente simples, pois dependem de um caráter contextual em que se pesam a intenção, a situação e o destinatário.

O segundo tipo de *pseûdos* liga-se ao prazer de narrar/ouvir os *pseúdea*, não só das pessoas comuns, mas também dos historiadores e dos poetas divinamente inspirados que resgistraram histórias desse tipo em obras que encantam gerações sucessivas.

Um terceiro tipo que elenca Brandão (2006) é aquele cuja autoria, transmissão e fruição são obras coletivas de povos, são as mitificações (*mythode*) que figuram a alma desses povos. Essa mitificação “dá sentido especial a lugares e monumentos” e também ao povo a sua substância, cuja “realidade se institui no nível do imaginário, de que as ficções são os dados essenciais, não a verdade” (BRANDÃO, 2005, p. 60).

A percepção de Brandão (2005) sobre a visão de Luciano mostra que nela não está envolvido nenhum juízo moral que ponha a verdade em grau superior à mentira, mas, sim, o discernimento de que são discursos diferentes com, conseqüentemente, finalidades próprias. É por essa especificidade do *pseûdos* que, segundo Brandão (2005), Luciano o legitima em *Filopseudes*, ao contrário daquilo que parece ser deduzido numa primeira leitura dessa obra. Para o estudioso “o que se critica [nessa obra luciânica] não são os *pseúdea*, mas sua recepção sem sintonia com suas funções” (p. 61). Essa falta de sintonia nada mais faz do que desmascarar certas “mentiras subsidiárias”, das quais eventualmente se serviriam os antigos historiadores, filósofos e poetas para conformarem suas obras em relação a cada necessidade, mentiras essas não assumidas e muitas vezes não sentidas na recepção. Na leitura do prólogo de *Das narrativas verdadeiras* fica perfeitamente claro esse posicionamento de Luciano:

Por isso, desejando também eu, movido pela vanglória, deixar algo à posteridade, por não ser a única exceção quanto a liberdade que todos têm em contar estórias, já que nada tinha eu de verdadeiro para contar, inclino-me à mentira de modo mais racional que os outros; uma coisa só poderia dizer de

sério: que minto. Uma vez que não tenho nada de verdadeiro para contar, porque comigo nada aconteceu que fosse digno de ser narrado, direciono-me a uma mentira que é muito mais arrazoada que as outras: dizendo, de fato, que hei de mentir, direi ao menos uma verdade. Assim, talvez, evitarei acusações alheias ao admitir que não digo nada de verdadeiro. Escrevo, então, sobre coisas que eu mesmo não vi nem soube por outros, que não existem nem poderiam existir jamais: portanto, no que conto os leitores não depositem fé. (*Histórias verdadeiras*, I, 2, de Luciano *apud* D'IPPOLITO, 2010, p. 56)

Essa distinção no plano do discurso entre verdade e mentira assinala, na opinião de Brandão (2005, p. 61), “a descoberta da ficção como ficção, o reconhecimento de um espaço próprio para ela”. Nesse sentido, separado para si um lugar próprio, não mais como desvio ou defeito<sup>109</sup> efetuados em outros, a ficção passa a precisar de definição para os seus mecanismos de produção e recepção, os quais se podem caracterizar, a partir da discriminação feita por Brandão (2005) seguindo o entendimento luciânico, da seguinte forma: i) a produção do texto ficcional caracteriza-se por ser regido, quanto ao conteúdo, apenas pela *dóxa* (a perspectiva) do poeta, que usa de pura liberdade; ii) a forma deve agradar, de acordo com os cânones de bom gosto; iii) a recepção se reveste da finalidade de divertimento; iv) sua função, em consequência da recepção, é provocar prazer.

Superando a teoria aristotélica, a luciânica cria um estatuto para a ficção ao promover o deslocamento da questão da verdade de um plano moral para o plano dos gêneros de discurso, conferindo a ela a mesma legitimidade da qual desfrutavam os outros (BRANDÃO, 2005).

O autor grego de *Ephemeris* participa praticamente do mesmo contexto histórico (Segunda Sofística, século II d. C.) que Luciano de Samósata e segue de muito perto os preceitos históricos descritos em seus textos. Zanusso (2015, p. 22) chega a declarar que a ela agrada

hipotetizar que o nosso anônimo autor grego, nas últimas décadas do século, pôde apreender as palavras de Luciano como um contrato literário pelo qual pautar-se: compor uma obra historiográfica que rivalizasse mesmo com os poemas homéricos pelo seu conteúdo, seguindo os cânones que Luciano havia estabelecido pelo que se refere ao estilo, aos diálogos, à obviedade, à presença do mito e do divino, mas contradizendo o “mestre” ao menos em um ponto: ao subgênero historiográfico; escolhendo aquela forma “diarística” que Luciano tinha definido inadequada à historiografia verdadeira e própria, relegando-a, no máximo, a “material ainda bruto e privado de arte para se reordenar e

<sup>109</sup> Mais tarde, na crítica formalista, o conceito de “desvio” é entendido por Chklovsky como manifestação, na representação da realidade, na sorte de recriação e deformação do real; no plano linguístico, enquanto afastamento do uso linguístico comum; e no domínio da tradição e da dinâmica literárias, deslocamento em relação às normas artísticas dominantes num dado momento (GOBBI, 2004, p. 49). Os planos representativos, linguístico e histórico em que pode atuar o desvio assemelham-se, nos termos que circulam neste trabalho, aos termos respectivamente de narrado (produto), narração (ato da produção e, conseqüentemente, seus mecanismos) e narrativa (o gênero, em linhas gerais).

elaborar em um segundo momento”.

Quando se lança o olhar sobre o contexto da *Ephemeris grega*, tem-se a sua inserção no revisionismo dos autores clássicos, no renascimento da cultura grega e da retórica, na caracterização dos personagens, no anti-heroísmo, etc. Com efeito, essa era “uma época com vistas aos temas do passado com uma perspectiva aberta a mudanças” (PEINADO, 2015, p. 495). Esse ambiente púvio deu espaço para que o autor de *Ephemeris*, apoiado nas mais variadas influências, desde a épica às escolas retóricas, escrevesse uma obra imprevisível e, de certa forma e por um longo tempo, “imprevista”. Essa imprevisibilidade faz com que, em certa medida, complexifique o estabelecimento do gênero a que pertence *Ephemeris* porque é difícil atender todas as suas variáveis (MOVELLÁN LUIS, 2015, p. 263). Por causa desse caráter flutuante, a crítica passou a relegá-la a segundo plano, quando não à marginalidade, ou mesmo num sentido de incompletude, como Gainsford (2012), que a denomina de *quasi-novel*. Todavia, consideramos que, com efeito, o lugar dessa obra é o “entre gêneros”, acumulando em si principalmente elementos da épica, da historiografia e do romance.

Segundo Cristóbal (*apud* PEINADO, 2015), essa mistura de elementos que *Ephemeris* apresenta permitia a criação, no seio “ingênuo” da Idade Média, de afirmações acerca desse relato que lhe iam conferindo fidelidade baseada nas supostas autenticidade e autopsia, passando a ser considerado “história e verdade” aquilo que, na realidade, não passava de “um híbrido de mitologia e ficção, pura *superchería*,<sup>110</sup> jogo retórico, falácia e engano tanto ou mais que o testemunho dos poetas, sempre suspeitos desde Platão” (p. 498). Concordamos com a opinião de Movellán Luis (2015), a qual afirma que o autor de *Ephemeris*, tendo como *background* um intrincado e complexo conjunto de obras e gêneros dos mais diversos, utilizou-se dos recursos que estavam a seu alcance com o fim de criar “uma obra ao gosto de seu tempo” operando pela mescla de elementos dos diversos gêneros literários em voga, explorando-os pela liberdade que a narrativa de ficção lhe oferecia. Dessa operação logra o autor “criar um texto que se situa precisamente nos limites da ficção” e por isso mesmo promove “a sensação no leitor de estar diante de uma narração real e histórica” (*op. cit.* p. 264).

Em *Ephemeris*, a sensação de estar lendo uma história real e verdadeira é construída, tanto na tecitura do texto quando nas suas bordas. Segundo a opinião de D'Ippolito (2010), no fundo, todo tipo de romance, até mesmo o paródico, “tende a dar a impressão de veracidade”

---

<sup>110</sup> Sobre a definição desse conceito, Vega & López (2001) anotam, seguindo definição de Ruíz, que seria ficção/invenção pessoal deliberada que pretende se passar por realidade, acrescentando, porém, que não é possível verificar se o autor pretende que sua invenção seja vista realmente por ficção ou por história.

e o faz “através de várias estratégias de autenticação”. O estudioso italiano, então, aponta para a função dos paratextos na ficção, ao que concerne ao movimento de validação do narrador quanto ao que narra.

Nesse sentido, em *Ephemeris* a autoria é o fato crucial, que aqui será analisado tendo como horizonte a comparação épica *versus* historiografia que se converte em romance e para ele converge. Como se sabe, o narrador é o elemento que basicamente define o grande gênero narrativo, o ser que fala, o “eu” que implícita ou explicitamente enuncia,<sup>111</sup> já observado nas considerações de Aristóteles. Como comunicação, um narrador pressupõe um narrado (o que se narra) e um narratário (para quem se narra). Para Brandão (2005), é “a função do narrador que marca a passagem da narrativa mítica para a narrativa literária, histórica, etc.”, pois “O mito representa, para o ouvinte, uma sorte de narrativa sem narrador [no sentido de] uma elaboração e uma elocução coletiva” (p. 93-94) enquanto a narrativa historiográfica tende a ter o ser pessoal “assinando” o seu texto, como Heródoto e Tucídides. A assinatura em *Ephemeris* ocorre em três momentos diversos e por três enunciadores diferentes, portanto, por três enunciados distintos, que reportam as três partes que compõem essa obra: a carta prefatória, o prólogo e o texto.

A ficcionalização que ocorre nos paratextos aponta para a consideração do relato como “a verdadeira história da Guerra de Troia”. Segundo Brandão (2005), o recurso às fórmulas de enquadramento das narrações contidas em proêmios e epílogos justifica a aparência de que o romance deriva diretamente da historiografia. Todavia, como observa Genette (2009), uma “pré-história” do prefácio estaria nos primeiros versos da *Ilíada*, numa espécie de “prefácio integrado”, em que se apresentam a autoridade (invocação à musa) do narrador, o assunto a ser narrado (no caso do poema homérico, a cólera de Aquiles) e o ponto de partida narrativo (no caso, querela de Aquiles com Agamêmnon). Similarmente formula Brandão (2005, p. 111):

Assim como, na poesia arcaica, versos introdutórios têm uma função de enquadramento, esclarecendo a situação do texto, do narrador, do poeta e do ouvinte [...], no romance e em outros gêneros escritos, sobretudo em prosa, títulos e epílogos [...], bem como, de modo mais elaborado, os proêmios têm uma função de fundamental importância para a recepção da obra.

Motta (2006) sublinha uma mudança essencial da passagem da narrativa oral (da qual se nutre a épica) para a prosa de ficção: a substituição do cantor/contador de histórias, que reflete o plural e coletivo da tradição, pelo autor, artista individual e criador. Surgiria aí, nas

---

<sup>111</sup> Na verdade, sempre na construção linguística há, no enunciar narrativo, um “eu” implícito, seja em primeira ou em terceira pessoa. E, num nível pragmático, via de regra, todo enunciado tem o seu “eu” que enuncia.



palavras do estudioso, “o narrador, a máscara do engenho retórico da ficção” (p. 116). Não fortuitamente parece ser o uso da palavra “máscara” que remete ao “tornar-se outro” (BRANDÃO, p. 46-47) que, guardadas as proporções, ligam-se ao caráter mimético louvado por Aristóteles nos poemas homéricos. Flagra-se aí, também, a caracterização do narrador como um personagem que interage não só com o conteúdo da história (como um organizador textual), mas também como um participante, em maior ou menor grau, da mesma narração que ele próprio produz, ele mesmo só existindo enquanto atue, narrando, sendo o narrador, no nível performático, portanto.

A licença que antes se amparava na “onisciência divina, autoritária, de confiança e objetiva, fornecida pela autoridade da tradição” na nova forma de narrar se concentra no autor, caracterizado agora como “um escriba, que tem que construir a autoridade de sua narração” (*idem*, p. 116-117), com o fim de conquistar a credibilidade do leitor. As bordas do texto, como pode parecer, às vezes, numa visão leiga, um não-texto, um mero adendo, configuram-se como um elo direto e explícito entre autor e leitor que introduz e promove a convenção, o pacto ficcional, do conteúdo da obra.

A construção da autoridade do narrador em *Ephemeris*, o soldado Díctis, é efetuada por sua localização no mesmo tempo e lugar em que ocorreu os eventos que narra, seguindo a metodologia tucididiana, que, em síntese, consiste na confiança de relatos de testemunhas oculares. Coerentemente, quando não esteve presente, Díctis expõe como recupera as informações, definindo suas fontes, como é o caso dos eventos que antecederam a reunião dos gregos, dos quais ele mesmo teria sabido a partir do relato de Ulisses:

*Eorum ego secutus comitatum ea quidem, quae antea apud Troiam gesta sunt, ab Vlixee cognita quam diligentissime rettuli et reliqua, quae deinceps insecuta sunt, quoniam ipse interfui, quam verissime potero exponam.*

Tendo eu seguido a comitiva deles, as coisas que aconteceram antes em Troia relatei o mais diligentemente possível, uma vez as tendo conhecido a partir de Ulisses; e o restante, as coisas que aconteceram depois, porque eu mesmo estive presente, contarei o mais verdadeiramente que eu puder (*Eph.* I, 13).

Essa circunstância encontra eco no entendimento luciânico. Sobre essa questão, Brandão (2005, p. 95) entende que

a atribuição da elocução a um narrador tem como consequência uma sorte de relativização do princípio de verdade inerente ao mito. É ainda Luciano que, com relação à *Ilíada*, debita à fantasia de Homero detalhes relativos ao narrado: sem negar a guerra de Tróia ou a existência de Helena, Aquiles ou Ájax, admite que o poeta engrandeceu os fatos e as personagens, justamente porque não os viu em pessoa e *in loco*.

Nos paratextos e também no texto aparecem elementos que, com bastante detalhe,

referem-se a situações e pessoas históricas, como por exemplo, a evolução da escritura na Grécia e o estatuto dos dialetos na região e a figura e personalidade de Nero. Essa referência torna ainda mais plausível, histórica então, a narrativa em *Ephemeris*, pelo acúmulo de índices que constroem o que Barthes (1972) chamou de “efeito de real”.

Além dos paratextos, o narrador em primeira pessoa, que cumpre a exigência luciânica de “ter visto as coisas em pessoa e *in loco*”, a autopsia força a linha de autoridade, pois coloca-a em grau de dependência da confiança ou não do leitor, mesmo sendo o seu conteúdo tratado, no nível linguístico, numa prosa rasa, como a caracterizou Merkle (1999).

Esse estilo, que por muito tempo a crítica acreditou ser um defeito da obra, na verdade condiz com a coerência da elaboração do texto num formato de gênero como o é aquele escrito por Júlio César, em *Comentários sobre a Guerra Gálica* (MERKLE, 1999).<sup>112</sup> A consideração de Carpeaux (1900) relativamente a esta questão é elucidativa e pode ser atribuída também, com uma muito pequena adequação, ao texto de *Ephemeris*, a qual consiste em afirmar que a ausência de estilo na obra de César reflete a condição em que foram escritos os textos já que

---

<sup>112</sup> Os *commentarii* como gênero nos interessam. Silva (2017), dialogando com Rambaud (1987) e Martin (2000), considera que o termo referia-se a textos que mantinham relações autobiográficas, com as memórias, algo mais rudimentar do que uma verdadeira narrativa histórica. Além de César, também o usaram, por exemplo, Cícero e Suetônio. A natureza do conteúdo desse (sub)gênero narrativo é de complexa especificação. Estrabão traduz *commentarii* por *hypomnemata*, “memórias”, e Plutarco por *efemerides*, significando “*journal*”, algo como boletim ou mesmo uma monografia, porém nenhuma delas satisfaz. Aponta que traduzir modernamente por “notas” ou mesmo “comentários” também não é tão acertado. Pode-se, seguindo Martin (2000, p. 18 *apud* SILVA, 2017, p. 372), “propor também *Aide-mémoire* ou *Elementos para servir à história de...* na verdade, a palavra designa, indiferentemente, simples notas, um rascunho, uma sinopse, um esboço, um plano geral do discurso ou da obra, ou documentos oficiais, papéis, registros, ou ainda arquivos privados, das contas, das memórias pessoais”. O adjetivo *commentarius*, derivado de *comminisci*, era aplicado a um livro ou a uma reunião de anotações que serviam para guardar lembranças. Assim, para os latinos, os *commentarii* eram anotações de estudantes, de um orador, ou mesmo de um gramático. Também o mesmo termo era usado para referir-se “às crônicas onde as antigas famílias consignavam os grandes feitos dos ancestrais, às crônicas reais e pontificiais, aos livros de contas e despesas onde os ricos proprietários e comerciantes inscreviam as operações da jornada, enfim, às memórias pessoais”, usos que sugeririam “parentesco entre conjuntos de papéis reunidos, dossiês e os Comentários, e aproxima os arquivos dos quais Antônio estava de posse quando da morte do ditador.”, dentre as possibilidades de obras, “O único exemplo de memórias parecidas que são próximas de César e das quais podemos ter uma ideia, é a narrativa feita por Cícero de seu consulado, parecia que esses *commentarii* eram destinados a fornecer materiais aos historiadores, em lhe inspirando uma imagem adúladora do principal personagem” (RAMBAUD, 1966, p. 18 *apud* SILVA, 2017, p. 373). Esse mesmo caráter de subsídios aos historiadores encontramos em Hircio, que assume a “incumbência de continuar a narrativa de César” o que esclarece a intenção dos *Commentarii*, a qual seja de se prestar como “escritos para servirem de memória aos historiadores, o que permite entender a obra como um recolhimento de informações a serem posteriormente utilizadas.” (SILVA, 2017, p. 373). Antes de César, as obras *De uita sua*, de P. Rutilius Rufus ou os *Commentarii*, de Cícero, obras conhecidas apenas por referências em textos posteriores, atestam a existência de um gênero no qual se inseriam os *Commentarii* de César. A relação da nossa *Ephemeris* com esse (sub)gênero é evidente e a citação de Luciano de Samósata em *Das narrativas verdadeiras*, em que credita a maior veracidade histórica (porém menor validade científica, por assim dizer) a um soldado que fizesse anotações (*hypomnemata*) enquanto em momento de guerra, favorece assumir que era a intenção do autor de nossa obra forjar a historicidade do relato troiano por meio da apropriação desse gênero. Curiosamente, dentre as possibilidades de título para a obra de César nos manuscritos contar-se-ia uma *ephemeris rerum gestarum*.

não foram elaborados no silêncio de gabinetes. Foram elaborados no acampamento noturno às vésperas de uma batalha ou depois da vitória. Foram escritos à luz vacilante dos bivaques e os sinais de interrupção foram confirmados pelos gritos das sentinelas e pelos toques de clarim. Quem escrever nessas condições não poderá ter vontade nenhuma de “castigar o estilo”. Escreverá lacônica e concisamente, limitando-se aos fatos. (CARPEAUX, 1900, p. 10)

A única adequação a ser feita é que a circunstância que é real para a composição dos comentários de César, é ficcionalizada para a de *Ephemeris*. Se, por um lado, César existiu em nome e fama e narrou um verdadeiro fato histórico, embora editados, por outro, o autor de *Ephemeris* dissipa-se no anonimato e narra um fato mitológico simulando ser histórico. Para Peinado (2015, p. 502), essa suposta veracidade que converte o autor em partícipe e conhecedor de primeira mão por meio de outrem dos eventos ocorridos visa a superar o método homérico e dar credibilidade e historicidade ao relato, que reflete, de fato, o contexto do Baixo Império, no qual se encontra a historiografia em seu declínio, já se desenvolvendo “romanceada”, numa mescla que não mais é vista como interferência nem desvio.

Se, pelo que se descreveu até o momento, *Ephemeris*, em linhas gerais, tomou da historiografia a forma, seu conteúdo é, necessariamente, um conteúdo que primordialmente foi épico, ficcional. Sua narrativa não tem apenas como hipotexto Homero (*Ilíada* e *Odisseia*), mas, sim, todo o ciclo épico de tema troiano. O escopo de *Ephemeris* no seu jogo literário seria a Guerra de Troia e sua herança na cultura literária.

Observe-se que claramente a relação direta entre Homero e a obra *Ephemeris* é parcial, no próprio contexto do revisionismo clássico e crítica homérica, como bem explica Movellán Luis (2015, p. 286):

[*Ephemeris*] apropriando-se de uma lenda, a Guerra de Troia, que já tinha passado do mito para a historiografia e já tinha sofrido vários processos de racionalização, [...] trata de reescrever o relato por meio de um novo processo de atualização, de maneira que os protagonistas atuem como humanos e os motores que movam a ação sejam aqueles que, aos olhos de alguém do segundo século, desde sempre a têm movido: riqueza, avareza, amor, a solidão do homem, etc.

Dessa forma, *Ephemeris* é herdeiro do épico transposto na crítica filosófica e historiográfica. No interior dessa transposição *Ephemeris* ocupa-se do estatuto da verdade/autoridade.

O terceiro gênero do qual a crítica afirma ser *Ephemeris* devedora é o romance. Do romance, além daquelas características formais que se assemelham ora à narrativa épica no rebuscamento da linguagem e na liberdade quanto à verdade, ou seja, a idealização; ora à narrativa histórica no narrar cronológico, na presença de um narrador mais próximo do

narrado pela lógica, restringido pela guisa do verdadeiro na busca do (efeito de) real; há insistência de que o amor em *Ephemeris* é um traço propriamente romanesco. Se entendido o amor no sentido amplo, desde um “amor divinizado” dos romancistas gregos (na linhagem do ideal) a um “amor carnal”, ligado ao sexo mesmo, dos romancistas latinos (na linhagem do real), encontra lugar bem tênue em *Ephemeris*, pois a efetivação, seja do amor carnal seja do divinizado, não ocorre senão no âmbito dos motivos que movem a ação dos homens, e nesse sentido se assemelhariam também, em certo grau, à épica.

A presença do elemento amoroso em *Ephemeris* poderia apontar também a presença saliente das mulheres nesse romance. Contudo, o amor, na perspectiva aqui assumida, não é um elemento que, sozinho, possa realmente caracterizar o gênero romanesco e deve-se compreender que, em *Ephemeris*, o amor cumprirá outro papel narrativo (do qual trataremos em seção sobre personagens).

Na intersecção dos três gêneros, *Ephemeris* mostra-se de constituição mista, o que não reflete mais que o próprio caráter do gênero romanesco, o qual espelha, por sua vez, um ambiente social aberto. O romance antigo é, como formulou Bakhtin (1988), um gênero inacabado, ainda por se constituir, que continua a evoluir dialogando livremente tanto com outros gêneros quanto consigo mesmo, um gênero que se mostra preocupado com o efêmero, com aquilo que se passou e se passa com homem comum. Brandão (2005) afirma que “a característica mais básica do romance grego (como, em geral, de todo romance) é a capacidade de dialogar com outros gêneros”, chamada por ele de “propriedade gramatofágica”, a qual envolve não só assimilação dos gêneros, mas também, e principalmente, sua transformação em algo outro. Essa operação é o que confere ao romance uma natureza sempre atualizada e atualizante (se é permitido o neologismo).

No âmbito, portanto, da discussão entre verdade e mentira, história e ficção, circunscrevendo-se à forma narrativa, observadas as divisões das narrativas que Brandão (2005) reporta de Hermógenes em narrativa mítica (*diégema mythikón*), narrativa histórica (*diégema historikón*) e narrativa plasmática ou dramática (*diégema plasmatikón* ou *dramatikón*), correspondentes de modo respectivo aos termos latinos *fabula*, *historia* e *argumentum*, pode-se situar o romance como gênero nessa última categoria (*diégema plasmatikón* e *argumentum*). Brandão (2005) acrescenta que o termo é significativo, pois a forma adjetiva *plasmatikón* tem o sentido tardio de “falso, enganador e, na esfera da retórica, de teatral, dramático” e enquanto a forma substantiva, *plásma*, por sua vez, designa “uma figura ou coisa modelada, a modulação da voz ou som da flauta, o caráter; o estilo, uma aparência simulada” e, completa afirmando que “em sentido especializado, *plásma* indica

“ficção, a invenção, isto é, um entreccho modelado, modulado e simulado em que a atividade do escritor encontra seu paralelo na do escultor que, a partir da pedra, da argila ou de um outro material, compõe uma figura ou uma cena” (p. 70.). *Ephemeris* condiz, então, com o gênero romanesco, uma vez entendido o processo plasmático que opera principalmente em relação à épica, à historiografia e também ao próprio romance.

Focalizando *Ephemeris*, e tendo visto todo o percurso que aqui se fez, se a alguma espécie de romance pode-se aproximar essa obra é, consonante com a opinião de Peinado (2015), ao *romance histórico*. Embora não se possa considerá-lo, de modo categórico, um romance histórico como o é o moderno, em *Ephemeris* “predomina a narração biográfica em primeira pessoa” e a obra é entendida como sendo “histórica e não legendária ou mítica, pois nessa época se entende como história a origem de Roma.” (p. 509), origem de herança troiana. Um romance histórico “antigo” seria circunscrito ao seu tempo e à sua literatura, às disposições sócio-culturais e artísticas, e, acima de tudo, circunscrito às concepções, mesmo que vagas e pouco sistematizadas, acerca daquilo que se entenderia tanto por romance quanto por História.

O romance histórico atual tem sua origem com a obra de Walter Scott,<sup>113</sup> que se confere e se confirma pela teorização de Lukács em seu *Romance Histórico*. Lavorati e Teixeira (2010) consideram que o romance histórico (clássico, aquele nos moldes scottianos) nasce das transformações sociais, políticas e econômicas que despertam nos indivíduos a consciência da importância da história e do seu reflexo na vida dos indivíduos. Além disso, estaria esse despertar ligado à aceitação do caráter científico da História que ia sendo assumido a partir do século XIX, cuja intenção era “conquistar sua especificidade e sua independência em relação à Literatura”, caracterizando-se pela “preocupação com o rigor e com a objetividade [que] impera na pesquisa histórica, opondo-a diametralmente à livre invenção romanesca.” (FREITAS, 1986, p. 2), o que tem certo reflexo semelhante no passado. As características do romance histórico clássico como descreveu Lukács podem ser assim sintetizadas, seguindo Esteves (1998, p. 129 *apud* LAVORATI & TEIXEIRA, 2010):

1- A ação do romance ocorre num passado anterior ao presente do escritor, tendo como pano de fundo um ambiente histórico rigorosamente reconstruído, onde figuras históricas ajudam a fixar a época, agindo conforme a mentalidade

---

<sup>113</sup> Cerdas (2011, p. 51), no entanto, assinala que, “Antes, já encontrávamos romances com temas históricos (séc. XVII e XVIII), que podem ser considerados como antecedentes do romance histórico. Contudo, estas obras são históricas apenas pela escolha de temas e costumes, pois neste passado representado não somente a psicologia das personagens, mas também os meios sociais pintados, são inteiramente aqueles do tempo do próprio escritor. Nestas obras importa apenas o caráter curioso e exótico do ambiente pintado, e não a reprodução histórica fiel de uma era historicamente concreta.”.

de seu tempo.

2- Sobre esse pano de fundo histórico situa-se a trama fictícia, com personagens e fatos criados pelo autor. Tais fatos e personagens não existiram na realidade, mas poderiam ter existido, já que sua criação deve obedecer a mais estrita regra de verossimilhança.

Com o avanço nas discussões tanto no âmbito literário quanto no historiográfico, a intersecção dessas áreas na formulação do romance histórico também avança. Assim, Cosson e Schwantes (2005) distinguem três tipos de romance histórico: o clássico, o revisionista e a metaficção historiográfica. Em linhas gerais, o segundo tipo de romance histórico visa à análise e reinterpretação da realidade do passado. A terceira modalidade, em contraste com as demais,

é aquela que desvela o caráter narrativo da história, recusando os pactos de vizinhança que sustentam as divisões entre os dois discursos. Não se trata mais de dividir o território da narrativa entre ficção e história, nem da união de forças para subverter o estabelecido, mas, sim, como analisa Linda Hutcheon, de que a literatura e a história agora “partilham a mesma postura de questionamento com relação ao uso comum que dão às convenções narrativas, à referência, à inserção da subjetividade, a sua identidade como textualidade e até seu envolvimento na ideologia” (HUTCHEON, 1991, p. 142). Nessa terceira modalidade, que é chamada de metaficção historiográfica ou romance histórico pós-moderno, a verdade da história passa a ser plural e o romance se ocupa dos limites de toda e qualquer representação. Dessa forma, o valor da narrativa, seja ela histórica ou literária, está não apenas na verdade do que diz, mas também na consciência de que usa uma determinada forma para dizer essa verdade. (COSSON & SCHWANTES, 2005, p. 35)

Parece-nos que, de fato, *Ephemeris* não se encaixa completamente na descrição do romance histórico (seja ele o clássico, o revisionista ou a metaficção historiográfica). Contudo, alguns críticos, dedicados a discutir a distinção entre discurso histórico e ficcional, também tendem a apontar para uma intersecção entre os dois tipos de narrativa. Assim, uma proximidade entre o poeta e o historiador pode ser assumida no que tange ao modo de composição. Por exemplo, como bem resumiu Cerdas (2011, p. 51):

[Em sua obra *Como se escreve a história*], Paul Veyne, retomando a problemática lançada por Hegel, [considera que] a história é uma narrativa de eventos selecionados e organizados, em vista de um determinado fim, de acordo com a subjetividade e ideologia de um sujeito histórico. Assim, a objetividade do texto histórico deve-se a procedimentos de escritura, a tópos e índices do gênero, tanto quanto a estilização realista do texto literário. O autor do discurso historiográfico é, portanto, um criador de simulacros, como o poeta, manejando seu material a fim de que a sua verdade seja comunicada. A imagem de verdade que é lançada pela representação histórica é apenas uma ilusão linguística e literária, criada por procedimentos estilísticos. À medida que se fortalecia enquanto gênero discursivo, a tradição historiográfica desenvolveu determinadas regras de escritura que não só criam a ilusão de verdade, mas também tornam o texto reconhecível como historiográfico para o

público.

Nessa mesma linha, Barthes (1988), entendendo que, com a análise do discurso, poder-se-ia por em xeque a clássica oposição tanto dos gêneros literários quanto da dicotomia texto literário e texto histórico, analisa grandes historiadores (como Heródoto, Maquiável e Michelet). Para ele, o discurso histórico comporta um processo de significação que objetiva o preenchimento do sentido da História, pois opera na organização dos fatos de modo a torná-los inteligíveis em uma narrativa.

Se, segundo Soares (2010), as relações entre subjetividade e objetividade e entre discurso e retórica no entrecruzamento da verdade histórica e ficcional já poderia ser encontrada em Tucídides, também é evidente em *Ephemeris* o entrecruzamento dos elementos históricos e romanescos que resulta na (re)escritura de um tema consagrado pela e na épica. Assim, em que pese o duplo anacronismo, *Ephemeris* pode ser nomeada romance histórico: romance porque é narrativa de ficção em prosa com certa extensão; histórico porque, em ampla medida, atende a exigência lukácsiana de perspectiva histórica, “que seleciona e determina a representatividade dos elementos a fim de lhes fazer recobrar a significação - ou torná-los significantes” (GOBBI, 2004, p. 45). Considerando o conceito de “secularização” empregado por Oliveira (2005), *Ephemeris*, como um romance histórico que trata da matéria da Guerra de Troia, teria praticado uma “secularização do mito” de modo semelhante, guardadas as proporções, à prática do romântico Alexandre Herculano em *O Bobo* relativamente ao mito português. Contudo, uma diferença evidente que distingue *Ephemeris* não só desse romance histórico de Herculano, mas também do romance como gênero mesmo é referente ao herói, pois em *Ephemeris* não há uma focalização em um único herói que se destaca como principal, um protagonista, mas há um conjunto de indivíduos contra outro conjunto de indivíduos, uma nação contra outra. O que ocorre, à semelhança da épica, é a proeminência de alguns heróis de ambos os lados.

Desses elementos são aqueles dos quais a épica fez uso: o universo mítico em torno da Guerra de Troia, os mesmos que estão tanto no universo narrativo (personagens, ambientes, etc.) quanto no mundo social (povos, relações políticas, etc.) que vão sendo ressignificados com o devir das eras.

Assim como Homero recolheu da tradição oral os elementos para compor a sua ilustre épica acerca da Guerra de Troia, o autor de *Ephemeris* enfeixou em sua obra os componentes vários da tradição escrita. Quanto ao critério de verdade, *Ephemeris* é uma ficção/mentira que busca ter uma feição mais verdadeira que a da ficção/mentira homérica; em outras palavras,

lança um jogo intertextual e interdiscursivo tendo como cerne do questionamento a veracidade da Guerra de Troia, revivendo o mito e revalidando-o por meio da ressignificação.

Talvez sejam essas mentiras, essas ficções, que subsidiem as verdades existentes. Como o próprio narrador Díctis comenta sobre Ulisses, quando o dissimulado herói, tendo se dirigido à rainha Clitemnestra com uma carta forjada, fazia de Ifigênia, filha do rei supremo Agamêmnon, esposa de Aquiles para que pudesse levar a moça a Áulis, onde ela seria sacrificada para aplacar a ira da deusa Diana provocada pelo seu próprio pai: *Praeterea multa pro negotio locutus ementito argumento fidem fecerat*; “Além disso, tendo falado muitas coisas mais a respeito do trato, conferiu crédito ao **assunto fingido**” (*Eph.* I. 20).

### 3.3. Texto e paratextos: o pacto ficcional e o labirinto da leitura em *Ephemeris belli Troiani*

Como já observado, *Ephemeris belli troiani* latina é composta de três partes: uma epístola, um prólogo e o texto propriamente dito. No prólogo, sem assinatura, lemos a história da elaboração e conservação do texto. Já na epístola, encontramos o nome do suposto tradutor, Lúcio Septímio, e o seu suposto destinatário, Quinto Arádio Rufino, sobre os quais não podemos fixar, de modo efetivo e definitivo, referências a indivíduos empíricos.<sup>114</sup> O conteúdo da carta exhibe praticamente a mesma informação sobre a trajetória do texto que traz o prólogo, acrescentando-se-lhe apenas a oferta da tradução de Septímio à leitura de Q. Arádio Rufino. O texto, por sua vez, tem como narrador/autor Díctis, em primeira pessoa, como testemunha ocular dos fatos, e desenvolve a narração dos eventos troianos em seis capítulos, os quais abrangem desde o rapto de Helena, esposa de Menelau, levada a cabo pelo príncipe troiano Alexandre, até a derrocada de Troia e o retorno ao lar dos gregos vitoriosos.

Segundo Lapini (1997), os códices de *Ephemeris* se dividem em duas famílias, cada qual com sua introdução: a “família ε” tem como prefácio a *Epístola* e a “família γ”, por conseguinte, o *prologus*. Acresce o estudioso que a epístola e o prólogo parecem, por um lado,

<sup>114</sup> Segundo Movellán Luis (2015), os nomes presentes tanto na epístola quanto no prólogo que haveriam a possibilidade de serem identificados com uma pessoa real, nada mais serviriam senão à geração de “efeito de real”, buscando a verossimilhança, já que os nomes são relativamente simples e designariam, então, não uma pessoa específica, mas, sim, um “tipo” social. Ou ainda, em outros momentos, a estudiosa propõe, seguindo Ní-Mheallaigh, que os nomes teriam um significado interpretativo intratextual: assim se procederia com o nome de Septímio, por exemplo, ao flagar nele a marcação da sétima mão por qual passa o texto de Díctis, tendo sido as anteriores a do próprio Díctis (1), os pastores (2), Práxis ou Eupráxis (3), Rutílio Rufo (4), Nero (5) e, por fim, os peritos que editam o texto (6). Por outro lado, Septímio dedica a sua obra a Quinto Arádio Rufino, que seria então a oitava mão a tocar no texto de Díctis, o último receptor dessa cadeia de transmissão.



completar-se e, por outro, excluir-se mutuamente. Bessi (2011) explica que são os editores modernos que juntam as duas seções introdutórias e as colocam estrategicamente antes do texto de *Ephemeris*, normalmente com a epístola antecedendo o prólogo, possivelmente pelo fato de este ter em si uma dedicatória.

Griffin (1907, p. 117-118) comparou as informações que fornecem os dois paratextos quanto ao descobrimento do texto de Díctis e constatou algumas dessemelhanças substanciais, as quais organizamos no quadro a seguir:

<b>Epístola</b>	<b>Prólogo</b>
Número de livros no original grego: seis	Número de livros no original grego: nove ou dez
O texto de Díctis foi escrito em grego com caracteres fenícios	O texto de Díctis foi escrito em língua e em caracteres fenícios.
O túmulo de Díctis ruiu de velho	O túmulo de Díctis foi aberto por um terremoto
Nomeia um Práxis como chefe dos pastores que acharam o diário de Díctis	Nomeia um Eupráxis como chefe dos pastores que acharam o diário de Díctis
Práxis envia o diário de Díctis a Nero.	Eupráxis confia o diário a Rutilio Rufo, governador de Creta e este envia o achado a Nero.
Práxis transliterou/traduziu o diário antes de enviá-lo a Nero.	Nero mandou peritos traduzirem/transliterarem o diário para o grego e em seguida guardou-o na biblioteca.
O relato de Díctis chega às mãos de Septímio, que decide vertê-lo ao latim.	-----

O contraste levou Griffin (1907) a questionar qual era o paratexto mais adequado para introdução do relato de Díctis. Em resposta, assumindo a possibilidade do original grego,<sup>115</sup> acredita que o prólogo seja mesmo composição do autor grego de *Ephemeris* e que Septímio teria substituído esse texto introdutório pelo seu próprio.<sup>116</sup> Griffin (1907) argumenta que o

<sup>115</sup> Deve-se ter em mente que, naquele momento, mesmo já tendo sido encontrado o papiro que comprovava a existência do original, ele não estava ainda publicado e evidentemente não era ainda do conhecimento de Griffin.

<sup>116</sup> Griffin (1907, p. 109, n.1) recolhe as suposições de autores que, antes dele e, por conseguinte, antes de conhecerem o texto grego, propunham como solução para a questão dos paratextos, os quais passamos a reportar seguindo o autor: Dunger (1878, p. 3, n.2) e Grief (1900, p. 5-7), para os quais não *Ephemeris* era obra única e originalmente latina, acreditavam que tanto o *Prólogo* quanto a *Epístola* tinham sido ambas escritas por Septímio que propositadamente introduziu essas variações entre os dois paratextos, com o fito de fazer parecer que como pressuposto tradutor de *Ephemeris* ele não deveria ser identificado com o autor daquele texto. Havet (1879, Rev. De Philologie, III, 81ff) vai mais longe. Para ele, Septímio produzira, na verdade, três edições separadas de *Ephemeris*, sendo a primeira uma edição dos primeiros cinco livros, para os quais o *Prólogo* teria sido escrito; a segunda seria uma edição do sexto livro (o resumo), para o qual a porção final da epístola que se relaciona com a tradução para o latim foi preparada; e o terceiro uma edição de todos os seis livros, para os quais a epístola inteira foi composta. Corroboraria essa leitura o fato de que, no final do livro quinto, a narração se quebra, pois Troia já estava tomada e destruída e o narrador Díctis anuncia com uma espécie de epílogo que narrará dali para frente a volta ao lar, as desventuras e destinos dos heróis gregos. Na mesma linha, porém com mais parcimônia, Teuffel (1892, Rom. Litt. Gesch. nr. 423, 2), que Septímio publicara sua *Ephemeris* em duas edições separadas, a uma das quais o *Prólogo* foi prefixado e outra, a *Epístola*. Mercerus (1618, nota ao Prol. na edição de *Ephemeris*, reimpresso em Valpy, Script. Lat., p. 580), Vóssio (1627, De Hist. Lat. III, 742), Cióppio (1628, lco. cit.) e Meister (1872, Praef. p. vi) acreditavam que Septímio escrevera somente o prólogo e que a epístola foi

prólogo merece maior grau de legitimidade pelo fato de apresentar um maior número de informações, as quais são mais específicas e circunstanciais quando comparadas com aquelas apresentadas na *Epístola*, aparentemente um resumo ou paráfrase delas. E, realmente, alguns fatos parecem ficar mais detalhados: ser o nome Práxis uma corruptela de um Eupráxis e não o contrário; ter sido um terremoto<sup>117</sup> a derruir o sepulcro de Díctis ao invés do colapso por velhice; ter sido um oficial, Rútílio Rufo, a levar o achado até Nero, e não um chefe de pastores como Eupráxis; terem sido os eruditos de Nero, e não um leigo como Eupráxis, a transliterar/traduzir o relato de Díctis para o grego.

Corroborar, por fim, o fato de que o texto latino é realmente uma tradução de um original grego. Assim, a epístola é o prefácio da obra em latim, assinada por Septímio e endereçada a Quinto Arádio Rufino, e somente nele se encontra um “adendo” ao percurso da obra de Díctis: a história da maneira como o tradutor teve contato com a obra e o modo como procedeu em sua tradução. Griffin (1907), seguindo Perizonius (*Dissertatio*, 1702, § XXX), supõe que Septímio não teria tido em mãos um manuscrito com o prólogo no momento de traduzir, reproduzindo, por conseguinte, aquilo de que se lembrava do prólogo, lido, talvez, em algum outro manuscrito. Frazer (1996) alonga a hipótese e propõe que, provavelmente depois de já circulando a tradução de Septímio, juntamente com sua carta introdutória, outro tradutor deve ter vertido para o latim o prólogo grego original. Supõe o pesquisador que talvez esse novo tradutor tivesse lido a epístola de Septímio, mas preferiu traduzir o prólogo original, acreditando ser uma introdução mais fidedigna.

Essa hipótese explica o fato de existirem duas famílias de manuscritos latinos com prefácios diferentes. Por outro lado, permite supor que, por essa época, circulava ainda o texto em grego com o pretense prólogo original. Esse novo tradutor, então, ter-se-ia dado ao trabalho de traduzir integralmente o prólogo grego como um adicional ao texto de Septímio, descartando a epístola deste. Mas isso revelaria, para dizer o mínimo, uma apropriação do trabalho intelectual alheio, ou na linguagem moderna, um plágio? Não sabemos ao certo, mas as circunstâncias hipotéticas são, pelo menos, estranhas. Parece-nos que a história filológica dos paratextos de Díctis é tão labiríntica quanto a história ficcionalizada neles desenvolvida.

Os paratextos de *Ephemeris* travam um importante jogo ficcional com o texto e sua recepção. Como elementos pré-textuais, eles apresentam sucintamente o texto, salientando

---

posteriormente copiada com base na Sudas. Hildebrand (1838, J. J. XXIII, 278 ff.) e Joly (1870, p. 201, nota) acreditavam que Septímio escrevera somente a epístola e que o prólogo foi posteriormente adicionado por imitação e amplificação da epístola.

<sup>117</sup> Esse terremoto, segundo alguns comentadores, teria sido aproveitado da obra *Vida de Apolônio de Tiana*, IV, 34, de Filóstrato, em que se narra evento semelhante.

suas características importantes, internas e externas. Esse componente também está muito ligado ao próprio desenvolvimento do gênero narrativo. Motta (2006) assinala que da passagem da narrativa oral para a prosa ficcional o processo enunciativo sofre algumas mudanças significativas, dentre as quais, salienta a substituição do cantor/contador de história pela instância autoral, o artista narrativo, dotado de individualidade e criatividade. Essa substituição também se ampara na permuta do apoio da autoridade: enquanto o aedo sustentava sua narração sobre os subsídios de uma tradicional onisciência divina, confiável, autoritária e objetiva, a nova instância, o autor, “agora um escriba, tem que construir a autoridade de sua narração” (p. 117), por meio, normalmente, de uma explicação mais verossímil, mais interior e subjetiva. Dentre os diversos recursos para criar essa autoridade, o apelo ao prefácio é certamente um dos mais produtivos na história literária, tanto na Antiguidade quanto nos tempos mais recentes da literatura.

Seguindo a metáfora de Motta (2006), que compara o prólogo ficcional à moldura de um quadro, podemos entender que o paratexto introdutório, de alguma maneira, antecipa as delimitações e direcionamentos possíveis da leitura do texto emoldurado. Em *Ephemeris* essa “moldura” funciona prototipicamente como o local próprio da ficcionalização. No período medieval, a circulação de duas famílias de manuscritos cada qual com um desses textos introdutórios, de modo que cada um ostentava uma moldura, difere da sua circulação moderna, em que a leitura desse romance se dá, necessariamente, com a composição integrada dos dois textos introdutórios, tornando o desenvolvimento do romance duplamente emoldurado, logo, com uma dupla camada de ficcionalização. A nosso ver, os dois paratextos juntos não se contradizem ou se excluem, mas se reafirmam. Essa dupla camada não é resultado da estrutura original, mas obra do acaso filológico, por assim dizer.

A ficcionalização nos paratextos aponta para a consideração do relato introduzido como “a verdadeira história da Guerra de Troia”. Na análise do *Prologus*, encontramos a inserção, em terceira pessoa, do personagem Díctis, que constituirá, no desenvolvimento do romance, o narrador em primeira pessoa. Depois de informar que Díctis é um soldado grego que participou da guerra contra os troianos e ficou responsável por registrá-la, em seguida, narra-se que Díctis, uma vez findada a guerra com vitória para os gregos, volta já em idade avançada à terra natal e ordena em testamento que o seu texto seja enterrado junto de si. Atendido seu último desejo, as tabuinhas, feitas de casca de tília, foram encerradas em seu sepulcro, guardadas em um cofre de cobre. Passados séculos, por causa de um tremor de terra, seu sepulcro vem abaixo. Pastores que, por acaso, passeavam por ali, vendo os escombros, achegam-se ao local e o furtam o cofre. Ao abri-lo encontram as tílias escritas com caracteres

irreconhecíveis. Então eles levam o achado ao seu senhor, Eupráxis, que, por sua vez, apresentou-o ao chefe do local, um tal Rutílio Rufo. Ambos enviaram o texto a Nero, pois criam que aquilo deveria ser algo de algum valor. Nero recebeu o artefato e, logo percebendo que estava escrito em letras púnicas, ordenou que seus peritos interpretassem o texto. O imperador foi informado de que o texto trazia a história de um antigo homem que tinha estado junto a Ílion. Sabendo disso, ordenou que se transliterasse imediatamente o achado para o alfabeto grego, tornando conhecido, desse modo, o texto “mais verdadeiro sobre a Guerra de Troia”. Nero retribuiu o Eupráxis pelo envio do texto, ofertando-lhe presentes e a cidadania romana. Os anais escritos sob o nome de Díctis, então, foram recolhidos à biblioteca grega.

Toda a história sobre Díctis e seu diário, no *prólogo*, relatada por um anônimo, cuja função poderíamos aproximar a de um “editor”, caracteriza-se como um recurso literário muito produtivo, cujos exemplos se espalham desde os antigos até os dias de hoje, com vasta variedade. García Gual (2009), denominando esse recurso “manuscrito reencontrado”, observa haver na literatura ocidental permanente e constante utilização e estilização do tópico.<sup>118</sup> Desde os “falsários”<sup>119</sup> Díctis e Dares, passando pelos românticos como Théophile Gautier (*O Romance da Múmia*, de 1858) e pelo romântico-realista Camilo Castelo Branco (*Coração, Cabeça, Estômago*, de 1862/120) chegando até o erudito Umberto Eco (*O Nome da*

---

<sup>118</sup> Movellán Luis (2015, p. 274) alerta que o recurso do pseudodocumento não é de forma alguma uma invenção grega. Cita como exemplo o mais antigo texto literário preservado, o poema de Gilgamesh, em que afirma que foi o próprio protagonista que escreveu suas façanhas em uma estela de pedra e também, no contexto judaico e cristão, a descoberta do livro da Lei por Hilkiyah nas obras de reforma do Templo de Jerusalém, no ano 18 do reinado de Josias (c.659 aC) para o prólogo do *Apocalipse* apócrifo de São Paulo (final quarto ou início do quinto século).

<sup>119</sup> A ideia da falsificação literária é antiga. “Fraudes literarios, en general, los hay desde que existe literatura escrita. Según Alfred Gudeman [1894] el primer fraude literario en la tradición griega parece ser el que cita Heródoto en 7.6: Onomácritos, amigo y consejero de Pisístrato, fue desterrado de Atenas por falsificar determinados oráculos que atribuyó al mítico Museo. También Solón y Pisístrato fueron sospechosos de haber intercalado en la épica homérica algunos versos con la intención de retrotraer a tan insigne pasado la importancia de Atenas. En otro orden, cabe recordar las ‘morcillas’ que los actores introducían en los grandes dramas áticos. Tan importantes debieron de ser que incluso en época del orador Licurgo se aprobó una ley para hacer una transcripción oficial de Esquilo, Sófocles y Eurípides de la que ningún actor debía apartarse. Bien es cierto, empero, que el período clásico de la literatura griega pareció estar a salvo de falsificaciones literarias propiamente dichas. Pero la muerte de Alejandro, Aristóteles y Demóstenes, una de las grandes casualidades sincrónicas de la historia, constituye el principio de una época caracterizada por la búsqueda anticuaria y el escolasticismo. Y con ello, la aparición de los falsarios” (MOVELLÁN LUIS, 2015, p. 265). Assinala ainda a pesquisadora a importância das bibliotecas e de seus eruditos em manter a autenticidade de seus documentos conservados por meio da crítica dos textos. Outras questões como plágio, pseudoepígrafo e falsificação também se desenrolam nesse contexto e é abordado por Antonio Guzmán Guerra (2011) em “Problemas teóricos de la falsificación literaria”. Karen Ní-Mheallaigh (2008, p. 425) em seu trabalho “Pseudo-Documentarism and the Limits of Ancient Fiction” cita o exemplo de Galeno que reclamava ter visto textos com seu nome que não eram seus, mas certamente obras de falsários.

<sup>120</sup> Pavanelo (2008), em seu estudo sobre essa obra, tangenciou o tema, trabalhando com as margens do texto camiliano, pois o “Editor” ficcionalizado da obra, além de compor um preâmbulo aos textos de seu amigo e narrador homodiegético da intriga, Silvestre da Silva, introduz notas e comentários explicativos na extensão do texto.

Rosa, de 1980) e até mesmo nas brasileiras *Cartas Chilenas*, e, mais ligado ao romance antigo, *A ceia dominicana*, de Reinaldo Santos Neves, o tópico parece ter sido do gosto dos ficcionistas que buscavam dar ao seu relato um caráter histórico ou uma referência extraliterária forjada ficcionalmente, forja que acontece primordialmente nas margens do texto, jogando com a natureza “editorial” ou mesmo filológica da literatura. Para García Gual (2009, p. 60), a ficção histórica se tornou muito irônica, mas o público continua a consumir o gênero pseudo-histórico, mesmo que reconheçam essa ironia, “seguem fiéis, com menos ingenuidade que os antigos”, pois “eles gostam, no entanto, de reencontrar nas margens sinais de identidade, ou sinais de cumplicidade, os mesmos truques do passado.”.

Movellán Luis (2011, p. 230) elenca quatro principais “mentiras subsidiárias” contidas no Prólogo de *Ephemeris*, que fazem parte da estrutura simplificada do tópico conhecido como “manuscrito reencontrado”. São elas: a) apresentação de um suposto relato antigo; b) escondido em algum lugar especial, como um sepulcro, c) casualmente o manuscrito é encontrado, d) alguém o edita (ou o traduz) e o publica, acrescentando-lhe um texto prefacial (carta, prólogo, preâmbulo, etc.). A essas mentiras subsidiárias estaria ligado o “efeito de real”.

A apresentação de um suposto relato antigo que contém em si alguma narrativa digna de ser lida e conservada, descoberta e “republicada” encontra-se já na Antiguidade, em obras e circunstâncias diversas, e se relaciona com o tema das falsificações literárias. Movellan Luis (2015, p. 266-267) aponta que, quando da desautorização da Musa como fonte segura para o relato e autorização do relator, tomou o seu lugar a aparição paulatina de documentos, sobretudo epigráficos, contendo a relação de governantes, inscrições de leis e outros conteúdos oficiais, os quais seriam a concretização dos fatos e eventos oficiais das sociedades. Explica a pesquisadora que, embora dentre esses documentos existam muitos verdadeiros, há alguns que são falsificações, especialmente aqueles criados para justificação de obras literárias. Exemplifica Movellan Luis (2015, p. 267) com o caso de Dioniso de Halicarnaso (*Sobre Tucídides* 23), autor antigo que afirma ser espúria a maioria das obras dos antigos logógrafos, como Cadmo de Mileto (FGrH 335), Cáron de Lampsaco (FGrH 262), Acusilau de Argos (FGrH 2), Hípis de Régio (FGrH 554) e Hecateo de Mileto (FGrH 1). Essas obras não nos chegaram. No entanto, na obra *Suda*, registra-se que Acusilau de Argos recolheu grande parte do seu material histórico a partir de algumas tabuinhas de bronze que seu próprio pai havia encontrado, acidentalmente, na adega de sua casa (PEINADO, 2015. p. 453). Por outro lado, historiador Ctésias de Cnido assegura que, para seu trabalho, consultou documentos fiáveis e que nisso se diferenciava do “mentiroso” Heródoto. Contudo, Luciano

de Samósata não acredita em Ctésia, muito pelo contrário, critica-o diversas vezes nas *Das narrativas verdadeiras* e lhe dá o mesmo adjetivo “mentiroso” (MOVELLAN LUIS, 2015, p. 267). Evêmero também afirma ter encontrado, em sua viagem, uma coluna de ouro na qual estavam gravados os primeiros reis, Urano, Cronos e Zeus, e considera que, uma vez gravados os acontecimentos em pedra, em placas ou em tabuinhas, o passar do tempo fazia a memória dos fatos se distanciar de sua significação primeira e direta, convertendo-se, por modificação, em outra coisa, cada vez mais abstrata, em que reis tornam-se deuses.

Na Roma republicana, uma falsificação muito conhecida é relatada por Tito Lívio (40.29.3–14). Ele informa que no consulado de P. Cornélio Cetego e M. Béblio Tânfilo (181 a. C.), um Cn. Terêncio, um “escriba”, enquanto cavava em sua fazenda no Janículo, descobriu duas lápides: uma era a tumba de Numa Pompílio, como evidenciada pelas inscrições em grego e em latim, mas quando aberta estava vazia; a outra, no entanto, continha todas as obras (*Opera omnia*) de Numa, sete livros relacionados a decretos pontificiais em latim, enquanto o mesmo número de livros, porém em grego, contendo preceitos filosóficos de linha pitagórica. O estado de preservação de papiros (*chartae*) tão antigos, mesmo eles estando sob a terra por mais de quinhentos anos, era de espantar e de fazer surgir suspeitas. Alguns indícios faziam com que aquele achado fosse uma descarada impostura, dentre as quais a existência incerta de Numa, entre histórica ou mítica, o anacronismo quanto à disciplina pitagórica que estava deslocada um século e meio para trás, e, por fim, o material usado que não coincida com a época. Os tratados filosóficos de Numa foram, mais tarde, queimados no fórum por um decreto do Senado romano, não porque tinha natureza espúria (pois não tinha esse estatuto), mas, simplesmente, como Lívio expressamente diz e Plínio sugere, porque os romanos daquela época acreditavam que a introdução de doutrinas filosóficas era prejudicial à estabilidade da comunidade e subversiva à moralidade cívica (GUDEMAN, 1894, p. 141-143).

Juntamente com Movellan Luis (2015) e com as considerações de Motta (2006) sobre a “evolução da narrativa”, acreditamos que a “morte da musa” inaugurou o reino da escrita. Sem dúvida, o registro escrito dava às informações maior conservação e integridade em comparação com a oralidade. Contudo, esses exemplos desmonstram como a relação entre textos (intertexto mesmo) serviam ao procedimento de pseudo-documentarismo, à construção da veracidade.

A historiografia, contudo, seguia outro caminho, pois “Tucídides está em linha com a de Heródoto no que às fontes diz respeito. Ambas apoiam-se não na erudição dos arquivos, da arqueologia, da filologia, mas na observação directa (autopsia) - seja a do historiador seja a de

testemunhas oculares – e na tradição oral” (SOARES, 2010, p. 489), mesmo tendo acesso a inscrições, cartas e tratados, que estavam de acordo com os critérios de credibilidade, optavam, normalmente, pela oralidade, ficando esses testemunhos escritos à margem do interesse. Os sucessores desses historiadores foram influenciados por essa preferência, afirma Momigliano (1984, p. 14).

Movellan Luis (2015, p. 269) cogita que haja relação entre esses dois fatos e supõe que a apropriação pela literatura ficcional do recurso de utilização de textos (muitas vezes forjados) tenha criado descrédito ou, no mínimo, dúvida quanto ao material escrito. A estudiosa considera que, no auge do Império, o passado que se mostrava cada vez mais longínquo e obscuro era reivindicado pelos indivíduos que o confrontavam. E como a historiografia de linha tucididiana não se prestava a delineá-lo, o romance, “a última das grandes invenções gregas”, tomando características de relatos históricos (situando personagens no passado) e de relatos de viagem e aventuras, fornecerá o retrato desse passado. Como distingue a autora:

A utilização do recurso do manuscrito reencontrado por parte do romance é um tanto distinta da que temos visto até agora. O tópico costuma aparecer ao final do relato [...] e parece mais uma maneira de explicar como se criam esses documentos que um modo de autorizar a própria narração. É dizer: ao não por a ênfase no próprio documento, senão na história que gera esse documento, o romance trata de mostrar o processo pelo qual geram as fontes que nós chamaríamos de primárias. (MOVELLAN LUIS, 2015, p. 269)<sup>121</sup>

Considera, ainda, que desse ponto de vista, não competem romance e história, pois o primeiro gênero busca a verossimilhança, o outro, a verdade; e, a partir disso, explica-se a utilização do tópico do manuscrito como sinal de ficcionalidade.

A obra de Antônio Diógenes, *Maravilhas além da Tule*, contemporânea à versão original grega de *Ephemeris*, também apresenta elaboração de um prólogo em forma epistolar. Na missiva, dedicada a Isidora, afirma-se que o texto encontrado é uma antiga autobiografia de um homem chamado Dínias, confirmando o fato pela citação de outra carta, escrita por um Balagros, soldado de Alexandre, o Grande; essa carta de Balagros destinava-se a sua esposa Fila, filha de Antípater, cujo conteúdo relatava que, após a conquista de Tiro, Alexandre foi notificado da descoberta de algumas catacumbas com epitáfios estranhos, de modo que Alexandre, escoltado por seus generais Hefaístio e Parmênio, entrou em um hipogeu com

---

<sup>121</sup> “La utilización del recurso del manuscrito reencontrado por parte de la novela es un tanto distinta de la que hemos visto hasta ahora. El tópico suele aparecer al final del relato [...] y parece más una manera de explicar cómo se crean esos documentos que un modo de autorizar la propia narración. Es decir: al no poner el énfasis en el propio documento, sino en la historia que genera ese documento, la novela trata de mostrar el proceso por el que se generan las fuentes que nosotros llamaríamos primarias.”

vários sarcófagos de pedra, dentre os quais estava o de Dínias e ao lado uma pequena caixa de madeira com uma inscrição convidativa “Estranho, seja você quem for, abra para conhecer coisas que vão te surpreender”, referindo-se ao seu conteúdo: o relato de Dínias.<sup>122</sup>

Luciano, sempre atento às questões epistemológicas da escrita (tanto ficcional quanto histórica), não deixa de registrar o uso do tópico do manuscrito. Por meio da paródia do tópico do pseudo-documentarismo o autor grego relata que em visita a uma ilha misteriosa, com uma inebriante ecologia de rios de vinho, peixes de vinho e sensuais mas perigosas mulheres de vinho, Luciano descobre evidências arqueológicas, sob a forma de inscrições em letras gregas cravadas em um estela de bronze<sup>123</sup> em que relatava a visita de Dioniso e Hércules. Em outro relato de viagem, Luciano dirige-se às Ilhas dos Abençoados, onde conhece alguns dos autores que está parodiando em seu texto, incluindo Homero e Heródoto, em uma lúdica reificação da intertextualidade das *Verae Historiae*. Como testemunho de sua estada na Ilha dos Abençoados, diz existir uma inscrição, esculpida em estela de precioso berilo, na forma de um verso composto pelo próprio Homero, a pedido de Luciano (V.H. 2.28), que dizia “Luciano, querido dos abençoados deuses, viu todas essas coisas/ e retornou novamente para a sua querida pátria”. (NI MHEALLAIGH, 2008, p. 419-420).

Também não escapou ao gosto de Luciano pela paródia metalinguística o tópico do manuscrito reencontrado. Em *Das narrativas Verdadeiras*, Luciano refere-se mais de uma vez a “textos perdidos”, e um deles, digno de nota, é o poema épico que Homero teria escrito e posteriormente perdido. Conta-se que, enquanto Luciano estava na Ilha dos Abençoados, uma guerra irrompe entre as almas abençoadas e os iníquos da Ilha dos Condenados, saindo vitoriosos os benditos heróis homéricos, Homero prontamente escreve um poema épico, tendo ele mesmo sido testemunha ocular. Findado, apresenta-o em vários livros (*bíblia*) a Luciano para que levasse para casa, quando partisse. Luciano, porém, conta que perdeu os livros durante suas aventuras subsequentes. No entanto, para provar que o poema realmente existiu,

<sup>122</sup> Ni Mheallaigh (2008), que em seu artigo compara o tópico do “pseudo-documentarismo” em *Ephemeris*, na obra de Diógenes e nas *Das histórias verdadeiras*, de Luciano, considera que a narrativa de *As maravilhas além da Tule* estabelece uma complexa e multinivelada tessitura narrativa, em que se sobrepõe em *mise en abyme* várias camadas de enunciação, à maneira da estrutura de uma caixinha chinesa ou mesmo da matrioska russa. Ela, para além das camadas supracitadas, afirma que “Diógenes, no entanto, tinha outra surpresa para o leitor. No final de seu epítome, Fócio nos diz que Diógenes escreveu para um homem chamado Faustino (presumivelmente em uma carta), admitindo que ele havia inventado toda a incrível história e relatando como ele prefaciara cada livro com os nomes das fontes que ele tinha usado para a sua ficção - explicitamente, a fim de dar maior autoridade (Fócio, *Biblioteca*, 30-40). A carta para Faustino explode a ficção pseudo-documentário que Diógenes tinha tão meticulosamente construído na carta a Isidora, revelando que a autobiografia de Dínias não é um texto redescoberto antigo, afinal, mas um embuste moderno, fabricado abertamente por seu autor [empírico], Antônio Diógenes.” (p. 417). Parece-nos que Diógenes pretendia, assim como Luciano, desvelar no nível do discurso a amplitude retórica que a escrita de ficção podia alcançar.

<sup>123</sup> O bronze remete à antiguidade, em conformidade com a associação que Pausânias faz ao bronze como matéria prima das armas dos heróis homéricos. (NÍ MHEALLAIGH, 2008, p. 420, n.43).



cita a primeira linha da composição que, evidentemente, não prova nada, pois é só uma sentença formular convencional do gênero épico: “Agora me diga, Musa, da batalha dos heróis mortos” (NI MHEALLAIGH, 2008, p. 421).

Poderíamos alinhar, nesse mesmo tópico acerca de manuscritos reencontrados, as obras *Discurso troiano* de Díon Crisóstomo e *Heróico* de Filóstrato não fosse o caso de não serem, a rigor, testemunhos escritos a darem autoridade/veracidade ao relato que fazem, mas, sim, orais.<sup>124</sup>

Em *De Excidio Troiae Historia*, na carta prefacial assinada (ficcionalmente) por Cornélio Nepos e dirigida a Salústio Crispo, lê-se que o relato de Dares chegou às mãos de Nepos por acaso, quando ele estava em Atenas, preocupado com outras tarefas.<sup>125</sup> Em seguida, relata que foi assaltado por um grande interesse pelo assunto e, sobretudo, pelo documento, único e inédito, motivo pelo qual decidira vertê-lo como estava para o latim (*sic eam ad verbum in latinitatem transvertere*), sem acrescentar nem diminuir nada no texto para não desfigurá-lo (*Cui nihil adiciendum vel diminuendum rei reformandae causa putavi, alioquin mea posset videri.*), pois se preocupava com sua originalidade (*ut legentes cognoscere possent, quomodo res gestae essent*); afinal de contas, tratava-se de um texto legítimo de um soldado contemporâneo da guerra em que pereceram Heitor e Aquiles, mais fiável que os poemas.<sup>126</sup>

A casualidade nos parece ser um índice presente e constituinte do pseudo-documentarismo. No caso de *Ephemeris*, o colapso do sepulcro de Díctis permite a pastores que, por acaso,<sup>127</sup> por ali transitavam vissem a caixa e encontrassem dentro dela as tabuinhas com os anais da guerra escritos pelo soldado cretense. As circunstâncias que os textos

<sup>124</sup> O primeiro afirma ter ouvido de um sacerdote uma versão da Guerra contrastante daquela de Homero; o segundo recebe a visita do fantasma de Protesilau que conta os eventos.

<sup>125</sup> “*Cum multa ago Athenis curiose, inveni historiam Daretis Phrygii ipsius manu scriptam, ut titulus indicat, quam de Graecis et Troianis memoriae mandavit*” (De Exc. Epist.) “Quando estava em Atenas dedicando-me a muitos interesses, encontrei a história de Dares Frígio escrita de seu próprio punho, conforme indica o título, que relata sobre os gregos e troianos.”

<sup>126</sup> Na carta, chega-se a criticar nominalmente a Homero, focando-se no aspecto da convivência entre homens e deuses, inconcebível para as mentes intelectuais de Atenas àquela época: “*utrum verum magis esse existiment, quod Dares Phrygius memoriae commendavit, qui per id ipsum tempus vixit et militavit, cum Graeci Troianos obpugnarent, ane Homero credendum, qui post multos annos natus est, quam bellum hoc gestum est. De qua re Athenis iudicium fuit, cum pro insano haberetur, quod deos cum hominibus belligerasse scripserit. Sed hactenus ista: nunc ad pollicitum revertamur.*” (De Exc. Epist.), “[que] avaliem qual dos dois é mais verdadeiro: se aquilo que Dares Frígio relatou, o qual por aquele tempo mesmo viveu e lutou, quando gregos combateram troianos; ou se, então, deve-se crer em Homero, que nasceu muitos anos depois de que essa guerra fora travada. Em Atenas, como se julgasse sobre isso, o veredito foi em sentido da insanidade, porque [Homero] escrevera que deuses guerreavam junto de humanos.”

<sup>127</sup> Na epístola, lê-se: “*pastores cum eo devenissent, forte inter ceteram ruinam loculum stagno affabre clausum offendere*”, “pastores, como para lá se dirigissem, **por acaso** se depararam em meio às ruínas com um cofre fechado artisticamente com estanho”. O advérbio *forte* inequivocamente aponta para o significado “por acaso”, “casualmente”, “porventura” (FARIA, 1958, p. 229, c.1)

prefaciais descrevem quanto ao achar dos textos ou manuscritos tendem a apontar para uma obra da fortuna, da sorte (Τύχη, "sorte"), característica inerente ao gênero romanesco antigo.<sup>128</sup> Sintomática é, pois, a pretensa ausência de intencionalidade arqueológica. Ela faz com que o texto, ainda que perdido, ressurgja por contingência do destino, como se uma força maior o revelasse novamente.

Mesmo brevemente, merecem destaque outros elementos estruturais dessas narrativas dos prefácios ficcionais. A conservação do material, como vimos, é sempre um detalhe essencial e envolve normalmente um objeto (epístola: *loculum stagno affabre clausum*, “cofre fechado artisticamente com estanho”; prólogo: *stagnea arcula*, “pequeno cofre de estanho”) que fora encontrado em um túmulo, remetendo à possibilidade de riqueza.<sup>129</sup> Tanto no *Prólogo* quanto na *Epístola*, os pastores que encontram o recipiente contendo os anais acreditam ter achado algo de valor.<sup>130</sup> Ao abrirem-no, contudo, encontram apenas livros (na *Epístola*: *libros ex philyra*, “livros feitos de filira”; no *Prólogo*: *tilias conscriptas*, “[tabuinhas de] tílias escritas”) escritos em uma linguagem desconhecida (na epístola: *litteris Punicis*; prólogo: *Phoeniceis litteris*). Com a esperança de riqueza frustrada, enviam a um superior hierárquico, que interpreta a matéria do relato e o conserva. E de fato, para além da ideia de estranhismo que uma escrita desconhecida, logo misteriosa, pode suscitar, Ní Mheallaigh (2013) acredita que a escritura fenícia serve como um elemento de autoridade da obra, pois o seu uso faz remeter a um período anterior a Homero.

A origem da escrita grega tendia a duas teorias antigas: uma que dava como inventor do alfabeto grego o herói Palamedes durante a própria Guerra de Troia, como atestam Estesícoro, Eurípides e Corino de Ílion; este, supostamente, escreveu um relato sobre a guerra

<sup>128</sup> Brandão (2005, p. 222) considera que "A lógica que preside o romance grego é a da Týkhe (a Fortuna dos romanos), segundo a qual jovens se apaixonam em encontros casuais, viagens são povoadas de sobressaltos e, até mesmo, um homem se transforma por engano, em animal!" e em contraste com o gênero épico e trágico afirma que "A morte de Heitor e o destino de Édipo não dependem da týkhe, pois são regulados pelos planos de deuses e poetas". O estudioso traduz a palavra grega por "casualidade" ou "de modo mais acurado: como o mero acontecimento" (p. 223). Essa lógica já fora apontada pelas leituras de Bakhtin (1998), especialmente em seu ensaio sobre as “Formas do tempo e do cronotopo no romance”, no qual, inclusive, podemos encontrar em gérmen a ideia de *týkhe buscada* e *týkhe sofrida* que apresenta Brandão (2005).

<sup>129</sup> Deve-se ter em mente o costume de se enterrar objetos pessoais ou de valia para o defunto. Segundo Santos (2010, p. 352), “Os gregos tinham um notável zelo para com seus mortos, que se consubstanciava nos ritos de lamentação, no enterro e nas manifestações rituais desempenhadas também na tumba que era, em geral, marcada por construções e objetos de diversos tipos.”, nesse sentido, “A tumba não só abrigava o corpo inerte e constituía a nova morada do morto, como guardava um importante conteúdo simbólico, veiculando significados sobre o ritual da qual era subproduto e sobre as relações sociais nele envolvidas.”

<sup>130</sup> *Prólogo*: “*Pastores itaque praetereuntes cum hanc vidissent, thesaurum rati sepulchro abstulerunt.*”, “E assim pastores que passavam, como o vissem, arrebatarem-no do sepulcro, convencidos de um tesouro.”; *Epístola*: “[...] *pastores cum eo devenissent, forte inter ceteram ruinam loculum stagno affabre clausum offendere ac thesaurum rati mox dissolvunt.*”; “[...] pastores, como para lá se dirigissem, por acaso se depararam em meio às ruínas com um cofre fechado artisticamente com estanho e, convencidos de tesouro, logo [o] abriram.”

troiana usando “as letras dóricas inventadas por Palamedes”; outra que dava o alfabeto grego como fruto de uma lenta evolução a partir dos caracteres fenícios ou egípcios, pautada na figura de Cadmo.<sup>131</sup> O autor de *Ephemeris* teria seguido essa última teoria (como se lê nos paratextos: na *Epístola, litteris Punicis, quae tum Cadmo et Agenore auctoribus per Graeciam frequentabantur*; “o alfabeto púnico, o qual então estava sendo popularizado pela Grécia graças ao trabalho de Cadmo e Agenor”; no *Prólogo: vocis ac litterarum Phoenicum, quae a Cadmo in Achaiam fuerant delatae*, “versado na linguagem e letras fenícias, as quais foram trazidas por Cadmo à Acaia”).

Frente aos elementos dos paratextos, a crítica afirma que o autor de *Ephemeris* teria meticulosamente composto o roteiro, a linguagem e a materialidade física do seu pseudo-documento para atender às exatas expectativas de leitores bibliófilos em sintonia com os critérios da *Echtheitskritik*, “crítica de autenticidade”, e que, dessa forma, depositado no sepulcro de Dícis, o texto mais fidedigno da guerra troiana estava conservado por séculos e protegido de qualquer contaminação cultural ou intelectual, livre de fraudes, seja da transmissão oral, seja da escrita, como se estivesse contido dentro de uma cápsula do tempo (NÍ MHEALLAIGH, 2013, p. 200-203). Quando achado o texto, essa escrita estranha e antiga deve ser vertida para as normas vigentes naquele momento (*Epístola: qui commutatos litteris Atticis, nam oratio Graeca fuerat*, “o qual os tendo transliterado para o alfabeto ático, pois se tratava da linguagem grega”; *Prólogo: advertissetque Punicas esse litteras, harum peritos ad se evocavit. Qui cum venissent, interpretati sunt omnia*, “e percebendo que estavam em alfabeto púnico, mandou vir a ele peritos no assunto. Eles, como chegassem, interpretaram tudo.”).<sup>132</sup>

A referência nos prefácios a personagens históricos ou quase-históricos é um elemento que também constrói e autoriza a veracidade do relato. Em ambos os paratextos encontra-se o

<sup>131</sup> Cagliari (1998) considera que a origem do alfabeto grego vacila entre a história e a lenda. Ele informa que o grego arcaico tinha sido escrito com os caracteres silábicos de Creta (escrita linear B) e com o de Chipre, na época do domínio micênico, por volta de 1500 a. C. E que Heródoto e Eratóstenes contam que “um certo fenício de nome Cadmo mudou-se para a Beócia em 1350 a. C. e começou a escrever o grego, usando o alfabeto consonantal fenício” (p. 46). O linguista acredita que, a despeito da lenda figurada por Cadmo, “o fato de os gregos terem importado o alfabeto fenício é uma verdade histórica” (p. 47) e registra que, ao largo da discussão das influências possíveis na formação do alfabeto grego, a escrita já começava a ser popular por volta do século VI a. C., pois encontraram-se “inscrições gregas dessa época, feitas por soldados mercenários junto às estátuas de Abu Simbel no Egito” e, por fim, o fato de no século III a. C. “aparecem referências ao nome da escrita como sendo *phoinikeia grammata* – que quer dizer “letra fenícia”; ou ainda, *alpha kai beta, tò alphabeton* – referindo-se ao conjunto de letras, mostrando claramente a origem semítica das mesmas” (idem, ibidem).

<sup>132</sup> Peinado (2015, p. 454-455) informa a existência de outros exemplos de alfabetos incomuns que exigem transcrição, como o discurso da descoberta das súplicas de Hércules para a paz no túmulo de Alcmena em Plutarco, *De genius Socratis*, 5.577 Ess. e 7.57F e ss; a história da descoberta de textos pitagóricos no túmulo do Rei Numa em Plínio, na *Naturalis historia* 13.84-87; os livros de Numa em Livio 40.29.3-14 e em Plutarco, *Numa 22* ou o posterior discurso cristão sobre o Evangelho de Mateus no túmulo de Barnabé.

nome de Nero: *Epístola, Neroni Romano Caesari*, “a Nero, César romano”; *Prólogo: tertio decimo anno Neronis imperii*, “ao trigésimo ano do principado de Nero”. Para além do nome do governador apreciador de ficção e do tema troiano, constam referências a outras pessoas as quais remeteriam a agentes empíricos contados fora da teia ficcional, como os pastores, Práxis/Eupráxis, Rútílio Rufo, Arádio Rufino e o próprio Septímio, o que é significativo para estruturar a autoridade do procedimento de pseudo-documentarismo, configurando uma “cadeia de transmissão do texto”: “uma série de pessoas, cada uma das quais passa o precioso documento para o próximo, até chegar às mãos do seu eventual editor/[tradutor final]” (HANSEN, 2003, p. 306).<sup>133</sup> Apoiada nessa cadeia de transmissão, Ní Mheallaigh (2008) acredita que a sucessão de posses faz com que o texto tenha uma “quase-personificação”. Em nossa perspectiva, o fato de o texto passar por diversos “leitores”<sup>134</sup> e não ser taxado em nenhum momento como fraude ou posto, pelo menos, em dúvida, leva-nos a entendê-lo como um texto legítimo que contém a verdadeira história da guerra entre gregos e troianos (*Epístola: avidos verae historiae cupido incessit*, “apoderou-se de nós, ávidos de história verdadeira”; *Prólogo: Troiani belli verior textus*, “o texto mais verdadeiro sobre a guerra de Troia”).

Septímio é o último a lidar com o pseudo-texto de Díctis, e o faz para vertê-lo à língua dos romanos. Como vimos, a epístola resume o percurso do manuscrito reencontrado, omitindo alguns detalhes, e acrescentando um novo momento a essa trajetória, interiormente seu, o procedimento da tradução.

*Nobis cum in manus forte libelli venissent, avidos verae historiae cupido incessit ea, uti erant, Latine disserere, non magis confisi ingenio, quam ut otiosi animi desidiam discuteremus. Itaque priorum quinque voluminum, quae bello contracta gesta sunt, eundem numerum servavimus, residua de rebus Graecorum quidem<sup>135</sup> in unum redigimus atque ita ad te misimus. Tu, Rufine*

<sup>133</sup> “a series of persons, each of whom passes the precious document to the next, until it comes into the hands of its eventual [last] editor/[translator]”

<sup>134</sup> Com exceção dos pastores, para os quais a escrita era estranha, como consta no prólogo: “*Et aperta ea invenerunt tiliis incognitis sibi litteris conscriptas [...]*”, “E, tendo-o aberto, acharam tílias com escritas em letras estranhas para eles”.

<sup>135</sup> O número dos volumes do original grego é confuso e foi amplamente discutido. Lapini (1997) conta que segundo a Epístola o modelo grego era composto de dez capítulos, já segundo o Prólogo, só de seis, e ainda segundo a Suda de nove capítulos. Para reduzir esse número a um só, buscou-se adaptar, às vezes arbitrariamente, os paratextos com base a Suda, resumindo a um *novem*. O italiano busca explicar a flutuação entre a contagem (*decem, novem, sex*) por meio da “complexa história editorial articulada em diversas fases”: primeiramente Díctis escrevera os anais da guerra (Díctis I, como propõe o autor); em seguida, distribuiu esses anais em tílias (Díctis II); séculos depois, chega esse conjunto de tílias a Nero, que mandou que fossem transcritas (Díctis III), não informando em que organização; pressupõe-se que o Prólogo, por ser em terceira pessoa, pode ser uma outra cópia (portanto, Díctis IV) que será o modelo efetivo para a tradução de Septímio em seis capítulos (Díctis V). Segundo o pesquisador, os estudiosos se perderam nessa intricada *textgeschichte*, “história do texto”, por não perceberem que o *sex* do prólogo se referiria ao “mítico original escrito em fenício” (Díctis I) e não ao modelo grego da tradução de Septímio (Díctis IV). Para além dessa especificação, Lapini

*mi, ut par est, fave coeptis atque in legendo Dictym <...> (Eph. Epistula)*

Chegando a nossas mãos esses opúsculos, apoderou-se de nós, ávidos de história verdadeira, o desejo de traduzi-los, como estavam, para o latim, não porque confiássemos em nossa capacidade, mas para que dissipássemos a desídia da alma ociosa. Conservamos, assim, o mesmo número dos cinco primeiros volumes, os quais abordam o início e o desenvolvimento da guerra; os demais, sobre o retorno dos gregos, redigimos em um apenas e, dessa forma, enviamos-te. Caro Rufino, sendo conveniente, sê favorável ao meu projeto e, assim, ao ler Dícitís <...> (*Eph.*, *Epístola*)

Como bem notou Frazer (1996), L. Septímio fez três reivindicações: 1) ele traduziu para o latim um texto original de Dícitís, em grego; 2) ele procedeu a uma tradução livre; e 3) reproduziu os cinco primeiros livros do original de modo completo e condensou os restantes em um só. É interessante acrescentar, como fez Movellán Luis (211, p. 231), que Septímio se aproxima, em certa medida, de Salústio quando se declara *avidus verae historiae* e remete à advertência de Tácito frente à ociosidade: *invisa primo desidia postremo amatur* (“a desídia, a princípio odiosa, posteriormente é apreciada”), já que, com efeito, o romano apresenta sua tradução como fruto de um passatempo. Vega & López (2001, p. 195, n.8) recordam que esse *tópos* da dissipação da ociosidade foi tipificado por Curtius (1979, p. 135-136) quando oferece a mesma ocorrência em Horácio, Ovídio, Marcial, Sêneca e outros escritores latinos. Os tradutores espanhóis consideram curioso o fato de uma obra que tão bem desenvolve o tópico e que trava tão direta relação com a literatura medieval como *Ephemeris* tenha passado despercebida, nesse tocante, pelo erudito alemão.

Septímio assume que sua tradução seguirá uma abordagem colada ao texto original, basicamente uma tradução de serviço, que dê conta de verter para a língua romana o conteúdo da obra editada de Dícitís. Não se pode passar ao largo de pressupor, em linha com a

---

(1997) leva em conta que, seguindo a tradição das duas famílias de manuscritos, a hipótese de um leitor/copista que não tivesse acesso à carta, poderia muito bem inserir, por concordância com o texto em latim organizado em seis volumes, um *sex* na sintaxe de *de toto bello volumina in tiliis digessit*, acreditando que um e outro coincidiam em número de capítulos. A disputa pelo número dividiu aqueles que acreditavam ser nove a quantidade de livros originais (Jacoby, Allen, Champlin), aqueles que defendiam ser dez (Dunger), e ainda aqueles que aceitam ambas (Griffin, Merkle, Stramaglia). Contudo, Lapini (1997) defende ser dez livros pelo fato de que distingue cinco partes no conteúdo do último livro da *Ephemeris* latina: o retorno dos heróis (cap. 1-2), história dos Tindáridas (cap. 3-4), história de Ulises (cap. 5-7), história de Neoptólemo (cap. 8-13), a conclusão da história de Ulisses, e, por fim, a *Telegonia* (cap. 14-15). Peinado (2015, p. 295) prefere assumir nove livros para a obra grega, pois esse número encontra-se atestado na *Suda* e em Eudócia, e por ele coincidir com o mesmo número de livros de obras antigas como as *Histórias* de Heródoto. Apesar disso, acreditamos que não é descabido recuperar a hipótese de Lapini e defendê-la com base em outro argumento: se considerarmos que o enredo troiano se divide em guerra-viagem (entendendo viagem aqui como a volta, *nóstos*, dos gregos), não é absurdo supor dez livros. Ora, o próprio Septímio faz essa divisão: “*Itaque priorum quinque voluminum, quae bello contracta gesta que sunt, eundem numerum servavimus, residua de reditu Graecorum quidem in unum redigimus*” (*Eph. Epist.*), “Conservamos, assim, o mesmo número dos cinco primeiros volumes, os quais abordam o início e o desenvolvimento da guerra; os demais, sobre o retorno dos gregos, redigimos em um apenas”. Não seria uma divisão radicalmente inovadora, haja vista que já no projeto da *Eneida* se vislumbra esse modelo, baseando-se na bélica *Ilíada* e na aventureira e marítima *Odisseia*.

declaração do Pseudo-Cornélio Nepos que assina a epístola de *De Excidio*, que esse “servilismo” da tradução, ou mesmo a ausência de trato artístico, prestava-se a não descaracterizar a obra original que se apresentava numa linguagem literária rasa e simples. Outro detalhe que caracteriza Septímio e sua tradução, como observou Movellán Luis (2011, p. 231), é a colocação do ato de tradução mais como um passatempo do que um trabalho intelectual detido e comprometido (*Latine disserere, non magis confisi ingenio, quam ut otiosi animi desidiam discuteremus*, “não porque confiássemos em nossa capacidade mas para que dissipássemos a desídia da alma ociosa”).

Por outro lado, a possibilidade de entender a mesma frase como uma simulação de modéstia, pois a tradução de Septímio não é um verter binário de palavras do grego para o latim, mas há nela processos que, no mínimo, demonstram esforço linguístico. Estamos nos referindo à imitação de renomados autores latinos. Griffin (1907, p. 114-117) relata que a imitação constatada em *Ephemeris* tinha sido o mais fundamentado argumento daqueles que defendiam que essa obra era de índole puramente latina. Por exemplo, a *imitatio Virgilii* se encontra nas seguintes passagens:

Eph. (I.9): [Helena] timore poenarum, quas ob desertam domum a coniuge metuebat, “[Helena], por temor das punições, temia-as por causa do abandono da casa pela esposa;

Aen. (II, 571-573): [Helena]... / Et poenas Danaum et deserti coniugis iras / Praemetuens..., “[Helena], temendo não só as penas dos Dânaos, mas também a cólera pela deserção da esposa.

Eph. (III.15): Antomedonti [Achilles] imperat, daret lora equis. Ita curru concito per campum... pervolat..., “[Aquiles] mandou Antomedonte que açoitasse os cavalos. Assim, uma vez tendo partido o carro, percorria pelo campo”

Aen. (I, 156): [Triton] flectit equos curruque volans dat lora secundo. “Triton incitou os cavalos e, em seguida, voando com o carro, açoitou-os”

Eph. (V, 3): cuncti simul gemitum edunt, tendentes ad caelum manus... “todos, ao mesmo tempo, produzem um gemido, tendo as mãos direcionadas ao céu”

Aen. (I, 93): [Aeneas] Ingemit, et duplicis tendens ad sidera palmas. “[Encias] gemeu, com as duas mãos, mantinha as palmas em direção aos astros”

A *imitatio Sallusti* é, em comparação com as outras, a mais frequente, numerosa e sistemática. São alguns exemplos:

Eph. (I.9): [Priamus] bonum animum uti geret [Helenam] hortatur... “[Priamo] exortou [Helena] a ter bom ânimo”

Jug. (54, 1): [Metellus] hortatur... parem animum gerant. “[Metelo] exortou... que tivessem o ânimo igual”

Eph. (I, 14): Hic [Achilles] in primis adolescentiae annis, procerus, decora facie, studio rerum bellicarum omnes iam tum virtute atque gloria superabat... “Este [Aquiles], ainda nos primeiros anos da adolescência, alto e belo de rosto, quanto à inclinação dos assuntos bélicos já então superava todos em coragem e glória”

Jug. (6, 1): [Iugurtha] qui ubi primum adolevit, pollens viribus, decora facie, .... “Jugurta, que quando

primeiramente cresceu, estava forte em virtude, belo de rosto”

Griffin (1907, p. 116) assinala que “não é de modo algum incomum para um tradutor enriquecer a reprodução de seu original com frases e colocações extraídas de sua própria literatura nativa”.<sup>136</sup> Movellán Luis (2015, p. 51) explana que a *imitatio*, no âmbito da historiografia, podia assumir muitas formas, sendo a mais comum a imitação verbal, que podia ir de uma única palavra a uma frase ou à apropriação de um estilo inteiro. O uso das frases dos predecessores (exatamente da mesma forma ou com pequena alteração), sobretudo dos grandes mestres, é uma característica de quase todos os historiadores antigos. Para ela, esse recurso consiste-se, às vezes, em colocar um elemento familiar em um novo contexto, no qual é surpreendente porque ressignificado.

Brünnert (1883) considera que um exame detalhado do texto latino revela que ele está repleto de reminiscências salustianas não só exemplificadas com frases, expressões e palavras, mas também em peculiaridades gramaticais e estilísticas. Peinado (2015, p. 229-232) apresenta uma tabela com a comparação entre o texto grego dos papiros conhecidos de *Ephemeris*, a versão latina de Septímio e as sentenças salustianas, do qual extraímos o exemplo a seguir:

PTebt. 268.25-27: [. . .] του Πολὺ Ἀλεξῆα[νδρ. . .][. . .]. . εχρων συν[. . .]. . [...][. . .]. ον[. . .] “em grande maneira Alexandre”<sup>137</sup>

Eph. (IV, 10): *rumorem prodigionis ortum clementer per exercitum in verum traxerant. Ob quae simul uti concitatus militis animus leniretur* [...] “[eles] transformaram em verdade o rumor de uma traição que havia surgido lentamente pelo exército. Por esta razão, para acalmar os espíritos zangados dos soldados [...]”

Iug. (22.1): *is rumor clemens erat\**, “havia aquele rumor passivo” // Iug. (11.9) *neque lenitur animus ferox* “e não se abrandava o ânimo feroz”.

Na sentença, explica a pesquisadora, em que há um asterisco, há também correspondência com o autor latino Sulpício Severo, autor do século IV-V, posterior à composição de *Ephemeris*. Esse autor também usa expressões similares que demonstram o gosto pelo estilo salustiano, como em *tum incesserat clemens* (CII 49,5), “então começara clemente”; *ultra humanum modum* (M 2,7), “acima da condição humana”; e *incredibile memoratu est quam cito numero aucti sint* (CI 13, 1), “é de incrível menção o quão rapidamente aumentaram em número”, conforme observa Pratje (1874, p. 10-36). Na opinião

<sup>136</sup> “it is by no means uncommon for a translator to enrich the reproduction of his original with phrases and collocations drawn from his own native literature”. Noack (*apud* GRIFFIN, 1907, p. 116) aponta que Hegésipo incorporou em sua tradução de Josefo algumas das mesmas frases de Salústio usadas em *Ephemeris*.

<sup>137</sup> “en gran manera Alejandro” (PEINADO, 2015, p. 54)

de Merkle (1999, p. 134), a imitação da escrita salustiana tem duas funções: elevar o estilo e enfatizar o caráter histórico do texto. Usener (1994) aponta para a especificidade da ocorrência de terminologia da política romana na *Ephemeris* latina, como as palavras *curia* (2.24), *populares* (1,8; 1,10; 2,20; 5, 1; 5, 7; 5, 10) e *senatus* (5, 4; 5, 8; 5, 10) e enfatiza que, considerando os leitores da tradução de Septímio conhecedores desses termos desde os tempos da última República, seu emprego tinha, a um só tempo, tanto um efeito de familiarização quanto de distanciamento, pois, por um lado, Septímio tornou os eventos da Guerra de Troia mais claros e compreensíveis para seus leitores e, por outro lado, ele transportou eventos a épocas remotas "romanas", criando, assim, um abismo histórico entre o leitor e o texto.

Essa associação entre os tempos de Troia e romano, interpreta Usener, não se destinava a fornecer uma pista cronológica concreta para o leitor, mas, em vez disso, visava a dispor sinais de um tempo distante, em que outros estados políticos prevaleceram, como os períodos republicanos. Merkle, no entanto, observando um efeito ficcional mais do que interpretativo, adiciona que ambos os dispositivos, a imitação de Salústio e o uso de terminologia política que aponta para a Antiga República, fornecem, em combinação, um conjunto de associações para o leitor e emprestam uma cor romana mais intensa e específica ao texto que deveria ser reconhecido como antigo. Na opinião de Merkle, Usener implicitamente demonstra que, com o uso dos termos aplicados quase exclusivamente aos troianos, Septímio promove um paralelismo entre o povo de Troia e o de Roma, entre as condições políticas em Troia e as do final da Roma republicana. Merkle considera que essa associação Troia/Roma é bem mais específica do que sugeriu Usener e que ela se confirma e é modificada nas passagens em que Septímio alude claramente a Salústio:

Essas claras alusões às monografias de Salústio sugerem que o que acontece em Troia nas preliminares da Guerra de Troia se assemelha em pontos essenciais aos confrontos em Roma nas preliminares da Guerra de Jugurta, com a imoralidade dos príncipes dominadores e egoístas remanescentes da nobreza romana depravada dos tempos de Catilina. (MERKLE, 1999, p. 135)<sup>138</sup>

Argumenta o estudioso que, no decorrer do relato, Septímio lembra repetidas vezes a seu leitor a semelhança entre Troia e Roma usando os termos políticos mencionados e especificamente criando ligações verbais com passagens salustianas. Septímio não sugere nunca, continua Merkle, um paralelo entre Troia e um aspecto ou uma figura claramente

---

<sup>138</sup> "These clear allusions to Sallust's monographs suggest that what happens in Troy in the preliminaries to the Trojan War resembles in essential points the clashes in Rome in the preliminaries to the Jugurthine War, with the immorality of the dominating and selfish princes reminiscent of the depraved Roman nobility of Catilina's times. (MERKLE, 1999, p. 135)



positiva da Roma de Salústio. Por contraste, se o troiano é o reflexo negativo da República Romana tardia, os gregos seriam o potencial reflexo positivo, considera Merkle.

Merkle (1999, p. 135-136) encontra ainda um terceiro aspecto da relação de Salústio com a obra latina. Ele alia as alusões salustianas à análise da degradação da figura dos gregos, representação que Latacz (1994, p. 80, n.52) não teve dúvidas em atribuir totalmente ao tradutor latino. Em complementação, Merkle considera que as alusões salustianas podem dar suporte a afirmação de Latacz sobre o declínio da figura dos gregos ser débito do autor latino, porém modaliza afirmando que, no entanto, os fragmentos gregos não fornecem nenhuma indicação de que Septímio tenha mudado decisivamente o conteúdo do relato e, portanto, o estudioso prefere ainda sustentar que a representação do declínio moral dos gregos ao longo narrativa era parte do original. Para Merkle, na verdade, parece que Septímio captou o que pode ter sido apenas implícito no grego e optou por enfatizá-lo em sua versão em latim. Ou seja, ele pode ter aumentado o impacto moral do relato pelo decalque salustiano. O estudioso conclui que no "nível salustiano" a Guerra de Troia é introduzida como uma guerra entre as fraquezas da República Romana tardia, por um lado, e uma combinação de sua força e as virtudes e falhas de Jugurta, por outro.

Em síntese, os níveis da interpretação salustiana na esteira de Merkle (1999) seriam: 1) estética da sintaxe salustiana; 2) efeito de familiaridade, plausibilidade e realismo; e 3) jogo intertextual profundo e complexo estritamente latino. Sobre este último nível, comenta:

Os troianos, ele poderia aprender, eram de fato surpreendentemente semelhantes aos romanos; os mesmos poderes negativos que arruinaram a República Romana causaram a destruição completa do antecessor de Roma. Dado que a tradução foi apresentada aos romanos em tempos imperiais, alguns desses romanos podem ter tido um sentimento desconfortável, observando a diferença básica entre a Roma de Sallust e Troia: Troia era uma monarquia. (MERKLE, 1999, p. 136)<sup>139</sup>

Na mesma linha de Usener, Ussani (1970 *apud* PEINADO, 2015, p. 234) apresenta algumas observações sobre a língua de *Ephemeris* e constata que há também expressões relacionadas a outros autores romanos, como o *pure lauti* (I 15), que em Tito Lívio aparece como *pure lautum* (39, 9, 4). Além disso, Septímio, segundo Ussani, realiza uma adaptação do vocabulário político-religioso ou político-moral, bem como os termos do sistema militar e civil romano, aos valores semânticos gregos correspondentes, como um *lictor* em (IV 3), a expressão *carus acceptusque* (Aurélio Vitor) modificado em Eph. I 20., II 15. e *acceptumque*

---

<sup>139</sup> “The Trojans, he could learn, were indeed surprisingly similar to the Romans; the same negative powers that ruined the Roman Republic had caused the complete destruction of Rome’s predecessor. Given that the translation was presented to Romans in imperial times, some of these Romans may have had an uneasy feeling noting the basic difference between Sallust’s Rome and Troy: Troy was a monarchy.”

*popularibus suis* de Jug. (70.2) imitado em Eph. IV.9 *con amabilis atque acceptus popularibus*. Para Ussani, a tradução de Septímio poderia ser um jogo de citações de autores latinos anteriores, bem como uma intenção de mudar a tradição homérica. A esse respeito, Peinado (2015) afirma que a maioria dos estudiosos, como Dederich e Griffin, apontam que a imitação de outros autores, como Cícero em *Pro Roscio*, Terêncio, Lívio, Apuleio, Plauto, César, etc., no procedimento tradutório de Septímio mostra uma tendência de com ela transformar uma obra grega em uma mais romana ou do gosto dos romanos, para um melhor desfrute de seus leitores.

A leitura interpretativa de Merkle (1999) pode sofrer uma objeção, não como a fez Marcos Casquero (2003, p. 36 *apud* MOVELLÁN LUIS, 2015, p. 50, n.114), que acredita poderem ser fortuitas as alusões a Salústio (pois certamente não são ao acaso), mas, sim, de que essa imitação, não só salustiana como vimos, encontra, ao nosso ver, reflexo na própria obra grega, como a análise dos papiros executada por Peinado (2015) demonstrou no nível terminológico. Embora seja verdade que a maioria dos paralelos tradicionalmente observados entre a *Ephemeris* latina e a prosa de Salústio são um tanto frágeis, também é verdade que no quarto século Salústio era considerado um modelo a ser imitado. Segundo Movellán Luis (2015), o tradutor poderia, com bastante probabilidade, ter em perspectiva o estilo de um renomado historiador durante todo o seu trabalho. A pesquisadora acredita, na mesma linha de Merkle (1999), que, por outro lado, aquele sabor residual salustiano (ela evita chamá-lo de imitação) deixado por *Ephemeris* no leitor demonstra algo mais relevante: que o tradutor tinha em mente que ele estava diante de uma obra supostamente historiográfica. E esse aspecto, com toda certeza, podemos afirmar, já que a sua epístola declara ser a obra a ser traduzida *vera historia*, e para traduzir uma história verdadeira nada melhor que decalcar o estilo e os termos de um verdadeiro historiador.<sup>140</sup>

Ainda sobre Septímio e sua tradução, cabe salientar que, a partir da comparação entre os papiros gregos e o texto latino, fica claro o caráter parafrástico da tradução (PEINADO, 2015, *passim*). Zanusso (2012, p. 26) ao comparar a versão de Septímio com aquela de Díctis (completada com a leitura dos bizantinos Malalas, Cedreno e Manasses), afirma que o texto latino é:

uma *versio* que não parece contemplar [...], para os cinco livros declaradamente traduzidos *ad litteram*, cortes ou modificações estruturais; mas, ao mesmo tempo, são mais que evidentes as transformações estilísticas

<sup>140</sup> Não podemos passar ao largo da constatação de que em *De Excidio*, na carta que serve de prefácio, seu remetente Cornélio Nepos detina-a a esse mesmo Salústio, ambos historiadores. Como *De Excidio* se situa por volta do século V d. C., por conseguinte posterior a *Ephemeris* latina, temos aí margem para cogitar a relação intertextual entre as duas obras latinas.

do texto, desde uma amplificação retórica que comporta insistentes adjetivações e *duplicationes* de substantivos e verbos, até uma atenção peculiar a aspectos técnico-militares, com o recurso a um *sermo castrensis* que parece, sem dúvida, ausente em grego. Significativas, pois, as coincidências entre as pontuais traduções de alguns termos, da parte de Septímio, e os Glossários greco-latinos que a tradição escolástica tardo-antiga nos conservou: como se pudéssemos entrever a obra do tradutor nos “dicionários” da época.<sup>141</sup>

É observável que o texto em latim é simples,<sup>142</sup> atendendo em larga medida à norma clássica, embora, como observa Ussani (1970 *apud* PEINADO, 2015), apresente alguma ruptura na manutenção dos modos no estilo indireto e com alguns índices típicos da linguagem vulgar como o uso da preposição *per* mais acusativo para a função agente e o aparecimento de helenismos lexicais e sintáticos. Notável, também, é a repetição estrutural de situações e a sistemática reiteração lexical (principalmente as expressões de tempo, como *per idem tempus* e *interim*, que sempre encabeçam inícios, e termos sequenciais, como *igitur* e *dein*). Há uso desmesurado de construções participiais que, em detrimento da compreensão do texto, visam à ornamentação do original grego, oferecendo detalhes complementares. Ainda, há curiosas transliterações do grego (como *oenotropae*, referindo-se às filhas de Ânio) que revelam uma preocupação em substituir palavras latinas por gregas. De qualquer forma são raros os decalques (como o ἄραξ, *aratus* em Eph. II 41, confrontado com o hesiódico ἄροτος); pleonasmos como *dein haud multo post* (I 13; “em seguida, não muito depois”), *procul a domo locis alienis atque hostilibus, neque se aliter inter tam gravia bella undique versus inimicis regionibus* (II, 48; “longe da pátria, em terras estranhas e inimigas, que, entre os graves combates, rodeados de todo o lado por nações inimigas”); a *variatio* nas formas verbais; locuções latinas como *concordia* (I 15), *lictores* (II 33), *legiones* (IV 14), *boni* (V 14). (PEINADO, 2015, p. 228)

Por fim, Septímio assume que a sua versão latina não é completa, pois resume drasticamente os últimos livros. Ainda não está claro o motivo dessa epitomização quanto aos *nóstos* gregos. Supomos, no entanto, que Septímio estava mais interessado nos fatos que

<sup>141</sup> “una versio che non sembra contemplare [...], per i cinque libri dichiaratamente tradotti ad litteram, tagli o modifiche strutturali; ma al tempo stesso sono più che evidenti le trasformazioni stilistiche del testo, da una amplificazione retorica che comporta insistenti aggettivazioni e duplicationes di sostantivi e verbi, ad un’attenzione peculiare ad aspetti tecnico-militari, con il ricorso ad un *sermo castrensis* che appare senz’altro assente in greco. Significative, poi, le coincidenze fra le puntuali traduzioni di alcuni termini, da parte di Settimio, e i Glossarii greco-latini che la tradizione scolastica tardo-antica ci ha conservato: quasi potessimo scorgere il lavoro del traduttore sui ‘dizionari’ dell’epoca.”

<sup>142</sup> Simplicidade que, segundo Peinado (2015), está no original grego. Para além disso, Brünnert (1883) aproxima a simplicidade da língua empregada por Septímio a de Salústio, pois ambos apresentam, além da propensão para a antiguidade, uma peculiaridade quanto à construção e à conexão das frases simples e sem adornos, especialmente pelas que frequentemente estão no início, como *igitur*. Do mesmo modo, ambos com certa frequência apresentam eclipse de *esse, est, sunt*, e mesmo de *erat* e *erant*, que corresponde ao desejo geral de brevidade.

orbitavam mais próximo do centro da Guerra de Troia (eventos que aconteceram pouco antes, durante e pouco depois da eclosão da guerra e que para ela confluíram ou dela derivaram). A volta dos gregos não passaria de um epílogo alongado em demasia para os anais de uma guerra.<sup>143</sup> Um estudo detido desse último livro e de seu caráter e procedimento de sumário fica ainda por fazer. Movellán Luis (2015), no entanto, seguindo a interpretação de Merkle (1999), que lê em *Ephemeris* o declinar da figura dos gregos ao longo da narrativa, que começam a história íntegros e a terminam, por causa da influência degradante da guerra, tão bárbaros como os próprios inimigos, acredita que, na narrativa original de *Ephemeris*, a parte final funcionaria como um epílogo para tentar fechar todas as “feridas abertas” durante a guerra. Teria o autor grego recontado amplamente os retornos de todos os guerreiros e seus problemas ao chegar em suas casas, o que o tradutor latino sentiu que era desnecessário. Logo, no original, a história não estaria encerrada até que não se relatasse as vinganças que recaíram sobre os soldados que cometeram erros (*hamartía/iniuria*) durante o cerco de Troia. Podemos supor que Septímio entendia que a história deveria terminar com a queda de Troia e que eventos subsequentes não eram mais do que um epílogo que não tinha força para mudar a concepção da obra em si. Para Movellán Luis (2015), o esquema de *Ringkomposition* proposto por Merkle (1999), embora muito bem sucedido, esquece que o texto original ainda tinha quatro livros que provavelmente se aprofundariam na caracterização dos gregos depois da guerra e da necessidade de reparar as ofensas que se estendiam para eles por causa das ofensas que infligiram a seus próprios companheiros. Concordamos com a correção da estudiosa e acreditamos que, uma vez aceita que a ideia da obra é coligir a totalidade da Guerra de Troia, a volta dos vitoriosos e o destino individual de cada um não poderiam faltar, mesmo que não necessariamente ligados ao interesse militar dos anais, a eles estavam ligados pelo viés político e as consequências impactantes na vida pós-guerra dos combatentes.<sup>144</sup>

---

<sup>143</sup> Como bem consta no *Prólogo*: “*Hic fuit socius Idomenei, Deucalionis filii, et Merionis ex Molo, qui duces cum exercitu contra Ilium venerant, a quibus ordinatus est, ut annales belli Troiani conscriberet.*”, “Ele foi um dos aliados de Idomeneu, filho de Deucalião, e de Meríones, filho de Mólon, comandantes que vieram com um exército contra Ílion, [e] deles recebera ordens para compor os anais da guerra de Troia.”. Todavia, há como se obstar a essa consideração se observarmos que todos os principais gregos que tomaram partido na guerra tinham, a partir de então, envolvimento político nas consequências da vitória sobre Príamo, dado que, juntamente com o destino final de cada um deles, não seria menos digno de constar dos anais, o que parece ter sido feito, religiosamente no original, resumido, porém, na versão latina. Por outro lado, fica registrado que os *nóstos* também faziam parte essencial da matéria troiana e que foram cantados pelos épicos cíclicos e pelos trágicos, o que, por isso mesmo, não poderia escapar da coleção de um revisionista-compilador como tem se mostrado ser o autor grego de *Ephemeris*.

<sup>144</sup> E a versão latina se fecha, ao nosso ver, com a maior extensão tentacular que pudera o tradutor conservar (e quiçá não fora este o mesmo fim que tinha a obra grega): com a morte do já velho mas ainda virtuosos Ulisses, fatalizado pela complicação da ferida infligida por seu próprio filho: “[...] vulneratus ab eo, quem minime crediderat, triduo post mortem obiit senior iam propectae aetatis neque tamen invalidus virium.”, “ferido por aquele a quem menos esperava, morreu três dias depois, já velho, em idade propecta, mas não privado de suas

Encerrando a leitura dos paratextos, concluímos que a acumulação das “mentiras subsidiárias” (MOVELLÁN LUIS, 2011), que viemos apontando em diferentes níveis, cria efetivamente a atmosfera necessária para a inclinação do leitor à leitura do texto, não só por contribuírem para o jogo ficcional e apresentação de um relato plausível, mas também (e talvez mais) por instigarem o leitor ao avanço na narração. Essa incitação do leitor contida nesses paratextos aproxima-se da análise que Motta (2006) faz, seguindo os “Bosques Possíveis” de Umberto Eco, do acordo ficcional que o leitor aceita ao se inserir no diálogo com a obra. O pretexto da atração pela história dentro da própria ficção (gradual, em nossa análise, pois vai da frustração e estranhamento dos pastores até a constatação da veracidade e superioridade do texto de Díctis, no prólogo), além de ser o motivo pelo qual o romano traduz o texto (lê-se na epístola a avidez e convicção com que Septímio assume tornar público o texto que conta a história verdadeira da Guerra de Troia), serve para atribuir à narração maior relevância, tornando-a nas mãos do leitor uma relíquia de valor inestimável. Voltando à metáfora dos paratextos como moldura: a pintura só se torna quadro graças à moldura que a delimita; por extensão, a *vera historia de bello Troiano* é lida assim porque suas introduções já desse modo a enunciam.

Quanto à estrutura do texto, Griffin (1907, p. 111) aproxima a organização do enredo de *Ephemeris* ao conjunto dos poemas épicos do ciclo troiano, que abarcaria as três parcelas divisíveis da história sobre a Guerra de Troia. A porção inicial de *Ephemeris*, incluindo os eventos anteriores à guerra, corresponderia a *Cíprias*; a porção central, compreendendo os próprios eventos bélicos, corresponderia a *Etiópida*, *Ilíada*, *Pequena Ilíada* e *Saque de Troia*; a porção final, contando os eventos posteriores ao termo da guerra, corresponderia a *Odisseia*, *Retornos* e a *Telegonia*.

Para Movellán Luis (2015), o narrado em *Ephemeris* não se distancia tanto da tradição épica cíclica quanto ao conteúdo e sua organização, não apresentando grandes ou drásticas inovações, a não ser três essenciais: a morte de Heitor por meio de uma emboscada elaborada por Aquiles (a despeito da tradicional, e mais honrada, morte em combate singular), a paixão do pelida pela princesa troiana Polixena e seu enfado para com o rei Agamêmnon. Essas variações, explica a estudiosa, parecem operar em relação ao contexto em que estão inseridos e condizem com a história em seu todo e não parecem ser surpresas incongruentes, mas, sim, indiciam obediência a um projeto deliberado da obra e, ao mesmo tempo, o conteúdo das alterações se relacionaria com a mudança de mentalidade, pois no contexto geral de

degeneração de ambos os lados na guerra, a emboscada em que Aquiles mata Heitor serve como uma resposta às ações durante as tréguas e sua tentativa de convencer Aquiles a trair os gregos. Da mesma forma, a morte do herói grego (também em uma emboscada) responde às suas más ações (assassinato indigno de Heitor). O autor de *Ephemeris*, supõe Movellán Luis (2015), parece desfazer qualquer chance de heroísmo na guerra. Quanto ao Aquiles apaixonado por Polixena, Movellán Luis (2015) aponta para o fato de que esse episódio corresponde, a um só tempo, à crescente importância que o tema amoroso vai tomando na literatura e na sociedade da época e a uma explicação para o sacrifício de Polixena no túmulo de Aquiles. Quanto à ira de Aquiles contra Agamêmnon, talvez o mais significativo episódio modificado, estende-se aos outros senhores da guerra e assume uma importância renovada, tendo em conta o contexto social em que a obra é gerada. Conclui a estudiosa que, em qualquer caso, o que se infere a partir dessas mudanças na história tradicional é que elas são decorrentes do interesse do autor em dar razão aos acontecimentos de um ponto de vista 'moderno' (aos olhos de um leitor dos séculos I-II de nossa era) e que estão sujeitos a uma sucessão racional sem recorrer a explicações sobrenaturais.

Conforme colocou Merkle (1989) e ampliou Movellán Luis (2015), *Ephemeris* está estruturada sobre a ideia da degradação que a guerra traz aos seus partícipes e os temas da avareza (*avaritia*) e a violação do direito (*iniuria*), e a sua posterior busca por reparação, formam a articulação de sua unidade. Desse modo, Díctis apresenta em seus anais o confronto entre gregos e troianos e os conflitos dos gregos (como a morte de Palamedes e a ofensa a Aquiles) e dos troianos entre si (como a traição de Antenor e Eneias), em que se acentuam os atos indignos de ambos os lados, como a traição, a impiedade e a violência, que levam sempre à perdição, seja a morte, seja o exílio, seja a desonra. Para Merkle (1999, p. 137): “A imagem que *Ephemeris* desenha da Guerra de Troia é, em todo caso, muito pessimista; parece não haver vencedores no final”.<sup>145</sup>

No nível da narração, cabe apontar que o narrador homodiegético em *Ephemeris* é um partícipe da Guerra de Troia, encarregado de compor (*conscribere*) os anais, como estudamos nos paratextos. Escreve em primeira pessoa, marcando sua presença por meio da morfologia verbal e pronominal. É de se notar, com efeito, sua narração em primeira pessoa diz menos a respeito das ações do que da organização textual, pois sobejam, principalmente, expressões como esta que se destaca a seguir: *Igitur Antenor, cuius de sanctitate morum supra memoravimus, Priamum convenit coniurationemque factam conqueritur* (Eph.I.11),

---

<sup>145</sup> “The picture the *Ephemeris* draws of the Trojan War is, in any case, a very pessimistic one; there seem to be no winners at the end.”

“Portanto, Antenor, cuja benevolência **acima citamos**, foi ter com Príamo e queixou-se da conspiração (feita pelos filhos do rei)”. Para sustentar ainda mais a veracidade de seu relato, Díctis expõe as fontes das informações dos fatos aos quais não estava presente, à semelhança do método tucididiano (tópico que será desenvolvido na próxima seção).

Além da organização textual, ou seja, a figuração do narrador como um compositor consciente de se estatuto e de sua tarefa (autor implícito), o apego à relação com o tempo, que já assinalamos ao nos referirmos à reiteração lexical, reflete-se na racionalização dos míticos dez anos de assédio que, segundo supõe Movellán Luis (2015, p. 194), teria parecido ao autor de *Ephemeris* um tanto exagerado. Dessa forma, ele atrasa o início da guerra o suficiente para se estender nos preparativos da frota e duplicar as reuniões dos gregos (primeiro em Argos e depois em Áulis), de modo que ao aportar em Troia já se tinha chegado ao nono ano e a guerra em si só se desenrolaria em dois. O primeiro inverno é citado em Eph. II.41 (*Namque ubi hiems adventare*), o segundo em Eph.III.1 (*Interim per totam hiemem*) e o terceiro estava prestes a chegar (Eph.V.17; *ne per moram interventu hiemis*) quando embarcam de volta à Grécia. Assim, no total, contando os prelúdios da guerra, as batalhas, a tomada de Troia e os preparativos para a partida dos gregos, não somam muito mais do que dez ou onze anos.

Como soldado em atividade, Díctis preocupava-se em registrar os ritos da guerra. Assim, como bem assinalou Troca Pereira (2016), em *Ephemeris* o “cenário bélico procura emular aspectos de organização social, tanto no panorama grego, como troiano, em particular no tocante à designação democrática” e cita, do lado grego, o processo de eleição a que os gregos se submetem para eleger o comandante supremo da frota destinada a atacar Troia, em que Agamêmnon vence por unanimidade (Eph.I.19) e, do lado troiano, a consulta que Príamo fazia a seus filhos e aos anciãos troianos quando havia de decidir algo de extrema importância (cf. 4.22). Quanto à disposição militar, observam-se em *Ephemeris* algo bastante diversificado, como bem pontuou a autora: os combatentes eram propriamente aqueus ou troianos, ou de algum povo estrangeiro aliado a uma ou outra dessas duas facções; distribuíam-se por alas e linhas de frente ou travavam combates singulares (*solitario certamine*, “combate singular”, II.18 – Ajax; II.39 – Menelau/Alexandre; III.7 – Pátroclo/Sarpédon; IV.19 – Filoctetes/Alexandre). Ao contrário da descrição dos gregos, sempre bem ordenados e instruídos para a guerra, os troianos comumente são descritos com imperícia estratégica no âmbito bélico: Eph. II.38: *Dein signo dato densatis frontibus conflixere acies, composite Graecis ac singulis per distributionem imperia ducum exsequentibus; contra, sine modo, atque ordine Barbaris ruentibus*, “Em seguida, ao sinal dado, os exércitos entraram em confronto, aglomerando-se na frente, de maneira ordenada

entre os gregos e obedecendo a cada um, de acordo com a distribuição, as ordens dos caudilhos; ao contrário, os bárbaros lançando-se, sem modo ou ainda ordem”.

Ainda no tocante à organização da guerra, porém sem entrar em pormenores interpretativos ou maiores digressões, há de se pontuar acerca dos momentos de pausas (*requies belli*), os quais serviam para a realização dos funerais dos combatentes mortos (e.g. Eph. II, 4: *Dein secuta die, legati invicem de sepeliendis, qui in bello ceciderant, mittuntur: atque ita indutiis interpositis collecta corpora atque igni cremata sepeliuntur*, “Em seguida, no dia seguinte, enviam-se embaixadores de ambos os lados para sepultar aqueles que haviam caído na guerra: e, assim, com tréguas interpostas, uma vez recolhidos e cremados os corpos, são sepultados”) ou para se fazerem culto aos deuses (e.g. Eph. IV, 10: *Deinde transactis paucis diebus solemne Thymbraei Apollinis incessit et requies bellandi per indutias interposita*, “Em seguida, transcorridos poucos dias, tomou lugar a festa solene em honra a Apolo Timbreu e se interpôs um descanso da guerra por meio de tréguas”) ou mesmo por imperativo do clima (e.g. Eph. III, 4: *Iamque exactis hibernis mensibus ver coeperat*, “e já transcorridos os meses do inverno, começara a primavera”) e, é claro, da chegada da noite (e.g. Eph. II, 32: *Dein nox communis amborum requies proelium diremit*, “Em seguida, a noite, descanso comum de ambos os lados, interrompeu o prélio”).

Por fim, em relação à estrutura de *Ephemeris*, deve-se assinalar dois recursos usados. O primeiro é a presença das genealogias, as quais, segundo Movellán Luis (2015), não haviam até o momento despertado interesse para lá da comparação simples entre a que apresenta esse autor e aquelas que outros autores apresentam. Em sua abordagem do tema, identifica que não são fortuitas as modificações nos três momentos em que se traçam genealogias em *Ephemeris* (os netos de Minos em I.1; Genealogia de Helena por ela mesma em I.9; e o compartilhamento da linhagem entre troianos e gregos assumido por Antenor em IV.22). Parece construir-se com a genealogia uma linhagem ancestral comum entre gregos e troianos. Certamente, afirma Movellán Luis (2015), por meio das genealogias tradicionais, de Hesíodo a Apolodoro, também se pode traçar uma mesma linha comum para as casas dos *atridas*, dos *priâmidas* e ainda para a casa de Tíndaro por intermédio das *oceânidas*: Electra e Taigeta, unidas a Zeus, são antepassados de Príamo e Tíndaro respectivamente, e Pluto, também com Zeus, é dos *atridas*. Supõe, então, que essa descrição genealógica pode ter parecido ao autor de *Ephemeris* demasiado fantástica e longínqua, motivo que o levaria a substituir a figura de Oceano pela de Agenor e de Dânao.

Para sustentar essa hipótese, a estudiosa infere que a escolha por essas duas figuras manifesta a intenção de criar uma “cronologia humana”, desmitificando as linhagens para



torná-las históricas. Embora desenquadrado no projeto racionalista, pois Electra, Taigete e Hesíone continuam a aparecer relacionadas às divindades, esse procedimento seria uma maneira de introduzir algum grau de temporalidade humana à genealogia. Mesmo que Agenor e Dânao ainda sejam ancestrais míticos, ao contrário de Oceano, por exemplo, ambos podem ser enquadrados, no contexto do imaginário grego, em uma sucessão de eventos históricos ou pseudo-históricos. Dessa forma, o autor de *Ephemeris* guiou-se por uma tentativa de sequenciamento cronológico na escolha desses caracteres. Por fim, a autora remete aos paratextos e a *sphragis* no final do livro V para confirmar a incidência na figura desses dois ancestrais. Recordando ela que Agenor e Dânao (junto com Cadmo) são considerados como introdutores do alfabeto na Grécia.<sup>146</sup> Para a estudiosa, não parece acidental que esses personagens (em pureza, apenas Agenor e Dânao) sejam a origem da grande genealogia traçada em *Ephemeris*. Para ela, além de supor que modernamente “diríamos que a história da Grécia e das heróicas casas reais começa com a introdução da escrita”, ela entende que “Algo semelhante deve pensar o autor de *Ephemeris* para tentar ligar uma coisa com a outra.”, concluindo que não se pode esquecer “que a mãe de Agenor é a Líbia (unida a Poseidon) e que a Líbia, o país, fazia parte da província da Cirenaica junto com Creta na época em que *Ephemeris* é escrita” (MOVELLÁN LUIS, 2015, p. 200). Isso, para a estudiosa, parece ser muito mais que uma fortuita coincidência. Seguindo esse raciocínio, o autor de *Ephemeris* estava sugerindo que todos eram de mesma origem, a despeito das várias diferenças étnicas. E, se cruzamos essa análise com o que observamos sobre a degradação moral progressiva em *Ephemeris*, parece-nos possível supor que, em última instância, a infração da hospitalidade se agrava, pois seriam todos, gregos e troianos, com efeito, da mesma linhagem, e o romance textualmente afirma isso.

O segundo recurso presente em *Ephemeris*, e o último a ser aqui relacionado, diz respeito aos discursos. Poucas vezes o narrador permite que o personagem tenha voz, predominando o sumário e o discurso indireto. Em *Ephemeris* há, no entanto, quatro momentos de destaque em que os personagens têm voz e discursos: a primeira embaixada dos gregos em Troia (Eph.I.5-11); a segunda embaixada (Eph.II.20-27); o encontro de Príamo e Aquiles para resgate do cadáver de Heitor (Eph.III.20-27); e o discurso de Antenor perante a assembleia de Troia com sua oferta de reparação (Eph.V.1-3). Na opinião de Movellán Luis

---

<sup>146</sup> *Epístola: litteris Punicis, quae tum Cadmo et Agenore auctoribus per Graeciam frequentabantur.* “com o alfabeto púnico, o qual então estava sendo popularizado pela Grécia graças ao trabalho de Cadmo e Agenor”; *Prólogo: vocis ac litterarum Phoenicum, quae a Cadmo in Achaïam fuerant delatae.*, “na linguagem e letras fenícias, as quais foram trazidas por Cadmo à Acaia”; *sphragis do Livro V, 17: [...] litteris Punicis ab Cadmo Danaoque traditis [...]*, “com o alfabeto púnico que foi trazido por Cadmo e Dânao”

(2015, p. 202), por meio desses quatro momentos, os temas que atravessam *Ephemeris* tornam-se evidentes e especialmente relevantes, principalmente porque os protagonistas colocam o antagonismo racionalidade-barbárie, o interesse dos gregos em resolver o conflito de forma pacífica alertando constantemente aos bárbaros que a guerra é indesejável, exortando para a necessidade do reparo da *iniuria* (injúria), assim como a incompreensão da parte dos gregos da obstinação dos troianos em não entregar Helena. Cabe lembrar que não é estranho à historiografia antiga o uso de discursos diretos em suas obras. Esse uso é reflexo direto, a um só tempo, da retórica e da ficção. Soares (2010, p. 445) acerca de Tucídides,<sup>147</sup> por exemplo, afirma que

Quase um terço (vinte e seis discursos políticos e um diálogo) da *História da guerra do Peloponeso* está preenchida com discursos que apresentam com vigor e intensidade os pontos de vista e os preconceitos, as esperanças e os receios, os planos, os ideais, as vilezas dos intervenientes. Com os discursos e os debates, Tucídides dava continuidade a uma tendência geral do seu tempo e quase uma moda: o *ἄγων λόγων* ou debate oratório. A disputa jurídica era a forma mais comum e simples, mas todos os gêneros literários, de um modo geral, praticavam este tipo de *agon* – desde a epopeia homérica, que já misturava discursos com narrativas, passando pelas *Histórias* de Heródoto, pela tragédia e pela comédia, onde os debates ocupam um lugar nuclear.

Acrescentemos a isso que, segundo Movellán Luis (2015, p. 201), Políbio, seguidor de Tucídides, insiste na necessidade de veracidade dos discursos que inclui na escrita historiográfica. Em sua época, é muito provável que tivesse acesso a reproduções escritas dos discursos proferidos, pois desde Demóstenes tendiam a ser registrados por escrito e distribuídos. Do mesmo modo, continua a autora, é bastante provável que, no campo latino, os historiadores seguissem as mesmas práticas consultando os registros escritos dos discursos que reproduziam. Ao nosso ver, seja por meio do constrangimento da exatidão (*akribeia*) tucididiana, seja pela fixação em documentos antigos, ou mesmo a memória (ou a criatividade) épico-trágica, a reprodução de discursos, que também é tão característico do romance como gênero, servem sempre a fazer acreditar que o narrador se destitui de sua voz e as pessoas se expressam em sua legitimidade, como se o narrador tivesse mesmo se ausentado e criando com isso uma dramatização, cuja consequência seria um caráter objetivo.

<sup>147</sup> Cabe lembrar, junto a Soares (2010, p. 449-450), que Tucídides considerava, com efeito, os diálogos parcialmente ficcionais. São as palavras do historiador nesse tocante: Quanto ao que disse cada um dos lados em discurso, estando para entrar em guerra ou estando já nela, era difícil recordar a **exactidão mesma** do que foi dito (*χαλεπὸν τὴν ἀκριβείαν αὐτῆν τῶν λεχθέντων διαμνημονεῦσαι*), quer as que eu próprio ouvi quer as que me relataram outras fontes: eu expus o que a meu ver cada um terá dito de acordo com o que seria mais conveniente (*τὰ δέοντα*) para cada circunstância, mantendo-me o mais próximo possível do sentido geral do que foi realmente dito (*τῆς ξυμπάσης γνώμης τῶν ἀληθῶς λεχθέντων*). Relativamente aos acontecimentos passados durante a guerra, não me pareceu correcto escrever qualquer informação que me chegasse nem o que a mim me parecia ter acontecido, mas só o que eu próprio presenciei ou o que acerca de cada um procurei saber junto de outras pessoas como o máximo de exactidão possível (*ὅσον δυνατόν ἀκριβείᾳ*) [I. 22. 1-2].

Por outro lado, gostaríamos de salientar que é bastante valorizado o poder da fala em *Ephemeris*, apesar de não serem muitos os exemplos de discursos dessa natureza. Ulisses, por exemplo, é um dos mais louváveis no ato de se pronunciar. Para além da sua característica de ficcionalista (já oportunamente observada), em disputa com sua *placida oratio* impactava todos da audiência. Quando da oportunidade da segunda vã tentativa de reaver Helena pacificamente por meio de uma assembleia, Ulisses toma a frente e se pronuncia (Eph. II.21: *Vlixes medius adstans huiuscemodi orationem habuit*). Após sua longa defesa (Eph. II.21-22), em que faz presente mais uma vez o crime de Alexandre e as suas consequências (*Quis enim posthac, cui virile negotium est, recordatus Alexandri facinus non omnia suspecta atque insidiosa ab amico metuere cogetur?*, “quem, a partir de então, tendo a devida responsabilidade de um marido, lembrando-se do crime de Alexandre, não seria impelido a temer de seu amigo todo tipo de suspeitas e ciladas?”), acrescentando o fato de terem cativo Polidoro, filho de Príamo, dá o ultimato:

*[Polidorus], si Helena cum abreptis nunc saltem revocetur, inviolatus Priamo restitui poterit, alio pacto bellum differri non potest neque finis bellandi fiet, quin aut omnes Graeciae duces, qui singuli ad eruendam civitatem vestram satis idonei sunt, mortem obierint, aut, quod magis spero confore, capto Ilio crematoque igni posteris etiam exemplum impietatis vestrae relinquatur. Quapropter dum adhuc res integra in manibus vobis est, etiam atque etiam providete. (Eph. II, 22)*

[Polidoro] poderia ser devolvido para Priamo sã e salvo, se exatamente agora for devolvida Helena junto com aquilo que fora raptado; do contrário, a guerra não seria adiada nem a luta terminaria até que todos os comandantes da Grécia tenham provado a morte - cada qual em particular suficientemente preparado para destruir sua cidade - ou, o que eu provavelmente espero que aconteça, uma vez que Ílion seja conquistada e queimada por fogo, ela permanecerá para a posteridade como um exemplo de vossa impiedade. Então, enquanto ainda tendes íntegra a situação em vossas mãos, pensai sobre isso de novo e de novo.

A performance de Ulisses é de tamanha excelência que consegue calar a todos e praticamente subjugar-los à hesitação: *Postquam finem loquendi fecit, magno silentio cunctis, ut in tali negotio fieri solet, alienam sententiam expectantibus, cum se quisque minus idoneum auctorem crederet [...]* (Eph. II, 23), “Depois ele pôs fim à sua fala, com todos esperando uma opinião alheia em grande silêncio, como frequentemente assim acontece em tais circunstâncias, como cada um acreditasse ser menos idôneo para dá-la [...]”

Outro exemplo de como é valorizado o poder do discurso se encontra em *Ephemeris* I, 20, no episódio do sacrifício de Ifigênia em que o ancião Nestor dissuade Agamêmnon da intenção de fuga.

*Agamemnon affectione paternae pietatis motus an ne tam inlicito immolationis scelere interesset, fugam parat. Eumque re cognita Nestor, longam exorsus orationem, ad postremum persuadendi genere, in quo praeter ceteros Graeciae viros iucundus acceptusque erat, a proposito prohibuit.*

Sabendo disso, Agamêmnon preparou-se fuga, ou agitado pela afeição do amor paternal ou para que não se perdesse naquele ilícito crime de morte. Tomando conhecimento de tal, Nestor, **tendo começado um longo discurso**, ao fim de **gênero persuasivo, no tipo que diante de todos os varões da Grécia era jucundo e benquisto**, proibiu o rei de seu propósito.

Se se pensa em quantas vidas teriam sido poupadas caso fosse bem recebida por Príamo e seus filhos a argumentação de Ulisses, não é de se estranhar que o desempenho da palavra tivesse tanto poder. Mas, malograda a tentativa, resta apenas uma alternativa: ao ser confrontado por Eneias, Ulisses responde-lhe *placida oratione: Et hercules ulterius, ait, differri inimicitias haud integrum vobis est. Date igitur belli signum, atque ut in inferendis iniuriis, ita et in inchoando proelio fite auctores. Nos sequemur lacessiti.* (Eph. II, 26) “Por Hércules! – disse – não vos é honesto espalhar inimizade. Dai vós, portanto, sinal de guerra, e como trouxeram-nos injúrias, assim também começai vós o prélio. Uma vez provocados, nós responderemos.”. A *areté* (ἀρετή, “excelência”) demonstrada nos discursos passaria para a sua ostentação em campo de batalha.

### 3.4. Narrador e personagens em *Ephemeris belli Troiani*

Os personagens de um romance histórico normalmente se dividem em fictícios e históricos, ou seja, aqueles que foram inventivamente criados pela mente do autor e aqueles que têm existência histórica e são literariamente apropriados pelo autor em sua narrativa. No enredo eles viveriam no mesmo plano, dando mutualmente historicidade à figura fictícia e ficcionalidade à figura histórica. *Ephemeris*, esse romance histórico antigo com tema troiano, é ainda mais peculiar nesse aspecto, o que o afasta do próprio gênero romanesco como um todo e, sobretudo, como romance histórico.

Primeiramente, seus personagens são, até onde se tem certeza, em larga medida fictícios.<sup>148</sup> Contudo, em sua narração, graças aos recursos ficcionais de autorização e de ilusão de veracidade contidos tanto nos paratextos quanto na própria estrutura pseudo-

<sup>148</sup> Provas arqueológicas e evidências históricas mostram a existência de Troia, da sua guerra, da sua riqueza e, com certa probabilidade, de seus reis e príncipes narrados pela ficção, embora, como já supunha Evêmero, modificados pela tradição e transformados, por conseguinte, em seres sublimes, próprios da lenda e do mito. Cf. seção 1.1. desta dissertação.

histórica do romance, os personagens épicos-trágicos se revestem de tegumento histórico. “Revestem-se” porque os personagens representados nas epopeias homéricas, por exemplo, não tinham sua ficcionalidade inteiramente posta a nu. Muito pelo contrário, se não eram vistas como personagens efetivamente históricas, eram vistas como decalques de bélicos varões e formosas damas que realmente existiram em um passado remoto.<sup>149</sup> Em *Ephemeris*, contudo, essas figuras são determinadamente historicizadas por meio da ficção do narrador em primeira pessoa, testemunha ocular e partícipe da guerra. Como soldado e grego, Díctis assume uma posição bem determinada, da qual vislumbra o evento horizontalmente, no nível do plano humano, e por meio desse ponto de vista trata de delinear, nos traços essenciais, a silhueta moral daqueles que tomaram partido na guerra, sejam eles homens, mulheres e até mesmo alguns deuses.

Em segundo lugar, cabe discordar de Haight (1947), que, na multiplicidade de personagens e de episódios em *Ephemeris*, enxerga uma falha estrutural do texto considerado como um romance. Em suas palavras:

Se toda a obra é comparada com os romances gregos (seus temas e finais convencionais), [seu enredo solto] é uma falha na estrutura. Não é unificado pelo interesse concentrado em um herói e heroína que são amantes, ou em um grande herói militar como no romance de Alexandre. A multiplicidade de heróis e heroínas, de temas, de episódios, confundem a questão. (HAIGHT, 1947, p. 266)<sup>150</sup>

A autora remonta à especificação de Aristóteles na *Poética* na passagem em que o estagirita trata da comparação entre o enredo épico e o trágico e da afirmação da impossibilidade de transformação de um poema épico em uma tragédia, pelo fato de que uma estrutura épica diz respeito a uma multiplicidade de tramas, pois a extensão considerável de uma epopeia propicia essa possibilidade para o aedo, algo inviável para um poeta trágico que deve, como fez Eurípides, selecionar porções ao invés de tomar a Guerra de Troia na íntegra,

---

<sup>149</sup> Na revisão pela qual passou Homero esse aspecto não passou despercebido pela perspectiva histórica. Estrabão, por exemplo, assumia que, embora Homero “mitificasse”, não o fazia *ex nihilo*, mas, sim, fazia-o sempre sobre algo real: “Homer took his starting points from history” (ἔλαβεν οὖν παρὰ τῆς ἱστορίας τὰς ἀρχάς; 1.2.9; e ainda Estrabão assumia que certos personagens encontrados por Ulisses são históricos: “they say (φασί) that Aeolus ruled the islands around Lipara, and that certain inhospitable Cyclopes and Laestrygonians ruled the area of Etna and Leontini . . . and that Charybdis and Scyllaeum were in the hands of pirates” (1.2.9). Homero, portanto, “convinced that [the voyage] took place [around Sicily and Italy], he took the material as true and he elaborated it poetically (“λαβὼν ἀληθῆ ταύτην τὴν ὑπόθεσιν ποιητικῶς διεσκεύασε”) (1.2.11) (KIM, 2010, p. 69). Dessa forma, tende-se a assumir a existência de, pelo menos, um fundo histórico para os poemas homéricos e, nesse sentido, Havelock (1996, p. 31) parece não ter dúvidas ao afirmar, categórico, que “Aos olhos dos gregos, seu primeiro historiador foi Homero”.

<sup>150</sup> “If the whole work is compared with the Greek Romances (their conventional themes and endings) [its loose plot] is a failure in structure. It is not unified by concentrated interest in a hero and heroine who are lovers, or in one great military hero as in the Alexander romance. The multiplicity of heroes and heroines, of themes, of episodes, confound the issue.

ao custo de, se assim o fizer, ter insucesso no palco. A autora afirma que a mesma restrição feita ao drama caberia a esse romance. Haight (1947) ainda afirma que Díctis, ao tentar incluir em sua história não apenas a *Ilíada*, mas também um esboço da *Odisseia* e os poetas cíclicos, deixou a sua obra confusa. Concordamos pontualmente com a autora no fato de que *Ephemeris* não tem dois ou três personagens principais, mas, sim, um considerável número deles, como os tinha a *Ilíada*, e que esse fato promove, por consequência, uma multiplicidade de tramas. No entanto, discordamos de sua afirmação final, pois o que o autor de *Ephemeris* faz não é tornar sua obra confusa, mas, sim, confundir propositalmente o conteúdo épico-trágico com os limites do gênero histórico e romanesco. Certamente *Ephemeris* é diferente dos romances de *Alexandre*, de *Vida de Esopo* e de *Ciropedia*, romances também de viés histórico, porém de outro tipo de abordagem histórica, ligados mais proximamente à biografia, ao passo que *Ephemeris*, em questão de vertente histórica, com efeito se aproxima de Tucídides, um historiador, por excelência, para o qual eram os eventos político-militares que tinham interesse. O desfocamento que aparentemente ocorre em *Ephemeris* relativamente a seus personagens é somente mais um sintoma historicizante desse romance. Nesse sentido, algumas especificidades dos personagens são mantidas, outras modificadas, para que melhor se encaixem nessa narrativa racionalizante de *Ephemeris*, que se caracteriza por ter uma “trama épica” e, ao mesmo tempo, ser uma “história falsa” (MOVELLÁN LUIS, 2015).

Em linhas gerais, a caracterização, quanto às facções grega e troiana, forma-se de modo antitético em *Ephemeris*, negativo para os troianos e seus aliados, positivo para os gregos e seus aliados. Pese-se, no entanto, o que Merkle (1999) analisou quanto ao declínio moral dos gregos ao longo da história, efeito colateral da degradação causada pela guerra. Assim, os troianos são bárbaros, na língua e no costume (Eph. I.7: *lingua moribusque barbari*) e, diferentemente dos gregos, imperitos na arte bélica, que com certa frequência, ao primeiro sinal de desvantagem ou de derrota na batalha, evadiam-se atarantados e desordenados.<sup>151</sup> Para além da demonstração de valia no campo de batalha, mostram os gregos o apreço pela paz por meio das tentativas, sempre frustradas, de conseguir reaver

---

<sup>151</sup> Eph. II, 43: *Quis versis barbari nullam spem reliquam salutis rati sine rectoribus neque usquam certo ordine palantes effusique ruere ad portas eoque arto et properantium multitudine impedito ingressu, cum super alium alius ruinae modo praecipitentur, supervenit cum supra dictis ducibus Ajax. Tum magna vis barbarorum trepida impeditaque inter se caesa extinctaque, in quis Priami filiorum Antiphus et Polites, Pammon Mestorque atque Euphemus Troezenius, dux egregius Ciconum*, “Com eles voltando, os bárbaros, tendo pensado que, sem chefes, não lhes restava esperança alguma de salvação, errando daqui para lá, **sem maneira nem ordem alguma e tendo se espalhado, correram para as portas, e naquela entrada estreita e interditada pela multidão de apressados**, como caíssem um sobre o outro como se fosse um desabamento, sobreveio Ajax com os supracitados comandantes. Então, um grande número de bárbaros, tendo se agitado e interditado entre si mesmos, foram mortos e extintos, entre os quais estavam filhos de Príamo: Antifo e Polites, Pámon e Mestor, e também Eufemo de Trezena, notável comandante dos cicônios.”

Helena com pacíficas embaixadas a Príamo. Todavia, não faltam atos indignos cometidos por eles contra os troianos, como a emboscada contra Heitor (*Eph.*III, 15) e a lapidação de Hécuba (*Eph.* V. 16), e dos gregos entre si, como o assassinato de Palamedes (*Eph.* lat. II 16) e a tentativa de sacrifício de Ifigênia (*Eph.* lat. I 19-23).

Fry (1998, p. 87-88 *apud* PEINADO, 2015, p. 466) argumenta que o autor de *Ephemeris* quase que de modo sistemático opõe terminologicamente gregos e troianos, ao contrário de Homero, que não os distinguia em nenhum aspecto (cultural, moral ou religioso) e que maior ênfase dá à conquista de Troia por meio da traição de Eneias e Antenor, traição essa que foi, em nossa análise, provocada pela discordância dos dois troianos em respeito à ação irrefletida dos príamidas em manter Helena na cidade em detrimento da segurança e vida dos homens e das mulheres do reino troiano. Para o autor, justificar-se-ia um protesto contra um poder romano, pelo mito da descendência de Roma a partir de Eneias, que assim teria nascido de uma traição. Mas, como se bem lê em *Ephemeris*, a piedade de Eneias se manteria incólume, pois é por causa da *pietas* e da *fides* que decide se afastar dos troianos. Assim, a tradução em latim de *Ephemeris* teria um público romano ansioso para conhecer a primeira história de seus antepassados.

### 3.4.1. Entre gregos e troianos: personagens principais

Os heróis gregos são os primeiros a aparecer no romance. Além de Díctis, aparecem já desde os paratextos os comandantes cretenses **Idomeneu** e **Meríones**, dos quais vem a ordem para a escrita dos anais. Os dois heróis constam na *Ilíada*,<sup>152</sup> mas ganham bastante relevo em *Ephemeris*. Idomeneu participa de diversos episódios: em Áulis, quando Agamêmnon é retirado da liderança suprema, o comandante cretense passa a ser o quarto na condução da expedição grega (*Eph.* I.19); é responsável, junto de Nestor, pela divisão do botim conquistado com as incursões contra cidades vizinhas de Troia (*Eph.* II.19); fere-se em combate (*Eph.* III.14); está entre os gregos escolhidos para se reunir com Antenor e enredar a traição de Troia (*Eph.*IV.22); e por fim retorna para Creta, torna-se tutor de Orestes depois Agamêmnon é morto. Será ele o responsável pela reconciliação de Orestes e Menelau (*Eph.* VI.2-4). Na opinião de Movellán Luis (2015, p. 228), a incolumidade de Idomeneu, um dos poucos líderes apresentados de forma positiva na narrativa de *Ephemeris*, pode ser explicado em razão de Díctis estar a ele ligado, tornando-se, assim, também um personagem positivo,

<sup>152</sup> Dos Cretenses era comandante o famoso lanceiro Idomeneu, / eles que detinham Cnoso e Gortina amuralhada, / [...] / Destes eram comandantes o famoso lanceiro Idomeneu / e Meríones, igual de Eniálio matador de homens.(*Il.*II.645-651)

um narrador a ser considerado digno de confiança, pois estaria às ordens de um rei de bom caráter.

**Ulisses e Diomedes** formam uma dupla (como em Il. 5,519, 8,90, 19,48 e Apolodoro, Epit. 5.13, 5.8) que, ao contrário do par formado por Ajax e Aquiles, participa de vários episódios em *Ephemeris* em que sua performance não é total e exatamente positiva (MOVELLÁN LUIS 2015, p. 229-230). Ulisses, por exemplo, em sua face positiva, participou da primeira embaixada em favor da recuperação pacífica de Helena (Eph. I. 4), mas em sua face negativa, antes disso, falsificara uma carta de Agamêmnon para enganar Clitemnestra e trazer Ifigênia para ser sacrificada (Eph.I.20). Junto de Diomedes, efetuará uma das maiores atrocidades entre os soldados gregos: eles assassinarão o companheiro Palamedes por pura inveja (*invidia*).<sup>153</sup> As consequências desse assassinato impune refletem na diminuição de seu heroísmo tradicional. Movellán Luis (2015, p. 229) afirma que em Eph. II.37, o esforço para mostrar uma versão plausível da “doloneia” (*Ilíada*, X), em *Ephemeris* se colocam Ulisses e Diomedes como guardas do campo, fazendo-os não mais dois heróis indo para o campo oposto em busca de aventura, mas, em seu próprio campo, eles continuam esperando pelo que pode acontecer. Ou seja: o próprio Dólón ousa aproximar-se para espionar o campo grego. O valor belicoso dos heróis também é posto em dúvida, quando, por exemplo, matam Reso, que tinha, com o seu exército, acabado de chegar e estavam todos ainda muito fatigados pela longa viagem. (Eph. II.45).

Embora o mesmo ocorra na *Ilíada* canto X.435-525), na opinião de Movellán Luis (2015), em *Ephemeris*, o ocorrido torna mais saliente a ignomínia do feito de ambos os heróis, porque o episódio, aliás, não termina nesse momento: ao despertarem, os trácios que vieram com Reso estão indo em direção ao acampamento aqueu e os soldados gregos são forçados a lutar com eles, o que faz da vitória deles sobre as tropas de Reso não um ato astucioso e efetivo, mas coletivo porque a atitude deles gerou um combate inesperado.

Eles também estão presentes no momento da morte de Aquiles (Eph. IV. 10-11) e também nas tramas da traição de Troia. Convenceram Antenor a levar às escondidas até os gregos o Paládio, monumento que representava a salvaguarda de Troia (Eph. V.5-8). Ulisses, nesses atos indignos, tem uma inversão de suas qualidades bélicas e oratórias, reputadas então como covardia e enganação respectivamente. Quando, já roubado o Paládio, Ulisses disputa-o

---

<sup>153</sup> Em *Eph.II.15.*: Per idem tempus Diomedes et Vlixes consilium de interficiendo Palamede ineunt, more ingenii humani, quod inbecillum adversum dolores animi et invidiae plenum anteiri se a meliore haud facile patitur., “Por esse mesmo tempo, Diomedes e Ulisses empreendem uma reunião para matar Palamedes, pela natureza do caráter humano, que fraco diante dos males da alma e cheio de inveja, não suporta facilmente ser ultrapassada por alguém superior.”.



com Ajax<sup>154</sup> e acaba vencendo graças à intervenção de Menelau e Agamêmnon, ficando com o monumento troiano porque antes intercedera em favor da incolumidade de Helena ameaçada pelo próprio Ajax que a queria matar. (Eph. V.14-15). Extremamente ofendido, Ajax, que havia tão bem cumprido sua missão como varão de guerra, jurou vingança contra os seus pares e contra seu rival. Quando, logo em seguida, aparece morto, levanta-se a suspeita sobre o envolvimento dos três reis. Ulisses teme ser rechaçado pelo exército indignado com uma segunda morte inexplicada dentro do acampamento grego, e, como era suspeito, decide fugir, demonstrando covardia e peso na consciência, pois deixou o Paládio com Diomedes (havia também ele sido cotado para disputa do monumento, mas desistira em respeito a Ajax). Enquanto Diomedes é expulso de seu reino e ainda tem oportunidade de executar façanhas bélicas (Eph. VI. 2), Ulisses passa por diversas desventuras até chegar a Ítaca, onde mata os pretendentes que cortejavam Penélope. Em seguida, tem lugar a *Telegonia*, episódio em que morre nas mãos de seu próprio filho Telégono (Eph. IV. 5-6, 14-15).

**Ajax Telamônio** é o primeiro que, depois de confirmada guerra contra Príamo, chega em Argos para formar a expedição grega, em sua companhia seu irmão Teucro (Eph. I.13). Aparecendo diversas vezes em *Ephemeris* normalmente ao lado de Aquiles, é ele um dos principais líderes nas incursões das cidades vizinhas a Troia, onde consegue grande quantidade de riquezas, escravos e víveres. Nos campos troianos, Ajax também levou a cabo feitos igualmente grandes. Dentre estes, a sua oposição ostensiva contra Heitor é notável: quando, em *Ephemeris* II, 42-44, o príncipe troiano chega com suas tropas para destruir os navios gregos, Ajax prontamente o repele. Na ausência de Aquiles, Ajax era o guerreiro mais temido pelos troianos (Eph. V.4. *talis vir, quem solum barbari non secus quam Achillem metuebant*, “tal homem, que [era] o único que os bárbaros temiam não diferentemente que Aquiles”). A sua amizade com Aquiles parece tão forte em *Ephemeris* que a imagem da morte do pelida se torna ainda mais cheia de *pathos* quando, nos últimos suspiros, Aquiles dirige as derradeiras palavras ao Telamônio, e, logo em seguida, perece em seus braços. Ajax o põe sobre os ombros para salvar o corpo amigo do assalto dos troianos e, por fim, ele em pessoa dedica-se à construção do túmulo de Aquiles (Eph. IV.11-13). Ajax, ao lado de Palamedes, é um dos poucos personagens gregos cujo lado negativo não aparece em *Ephemeris*. Não por acaso, então, são exatamente esses dois guerreiros vítimas de seus próprios companheiros, com mortes injuriosas e incompatíveis com varões tão ínclitos.

Segundo análise de Movellán Luis (2015, p. 230-231), na disputa entre Ulisses e Ajax

---

<sup>154</sup> A disputa entre Ulisses e Ajax não é, por outras fontes, pelo Paládio, mas pela armadura de Aquiles, como se lê em Ovídio, *Metamorfose* XIII 1-122.

(pois Diomedes abandonou-a antes), o narrador está inclinado ao partido de Ájax, e, de fato, quando postos em uma balança, os interesses coletivos, ou seja do exército, sucumbem aos interesses individuais, nomeadamente de Menelau e de Ulisses. Ájax, além de se haver desempenhado impecavelmente na campanha contra os troianos, provera o exército e todos os comandantes tanto de víveres essenciais quanto de bens materiais. Mas, para Menelau, Ulisses era mais digno por ter salvado Helena da mão dos revoltos encabeçados pelo próprio Ájax, que queriam executá-la por ter sido ela a causadora de tantos males aos gregos. Ájax jura vingança, mas depois aparece morto. Em *Ephemeris*, não se encontra a explicação da morte do herói,<sup>155</sup> mas o exército acredita que Ulisses e os atidas nela tinham parte. A versão tradicional, a qual segue a tragédia sofocliana *Ájax Furioso*, dizia que Ájax se suicidara por causa do ressentimento contra a injustiça cometida por Ulisses e os demais gregos no momento de recompesá-lo. Num acesso de loucura, ele teria degolado o rebanho grego acreditando matar adversários; quando voltou a si, contudo, notou o erro e matou-se. No entanto, em *Ephemeris* a morte repentina aliada à seguida desconfiança dos soldados gregos permite que se cogite o assassinato, pois não seria este o primeiro a acontecer entre os gregos.<sup>156</sup>

Quanto a **Palamedes**, é possível notar que não figura nos poemas homéricos. Segundo Proclo, esse herói consta das *Cíprias* e ainda de outros autores (USENER, 1994). Muitas são as tentativas de explicar a ausência de Palamedes em Homero, mas Movellán Luis (2015, p. 231) afirma terem sido os líricos que resgataram Palamedes do aparente esquecimento e a ele passam a atribuir criatividade tal que teria resultado numa infinidade de invenções, questão que talvez possa ser colocada em relação ao contexto de aceleração histórica que vivem e à conhecida preferência dos gregos por tentar encontrar (ou inventar) um *prôtos heuretés*, “primeiro descobridor” (πρῶτος εὐρετής), para todas as coisas. É notável que, dentre algumas dessas invenções, segundo o léxico do Suidas, esteja um poema sobre a Guerra de Troia, que teria sido rejeitado pelos descendentes de Agamêmnon e pelo próprio Homero; por outro lado, Filóstrato afirma que as andanças de Ulisses eram causadas por ter parte na morte de Palamedes; teria havido, ainda, um encômio a Palamedes atribuível a Górgias (GRIFFIN, 1907, p. 13-14, n.1). Ésquilo, Sófocles e Eurípides dedicaram obras a esse personagem, cobrindo o episódio de sua morte até a vingança de seu pai Náuplio, contemplado também em

<sup>155</sup> Ájax aparece já morto e, por suposição, assumem que teria sido morto com arma de ferro: *At lucis principio Aiace in medio exanimem offendunt perquirentesque mortis genus animadvertere ferro interfectum*, “E, com o nascer do sol, depararam-se com Ájax exânime no meio [do acampamento] e, procurando saber qual o tipo de morte, perceberam que fora assassinado com ferro.” (Eph.V, 15)

<sup>156</sup> Em *De Excidio*, a morte de Ájax é ainda totalmente diferente: morre por extrair uma flecha que Páris tinha lhe acertado.

*Ephemeris*. Essas tragédias incluiriam uma cena agonística na qual Palamedes, já morto, apareceria defendendo a si mesmo das acusações injustas sobre a sua pessoa, em semelhança ao suposto discurso de Górgias. Supõe-se que, a partir desses testemunhos, o episódio foi se convertendo em paradigma mítico para a morte do inocentes (USENER, 1994; MOVELLÁN LUIS, 2015). Em *Apologia de Sócrates*, tanto a de autoria de Platão quanto a de Xenofonte, Sócrates afirma que quer conhecer Palamedes para conversar com ele. Em relação ao papel de *prôtos heuretés*, Palamedes também se configura como um herói civilizador já na tragédia, pois, por exemplo, é provável que os restos da tragédia de Ésquilo possam ser lidos à luz de seu *Prometeu Acorrentado*, se tomarmos como verdade a afirmação de um *scholium* (Prometheus v. 457), segundo o qual as mesmas invenções atribuídas a Prometeu são outorgadas por Ésquilo a Palamedes em tragédia homônima (MOVELLÁN LUIS, 2015, p. 232). Nas *Cíprias*, apareceria o episódio em que Ulisses, fingindo-se de louco para não comparecer à convocação grega, é descoberto por Palamedes,<sup>157</sup> ausente em *Ephemeris*, o que nos faz questionar o autor de nossa obra, pois essa omissão é bastante indicadora da intenção de fazer Palamedes completamente inocente, acentuando a inveja (*invidia*) e não uma eventual vingança (*vindicta*) da parte de Ulisses.

Na leitura de Movellán Luis (2015), o contraste dos dois personagens revela que cada um poderia constituir um modelo de astúcia: Ulisses usa a inteligência para enganar e disfarçar ao passo que Palamedes a usa para descobrir mentiras e ardis. E no nível da performance oral, os dois seriam excelentes, pois já Platão (*Fedon* 261d) retratava Palamedes como bom orador (e inventor em *Leis*, 677d) e para Aristófanes (*As rãs* v. 1451) se tornou o sábio espirituoso malogrando em suas aventuras. (MOVELLÁN LUIS, 2015, p. 232).

No campo de batalha, Palamedes é guerreiro de excelência. É ele que refreia o ânimo de Menelau quando este descobre o rapto da esposa. E Palamedes também participa da primeira embaixada para resgatar Helena (Eph. I, 4.). Em Áulis, por duas vezes sua importância é acentuada. Uma tem caráter religioso, pois, quando um oráculo solicita um sacrifício a Apolo, é Palamedes o nomeado para realizá-lo (Eph. II.14); outra tem caráter

---

<sup>157</sup> Esse episódio registra Higino em sua fábula XCV sobre Ulisses. Alves (2013), em sua tradução dessa fábula, anota que “O argumento presente na fábula [...] se refere, de acordo com Hoyo e Ruiz (2009, p. 179 nota 420), a uma versão estendida do mito de Odisseu, presente em Licofron *Alexandra* 815-819 e Luciano *De domo* 30. Em Apolodoro (Ep. III. 7), narra-se que se Palamedes desembainha a espada, ameaçando matar Telêmaco. Cf. ainda Tzetzes *ad Lycophronem* 818 e Smith (1867c, *Odysseus*). No texto homérico, por sua vez, apenas encontramos menção à visita de Agamêmnon: 'Não lembras quando me acolheste com seu mano,/ igual-a-um-deus, quando exortamos Odisseu a ir conosco a Ílion em navios simétricos?' (Od. XXIV. 115-117, tradução de Trajano Vieira, 2011). Cf. ainda o capítulo II de nosso estudo introdutório” (p. 224, n.592). Palamedes também aparece em Higino nas fábulas CV, sobre como Ulisses se vinga de Palamedes por meio de um ardil, e CXVI sobre a vingança de seu pai Náuplio, e esporadicamente nos dois poetas latinos, em Ovídio no livro XIII das *Metamorfoses* e na Eneida, livro II, versos 81-85, de Virgílio.

militar, pois, quando Agamêmnon é afastado do posto máximo da expedição, é Palamedes o escolhido para substituí-lo e ordenar os exércitos (Eph II.19), ao lado de Idomeneu, Ájax Telamônio e Diomedes. Na leitura de Movellán Luis (2015), a morte de Palamedes tem peso duplo na narrativa de *Ephemeris*: de um lado, humaniza Palamedes que, embora fosse um guerreiro excelente e companheiro fiel, fora vencido por um ardil que apelava para a sua ganância por riqueza;<sup>158</sup> por outro lado, Ulisses e Diomedes ficam marcados por esse acontecimento durante o resto do relato.

**Agamêmnon** e **Menelau** são apresentados já no início do relato, quando da descrição dos descendentes de Atreu reunidos para partilhar os bens do grande ancestral. Nessa oportunidade, contando com a ausência do rei espartano, Páris rapta Helena e muitos bens do palácio de Menelau, o que logo se tornou ruína para a honra do varão. A partir de então, a ira será sempre uma companheira de Menelau e será característica de sua reação. Apesar de valente guerreiro, o seu amor por Helena fez com que ele cometesse aquela injustiça contra Ájax, manchando, mesmo que indiretamente, sua mão com o sangue do idôneo herói. Como bem sintetizou Troca Pereira (2016), Menelau é “o homem emotivo (1.4), traído nos deveres de hospitalidade, com perdas de posses (esposa, bens)”, fraqueza aparente em sua “sensibilidade, toldada de lamento (2.10), nervosismo, inflexibilidade, imediatismo e irascibilidade (1.11; 2.26)”. Seu caráter instável e truculento é pintado intensamente quando ele se bate com Deífobo, filho de Príamo que, após a morte de Alexandre, tomou Helena como esposa: *Ibi Menelaus Deiphobum [...] exsectis primo auribus brachiisque ablatis deinde naribus ad postremum truncatum omni ex parte foedatumque summo cruciatu necat.*, “Ali, Menelau a Deífobo [...], tendo primeiro cortado os ouvidos e os braços, em seguida arrancado o nariz, por fim mutilado de toda parte e desfigurado por extremada tortura, abate-o.” (Eph. V.12).

Agamêmnon é caracterizado como o mais poderoso entre os gregos, um dos motivos principais para ter sido eleito senhor supremo dos exércitos.

*Dein in templo Iunonis Argivae rectorem omnium declarari placuit. Igitur singuli in tabellis, quas ad deligendum belli principem quem cuique videretur acceperant, Punicis litteris Agamemnonis nomen designant. Ita consensu omnium secundo rumore summam belli atque exercitus in se suscipit, quod ei et propter germanum, cuius gratia bellum id parabatur, et propter magnam*

<sup>158</sup> Eph. II.15: *Igitur simulato quod thesaurum repertum in puteo cum eo partiri vellent, remotis procul omnibus persuadent, uti ipse potius descenderet eumque nihil insidiosum metuentem adminiculo funis usum deponunt ac propere arreptis saxis, quae circum erant, desuper obruunt.* “Portanto, tendo fingido que com ele repartiriam um **tesouro encontrado** que tirariam de dentro de um poço, distante de todos, persuadiram-no que, de preferência, ele mesmo descesse e, não temendo armadilhas, descem-o com auxílio de uma corda e, às pressas, tendo pegado pedras, as quais estavam à volta, esmagaram de cima para baixo.”

*opum vim, quibus praeter ceteros Graeciae reges magnus atque clarus habebatur, merito acciderat. (Eph. I, 16)*

Depois, no templo de Juno argiva, foi oportuno declarar o comandante de todos. Por conseguinte, todos em pequenas tábuas, que eles receberam para eleger o principal da guerra, o qual, a cada um, parecesse ideal, escreveram em letras púnicas o nome de Agamêmnon. Assim, pelo consenso de todos - e com aprovação rumorosa - encarregou-se ele da frente da guerra e do exército. Por mérito lhe foi imputado tanto porque era irmão do homem pelo qual a guerra se estava preparando quanto porque ostentava uma abundante força militar, pela qual era tido como grande e glorioso acima dos outros reis gregos.

Movellán Luis (2015) considera que, para a influência do desejo de obter riquezas, no episódio anterior (Eph. I, 12-15), durante a primeira reunião em Argos, Agamêmnon se dedica a repartir ouro entre os comandantes reunidos, o que põe em questão a suficiência dos juramentos consumados pouco antes. Para a estudiosa, o fato de não haver, em *Ephemeris*, nenhuma menção sobre a capacidade estratégica e militar de Agamêmnon e apenas salientar sua riqueza, aliado ao fato de que a sua escolha como comandante supremo se deu por meio de eleição, permite inferir que já a partir desse momento é demonstrado o impulso por obter riquezas é um motivo importante na narrativa. Curioso é o fato de a eleição do líder ocorrer por meio de votação, o que permite, em outro momento, a deposição de Agamêmnon do poder.<sup>159</sup> Para Movellán Luis (2015), essa eleição, à guisa de democracia, seria impensável para época da própria Guerra de Troia (por volta de XII a. C.), o que provavelmente aponta para um anacronismo relacionado ao contexto histórico do qual origina *Ephemeris* grega, o século II d. C. Em *Ephemeris*, a expulsão de Agamêmnon do topo da hierarquia deve-se ao fato de ele ter se negado determinadamente a sacrificar sua filha, nem mesmo para que apaziguasse a ira de Diana. Ele havia contraído a ira da deusa quando feriu um animal consagrado à deusa. Esse episódio (Eph.I.19-23) demonstra muitos comportamentos de Agamêmnon, como a imprudência ou mesmo crueldade (quando fere o animal), fragilidade ou covardia (quando, em vez de confrontar o problema que ele mesmo causou, pensa em fugir) e a teimosia e pertinácia descabida (quando, mesmo com os danos decorrentes de suas ações, em momento algum demove de seu posicionamento).

Outros episódios salientam esse caráter de Agamêmnon. A apatia de seu comando no caso da morte de Palamedes reflete-se na opinião de uma parcela do exército de que ele teria alguma responsabilidade no assassinato do varão (*Sed fuere, qui eius consilii haud expertem*

---

<sup>159</sup> Além disso, como notou Troca Pereira (2016), seu domínio era, na verdade, parcial e não absoluto, pois foram capitães da frota, *duces praefectosque navium*: Aquiles, Ájax e Fênix; e comandantes de tropas terrestres, *campestri exercitui*: Palamedes, Ulisses e Diomedes; Eph.I.16

*Agamemnonem dicerent ob amorem ducis in exercitum et quia pars maxima regi ab eo cupiens tradendum ei imperium palam loquebantur.*, “Mas haveria quem dissesse que desse conselho não se exceptuava Agamêmnon, por causa do amor deste comandante [Palamedes] dentro do exército e porque grande parte falavam abertamente querer transmitir-lhe a soberania.” Eph.II,15). Quando Agamêmnon recusa a devolução de Astínome, filha de Crises,<sup>160</sup> com uma peste assolando o exército, os soldados o reprovam acidamente por sua lascívia e pertinácia, pois Agamêmnon, pelo “amor de uma escrava” (*amor captivae mulieris*), deixava que todos perecessem. A sua vaidade também aparece, pois ao perceber que o seu domínio passaria para a mão de outrem mais uma vez, decide ceder e devolver a moça, infamemente reputando sua decisão ao favor do exército (Eph. II.16). Em troca, exige Hipodâmia, escrava de Aquiles, como compensação. O último episódio, segundo Movellán Luis (2015), demonstra todo o lado negativo de Agamêmnon. Refere-se à morte de Ajax, na qual Agamêmnon junto de Menelau e por causa dele, toma partido de Ulisses e, de modo inconsequente, comete injustiça para com Ajax. Eles, insultados pelo exército, são os primeiros a partir de Troia.

Troca Pereira (2016, p. 32) explica a relação entre soldados e comandantes:

Em termos teóricos, a relação entre um líder e o seu grupo pretende-se recíproca, não apenas pelo auxílio físico, mas também na partilha de emoções, desde a alegria, na vitória, até ao pesar, na derrota, isto é, a existência de um θυμός simpático, no sentido etimológico do termo. Por norma, quer o impulso bélico, quer o μένος motivam o θυμός, ou seja, um sentimento aguerrido de defesa da honra (pessoal, familiar, pátria), capaz de suscitar e condicionar julgamentos, disposições, deliberações políticas, actos (cf. *Il.* 11.403-407, 14.155, 195), emoções várias. Esta panóplia de aspectos era multifacetada e dava lugar a reacções distintas. Um relacionavam-se com a luta; outras, com prazer (*Il.* 9.189, 24.491); outras ainda, com dor (*Il.* 22.53-54, 24.89-91). Em todos os casos, deveria verificar-se uma sintonia e comunhão de sentimentos entre a comunidade de subordinados e o seu chefe militar.

Segundo Zanusso (2012, p. 22), embora não possamos aventar um “Díctis democrático” como o fez Timpanaro (1987, p. 188), é possível perceber que a descrição da relação hierárquica fornecida por Díctis é desfavorável para os comandantes. Há repetidas referências a assédios e abusos de chefes: eles são os únicos a serem poupados durante a praga (Eph.II, 30); eles compartilham o saque sem levar em conta as tropas; eles murmuram contra Aquiles já morto por sua tentativa de “vender” a vitória aos troianos em troca de seu casamento com Polixena. Essas narrações, frequentemente qualificando as ações como indignas, fazem da *persona scribens* uma voz mais próxima à soldadesca do que aos chefes.

<sup>160</sup> Os nomes das cativas em *Ephemeris* são diferentes daqueles que aparecem em Homero. Astínome é Criseida (filha de Crises) e Hipodâmia é Briseida (filha de Briseus).

Um último guerreiro grego, sobre o qual nos cabe comentar, é **Aquiles**. Acerca dele, dois aspectos destacam-se: o primeiro é a sua contenda com Agamêmnon; o segundo é o seu amor por Polixena. O herói, filho de Peleu e de Tétis, neto de Quíron, é caracterizado com virtudes na compleição física e na arte bélica. Acompanham-no seu escudeiro e conselheiro Fênix e seu grande amigo Pátroclo.<sup>161</sup>

*Achilles Pelei et Thetidis, quae ex Chirone dicebatur. Hic in primis adolescentiae annis, procerus, decora facie, studio rerum bellicarum omnes iam tum virtute atque gloria superabat, neque tamen aberat ab eo vis quaedam inconsulta et effera morum impatientia (Eph. I, 14)*

Aquiles, filho de Peleu e Tétis, a qual se dizia filha de Quíron. Ele, ainda nos primeiros anos da adolescência, alto e belo de rosto, quanto à inclinação dos assuntos bélicos já então superava todos em coragem e glória.

Essa caracterização do herói como um homem de natureza impulsiva e irrefletida identifica-se bastante com a figura do herói iliádico. E é de fato essa natureza irrefletida que vai lhe reservar o segundo círculo do Inferno na *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, o vale dos ventos, onde o instrumento de sua punição é a ventania incessante que forma furacões que arrebatam e levam as almas bruscamente de lá para cá, pois em vida teriam elas deixado se levar pelas paixões. No mesmo círculo estão Páris, Helena, Cleópatra e outras figuras para as quais a desgraça foi trazida pelo amor. Em *Ephemeris*, de fato, será o amor por Polixena que levará Aquiles a uma morte atroz, por meio de armadilha, e indigna de um guerreiro de sua estatura, muito embora ele tenha também recorrido a uma emboscada para matar Heitor. No momento de sua morte, suas virtudes e seus defeitos são mais uma vez lembrados, agora pela boca de Ájax.

<sup>161</sup> Como observou Troca Pereira (2016), em momento algum faz-se a referência a uma relação homoerótica entre Aquiles e Pátroclo. Em vez disso, expõem-se os seus afetos heterossexuais, como aquele para com Astínome e depois para com Polixena. Também, expõe-se a relação entre Pátroclo com Diomedéia (Eph.III, 12). Segundo lição de Brandão (2010, p. 34-35), a homossexualidade, assim como seus correlatos androginismo e o *hiéros gamos*, é um tema presente nos mitos dos heróis e estaria ligado a um dos vários ritos de iniciação. A potência sexual de Aquiles é muito salientada pela mitologia e conseqüentemente pela literatura, tanto seja no vetor homo quanto no vetor heterossexual. Por exemplo, recorde-se o episódio em que Aquiles ficou retido na corte de Licomedes para evitar a sua convocação à guerra troiana; na oportunidade em que teve, travestido de princesa, possuiu a filha do rei e com ela teve Neoptólemo. Como lembra ainda Troca Pereira, existe a possibilidade de Aquiles (mais novo) manter relação homoafetiva com Pátroclo (mais velho), tudo revestido pelas relações da *paiderasteia* (pederastia), já conhecida em tempos micênicos. Aquiles, contudo, enquanto figura mítica tem outros relacionamentos heterossexuais: além de Deidamia, de Briseida/Astínome e de Polixena, há relatos de sua relação com Helena, Medeia e Ifigênia. Troca Pereira acrescenta que na *Ilíada* (IX.393-397) Aquiles, após recusar as ofertas de Agamêmnon, dentre as quais estaria o casamento com Ifigênia, tece ele considerações acerca do seu casamento quando voltasse para a sua pátria. Modernamente, contudo, a questão da homossexualidade de Aquiles é quase sempre silenciada e sua heterossexualidade é amplamente explorada, como no filme *Troia*. Contudo, recentemente uma nova proposta completamente disruptiva, como apresentou-se na série fílmica *Troy: fall of a city*, em que Aquiles e Pátroclo não são homossexuais, mas bissexuais, e com Briseida formam um trio amoroso que se relaciona entre si.

*Dein ingressi lucum circumspicientesque universa animadvertunt Achillem stratum humi exsanguem atque etiam tum seminecem. Tum Ajax: "Fuit, inquit, confirmatum ac verum per mortales nullum hominum existere potuisse, qui te vera virtute superaret, sed, ut palam est, tua te inconsulta temeritas prodidit." (Eph. IV, 11)*

Depois, tendo entrado no bosque sagrado, olhando tudo em volta, perceberam Aquiles estirado no chão, exsanguine, e ainda então semimorto. Então Ajax disse: “Foi confirmado e verdadeiro por todos os mortais que nenhum dos homens pode existir que te superasse na verdadeira virtude, mas, como é público, a tua irrefletida temeridade te traiu”.

Aquiles se mostra, nos primeiros momentos da história, condizente com as suas características de guerreiro glorioso. Traz consigo os mirmidões em um contingente de 50 navios (Eph. I, 17) e participa, junto com Ajax, das incursões nas cidades vizinhas de Troia (Eph.II, 12). Sua primeira amostra de *inconsulta temeritas*, “temeridade irrefletida”, se encontra no episódio de Ifigênia, quando ele, depois de descobrir a farsa que Ulisses construiu para levar a cabo o aplacamento de Diana, invade o templo para impedir a concretização do sacrifício, gritando ameaças de morte a todos, mas em vão demonstra a sua heróicidade, pois a moça já estava salva graças a própria Diana que atuou como um *deus ex machina*, negando o sacrifício da virgem e propondo outra vítima para a imolação; Aquiles, então, toma Ifigênia e a confia ao rei dos citas (Eph. I, 22). À semelhança da peça euripidiana, Aquiles busca salvar a inocente Ifigênia, mas enquanto no drama Ifigênia aceita o seu destino e entrega-se ao sacrifício,<sup>162</sup> mesmo com as súplicas da mãe e a intervenção do Pelida, em *Ephemeris* a intervenção de Aquiles em nada muda os acontecimentos, pois, com efeito, já estavam todos em suspenso, graças a um sinal divino (*signum divinum*). Na leitura de Zanusso (2012, p. 123), essa cena poderia até ser considerada de laivo cômico, pois Aquiles, nessa ocasião, serviu exclusivamente como *medium* mecânico para subtrair fisicamente a jovem do local. Parece que seria demais para o autor de *Ephemeris* se magicamente Ifigênia desaparecesse diante dos olhos dos gregos atônitos, pois já muito de mítico e maravilhoso havia se permitido nesse episódio. Assim, a subtração da moça pelas mãos de Aquiles é um modo de “excluir uma macroscópica ingerência da divindade” e, em vez disso, contemplar “uma maciça responsabilidade da parte do homem” (ZANUSSO, 2012, p. 125).

Outro episódio é aquele que canta a *Ilíada*: a ira de Aquiles contra Agamêmnon. Aquiles em suas campanhas contra cidades próximas de Troia havia adquirido como espólio Astínome, filha de Crises, e também Hipodâmia, filha de Briseu (Eph. II.17). Seguidamente, quando tornados os gregos ao acampamento, dividiram entre si os espólios, Aquiles separou

<sup>162</sup> Contudo, Artémis a salva; em outras versões do mitema a jovem realmente morre.



para si Hipodâmia e com Astínome honraram Agamêmnon (Eph.II.19). O sacerdote de Apolo Esminteu Crises vai ao acampamento grego para resgatar sua filha Astínome, trazendo em mãos objetos sacros (*praeferens dei vultus ac quaedam ornamentorum templi eius*) e também riquezas (*oblatis auri atque argenti donis plurimis*). Apesar de a cena e as palavras de Crises comoverem os soldados (*Quae ubi accepere, reddendam filiam sacerdoti neque ob id accipiendum praemium universis placet*), nada disso persuadira o pertinaz Agamêmnon, que vai contra o desejo coletivo (*Quae postquam Agamemnon accepit, obviam cunctorum sententiis ire pergit*).

Esse conflito entre Crises e Agamêmnon (Eph.28-29) realça a impiedade e imprudência do rei grego no respeitante à religião e à honra aos deuses, pois se poderíamos uma vez acreditar que quando abateu o animal consagrado a Diana o fizera por ignorância do fato, não podemos nem o supor neste episódio. Fato é que Crises abandona os gregos com o projeto frustrado, mas uma peste cai sobre seus ofensores, o que muitos acreditavam ter sido intervenção do deus a que servia (*incertum alione casu an, uti omnibus videbatur, ira Apollinis morbus gravissimus exercitum invadit*. Eph. II, 30), mal que assolava tanto animais quanto homens, mas mantinha os comandantes ilesos (*a pecoribus, dein malo paulatim magis magisque ingravescente per homines dispergitur [...]. Sed regum omnino nullus neque mortuus ex hoc malo neque ademptatus est*. “do gado, em seguida, o mal foi paulatinamente se agravando mais e mais e se lançou sobre os homens [...]. Mas nenhum dos reis, em sua totalidade, foi morto ou tocado por esse mal.”). Calcas, sob proteção que Aquiles fez os demais líderes assegurarem ao adivinho, revela a causa e a resolução daquela enfermidade: a ofensa a Crises e a devolução de sua filha, respectivamente. Em resposta a isso, Agamêmnon convoca os seus a pegarem em armas, pois temia um motim. Aquiles então amontoa os mortos e comove a todos, que, assim, se voltam contra Agamêmnon e o colocam o rei em situação delicada, pois acreditavam que a sua pertinácia deveria ser punida com morte (Eph.II, 31). Aproveitando-se dessa confusão, os troianos atacam (Eph.II, 32).

Findada a batalha com muitos mortos e sepultados todos, os soldados decidem, frente à obstinação de Agamêmnon, alçar Aquiles ao lugar mais alto do comando, pois ele se preocupava de fato com o bem dos seus (*cuius in adversis Graecorum casibus sollicitudo praecipua videbatur*, “cuja notável solicitude se mostrava nos casos adversos aos gregos”). Logo Agamêmnon muda de opinião, ao ver a chance de perder sua dignidade régia, e confirma a devolução imediata de Astínome, com a condição de receber Hipodâmia em troca (*si modo in locum eius Hippodamiam, quae cum Achille degeret, vicarium munus amissi honoris acciperet.*, “não pedindo nada mais que em seu lugar recebesse Hipodâmia, que vivia

com Aquiles, como substituição em honra à graça perdida.” Eph. II, 33). Concordamos com Ziegler (2012) quanto ao fato de que a condição de Agamêmnon refletir uma vingança contra Aquiles, já que o pelida estava no centro dos ataques contra o atrida e, sobretudo, porque estava angariando cada vez mais poder e aceitação ao ponto de ser oferecida a Aquiles a gestão máxima da empreitada.

Embora a condição parecesse absurda para todos (*Quae res, quamquam atrox omnibus et indigna videbatur*), Aquiles aceitou (*conivente Achille*), pois para ele o mais importante era o bem do exército e não um *praemium pro multis et egregiis facinoribus* (“prêmio em favor de seus muitos e notáveis ações”). Aquiles é caracterizado por um altruísmo extremo, pois abdicava de um direito seu em favor dos soldados *Tantus amor erga exercitum curaque in animo egregii adolescentis insederat* (Eph. II, 33; “Tamanho [era o] amor para com o exército e cuidado com os notáveis jovens em sua alma introduzira.”). Agamêmnon e Aquiles se contrapõem exatamente nessa demonstração de amor, cuidado e preocupação. O *amor erga exercitum* de Aquiles fica claramente oposto ao *amor captivae mulieris* (Eph. II, 29) de Agamêmnon, pois o pelida se preocupava com todos ao passo que o atrida apenas consigo mesmo.<sup>163</sup>

Devolvida Astínome e dada Hipodâmia a Agamêmnon, Aquiles sente-se ofendido porque ninguém o havia defendido (*neque in ea culpa solum esse Agamemnonem sed maxime ceteros Graecos, qui immemores beneficiorum contumeliam suam silentio praeterierint.* , “e a culpa disso recaía não somente sobre Agamêmnon mas maiormente sobre os demais gregos, os quais, esquecidos dos benefícios, deixaram em silêncio o seu ultraje.” Eph. II, 51). Em razão disso Aquiles retira-se da luta. Contudo, Movellán Luis (2015) acredita que o seu enfurecimento ter-se-ia dado mais pelo fato de Agamêmnon não o ter convidado para um banquete do que o silêncio dos companheiros frente à injustiça do atrida. Ela explica que a versão latina de *Ephemeris* usa uma construção concessiva para expressar a razão tradicional de sua raiva antes da sentença principal, que é o que nos dá a “nova” razão. Leia-se: *Is namque, quamquam ob illatam ab Agamemnone iniuriam et abductam Hippodamiam nihil animi remiserat, tamen maxime indignatus, quod reliquis ducibus ad coenam deductis solus contemptui habitus intermitteretur.*, “Ele, de fato, embora em nada abrandava o ânimo por causa da injúria feita por Agamêmnon e separação de Hipodâmia, entretanto, indignado,

<sup>163</sup> Essa demonstração de amor aproxima Aquiles de Palamedes no que diz respeito ao amor que o exército dedicava a ambos (Eph.II, 15, *ob industriam et amorem viri [Palamedis], quem circa omnem exercitum exhibebat*, “por causa da dedicação e afeição do homem, que junto a todo o exército suscitava”), é razão para sua morte, aludindo ao destino de Aquiles e traçando o paralelo que ambos sofrem sob o supremo comando de Agamêmnon; ao passo que Agamêmnon é igualado à paixão luxuriosa de Alexandre, moralmente desvalorizado. (ZIEGLER, 2012, p. 51).

sobretudo, porque os demais comandantes haviam ido ao jantar e somente ele fora deixado numa condição de desprezo.” (Eph.II,36).

Na opinião de Timpanaro (1987, p179), essa circunstância amesquinhada, degrada a ira de Aquiles, vista, pois, como fútil. A própria construção linguística, segundo avalia, enfatiza o enfadonho motivo de ira, ou mesmo obstinação, de Aquiles, o que seria um índice de ironia na obra. Contudo, Movellán Luis (2015) modaliza a questão e desconsidera totalmente o viés irônico, já que não temos esse excerto do original grego e porque o conteúdo veiculado nessa frase não é criação de *Ephemeris*, haja vista que na *Retórica* (1401b) de Aristóteles, cogita-se a razão da sua exclusão do banquete como motivo para o enfurecimento de Aquiles. Para ela, o contexto em que a obra foi escrita (e não tanto a sintaxe) talvez possa aproximar melhor a relação de grau de afetação entre a entrega de um escravo e o abandono de seus parceiros, sendo o primeiro menor do que o segundo, haja vista que Aquiles, sem queixas, abre mão de Hipodâmia, seu sacrifício em favor do exército, mas não aceitou de modo algum que, praticamente de imediato, fosse deixado de lado pelos comandantes. Para Movellán Luis, *Ephemeris* é a história de uma guerra travada por homens movidos pelas questões que impulsiona o mundo no segundo século d.C, não por glória, como o eram os da sociedade que gerara os poemas épicos de Homero. A modificação nas relações sociais que levou à ascensão do Império Romano significou a necessidade de manter boas relações dentro da aristocracia. Segundo a autora, é a justiça entre os pares foi quebrada em *Ephemeris*, o que justifica a ênfase nesse problema, e não em outro: a ira do herói não se dava mais por uma subtração de posse, mas pela ofensa e ingratidão de seus iguais.

Tamanha é a revolta de Aquiles que ele decide vingar-se com as próprias mãos. Após uma batalha que acabara sem combate algum,<sup>164</sup> “*Iamque Graeci regressi ad naves arma deponere ac singuli per loca solita corpus cibo curare occeperant, cum Achilles ultum ire cupiens iniurias ignaros consilii sui nostros et ob id otiose agentes clam invadere temptat.*” (Eph. II, 37, “E já os gregos haviam regressado aos navios, guardaram as armas e cada um pelos locais costumeiros do corpo começaram a cuidar com alimento, quando Aquiles, querendo ir vingar-se das injúrias, às escondidas tentou nos atacar, uma vez que nós estávamos ignorantes de sua intenção e, por causa disso, procedíamos com tranquilidade”).

<sup>164</sup> Refere-se ao primeiro combate depois da retirada das tropas de Aquiles. De modo peculiar, o combate não se efetua: *Ceterum ordinato exercitu ac tunc primum omnibus copiis adversum se instructis hostibus, ubi neutra pars committere audeat, paulisper in loco retentis militibus tamquam de industria utrimque receptui canitur.*, “De resto, ordenado o exército e, então, pela primeira vez todas as tropas inimigas contra ele dispostas, como nem uma nem outra parte desejou começar, retendo os soldados por um momento no lugar, como se fosse o propósito, ambos os lados deram sinal de retirada”. Eph.II, 36. Movellán Luis (2015, p. 241) afirma que, mesmo que incomum, esse episódio encontra paralelos na literatura de cunho historiográfico, como em Júlio César nos *Commentarii De Bello Gallico* 1.83 e 2.28.

Todavia, Ulisses descobre a pretensão de Aquiles a tempo de avisar os soldados. Movellán Luis cogita que essa reação de Aquiles se deva à perda da importância do herói para o exército, pois sua ausência naquela batalha nem ao menos fora sentida. Já para Merkle, essa ação de Aquiles está ligada a sua impaciência. Parece-nos, no entanto, que essa atitude serve para criar uma atmosfera de dúvida acerca da fidelidade de Aquiles para com os gregos, o que será novamente retomado quando do enlace de seu amor por Polixena e sua perdição.

Decide-se enviar uma embaixada a Aquiles para fazê-lo reaver o ânimo para com os gregos (Eph.II.48-52). Em certo momento, o próprio Agamêmnon, enquanto consumava um sacrifício de juramento, confessa a Pátroclo que Hipodâmia mantinha-se intacta e que sua conduta era consequência não do amor à escrava, mas da ira (*rex [...] iurat inviolatam a se in eum diem Hippodamiam mansisse; neque cupiditate ulla aut desiderio lapsam, sed ira, qua plurima mala conficiuntur; eo usque processisse.*, “o rei [...] jura que, de sua parte, Hipodâmia permaneceu inviolada durante aqueles dias; e que nem por paixão ou desejo algum havia ele agido, mas até aquele momento avançara por ira, em função da qual muitos males se executam.” Eph.II, 49). Agamêmnon chega a oferecer uma filha, parte do reino e mais riquezas como reparação a Aquiles. Durante a embaixada, Aquiles reafirma que seu afastamento da guerra dava-se não só por culpa de o atrida ter subtraído Hipodâmia, mas também, e principalmente, pela conivência dos demais comandantes para com essa injúria (*neque in ea culpa solum esse Agamemnonem sed maxime ceteros Graecos, qui immemores beneficiorum contumeliam suam silentio praeterierint.*, “e a culpa disso recaía não somente sobre Agamêmnon, mas maiormente sobre os demais gregos, os quais, esquecidos dos benefícios [que Aquiles fizera], deixaram, em silêncio, o seu ultraje.” Eph.II, 51).

Posteriormente, juntamente com Fênix e Pátroclo, Agamêmnon implora que Aquiles, por respeito pelos amigos ali presentes e pelos demais gregos, apaziguasse o ânimo e reestabelecesse a paz. Aquiles, por sua vez, observando a inocência do exército (*recordatione innoxii exercitus*. Eph.II, 52), deixa-se dobrar e aceita retomar a atividade. Para Movellán Luis (2015), em *Ephemeris* a volta de Aquiles ao combate não se dá pela vingança da morte de Pátroclo, mas apenas pela desonra que seria continuar na retaguarda. Em nossa leitura, no entanto, Aquiles observava o respeito que tinha, e ainda conservava, perante os demais gregos; por esse motivo, e não outro, Aquiles voltava a compor a expedição grega. E, se antes ele se sentiu ofendido por não participar de um banquete, a primeira coisa propiciada ao herói é, com efeito, um festim.

*Dein hortatu Aiakis tum primum post malam iracundiam Graecis mixtus [Achilles] consilium ingreditur atque ab Agamemnone regio more salutatur.*

*Interea reliquis ducibus favorem attollentibus gaudio laetitiaque cuncta completa sunt. (Eph.II, 52)*

Em seguida, por exortação de Ajax, então pela primeira vez depois da cólera tenaz, tendo se misturado aos gregos, [Aquiles] entrou na reunião e também foi saudado por Agamêmnom, conforme o costume real.

A cena não poderia ser mais dramática, e talvez outra não poderia fechar melhor o capítulo: a conciliação e a reparação que davam fim a *mala iracundia*<sup>165</sup> de Aquiles por um banquete em meio a seus pares:

*Igitur Agamemnon manum Achillis retentans eumque et reliquos duces ad cenam deducit. Ac paulo post inter epulas, cum laeti inter se invitarent, rex Patroclum quaesivit, ut Hippodamiam cum ornamentis, quae dederat, ad tentoria Achillis deduceret; isque libens mandata efficit. (Eph.II, 52)*

Portanto, Agamêmnon, retendo a mão de Aquiles, conduziu-o e os demais comandantes ao banquete. E, pouco depois, em meio a refeições, enquanto, felizes, tratavam-se bem uns aos outros, o rei pediu a Pátroclo que conduzisse à tenda de Aquiles Hipodâmia juntamente com ornamentos, os quais foram lhe havia apresentado. E ele, com boa vontade, obedeceu as ordens.

O fim da ira de Aquiles na *Ilíada* se dá pela morte de Pátroclo, que, por permissão do pelida, havia assumido sua armadura e o comando dos mirmidões na batalha. A Pátroclo, no entanto, Aquiles proibiu que avançasse pelo campo troiano. Desobedecendo-o, Pátroclo persegue os troianos e acaba por se confrontar com Heitor, pelo qual é morto.<sup>166</sup> Aquiles torna à peleja e enfrenta Heitor em uma luta singular, vence-o e subtrai seu corpo, pelo qual mais tarde Príamo, corajosamente, vai se infiltrar no acampamento grego para reavê-lo. Aquiles redime-se da sua segunda ira, ao devolver o corpo vilipendiado de Heitor para o seu pai. Em *Ephemeris*, no entanto, esse relato é totalmente reformado e a morte de Heitor não está relacionada à de Pátroclo, mas com o amor de Aquiles por Polixena.

Esta é a circunstância da paixão de Aquiles: houvera uma trégua por causa do inverno, momento em que ambos os lados visitavam o templo sem medo de ataques surpresas (*Ceterum per id tempus hiemis saepe Graeci atque Troiani singuli pluresve, ut fors evenerat,*

<sup>165</sup> Troca Pereira (2016) observa que o termo *mala iracundia*, a qual traduz como “cólera funesta”, é parecido com a seguinte expressão iliádica: *Il.1.1: μῆνις Ἀχιλλῆος* – traduzida por Federico Lourenço por “cólera mortífera” e por Odorico Mendes como “ira tenaz”.

<sup>166</sup> O confronto entre Heitor e Pátroclo na *Ilíada* dá-se no canto XVI.818-867. Em *Ephemeris*, dá-se em III, 10: *Inter quae tam foeda tanta inclinatione rerum Patroclus fortunam belli vincere adgressus, dum hortatur suos simul atque instat hostibus promptiore quam bellandi mos est, telo Euphorbi ictus ruit. Statimque Hector advolans opprimit ac desuper vulneribus multis fodit [...]*, “Em meio a tão horrenda situação e tão grande mudança das circunstâncias, Pátroclo avançou, mais do que a sorte da guerra, enquanto exortava os seus ao mesmo tempo em que atacava aos inimigos **de modo mais exposto do que é o costume em guerra**, cai ao chão golpeado pelo dardo de Euforbo. E, imediatamente Heitor voando, surpreendeu-o e em cima dele o fura com muitas feridas;” ; observável que, em larga medida, em *Ephemeris* se conseguem conservar alguns aspectos cruciais, como essa violação do *métron* constante também na *Ilíada*.

*inter se sine ullo metu in luco Thymbraei Apollinis miscebantur.*, “De resto, durante aquela época de inverno, frequentemente os gregos e os troianos, seja individualmente, seja em grupo, conforme a sorte vinha, misturavam-se, sem medo algum, no bosque sagrado de Apolo Timbreu” Eph. II.52). Em uma das oportunidades, Hécuba, suas filhas e as mulheres troianas prestavam honras a Apolo quando Aquiles e outros companheiros chegaram para assistir à cerimônia. E eis que o herói se apaixona pela filha de Príamo à primeira vista:<sup>167</sup> *Ac tum forte Achilles versis in Polyxenam oculis pulchritudine virginis capitur. Auctoque in horas desiderio, ubi animus non lenitur, ad naves discedit.* (Eph.III, 2; “E então, por acaso, Aquiles, tendo virado seus olhos para Polixena, foi tomado pela beleza da virgem. E, em horas tendo aumentado o desejo, quando o ânimo não se abrandava, aos navios se afastou.”).

Como também observou Ziegler (2012), esse amor à primeira vista é típico dos romances gregos da vertente idealista. Além desse, outros motivos são perceptíveis e relacionam *Ephemeris* com a linhagem “romântica” da produção romanesca antiga, como se houvesse um “romance dentro de outro romance” (MILAZZO, 1984). É assim que podemos elencar alguns motivos: os amantes se encontram em um ato religioso, separação dos dois parceiros de amor após a primeira reunião, os tormentos subsequentes do amor e sua facilitação pela pronúncia do amante com um amigo, o herói principal se apaixona pela filha do rei do partido oposto. No entanto, não se completa como um típico retrato romântico de uma história de amor, pois os parceiros são de diferentes idades<sup>168</sup> e em nenhum lugar se fala sobre os sentimentos de Polixena. (ZIEGLER, 2012, p. 54). É um amor nascido da conjunção das oportunidades (*týkhe* – fortuna): *At apud Troiam forte quadam die Hecuba supplicante Apollini Achilles adveniens visere cerimoniarium morem cum paucis comitibus supervenit.*(Eph. III, 2; “Por outro lado, certo dia em Troia, **por acaso**, estando Hécuba a prestar culto a Apolo, Aquiles, indo contemplar o procedimento cerimonial, chegou [ao templo] com poucos companheiros.”) e, como já oportunamente comentamos, o “acaso” é motor da estrutura romanesca.

O amor que cresce dentro do ânimo de Aquiles o faz querer consumir a união com a jovem de qualquer modo: *Sed ubi dies pauci fluxere et amor magis ingravescit, accito Automedonte aperit ardorem animi; ad postremum quaesit, uti ad Hectorem virginis causa iret.* (Eph.III.2; “Mas quando poucos dias se passaram e o amor mais se agravava, [Aquiles]

<sup>167</sup> Embora essa paixão de Aquiles e Polixena não conste na *Ilíada*, aparece, no entanto, em: *Fabula CX*, de Higino; *Heróico XX.16*, de Filóstrato; e Sêrvio *ad Aen.* VI. 57; III. 222. Em *De Excidio*, a história é diferente: Aquiles encontra Polixena quando a família de Príamo estava visitando o túmulo de Heitor e serão seus interlocutores Hécuba e Príamo (em *Ephemeris* é Heitor, que ainda vive), pedindo em troca da mão da filha a retirada do exército grego e, por fim, será Hécuba quem induzirá Alexandre Páris e Deífobo a assassinar Aquiles.

<sup>168</sup> Aquiles, apesar de ser identificado como jovem, já tem um filho em idade adulta.

revelou ao estrangeiro Automedonte o ardor em seu ânimo; por fim, pediu que fosse ter com Heitor a respeito da virgem.”). Heitor, no entanto, em resposta oferece um pacto em que a moral de Aquiles será posta a prova: *Hector vero daturum se in matrimonium sororem mandat, si sibi universum exercitum proderet.* (Eph. III, 2; “Verdadeiramente, Heitor mandaria dar a Aquiles a sua irmã em matrimônio se ele lhe entregasse todo o exército.”). Aquiles, contudo, demonstra que, apesar de ser um *iratus amator*, seu amor e cuidado pelo exército (*amor curaque erga exercitum*) é maior. Declina da proposta de Heitor e o jura de morte:

*Dein Achilles soluturum se omne bellum pro Polyxena tradita pollicetur. Tum Hector: aut prodicionem ab eo confirmandam, aut filios Plisthenis atque Aiacem interficiendos, alias de tali negotio nihil se auditurum. Ea ubi Achilles accepit, ira concitus exclamat: se, cum primum tempus bellandi foret, primo proelio interempturum. (Eph. III, 3)*

Depois Aquiles prometeu que se afastaria de toda a guerra em favor da entrega de Polixena. Então Heitor: ou a traição seria por ele garantida ou os filhos de Plístenes e também Ájax seriam mortos, nada mais se ouviria sobre tal negócio. Quando Aquiles recebeu essa resposta, concitado pela ira, exclamou que, na primeira oportunidade de guerra, no primeiro prélio, matá-lo-ia.

Do amor de Aquiles por Polixena decorre o entrelaçamento de três destinos: o de Heitor, o do próprio pelida e o de Polixena. Heitor receberá a amazona Pentésileia, mas sofrerá uma emboscada, na qual morrerá nas mãos de Aquiles (*Ita eumque et omnes, qui comites regulo dolum huiusmodi ignoraverant, ex improviso interficit.* Eph. III, 15; “E assim não só o matou abruptamente, mas também [matou] todos os seguidores do príncipe que ignoravam uma trapaça dessa natureza”). De modo ambíguo, no entanto, lê-se que Aquiles decide vilipendiar o corpo de Heitor por recordação de uma dor, mas não se pode decidir, ao nosso ver, que essa dor esteja relacionada à morte de Pátroclo ou ao fato de ter sido rejeitado em relação à mão de Polixena.

*ipse cum caede inimicissimi, tum memoria doloris ferox spoliatum armis hostem, mox constrictis in unum pedibus vinculo currui postremo adnectit, dein ubi ascendit ipse, Automedonti imperat, daret lora equis. Ita curru concito per campum, qua maxime visi poterat, praevolat hostem mirandum in modum circumtrahens, genus poenae novum miserandumque. (Eph. III, 15)*

ele mesmo orgulhoso com a morte do grande inimigo, então em memória da dor, espoliado o inimigo das armas, sem demora ligando os dois pés, atou-o ao carro com um laço, depois quando ele subiu, requisitou a Automedonte que açoitasse os cavalos. E, assim, saindo rapidamente com o carro pelo campo, por onde melhor pudessem ser vistos, voavam em frente do inimigo de modo admirável, arrastando em círculos, em um novo e miserando tipo de pena.

Aquiles terá seu fim, também ele, por uma emboscada, em que a princesa troiana será

joguete central. Ele mantinha-se fortemente perturbado pelo amor de Polixena (*ardor animi*). Em um momento de paz (Eph. IV, 10), Príamo envia um mensageiro para tratar de casar Polixena com Aquiles, o que havia prometido ao grego quando este, piedosamente, entregou-lhe o corpo de Heitor sem aceitar as riquezas e a mão da moça naquele momento (*Super qua iuvenis aliud tempus atque alium locum tractatumque foro respondit.*, “O jovem respondeu que haveria outro momento e lugar para tratar disso”, Eph.III, 27). Aquiles conversava em separado no bosque sagrado com o mensageiro, porém essa notícia chegou aos navios e levantou suspeita de traição nos soldados (*cognita re apud naves suspicio alienati ducis et ad postremum indignatio exorta. Namque antea **rumorem proditiōnis** ortum clementer per exercitum in verum traxerant.*, “o fato ficou conhecido junto às naus e levantou suspeita do comandante [Aquiles], tornado inimigo, e, por fim, indignação. E, de fato, diante do **rumor de traição**, levantado gradualmente por todo o exército, interpretaram como verdade.”, Eph. IV, 10). Diomedes, Ulisses e Ajax vão atrás de Aquiles para por à prova o fato e ficam esperando a saída de Aquiles do templo. No entanto, lá dentro, os que haviam tramado tudo previamente, os príamidas Alexandre e Deífobo emboscaram Aquiles que, nada suspeitando, foi um alvo fácil.<sup>169</sup> Suas últimas palavras são um atestado de fracasso de um homem que era o maior dentre os gregos mas morrera como um tolo. *Achilles extremum adhuc retentans spiritum: "Dolo me atque insidiis, inquit, Deiphobus atque Alexander Polyxenae gratia circumvenere." Tum expirantem eum duces amplexi cum magno gemitu atque exosculati postremum salutant.* (Eph. IV, 11; “Por causa de Polixena, Deífobo e Alexandre cercaram-me com engano e armadilhas”; Então, já morrendo, os comandantes o abraçaram com grande gemido e o beijaram, e, pela última vez, saudaram-no.”).

Com a queda de Troia, os vencedores gregos dividem as mulheres cativas, dentre as quais Polixena teve um destino diferente: Ulisses convence ao filho de Aquiles a imolá-la em homenagem ao pai (*dein Polyxena suadente Vlixē per Neoptolemum Achilli inferias missa*. Eph.V, 13; “depois Polixena, com Ulisses aconselhando, foi enviada por meio de Neoptólemo como sacrifício em honra a Aquiles”).

<sup>169</sup> O mesmo relato encontra-se em Higino, Filóstrato, Sérvio, Lactâncio Plácido, Dares, Eustácio, Tzetzes e outros, e que é contrário à mais famosa versão em que foi Paris (ou Apolo ou com ajuda deste) quem o feriu no calcanhar, sua única parte vulnerável, com ou sem o concurso Apolo. (VEGA & LÓPEZ, 2001, p. 310, n.148). Em *Ephemeris* não há a mítica invulnerabilidade do herói, pois havia sido ferido na mão por uma flecha: *Inter quae tam trepida cunctis fugientibus Helenus quaesitum ex occulto vulnere locum ubi nactus est, manum Achillis procul atque improvisus sagitta transfigit.* (Eph. III, 6; “Em meio a situação tão trépida, enquanto todos fugiam, Heleno, tendo procurado um lugar de onde poderia ferir ocultamente, quando o encontrou, atravessou a mão de Aquiles, de longe e de improviso, com uma seta.”). No final das contas, morrerá como matara, por emboscada, sem a chance de uma morte condigna (*honestā mors*. Eph.IV, 13) como lhe havia prometido sua mãe na *Iliada* IX.412-416.



O romance entre Aquiles e Polixena tem uma boa probabilidade de constituir uma inovação autoral de *Ephemeris*, em resposta, como supõe Merkle (1994, p. 186-191), ao mitema que versa sobre o fantasma de Aquiles reclamando a jovem como parte de seu botim, constante em *Hécuba* de Eurípides, em *As troianas*, de Sêneca, e nas *Metamorfoses* (XIII. 439-480), de Ovídio.

Em outro texto, Merkle (1996, p. 569, n.11) acertadamente considera que o amor por uma mulher em *Ephemeris* sempre tem efeitos desastrosos, e as respectivas passagens aparecem em lugares proeminentes no relato: no começo, como estabelecido pela tradição, com a história de Páris e Helena; no centro, propriamente a história de Aquiles-Polixena; e, no final, o amor causador da morte de Ájax de Menelaus por Helena. Gostaríamos, no entanto, de modalizar a questão e propor que em *Ephemeris* é o perder-se em amor que o torna amor de perdição. Todos aqueles que deixaram o *amor mulieris* se sobrepor aos seus objetivos e à honra (*timé*), em detrimento de seu povo, aliados e missão, causaram mal e até a morte seja a si mesmos (Aquiles, Alexandre, Deífobo), seja a algum outro guerreiro (Ájax, Heitor).

Já quanto aos varões troianos, são eles desde o início caracterizados de modo negativo. Sua primeira ação é superlativamente ofensiva: infringir a lei de hospitalidade:<sup>170</sup> *Per idem tempus Alexander Phrygius, Priami filius, Aenea aliisque ex consanguinitate comitibus, Spartae in domum Menelai hospitio receptus, indignissimum facinus perpetraverat* (Eph. I, 2; “Enquanto isso, o frígio Alexandre, filho de Príamo, acompanhado de Eneias e de outros de mesma origem, tendo sido recebido como hóspede no palácio de Menelau em Esparta, consumou um **crime desonroso**”); e mais à frente, quando negam à embaixada a devolução de Helena e dos bens que com ela foram roubados, são caracterizados da seguinte forma: *qui lingua moribusque barbari nihil pensi aut consulti patientes praeda atque libidine transversi agebantur*. (Eph. I, 7; “eles, **bárbaros de língua e de costumes**, agiam, **atravessados pela pilhagem e luxúria, sem se submeterem a nenhuma ponderação ou reflexão.**”).

**Príamo**, o rei dos troianos, parece ter o seu poder mitigado diante das atitudes impulsivas de seus filhos. Mesmo com um deles, Polidoro, cativo dos gregos (Eph. II, 18), o rei se recusa a entregar Helena. Diante do discurso de Ulisses na embaixada para reaver a esposa de Menelau, o herói de Ítaca afirma que Príamo e seus filhos não haviam tratado os gregos de modo adequado:

---

<sup>170</sup> A hospitalidade (ξενία, em grego, ou *hospitium*, seu correlato em latim) é uma das leis de costume a que mais se deve respeitar no mundo antigo (não só grego), pois uma sociedade baseada na unidade da pólis não pode temer aquele que recebe ou é recebido em sua casa (DE FREITAS, 2014).

*Iniuriis contumeliisque Alexandri paulo ante laesa Graecia non ad vim neque ad arma decursum est, quod iracundiae refugium esse solet. Nam de consilii sententia legati ad recipiendam Helenam, ut meministis, cum Menelao venimus. Quibus praeter superbas verborum minas et insidias occultas nihil a Priamo neque ab eius regulis remissum est.*

A Grécia, que há pouco tempo atrás foi prejudicada pelas injúrias e ultrajes de Alexandre, não recorreu nem à força nem às armas, o que costuma ser refúgio da indignação. De fato, como vós lembrais, por meio de uma decisão geral viemos como embaixadores junto de Menelau para recuperar Helena. Aos quais nada foi restituído da parte de Príamo ou dos príncipes, a não ser soberbas ameaças de palavras e armadilhas ocultas.

O desgoverno de Príamo é patente em toda a *Ephemeris*. Incapaz de tomar qualquer decisão, muitas vezes só se mostra conivente com as opiniões de outro, sejam eles anciãos ou os príncipes troianos, mesmo que elas sejam imorais. É exemplo a passagem em que os priâmidas, sabendo que se os embaixadores fossem embora a guerra eclodiria com força, decidem urdir uma emboscada para matá-los. Contudo, Antenor, cuja caracterização é positiva, intervém e reclama com Príamo sobre aquela decisão, julgando que ou dela o rei fazia parte, ou, pelo menos tinha conhecimento daquela atitude covarde.

*His actis Vlixes contestandi magis gratia quam aliquid ex oratione profuturus cuncta, quae ab Alexandro contra Graeciam indigne commissa essent, retexuit; ob quae ultionem brevi testatus est. Dein Menelaus ira percitus atroci vultu exitium minatus consilium dimittit. Quae ubi ad Priamidas perlata sunt, confirmant inter se clam, uti per dolum legatos circumveniant. Credebant quippe, quod non frustra eos habuit, si legati imperfecto negotio revertissent, fore, uti adversum se grande proelium concitaretur. Igitur Antenor, cuius de sanctitate morum supra memoravimus, Priamum convenit coniurationemque factam conqueritur: filios quippe eius non legatis, sed adversus se insidias parare, neque id se passurum. Dein non multo post legatis rem aperit. Ita exploratis omnibus adhibito praesidio, cum primum opportunum visum est, inviolatos eos dimittit. (Eph.I, 11)*

Diante desses acontecimentos, Ulisses, mais por efeito de contestação que de tirar proveito de toda a oração, retomou todas as coisas que foram cometidas indignamente por Alexandre contra a Grécia e atestou que, por causa dessas coisas, em breve haveria vingança. Em seguida, Menelau, agitado intensamente pela ira, uma vez tendo prometido, com o rosto feroz, a ruína, abandonou a assembleia. Quando aos priâmidas chegaram os fatos, em segredo entre si firmaram como cercariam os embaixadores para fazer-lhes mal. Com efeito, acreditavam que, se os embaixadores retornassem sem ter levado a cabo sua intenção, certamente uma grande guerra se formaria contra eles (o que, não em vão, os preocupou). Por conseguinte, Antenor, cujo sublime respeito pelos bons costumes há pouco citamos, procurou Príamo e se queixou da conspiração feita: certamente os filhos dele [de Príamo] estavam preparando armadilhas não para os embaixadores, mas contra ele mesmo [Antenor], o que ele não deixaria passar. Em seguida, não muito depois, informou o fato aos embaixadores. Assim, assegurando salvaguarda a todos, os dispensou intactos no primeiro momento oportuno que surgiu.

Sua estultícia enquanto governante também será apontada por Aquiles quando Príamo busca junto à tenda do herói o cadáver de Heitor. Aquiles o questiona:

*"Refer nunc iam mihi, Priame, quid tantum causae fuerit, cur deficientibus quidem vobis in dies copiis militaribus, ingravescentibus autem calamitatibus atque aerumnis Helenam tamen in hodiernum retinendam putetis neque velut contagionem infausti ominis reppuleritis? Quam prodidisse patriam parentesque et, quod indignissimum omnium est, fratres sanctissimas cognoveritis. Namque hi execrati facinus eius ne in militiam quidem nobiscum coniuraverunt, scilicet ne, quam audiri incolumem nollent, ei per se reditum in patriam quaererent. Eam igitur, cum cerneretis malo omnium civitatem intravisse vestram, non eiecistis? Non cum detestationibus extra muros persecuti estis? Quid illi senes, quorum filios pugna in dies conficit? Nonne adhuc persenserunt eandem causam extitisse tantorum funerum? Itane ergo divinitus vobis eversa mens est, ut nullus in tanta civitate reperiri possit, qui fortunam labentis patriae dolens de pernicie publica cum exitio eius transigat? Ego quidem aetatis tuae contemplatione atque horum precum cadaver restituam neque umquam committam, ut, quod in hostibus reprehenditur crimen malitiae, ipse subeam." (Eph. III, 25)*

“Príamo, relate-me agora qual fora a grande causa para que, minguando de vós mesmos as tropas militares dia após dia e agravando mais e mais as calamidades e trabalhos, penseis, contudo, em reter Helena até o dia de hoje e não a rejeitaste como contágio de todo infausto? Conheceis que ela traíra não só a pátria, mas também os pais e, o que era indigníssimo dentre tudo, irmãos integríssimos. De fato, eles, execrando o crime dela, não conjuraram milícia conosco, evidentemente para não procurara obter por si o regresso dela à pátria, a qual não queriam ouvir incólume. Portanto, quando a perceberam entrar em vossa cidade em mal de todos, não a lançaram fora? Não com maldições a seguiram até para fora dos muros? O que [fizeram] aqueles velhos cujos filhos o combate dia após dia matou? Até agora não notaram que ele foi a causa de tantos funerais? E assim por causa de divindade invertida foi vossa mente que nenhum em cidade tão grande se pode encontrar que, se doendo pela pátria em colapso, acabe com a desgraça pública com a saída dela. Eu mesmo em contemplação pela tua idade e também pelos pedidos desses restitui o cadáver e não cometo coisa alguma que suceda a mim aquilo que se repreende em respeito aos inimigos como crime de malícia.”

A sua decisão de não devolver Helena resultará, depois de muitos cidadãos troianos morrerem, dentre os quais encontravam-se também seus filhos, na proposta de uma rendição pacífica. Após negociação de Antenor com os gregos, ele declara, em um longo discurso, não ser justo muitos sofrerem por causa de uma mulher e não ser honroso que as riquezas encham o palácio do rei em prejuízo de seus súditos, e por fim assume que a cidade já alcançava a desgraça. Príamo, diante do que expõe, reconhece a sua culpa e não só convém com os termos do tratado de paz como também propõe a transferência de seu domínio a Antenor (que naquela altura já se configurava como “traidor”).

*In quis Priamus dilanians caput fletu quam miserabili non solum iam se ait odio dis, verum suis hostem effectum, quippe cui non amicus antea, non*

*propinquus, non denique civis inveniri posset, qui aerumnis suis ingemesceret. Namque optasse haec non nunc demum, verum vivis Alexandro atque Hectore agi coepta. Sed quoniam praeterita revocare nulli concessum esset, praesentium habendam rationem spemque futuris adhibendam. Se namque omnium, quae haberet, ad redemptionem patriae potestatem dare. Quam rem Antenori agendam permittere. Ceterum se, quoniam odio iam suis esset, abire e conspectu consentientem his, quae inter se decernerent. (Eph. V, 3)*

Nisso, Príamo, arrancando os cabelos da cabeça, em pranto miserável disse que já não só ele havia se feito em ódio aos deuses mas também inimigo aos seus, pois não era possível ele encontrar até agora amigo, nem vizinho, nem enfim cidadão que deplorasse por suas tribulações. De fato, optava que essas não fosse feitas agora somente, mas com Alexandre e Heitor vivos. Mas pois revocar as coisas pretéritas a ninguém fosse concedido, deveria ser tratada a razão das coisas presentes e ser a esperança aplicada ao futuro. De fato, ele, de tudo que tinha, deu o poder para a redenção da pátria. Autorizou Antenor a cuidar do assunto. De resto, ele, pois já estava em ódio aos seus, retirou-se da vista consentindo com aquilo que entre eles decidiram.

Por fim, tem lugar a horrenda morte de Príamo (Eph. V, 12). Diante da devastação da cidade levada a cabo pelos gregos que, com auxílio dos traidores Antenor e Eneias, conseguiram tomá-la por dentro, Príamo tenta achar salvação no templo (*Priamus re cognita ad aram Iovis anteaedificialis confugit*) mas, sem piedade alguma, Neoptólemo o mata sem piedade alguma (*Dein Priamum Neoptolemus sine ullo aetatis atque honoris dilectu retinentem utraque manu aram iugulat*, “Depois, Neoptólemo, sem respeito algum pela idade e pela honra, degola Príamo, que retinha com ambas as mãos o altar.”).

Os **filhos de Príamo** não são mais honrosos do que o pai: não demonstram respeito para com as resoluções dos anciãos nem para com o povo, que determinadamente condenavam a atitude de Alexandre.<sup>171</sup> A cena da irrupção da assembleia por parte dos príamidas é bem ilustrativa, pois além de ferir o costume régio de deliberação com a participação da opinião dos anciãos, ferem com ameaças e a fio de espada mesmo aqueles que se opunham à sua irresoluta posição.

*Igitur Priamus relictis his senes conducit, sententiam filiorum aperit, dein cunctos, quid agendum esset, consulit. Sed priusquam ex more sententiae dicerentur, reguli repente consilium inrumpunt atque inconditis moribus malum singulis minitantur, si aliter, quam ipsis videretur, decernerent. Interim omnis populus indigne admissam iniuriam atque in hunc modum multa alia cum execratione reclamabant. Ob quae Alexander cupidine animi praeceps veritus, ne quid adversum se a popularibus oriretur, stipatus armatis fratribus impetum in multitudinem facit, multos obruncat. Reliqui interventu procerum,*

<sup>171</sup> *Cuius adventu [Alexandri], tota civitas cum partim exemplum facinoris execrarentur, alii iniurias in Menelaum admissas dolerent, nullo omnium adprobante, postremo cunctis indignantibus tumultus ortus est.*, “Com a sua chegada, parte da cidade abominava aquele tipo de crime e outra lamentava as injúrias lançadas contra Menelau, sem que de todos um sequer lhe apoiasse. Por fim, com todas as indignações, surgiu um tumulto.” Eph.I, 7

*qui in consilio fuerant, duce liberantur Antenore. Ita infectis rebus populus contemptui habitus non sine pernicie sua domum discedit. (Eph. I, 8)*

Portanto, Príamo, deixando-os, reuniu os anciãos, informou a opinião dos filhos e consultou-os acerca do que havia de ser feito. Mas, antes que, segundo o costume, as opiniões fossem pronunciadas, os príncipes subitamente invadiram a assembleia e, pelos costumes grosseiros, ameaçaram prejudicar a cada um deles caso decidissem por algo diferente do que lhes eram conveniente. Nesse ínterim, todo o povo, com execração, reclamava da injúria indignamente cometida e de muitas outras coisas semelhantes. Diante disso, temeu Alexandre, arrebatado pela paixão de seu coração, que seus compatriotas se insurgissem contra ele. Então, escoltado por seus aliados armados, fez um ataque contra a multidão e dizimou muitos. Os que sobraram foram salvos pela intervenção dos nobres que haviam estado no concílio, estando Antenor no comando. Assim, sem levar a cabo o que era necessário, o povo, tratado com desprezo, sem contar o massacre, retirou-se para casa.

**Alexandre** é, assim, a causa tanto da guerra quanto da perdição de Troia, fato que já teria sido anunciado em sonho premonitório a Hécuba, mas que, por sua piedade de mãe, em vez de abortá-lo, preferiu dá-lo à luz e confiar sua vida a pastores (Eph. III, 26). É Alexandre que cometerá o ato indigníssimo (*indignissimum facinus perpetraverat*, “cometera um crime desonroso”) de raptar Helena e espoliar o palácio de Menelau quando estava na qualidade de hóspede (*Spartae in domum Menelai hospitio receptus*, “tendo sido recebido como hóspede em Esparta, na casa de Menelau”). A hospitalidade em *Ephemeris* tem grande valor e serve como motivação narrativa. Em *Ephemeris*, aponta-se como um ideal desejável, porém não efetuado, pois o confronto entre gregos e troianos se dá pela infração do direito à hospitalidade (*communis hospitii eversio*) e os conflitos no interior de cada facção mostra como o individualismo (e.g. Agamêmnon, Alexandre) causa a perdição do grupo. O exemplo de Alexandre não afetaria apenas a primeira e direta vítima, Menelau, mas toda a sociedade, pois poderiam outros à sua semelhança buscar cometer o mesmo crime. É Ulisses, em um discurso reprobatório, que o declara:

*Per deos immortales, reputate cum animis vestris, quanta clades et veluti contagio huiusce exempli orbem terrarum occupatura sit. Quis enim posthac, cui virile negotium est, recordatus Alexandri facinus non omnia suspecta atque insidiosa ab amico metuere coetur? Aut quis frater fratri aditum patefaciet? Quis hospitem aut cognatum non tamquam hostem cavebit? (Eph. II, 22)*

Por todos os deuses imortais, refliti em vossos ânimos quanta ruína e, do mesmo modo, [tamanho] contágio haveria de se apoderar de todo o orbe terrestre a partir de um exemplo dessa espécie. Quem, com efeito, daí em diante, tendo responsabilidade de homem, ao relembrar do crime de Alexandre, não se inclinará em temer que todas as coisas vindas de seu amigo sejam suspeitas e insidiosas? Ou qual irmão a outro irmão há de dar entrada?

Quem não há de se prevenir seja seu hóspede ou seu parente um inimigo?

Em seu discurso, Ulisses aponta como a conivência com um crime atroz semelhante àquele cometido pelo troiano pode, caso permaneça impune, causar toda uma desestruturação das condições de paz da sociedade em geral, criando desconfiança entre as nações, entre as relações de amizade e até mesmo no seio familiar.

No âmbito bélico, não muito relevo recebe. No paralelo com a passagem da *Ilíada* III, 15, bem diminuída a força da cena, em *Ephemeris* narra-se o seu embate com Menelau, em que Alexandre com pouco tempo de combate logo vê a sua derrota e foge (*Ceterum Menelaus forte conspicatus Alexandrum magno impetu inruit, quem evitans neque diutius sustinere ausus Alexander fugam capit.*, “De resto, tendo Menelau avistado por acaso Alexandre com grande ímpeto atacou-o, Alexandre evitando-o e não tendo a audácia de resistir por mais tempo, fugiu.”, Eph.II, 39), o que lhe rende palavras de reprovação (*acribus verbis*, “com ásperas palavras”) de Heitor e de Deífobo. Impelido, assim, a um combate singular (*solitarium certamen*) contra Menelau, no momento em que Alexandre receberia o golpe final da espada do inimigo, Pândaro intervém com uma flecha e, em seguida, os troianos acorrem em salvamento do filho de Príamo (Eph. II, 40).<sup>172</sup> Mais uma vez os troianos mostravam o péssimo exemplo (*pessimum exemplum*) ao evitar que tudo se resolvesse por meio do combate entre os dois envolvidos e principais interessados no caso. Díctis relata: *Igitur ab nostris clamore orto simulque cum ira indignantibus, quod duobus seorsum adversum se hisque maxime, quorum gratia bellum conflatum esset, decernentibus repente a Troianis pessimo more intercederetur* (Eph. II, 40; “Portanto, um clamor entre os nossos se fez e ao mesmo tempo com ira, estando indignados porque os dois separados dos outros se enfrentavam e, sobretudo, sendo por causa deles que se fazia a guerra, de repente um péssimo costume se mostrou da parte dos troianos”). Uma atenuante desse caráter covarde de Alexandre será o assassinato de Aquiles, que já analisamos.

**Heitor**, em contraponto, como observou Troca Pereira (2016), era guerreiro valoroso (Eph. II, 25). Intrépido comandante troiano (Eph.II.35; III.5-6) e um patriota, mesmo que em alguns confrontos não saísse vencedor (e.g. Ajax, II.43; Aquiles), era essencialmente o chefe político-militar (Eph.III.8; 3.12; IV.9; IV.18: *fusus hostibus*) de Troia. Embora reconhecesse o crime do irmão (Eph.II.28: *fraternae impietatis*), procurava, por amor à pátria, gerir a situação quanto à defesa da cidade e à derrota dos inimigos, mesmo que as deliberações e os planos de ataque pareçam não muito moralmente dignos de um herói. Em *Ephemeris* II.42, por

<sup>172</sup> Na verdade, Alexandre, por fim, morre pelas flechas de Filoctetes.

exemplo, no que deveria ser um período de paz durante o inverno, Heitor decide atacar o acampamento grego e chega a incendiar os navios. Outro exemplo é a sua barganha para com Aquiles, usando como moeda de troca pela traição dos gregos Polixena (Eph. III.3).

Heitor mata Pátroclo, que havia avançado *promptior quam bellandi mos est*, ferindo o soldado grego em suas partes baixas (*per loca corporis pudibunda*. “pelas partes pudibundas do corpo”, Eph. III, 11). Se para Casquero esse fato é apenas uma releitura de *Ephemeris* para a descrição de “baixo-ventre” constante na *Ilíada*,<sup>173</sup> para Marblestone a passagem tem relação com a tradição entre semitas e egípcios para qual o prepúcio ou o pênis dos derrotados servia como troféu. Contudo, independentemente de o autor de *Ephemeris* fazer ou não alusão a práticas semíticas e egípcias ou se inventa ou decalca a passagem, o importante é entender que o gesto de Heitor acentua o desrespeito para com o cadáver de Pátroclo e, por conseguinte, o desqualifica moralmente e destaca seu caráter bárbaro (MOVELLÁN LUIS, 2015, p. 246-247). Possivelmente, em resposta a esse ato de incivilidade do troiano para com o corpo de Pátroclo, Aquiles vilipendiará o corpo de Heitor quando o mata na emboscada.

O guerreiro **Antenor** é caracterizado com distinção quanto aos troianos, pois se Alexandre feriu, estando em terra estrangeira, a hospitalidade por meio do rapto de Helena, o ancião troiano demonstrará o respeito para com essa honra: ele abrirá as portas da sua própria casa para os embaixadores (*[...] legatos Antenor [...] domum ad se volentes deducit.*, “Antenor [...] convidou os embaixadores à sua casa”, Eph. I, 6). Díctis o caracteriza como *vir hospitalis et praeter ceteros boni honestique sectator* (Eph. I, 6; “homem hospitaleiro e mais do que qualquer outro sectário do bem e da honestidade”). Antenor, exímio orador, mostra-se desde o início inclinado à causa dos gregos e, por ver que Príamo como rei nada faria e por não ter poder para fazê-lo,<sup>174</sup> tramará às escondidas a entrega da cidade que, mais do que uma traição, consistia num ato de patriotismo (TIMPANARO, 1987, p. 80). Tomada Troia, só a sua casa (seus bens e família) e a de Eneias salvam-se (Eph. V, 12). Depois, partindo os gregos (Eph.V.17), Antenor passa a governar Troia, exilando Eneias porque este queria tirá-lo do poder. O ancião troiano reuniu os poucos sobreviventes e reergueu Troia.

*Ceterum apud Troiam postquam fama est Antenorem regno potitum, cuncti, qui bello residui nocturnam civitatis cladem evaserant, ad eum confluent brevique ingens coalita multitudo. Tantus amor erga Antenorem atque opinio*

<sup>173</sup> *Ilíada*, XVI.818-820: “Só que quando Heitor viu o magnânimo Pátroclo / retrocedendo, golpeado pelo bronze afiado, atravessou / as falanges para se acercar dele e deu-lhe uma estocada / com a lança no **baixo-ventre**; a lança trespassou-o por completo” (trad. Lourenço)

<sup>174</sup> Em resposta ao discurso de Ulisses quando da embaixada, Antenor responde: “Omnia, quae memorata a vobis sunt, scientes prudentesque patiemur **neque voluntas consulendi abest, si potestas concederetur**. Sed, ut videtis, summae rei alii potiuntur, quibus cupiditas utilitate potior est.” (Eph.II.23)

*sapientiae incesserat. Fitque princeps amicitiae eius rex Cebrenorum Oenideus. (Eph.V, 17)*

Ademais, junto a Troia, depois que se tornou público que Antenor havia se apoderado do reino, todos que, naquela noite, haviam escapado à ruína da cidade, para lá confluem e rapidamente se ajuntou uma ingente multidão. Tamanho era o amor para com Antenor e crescente a reputação de sua sabedoria. E torna-se o primeiro de sua amizade Enideu, o rei dos Cebrenos.

O troiano **Eneias**, diferentemente de Antenor, não estava desde o começo do lado grego. Muito pelo contrário, estava a favor da oposição aos gregos e estava junto a Alexandre quando cometera o crime contra a hospitalidade de Menelau. Eneias chega a responder a Menelau, quando da embaixada, que nenhum acordo nem negociação deveria ser feito com os gregos e para aquilo que haviam oferecido os troianos (que Menelau tomasse, no lugar de Helena, qualquer princesa troiana) contasse com a sua oposição, custasse o que custasse. Sua resposta a Menelau, que mostra que Eneias, além de ter valor bélico, era um bom orador, consiste nestes termos, nos quais retoma e expõe diante dos gregos os raptos que seus antecedentes também fizeram e que passaram impunemente:

*"Ac ne haec quidem, ait, concedentur contradicente ac resistente me reliquisque, qui adfines amicique Alexandro in rem eius consulimus. Sunt enim atque erunt semper, qui domum regnumque Priami tueantur neque amisso Polydoro orbitas Priamum insequetur tot talibusque filiis superstitibus. An solis qui ex Graecia sunt raptus huiusmodi concederetur, quippe Cretae Europam quidem a Sidona, Ganymedem ex hisce finibus atque imperio rapere licuerit? Quid Medeam? Ignoratisne a Colchis in Iolcorum fines transvectam? Et ne primum illud rapiendi initium praetermittam, Io ex Sidoniorum regione abducta Argos meavit. Hactenus vobiscum verbis actum, at nisi mox cum omni classe ex hisce locis aufugeritis, iam iamque Troianam virtutem experiemini, domi quippe iuventus perita belli abunde nobis est, atque in dies auxiliorum crescit numerus." (Eph. II, 26)*

“Nem mesmo isso será concedido, pois contradigo e sustento que consultemos os demais parentes e amigos de Alexandre a respeito desse assunto. Com efeito, são e sempre serão aqueles que velam pela casa e reino de Príamo e com a perda de Polidoro não sobrevivem a Príamo privação de filhos, tão grande é tal quantidade de filhos remanescentes. Ou por acaso somente aos que são da Grécia se concede um rapto dessa natureza, já que puderam eles mesmos raptar Europa de Sídona a Creta, Ganimedes desde estas fronteiras e domínio? E Medeia? Vós ignorais que da Cólquida às fronteiras dos iolcos fora transportada? E para não deixar passar aquele primeiro início de rapto Io, levada da região dos sidônios, viajou para Argos. Até aqui para com vós tratamos em palavras, e se não saírem desses locais imediatamente com toda a vossa esquadra, logo logo haveríeis de experimentar a virtude troiana, já que em nosso reino há em abundância juventude perita em guerra e cresce dia após dia o nosso número de aliados.”



Ao final do relato, contudo, aliar-se-á a Antenor na entrega de Troia (Eph. V, 4).<sup>175</sup> O fato é que Eneias, tão religioso quanto a tradição virgiliana o descreve, passa a se opor aos troianos a partir do ato sacrílego de Alexandre, que mata Aquiles no templo de Apolo: *Tum primum Aeneas parato certamine intra muros manet execratus quippe Alexandri facinus commissum in Apollinem, cuius sacra is praecipue tuebatur.* (Eph. IV, 17; “Então, primeiramente Eneias, preparada a peleja, dentro dos muros permaneceu, pois abominava o crime de Alexandre cometido no [templo] apolínio, **cujo culto ele precipuamente velava.**”). Assim, Merkle (1989, p. 233, n. 351) acredita estar mais que salvaguardada a sua piedade para com os deuses, por ser *pius* mesmo é que Eneias decide se apartar dos troianos e entregar a cidade e salvar sua própria casa. No entanto, cabem ressalvas, uma vez que o amor à pátria e aos seus iguais são premissas da *pietas*. Nesse sentido, lembrando-se de que o narrador do romance é um grego, Eneias figura mesmo como um pejorativo traidor.

Arrasada Troia e com Antenor projetando um novo governo, o sobrevivente Eneias<sup>176</sup> tenta derrubá-lo do trono, mas acaba sendo descoberto e exilado, o que o leva a vagar: *Ita coactus cum omni patrimonio ab Troia navigat devenitque ad mare Hadriaticum multas interim gentes barbaras praevectus. Ibi cum his, qui secum navigaverant, civitatem condit appellatam Corcyram Melaenam.* (Eph. V, 17; “Assim coagido, navegou de Troia jinto com todo o seu patrimônio e chegou ao mar Adriático, nesse meio tempo passou por muitas populações bábaras. Ali com aqueles que haviam navegado com ele fundou uma cidade chamada Cócira Melena”).

Embora possam constar como “traidores”, Antenor e Eneias seriam, de certa forma, a representação da *honradez política e religiosa*, respectivamente, pois ambos se contrapõem à figura Alexandre, infrator impiedoso e sacrílego.

<sup>175</sup> Menécrates de Xanto (autor transmitido por Dioniso de Halicarnaso 1.48.1) testemunhou a inimizade de Eneias com Alexandre como motivo para trair Troia; Mais claramente ainda, a primeira frase do primeiro livro de Tito Lívio relata que Eneias e Antenor foram os traidores que entregaram Troia e que, por essa razão, os gregos os deixaram escapar (*Iam primum omnium satis constat Troia capta in ceteros saevitum esse Troianos, duobus, Aeneae Antenorique, et vetusti iure hospitii et quia pacis reddendaeque Helenae semper auctores fuerant, omne ius belli Achivos abstinuisse*); do mesmo modo também, posteriormente, em *Origo gentis Romanae* (9.2) Antenor e Eneias são descritos como traidores, embora Eneias apareça ainda como *pius* (MOVELLÁN LUIS, 2015, p. 249).

<sup>176</sup> Segundo Movellán Luis (2015, p. 248-249), Eneias como sobrevivente já constava nos testemunhos antigos, desde da *Ilíada* XX.307: “Entretanto o Crônida pôs-se a odiar a raça de Príamo;/ e agora será a Força de Eneias a reger os Troianos,/ assim como os filhos de seus filhos, que de futuro nascerão.”. Em outras, Eneias sobrevive por ter se retirado ao Ida (no comentário de Próclo a *Iliupersis*; nos fragmentos de Sófocles; e em Estrabão 13.1.53); outras relatam que Eneias foi feito prisioneiro de Neoptólemo (*Pequena Ilíada*, segundo un escólio a Licofrón, Alexandra, 1268); Helânico (Fr 31 Fowler) afirma que Eneias chegou a Calcídica e fundou a cidade de Enea e, de acordo com Dionísio de Halicarnasso (1.48.4), Eneias não estava em Troia durante a noite fatal; outras variantes contam que Eneias escapou graças a vários eventos milagrosos, como a realização de alguma invisibilidade graças a sua piedade filial (escólio a *Eneida* 2.177) ou pelo trabalho de sua mãe Vênus segundo Quinto de Esmirna (13.326).

As **figuras femininas** em *Ephemeris* têm bastante relevo e constituem a perdição, moral e física do homem, como já pudemos observar a partir dos exemplos acima (Alexandre, Aquiles, Agamêmnon, Ájax). A mulher, no nível do amor e do desejo sexual (*libido desideriumque in femina*) está ao lado da busca pela riqueza (*avaritia*) como motivos de perdição e motores de atos indignos.

Exceptuando-se Pentesileia, em *Ephemeris* as mulheres via de regra se situam afastadas do campo de combate. Tornavam-se, quase sempre, prêmio de guerra (*geras, praeda*).

Personagem bem desenvolvida em *Ephemeris* é **Helena**. Primeiramente, deixa de ser raptado aquilo que, na verdade, converte-se em fuga.<sup>177</sup> Na oportunidade que teve para dar o seu parecer frente ao esposo e à assembleia troiana, Helena mesma afirma que: *Quam ferunt dixisse neque se invitam navigasse, neque sibi cum Menelai matrimonio convenire*. (Eph. I, 10; “Afirmam que ela disse que não navegara contra a própria vontade e que não lhe convinha, em sua opinião, o casamento com Menelau.”). A atitude de Helena, no entanto, estaria explicada pelo fato de ser ela da mesma linhagem de Hécuba e Príamo, mais próxima aos dardânios do que aos aqueus (Eph. I, 9). Helena, de fato, tinha implorado a Príamo que não a devolvesse, fosse por amar Alexandre, fosse por temer Menelau:

*Postquam memoriter cuncta retexuit, ad postremum flens orare, ne, quae semel in fidem eorum recepta esset, prodendam putarent. Ea secum domo Menelai adportata, quae propria fuissent, nihil praeter ea ablatum. Sed utrum inmodico amore Alexandri, an poenarum metu, quas ob desertam domum a coniuge metuebat, ita sibi consulere maluerit, parum constabat. (Eph. I, 9)*

Depois refez tudo de memória, chorando terminou pedindo que, se tivesse sido recebida na boa-fé deles, não pensassem em devolvê-la. Tudo, que consigo havia sido levado da casa de Menelau, pertencia-lhe, e nada mais fora tomado. Mas pouco claro estava se havia assim preferido se posicionar ou por causa do amor imensurável por Alexandre ou por causa do medo das punições que temia receber em razão do abandono do lar.

Uma vez que Helena não fora devolvida, a guerra teve início. Morto Alexandre, Helena casa-se com Deífobo e os rumores de um pacto de paz (a traição), cujo porta-voz era Antenor, deixa-a temerosa quanto ao seu futuro. Ela, então, no meio da noite, vai até aquele ancião rogar em seu favor, já que em Troia não era mais benquista:

---

<sup>177</sup> Movellán Luis (2015, p. 251-252), por outro lado, tenta mostrar que, antes de *Ephemeris*, já outros autores tentavam tirar a responsabilidade de Helena pela guerra entre gregos e troianos. Desse modo que Estesícoro em sua *Palinódia* afirmara que Helena nunca esteve em Troia, o que, de certa forma, é seguido por Eurípides em *Helena* (v.31; 582; 669) e em *Electra* (vv. 1280), e dele, Apolodoro parece ter tomado o argumento que expõe em Epítome. 3.5.; Górgias em seu *Elogio a Helena* a defende, e Heródoto afirma que ela ficara no Egito.

[...] *media ferme nocte Helena clam ad Antenorem venit suspicans tradi se Menelao et ob id iram derelictae domus metuens. Itaque eum orat, uti inter cetera sui quoque apud Graecos commemorationem faceret ac pro se deprecaretur. Ceterum, ut cognitum est, post Alexandri interitum invisita ei apud Troiam fuere omnia desideratusque ad suos reditus.* (Eph. V, 4)

[...] quase meia noite, às escondidas Helena veio a Antenor suspeitando que ela seria confiada a Menelau e, por causa disso, temia ira pelo abandono do lar. E, assim, ela pediu-lhe que, junto aos gregos, fizesse, entre outras coisas, menção sobre si, do mesmo modo que em seu favor suplicasse. De resto, como foi conhecido, depois do assassinato de Alexandre, tudo em Troia fazia odiosa, e o seu retorno aos seus familiares era desejado.

Feita a trama da traição e levada a cabo, Deífobo é morto por Menelau e, no momento da partilha das mulheres troianas, Menelau recupera Helena (*Itaque ex his prima omnium Helena sine sorte Menelao conceditur.*, “E, assim, dentre as quais, foi concedida primeiramente Helena a Menelau, sem sorteio”, Eph. V, 13).

A ação de outra mulher também motivou, pelo menos parcialmente, a eclosão da guerra. **Hécuba**, rainha troiana, posicionou-se do lado do amor de seu filho e de Helena, lutando com as forças que tinha para que não os separassem. É a matrona troiana que aconselha Príamo a conversar com Helena antes de dar início a assembleia (Eph.I.9).

*Igitur Hecuba cognita voluntate, simul ob generis coniunctionem complexa Helenam, ne proderetur, summis opibus adnitebatur, cum iam Priamus et reliqui reguli non amplius differendos legatos dicerent neque resistendum popularium voluntati, solo omnium Deiphobo Hecubae adsenso, quem non aliter atque Alexandrum Helenae desiderium a recto consilio praepediebat. Itaque cum obstinate Hecuba nunc Priamum, modo filios deprecaretur, modo complexu eius nulla ratione divelli posset, omnes qui aderant in voluntatem suam transduxit. Ita ad postremum bonum publicum materna gratia corruptum est.*<sup>178</sup> (Eph. I, 10)

Portanto, Hécuba, porque conhecia a vontade de Helena e ao mesmo tempo porque a ela estava ligada por uma ligação familiar, esforçava-se com sumas forças para que ela não fosse devolvida, embora Príamo e os demais príncipes já houvessem dito que os embaixadores não mais deveriam aguardar, nem deveria haver resistência à vontade dos compatriotas – apenas com Deífobo dentre todos concordando com Hécuba, a quem (não diferentemente de Alexandre) o desejo por Helena afastava de uma opinião racional. Assim, como ora suplicasse a Príamo, primeiro, depois aos filhos, ora por razão alguma pudesse ser afastada do abraço dela [de Helena], Hécuba, com obstinação, trouxe para sua vontade todos que estavam presentes. **E, desse modo, por fim, o bem público corrompeu-se em decorrência da graça materna.**

Parece que se ambas, Hécuba e Helena, não tivessem dissuadido os troianos a entregar

---

<sup>178</sup> Alusão salustiana: *ita bonum publicum... privata gratia devictum.* (Jugurta 25.3; “Assim o bem público... submetido à graça particular”). O conflito entre indivíduo e o público é um motivo central em *Ephemeris*. cf. Aquiles, Agamêmnon, Alexandre.

o que era solicitado pelos gregos, a guerra nem teria começado. O mesmo considera Movellán Luis (2015, p. 252), acrescentando que *Ephemeris* vai mais além na caracterização: não são apenas os próprios personagens femininos que são conotados negativamente, mas sua relação com os masculinos e com a força destrutiva do amor, cujo maior expoente é a morte de Aquiles no templo de Apolo quando vai procurar notícias de Polixena.

Exatamente nesse ponto, Movellán Luis (2015, p. 253) afirma que Helena e Polixena são construídas antiteticamente: Helena toma parte no *indignissimus facinus* (Eph. I, 3), está controlada por um *immodicus amor* (Eph. I, 9) e não foi sequestrada (*non invita*; Eph. I, 10), mas fugira; Polixena é sacerdotisa de Minerva (Eph. III, 2), sempre aparece acompanhada da mãe (Eph. III, 2) ou do pai (Eph. III, 20) e é *nondum nupta* (Eph. III, 2) enquanto Helena se casa por três vezes (Menelau, Alexandre e Deífobo). Polixena se dá como oferenda ao inimigo (III.24) ao passo que, ao contrário, quando a situação se torna complicada, Helena deseja abandonar os troianos (Eph. V, 4), embora uma vez houvesse afirmado querer ficar em Troia. Por positiva que seja a presença de Polixena, a pulsão amorosa que provoca em Aquiles leva ambos à morte. Para a autora, esse terrível final para os amantes que tentaram fazer as coisas da maneira adequada, oposta à salvação da própria Helena, é o retrato do caráter tremendamente pessimista de *Ephemeris*, obra em que não há redenção para a guerra nem para o amor. Assim, segundo ela, não parece possível ligar *Ephemeris* ao mundo do romance grego, no qual o amor é o protagonista de uma maneira positiva. Conclui, por fim, que em *Ephemeris* “o amor não tem lugar no contexto bélico”. Ao nosso ver, é a incompletude do amor ideal que não tem lugar e, por outro lado, a denúncia do amor libidinoso (*luxuria*) como mal ao ser humano como ente racional. Em *Ephemeris*, essa tendência a uma apresentação negativa das mulheres, ou melhor, de uma visão negativa do amor nutrido pelas mulheres, é mais um modo de diminuir a heróicidade dos personagens masculinos, ao lado das atitudes covardes (Ulisses; Alexandre), dolosas (Aquiles; Alexandre) ou mesquinhas (Agamêmnon), que já pontuamos acima. Devemos pontuar, ainda, que dentre as qualidades positivas de Polixena está o respeito aos pais e aos deuses, à semelhança de Eneias.

Cabe, por fim, apontar uma atitude misógina em *Ephemeris*. **Pentesileia**, rainha das amazonas, traz o seu exército ao auxílio de Príamo: *Quae regina Amazonibus incertum pretio an bellandi cupidine auxiliatum Priamo adventaverat, gens bellatrix et ob id ad finitimos indomita, specie armorum inclita per mortales*. (Eph. III, 15; “Rainha que, com suas amazonas, chegara para auxiliar Príamo, por preço incerto ou por desejo de guerreiras, gente belicosa e por isso indômita para com os povos vizinhos, pelos mortais ínclita em toda espécie de armas.”). A dúvida quanto ao seu estímulo para estar na guerra, mais tarde, deixa

de ser incerto: *Quae postquam interemptum Hectorem cognovit, percussa morte eius regredi domum cupiens ad postremum multo auro atque argento ab Alexandro inlecta ibidem opperiri decreverat.* (Eph. IV, 2; “Ela, depois soube do assassinato de Heitor, abatida pela sua morte quis voltar para casa, mas por fim decidiu aguardar, tendo sido seduzida por Alexandre com muito ouro e prata.”). A rainha das amazonas toma, assim, as mesmas feições dos comandantes gregos e dos príncipes troianos, *patientes praeda*, “ansiosos por despojo”. Em seu encontro com Aquiles no campo de batalha, o seu sexo é posto em perspectiva e caracterizado como fraqueza, não só a ela mas as de todas as amazonas.

*Achilles inter equitum turmas Penthesileam nactus hasta petit, neque difficilium quam feminam equo deturbat manu comprehendens comam atque ita graviter vulneratam detrahens. Quod ubi visum est, tum vero nullam apem in armis rati fugam faciunt. Clausisque civitatis portis nostri reliquos, quos fuga bello exemerat, insecuti obruncant, feminis tamen abstinentes manus parcentesque sexui. Dein uti quisque victor, interfectis quos adversum ierant, regrediebatur; Penthesileam visere seminecem etiam nunc admirarique audaciam. Ita brevi ab omnibus in eundem locum concursum placitumque, uti, **quoniam naturae sexusque condicionem superare ausa esset, in fluvium reliquo adhuc ad persentiendum spiritu aut canibus dilanianda iaceretur.*** (Eph. IV, 3)

Aquiles, entre as turmas da cavalaria, procurou atingir Pentesileia com a lança, e, não muito difícil, como que derrubasse a mulher do cavalo, agarrando com a mão o cabelo dela e, então, depois de feri-la gravemente, arrastava-a. Quando isso foi visto, logo, tendo calculando que verdadeiramente não havia esperança alguma nas armas, [os troianos] empreenderam fuga. E, fechadas as portas da cidade, os nossos perseguiram os restantes, que a fuga da guerra suprimia, e mataram-nos, abstando-se de por as mãos sobre as mulheres e também contendo-se em favor do sexo. Depois, conforme voltavam cada um, tendo matado aqueles que contra eles se lançaram, viram Pentesileia semimorta, mesmo assim com admirável audácia. Assim, brevemente, tendo ocorrido em um mesmo lugar, pareceu bem a todos que ela fosse lançada ou no rio, enquanto ainda se lhe percebia sobrar sopro de vida, ou aos cães para ser dilacerada, **pois ousara superar a condição da natureza e do sexo.**

Por causa da ousadia de Pentesileia, os gregos querem puni-la jogando-a no rio ou dando-a aos cães. Aquiles, no entanto, discorda, e sua atitude como homem altruísta se torna evidente, o que já havia aparecido quando da salvação de Ifigênia em Áulis (Eph. I, 22).<sup>179</sup> Agindo de modo moderado, ele se contrapõe à massa de soldados, mas ele não é ouvido.

*Achilles interfectam eam sepelire cupiens mox a Diomede prohibitus est. Is namque percontatus circumstantes, quidnam de ea faciendum esset, consensu omnium pedibus adtractam in Scamandrum praecipitat, scilicet poenam postremae desperationis atque amentiae. Hoc modo Amazonum regina deletis copiis, quibuscum auxiliatum Priamo venerat, ad postremum ipsa*

<sup>179</sup> A relação amorosa entre Aquiles e Pentesileia é totalmente desconsiderada em *Ephemeris*. Diodoro Sículo: Biblioteca Histórica XI. 46; Apolodoro: Epítome, V. 1. cf. *Penthesilea*, Grimal, 1990, p. 338.

*spectaculum dignum moribus suis praebuit. (Eph. IV, 3).*

Aquiles, tendo-a matado, queria sepultá-la e imediatamente foi proibido por Diomedes. Este, de fato, depois de perguntar a quem estava em volta o que havia de se fazer dela, foi consenso de todos atar-lhe os pé e precipitá-la no Escamandro, evidentemente como pena para desespero extremo e loucura. Desse modo, a rainha das Amazonas, com suas tropas destruídas, ao lado das quais havia marchado em auxílio a Príamo, por fim, ela mesma apresentou um espetáculo digno de seus costumes.

Essa cena deixa claro que Aquiles já perdera influência e autoridade no exército (ZIEGLER, 2012, 54-55). Mas, quanto ao tratamento misógino não só se restringe à figura de Pentésiléia. Em geral, a presença do feminino em *Ephemeris* constitui o paralelo negativo da postura que um varão deveria ter (Cf. Eph. II, 46: *effeminati*, “efeminados”, caracterizando os inimigos que fugiam). Alguns exemplos se encontram nas seguintes passagens: Eph. III, 26: *more femineae miserationis*, “Hécuba, por costume de comiseração feminina”, Eph. VI, 2: *mobili suasu natura muliebre*, “o temperamento de mulher, por natureza fácil de persuadir”, quando Egíale e Clitemnestra são persuadidas por Éax, irmão de Palamedes, a matarem seus maridos.

**Cassandra** profetisa filha de Príamo, anuncia um mau futuro a Agamêmnon e será ela mesma o motivo da morte do rei. A morte de Palamedes terá vingança nesse episódio, tanto para o irmão de Menelau quanto para Diomedes (este cúmplice efetivo na morte daquele varão; o outro apenas suspeito).

*Per idem tempus Oeax Naupli filius, Palamedis frater cognito Graecos ad suos remeare Argos venit, ibi Aegialen atque Clytemestram falsis nuntiis adversum maritos armat praedicto ducere eos secum ex Troia uxores praelatas his. Praeterea addere ea, quis mobili suasu natura muliebre ingenium magis adversum suos incenderetur. Itaque Aegiale advenientem Diomedem per cives aditu prohibet. Clytemestra per Aegisthum adulterio sibi cognitum Agamemnonem insidiis capit eumque interficit. (Eph. VI, 2)*

Por esse mesmo tempo, Éax, filho de Náuplio, irmão de Palamedes, conhecendo que os gregos voltavam aos seus, veio a Argos, onde armou Egíale e Clitemestra com falsas notícias contra os maridos, tendo começado por dizer que eles haviam trazido consigo de Troia esposas para substituí-las. Além disso, adicionou outras coisas com as quais inflama ainda mais o engenho própria de mulher (de natureza fácil persuadir) contra os maridos. E, assim, Egíale, chegando Diomedes, por meio dos cidadãos, proibiu-lhe a entrada. Clitemestra, por meio de Egisto, com quem mantinha relação de adultério, apanhou Agamêmnon com armadilhas e o assassinou.

**Clitemnestra**, que antes tinha sido enganada por Ulisses e havia entregado a própria filha ao sacrifício, trai o marido e encontra ocasião para matá-lo. **Ifigênia**, em linhas gerais, é a moça ingênua. Como observou Troca Pereira (2016), findada a guerra, no *nóstos* grego são

as figuras femininas que ganham relevo Clitemnestra, Egíale, Erígone, Hermíone, estão associadas a “traição e morte masculinas, revelando-se mais nefandas do que o Cenário Bélico Troiano.”. Por fim, **Penélope** mantém-se a figura máxima da mulher exemplar que se detém no *oikos* e, mesmo assediada por muitos e valorosos pretendentes, continua fiel e casta. O narrador dedica-lhe uma linha: *De Penelopa eiusque pudicitia praeclara fama*, “Sobre Penélope e sua pudicícia, preclara fama” (Eph. VI, 6).

### 3.4.2. *Díctis: a questão do personagem/narrador/autor*

*VENI VIDI VICI*

*Vim, vi, venci*

Como já se observou, o narrador de *Ephemeris* é Díctis, um soldado cretense que, por ordem de Idomeneu, compôs os anais da Guerra de Troia, relatando não só o que aconteceu durante a guerra, mas também aquilo que aconteceu anteriormente (como a partida de Helena, a formação da expedição, as embaixadas para reavê-la etc.) e posteriormente à sua eclosão (como os retornos dos heróis e os seus destinos). Cabe aqui, portanto, reunir algumas considerações mais detidas sobre esse aspecto de *Ephemeris* que confunde diferentes instâncias da narrativa, mistura em uma só figura as qualidades de personagem, narrador e autor, um amálgama que abarca do mais diegético ao mais externo à diegése.

Essa confusão é ensejada, em nosso entender, pelo uso da primeira pessoa do discurso. Para nós, a primeira pessoa com esse teor “amalgativo” de autor-narrador-personagem pode estar ligada a duas tradições: a histórica e a ficcional. Em sentido geral, da história em seu viés biográfico e, com maior ênfase, o autobiográfico; da ficção, por um lado, o aedo épico e seus personagens narradores, por outro, o *fabulator*.<sup>180</sup> Tanto um quanto outro viés se enreda na constituição do romance enquanto gênero.

Em uma interação comunicativa, pressupõem-se pelo menos três instâncias: o *enunciador* (quem emite uma mensagem), o *enunciado* (a mensagem) e o *enunciatário* (para

---

<sup>180</sup> Os *fabulatores* são contadores de histórias itinerantes - fabulosos ou *aretalogoí* – que disseminavam mitos, lendas e contos populares enquanto se deslocavam de cidade em cidade, cujas evidências de existência são extremamente escassas (SCOBIE, 1979). O que nos interessa, no entanto, é a diluição do termo em um simples “contador de histórias”, histórias essas que podiam advir de sua própria vivência ou de outrem, como bem performa Apuleio em *Metamorfoses*, obra que se intercalam diversas micronarrativas, de focalização diversa, enquadradas todas pela narração do personagem homodiegético Lúcio. As *fabulae* constituem nas *Metamorfoses* nódulos no tecido narrativo extremamente aparentes e coesos, de forma que corrobora a designação da obra como uma “narrativa popular, a modo de contador de histórias.” (GUIMARÃES, 1963, p. 16).

quem a mensagem é destinada). Essas três instâncias estão localizadas em um *contexto*, que pode ser ou não o mesmo. Quando se trata da literatura, essas relações recebem nomes específicos. Então se considera: para o enunciador o termo *autor*; para a mensagem, *obra/texto*; para o enunciatário, *leitor*. Todavia, no interior de uma obra literária, local por meio do qual ocorre a interação entre autor e leitor, há a figuração de uma voz enunciativa,<sup>181</sup> seja ela mais ou menos evidente. São, quando no gênero lírico, o *eu-poético*; quando no dramático, as *didascálias*;<sup>182</sup> quando no narrativo, o *narrador*. Essa voz enunciativa na literatura, por mais que pareça soar exatamente como a voz do autor empírico, em identidade de tom, timbre e registro, não se deve considerá-las as mesmas, pois o processo artístico pelo qual essa voz passou ao ser registrada na obra faz dela uma “outra voz”, uma voz poetizada. Por mais que se encontrem correspondências entre a obra e a vida fora da obra, seja a do autor seja a da história humana, dentro do monumento literário-artístico ela é sempre *convencionalizada*. Segundo Candido (1996), na obra literária há a necessidade de *convencionalização* que é basicamente o trabalho de seleção e organização de traços da experiência humana, uma vez que é impossível que se descreva a totalidade de uma existência. Todos os elementos no interior da obra literária são moldados para que ali caibam e se encaixem de modo coeso e coerente e para que sirvam a um propósito: o efeito pretendido sobre o leitor/público. No público só surtirá o efeito pretendido se i) a organização estrutural da obra estiver bem construída para tal e se ii) o leitor for capaz de apreendê-la.

Essa voz torna-se ainda mais complexa quando é enunciada como um “eu”. Corre-se o risco de se precipitar na ingênua leitura confidencial em que o “eu” se refere diretamente àquele que escreveu/compôs a obra, sendo que, na verdade, se está diante daquilo que Vasconcellos (2016) chama de caráter mimético do discurso de *ego*. Ao estudar a questão entre a distinção ou não da *persona* poética e autor empírico na poesia amorosa romana, esse autor observa que o poeta elegíaco em sua produção tende a assumir uma *persona*, uma máscara, comumente de um apaixonado, cuja fala se adequa a um discurso, que seja em certa medida “sincero”. Seguindo a Allen (1950), Vasconcellos (2016) explana que não há termo na antiguidade correlato ao moderno “sinceridade”, sendo que o mais próximo seria o conceito de *fides* da retórica, que além da noção aproximativa de “sinceridade” engloba também a ideia de “persuasão”. Assim o autor explica-o:

*Fides* implica um pacto entre um falante e seu destinatário, um contrato

---

<sup>181</sup> O mesmo se dá ao enunciatário, que pode ser figurado na obra como interlocutor direto e definido do narrador que enuncia.

<sup>182</sup> Há, contudo, de se pensar até que ponto se pode realmente considerar as orientações de cena do teatro como a figuração de um “narrador” ou mero instrutivo.



baseado na verossimilhança, não uma fidelidade à realidade vivida. O discurso deve *parecer verdadeiro*, isto é, ser verossímil, independentemente de uma ligação com a experiência concreta do seu enunciador. Trata-se, então, de obter, pelo discurso, uma impressão convincente de sinceridade. (VASCONCELLOS, 2016, p. 35)

Logo, ao discurso compete a configuração do “eu” que, portanto, não é o “eu” empírico, o enunciador “de carne e osso”, mas, sim, um “outro eu”, um “eu fictício”. Distinguir-se-iam, por conseguinte *uita de ars*, o *homo sapiens* do *homo fictus* (FORSTER, 1974).

A complexidade instaurada pela primeira pessoa na literatura já era problemática à época antiga, como bem demonstra Vasconcellos (2016) ao analisar as leituras do poema 16 de Catulo. O pesquisador afirma que essa composição é testemunho tanto de que se faziam leituras biografistas da poesia amorosa na Antiguidade quanto de que um poeta, em defesa da interpretação do poema, “podia invocar uma distinção entre o *ethos* de seus versos e seu *ethos* pessoal” (p. 82). O autor conclui que apesar de existir a possibilidade de se interpretar um poema em primeira pessoa como uma voz enunciativa fictícia, preponderavam, no período histórico-literário analisado por ele, as leituras de cunho biografistas.

O romance antigo também apresenta essa problemática da primeira pessoa. *O Asno de Ouro*, de Apuleio, é um bom exemplo. Santo Agostinho, em *A cidade de Deus*, 18, 2, desta forma comenta ao referir-se à obra apuleiana: “Assim Apuleio, no livro chamado *O Asno de Ouro*, escreveu a si próprio ter ocorrido que, tendo tomado uma poção, conservou a mente humana, tornando-se asno, como ou demonstra ou finge.”. Segundo Brandão (2005), apesar de Apuleio ter sido conhecido também por outras obras, é interessante observar um pensador de primeira grandeza como o era Santo Agostinho acreditar que tudo havia ocorrido a Apuleio mesmo (*sibi ipsi*), ao “autor de carne osso”, embora possa ter Apuleio demonstrado ou fingido (*aut indicavit aut finxit*) os fatos em seu texto. O conteúdo inusitado do narrado (metamorfoses e prodígios por meio da magia), explica Brandão (2005), que em um primeiro momento não seriam críveis, quando a isso se adicionam a autoridade de um autor conhecido e digno de fé e a narração em primeira pessoa, lançam-se os dados do jogo ficcional, colocando um certo grau de incerteza em algum ponto intermediário entre o *indicavit* e o *finxit*.

O narrador Lúcio de *O Asno de Ouro* é, segundo a expressão de Booth (1980), um narrador “consciente de si mesmo”, ou seja, um narrador que sabe que está a narrar. O mesmo se conferiria ao aedo épico. Diante do exemplo dos primeiros versos da *Ilíada*, Brandão (1999) afirma que o poeta não é meramente subordinado às musas, antes com elas trava uma

relação dialética de cooperação.

De um lado, uma primeira pessoa, não definida, que ordena (ou suplica?) a uma segunda pessoa, bem definida pelo vocativo, a deusa, que cante. A não pessoa é o objeto do canto, isto é: a cólera do Pelida Aquiles. Estabelece-se assim uma relação entre o enunciador e a deusa mais complexa do que um simples processo de inspiração, pelo menos da forma como é normalmente concebido. De um lado, porque é o poeta que toma a iniciativa do canto, através do imperativo dirigido à deusa, decidindo seu objeto (a cólera), qualificando-o (a cólera funesta que inúmeras dores para os aqueus trouxe...), apontando sua motivação (o desígnio de Zeus) e, em especial, estabelecendo o ponto a partir do qual o canto deve desdobrar-se (desde quando, primeiro, separaram-se em conflito o Atrida, rei dos guerreiros, e o divino Aquiles). (BRANDÃO, 1999, p. 17)

Logo, o enunciador épico é consciente do que está narrando, sendo que seu material e sua autoridade são oriundos da memória conservada divinamente pelas musas, elas, sim, dotadas de onisciência. O enunciador do “eu” na *Ilíada* também não poderia ser entendido, em última instância, como Homero, seu compositor, mas a figuração de um poeta que canta.

Sob um viés benjaminiano, Pressler (1998) estudou a tradição e a transmissão das narrações míticas populares nas modalidades oral e escrita, com o fito de entender o estatuto do narrador. Segundo ele, desde o avanço da reflexão teórica sobre a questão da distinção entre "autor" e "narrador" propiciada pelo pensamento dos Formalistas Russos e depois com o Círculo de Praga e todo o Estruturalismo, despontou-se o abandono da interpretação especulativa flutuante entre a materialidade da obra literária e a biografia do autor, culminando no entendimento que são, o autor e o narrador, duas entidades analiticamente diferentes. Conclui, por conseguinte, que

Com esta distinção significativa entre o autor e narrador nas narrativas modernas, mas diluída nas narrativas consideradas mitos clássicos escritos e mitos populares orais, verificou-se que nessas o narrador não é o autor no sentido moderno. Ele é meio, "médium" da transição narrativa: ele relata o que as musas disseram-lhe, o que os antepassados contaram ou ele conta uma história em que ele participou numa função passiva - o narrador é "personagem" no sentido do vivido, da vivência; ele é testemunha. [...] Na narrativa moderna o narrador é personagem no sentido fictício (PRESSLER, 1998, p. 78).

A questão é um tanto diversa em *Ephemeris belli Troiani*, já que é uma obra cujo autor desconhecemos. Assim, o narrador ficcionalizado acaba por ascender a essa posição, ocupando aquele espaço vazio. Não é o processo de tornar um ser empírico em um ser ficcional, mas o diametralmente inverso: entender um ser ficcional como um ser empírico.

Díctis Cretense é, como já se observou, o autor ficcional do relato sobre a guerra e narra a história do ponto de vista grego. Supostamente — ou mesmo ficcionalmente — o texto que temos teria sido encontrado em época já romana e conservado na biblioteca de

Nero, após o que teria sido traduzido para o latim por um romano de nome Lúcio Septímio. O relato então seria contemporâneo aos próprios eventos e, tendo sido feito por um indivíduo que participara efetivamente da campanha militar e do lado dos gregos, ganharia assim um aval de confiabilidade. O narrador em *Ephemeris* é, portanto, uma testemunha ocular da guerra; logo, ele é personagem partícipe dela. Ele constrói o seu relato com o foco narrativo “eu” testemunha e, à semelhança do Lúcio apuleiano e também, em certa medida, à semelhança do aedo da *Ilíada*, é consciente de si, de que está a narrar. Consequência disso, a voz do narrador Díctis aparece com maior ênfase quando da organização do discurso, ou seja, quando comenta a elaboração do texto. Díctis se apoia em elementos que lhe conferem autoridade, como se lê em *Ephemeris* I, 13, quando se fazia o catálogo das tropas gregas antes de partirem a Troia:

*Dein haud multo post Idomeneus et Meriones, summa inter se iuncti concordia. Eorum ego secutus comitatum ea quidem, quae antea apud Troiam gesta sunt, ab Vluxe cognita quam diligentissime rettuli et reliqua, quae deinceps insecuta sunt, quoniam ipse interfui, quam verissime potero exponam.*

Entre eles, seguia eu a comissão, e daquilo que aconteceu antes em Troia, **conheci por meio de Ulisses** que com grande diligência eu referi e o demais, daquilo que aconteceu depois, **porque eu mesmo estive**, poderei com **bastante verdade** expô-las.

E, em outro momento, em V, 17, já tomada e destruída Troia, lê-se:

*Haec ego Gnosius Dictys comes Idomenei conscripsi oratione ea, quam maxime inter tam diversa loquendi genera consequi ac comprehendere potui, litteris Punicis ab Cadmo Danaoque traditis. [...] Igitur ea, quae in bello evenere Graecis ac barbaris, cuncta sciens perpessusque magna ex parte memoriae tradidi. De Antenore eiusque regno quae audieram retuli. Nunc reditum nostrorum narrare iuvat.*

Essas coisas eu, Díctis de Cnossos, companheiro de Idomeneu, compus com o estilo que dentre tão diversos modos de se expressar melhor eu pude conseguir e exprimir, com o alfabeto púnico trazido por Cadmo e Dânao. [...] Portanto, todas essas coisas que aconteceram na guerra aos gregos e aos bárbaros, **confiei à memória, tendo eu conhecido e passado por grande parte delas**. Acerca de Antenor e de seu reino, **relatei o que ouvira**. Agora convém narrar o retorno dos nossos.

Ainda no último capítulo: *Haec ego cuncta ab Neoptolemo cognita mihi memoriae mandavi accitus ab eo, qua tempestate Hermionam Menelai in matrimonium susceperat.* (Eph.VI, 10; “**Tomando conhecimento desses eventos a partir de Neoptolemo**, sob sua própria recomendação, confiei-os à minha memória, pela ocasião em que ele em matrimônio

recebia Hermíone, filha de Menelau.”). Nesse capítulo, também, há a narração da aventura do próprio Díctis (narrador autodiegético, neste caso) que vai buscar no oráculo de Delfos a solução para uma epidemia que caíra sobre Creta.

Como se pode observar, o narrador se apoia na autoridade do que ele mesmo viu ou naquilo que lhe foi contado por um terceiro. É, de fato, a validação da historiografia antiga e é também a experimentação da confiabilidade que aceitamos e damos valor ainda nos dias de hoje, no nível mais popular (basta que se pense nos diversos e variados “diários de” ou “relatos de sobreviventes” como exemplos simples de documentação histórica e também material literário ou ainda pré ou paraliterário). Tucídides é o testemunho mais fiel dessa técnica de registro, pois seu método consistia exatamente na “história do tempo presente” e, à semelhança de Díctis, preocupava-se em descrever “os horrores de uma guerra”, usando “como fonte a observação directa” e lidando também “com o problema dos testemunhos orais”. (SOARES, 2010, p. 387). Nesse sentido, o substrato tucidiano é claramente notável em *Ephemeris*, assim como em *De Excidio* e em *Das narrativas verdadeiras*. (LELLI, 2015; PEINADO, 2015).

O próprio Tucídides, em *A Guerra de Peloponeso*, deixa registrado o seu método científico:

Quanto aos fatos da guerra, considereí meu dever relatá-los, não como apurados através de algum informante casual nem como me parecia provável, mas somente após investigar cada detalhe com o maior rigor possível, seja no caso de eventos dos quais **eu mesmo participei**, seja naqueles a respeito dos quais **obtive informações de terceiros** (Tuc. I.22).

A investigação dos dois historiadores antigos, Heródoto e Tucídides, foi pautada pela *autopsia* (αυτοψία, observação direta, “ver por si mesmo”). O “ver” e o “ouvir” tomavam lugar supremo no conhecimento histórico. “O conhecimento deve ser baseado em autópsia e organizado com base nos dados que ele fornece. Dos dois meios de conhecimento histórico, o olho (*opsis*) e o ouvido (*akoe*), apenas o primeiro pode levar a uma visão clara e distinta (*saphos eidenai*).” (HARTOG, 2005, p. 76 *apud* SOARES, 2010, p. 489). Portanto, pode-se afirmar que, para os historiadores antigos, “O saber histórico é exclusivamente o ver” (DOSSE, 2012, p. 17).

Segundo Soares (2010), Tucídides confere a mesma validade ao conhecimento direto, tanto seu próprio quanto ao de terceiro.<sup>183</sup> Mesmo com acesso a materiais escritos, que

<sup>183</sup> Soares (2010) se coloca em linha com Hartog (1980, p. 282), segundo o qual “Para Tucídides, o conhecimento histórico é baseado principalmente na ópsis (ou eu já vi isso, ou eu pergunto a alguém que viu, e em ambos os casos podemos falar sobre ópsis)” e em contramão do que supunha Momigliano (1992, p. 48), para o qual Tucídides “creditava primeiro no que via com os olhos e no que ouvia com os ouvidos antes de considerar

podiam ser manipulados e dos quais se poderiam extrair informações relevantes para a investigação (ιστορία), Tucídides e Heródoto consideram marginal essa fonte de informações, embora esporadicamente se encontrem alusões a textos, e preferiam o testemunho direto (DOSSE, 2012, p. 10-12). De acordo com Soares (2010), essa preferência explica-se “pela opção por uma história do presente ou do passado próximo, a única que permitia um mínimo de objectividade.” (p. 493).

Contudo, a diferença entre Tucídides e Dícitís reside na, digamos, “cientificidade”. Se para Tucídides toda informação tinha de passar por um escrutínio crítico que filtrasse a “verdade” nas diferentes versões de um mesmo relato,<sup>184</sup> para Dícitís essa desconfiança nem chega à mente e isso se explica pelo fato de que quem relata os feitos a ele é, pretensamente, digno da mais fiel credibilidade, pois são nobres comandantes (Ulisses e Neoptólemo, por exemplo).

Ainda diferem no objetivo final. Tucídides considera que a memória é uma matéria para história e não a história em si: “A história não se limita a ser memorial, mais do que isso é investigação da verdade” (SOARES, 2010, p. 500); Dícitís, ao revés, tem em foco apenas a conservação da memória dos fatos e feitos (*memoriae mandare*).

Uma última convergência entre Tucídides e Dícitís a se salientar respeitante ao método historiográfico consiste no termo usado para designar a obra ou, antes, seu fazer.

Tucídides de Atenas **reuniu por escrito** [ξυνέγραψε] a guerra dos Peloponésios e dos Atenienses, como guerrearam uns contra os outros, começando a escrever logo aos primeiros sinais, por ter pressentido que esta havia de ser a de maiores proporções e mais memorável das guerras havidas até aí [μέγαν [...] καὶ ἀξιολογώτατον τῶν προγεγενημένων](Tuc.I.1 *apud* SOARES, 2010, p. 410; **grifos nossos**)

Tucídides, como bem se sabe, não faz uso do termo história<sup>185</sup> para tratar da sua obra. Soares (2010) explica que Tucídides, com o foco na epistemologia fundada na autópsia, rejeita a palavra *historia* em favor do verbo *syngraphein*. “*Historerein* e *semainein* não são pretensões suas. Não almeja ser como o aedo nem como o adivinho ou o *histor* e, no entanto, ele dá origem a um novo tipo de *histor*, um novo 'mestre da verdade'.”, mas outra é a

---

o que testemunhas confiáveis diziam”.

<sup>184</sup> “O empenho em apurar os fatos se constituiu numa tarefa laboriosa, pois as testemunhas oculares de vários eventos nem sempre faziam os mesmos relatos a respeito das mesmas coisas, mas variavam de acordo com suas simpatias por um lado ou pelo outro, ou de acordo com sua memória.” (Tuc.I.22).

<sup>185</sup> Heródoto é o primeiro a usar o termo “história”: “Esta é a **exposição das investigações** [ιστορίας ἀπόδειξις] de Heródoto de Halicarnasso, para que os feitos dos homens se não desvançam com o tempo, nem fiquem sem renome [ἀκλεῖα] as grandes e maravilhosas empresas [ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά], realizadas quer pelos Helenos quer pelos Bárbaros; e, sobretudo, a razão por que entraram em guerra uns com os outros” (Heródoto, I.1 *apud* SOARES, 2010, p. 410; **grifos nossos**). Tucídides, seu sucessor, não a usa (apesar que o tradutor Mário da Gama Kury verte as primeiras palavras de Tucídides como segue: “O ateniense Tucídides **escreveu a história** da guerra entre os peloponésios e os atenienses [...]”).

pretensão de Tucídides, já que “sua obra não se apresenta como a exposição de uma *historia*, mas como uma inscrição, uma redacção ou composição para sempre.” (SOARES, 2010, p. 422-423). A própria palavra *syngrapho* abriga a ideia de “organizar por escrito” algo que em outra forma já existia e, via de regra, usava-se essa expressão para descrever composições em prosa; modernamente, seu uso e os de seus cognatos tomaram como referência textos técnicos<sup>186</sup> ou com pouca intenção literária, reflexos do seu sentido literal, o qual servia para referir-se a acordos diplomáticos, documentos legais ou constitucionais, contratos, obras de carácter técnico - como tratados de medicina, planos arquitetônicos, tratados de retórica e, por fim, narrativas históricas; não tinha, de modo algum, remissão a ideias de criação e imaginação (SOARES, 2010, p. 423). Contudo, a exploração das possibilidades e limites da escrita empreendida pela historiografia permitiu que o *syngraphéus*, já no segundo século sinônimo de *historiador*, tornar-se modelo do prosador ou do escritor em geral. Em um jogo especular ou dialógico, essa exploração foi inserida no novo gênero, o romance, salientando determinadas posturas quanto ao papel do autor, do narrador e do leitor (BRANDÃO, 2005, p. 112). Assim, tanto Tucídides quanto Cáriton se propõe a “organizar por escrito”, *syngraphhein*.

O autor grego de *Ephemeris* age de forma semelhante. Temos, graças ao achado dos papiros, o testemunho do verbo que constaria no texto original. Reproduzimos os fragmentos gregos a partir da edição de Peinado (2015) e apomos a eles o referente no texto de Septímio, seguido de nossa tradução:

POxy. 4944, fr. 1.III 93-95 y 105-8

ταῦτα δὲ ἐγ[ὼ **συγγραψάμην**,] Δίκτυ[ς] Κνώτσι[ος, Ἴδομενεῖ] συνεπ[ό]μενος [. . . . .] .  
 . . τὰ μὲν οὖν συμβ[άντα τοῖς Ἑλ]λησι καὶ τοῖς βαρ[βάροις πάν]τα εἰδὼ[ς α]ὐ[τὸς  
**συγγραψάμην**. (**grifos nossos**)

Haec ego Gnosius Dictys comes Idomenei **conscripsi** oratione ea, ... igitur ea, quae in bello evenere Graecis ac barbaris, cuncta sciens perpessusque magna ex parte **memoriae tradidi**. De Antenore eiusque regno quae audieram **retuli**. (V, 17)

Essas coisas eu, Díctis de Cnossos, companheiro de Idomeneu, **compus** com o estilo que [...] Portanto, todas essas coisas que aconteceram na guerra aos gregos e aos bárbaros, confiei à memória, tendo eu conhecido e passado por grande parte delas. Acerca de Antenor e de seu reino, **relatei o que ouvira**.

Como podemos notar, o termo usado **συγγραψάμην** é o mesmo que Cáriton e

<sup>186</sup> Em português, segundo o dicionário Aulete online, *síngrafo* é um “escrito particular, que não só é assinado pelo devedor, mas também conjuntamente pelo credor ou por outras pessoas para completa segurança.”. Essa definição não está longe do sentido epistemológico de Tucídides se colocarmos em perspectiva o seu método de unir a própria experiência pessoal e direta a experiências diretas de outros em uma obra em prosa que busca a “completa segurança” da veracidade dos fatos do evento tal qual eles existiram.

Tucídides usaram.<sup>187</sup> Em latim, Septímio usou *conscribere* (que aparece também na epístola e no prólogo) em um momento e no segundo momento *referre*, provavelmente para evitar a repetição do termo.<sup>188</sup> *Conscribere* mantém o mesmo sentido e também a mesma estruturação morfológica que *syngraphein*, constituídos de um prefixo preverbal (*syn, con*) somado a uma base (*graphein, scribere*). Os tradutores propuseram diferentes versões para o termo *conscribere*. Frazer (1966) usa “to write”, Vega e López (2001), “escribir”; Enrico Cerroni (*in* LELLI, 2012) usa para a epístola “comporre” e para o prólogo “scrivere” e M. Ciolfi (*in* LELLI, 2012) para a *sphragis* usa também “scrivere”; Compagnoni (1819) “scrivere”; Caillot (1813) se usa de “écrire” no prólogo, “donner” e novamente “écrire” para a *sphragis*; Troca Pereira (2016), “escrever” para a epístola, “redigir” para o prólogo e “registar” para a *sphragis*; em nossa tradução, na falta de uma palavra em português que mantenha o mesmo nível de equidade estrutural e semântica, optamos por “compor”,<sup>189</sup> já que mantém o prefixo correspondente (embora não a base) e, em seu conjunto, o resquício significativo de “estruturação de uma obra escrita”. Os testemunhos bizantinos acerca de Díctis elencados por Peinado (2015, p. 265-266) revelam que esse personagem teria escrito/composto um diário/registro da guerra de Troia:

Δίκτυς· ἱστορικός. ἔγραψεν Ἐφημερίδα (Suidas, 1)

Δίκτυς ὁ ἐκ τῆς Κρήτης ὑπεμνημάτιζε μετὰ ἀληθείας τὰ προγεγραμμένα καὶ τὰ λοιπὰ πάντα τῶν ἐπὶ τὸ Ἴλιον ἐπιστρατευσάντων Ἑλλήνων (Malalas. Chron. V. 10.63-5)

τὰ τῆς μάχης γράψαι (Tzetzes, Chil. V, Hist. 835)

ὑπέγραψε καὶ ἀκριβῶς ὑπεμνημάτιζε (Cedrenus, Compendium historiarum 1.223.5)

παρὰ Δίκτυι τῶι γράψαντι τὰ Τρωϊκά (Schol. in Homeri Iliadem A 108.10-11)

ὡς Δίκτυς ἐν ταῖς ἐφημερίαι (Syrianus, Scholia ad Hermogenis librum 4.43.3)

οὗτος συντέθεικεν ἐφημερίδα τοῦ Τρωϊκοῦ πολέμου (Eudocia, 1-2)

τὸ σύνταγμα τῆς ἱστορίας Δίκτυος, τὸν Τρωϊκὸν περιέχον πόλεμον (Zonaras, Lex., p. 507.4-5)

À semelhança do que ocorre em *Quéreas e Calírore*, o narrador Díctis seria um “escriva”, “notário”, “secretário” de Idomeneu, conforme atesta Cedreno: Ἰδομενέως τοῦ

<sup>187</sup> Em *Onos* de Pseudo-Lúcio de Patras também se lê ao final que o narrador em primeira pessoa se identifica como “escritor de histórias”, *historion eimi syngrapheus* (Graverini, 2004, p. 232), que no texto apuleiano é referido em dois momentos (Apul. Met. II, 12 e XI, 27), mas não consta essa expressão exata.

<sup>188</sup> A construção *memoriae tradidi* ou sua variante *memorare* é constante na tradução de Septímio e, via de regra, funciona como expressão de organização textual usado para assinalar algum fato já mencionado (e.g. Eph. I, 4: *Igitur Antenor, cuius de sanctitate morum supra memoravimus*; Então, Antenor, cujo sublime respeito pelos bons costumes a pouco citamos).

<sup>189</sup> O dicionário Faria (1994, p. 133, c.3) dá “conscreever” como significado possível para *conscribere*, contudo é inadequado ao caso, pois se apresenta apenas como sinônimo de “alistar recruta”, o que foge em muito de nosso campo semântico específico. De resto, o “compor”, apesar de servir em português para se referir a qualquer obra escrita, etimologicamente falta a remissão direta ao vocábulo “escrever” conservado no termo latino.

προμάχου τῶν Ἑλλήνων ὑπογραφεὺς ἦν ὁ Δίκτυς, “Do contingente do comandante dos gregos Idomeneu, fazia parte como secretário Díctis.”<sup>190</sup> Essa circunstância, conforme Brandão (2005, p. 114-115), no que tange Cáriton, e nós a assumimos para *Ephemeris*, confere à sua obra um caráter documental e ao narrador um estatuto oficial de *escritor*, um especialista na linguagem escrita.

Por outro lado, Movellán Luis (2015), ao tratar da figura de Díctis, recorda a passagem da *Odisseia* em que Ulisses se comove com a canção de Demódoco na corte dos feácios. O herói grego declara que o poeta cantara como se estivesse presente ou tivesse ouvido de alguém que estivera (“...tão conforme a ordem, dos aqueus, o infortúnio cantas,/ Como se tu próprio o tivesses presenciado, ou de um outro ouvido”; HOMERO, *Odisséia*, VIII, 489-490), exatamente os critérios da metodologia histórica.

Há, ainda, uma fortuita ligação entre Ulisses e Díctis, pois uma das personalidades assumidas pelo herói da *Odisseia*, sobre o qual pairava uma fama de mentiroso, é a de cretense. Tanto Frazer (1966) quanto Movellán Luis (2015) e outros autores supõem que o nome “Díctis” derive de *Dicte*, nome de uma famosa montanha em Creta, pois “dictense” é também um gentílico para os cretenses. Para Movellán Luis (2015), o suposto Díctis, sendo cretense no ambiente da Segunda Sofística (a partir do séc. II), levantaria suspeitas, já que, mesmo que não haja relação direta entre ele e o “Ulisses cretense e mentiroso”, era certamente uma referência que poderia contribuir para a criação da dúvida, haja vista a existência de um ditado de Epimênides pelo qual se apontavam todos os cretenses como mentirosos e o mesmo se lê na epístola de Paulo a Tito (1, 2).

Além de Apuleio e Cáriton, a ficção contemporânea a *Ephemeris* conta em seu acervo com outras obras em que é empregado o recurso de um personagem narrador em primeira pessoa que toma ciência dos fatos por ter participado de um evento ou por ter sabido dele por quem nele participou efetivamente. De postura anti-homérica, por exemplo, temos: Corino e Palamedes se apresentam como testemunhas oculares da guerra; Díon Crisóstomo em sua *Troica*; Luciano em uma passagem do Galo; em *Heróico* de Filóstrato; Ctésias e Jâmbulo (PEINADO, 2015, p. 457- 458). Não se pode deixar de mencionar *De Excidio* (12): *Dares Phrygius, qui hanc historiam scripsit, ait se militasse usque dum Troia capta est, hos se vidisse, cum indutiae essent, partim proelio interfuisse, a Dardanis autem audisse qua facie et natura fuissent Castor et Pollux*; “Dares Frígio, que escreveu esta história, informa que combateu até o momento em que Troia foi tomada, e que viu as

---

190 Versão do texto grego a partir da tradução italiana: “Del contingente del comandante dei Greci Idomeneo faceva parte in veste di segretario Ditti” (LELLI, 2015, p. 969).



peessoas que estavam presentes quando houve tréguas e quando houve prélio. Por outro lado, como Castor e Pólux eram de aparência e de caráter, ouvi dos dêrdanos”.

A própria ideia de *saber* em grego tinha relação direta e etimológica com o *ver*. A exemplo disso, seguindo Brandão (1999), a construção dos seguintes versos da *Ilíada* constata um paralelismo em que se contrapõe a posição das Musas e do poeta.

Dizei-me agora, ó Musas que no Olimpo tendes vossas moradas —  
pois sois deusas, estais presentes e todas as coisas sabeis, ao passo que a nós chega  
apenas a fama e nada sabemos —,  
quem foram os comandantes dos Dânaos e seus reis (II.II.484-487)

Para o autor, a estrutura praticamente opõe poeta e Musa palavra por palavra, porque igualmente se contrastam a oposição entre *hymeîs* (vós) e *hemeîs* (nós) e entre *páreste* (estais presentes) das Musas e *akoúomen* (ouvimos) do poeta. As Musas sabem de tudo (onisciência) porque tudo viram (onividência) enquanto os humanos nada sabem porque não têm visto. Segundo explicação de Brandão (1999), os verbos empregados para expressar *saber* (*íste* e *ídmen*) são resultativos de *ver*, o que implica que saber algo se equivale a “ter algo visto”, não só “ver”, mas, sim, o resultado final dessa ação. Brandão (1999) afirma categoricamente que tal “detalhe etimológico representa mais que simples curiosidade: marca uma postura tipicamente grega relativa ao estatuto do conhecimento” (p. 20, n.24). Ao humano resta apenas a fama, o rumor (*kléos*), que ouvimos (*akoúomen*). Assim, Demódoco na *Odisseia*, quanto ao ver, tem dúplice sorte, pois: “a ele a Musa muito amou e deu tanto um/ bem, quanto um mal: dos olhos privou-o e deu-lhe agradável canto.” (HOMERO, *Odisseia*, VIII, 62-64). E nesse exato ponto, uma vez mais, encontra-se uma divergência entre épica e história:

Inspirado pela Musa, o aedo que relata a *Ilíada* “via” o que se passava entre os Aqueus e os Troianos. Heródoto, exilado, também se dá por missão narrar os feitos bélicos dos dois oponentes. Tucídides, depois de uma campanha desastrosa, encontra no exílio essa mesma possibilidade de assistir aos acontecimentos nos dois campos. [...]. O preço desta disponibilidade e desta abertura para o aedo, a fazer fé na tradição, era a cegueira, para os historiadores o exílio. A cegueira para um era sinónimo de imparcialidade, o exílio para outros era condição de imparcialidade. (SOARES, 2010, p. 427)

Portanto, o “ver” e o “saber/conhecer” desde Homero estavam relacionados, e reforçados ainda mais em Tucídides, performados na tragédia,<sup>191</sup> amplificados pela vertente

<sup>191</sup> Na peça euripídiana *Ifigênia em Áulis*, por exemplo, o mensageiro, ao relatar a Clitemnestra os eventos maravilhosos que ocorreram para com a filha da rainha, exclama: “Eu, **presente** ao grande milagre, e **testemunha** / dos acontecimentos, posso confirmar: / sem qualquer dúvida tua filha voou / em direção aos deuses bem-aventurados! (EURÍPIDES, 2005, vv.2240-2244; **grifos nossos**). Pelas expressões “estar presente” e “ser testemunha” fica patente a autopsia e a conferência de credibilidade a quem “vê” os eventos e dele participa *in loco*, mesmo que apenas como espectador.

historiográfica da autobiografia, atestados por relatos e pseudorrelatos de viagens, apropriados e, por fim, extrapolados pela prosa ficcional em obras de teor satírico-cômico e pseudo-historiográficos, como observado anteriormente. A primeira pessoa, o *ego narrative*, o “dizer de si”, o “relatar o que viu ou presenciou”, pode ser considerado a âncora mais segura da veracidade dos fatos. Não é por acaso que, em investigações criminais, a testemunha seja assim tão crucial; e, também, não é por acaso que a história tem suas analogias e diálogos com o direito, pois o historiador é juiz (ele julga a veracidade das informações) já que *historien*, em grego, é *inquirir*. Portanto, porque presenciou a guerra, Díctis podia, de modo superlativamente verdadeiro, relatá-la.

Cabe, ainda, considerar que o nome Díctis não aparece nem na *Ilíada* nem em outro relato em referência à Guerra de Troia anterior ao século II de nossa era. Para Movellán Luis (2015), por um lado, o uso de um nome não constante na tradição pode responder a intenções lúdicas da narrativa de mostrar como Homero é pouco confiável, pois ignoraria o que havia de ser a mais verídica testemunha do relato; enquanto que, por outro lado, o nome fictício, sem precedentes, permitiria que o autor configurasse melhor a personalidade de seu narrador, inédito como personagem.

Por fim, Díctis não é somente ficcionalizado por meio de sua própria voz. Há o processo de ficcionalização do narrador e autenticidade de sua autoridade também nos paratextos (GENETTE, 2009) da obra: no **prólogo**, alógrafo, que seria atribuível a um “editor”, provavelmente tão fictício quanto o “autor” Díctis, e na **epístola** do tradutor romano Lúcio Septímio, ambos já analisados. Toda a ficcionalização que ocorre nos paratextos apontam para a consideração do relato que introduzem como “a verdadeira história da Guerra de Troia”, pois narrada por uma testemunha dos eventos, Díctis, soldado que presenciou tudo *in loco* e, assim sendo, capaz de contar com maior veracidade e confiabilidade (*quoniam ipse interfui, quam verissime potero exponham*, “porque eu mesmo estive, poderei com bastante verdade expô-las.” Eph. I, 13; *cuncta sciens perpessusque magna ex parte memoriae tradidi*, “confiei à memória, tendo eu conhecido e passado por grande parte delas.” Eph.V, 17). A acumulação das “mentiras subsidiárias” nesses paratextos, segundo Movellán Luis (2015), cria efetivamente a atmosfera necessária para a inclinação do público à leitura do texto, não só por contribuírem para a naturalização da ficção, apresentação de um relato plausível e a configuração de um “autor histórico”, mas também (e talvez mais) por instigarem o leitor ao avanço na narração. Essa incitação do leitor contida nesses paratextos se aproxima da análise que Motta (2006) faz, seguindo os “Bosques Possíveis” de Umberto Eco, do acordo ficcional que o leitor aceita ao se inserir no diálogo

com a obra.

Certamente o “editor” do prólogo é criação do autor empírico grego de *Ephemeris*, mas o tradutor Septímio não o é de forma alguma. Se Septímio confiou ter traduzido um documento escrito verdadeiramente pelas mãos de um grego combatente em Troia conservado por um “editor” da época neroniana ou se ele, de modo bastante espirituoso, preservou em sua epístola a ficção que flagrava naquele texto que tinha em mãos, não se pode saber ao certo. A configuração labiríntica em que essa obra é tomada, jogando com as possibilidades filológicas, mantém o seu artil na época medieval, na qual servirá ao Ocidente, junto a *De Excidio*, como fonte primordial para a matéria troiana, já que as obras gregas, e com elas Homero principalmente, sofriam um ostracismo graças ao desconhecimento do idioma grego. Dares e Díctis serão, com efeito, contados entre os historiadores antigos, ao lado de Tucídides e Heródoto.

A autorização do personagem-narrador como autor em *Ephemeris* deve-se tanto às características historiográficas apropriadas no interior do texto (a presença de um narrador de primeira pessoa testemunha, a metodologia da *autopsia*, o modo de relatar sem pretensão literária, seguindo de modo cronológico e propondo uma totalidade; a relativa ausência do divino; etc.) quanto à narrativa elaborada nos e entre os seus paratextos (o texto perdido e posteriormente reencontrado; a escrita “estranha”; a importância do conteúdo do texto e sua preservação por meio da tradução; etc.). Conclui-se que a construção desse narrador como definida aqui e somada à ausência (talvez proposital) da nomeação ou mesmo do conhecimento do escritor de “carne e osso” promove a assunção equivocada do narrador ficcionalizado ao estatuto de autor empírico, uma vez que um enunciado precisa ter um enunciador. Assim se confundem voz enunciativa do interior da obra ao enunciador, misturam-se narrador e autor a um personagem ficcional.

### **3.5. A presença do divino em *Ephemeris belli Troiani***

Por volta de quatro ou três mil anos antes de Cristo, já se formavam as sociedades complexas, nas quais existe a escrita e um governo centralizado, organizado em uma hierarquia social. Nelas, as fontes históricas mais remotas são as inscrições e os registros religiosos ou oficiais. Dentre elas se destacam a sociedade egípcia e a mesopotâmica. Eram governos em geral monárquicos e o poder e autoridade era sempre de origem divina. Reis eram a representação dos deuses e eram eles que tomavam todas as decisões. Seus atos e

deliberações eram registrados nos *anais*, os primeiros registros voluntários com intenção de testemunho de um presente que se tornara um passado guardado para um futuro. Eram de teor pura e explicitamente político (BORGES, 1993, 11-18). Era, então, o início, bastante primevo, da documentação histórica.

Nos primórdios, o mito se perpetuava como o “registro do mundo”. Com suas narrativas habitadas por deuses e heróis (homens um grau acima do humano), a mitologia apresenta a “origem das coisas” e a “verdade absoluta” do universo. O mito é impessoal e intemporal, absoluto no mais próprio, pois ele se caracteriza como “um relato vindo do fim dos tempos e que já existiria antes que um contador qualquer iniciasse sua narração”, cujas condições de existência e sobrevivência são a memória, a oralidade e a tradição (VERNANT, 2000, p. 12). O mito passa a ser poetizado na voz dos aedos como Homero, que não só o emprestam da tradição, mas que se tornam donos parciais deles e, por consequência, tornam-se a tradição quanto ao mito, já que se compuseram obras que deram certa fixidez às versões míticas, principalmente epopeias. E nisso reside a diferença entre o mito vívido e o mito redivivo na literatura (o mito poetizado). Vernant (2000, p. 13) explica que o relato mítico é polissêmico, “comporta variantes, versões múltiplas que o narrador tem à sua disposição, e que escolhe em função das circunstâncias, de seu público ou de suas preferências”. Esse narrador pode cortar, modificar, acrescentar, substituir elementos conforme lhe convier. O mito ligado à tradição oral está sempre “parcialmente aberto à inovação” (VERNANT, 2000, p. 12). Mas, a nosso ver, o mesmo se pode dizer do mito poetizado que é tão passível à plasticidade quanto a sua face oralizada. O mito redivivo pode, também ele, ser “revivido”, atualizado.<sup>192</sup>

A frequência da explicação mítica, no seu reproduzir, recontar e recopiar levou ao questionamento de sua validade. A verdade que oferecia a explicação mítica parece ofuscada por um envoltório fabuloso. Nasce, nessa crítica, a filosofia e, desta, a história. A história surge na Grécia, em certa medida, “*contra* o mito” (VERNANT, 2000, p. 11) em um processo de transpor a consequência da vida (o destino) dos fatores sobre-humanos, de responsabilidade divina, para fatores humanos. (BORGES, 1993, p. 20).

Todavia, ao contrário do que se pode pensar, a história não se sobrepôs ao mito e o eliminou como explicação do mundo, nem na Antiguidade, nem nos dias de hoje. Heródoto e Tucídides tiveram que lidar com o mito, pois para os gregos o “tempo dos deuses” era também parte da sua própria história. Dessa forma, por exemplo, “Tucídides investiga o

---

<sup>192</sup> A exemplo das várias reescrituras dos mitos poetizados, como a recente *Troy: fall of a city*, série da Netflix.

*tempo dos deuses* como se *tempo dos homens* se tratasse, mas sem provas que o ajudem a descobrir a verdade.” (SOARES, 2010, p. 497). Esse historiador assume, por exemplo, a existência inquestionável de Minos, que teria sido o primeiro a possuir uma armada; para ele, também a Guerra de Troia existiu de fato, mas foi em muito engrandecida pelo cantar dos poetas, motivo pelo qual, então, ele tem que revê-la e corrigi-la. Os historiadores, como os filósofos, buscavam encontrar uma explicação racional para os relatos míticos.

Fato crucial para a mudança no sentido da busca pela verdade é a colocação do homem, e não mais da divindade, como motor da história. Mesmo não havendo intervenção das deidades, vislumbra-se em Heródoto a presença divina na concepção de processo histórico como “um estado de equilíbrio cuja ruptura exige o restabelecimento da situação anterior. A *hybris* dos homens provoca a *phthonos* da divindade, que pune impiedosamente aquele que sobressai”. Já em Tucídides, alinhado aos filósofos jônios como Empédocles, Anaxágoras e Leucipe, encontramos um historiador “muito mais racional e humanista” e, em consequência disso, “na sua obra não há lugar para a divindade, apenas para os homens.” (SOARES, 2010, p. 409). A retirada da capacidade explicativa por meio da intervenção divina leva à procura de explicações racionais para fenômenos que normalmente eram vistos como resultados da mão de algum nume. Embora o historiador ainda manifeste respeito pelas normas morais e religiosas, ficam em dúvida quanto a oráculos, eclipses, fenômenos atmosféricos, epidemias, etc. Mesmo baseada na racionalidade e em explicações que apelavam para a inteligência humana, a história não escapou da “subalternização relativamente à poesia lírica, trágica e épica (todos os gêneros que punham em cena grandes acontecimentos do passado)”, o que se explica “pelo pouco valor, quase desconsideração, que os Gregos nutriam pela historiografia em oposição à grande consideração que tinham pelo mito.” (*op. cit.* p. 543).

Com efeito, o mito se situa no interregno da história e da ficção. Divide com a história a busca pela verdade e com a ficção a invenção livre ou a liberdade na forma como comunicar uma verdade. Os três são relatos e somente se diferem em relação à “certeza”, que é plenamente positiva na história, plenamente negativa na ficção e nula na mitologia. (ELVIRA, 2000, p. 12). Assim, o romance como gênero aberto que se aproveita de outros gêneros literários ou mesmo paraliterários também se usou do mito em diferentes aspectos (CUEVA, 2004). Nesse sentido, portanto, merece nossa atenção o tópico da racionalização do mito em *Ephemeris*, característica primordial dessa narrativa. Na esteira de Elvira (2000), nossa obra entra na vertente da “pseudorracionalização”, cuja pretensão é descobrir, nos mitos, feitos triviais da vida corrente transformados em prodígios ou em raridades por qualquer tipo de alteração ou mal entendido produzido pela transmissão do relato originário. Mais que somente

uma pseudorracionalização, *Ephemeris* entra na definição de “supercheria” ou “invenção pseudo-histórica”, caracterizada por um conteúdo tão imaginário ou irreal como o da ficção, mas com pretensão de veracidade real própria da história e do mito. Para nós, serão relacionáveis aos mitos as manifestações ligadas às divindades e será esse aspecto que observaremos, embora não exaustivamente, nesta seção.

Como já afirmamos *passim*, a postura de *Ephemeris* para com os deuses é de afastamento. Contudo, o que observamos de fato é uma secundarização dos deuses e uma mudança de postura quanto a sua existência. O racionalismo de *Ephemeris* está em desfigurar quase completamente a realização divina (frente à tradição) e em “descorporificar” as deidades. Serão esses dois processos o foco de nossa observação aqui, levando em consideração a relação entre humano e divino.

Essa abordagem se encontra na própria tensão da crítica contundente dos primeiros textos em prosa dos pensadores jônicos. “A longa e complexa elaboração da noção de ‘*physis*’ cria as exigências de uma nova racionalidade, que gera sucessivas hipóteses sobre a natureza dos deuses e do divino.”, e nessa esteira “Em vez de apresentar o mundo divino, como as narrativas mitológicas, a nova reflexão procura dar um sentido ao divino.” (LOPES, 2010, p. 378). Alvo dessas reinterpretações foi, em especial, Homero.

A distinção entre as novas interpretações de Homero e as teorias sobre a *physis* sugere que os dois procedimentos obedeceram a intenções distintas: a exegese de Homero resulta do distanciamento ocorrido entre as práticas religiosas do período arcaico e as crenças apresentadas na *Ilíada* e na *Odisséia*. Já as teorias sobre a *physis* pretendem explicar uma realidade que passou a demandar explicações impessoais. Portanto, a interpretação da religião homérica não é fruto da vitória do modo de pensar racionalizante sobre as crenças antropomórficas, mas, sim, de uma mudança mais definitiva que teria suscitado novas concepções da relação do homem com a realidade. A partir de então, a realidade aparenta uma autonomia jamais imaginada, deixando de lado a intervenção divina e apresentando fenômenos totalmente impessoais. (LOPES, 2010, p. 383)

É notável a filiação de *Ephemeris* a esse pensamento que despoja as divindades não só da sua antropomorfização, mas também e quase totalmente da faculdade de agente. Em *Ephemeris*, o episódio de Ifigênia parece ter a maior concentração da potência divina e, assim como no caso da ofensa a Crises, a ação da deidade “por trás das cortinas” influencia na narrativa. Contudo, deve-se observar que nesses relatos duas são as peculiaridades: a primeira é que não se trata de uma ação propriamente dita, mas uma reação em forma de penitência; a segunda é que Díctis fornece duas explicações, uma ligada a um deus e outra a um fato natural, mas sem se decidir por qualquer uma delas.

No episódio do sacrifício de Ifigênia, os gregos estão preparando a esquadra para ir até

Troia, quando, nesse meio tempo, Agamêmnon se afasta e, não observando o fato de que estava em lugar sagrado, transpassa com sua lança um animal querido à deusa Diana. Em seguida narra-se que: *Neque multo post irane caelesti an ob mutationem aeris corporibus pertemptatis lues invadit*; “E não muito depois, pela ira celeste ou por causa da mudança da atmosfera, uma peste invadiu os corpos” (Eph.I, 19). Claramente a dúvida quanto a peste (*lues*) se explica pela ira da divindade (*ira caelesti*) ou por um fenômeno da natureza (*mutatio aeris*). A segunda opção, no entanto, no seguimento da narrativa será descartada, já que uma certa mulher (*mulier quaedam*), “cheia de deus” (*deo plena*) irá anunciar a ira de Diana, que nascera da morte do seu animal sagrado (*necem capreae, qua maxime laetabatur*) para qual o único modo de ser apaziguada, a pena para esse sacrilégio (*sacrilegii poenam ab exercitu expetere*), era o sacrifício da filha mais velha do assassino daquele animal (*auctor tanti sceleris filiam natu maximam vicariam victimam immolavisset*).<sup>193</sup>

Praticamente a mesma estrutura observa-se quanto ao episódio de Apolo. Havia Agamêmnon recebido como prêmio Astínome, filha de Crises, sacerdote de Apolo. O velho vai até o rei grego solicitar o resgate da filha, mas Agamêmnon se obstina a não devolvê-la, mesmo Crises oferecendo riquezas e apelando para a religiosidade, portando consigo imagens do templo (Eph. II, 28). Ofendido, o sacerdote volta para sua casa.

[...] *neque multi fluxerant dies, incertum alione casu an, uti omnibus videbatur, ira Apollinis*<sup>194</sup> *morbis gravissimus exercitum invadit principio grassandi facto a pecoribus, dein malo paulatim magis magisque ingravescente per homines dispergitur.* (Eph. II, 30)<sup>195</sup>

[...] não correram muitos dias, uma doença gravíssima invadiu o exército, primeiramente alastrando-se a partir do gado e depois, com o mal paulatinamente se agravando mais e mais, dispersou-se por entre os homens, não se sabe ao certo se por outro fator ou, conforme parecia a todos, por ira de Apolo.

Ao contrário da outra passagem, aqui não há designação da possibilidade natural, mas apenas a dúvida (*incertum alione casu*) ao lado da explicação divina (*ira Apollinis*), para qual mais estava inclinado o exército (*uti omnibus videbatur*). Díctis, no entanto, como narrador, não se decide por uma ou por outra explicação, apenas continua o relato, sem mais

<sup>193</sup> Como bem observa Vega & López (2001) e também Troca Pereira (2016), na a versão tradicional épico-trágico as circunstâncias desse episódio são outras. Na tragédia não se alude ao impedimento da viagem a Troia tal como se narra em *Cíprias*, na qual é o “mal tempo” que impede a partida grega, e não uma peste assoladora. Nesse poema épico resumido por Próclo também lê-se que Agamêmnon não só matou o animal mas também se afirmou ser melhor caçador que a própria Ártemis e que é Calcas, e não uma mulher desconhecida, quem anuncia a fúria divina. cf. GATTI, 2012, 136-137.

<sup>194</sup> Encontra-se a mesma construção nos papiros: “[...] διὰ μῆνιν τινα [θεῶν] νόσου ἐμπεσοῦσης [τὸν Α]πόλλωνα αἴτιον ἐνό[μιαν] οἱ λαοὶ εἶναι [...]”. cf. PEINADO, 2015.

<sup>195</sup> cf. *Ilíada*, I, 35-53.

comentários. À semelhança do outro episódio, porém, as circunstâncias deste demonstram que a explicação mais “cabível” seria mesmo a divina, já que misteriosamente nenhum dos reis foram atingidos pelo mal (*Sed regum omnino nullus neque mortuus ex hoc malo neque adtemptatus est.*). Corolário dessa posição, segue o pronunciamento de Calcas:

*Hoc modo Calchas, ubi cunctorum animos in se conciliavit, Apollinis iram pronuntiat: eum namque ob iniuriam sacerdotis infestum Graecis poenas ab exercitu expetere. Dein perquirente Achille mali remedium restitutionem virginis pronuntiat. (Eph. II, 30)*

Desse modo, Calcas quando reuniu os ânimos de todos para si, pronunciou a ira de Apolo: o fato era que ele, hostil aos gregos por causa da injúria do sacerdote reivindicava as penas às custas do exército.

A ira de Apolo só se aplacaria quando devolvida a filha de seu sacerdote. Depois de muito se contrapor, Agamêmnon foi convencido pelas investidas de Aquiles. O rei grego aceita devolver Astínome com a condição de em troca recebesse a cativa que vivia com Aquiles, Hipodâmia. Aquiles, por amor ao exército (*tantus amor erga exercitum*), aceita.

*Interim Astynomem Graeci per Diomedem atque Ulixem cum magna copia victimarum ad fanum Apollinis transmisere. Dein perfecto sacrificio paulatim vis mali leniri visa, neque amplius adtemptari corpora et eorum, qui antea fatigabantur, tamquam sperato divinitus levamine relaxari. Ita brevi per universum exercitum salubritas vigorque solitus renovatus est. (Eph. II, 33)*

Nesse ínterim, os gregos, por intermédio de Diomedes e Ulisses, levaram Astínome com grande abundância de vítimas ao templo de Apolo. Depois, consumado o sacrifício, via-se que paulatinamente a força do mal ia se abrandando e não mais eram afligidos os corpos, e os daqueles, que antes eram fatigados, iam sendo curados como por um alívio esperado dos deuses.

Movellán Luis (2015) propõe que a pretensão do autor de *Ephemeris* em apresentar uma versão da Guerra de Troia através de um discurso historiográfico é motivo para atender ao argumento da causa-consequência e descartar a vontade divina. Nesse respeito, a pesquisadora afirma que a obra se alinha com diversos autores, como os historiadores de Heródoto a Lívio. Cita ainda Plutarco que, na mesma época, quando tratava de historizar as vidas de Teseu e Romulo, declara quanto à depuração do mito: (Teseu, 1.5): “[...] εἴη μὲν ὁ ὄν ἡμῖν ἐκκαθαίρομενον λόγῳ τὸ μυθῶδες ὑπακοῦσαι καὶ λαβεῖν ἱστορίας ὄψιν.”, “... eu gostaria que estivesse em nossas mãos que, depurado pela razão, o tom mítico cederia e assumiria o aspecto da história” (*apud MOVELLÁN LUÍS, 2015, p. 218, n.635*). Concordamos com a autora quanto à existência de uma convicção da possibilidade de purgação ou depuração do mítico (sinônimo de sobrenatural, sobre-humano) presente nos relatos mais antigos da história da Grécia (e de Roma). Estavam, contudo, presentes nesses mesmos relatos oráculos,



prodígios e outras demonstrações da religiosidade cotidiana. Logo, *Ephemeris* não se torna menos histórica em descrever esses pormenores da crença grega. Deve-se ter em mente, argumenta a autora, que desde a *Ilíada*, Hesíodo, Heródoto ou o *Édipo rei* de Sófocles, a responsabilidade humana é enfatizada em casos de doenças ou pragas, sendo que, com certa frequência, esses males eram entendidos em termos de retribuição por uma ofensa, seja contra uma divindade ou contra homens.

A imparcialidade de Díctis também tem substrato tucididiano. O historiador grego quanto a uma enfermidade assim se expressa: “λεγέτω μὲν οὖν περὶ αὐτοῦ ὡς ἕκαστος γινώσκει καὶ ἰατρὸς καὶ ἰδιώτης, ἀφ’ ὅτου εἰκὸς ἦν γενέσθαι αὐτό, καὶ τὰς αἰτίας ἄστινας νομίζει τοσαύτης μεταβολῆς ἱκανὰς εἶναι δύναμιν ἐς τὸ μεταστῆσαι σχεῖν”, “Pronuncie sobre cada um, de acordo com o que – médico ou simples indivíduo - sabe, o que é natural que surgiu, e o que o faz considerar que eles puderam ter a virtualidade de causar tal alteração violenta”. (*apud* MOVELLÁN LUIS, 2015, p. 220).

Para além dessas alusões a (re)ações de deuses, em *Ephemeris* ocorrem diversas outras referências a manifestações de religiosidade, como lugares sagrados (culto a Europa, Eph.I.2; Templo da argiva Juno, Eph.I.16; bosque de Diana, I.19; bosque de Apolo Timbreu, II.52; templo de Minerva, V.5 etc.), sacerdotes (Calcas, I.15; Ânio e suas filhas; Crises; Polixena e Cassandra como sacerdotisas de Minerva e Apolo, III.2; habitantes de Lemnos como sacerdotes de Vulcano II.14; Heleno, IV.18), oráculos, vaticinações, sonhos, juramentos e pactos (a voz da mulher desconhecida sobre a ira de Diana, I.19; Calcas sobre a ira de Apolo, Eph.II.14; sacrifício de filhos de Príamo para aplacar os manes de Pátroclo, III.14; Cassandra sobre o sacrifício a Apolo, V.8, e contra Agamêmnon, V.16; sonho de Hécuba grávida de Páris, III.26; sonho enigmático de Ulisses, VI.14; ritual de pacto entre os gregos efetuado por Calcas, I.15; pacto de paz perante Júpiter, a mãe Terra, o Sol, a Lua e o Oceano, V.10;), e também objetos divinos e mágicos e ofertas a deuses (o arco e as flechas de Hércules sob posse de Filoctetes, IV.19; as muralhas erguidas por Netuno e Apolo, Eph.V.11; o Paládio do templo de Minerva, V.8; o cavalo de madeira falsamente dedicado a Minerva, V.9; ofertas a Marte e Concórdia, I.15; Apolo Esminteu, II.14; Apolo Timbreu, III.1; Minerva e Apolo, V.3).

Parece, então, não ser descabido afirmar que, mesmo o narrador Díctis não acreditando na interferência divina ou duvidando dela, a presença do divino é latente em forma diversa. É notório o modo como o narrador ameniza qualquer afirmação quanto à ação de divindades. Ao lado da construção optativa, a narrativa, nesses casos, constrói-se por reputação da fala a um sujeito coletivo desconhecido, a um mero “dizem” ou “creem” (v.g.: *uti omnibus videbatur*). Observe-se essa construção na seguinte passagem: *Ita inviolatum*

*multis tempestatibus murorum opus Neptuniquae, ut perhibebatur, atque Apollinis maxima monumenta nullo dilectu civium manibus dissolvuntur;* “Assim, a obra dos muros, inviolada durante muito tempo, e máximo monumento de Netuno, conforme se contava, e também de Apolo, dissolve-se sem esmero algum pelas mãos dos cidadãos.” (Eph.V, 11).

Seguindo a linha evemerista, o racionalismo se desvela com maior intensidade na seguinte passagem:

*Is namque Assandrus iniquitatem tyranni evitans, Peleo consenserat notusque adeo eius domus, uti inter cetera originem etiam nuptiarum Pelei cum Thetide Chironis filia Chrysippo atque Arato narraverit. Qua tempestate multi undique reges acciti domum Chironis inter ipsas epulas novam nuptam magnis laudibus veluti deam celebraverant, parentem eius Chirona appellantes Nerea ipsamque Nereidam; et ut quisque eorum regum, qui convivio interfuerant, choro modulisque carminum praevaluerat, ita Apollinem Liberumque, ex feminis plurimas Musas cognominaverant. Vnde ad id tempus convivium illud deorum **appellatum**.* (Eph.VI, 7)

Com efeito, esse Assandro, evitando a iniquidade do tirano, tinha se aliado a Peleu e tornara-se um amigo tão familiar que, entre outras coisas, terá narrado a Crisipo e Arato a origem das núpcias de Peleu com Tétis, filha de Quíron. Naquela época, convocados à casa de Quíron muitos reis de todas as regiões, entre os próprios banquetes haviam celebrado como uma deusa a recém-casada com belos elogios, chamando seu pai de Nereu e ela mesma de Nereida. E à medida que cada um daqueles reis, que estiveram presentes ao festim, se sobressaía na dança e no canto melódico, chamavam-nos da seguinte maneira, de Apolo e Liber; e muitas mulheres de Musas. Desde esse momento até os dias de hoje aquele é **chamado** de banquete dos deuses.

As próprias genealogias, apesar de aparecerem nomes de seres míticos, não informam sobre natureza sobre-humana. A invulnerabilidade tradicional de Aquiles, por exemplo, é desmentida antes mesmo de sua morte.

*Inter quae tam trepida cunctis fugientibus Helenus quaesitum ex occulto vulneri locum ubi nactus est, **manum Achillis procul atque improvisus sagitta transfigit**. Ita vir egregius bellandi, cuius adventu territus fugatusque Hector, multi mortales cum ducibus extincti, clam atque ex occulto vulneratus eo die finem bellandi fecit.* (Eph.III, 6)

Em meio a situação tão trépida, enquanto todos fugiam, Heleno, tendo procurado ocultamente um lugar de onde feri-lo, quando encontrou, **atravessa a mão de Aquiles, de longe e de improviso, com uma seta**. E assim, o homem mais notável das ações de guerra, com cuja chegada aterrorizara e afungentara Heitor, que levava à extinção muitos mortais, incluindo os comandantes, que às escondidas e ocultamente fora ferido, cessa as operações de guerra naquele mesmo dia.

Desse modo, concluímos, junto a Movellán Luís (2015), que a intervenção de

divindades nas ações é suprimida e substituída por motivações puramente humanas. E, de fato, fica muito mais transparente essa motivação quando comparamos a versão iliádica e a dicitiana, por exemplo, sobre a intervenção de Pândaro no combate singular entre Menelau e Alexandre, no qual o troiano estava prestes a perder a vida:

*Tum demum Alexander ictus femur cedit ac ne mox hosti ultionem cum summa gloria concederet, pessimo exemplo intercessum est. Namque cum ad interficiendum eum educto gladio prorueret Menelaus, ex occulto sagitta Pandari vulneratus in ipso impetu repressus est. Igitur ab nostris clamore orto simulque cum ira indignantibus, quod duobus seorsum adversum se hisque maxime, quorum gratia bellum conflatum esset, decernentibus repente a Troianis pessimo more intercederetur, rursus globus barbarorum ingruens Alexandrum e medio rapit. (Eph.II, 40)*

Enfim, ferido na coxa, Alexandre cai e para não conceder sem demora ao inimigo uma vingança com a mais elevada glória, sobreveio com um péssimo exemplo. De fato, quando Menelau, tendo sacado o gládio, lança-se sobre ele para matá-lo, sendo ocultamente ferido pela seta de Pândaro, foi contido naquele ímpeto. Então, fez-se um clamor entre os nossos e ao mesmo tempo sucedeu a ira por causa da indignação: é que os dois se enfrentavam separados dos outros e, sobretudo, porque era por causa deles que se fazia a guerra, mas, de repente, um prática terrível da parte dos troianos se mostrou e um pelotão de bárbaros, atacando pela segunda vez, arrancou Alexandre dali do meio.

Cala-se completamente quanto a possível intervenção de Afrodite tal qual narrada pela épica homérica (II.III, 368-382), em que a divindade “arrebatou Páris, facilmente, como é próprio de uma deusa, ocultando-o com nevoeiro opaco, e deitou-o no perfumado leito nupcial”.

Para Movellán Luis (2015), a presença latente do divino se torna mais presente a partir da infame morte de Aquiles no templo de Apolo. Segundo ela, também em outros historiadores e cronistas o acúmulo de prodígios nos momentos anteriores de uma grande batalha é um tópico recorrente (ver, por exemplo, César, *Bello civile*, 3.105). De fato, no relato da tomada de Troia, *Ephemeris* conjuga a ação humana sobre os fatos divinos. Aliados à traição de Antenor em forma de pacto de paz estão o roubo do Paládio, o truque do cavalo de madeira (em *Ephemeris*, ideia de Heleno) e a destruição das muralhas troianas. Para Movellán Luis (2015), nessa parte do relato torna-se claro que o autor do *Ephemeris* fez um grande esforço para eliminar o elemento divino particularmente no lado grego, enquanto entre os troianos (talvez como uma característica de sua imagem como bárbaros não civilizados) parece haver certa conexão com um tipo de destino divino, já expresso no encontro entre Príamo e Aquiles, no qual o rei afirma que alguma divindade planejou tudo e se lembra do

sonho premonitório de Hécuba a respeito do nascimento de Alexandre.<sup>196</sup> Para Movellán Luis (2015), a morte de Aquiles toma um primeiro plano e esse crime está quase que obrigatoriamente ligado à queda de Troia, pois Eneias abandona a luta por causa do sacrilégio (IV.17), Heleno foge de Troia por descontentamento com Alexandre (IV.18), Antenor enfatiza, nos seus discursos, a profanação do templo (IV.22 e V.2), há o prodígio da rejeição das oferendas troianas (V.7 e V.8) e ocorre a trama do roubo do Paládio (Antenor, V.8) como meio para derrotar Troia (anunciado por Heleno, V.9) e, por fim, acontece a confecção do cavalo de madeira e a derrubada da muralha. Segundo Movellán Luis (2015), o autor de *Ephemeris* toma muito cuidado para dar sua opinião sobre esses eventos: que Eneias, Heleno e Antenor consideram um ato sacrílego a morte de Aquiles no templo de Apolo, o que implica que esses personagens tomam decisões em relação a esse evento e, somente por isso, decidem iniciar um pacto com o inimigo contra a própria pátria, embora o povo, em geral, esteja feliz com a morte do grego (IV.14), provavelmente porque viam nisso chance de vencerem a guerra.

O divino e o humano ainda estão inseridos na narrativa troiana e a relação entre ambos é inapagável. O humano em *Ephemeris* não está tão subordinado a deliberações divinas, como o estava na épica homérica,<sup>197</sup> mas suas ações se justificam por emoções humanas, como a avareza (*avaritia*) e o desejo carnal ou amoroso (*libido, deriderium*). Contudo, à semelhança da épica, o destino já está traçado, não só o de Troia (como evidenciado no sonho de Hécuba), mas também o mais ou menos distante destino particular dos heróis (como evidenciado na voz contra Agamêmnon, no sonho de Ulisses).

O divino, em linhas gerais, funciona em *Ephemeris* sem uma antropomorfização e torna-se um sobrenatural. O caráter dúbio ou despersonalizado das construções quando narrados os eventos prodigiosos revelam a transformação da convenção mítica que a épica ostentava para uma espécie de fantástico.<sup>198</sup> Em nossa perspectiva, a relação do humano com

<sup>196</sup> Deve-se levar em conta que a referência ao sonho se enquadra no discurso de Príamo, na voz do rei, e não na do narrador. No entanto, Díctis aproveita-se disso para mover o leitor e propor que desde o nascimento de Alexandre a queda de Troia já estava prefigurada.

<sup>197</sup> Embora, como estudou Hernandez (2011) em sua dissertação “Homens e deuses na *Ilíada*: ação e responsabilidade no mundo homérico”, os homens homéricos apresentasse uma dúlice motivação, divina e humana, tivessem “sua liberdade de escolha (ligada à porção divina)” e reconhecessem “sua participação” e arcam “com as consequências” (p. 103; cf. II.IX.410-416, decisão de Aquiles). Contudo, no mesmo mundo homérico, em certas circunstâncias, “o homem pode se tornar o único responsável por suas ações, uma vez que, tomando como um todo que engloba o físico e o psíquico como unidade, tomam suas próprias decisões, fruto de deliberação sem intervenção divina.”, mas “essas decisões próprias não alteram o curso dos acontecimentos como um todo e, assim como as intervenções dos deuses ajudam na concretização do destino, a decisão livre do homem não o altera nem o impede, antes contribui para lhe retirar a característica de fatalidade” (p. 113). No final das contas, nem humano, nem divino, mas, sim, o destino (*Moīra*) que rege as coisas e é o responsável por elas (SCHÜTZER, 1956).

<sup>198</sup> Seguindo aqui, sem muito apego as limitações, a descrição de Todorov (1975, Introdução à literatura fantástica), para quem, *grosso modo*, o fantástico se instaura quando da indecisão acerca da natureza de

o divino em *Ephemeris* é o testemunho da crença e na presença de algo maior que os homens, para o qual estes podiam recorrer quando afligidos ou quando necessário e do qual poderiam receber punições quando certa atitude se tornava ofensiva ou imprudente. Os episódios relacionados a algo sobrenatural nessa obra revelam, por fim, que havia dois níveis no mundo, o divino e humano, que se entrelaçavam por meio da religião, ou melhor, da religiosidade. Esse romance, portanto, está longe de ser *átheos*, de sofrer um abandono total dos deuses, mas, sim, nele observamos laivos da presença divina e de sua evidência (*enargeîs*).

Por fim, esclarece-se “a diferença crucial do relato historiográfico com respeito ao épico: não desaparece a religiosidade, presente sem dúvida na sociedade, o que desapareceu é a divindade como motor da mudança histórica.” (MOVELLÁN LUIS, 2015, p. 222).<sup>199</sup> Em *Ephemeris*, esse romance que retoma a trama épica e a converte em histórica, a religião é representada como fato puramente humano e constituinte da vida social. A  *piedade religiosa* junta-se ao tema da gestão político-bélica e do “amor de perdição”, tópicos norteadores dessa narrativa.

---

determinado acontecimento na narrativa, que vacila entre o sobrenatural e o possivelmente explicável. Se decidido pelo primeiro, entra-se no maravilhoso; pelo segundo, no campo do estranho. Dessa forma, para sustentação do fantástico a dúvida deve permanecer e essa dúvida se revela no leitor, o qual não pode interpretar o acontecimento de forma alegórica, caso contrário o andaime da narrativa fantástica se despedaça. Pese-se ainda o comentário que Alvez (2016, p45) faz quanto ao romance da metade do século XX que, guardadas as proporções, enquadra-se para *Ephemeris*, que apresenta o “caráter fantasioso provocado através da crença em espíritos, milagres, prodígios e monstrosidades se mostra como uma espécie de complementaridade entre ficção e verdade, entre história e mito. Ambas traduzem uma sensibilidade na apreensão do real [...]”. O fantástico reside, com efeito, nessa intersecção (ALVES, 2016).

<sup>199</sup> Texto original: “la crucial diferencia del relato historiográfico con respecto al épico: no desaparece la religiosidad, presente sin duda en la sociedad, lo que ha desaparecido es la divinidad como motor del cambio histórico.”

## 4. TRADUÇÃO DE *EPHEMERIS BELLI TROIANI*

### 4.1. Sobre esta tradução

*O tradutor é um homem datado e situado.*  
(CAMPOS, 1969)

Toda prática pressupõe um conjunto de concepções que a pautam, e a tradução não é exceção. Pym (2017, p. 17), por exemplo, afirma que “os tradutores teorizam o tempo todo”, já que, ao identificar um problema de tradução, geralmente “precisam decidir a partir de uma série de soluções possíveis que se apresentam a eles”. A escolha de uma solução e não de outra reflete a postura diante do texto de partida, o conceito de tradução e a natureza do texto de chegada.

Ao longo da história, o ofício de traduzir já foi comparado a uma arte, a uma habilidade, a um dom e, por fim, a uma profissão (BAKER, 2011, p. 1-4). Em razão dessa multiplicidade de concepções, o campo da teoria da tradução se mostra muito variado. Contudo, em linhas gerais, podemos lidar com um quadro dicotômico em que a tradução se divide entre duas direções: uma aponta para a fidelidade ao texto de partida e outra para o texto de chegada. Essas duas tendências são, respectivamente, a corrente estrangeirizante e domesticadora (BERMAN, 2007). Essa mesma dicotomia, como observou Furlan (2003a, p. 16-17), já se encontraria entre os romanos. Na obra *De optimo genere oratorum*, Cícero postula que há duas maneiras de traduzir: agindo como “orador” (*ut orator*) ou como “intérprete” (*ut interpres*). Enquanto o intérprete se dedicaria a manter a proximidade ao texto original, traduzindo palavra por palavra (*verbum pro verbo*), o orador procuraria conservar a forma e o conteúdo do texto original reelaborando-o em função da cultura de chegada. Assim, conclui Furlan (2003a), na perspectiva de Cícero, a tradução é reelaboração. Nesse sentido, o berço da tradução etnocêntrica, aquela que visa o público da tradução, teria sido Roma (BERMAN, 2007).

Se entre os romanos o ideal de tradução se centrava na cultura e língua de chegada, na Idade Média cristã Jerônimo salientará, em *De optimo genere interpretandi*, que esse tipo de tradução cabe aos textos profanos ao passo que, para aos textos sagrados, destinar-se-ia uma tradução fiel à letra do original (FURLAN, 2003b) e que a essência desse ofício se define pela tradução do sentido, e não da palavra: *non uerbum e uerbo, sed sensum exprimere de sensu*;

“expressar não palavra por palavra, mas o sentido pelo sentido”.

Em se tratando de literatura, essa distinção se torna mais sensível, haja vista a necessidade de conservação da *forma* que, por ser poética, também apresenta significações. A não observação da forma pode levar o tradutor a diminuir a literariedade do texto de partida. Se o contrário fizer, pode conferir um grau literariedade a um texto que não tinha essa ambição. Assim, como um processo a um só tempo técnico e artístico, a tradução literária pode ser definida como aquela "que visa recriar em outro idioma um texto literário de tal modo que sua literariedade seja, na medida do possível, preservada" (BRITTO, 2012 p. 47).

Por essa perspectiva, o trabalho do tradutor pressupõe algumas etapas essenciais, as quais são a leitura para compreensão do texto de partida, a transferência do sentido entre os sistemas linguísticos e a produção textual na língua de chegada (BERMAN & POTER, 2014, p. 108). Assim, por um lado, precede à tradução uma leitura crítica e linguística do texto de partida e a sua posterior interpretação por meio da língua de chegada, seguindo as possibilidades de equivalência e expressão nesta língua. Por outro lado, o ato tradutório se aproveita das possibilidades artísticas no nível linguístico da língua de chegada para tornar tangíveis as características do texto de partida. Nesse sentido, busca-se uma interpretação que conserve o contexto e efeito do texto de origem na língua de chegada sem domesticá-la completamente (BERMAN, 2007). Para Eco (2011, p. 170) “Interpretar significa fazer uma aposta sobre o sentido de um texto”, e essas apostas vão se acumulando uma após outra e configuram uma negociação entre o texto de partida e o texto de chegada. E como em toda negociação, no processo de tradução algumas concessões são dadas, outras exigidas, para que se contemplem as partes e se alcance um acordo, uma intenção comum.

Ora, intenção final de uma tradução é, sempre, tornar acessível o texto de partida em uma outra língua, ou, como o formula Britto (2012, p. 26), as traduções visam *representar* uma obra literária para os leitores que não dominam o idioma em que ela foi escrita. Petrilli (2001 *apud* ECO, 2007, p. 259), nessa mesma senda, definiu a tradução como “um discurso direto mascarado de discurso indireto”, do mesmo modo que o poeta Leopardi enxergava a tarefa do tradutor, que consistiria em esforçar-se por exprimir o caráter e o estilo do outro e repetir a fala desse outro à sua maneira e gosto. O objetivo do tradutor seria, portanto, oferecer ao leitor um texto que lhe permita “afirmar sem mentir que leu o original” (BRITTO, 2012, p. 29). Mas, ao nosso ver, esse “original” não remeteria à primeira obra, ao texto de partida, mas à segunda, o texto de chegada, que não é outra coisa senão o original do tradutor.

Diante dessas considerações, acreditamos que o conceito de fidelidade se situa não só no âmbito do conteúdo, mas também no âmbito da forma, de modo que a tradução será fiel se

apresentar, ou como quer Britto (2012), *representar-se* na língua de chegada uma possibilidade de leitura, sempre crítica, do texto fonte, de maneira tal que o texto resultado desse trabalho seja reconhecido como um texto próprio da língua de chegada (BENJAMIM, 2004; BERMAN, 2007; BRITTO, 2012), pois, antes mesmo de reconhecido como tradução, o produto da ação tradutória é um *texto*. Por fim, conforme formulou Arrojo (2007, p. 77-78), “todo texto traduzido será, para um público que não tenha acesso a esse 'original', texto de partida para a construção de outras leituras”.

No entanto, como a relação entre texto de partida e texto de chegada é sempre marcada pela natureza hipertextual (GENETTE, 2010), a tradução pressupõe mudança, transformação, já que o tradutor materializa na língua de chegada aquilo que assimilou do texto de partida, configurando, assim, uma filtragem subjetiva (LIMA, 2003, p. 14). Portanto, segundo Furlan (1998), tanto a teoria de Benjamim quanto a de Meschonnic consiste na produção de “um texto na língua de chegada próprio da língua de chegada” e, por serem textos diferentes, em línguas diferentes, em contextos diferentes, são, por fim, textos diferentes. A relação que persistiria seria a superveniência do texto de chegada e a sua estreitíssima intertextualidade com a obra de partida.

Por fim, o último critério é a natureza da tradução. Por esse termo compreendemos o gênero, o estilo e o objetivo do texto resultado do processo de tradução. Assim, seguindo a discussão teórica, empreendemos uma tradução acadêmica que considere e mantenha o plano de expressão e estilístico da obra latina, apontado no estudo. Acompanham a tradução, notas e comentários que focalizam diversos aspectos culturais do texto (aspectos da realidade representada da vida na Antiguidade, contextualização literária, aspectos mitológicos, aspectos históricos, relações intra e intertextuais, simbologias, etc.), com o fim de fornecer suportes ao leitor para uma mais completa compreensão da obra. Para nossa tradução, optamos por manter em português a abundância de repetições sintáticas e lexicais do texto latino, como as formas interparagrafais (como *per idem tempus, quis cognitis, interim, Igitur*) e as construções participiais. Também procuramos conservar a sua prosa rápida e simples e manter o registro épico-histórico.

Para este trabalho, seguimos a edição de Eisenhut (1994) revisada por Tabacco e Lana (2011).<sup>200</sup>

---

<sup>200</sup> Fruto do projeto italiano de acessibilidade de textos antigos *digilibLT. Biblioteca digitale di testi latini tardoantichi*. Quando necessário, confrontar-se-ão as edições existentes e comentários filológicos para solução de passos complicados ou duvidosos.



## 4.2. Texto latino de *Ephemeris belli Troiani*

### EPHEMERIS BELLI TROIANI

#### DICTYS CRETENSIS

#### EPISTVLA (L.) SEPTIMIVS Q. ARADIO RVFINO SALVTEM

Ephemeridem belli Troiani Dictys Cretensis, qui in ea militia cum Idomeneo meruit, primo conscripsit litteris Punicis, quae tum Cadmo et Agenore auctoribus per Graeciam frequentabantur. Deinde post multa saecula collapsa per vetustatem apud Gnosum, olim Cretensis regis sedem, sepulchro eius, pastores cum eo devenissent, forte inter ceteram ruinam loculum stagno affabre clausum offendere ac thesaurum rati mox dissolvunt. Non aurum neque aliud quicquam praedae, sed libros ex philyra in lucem †prodierunt†. At ubi spes frustrata est, ad Praxim dominum loci eos deferunt, qui commutatos litteris Atticis, nam oratio Graeca fuerat, Neroni Romano Caesari obtulit, pro quo plurimis ab eo donatus est. Nobis cum in manus forte libelli venissent, avidos verae historiae cupido incessit ea, uti erant, Latine disserere, non magis confisi ingenio, quam ut otiosi animi desidiam discuteremus. Itaque priorum quinque voluminum, quae bello contracta gestaque sunt, eundem numerum servavimus, residua de reditu Graecorum quidem in unum redegimus atque ita ad te misimus. Tu, Rufine mi, ut par est, fave coeptis atque in legendo Dictym <...>

#### PROLOGVS

Dictys, Cretensis genere, Gnoso civitate, isdem temporibus, quibus et Atridae, fuit, peritus vocis ac litterarum Phoenicum, quae a Cadmo in Achaïam fuerant delatae. Hic fuit socius Idomenei, Deucalionis filii, et Merionis ex Molo, qui duces cum exercitu contra Ilium venerant, a quibus ordinatus est, ut annales belli Troiani conscriberet. Igitur de toto bello novem volumina in tilias digessit Phoeniceis litteris. Quae iam reversus senior in Cretam praecepit moriens, ut secum sepelirentur. Itaque, ut ille iusserat, memoratas tilias in stagnea arcula repositas eius tumulo condiderunt. Verum secutis temporibus, tertio decimo anno Neronis imperii, in Gnoso civitate terrae motus facti cum multa, tum etiam sepulchrum Dictys ita patefecerunt, ut a transeuntibus arcula viseretur. Pastores itaque praetereuntes cum hanc vidissent, thesaurum rati sepulchro abstulerunt. Et aperta ea invenerunt tilias incognitis sibi litteris conscriptas continuoque ad suum dominum, Eupraxidem quendam nomine, pertulerunt. Qui agnitas, quatenus essent, litteras Rutilio Rufo, illius insulae tunc consulari, obtulit. Ille cum ipso Eupraxide ad Neronem oblata sibi

transmisit existimans quaedam in his secretiora contineri. Haec igitur cum Nero accepisset advertissetque Punicas esse litteras, harum peritos ad se evocavit. Qui cum venissent, interpretati sunt omnia. Cumque Nero cognosset antiqui viri, qui apud Ilium fuerat, haec esse monumenta, iussit in Graecum sermonem ista transferri, e quibus Troiani belli verior textus cunctis innotuit. Tunc Eupraxidem muneribus et Romana civitate donatum ad propria remisit. Annales vero nomine Dictys inscriptos in Graecam bibliothecam recepit, quorum seriem, qui sequitur, textus ostendit.

### LIBER PRIMVS

[1] Cuncti reges, qui Minois Iove geniti pronepotes Graeciae imperitabant, ad dividendas inter se Atrai opes Cretam convenere. Atrous namque ex Minoe postrema sua ordinans, quicquid auri atque argenti, pecorum etiam fuit, nepotibus, quos filiae genuerant, ex aequo dividendum reliquerat, excepto civitatum terrarumque imperio; haec quippe Idomeneus cum Merione, Deucalionis Idomeneus, alter Moli, iussu eius seorsum habuere. Convenere autem Clymenae et Naupli Palamedes et Oeax. Item Menelaus, Aerope et Plisthene genitus, a qua Anaxibia soror, quae eo tempore Nestori denupta erat, et Agamemnon maior frater, ut vice sua in divisione uteretur, petiverant. Sed hi non Plisthenis, ut erat, magis quam Atrai dicebantur, ob eam causam, quod, cum Plisthenes admodum parvis ipse agens in primis annis vita functus, nihil dignum ad memoriam nominis reliquisset, Atrous miseratione aetatis secum eos habuerat neque minus quam regios educaverat. In qua divisione singuli pro nominis celebritate inter se quisque magnifice transiere.

[2] Ad eos re cognita omnes ex origine Europae, quae in ea insula summa religione colitur, confluunt benigneque salutatos in templum deducunt. Ibi multarum hostiarum immolatione more patrio celebrata exhibitisque epulis largiter magnificeque eos habuere itemque insecutis diebus. Reges Graeciae etsi ea, quae exhibebantur, cum laetitia accipiebant, tamen multo magis templi eius magnifica pulchritudine pretiosaque exstrukione operum afficiebantur, inspicientes repetentesque memoria singula, quae ex Sidona a Phoenice, patre eius, atque nobilibus matronis transmissa magno tum decori erant.

[3] Per idem tempus Alexander Phrygius, Priami filius, Aenea aliisque ex consanguinitate comitibus, Sparta in domum Menelai hospicio receptus, indignissimum facinus perpetraverat. Is namque, ubi animadvertit regem abesse, quod erat Helena praeter ceteras Graeciae feminas miranda specie, amore eius captus ipsamque et multas opes domo eius aufert, Aethram etiam et Clymenam, Menelai adfines, quae ob necessitudinem cum Helena agebant. Postquam Cretam

nuntius venit et cuncta, quae ab Alexandro adversum domum Menelai commissa erant, aperuit, per omnem insulam, sicut in tali re fieri amat, fama in maius divulgatur: expugnatam quippe domum regis eversumque regnum et alia in talem modum singuli disserebant.

[4] Quis cognitis Menelaus, etsi abstractio coniugis animum permoverat, multo amplius tamen ob iniuriam adfinium, quas supra memoravimus, consternabatur. At ubi animadvertit Palamedes regem ira atque indignatione stupefactum consilio excidisse, ipse naves parat atque omni instrumento compositas terrae adplicat. Dein pro tempore regem breviter consolatus, positus etiam ex divisione quae in tali negotio tempus patiebatur, navem ascendere facit atque ita ventis ex sententia flantibus paucis diebus Spartam pervenere. Eo iam Agamemnon et Nestor omnesque, qui ex origine Pelopis in Graecia regnabant, cognitis rebus confluxerant. Igitur postquam Menelaum advenisse sciunt, omnes in unum coeunt. Et quamquam atrocitas facti ad indignationem ultimumque iniurias rapiebat, tamen ex consilii sententia legantur prius ad Troiam Palamedes, Vlixes et Menelaus hisque mandatur, uti conquesti iniurias Helenam et quae cum ea abrepta erant repeterent.

[5] Legati paucis diebus ad Troiam veniunt. Neque tamen Alexandrum in loco offendere; eum namque properatione navigii inconsulte usum venti ad Cyprum appulere, unde sumptis aliquot navibus Phoenicem delapsus Sidoniorum regem, qui eum amice susceperat, noctu insidiis necat, eademque, qua apud Lacedaemonam, cupiditate universam domum eius in scelus proprium convertit. Ita omnia, quae ad ostentationem regiae magnificentiae fuere, indigne rapta ad naves deferri iubet. Sed ubi ex lamentatione eorum, qui casum domini deflentes reliqui praedae aufugerant, tumultus ortus est, populus omnis ad regiam concurrat. Inde, quod iam Alexander abreptis, quae cupiebat, ascensionem properabat, pro tempore armati ad naves veniunt ortoque inter eos acri proelio cadunt utrimque plurimi, cum obstinate hi regis necem defenderent, hi, ne amitterent partem praedam, summis opibus adniterentur. Incensis deinde duabus navibus Troiani reliquas strenue defensas liberant. Atque ita fatigatis iam proelio hostibus evadunt.

[6] Interim apud Troiam legatorum Palamedes, cuius maxime ea tempestate domi belloque consilium valuit, ad Priamum adit conductoque consilio primum de Alexandri iniuria conqueritur, exponens communis hospitii eversionem, dein monet, quantas ea res inter duo regna simultates concitatura esset, interiociens memoriam discordiarum Ili et Pelopis aliorumque, qui ex causis similibus ad internecionem gentium usque pervenissent. Ad postremum belli difficultates contraque pacis commoda adstruens non se ignorare, ait, quantis mortalibus tam atrox facinus indignationem incuteret; ex quo auctores iniuriae ab omnibus derelictos impietatis supplicia

subituros. Et cum plura dicere cuperet, Priamus medium eius interrumpens sermonem: parcius quaeso Palamede, inquit. Iniquum etenim videtur insimulari eum qui absit, maxime cum fieri possit, uti, quae criminose obiecta sunt, praesenti refutatione diluantur. Haec atque alia huiusmodi inserens differri querelas ad adventum Alexandri iubet. Videbat enim, ut singuli, qui in eo consilio aderant, Palamedis oratione moverentur, ut taciti, vultu tamen admissum facinus condemnarent, cum singula miro genere orationis exponerentur atque in sermone Graeci regis inesset quaedam permixta miserationi vis. Atque ita eo die consilium dimittitur. Sed legatos Antenor, vir hospitalis et praeter ceteros boni honestique sectator, domum ad se volentes deducit.

[7] Interim paucis post diebus Alexander cum supra dictis comitibus venit Helenam secum habens. Cuius adventu, tota civitas cum partim exemplum facinoris exsecrarentur, alii iniurias in Menelaum admissas dolerent, nullo omnium adprobante, postremo cunctis indignantibus tumultus ortus est. Quis rebus anxius Priamus filios convocat eosque, quid super tali agendum negotio videretur, consulit. Qui una voce minime reddendam Helenam respondent. Videbant quippe, quantae opes cum ea advectae essent; quae universa, si Helena traderetur, necessario amitterent. Praeter ea permoti forma mulierum, quae cum Helena venerant, nuptias sibi singularum iam animo destinaverant, quippe qui lingua moribusque barbari nihil pensi aut consulti patientes praeda atque libidine transversi agebantur.

[8] Igitur Priamus relictis his senes conducit, sententiam filiorum aperit, dein cunctos, quid agendum esset, consulit. Sed priusquam ex more sententiae dicerentur, reguli repente consilium inrumpunt atque inconditis moribus malum singulis minitantur, si aliter, quam ipsis videretur, decernerent. Interim omnis populus indigne admissam iniuriam atque in hunc modum multa alia cum exsecratione reclamabant. Ob quae Alexander cupidine animi praiceps veritus, ne quid adversum se a popularibus oriretur, stipatus armatis fratribus impetum in multitudinem facit, multos obtruncat. Reliqui interventu procerum, qui in consilio fuerant, duce liberantur Antenore. Ita infectis rebus populus contemptui habitus non sine pernicie sua domum discedit.

[9] Dein secuta die rex hortatu Hecubae ad Helenam adit eamque benigne salutans bonum animum uti gereret hortatur. Quae cuiusque esset, requirit. Tum illa Alexandri se adfinem respondit, magisque ad Priamum et Hecubam, quam ad Plisthenis filios genere pertinere, repetens ordinem omnem maiorum. Danaum enim atque Agenorem et sui et Priami generis auctores esse, namque ex Plesiona, Danai filia, et Atlante Electram natam, quam ex Iove gravidam Dardanum genuisse. Ex quo Tros et deinceps insecuti reges Ilii. Agenoris porro Taygetam. Eam ex Iove habuisse Lacedaemona. Ex quo Amyclam natum et ex eo Argalum, patrem Oebali, quem Tyndari,

ex quo ipsa genita videretur, patrem constaret. Repetebat etiam cum Hecuba materni generis adfinitatem. Agenoris quippe filium Phoenicem et Dymae, patris Hecubae, et Ledaes consanguinitatis originem divisisse. Postquam memoriter cuncta retexuit, ad postremum flens orare, ne, quae semel in fidem eorum recepta esset, prodendam putarent. Ea secum domo Menelai adportata, quae propria fuissent, nihil praeter ea ablatum. Sed utrum inmodico amore Alexandri, an poenarum metu, quas ob desertam domum a coniuge metuebat, ita sibi consulere maluerit, parum constabat.

[10] Igitur Hecuba cognita voluntate, simul ob generis coniunctionem complexa Helenam, ne proderetur, summis opibus adnitebatur, cum iam Priamus et reliqui reguli non amplius differendos legatos dicerent neque resistendum popularium voluntati, solo omnium Deiphobo Hecubae adsenso, quem non aliter atque Alexandrum Helenae desiderium a recto consilio praepediebat. Itaque cum obstinate Hecuba nunc Priamum, modo filios deprecaretur, modo complexu eius nulla ratione divelli posset, omnes qui aderant in voluntatem suam transduxit. Ita ad postremum bonum publicum materna gratia corruptum est. Deinde postero die Menelaus cum suis in contionem venit, coniugem et quae cum ea abrepta essent repetens. Tunc Priamus inter regulos medius adstans facto silentio optionem Helenae, quae ob id in conspectum popularium venerat, offert, si ei videretur domum ad suos regredi. Quam ferunt dixisse neque se invitam navigasse, neque sibi cum Menelai matrimonio convenire. Ita reguli habentes Helenam non sine exsultatione ex contione discedunt.

[11] His actis Vlixes contestandi magis gratia quam aliquid ex oratione profuturus cuncta, quae ab Alexandro contra Graeciam indigne commissa essent, retexuit; ob quae ultionem brevi testatus est. Dein Menelaus ira percitus atroci vultu exitium minatus consilium dimittit. Quae ubi ad Priamidas perlata sunt, confirmant inter se clam, uti per dolum legatos circumveniant. Credebant quippe, quod non frustra eos habuit, si legati imperfecto negotio revertissent, fore, uti adversum se grande proelium concitaretur. Igitur Antenor, cuius de sanctitate morum supra memoravimus, Priamum convenit coniurationemque factam conqueritur: filios quippe eius non legatis, sed adversum se insidias parare, neque id se passurum. Dein non multo post legatis rem aperit. Ita exploratis omnibus adhibito praesidio, cum primum opportunum visum est, inviolatos eos dimittit.

[12] Dum haec apud Troiam aguntur, disseminata iam per universam Graeciam fama omnes Pelopidae in unum conveniunt atque interposita iuris iurandi religione, ni Helena cum abreptis redderetur, bellum se Priamo inlaturos confirmant. Legati Lacedaemonam redeunt, de Helena eiusque voluntate narrant, dein Priami filiorumque eius adversum se dicta gesta, grande

praeconium fidei erga legatos Antenor's praeferentes. Quae ubi accepere, decernitur, uti singuli in suis locis atque imperiis opes belli parent. Igitur ex consilii sententia opportunus locus ad conveniendum et in quo de apparatu belli ageretur, Argi, Diomedis regnum, deligitur.

[13] Ita ubi tempus visum est, primus omnium ingenti nomine virtutis atque corporis Ajax Telamonus advenit, cum eo Teucer frater. Dein haud multo post Idomeneus et Meriones, summa inter se iuncti concordia. Eorum ego secutus comitatum ea quidem, quae antea apud Troiam gesta sunt, ab Vluxe cognita quam diligentissime rettuli et reliqua, quae deinceps insecuta sunt, quoniam ipse interfui, quam verissime potero exponam. Igitur post eos, quos supra memoravimus, Nestor cum Antilocho et Thrasymede, quos Anaxibia susceperat, supervenit. Eos Peneleus insecutus cum Clonio et Arcesilao consanguineis, dein Prothoenor et Leitus Boeotiae principes, itemque Schedius et Epistrophus Phocenses, Ascalaphus et Ialmenus Orchomenii, tum Diores et Meges Phyleo genitus, Thoas ex Andraemone, Eurypylus Euaemonis Ormenius et Leonteus.

[14] Post quos Achilles Pelei et Thetidis, qui imbutus belli ex Chirone dicebatur. Hic in primis adolescentiae annis, procerus, decora facie, studio rerum bellicarum omnes iam tum virtute atque gloria superabat, neque tamen aberat ab eo vis quaedam inconsulta et effera morum impatientia. Cum eo Patroclus et Phoenix, alter propter coniunctionem amicitiae, alter custos atque rector eius. Tlepolemus dein Herculis, eum insecuti sunt Phidippus et Antiphus, insignes armorum specie, avo Hercule, post eos Protesilaus Iphicli cum Podarce fratre. Adfuit et Eumelus Pheraeus, cuius pater Admetus quondam vicaria morte coniugis fata propria protulerat, Podalirius et Machaon Triccenses, Aesculapio geniti, adsciti ad id bellum ob sollertiam medicinae artis. Dein Poeantis Philocteta, qui comes Herculis post discessum eius ad deos sagittas divinas industriae praemium consecutus est, Nireus pulcher, ex Athenis Menestheus et Ajax Oilei ex Locride, Argis Amphilocho et Sthenelus, Amphiarai Amphilocho, Capanei alter, cum his Euryalus Mecistei. Dein ex Aetolia Thessandrus Polynicis; postremi omnium Demophoon atque Acamas. Fuere cuncti ex origine Pelopis. Sed eos, quos memoravimus, plures alii ex suis quisque regionibus, partim ex regum comitibus, alii ipsius regni participes insecuti sunt, quorum nomina singillatim exponere haud necessarium visum est.

[15] Igitur ubi omnes Argos convenere, Diomedes hospitio cunctos recipit, necessariaque praebet. Dein Agamemnon grande auri pondus Mycenis adportatum per singulos dispertiens promptiores animos omnium ad bellum, quod parabatur, facit. Tum communi consilio super condicione proelii ius iurandum interponi hoc modo placuit. Calchas, Thestoris filius, praescius futurorum, porcum marem in forum medium adferri iubet, quem in duas partes exsectum orienti occidentique dividit,

atque singulos nudatis gladiis per medium transire iubet. Dein mucronibus sanguine eius oblitis, adhibitis etiam aliis ad eam rem necessariis, inimicitias sibi cum Priamo per religionem confirmant: neque prius se bellum deserturos, quam Ilium atque omne regnum eruissent. Quis perfectis pure lauti Martem atque Concordiam multis immolationibus sibi adhospitalavere.

[16] Dein in templo Iunonis Argivae rectorem omnium declarari placuit. Igitur singuli in tabellis, quas ad deligendum belli principem quem cuique videretur acceperant, Punicis litteris Agamemnonis nomen designant. Ita consensu omnium secundo rumore summam belli atque exercitus in se suscipit, quod ei et propter germanum, cuius gratia bellum id parabatur, et propter magnam opum vim, quibus praeter ceteros Graeciae reges magnus atque clarus habebatur, merito acciderat. Dein duces praefectosque navium Achillem, Aiacem et Phoenicem destinant. Praeponuntur etiam campestri exercitui Palamedes cum Diomede et Ulixes, ita ut inter se diurnas, vigiliarumque vices dispertiant. His peractis, ad parandas opes atque instrumenta militiae, singuli sua in regna discedunt. Interim belli studio ardebat omnis Graecia: arma, tela, equi, naves, atque haec omnia toto biennio praeparantur, cum iuventus partim sua sponte, alii aequalium ad gloriam aemulatione munia militiae festinarent. Sed inter haec summa cura vis magna navium praecipue fabricatur, scilicet ne multa millia exercituum, undique versum in unum collecta, incuria navigandi tardarentur.

[17] Igitur peracto biennio ad Aulidam, Boeotiae, nam is locus delectus fuerat, singuli reges pro facultate opum regnique, instructas classes praemittunt: ex quis primus Agamemnon ex Mycenis naves C, aliisque LX, quas ex diversis civitatibus, quae sub eo erant, contraxerat, Agapenorem praeficit, Nestor XC navium instructam classem, Menelaus ex omni Lacedaemona naves LX, Menestheus Athenis L, XL Elephenor ex Euboea, Ajax Telamonius Salamina XII, Diomedes Argis LXXX navium classem, Ascalaphus et Ialmenus Orchomenii naves XXX, Oileus Ajax XL, item ex omni Boeotia Arcesilaus, Prothoenor, Peneleus, Leitus, Clonius naves L, XL ex Phocide Schedius et Epistrophus, dein Thalpius et Diores cum Amphimacho et Polyxeno Elide aliisque civitatibus regionis eius naves XL, Thoas ex Aetolia XL, Meges ex Dulichio et ex insulis Echinadibus XL, Idomeneus cum Merione ex omni Creta classem navium LXXX, ex Ithaca Ulixes XII, XL Prothous Magnes, Tlepolemus Rhodo aliisque circa eam insulis IX, XI Eumelus Pheraeus, Achilles ex Argo Pelasgico L, III Nireus ex Syme, Podarces et Protesilaus ex Phylaca aliisque, quibus praeerant, locis, naves XL, XXX Podalirius et Machaon, Philotecta Methona aliisque civitatibus naves VII, Eurypylus Ormenius XL, duas et XX Guneus Perrhaebis, Leonteus et Polypoetes ex suis regionibus XL, XXX ex insulis Co Crapathoque cum Antipho Phidippus, Thessandrus, quem Polynicis supra memoravimus, Thebis naves L, Calchas ex Acarnania XX,

Mopsus Colophona XX, Epios ex insulis Cycladibus XXX. Easque magna vi frumenti aliorumque necessariorum cibi replent. Quippe ita ab Agamemnone mandatum acceperant, scilicet ne tanta vis militum necessariorum penuria fatigaretur.

[18] Igitur inter tantum classium apparatus equi atque currus bellici ob locorum condicionem multi, sed pedestres milites pars maxima, ob eam causam, quia per omnem Graeciam multo maiore egestate pabuli, equitatus usus prohibetur. Praeterea fuere multi, qui ob artis peritiam necessarii nautico apparatusi credebantur. Per idem tempus Lycius Sarpedon neque pretio neque gratia Phalidis, Sidoniorum regis, inlici quivit, ut societatem militiae nostrae adversus Troianos sequeretur, quippe quem iam Priamus donis amplioribus eisque postea duplicatis fidissimum sibi retinuerat. Omnium autem classium numerus, quem ex diversis Graeciae regnis contractum supra exposuimus, toto quinquennio praeparatus instructusque est. Ita cum nulla iam res profectionem, nisi absentia militis retardaret, cuncti duces veluti signo dato una atque eodem tempore Aulida confluunt.

[19] Interim in ipsa navigandi festinatione Agamemnon, quem a cunctis regem omnium declaratum supra docuimus, longius paulo ab exercitu progressus forte conspicit circa lucum Dianae pascentem capream imprudensque religionis, quae in eo loco erat, iaculo transfigit. Neque multo post irane caelesti an ob mutationem aeris corporibus pertemptatis lues invadit. Atque interim in dies magis magisque saeviens multa milia fatigare et promiscue per pecora atque exercitum grassari. Prorsus nullus funeri modus neque requies; uti quidquid malo obvium fuerat, vastabatur. Quis rebus sollicitis ducibus mulier quaedam Deo plena Dianae iram fatur: eam namque ob necem capreae, qua maxime laetabatur, sacrilegii poenam ab exercitu expetere, nec leniri, priusquam auctor tanti sceleris filiam natu maximam vicariam victimam immolavisset. Quae vox ut ad exercitum venit, omnes duces Agamemnonem adeunt, eumque primo orare recusantemque ad postremum cogere, uti malo obviam properaret. Sed ubi obstinate renuere vident nec ulla vi queunt flectere, plurimis conviciis insecuti, ad postremum regio honore spoliavere. Ac ne tanta vis exercitus sine rectore effusius ac sine modo militiae vagaretur, praeficiunt ante omnes Palamedem, dein Diomedem et Aiace[m] Telamonium, quartumque Idomenea. Ita per aequationem numeri atque partium quadripertitur exercitus.

[20] Neque interim ullus finis vastitatis, cum Ulixes simulata ex pertinacia Agamemnonis iracundia et ob id domuitionem confirmans magnum atque insperabile cunctis remedium excogitavit. Profectus namque Mycenae nullo consilii participis falsas litteras tamquam ab Agamemnone ad Clytemestram perfert, quarum sententia haec erat: Iphigeniam, nam ea maior



natu erat, desponsam Achilli, eumque non prius ad Troiam profecturum, quam promissi fides impleretur; ob quae festinaret eamque et quae nuptiis usui essent, mature mittere. Praeterea multa pro negotio locutus ementito argumento fidem fecerat. Quae ubi accepit Clytemestra, cum propter gratiam Helenae, tum maxime, quod tam celeberrimi nominis viro filia traderetur, laeta Iphigeniam Ulixi committit. Isque confecto negotio paucis diebus ad exercitum revenit, atque ex inproviso in luco Dianae cum virgine conspicitur. Quis cognitis Agamemnon affectione paternae pietatis motus an ne tam inlicito immolationis sceleri interesset, fugam parat. Eumque, re cognita Nestor, longam exorsus orationem, ad postremum persuadendi genere, in quo praeter ceteros Graeciae viros iucundus acceptusque erat, a proposito prohibuit.

[21] Interim virginem Ulixes et Menelaus cum Calchante, quibus id negotium datum erat, remotis procul omnibus sacrificio adornant, cum ecce dies foedari et caelum nubilo tegi coepit, dein repente tonitrua, corusca fulmina et praeterea terrae marisque ingens motus atque ad postremum confusione aeris ereptum lumen. Neque multo post imbrium atque grandinis vis magna praecipitata. Inter quae tam taetra nulla requie tempestatis, Menelaus cum his, qui sacrificium curabant, metu atque haesitatione diversus agebatur, terri quippe primo subita caeli permutatione idque signum divinum credere, dein, ne inceptum omitteret, detrimento militum commoveri. Igitur inter tantam animi dubitationem vox quaedam luco emissa: aspernari numen sacrificii genus et ob id abstinendum a corpore virginis, misereri namque eius deam; ceterum pro tanto facinore satis poenarum Agamemnoni ab coniuge eius post Troianam victoriam comparatum. Itaque curarent id, quod in vicem virginis oblatum animadverterent, immolare. Dein coepere venti atque fulmina aliaque, quae in magno coeli motu oriri solent, consenescere.

[22] Sed cum haec in luco aguntur, Achilles litteras seorsum missas sibi a Clytemestra cum auri magno pondere accepit, in quis ei filiam atque omnem domum suam commendaverat. Quae postquam et Ulixis consilium patefactum est, omissis omnibus propere ad lucum pergit, magna voce Menelaum et qui cum eo erant, inclamans, ab inquietudine Iphigeniae cohiberent sese, comminatus perniciem, ni paruisent. Mox attonitis his atque obstupefactis ipse supervenit reformatoque iam die virginem abstrahit. Interim deliberantibus cunctis, quidnam vel ubi esset, quod immolari iuberetur, cerva forma corporis admiranda ante ipsam aram intrepida consistit. Eam praedictam hostiam rati oblatamque divinitus comprehendere moxque immolant. Quis peractis sedata lues instarque aestivi temporis reseratum est caelum. Ceterum virginem Achilles atque hi, qui sacrificio praefuere, clam omnes regi Scytharum, qui eo tempore aderat, commendavere.

[23] At ubi duces sedatam vim mali animadvertunt ventorumque flatus navigandi prosperos atque aestivam maris faciem, omnes laeti Agamemnonem adeunt, eumque interitu filiae permaestum consolati honorem regni rursus concelebrant. Quae res pergrata atque accepta per exercitum fuit, eum quippe optimum consultorem sui non secus, quam parentem miles omnis percolebat. Sed Agamemnon sive eorum, quae praecesserant, satis prudens, seu humanarum rerum necessitatem animo reputans, et ob id adversus infortunia firmissimus, dissimulato quod ei acciderat, honorem suscipit, atque eo die duces omnes ad se in convivium deducit. Dein haud multis post diebus exercitus ordinatus per duces, cum opportunum iam tempus navigandi ingrueret, ascendit naves repletas multis rebus pretiosissimis, quae ab incolis regionis eius offerebantur. Ceterum frumenta, vinum aliaque cibi necessaria Anius et eius filiae praebuere, quae Oenotropae et divinae religionis antistites memorabantur. Hoc modo ex Aulide navigatum est.

## LIBER SECUNDUS

[1] Postquam ad Mysorum regionem universas classes venti appulere propere omnes signo dato, naves litori admovent. Dein egredi cupientibus, a custodibus loci eius obviam itum est: eos namque Telephus, qui tum Mysiae imperator erat, quo omnis regio ab incursione maritimorum hostium defensaretur, litori praefecerat. Igitur ubi descendere prohibentur, neque prius permittitur terram contingere, quam regi quinam essent, nuntiaretur: nostri primo quae dicebantur neglegere, et singuli navibus egredi. Dein postquam a custodibus nihil remittebatur, et summa vi resisti et prohiberi coeptum est, duces omnes iniuriam manu vindicandam rati arreptis armis evolant navibus, incensique ira custodes caedere, neque versis his atque in fuga parcere, sed uti quisque fugientem comprehenderat, obtruncare.

[2] Interim ad Telephum, qui primi fuga Graecos evaserant, veniunt: irruisse multa milia hostium, eosque caesis custodibus litora occupasse multa praeterea singuli pro metu suo adicientes, nuntiant. Dein re cognita Telephus cum his quos circum se habebat, aliisque, qui in ea festinatione in unum conduci potuere, propere Graecis obviam venit, ac statim condensatis utrimque frontibus vi magna concurritur. Dein uti quisque in manus venerat, interficitur. Cum interim his aut illis ex casu suorum percussis vehementius invicem instaretur. Sed in ea pugna Thessandrus, quem Polynicis supra memoravimus, congressus cum Telepho, ictusque ab eo cadit, multis tamen hostium ante interfectis, in quis Telephi comitem, quem rex ob industriam virium atque ingenii inter duces habebat, strenue dimicantem obtruncaverat; atque ita paulatim elatus secundo belli eventu et ob id maiora viribus aggressus interficitur. Atque eius cruentum corpus Diomedes, quod ei iam tum a parentibus coeptum cum eo societatis ius perseverabat, umeris extulit: idque igni

crematum, quod superfuerat, patrio more sepeliit.

[3] At ubi animadvertere Achilles et Ajax Telamonius magno suorum detrimento eventum belli trahi, exercitum in duas partes dispertiunt. Ac pro tempore cohortati suos, tanquam restauratis viribus acrius hostes incurrunt, ipsi duces principes certaminis. Cum modo insequerentur fugientes, modo ingruentibus semet instar muri opponerent. atque ita omni modo primi aut inter primos bellantes praeclaram iam tum virtutis suae famam apud hostes atque inter suos effecere. Interim Teutranus, Teutrante et Auge genitus, frater Telephi uterinus, ubi animadvertit Aiace tantam adversum suos gloriam dimicantem, propere ad eum convertit ibique pugnando ictus telo eius occubuit. Eius casu Telephus non mediocriter percussus, ultionemque fraternae mortis expetens, infestus aciem invadit atque ibi, fugatis quos adversum ierat, cum obstinate Ulixem inter vineas, quae ei loco adiunctae erant, insequeretur, praepeditus trunco vitis ruit. Id ubi Achilles procul animadvertit, telum iaculatus femur sinistrum regi transfigit. At Telephus impigre resurgens, ferrum ex corpore extrahit, et protectus concursu suorum, ab instanti pernicie liberatus est.

[4] Iamque diei plerumque processerat, cum utraque acie intenta proelium sine ulla requie iugi certamine ac strenue adversum se ducibus fatigaretur. Namque nostros multorum dierum navigio aliquantum exhaustos maxime praesentia Telephi debilitaverat. Is namque Hercule genitus, procerus corpore, ac pollens viribus divinis patris virtutibus propriam gloriam aequiperaverat. Igitur adventante nocte cunctis cupientibus requies belli facta. Ac Mysii ad se domum, nostri ad naves digrediuntur. Ceterum in ea pugna utriusque exercitus interfecti multi mortales, sed et vulnerati pars maxima, prorsus nullo aut perpauca clade belli eius expertibus. Dein secuta die, legati invicem de sepeliendis, qui in bello ceciderant, mittuntur: atque ita indutiis interpositis collecta corpora atque igni cremata sepeliuntur.

[5] Interim Telepolemus et cum fratre Antipho Phidippus, quos Thessalo genitos, nepotes Herculis supra memoravimus, cognito Telephum in iis locis imperitare, fiducia cognationis ad eum veniunt eique quinam essent, et quibuscum navigassent, aperuere. Dein multa invicem consumpta oratione ad postremum nostri acrius incusare, quod tam hostiliter adversum suos versaretur. Agamemnonem namque et Menelaum Pelopidas, non alienos generis sui, eum exercitum contraxisse. Dein quae circa domum Menelai ab Alexandro commissa essent raptumque Helenae docent. Atque decere eum cum propter consanguinitatem, tum praecipue ob scelus violati communis hospitii Graecis ultro ferre auxilium, in quorum gratiam ipsius etiam Herculis plurima laborum monumenta per totam Graeciam existere. Ad ea Telephus, etsi dolore vulneris inmodice afflictabatur, benigne tamen respondens ipsorum potius ait culpa factum, quod amicissimos et

iunctos sibi generis adfinitate regno suo adpulsos ignoraverit; praemittendos etenim fuisse, per quos cognito eorum adventu obviam ire gratulantem oportuerit; atque amice hospitio receptos, donatosque muneribus, cum commodum ipsis videretur, remittere. Ceterum militiam adversum Priamum recusare; Astyothen enim Priami iunctam sibi matrimonio ex qua Eurypylos genitus, artissimum adfinitatis pignus intercederet. Dein propere popularibus, uti ab incepto desisterent, nuntiari iubet. Atque ita nostris liberam egrediendi navibus potestatem permittit. Tlepolemus et qui cum eo venerant Eurypylo traduntur hique perfectis quae cupierant ad naves pergunt nuntiantes Agamemnoni ac reliquis regibus pacem concordiamque cum Telepho.

[6] Quae ubi acceperere, apparatus belli laeti omittunt. Dein ex consilii sententia Achilles cum Aiace ad Telephum pervenere, eumque iactatum magnis doloribus consolati, ut viriliter incommodum ferret deprecabantur. At Telephus, ubi aliquantum requies doloris intercesserat, Graecos incusare, quod ne nuntium quidem adventus sui praemisissent. Dein percontatur, quinam et quanti Pelopidae in ea militia essent doctusque multis precibus orat, ut ad se omnes veniant. Tum nostri facturos se quae vellet polliciti, desiderium regis reliquis nuntiavere. Igitur omnes Pelopidae, praeter Agamemnonem et Menelaum, in unum congregati ad Telephum veniunt, multumque gratulationis atque laetitiae praesentia sua regi obtulere. Ac deinde muneribus largiter donati hospitio recipiuntur. Neque tamen miles reliquus qui apud naves erat, munificentiae regis expers fuit: namque ex numero navium frumentum aliaque necessaria adfatim portabantur. Ceterum rex ubi Agamemnonem fratremque eius abesse animadvertit, multis precibus Ulixem deprecatur, uti ad eos acciendos pergeret. Hi itaque ad Telephum veniunt ac more regio invicem acceptis datisque donis Machaonem et Podalirium, Aesculapii filios, venire ac vulneri mederi iubent; qui inspecta cura, propere apta dolori medicamina inponunt.

[7] Sed ubi tritis aliquot diebus tempus navigandi remorari ac ventis adversantibus mare in dies magis magisque saevire coepit, Telephum adeunt eumque de opportunitate temporis consulunt. Atque ab eo docti initio veris ex his locis ad Troiam navigandi tempus esse, reliqua adversa, cunctis volentibus Boeotiam revertuntur ibique subductis navibus singuli in regna sua hiematum discedunt. Interim in eo otio regi Agamemnoni cum Menelao fratre exercere discordias vacuum fuit, ob proditam Iphigeniam. Is namque auctor et veluti causa luctus eius credebatur.

[8] Per idem tempus, ubi de coniuratione universae Graeciae apud Troiam conpertum est, auctoribus nuntii eius Scythis barbaris, qui mercandi gratia per omnem Hellespontum commutare res cum accolis sueti ultro citroque vagabantur, metus atque maeror universos invasere, cum singuli, quibus ab initio Alexandri facinus displicuerat, male actum adversus Graeciam, et ob id

paucorum pravitate in communem perniciem praecipitatum iri testarentur. Inter quae tam sollicita, magna cura plurimi ex omni ordine electi ad contrahenda ex finitimis regionibus auxilia ab Alexandro aliisque pessimis consultoribus dimittuntur hisque mandatur, uti quam primum expedito negotio remearent: quod ea gratia maxime a Priamidis festinabatur uti propere instructo exercitu tempus profectionis antecaperent, atque omne quod parabatur bellum, in regiones Graeciae transportaretur.

[9] Dum haec apud Troiam geruntur, Diomedes incepti eorum certior factus magna celeritate per omnem Graeciam pervagatus universos duces convenit: eisque consilium Troianorum aperiens monet atque hortatur, uti quam primum instructi rebus bello necessariis ad navigandum festinarent. Neque multo post re cognita Argos ab omnibus convenitur. Ibi Achilles regi indignatus, quod propter filiam renueret profectionem, ab Ulixē in gratiam reductus est. Is namque diu maesto ac luctu obsito Agamemnoni insinuans, quae circa filiam eius evenissent, animum atque ornatum regis reformavit. Igitur cunctis praesentibus, quamquam a nullo officia militiae neglegebantur, praecipue tamen Ajax Telamonius et Achilles cum Diomede curam maximam studiumque inportandi belli susceperant; hisque placet, uti praeter contractam classem naves quibus loca hostilia incursarent, praepararentur. Ita diebus paucis, quinquaginta navium classem instructam omni genere conpingunt. Ceterum ab incepto militiae eius octavo iam anno ad hoc usque tempus consumpto, initium noni occeperat.

[10] At ubi instructae omni modo classes et mare navigii patiens neque ulla res impedimento erat, Scythas, qui forte mercandi gratia eo adpulerant, conductos mercede, duces profectionis eius delegere. Per idem tempus Telephus dolore vulneris eius, quod in proelio adversum Graecos acceperat, diu adfflictatus, cum nullo remedio mederi posset, ad postremum Apollinis oraculo monitus, uti Achillem atque Aesculapii filios adhiberet, propere Argos navigat. Dein cunctis ducibus causam adventus eius admirantibus oraculum refert atque ita orat, ne sibi praedictum remedium, ab amicis negaretur. Quae ubi accepere Achilles cum Machaone et Podalirio adhibentes curam vulneri brevi fidem oraculi firmavere. Ceterum Graeci multis immolationibus deos adiutores incepto invocantes Aulidam cum praedictis navibus veniunt. Atque inde propere navigare incipientibus dux Telephus ob acceptam gratiam factus. Ita ascensis navibus ventos nacti paucis diebus ad Troiam pervenere.

[11] Per idem tempus Sarpedon Lycius Xanthi et Laodamiae, frequentibus nuntiis a Priamo accitus cum magna armatorum manu adventabat. Is ubi animadvertit procul magnam vim classium admotam litori, ratus ut negotium erat, propere suos instruit Graecosque degredi

incipientes invadit. Neque multo post re cognita Priamidae arreptis armis accurrunt, cum interim Graeci infensis hostibus, et omni modo instantibus neque degredi sine pernicie neque arma capere turbatis omnibus et ob id cuncta impredientibus possent. Ad postremum tamen, hi quibus in ea festinatione armandi semet potestas fuit, confirmati inter se invicem acriter hostes incurrunt. Sed in ea pugna Protesilaus, cuius navis prima omnium terrae admota erat, inter primos bellando ad postremum telo Aeneae ictus ruit. Occidere etiam duo Priami filii neque reliqua multitudo utraque ex parte cladis eius expers fuit.

[12] Ceterum Achilles et Ajax Telamonius, quorum virtute Graeci sustentabantur, magna gloria dimicantes metum hostibus et fiduciam suis effecere. Neque amplius resisti iam apud eos poterat, quin paulatim decedentibus his, quos adversum ierant, ad postremum cuncti fugarentur. Ita libero ab hostibus tempore Graeci subductas naves atque in ordinem compositas tuto collocant. Dein ex omnibus Achillem et Aiace Telamonium, quorum virtute maxime fidebant, custodes deligunt hisque tutelam classium atque exercitus per latera atque cornua distribuentes tradunt. Igitur ordinatis dispositisque omnibus Telephus, cuius ductu ad Troiam navigatum est, magna sui apud exercitum gratia domum discedit. Neque multo post circa Protesilai sepulturam nostris occupatis, nihilque tali tempore hostile metuentibus Cynus, cuius haud procul a Troia regnum erat cognito adventu nostro, clam atque insidiis Graecos invadit eosque ancipiti malo territos sine ullo ordine ac disciplina militari fugere coegit. Dein propere reliqui quibus non ea humatio demandata erat, re cognita, armati eunt contra. In quis Achilles congressus cum rege eumque et magnam vim hostium interfecit, conversis in fugam hoc modo liberatis.

[13] Ceterum sollicitis ducibus et multorum clade ob crebras hostium incursiones anxii decernitur, uti primum finitimas Troiae civitates cum parte exercitus adeant, eosque omni modo incurserint. Ita omnium primam Cyni regionem invadunt, vastantque circum omnia. Sed ubi Neandriensium civitatem, quae regni caput filiorum Cyni nutrix memorabatur, nullo resistente invasere atque ignem subicere coepere, cives eius multis precibus lacrimisque orare, uti ab incepto desisterent; per omnia humana atque divina nixis genibus deprecantes, ne delicta pessimi ducis civitatem innoxiam et paulo post fidam sibi luere paterentur. Hoc modo per miserationem servata civitas. Ceterum regios pueros Cobin et Corianum eorumque sororem Glaucen expetentibus Graecis tradidere, quam nostri Aiaci ob fortia facta eius exceptam reliquae praedae habendam concedunt. Neque multo post Neandrienses supplices et cum pace ad Graecos conveniunt amicitiam et omnia quae imperavissent facturos polliciti. Quis perfectis Graeci Cillam adgressi expugnare. Neque tamen Carenen, quae haud procul aberat, contingunt in gratiam Neandriorum, qui domini civitatis eius, fideles atque amicissimi nobis ad hoc tempus

permanserant.

[14] Eadem tempestate oraculum Pythii Graecis perfertur: concedendum ab omnibus, uti per Palamedem Apollini Zminthio sacrificium exhiberetur. Quae res multis grata ob industriam et amorem viri, quem circa omnem exercitum exhibebat, nonnullis ducum dolori fuerat. Ceterum immolatio centum victimarum, sicuti praedictum erat, pro cuncto exercitu exhibebatur praeunte Chryse, loci eius sacerdote. Interim re cognita Alexander congregata armatorum manu ad prohibendum venit. Eum duo Aiaces, priusquam ad templum adpropinquaret, interfectis plurimis fugavere. Sed Chryses, quem sacerdotem Zminthii Apollinis supra diximus, utriusque exercitus offensam metuens, quisque partium ad eum venerat, cum his se adiunctum esse simulabat. Interim in eo sacrificio Philocteta haud procul ab ara templi eius adstans morsu serpentis forte contingitur. Dein ab omnibus, qui animadverterant, clamore sublato Ulixes adcurrrens serpentem interficit. Neque multo post Philocteta cum paucis, uti curaretur, Lemnum insulam mittitur: namque in ea sacri Vulcano antistites dei inhabitare ab accolis dicebatur solitos mederi adversus venena huiusmodi.

[15] Per idem tempus Diomedes et Ulixes consilium de interficiendo Palamede ineunt, more ingenii humani, quod imbecillum adversum dolores animi et invidiae plenum anteiri se a meliore haud facile patitur. Igitur simulato quod thesaurum repertum in puteo cum eo partiri vellent, remotis procul omnibus persuadent, uti ipse potius descenderet eumque nihil insidiosum metuentem adminiculo funis usum deponunt ac propere arreptis saxis, quae circum erant, desuper obruunt. Ita vir optimus acceptusque in exercitu, cuius neque consilium umquam neque virtus frustra fuit, circumventus a quibus minime decuerat indigno modo interiit. Sed fuere, qui eius consilii haud expertem Agamemnonem dicerent ob amorem ducis in exercitum et quia pars maxima regi ab eo cupiens tradendum ei imperium palam loquebantur. Igitur a cunctis Graecis veluti publicum funus eius crematum igni, aureo vasculo sepultum est.

[16] Interim Achilles ministras, et veluti officinam belli proximas Troiae civitates ratus sumptis aliquot navibus Lesbum adgreditur, ac sine ulla difficultate eam capit et Phorbanta, loci eius regem, multa adversum Graecos hostiliter molitum interficit atque inde Diomedeam, filiam regis, cum magna praeda abducit. Dein Scyrum et Hierapolim urbes refertas divitiis, cunctis suorum poscentibus vi magna adgressus paucis diebus sine ulla difficultate excindit. Ceterum, qua pergebat, agri referti iugi pace depraedati omnibusque vexati neque quicquam, quod amicum Troianis videretur, non eversum aut vastatum relinqui. Quis cognitis, finitimi populi ultro ad eum cum pace adcurrere ac ne vastarentur agri, dimidio fructuum pacti dant fidem pacis atque ab eo

accipiunt. His actis Achilles ad exercitum regreditur, magnam vim gloriae atque praedae adportans. Eodem tempore rex Scytharum cognito adventu nostrorum, cum multis donis adventabat.

[17] Ceterum Achilles haud contentus eorum, quae gesserat Cilicas adgreditur; ibique Lynesum paucis diebus pugnando cepit. Interfecto deinde Eetione, qui his locis imperitabat, magnis opibus naves replet, abducens Astynomen, Chrysi filiam, quae eo tempore regi denupta erat. Propere inde Pedasum expugnare occoeperit, Lelegum urbem, sed eorum rex Brises ubi animadvertit in obsidendo saevire nostros, ratus nulla vi prohiberi hostes aut suos satis defendi posse, desperatione effugii salutisque attentis ceteris adversum hostes domum regressus, laqueo interiit. Neque multo post capta civitas atque interfecti multi mortales et abducta filia regis Hippodamia.

[18] Per idem tempus Ajax Telamonius Thracum Chersonesum omni modo infestabat. Sed ubi rex eorum Polymestor virtutem atque gloriam viri cognovit, diffidens rebus suis, deditionem occoeperit. Tuncque Polydorus, Priami filius, quem rex recens natum clam omnes alendum ei transmiserat, merces pacis ab eo traditur. Aurum etiam, aliaque dona huiuscemodi ad conciliandum hostium animos adfatim praebebantur. Dehinc frumentum per omnem exercitum totius anni pollicitus naves onerarias, quas ob id Ajax secum habuerat, replet. Multis execrationibus amicitiam Priami adversum Graecos renuens in pacis fidem receptus est. His actis Ajax iter ad Phrygas convertit ingressusque eorum regionem Teuthrantem dominum locorum solitario certamine interficit ac post paucis dies expugnata atque incensa civitate magnam vim praedae trahit, abducens Tecmessam, filiam regis.

[19] Igitur ambo duces multis vastatis atque expugnatis regionibus ipsi clari atque magnifici ingenti nomine, per diversa loca quasi de industria eodem tempore ad exercitum remeare. Dein per praecones conductis in unum cunctis militibus ducibusque progressi in medium, singuli laborum atque industriae documenta in conspectu omnium exposuere. Quae ubi Graeci animadvertere, favore ingenti ac laudibus eos prosecuti, mediosque statuantes ramis oleae coronavere. Dein consilium de dividenda praeda haberi coeptum Nestore et Idomeneo in decernendo optimis auctoribus. Itaque cunctorum sententia ex omni praeda, quam Achilles adportaverat, exceptam Eetionis coniugem Astynomen, quam Chrysi filiam supra docuimus, ob honorem regium Agamemnoni obtulere. Ipse etiam Achilles praeter Brisei filiam Hippodamiam, Diomedeam sibi retinuit, quod eiusdem aetatis atque alimonii non sine magno dolore divelli poterant et ob id iam antea genibus Achillis obvolutae, ne separarentur, magnis precibus oraverant. Ceterum reliqua praeda viritim ob singulorum merita distributa est. Dein quae Ajax



adportaverat, Ulixes et Diomedes regatu eius in medios intulere. Ex quis auri atque argenti quantum satis videbatur Agamemnoni regi datur; ac deinde Aiaci, ob egregia laborum eius facinora Teuthrantis filiam Tecmessam concedunt. Ita divisus in singulos quae supererant, frumentum per exercitum dispertiunt.

[20] His actis fidem pacti, quod cum Polymestore intercesserat, traditumque Polydorum refert. Ob quae cunctis decernitur, ut Ulixes cum Diomede profecti ad Priamum Helenam cum abreptis recuperarent, atque ita Polydorum regi traderent. Igitur his pergentibus Menelaus, in cuius gratiam id negotium gerebatur, legationis officium eius pariter cum supradictis capit. Itaque habentes Polydorum ad Troianos veniunt. Sed ubi animadvertere populares electos ac magni nominis viros adventasse, propere senes omnes, quorum consilium haberi solitum erat, in unum conducunt, Priamo a filiis domi retento. Igitur reliquis praesentibus Graecorum Menelaus verba facit: secundo iam se ob eandem causam venisse. Cum multa alia adversum se domumque suam admissa, tum magno cum gemitu filiae orbitatem per absentiam coniugis conqueri, quae cuncta ab amico quondam et hospite non secundum meritum suum evenisse. Eam seniores lamentationem immodicam cum lacrimis accipientes ad omnia quae ab eo dicebantur, tanquam iniuriae eius participes, adnuere.

[21] Post quem Ulixes medius adstans huiusmodi orationem habuit: «Credo ego vos, Troiani principes, satis compertum habere, nihil temere Graecos, nihil inconsultum incipere solere, ac semper his iam tum a maioribus provisum atque elaboratum, uti facta gesta que eorum laus potius, quam culpa sequeretur. Et ut a me consulta omittam, hoc iam licet recognoscere. Iniuriis contumeliisque Alexandri paulo ante laesa Graecia non ad vim neque ad arma decursum est, quod iracundiae refugium esse solet. Nam de consilii sententia, legati ad recipiendam Helenam, ut meministis, cum Menelao venimus. Quibus praeter superbas verborum minas et insidias occultas nihil a Priamo neque ab eius regulis remissum est. Imperfecta igitur re, ut opinor, consequens fuit arma capere, iusque per vim extorquere, quod amice impetrare nequitum est. Itaque parato exercitu ac tot egregiis atque inclitis ducibus, ne sic quidem proelium adversum vos inire consilium fuit, sed imitati morem modestiamque solitam iterato ad vos ob eandem causam oratum venimus. Cetera in manu vestra sita sunt, Troiani, neque nos pigebit concessisse vobis, si modo sana mens est decretis salubribus priora male consulta corrigere.

[22] Per deos immortales, reputate cum animis vestris, quanta clades, et veluti contagio huiusce exempli orbem terrarum occupatura sit. Quis enim posthac, cui virile negotium est, recordatus Alexandri facinus non omnia suspecta atque insidiosa ab amico metuere cogetur? aut quis frater

fratri aditum patefaciet? quis hospitem aut cognatum non tamquam hostem cavebit? Denique si haec, quod haud spero, probaritis, omnia foederis iura ac pietatis apud Barbaros et Graecos clausa erunt. Quocirca, Troiani principes, bonum atque utile est Graecos receptis universis, quae per vim extorta sunt amice atque uti par est domum dimitti neque opperiri, quoad duo regna inter se amicissima manus conserant. Quae cum considero, dolendam hercule vicem vestram puto, qui innoxii et culpa eius vacui nati paucorum libidini paulo post alieni sceleris poenas subire cogemini. An vos soli ignoratis, ut affectae sint vicinae atque amicae vobis civitates, vel quae in dies residuis praeparentur? Nam captum Polydorum, atque apud Graecos retineri cognitum vobis est. Qui, si Helena cum abreptis nunc saltem revocetur, inviolatus Priamo restitui poterit, alio pacto bellum differri non potest neque finis bellandi fiet, quin aut omnes Graeciae duces, qui singuli ad eruendam civitatem vestram satis idonei sunt, mortem obierint, aut, quod magis spero confore, capto Ilio crematoque igni posteris etiam exemplum impietatis vestrae relinquatur. Quapropter dum adhuc res integra in manibus vobis est, etiam atque etiam providete».

[23] Postquam finem loquendi fecit, magno silentio cunctis, ut in tali negotio fieri solet, alienam sententiam expectantibus, cum se quisque minus idoneum auctorem crederet, Panthus clara voce: «Apud eos, ait, Ulixes, versa facis, quibus praeter voluntatem mederi rebus potestas nulla est». Dein post eum Antenor: «Omnia, quae memorata a vobis sunt, scientes prudentesque patiemur neque voluntas consulendi abest, si potestas concederetur. Sed, ut videtis, summae rei alii potiuntur, quibus cupiditas utilitate potior est». Quae ubi disseruit, mox per ordinem duces omnes, qui ob amicitiam Priami quique mercede conducti auxiliarem exercitum duxerant, introduci iubet. Quis ingressis Ulixes secundam exorsus orationem iniquissimos appellare universos, neque dispares Alexandri, quippe qui a bono honestoque elapsi auctorem pessimi facinoris sequerentur. Neque ignorare quemquam, quin, si tam atrox iniuria probanda sit, fore, uti malo exemplo disseminato per mortales ipsos etiam, qui haud longe abessent, similia aut graviora hisce sequerentur. Ea ut erant atrociora, cuncti inter se taciti reputare animo; atque ita exemplum huiusmodi abhorrentes indignatione rerum permoveri. Dein solito more perrogatis seniorum sententiis pari consensu omnium Menelaum indigne passum iniuriam decernitur, solo omnium Antimacho in gratiam Alexandri adversum reclamante. Ac statim qui de omnibus nuntiatum ad Priamum mitterentur, electi duo hique inter cetera quae mandata erant, etiam de Polydoro docent.

[24] Ea ubi rex accepit, maxime consternatus filii nuntio, ante ora omnium corrui. Dein a circumstantibus reffectus paulisper erigitur; atque ire in consilium cupiens, ab regulis cohibitus est. Ipsi namque relicto patre conventum inrumpunt ad id tempus quo Antimachus multis in contumeliam Graecorum praeiactis probris tum demum dimitti Menelaum aiebat, si Polydorus

redderetur, postremo eundem casum atque exitum utriusque custodiendum. Adversum quae cunctis silentibus Antenor resistere ac ne quid huiusmodi decerneretur, magna vi repugnare. Sed postquam invicem, multa consumpta oratione certamen eorum ad manus processerat, omnes qui aderant inquietum ac seditiosum Antimachum pronuntiantes e curia eiecere.

[25] Sed ubi Priamidae ingressi sunt, Panthus Hectorem obsecrans, nam is inter regulos cum virtute tum consilio bonus credebatur, hortari, uti Helena nunc potissimum, cum Graeci supplices ob banc causam venissent, cum amicitia redderetur; neque parum Alexandro ad explendum amorem, si quem circa Helenam habuerat, transactum. Quocirca versari ante omnium oculos oportere praesentiam regum Graecorum eorumque facta fortia ac recens partam gloriam eritis amicissimis Troiae civitatibus. Ob eam etiam causam Polymestorem exemplum admissi abhorrentem ultro Graecis Polydorum tradidisse. Ex quo etiam verendum, ne quid tale commentae ac finitimae regiones perniciose consilia adversum Troiam molirentur, nihil exploratum neque fidum, contra insidiosa cuncta, atque adversa in obsidione fore. Quae si omnes, ita uti res est, animo reputarent et Helena cum gratia remissa maius atque artius amicitiae pignus inter duo regna coalesceret. Quae ubi accepit Hector, recordatione fraterni facinoris tristior aliquantum suffusisque cum maerore lacrimis, Helenam tamen prodendam minime rebatur, quippe supplicem domus et ob id fide interposita tuendam. Si qua autem cum ea erepta docerentur, cuncta restituenda. Namque pro Helena Cassandram sive Polyxenam, quam legatis videretur, nuptum cum praeclaris donis Menelao tradendam.

[26] Ad ea Menelaus iracunde atrox: «Egregie Hercule actum nobis est, siquidem proprio spoliatus commutare matrimonium pro arbitrio hostium meorum cogor». Adversum quem Aeneas: «Ac ne haec quidem, ait, concedentur contradicente ac resistente me reliquisque qui adfines amicique Alexandro in rem eius consulimus. Sunt enim atque erunt semper qui domum regnumque Priami tueantur neque amisso Polydoro orbitas Priamum insequetur tot talibusque filiis superstitibus. An solis qui ex Graecia sunt raptus huiusmodi concederetur, quippe Cretae Europam quidem a Sidona, Ganymedem ex hisce finibus atque imperio rapere licuerit? Quid Medeam ignoratisne a Colchis in Iolcorum fines transvectam? Et ne primum illud rapiendi initium praetermittam, Io ex Sidoniorum regione abducta Argos meavit. Hactenus vobiscum verbis actum, at nisi mox cum omni classe ex hisce locis aufugeritis, iam iamque Troianam virtutem experiemini, domi quippe iuventus perita belli abunde nobis est, atque in dies auxiliorum crescit numerus». Postquam finem loquendi fecit, Ulixes placida oratione: «Et hercules ulterius, ait, differri inimicitias haud integrum vobis est. Date igitur belli signum, atque ut in inferendis iniuriis, ita et in inchoando proelio fite auctores; nos sequemur lacessiti». Talibus invicem consumptis

verbis legati consilio abeunt. Ac mox per populum disseminatis quae adversum legatos Aeneas dixerat, tumultus oritur scilicet per eum universam Priami domum odio regni eius pessimo intercedendi exemplo eversum iri.

[27] Igitur ubi legati ad exercitum revenere, cunctis ducibus dicta gestaue Troianorum adversum se exponunt. Itaque decernitur, uti Polydorum in conspectu omnium atque ante ipsos muros necarent. Neque ulterius dilatatum facinus, quippe productus in medium visentibus ex muris plerisque hostium lapidibus ictus fraternae impietatis poenas luit. Ac mox unus ex praeconibus nuntiatum Iliensibus mittitur, uti Polydorum sepeliendum peterent. Missusque ad eam rem Idaeus cum servis regiis foedatum ac dilaniatum lapidibus Polydorum matri eius Hecubae refert. Interim Ajax Telamonius, ne quid quietum finitimis Troiae regionibus, atque amicis relinqueretur, hostiliter eas ingressus Pityam Zeleamque, civitates divitiis nobiles, capit, neque contentus his Gargarum Arisbam, Gergitham, Scepsim, Larissam admiranda celeritate depopulatur. Dein doctus ab incolis, multa cuiusque pecora in Idaeo monte stabulari, exposcentibus, qui cum eo erant, cunctis cito agmine montem ingressus interfectis gregum custodibus magnam vim pecorum abducit. Dein nullo omnium adversante, cunctis qua pergebat in fugam versis, ubi tempus visum est, cum magna praeda ad suos convertit.

[28] Per idem tempus Chryses, quem sacerdotem Sminthii Apollinis supra docuimus, cognito filiam suam Astynomen cum Agamemnone degere, fretus religione tanti numinis, ad naves venit, praeferens dei vultus, ac quaedam ornamentorum templi eius, quo facilius recordatione praesentis numinis veneratio sui regibus incuteretur. Dein oblatis auri atque argenti donis plurimis, redemptionem filiae deprecatur; obsecrans uti magnificarent praesentiam dei, qui secum oratum eos ob sacerdotem proprium venisset. Praeterea commemorat, quae in dies adversum se ab Alexandro eiusque consanguineis, ob exhibitam per se paulo ante immolationem, inimica hostiliaque parentur. Quae ubi accepere, reddendam filiam sacerdoti, neque ob id accipiendum praemium, universis placet: quippe qui cum per se amicus fidelisque nobis, tum praecipue ob religionem Apollinis nihil non mereri crederetur. Namque multis iam documentis ac fama incolarum, obsequi numini eius per omnia destinaverant.

[29] Quae postquam Agamemnon accepit, obviam cunctorum sententiis ire pergit. Itaque atroci vultu exitium sacerdoti comminatus, ni recederet, perterritum senem, atque extrema metuentem, imperfecto negotio ab exercitu dimittit. Hoc modo conventu dissoluto, singuli reges ad Agamemnonem adeunt, eumque multis probris insequuntur quippe qui ob amorem captivae mulieris, seque et, quod indignissimum videretur, tanti numinis deum contemptui habuisset. Ac

mox universi exsecrati deseruere, ob idque et memores Palamedis, quem gratum acceptumque in exercitu, haud sine consilio eius, Diomedes atque Ulixes dolo circumventum necavissent. Ceterum Achilles in ore omnium, ipsumque et Menelaum contumeliis lacerabat.

[30] Igitur Chryses ubi iniuriam perpessus ab Agamemnone domum discessit, neque multi fluxerunt dies, incertum alione casu, an, uti omnibus videbatur, ira Apollinis, morbus gravissimus exercitum invadit, principio grassandi facto a pecoribus: dein malo paulatim magis magisque ingravescente, per homines dispergitur. Tum vero vis magna mortalium corporibus fatigatis pestifera aegritudine infando ad postremum exitio interibat. Sed regum omnino nullus neque mortuus ex hoc malo neque adtemptatus est. Ceterum postquam nullus morbi modus, et in dies plures interibant, cuncti duces converso iam in se quisque timore, in unum coeunt: ac dein flagitare Calchanta, quem futurorum praescium memoravimus, uti causam tanti mali ediceret. Ille enim perspicere se originem huiusce morbi, sed haud liberum esse cuiquam eloqui: ex quo accideret, uti potentissimi regis contraheret offensam. Post quae Achilles reges singulos adigit, ut interposita iurisiurandi religione confirmarent, nequaquam se ob ea offendi. Hoc modo Calchas, ubi cunctorum animos in se conciliavit, Apollinis iram pronuntiat: eum namque ob iniuriam sacerdotis infestum Graecis, poenas ab exercitu expetere. Dein perquirente Achille mali remedium, restitutionem virginis pronuntiat.

[31] Tum Agamemnon coniectans quod mox accidit, concilio tacitus egressus, cunctos quos secum habuerat, in armis esse iubet. Id ubi Achilles animadvertit, commotus rei indignatione, simul pernicie defessi exercitus anxius, defunctorum corpora miserandum in modum confecta undique in unum colligi iubet, atque in conventu ante ora omnium proici. Quo spectaculo adeo commoti reges gentesque omnes, uti adversum Agamemnonem ab cunctis pergeretur, duce atque auctore Achille, et si perstaret, suadente exitio vindicandum. Quae ubi regi nunciata, pertinacia animi, an ob amorem captivae, cuncta extrema ratus experiri, nihil remittendum de sententia destinaverat.

[32] Ea postquam Troiani cognovere, simul ex muris conflagrationem corporum assiduam crebrasque sepulturas animadvertere, doctique etiam reliquos incommodo cladis eius debiles agere, cohortati inter se arma capiunt, ac propere cum manu auxiliari effusi portis pergunt advorsum. Ac dein per campos exercitu bipartito, Troianis Hector, Sarpedon auxiliaribus duces facti. Tum nostri, visis contra hostibus, armati atque instructi pro negotio simplici fronte aciem composuere, circa cornua divisus ducibus: dextrum Achilles cum Antilocho, alterum Ajax Telamonius cum Diomede curabant, medios acceperere Ajax alter, et Idomeneus dux noster. Hoc

modo exercitu utrimque composito, pergunt obviam. At ubi in manus ventum est, cohortati suos quisque, acie confluxere. Tum vero in aliquantum tracto certamine plurimi utriusque partis cadunt, praecellentibus in ea pugna Barbarorum Hectore et Sarpedone, Graecorum Diomede cum Menelao. Dein nox, communis amborum requies, proelium diremit. Igitur reducto exercitu corpora suorum cremata igni sepeliunt.

[33] Quis perfectis, Graeci statuunt inter se Achillem, cuius in adversis Graecorum casibus sollicitudo praecipua videbatur, regem omnium confirmare. Sed Agamemnon anxius, ne decus regum amitteret, in consilio verba facit: Sibi maxime cordi esse exercitus incolurmitatem; neque ulterius differre, quin Astynome parenti remitteretur, maxime si restitutione eius instantem perniciem subterfugerent: nec quicquam deprecari amplius, si modo in locum eius Hippodamiam, quae cum Achille degeret, vicarium munus amissi honoris acciperet. Quae res, quamquam atrox omnibus et indigna videbatur, tamen connivente Achille cuius id praemium pro multis et egregiis facinoribus fuerat, effectum habuit. Tantus amor erga exercitum curaque in animo egregii adolescentis insederat. Igitur adversa cunctorum voluntate, neque tamen quoquam palam recusante, Agamemnon, tamquam ab omnibus concessa res videretur, lictoribus ut Hippodamia abstraheretur imperat; hique brevi iussa efficiunt. Interim Astynomen Graeci per Diomedem atque Ulixem cum magna copia victimarum ad fanum Apollinis transmisere. Dein perfecto sacrificio, paulatim vis mali leniri visa, neque amplius adtemptari corpora; et eorum qui antea fatigabantur, tanquam sperato divinitus levamine, relaxari. Ita brevi per universum exercitum salubritas vigorque solitus renovatus est. Mittitur etiam Philoctetae ad Lemnum portio praedae eius, quam Graeci per Aiaceum atque Achillem advectam inter se viritim distribuerant.

[34] Ceterum Achilles memor iniuriae supradictae abstinendum publico consilio decreverat, odio maxime Agamemnonis, abolitoque amore quem circa Graceos habuerat; scilicet quod eorum patientia post tot bellorum victorias, ac facta fortia, Hippodamia concessum pro laboribus praemium per iniuriam abducta esset. Dein venientes ad se duces, aditu prohibere, neque cuiquam amicorum ignoscere, qui se adversum Agamemnonis contumelias, cum defendere liceret, deseruissent. Intus igitur manens, Patroclum et Phoenicem, hunc morum magistrum, alterum obsequiis amicitiae carum, et aurigam suum Automedontem secum retinebat.

[35] Per idem tempus apud Troiam exercitus sociorum, quique mercede conducti auxiliares copias adduxerant, tempore multo frustra trito, taedione an recordatione suorum domi seditionem occipiebant. Quod ubi animadvertit Hector, coactus necessitate, militibus, ut in armis essent, iubet; ac mox ubi signum daret, sequerentur sese. Igitur postquam tempus visum est, et omnes in armis

nunciabantur, iubet egredi, ipse dux atque imperator militiae. Res postulare videtur eorum reges, qui socii atque amici Troiae, quique ob mercedem auxiliares ex diversis regionibus contracti Priamidarum imperium sequebantur, edicere. Primus igitur portis erumpit Pandarus Lycaone genitus, ex Lycia; dein Hippothous et Pylaeus Lethi, ex Larissa Pelasgidarum; Acamas †. . . † Piro ex Thracia, post quos Euphemus Troezenius Ciconiis imperitans; Pylaemenes Paphlagonius, patre Melio gloriosus; Odius et Epistrophus, filii Minii, Alizonorum reges; Sarpedon, Xantho genitus rector Lyciorum, ex Solemo; Nastes et Amphimachus Nomionis de Caria; Antiphus et Mesthles genitore Talaemene, Maeonii; Glaucus Hippolochi Lycius, quem sibi Sarpedon, quod praeter ceteros regionis eius consilio atque armis pollebat, participem bellicarum rerum adsciverat; Phorcys et Ascanius Phryges; Chromius et Ennomus Mygdones ex Mysia; Pyraechmes Axii Paeonius; Amphius et Adrastus Merope geniti, ex Adrestia; Asius Hyrtaci de Sesto, dein alius Asius, Dymante genitus, Hecubae frater, ex Phrygia. Hos omnes, quos memoravimus, secuti multi mortales inconditis moribus, ac dispari sono vocis, sine ullo ordine aut modo proelia inire soliti.

[36] Quod ubi nostri animadvertere, in campum progressi more militiae aciem ordinant, magistro ac praeceptore componendi Menestheo Atheniensi: ordinant autem per gentes atque regiones singulas, seorsum manente Achille cum Myrmidonum exercitu. Is namque, quamquam ob illatam ab Agamemnone iniuriam et abductam Hippodamiam, nihil animi remiserat, tamen maxime indignatus quod, reliquis ducibus ad cenam deductis, solus contemptui habitus intermitteretur. Ceterum ordinato exercitu, ac tunc primum omnibus copiis adversum se instructis hostibus, ubi neutra pars committere audent, paulisper in loco retentis militibus, tamquam de industria utrimque receptui canitur.

[37] Iamque Graeci regressi ad naves, arma deponere ac singuli per loca solita corpus cibo curare occeperant, cum Achilles ultum ire cupiens iniurias ignaros consilii sui nostros, et ob id otiose agentes, clam invadere temptat. At ubi Ulysses a custodibus, qui eruptionem eius praesenserant, rem comperit, propere duces circumcursans magna voce monet, atque hortatur uti armis arreptis tuerentur sese, dein consilium, inceptumque Achillis singulis aperit: quo cognito, clamor ingens oritur, festinantibus ad arma cunctis ac seorsum sibi singulis consulentibus. Ita Achilles praeverso de se nuncio, ubi omnes in armis sunt, neque conata procedere queunt, intentato negotio ad tentoria regreditur. Ac mox duces nostri rati repentino suorum clamore moveri Ilienses, et ob id novi quid negotii incepturos, augendae custodiae causa, mittunt duos Aiaces, Diomedem atque Ulixem. Hique inter se regionem, qua aditus hostibus erat, dispertiunt. Quae res non frustra eos habuit. Namque apud Troiam Hector causam tumultus eorum cupidus persciscere filium Eumedi

Dolonem multis praemiis promissisque inlectum ad postremum, uti exploratum res Graecorum egrederetur, mittit: isque non longe a navibus avidus ignara cognoscendi, dum cupit suscepti negotii fidem complere, in manus Diomedis, qui eum locum cum Ulixē custodiebat, devenit; ac mox ab his comprehensus refert cuncta atque occiditur.

[38] Dein diebus aliquot in otio tritis, productio utriusque exercitus praeparatur: divisoque inter se campo, qui medius inter Troiam atque naves interiacet, ubi tempus bellandi videbatur, magna cura universus miles instructus armis utrimque procedere. Dein signo dato, densatis frontibus, confluxere acies, composite Graecis ac singulis per distributionem imperia ducum exsequentibus; contra, sine modo atque ordine Barbaris ruentibus. Ceterum in ea pugna interfecti utriusque partis multi mortales, cum neque instantibus cederetur et exemplo strenuissimi cuiusque, qui iuxta steterat, aequiperare gloriam festinaret. Interim vulnerati graviter ex ducibus bello decedere coacti sunt barbarorum, Aeneas, Sarpedon, Glaucus, Helenus, Euphorbus. Polydamas; nostrorum Ulixes, Meriones, Eumelus.

[39] Ceterum Menelaus, forte conspicatus Alexandrum, magno impetu inruit, quem evitans neque diutius sustinere ausus Alexander fugam capit. At ubi procul animadvertit Hector, concurrans cum Deiphobo, comprehendere fratrem, eum verbis maledictisque acrioribus insecuti ad postremum cogunt, uti progressus in medias acies eundem Menelaum, conquiescentibus reliquis, solitario certamine lacesseret. Igitur reducto ad bellandum Alexandro, progressoque ante aciem, quod signum lacessentis videbatur, postquam procul animadvertit Menelaus, nunc demum occasionem invadendi inimicissimum sibi maxime oblatam ratus et iamiamque confidens omnium iniuriarum poenas lui sanguine eius, omnibus animis advorsum pergunt. Sed ubi eos contra se tendere paratos armis atque animis uterque exercitus animadvertit, signo dato recedunt cuncti.

[40] Iamque uterque pleno gradu advorsum cedens intra iactum teli pervenerant, cum Alexander praevenire cupiens, simulque ratus primo iaculi eventu locum vulnere inventurum, praemittit hastam, eaque illisa clipeo facile decussa est. Dein Menelaus magno impetu iaculatur, haud sane dissimili casu; namque parato iam ad cavendum ictumque declinante hoste, telum humi figitur. At ubi novis iaculis manus utriusque redarmatae sunt, pergunt. Tum demum Alexander ictus femur cadit ac ne mox hosti ultionem cum summa gloria concederet, pessimo exemplo intercessum est. Namque cum ad interficiendum eum educto gladio proueret Menelaus, ex occulto sagitta Pandari vulneratus, in ipso impetu repressus est. Igitur ab nostris clamore orto, simulque cum ira indignantibus, quod duobus seorsum adversum se, hisque maxime quorum gratia bellum conflatum esset, decernentibus repente a Troianis pessimo more intercederetur, rursus globus



barbarorum ingruens Alexandrum e medio rapit.

[41] Interim in ea permixtione, dum nostri haesitant, Pandarus procul adstans multos Graecorum sagittis configit. Neque prius finis factus, quam Diomedes atrocitate rei motus progressusque comminus telo hostem prosterneret. Hoc modo Pandarus certaminis foedere violato atque interemptis multis ad postremum poenas scelestissimae militiae luit. Ceterum corpus eius liberatum ex acie Priamidae igni cremant: reliquiasque socii traditas sibi Lyciam in solum patrium pertulere. Interim uterque exercitus signo dato manus conserunt pugnantisque vi summa atque ancipiti fortuna bellum ad occasum solis producunt. Sed ubi nox adventabat, utrimque reges subducta haud longe acie custodibus idoneis exercitus communivere. Ita per aliquot dies tempus bellandi opperientes, militem frequentem armatum frustra habuere. Namque ubi hiems adventare, et imbribus crebris compleri coepere campi, barbari intra muros abeunt. At nostri nullo palam hoste digressi ad naves munia hiemis disponunt moxque bipertito campo, qui reliquus non pugnae opportunus erat, utraque pars aratui insistere, serere frumenta aliaque, quae tempus anni patiebatur parare. Interim Ajax Telamonius instructo milite quem secum adduxerat, habens etiam nonnullos de exercitu Achillis, ingressus Phrygiae regionem, multa hostiliter vastat, capit civitates ac post paucos dies praeda auctus ad exercitum victor revenit.

[42] Isdem fere diebus barbari, nostris per conditionem hiemis quietis, nihilque hostile suspicantibus, paravere eruptionem, quis Hector dux atque audendi auctor factus. Is namque omnes copias instructas armis cum luce simul porta educit, ac protinus cursu pleno ad naves tendere atque invadere hostes iubet. At Graii infrequentes tum incuriosique ab armis turbari simul et fugientibus, quos primus hostis inceserat, quo minus arma caperent impediri; tum caesi multi mortales. Iamque fuis qui in medio fuerant, Hector ad naves progressus ignem in proras iacere ac saevire incendiis ceperat nullo nostrorum auso resistere; qui territi atque improvise tumultu exsanguis genibus Achillis, auxilium renuentis, tamen advolvebantur: tanta repente mutatio animorum nostros atque hostes inceserat.

[43] Interea Ajax Telamonius adveniens, cognito apud naves Hectore, magna armorum specie ibidem apparuit ac dein mole sua urgens hostem multo sudore ad postremum navibus extra vallum detrudit. Tum iam cedentibus acrior insistens, Hectorem, qui adversus eum promptius steterat, ictum immani saxo ac mox consternatum deicit. Sed eum concurrentes undique plurimi multitudine sua tectum bello atque Aiace manibus eripiunt, seminecemque intra muros ferunt, male prospera eruptione adversus hostes usum. Ceterum Ajax saevior ob ereptam e manibus gloriam assumptis iam Diomede et cum Idomeneo Aiace altero territatos dispersosque sequi; ac

fugientes nunc telo eminus prosternere, modo apprehensos obterere armis, prorsus nullo, qui in ea parte fuerat, intacto. Inter quae tam trepida Glaucus Hippolochi, Sarpedon atque Asteropaeus, ad morandum hostem paulisper ausi resistere, mox vulneribus gravati locum amisere. Quis versis, barbari nullam spem reliquam salutis rati sine rectoribus neque usquam certo ordine palantes effusique ruere ad portas, eoque arto et properantium multitudine impedito ingressu, cum super alium alius ruinae modo praecipitentur, supervenit cum supradictis ducibus Ajax. Tum magna vis barbarorum trepida impeditaque inter se caesa extinctaque, in quis Priami filiorum Antiphus et Polites, Pammon, Mestorque atque Euphemus Troezenius dux egregius Ciconum.

[44] Ita Troiani paulo ante victores, ubi adventu Aiacis fortuna belli mutata est, versis ducibus poenas luere militiae inconsultae. At postquam adventante vespera signum nostris receptui datum est, victores laetique ad naves regressi mox ab Agamemnone cenatum deducuntur. Ibi Ajax conlaudatus a rege, donis egregiis honoratur. Neque reliqui duces facta gesta viri silentio remittunt, quippe singuli extollentes virtutem memorare fortia facta, eversas ab eo tot Phrygiae civitates abductasque praedas et ad postremum in ipsis navibus adversum Hectorem egregiam pugnam liberatasque igni classes. Neque cuiquam dubium, quin ea tempestate, tot egregiis ac pulcherrimis eius facinoribus, spes omnes atque opes militiae in tali viro sisterentur. Ceterum proras duarum navium, quibus illatus ignis eam partem tantummodo consumpserat, Epios brevi restituit. Tumque Graeci rati post malam pugnam Troianos ulterius nihil hostile ausuros, quieti ac sine terrore egere.

[45] Per idem tempus Rhesus Eione genitus, haud alienus a Priami amicitia, pacta mercede cum magnis Thracum copiis adventabat. Is incedente iam vespera paulisper moratus apud paeninsulam, quae anteposita civitati continenti eius adiungitur; secunda circiter vigilia ingressus Troianos campos explicitisque tentoriis ibidem opperiebatur. Quod ubi Diomedes cum Ulixee, vigiliis in ea parte curantes procul animadvertere, rati Troianos a Priamo exploratum missos, arreptis armis, mox presso gradu circumspicientesque omnia pergunt ad eum locum. Tum fatigatis ex itinere custodibus, et ob id somno pressis, eosque et interius progressi in ipsis tentoriis regem interficiunt. Dein nihil ultra audendum rati, currum eius, et cum egregiis insignibus equos ad naves ducunt. Ita reliquum noctis in suis quisque tabernaculis requiescentes transigunt. At lucis principio reliquos duces conveniunt, eos facinus ausum expletumque docent. Ac mox rati barbaros incensos caede regis affore, iubent omnes frequentes apud arma agere opperiri que hostem.

[46] Neque multo post Thraces, ubi expergefacti e somno regem interemptum, foedam faciem intra tentoria animadvertere et vestigia abducti currus manifesta sunt, raptim ac sine ullis

ordinibus, ut quemque fors conglobaverat, ad naves evolant. Quibus procul visis, nostri conferti inter se atque imperia servantem eunt obviam. Sed Aiaces duo in aliquantum acie progressi, primos Thracum invadunt atque opprimunt. Dein reliqui duces, ut quisque locum ceperat, caedere singulos et ubi conferti steterant, bini aut amplius congregati impetu suo dissolvere ac mox dispersos palantesque interficere uti nullus reliquus caedis fieret. Ac statim Graii, extinctis qui adversum ierant, signo dato ad tentoria eorum pergunt. At illi qui custodes castris relictis soli supererant, visis contra hostibus, terrore ipso miserandum in modum effeminati, omnibus amissis ad moenia confugiunt. Tum undique versus nostri inruentes, arma, equos, regias opes et ad postremum uti quidque sors dederat praeripiunt.

[47] Hoc modo victores Graii deletis cum imperatore Thracibus, onusti praeda atque victoria, ad naves digrediuntur, cum interim Troiani ex muris respectantes nequicquam pro sociis intra moenia tamen trepidarent. Igitur barbari tot iam adversis rebus fracti legatos inducias postulantes ad Graecos mittunt, ac mox nostris conditionem approbantibus interposito sacrificio fidem pacti firmavere. Eodem fere tempore Chryses, quem sacerdotem Zminthii Apollinis supra memoravimus, ad exercitum venit actum gratias super his, quae in se recepta filia benigne ab nostris gesta erant, ob quae tam honorifica, simul quod Astynomen liberaliter habitam cognoverat, reductam secum Agamemnoni tradit. Neque multo post Philocteta cum his, qui partem praedae ad eum portaverant, Lemno regreditur invalidus etiam tum neque satis firmo gressu.

[48] Interea consilium Graecis agentibus Ajax Telamonius in medium progressus docet oportere mitti ad Achillem praecatores, qui eum imperatorum verbis atque exercitus peterent remittere iras ac repetere solitam cum suis gratiam; minime quippe aspernandum talem virum, nunc vel maxime, cum secundis rebus Graeci et paulo ante victores non ob utilitatem sed honoris merito gratiam eius peterent. Inter quae deprecari etiam Agamemnonem, daret operam simul voluntatemque agendo negotio adhiberet; namque tali tempore in commune ab omnibus consulendum, praesertim procul ab domo, locis alienis atque hostilibus, neque se aliter inter tam gravia bella undique versus inimicis regionibus, quam concordia tutos fore. At ubi finem loquendi fecit, cuncti duces laudare consilium viri simulque praedicantes ad caelum tollere, scilicet quod cum virtute corporis tum ingenio universos anteiret. Post quae Agamemnon docere se et ante ad reconciliandum Achillem multos misisse et nunc nihil aliud cordi esse. Ac mox Ulixem atque ipsum Aiace[m] orare, susciperent negotium atque ad eum nomine omnium irent, maxime quod Ajax cognatione fretus impetraturus veniam facilius credebatur. Igitur his operam suam pollicentibus, iturum se una Diomedes sponte ait.

[49] His actis, Agamemnon afferre hostiam lictores iubet ac mox sublata super terram, cum duo, quibus imperatum erat, suspensam retinerent, gladium vagina educit eoque bifarium excisam hostiam in conspectu, uti dividerat, collocat. Dein ferrum sanguine oblitum manu retinens, inter utramque sacri partem medius invasit. Interim Patroclus, cognito quod parabatur, in consilium supervenit. At rex sicut supra diximus transgressus ad postremum iurat inviolatam a se in eum diem Hippodamiam mansisse; neque cupiditate ulla aut desiderio lapsum, sed ira, qua plurima mala conficiuntur, eo usque processisse. His addit cupere se praeterea, si ipsi etiam videretur, filiarum quae ei cordi esset, in matrimonium dare decimamque regni omnis ac talenta quinquaginta doti adiungit. Quae ubi acceperet, qui in consilio erant, admirari magnificentiam regis maximeque Patroclus, qui cum oblatione tantarum opum, tum praecipue laetus, quod intacta Hippodamia affirmaretur, ad Achillem venit eique universa gesta atque acta refert.

[50] Dein ubi rex ea quae audierat volutare animo ac deliberare secum ipse coepit, supervenit cum supradictis Ajax. Tum ingressos eos ac iam benigne salutos sedere hortatur iuxtaque se Aiacem. Qui tempus loquendi nactus familiariter et ob id liberius incusare atque increpare, quod in magnis discriminibus suorum nihil iracundiae remiserit, potueritque cladem exercitus perpeti, cum eum multi amici, plurimi etiam affinium obvoluti genibus deprecarentur. Post quem Ulixes illa quidam deorum esse ait, eorum autem, quae in consilio acta essent, ordine exposito, quae etiam Agamemnon pollicitus quaeque iurasset, ad postremum orat, ne preces omnium neve oblatas nuptias aspernaretur; moxque eorum omnium, quae una offerebantur, enumerationem facit.

[51] Tum Achilles longam exorsus orationem, primum omnium acta gesta sua exponere; ac dein admonere, quantas aerumnas pro utilitate omnium pertulerit, quas civitates aggressus ceperit cunctis interim requiescentibus ipse anxius ac dies noctesque bello intentus et, cum neque militibus suis neque sibi ipse parceret, asportatas nihilominus praedas in commune solitum redigere. Pro quis solum omnium se electum, qui tam insigni iniuria dehonestaretur: solum ita contemptum, a quo Hippodamia tot laborum pretium per dedecus abstraheretur neque in ea culpa solum esse Agamemnonem, sed maxime ceteros Graecos, qui immemores beneficiorum contumeliam suam silentio praeterierint. Postquam finem loquendi fecit, Diomedes: «Praeterita, ait, omittenda sunt neque oportet prudentem meminisse transactorum, quando ea, etsi maxime cupias, nequeas revocare». Interea Phoenix et cum eo Patroclus circumstantes genas atque omnem vultum iuvenis, manus adosculari, contingere genua, rediret in gratiam atque animos remitteret, cum propter praesentes, qui eum oratum venissent, tum praecipue ob bene de se meritum reliquum exercitum.

[52] Igitur Achilles praesentia talium virorum, precibus familiarium ac recordatione innoxii exercitus tandem flexus ad postremum facturum se quae vellent respondit. Dein hortatu Aiacis tum primum post malam iracundiam Graecis mixtus consilium ingreditur atque ab Agamemnone regio more salutatur. Interea reliquis ducibus favorem attollentibus, gaudio laetitiaque cuncta completa sunt. Igitur Agamemnon manum Achillis retentans eumque et reliquos duces ad cenam deducit. Ac paulo post inter epulas, cum laeti inter se invitarent, rex Patroclum quaesiit, ut Hippodamiam cum ornamentis, quae dederat, ad tentoria Achillis deduceret; isque libens mandata efficit. Ceterum per id tempus hiemis saepe Graeci atque Troiani singuli pluresve, ut fors evenerat, inter se sine ullo metu in luco Thymbraei Apollinis miscebantur.

### LIBER TERTIVS

[1] Interim per totam hiemem dilato condicionibus in tempus bello Graeci cuncta, quae in tali otio militia exposcebat, intenti animo summis studiis festinabant. Namque pro vallo multitudo universa variis bellandi generibus per duces populosque instructa et ob id more optimo diversis ad officia sua quibusque, hinc iaculis hastarum vice fabricatis, neque ponderis aut mensurae inferioribus, et quibus ea non erant praeustis sudibus, illinc sagittis certantes inter se invicem ad multum diem exercere, alii saxis utebantur. Sed inter sagittarios maxime anteibant Ulysses, Teucer, Meriones, Epios, Menelaus. Neque dubium, quin inter hos tamen praecelleret Philocteta, quippe Herculis sagittarum dominus et destinata feriundi arte mirabilis. At Troiani cum auxiliaribus laxiores militia neque circa exercitum solliciti socordius agitare ac saepe sine ullo insidiarum metu hi aut illi multis immolationibus Thymbraeo Apollini supplicabant. Isdem fere diebus nuntius adportatur universas prope Asiae civitates descivisse a Priamo atque eius amicitiam execrari. Namque facinoris exemplo suspectis iam per universos populos gentesque circa hospitium omnibus, simul quia omnibus proeliis Graecos victores cognitum et eversio multarum in ea regione civitatum in animis haeserat et ad postremum grave odium filiorum regnique eius inceserat.

[2] At apud Troiam forte quadam die Hecuba supplicante Apollini Achilles adveniens visere cerimoniarium morem cum paucis comitibus supervenit. Erant praeterea cum Hecuba matronae plurimae, coniuges principalium filiorumque eius, partim honorem atque obsequium reginae tribuentes, reliquae tali obtentu pro se quaeque rogaturae supplicabant. Etiam Hecubae filiae nondum nuptae Polyxena et Cassandra, Minervae atque Apollinis antistites, novo ac barbaro redimitae ornatu effusis hinc atque inde crinibus precabantur suggerente sibi Polyxena apparatus saeri eius. Ac tum forte Achilles versis in Polyxenam oculis pulchritudine virginis capitur.

Auctoque in horas desiderio, ubi animus non lenitur, ad naves discedit. Sed ubi dies pauci fluxere et amor magis ingravescit, accito Automedonte aperit ardorem animi; ad postremum quaesiit, uti ad Hectorem virginis causa iret. Hector vero datarum se in matrimonium sororem mandat, si sibi universum exercitum proderet.

[3] Dein Achilles soluturum se omne bellum pro Polyxena tradita pollicetur. Tum Hector: aut prodicionem ab eo confirmandam, aut filios Plisthenis atque Aiace[m] interficiendos, alias de tali negotio nihil se auditurum. Ea ubi Achilles accepit, ira concitus exclamat: se, cum primum tempus bellandi foret, primo proelio interempturum. Dein animi iactatione saucius huc atque illuc oberrans interdum tamen, quatenus praesenti negotio utendum esset, consultare. At ubi eum Automedon iactari animo atque in dies magis magisque aestuare desiderio ac pernoctare extra tentoria animadvertit, veritus, ne quid adversum se aut in supradictos reges moliretur, Patroclo atque Aiace[m] rem cunctam aperit. Hique dissimulato quod audierant cum rege commorantur. Ac forte quodam tempore recordatus sui convocatis Agamemnone et Menelao negotium, ut gestum erat, desideriumque animi aperit: a quis omnibus ut bono animo ageret responderetur, brevi quippe dominum eum fore eius, quam deprecando non impetraverit. Quae res eo habere fidem videbatur, quoniam iam summa rerum Troianarum prope occasum erat. Omnes namque Asiae civitates exsecratae amicitiam Priamidarum ultro nobis auxilium societatemque belli offerebant. Quis ab ducibus nostris benigne respondebatur: satis sibi esse praesentium copiarum neque auxiliorum egere, amicitiam sane, quam offerent, ultro suscipere, voluntatemque eorum fore gratam omnibus. Scilicet quia fluxa fides, et animi parum spectati neque tam subita mutatio sine dolo credebatur.

[4] Iamque exactis hibernis mensibus ver coeperat cum Grai edicto prius, uti omnis miles in armis esset, mox signo belli edito exercitum in campis productum ordinant; neque ea a Troianis segnius agebantur. Igitur ubi utrimque instructae acies adversum processere atque intra teli iactum ventum est, cohortati suos quisque manus conserunt in medio locatis equitibus et ob id primis congressis. Tumque primum reges nostri atque hostium ascensis curribus bellum ineunt adscito sibi quisque auriga ad regendos equos. Sed primus omnium Diomedes invectus Pyraechmem, regem Paeonum, hasta fronte ictum interficit, dein ceteros, quos ob virtutem rex secum stipatores habuerat, conglobatos inter se atque ausos resistere partim telo eminus fundit, alios curru per medios concito humi obterit. Dein Idomeneus adhibito equis Merione Acamanta Thracum regem deicit, ruentique telo occurrit atque ita interficit. Sed ubi Hector situs in parte alia medios suorum fundi accipit, dispositis satis strenuis, ubi pugnabat, accurrit auxilio laborantibus Glaucum secum ac Deiphobum et Polydamanta habens. Neque dubium, quin deleta a praedictis regibus ea pars

hostium foret, ni adventu suo Hector nostrosque ulterius progredi ac suos fugere cohibuisset. Ita Graeci prohibiti caede reliquorum represso gradu adversum eos, qui supervenerant, constitere.

[5] Ac mox cognito per universum exercitum proelio in ea parte reliqui duces confirmati, ubi quisque pugnaverat, undique eo confluunt. Densatur utrimque acies et proelium renovatum est. Igitur Hector ubi plurimos suorum adesse et satis tutum se intellegit, tollit animos. Dein clamore magno singulos suorum nomine appellans confidentius in hostem pugnare hortatur; ac progressus intra aciem Diorem et Polyxenum Elios satis impigre pugnantem vulnerat. At ubi eum Achilles ita in hostem promptum animadvertit, simul subvenire his, quos adversum bellabat, cupiens et memor paulo ante repulsae in Polyxena contra tendit; progressusque in medio Pylaemenem Paphlaganum regem impedimento sibi oppositum comminus fundit non alienum sanguinis Priamidarum. Perhibebatur quippe hic etiam ex his, qui a Phineo Agenoris originem propriam memoria repetebant, a quo etiam Olizonem genitam, postquam adoleverit deductam in matrimonium Dardani.

[6] Ceterum Hector postquam ad se agmine infesto tendi videt, causas odii recordatus non ulterius impetum viri experiri ausus ex acie subterfugit. Tumque Achilles insecutus quantum acies hostium patiebatur, ad posternum iaculatus aurigam eius interfecit, postquam Hector per aliam partem relicto curru aufugerat. Dein ereptum sibi e manibus inimicissimum omnium dolens rursus vehementius saevire extractoque ex corpore aurigae iaculo fundere obvios ac prostratos, cum alios invaderet, desuper proculcans obterere. Inter quae tam trepida cunctis fugientibus Helenus quaesitum ex occulto vulnere locum ubi nactus est, manum Achillis procul atque improvisus sagitta transfigit. Ita vir egregius bellandi, cuius adventu territus fugatusque Hector, multi mortales cum ducibus extincti, clam atque ex occulto vulneratus eo die finem bellandi fecit.

[7] Interim Agamemnon, et cum eo Aiaces duo inter ceteram stragem ignotorum nacti plurimos Priami filiorum interficiunt, atque Agamemnon Aesacum cum Deiopite, Archemachum, Laudocum et Philenorem, Ajax Oilei et Telamonius Mylium, Astyonoum, Doryclum, Hippothoum atque Hippodamanta. At in alia belli parte Patroclus et Lycius Sarpedon locati in cornibus nullis propinquorum praesentibus signo inter se dato solitarii certaminis extra aciem processere, moxque telis adversum iactis, ubi uterque intactus est, curru desiliunt atque arreptis gladiis pergunt obviam. Iamque crebris adversum se ictibus congressi, neque vulneratus quisquam, multum diei consumpserant, cum Patroclus amplius audendum ratus colligit sese in arma et cautius contactus ingressusque hostem complectitur, manu dextra poplitem succidens, quo vulnere debilitatum, atque exsectis nervis invalidum propulsat corpore ruentemque interficit.

[8] Quod ubi animadvertere Troiani, qui iuxta steterant, gemitu magno clamorem tollunt, relictisque ordinibus signo dato arma in Patroclum vertunt, scilicet Sarpedonis interitu publicam cladem rati. At Patroclus praevisto hostium agmine telum positum humi propere rapit compositusque in armis audentius resistit. Tum ingruentem Deiphobum hasta comminus tibiam ferit atque excedere ex acie coegit interfecto prius Gorgythione fratre eius. Neque multo post adventu Aiakis fusi reliqui, cum interim Hector edoctus quae acciderant, supervenit ac mox conversam suorum aciem pro tempore restituit increpatis ducibus ac plerisque ex fuga reductis. Ita praesentia eius animi tolluntur et proelium incenditur. Tum vero inclitis ex utraque parte ducibus confirmato exercitu, confligunt acies, nunc hinc, nunc inde cedentibus instantes et, ubi acies nutaverat, praesidiis accurrentibus. Interea utriusque exercitus cadunt plurimi neque fortuna belli mutatur. Sed postquam miles per multum diem bello intentus magis magisque fatigabatur, et diei vesper erat, utrisque cupientibus pugna decessum.

[9] Tum apud Troiam circa Sarpedonis cadaver cunctis deflentibus ac praecipue feminis luctu atque gemitu omnia completa sunt, quis non alii casus acerbissimi, ne interitus quidem Priamidarum, prae desiderio eius cordi insederant. Tantum in eo viro praesidium et interfecto spes ablata credebatur. At Graeci in castra regressi primum omnium Achillem revisunt eumque de vulnere percontati, ubi sine dolore agere vident, laeti ad postremum narrare occipiunt Patrocli facta fortia, dein reliquos, qui vulnerati erant, per ordinem circumeunt; ita inspectatis omnibus ad tentoria sua quisque digreditur. Interim Achilles regressum Patroclum extollere laudibus, dein monere, uti reliquo quoque bello memor rerum, quas gesserat, hostibus vehementius ingrueret. Hoc modo nox consumitur. At lucis principio corpora suorum quisque collecta igni cremant, dein sepeliunt. Sed postquam dies aliquot triti et vulnerati convaluerant, arma expedire et producere militem placet.

[10] Sed barbari more pessimo nec quicquam compositum, nihil aliud quam turbata atque insidiosa cupientes clam atque ante tempus egressi proelium praevertere. Tuncque effusi ruinae modo clamorem inconditum simul et tela in hostes coniciunt semermes etiam tum atque incompositos. Caesi itaque nostrorum multi, in quis Arcesilaus Boeotius et Schedius Crissaeorum uterque duces optimi; ceterum vulnerata pars maxima, Meges etiam et Agapenor, alter Echinadibus imperator, Agapenor Arcadiae. Inter quae tam foeda tanta inclinatione rerum Patroclus fortunam belli vincere adgressus, dum hortatur suos simul atque instat hostibus promptiore quam bellandi mos est, telo Euphorbi ictus ruit. Statimque Hector advolans opprimit ac desuper vulneribus multis fodit; moxque enititur abstrahere proelio, scilicet insolentia gentis suae inludere cupiens per universa genera dehonestamenti. Quod ubi Aiaci cognitum est, relicto



ubi pugnauerat propere accurrit, iamque eripere cadaver occipientem proturbat hasta. Interim Euphorbus a Menelao et Aiace altero summo studio circumventus scilicet auctor interempti ducis morte poenas luit. Deinde occipiente vespera proelium dirimitur male et cum dedecore plurimis nostrorum interfectis.

[11] Sed postquam reductae utrimque acies et iam in tuto miles noster erat, cuncti reges Achillem conveniunt deformatum iam lacrimis atque omni supplicio lamentandi. Qui modo prostratus humi, nunc cadaveri superiacens adeo reliquorum animos pertemptaverat, ut Ajax etiam, qui solandi causa adstiterat, nihil luctui remitteret. Nec Patrocli tantum mors gemitum ilium cunctis incusserat, sed praecipue recordatio vulnere per loca corporis pudibunda, quod exemplum pessimum per mortales tum primum proditum est numquam antea a Graecis solitum. Igitur reges multis precibus atque omni consolationis modo tandem Achillem flexum humo erigunt. Dein Patrocli corpus elutum mox veste circumtegitur maxime ob tegenda vulnera, quae multimodis impressa haud sine magno gemitu cernebantur.

[12] His actis monet, uti custodes vigiliis agere curarent, ne qua hostes detentis circa funus nostris more solito inruerent. Ita per distributionem officia sua quisque procurantes igni plurimo in armis pernolant. At lucis principio placet, uti ex omni ducum numero quinque in montem Idam vaderent silvam caesum, qua Patroclus cremaretur, decretum quippe ab omnibus erat, funus eius publice curaretur. Iere igitur Ialmenus, Ascalaphus, Epios et cum Merione Ajax alter. Moxque Ulixes et Diomedes busto locum dimetiuntur quinque hastarum longitudine totidemque in transversum. Advecta deinde ligni copia bustum exstruitur impositumque desuper cadaver igni supposito cremant exornatum iam decore omni pretiosae vestis; id namque Hippodamia et Diomedea curaverant, quarum Diomedea nimium iuveni et omni affectu dilecta fuerat.

[13] Ceterum paucis post diebus reffectis ex labore vigiliarum ducibus cum luce simul exercitus in campum productus per totum diem in armis agit opperiens barbarorum adventum. Qui muris despectantes postquam nostros paratos proelio vident, eo die certamen distulere. Ita occasu solis Graeci ad naves regressi. At vix principio diei Troiani rati etiam nunc incompósitos Graecos, armati portis evolant temere et cum audacia, uti antea soliti, instantesque circa vallum certatim tela iaciunt crebra magis quam cum effectu nostris ad evitandos tantum ictus compositis. Igitur ubi ad multum diem barbari intenti iaculis fessi iam neque ita vehementes animadvertuntur, ex parte una nostri erumpunt, incursantesque sinistrum latus fundunt fugantque; neque multo post ex alio abnudentibus iam barbaris, ac sine ulla difficultate versis.

[14] Ita plurimi barbarorum, ubi vertere terga, foede et vice inbellium ab insequentibus proculcati ad postremum dispereunt, in quis Asius, Hyrtaco genitus, et cum Hippothoo Pylaeus, hi Larisaeis, Asius Sesto regnantes. Eodem die vivi a Diomede capiuntur duodecim, ab Aiace quadraginta. Captus etiam Pisis et Evander Priamidae. In ea pugna Graecorum Guneus interfectus rex Cyphius, vulneratus etiam Idomeneus dux noster. Ceterum ubi Troiani muros ingressi clausere portas et finis instandi factus est, nostri spoliata armis hostilia cadavera adportataque in flumine praecipitant memores paulo ante in Patroclo insolentiae barbarorum; dein captives omnes, uti quem ceperant, in ordine Achilli offerunt. Isque vino multo sopita iam favilla reliquias in urnam collegerat, decretum quippe animo gerebat, secum in patrium solum uti adveheret vel, si fortuna in se casum mutaret, una atque eadem sepultura cum carissimo sibi omnium contegi. Itaque eos, qui oblatis erant, deduci ad bustum, una etiam Priami filios ibique seorsum aliquantum a favilla iugulari iubet, scilicet inferias Patrocli manibus. Ac mox regulos canibus dilaniandos iacit confirmatque, se non prius desinere pernoctando humi, quam in auctorem tanti luctus sui sanguine vindicasset.

[15] Sed nec multi transacti dies, cum repente nuntiatur Hectorem obviam Penthesileae cum paucis profectum. Quae regina Amazonibus incertum pretio an bellandi cupidine auxiliatum Priamo adventaverat, gens bellatrix, et ob id ad finitimos indomita, specie armorum inclita per mortales. Igitur Achilles paucis fidis adiunctis secum insidiatum propere pergit atque hostem securum sui praevortit, tum ingredi flumen occipientem circumvenit. Ita eumque et omnes, qui comites regulo dolum huiusmodi ignoraverant, ex improvise interficit. At quendam filiorum Priami comprehensum mox excisis manibus ad civitatem remittit nuntiatum quae gesta erant. Ipse cum caede inimicissimi, tum memoria doloris ferox spoliatum armis hostem, mox constrictis in unum pedibus vinculo currui postremo adnectit, dein ubi ascendit ipse, Automedonti imperat, daret lora equis. Ita curru concito per campum, qua maxime visi poterat, praevolat hostem mirandum in modum circumtrahens, genus poenae novum miserandumque.

[16] At apud Troiam ubi spolia Hectoris desuper ex muris animadvertere, quae Graeci praecepto regis ante ora hostium praetulerant, et filius Priami praemissus ab Achille rem ut gesta erat disseruit, tantus undique versus per totam civitatem luctus atque clamor editur, ut aves etiam consternatae vocibus alto decidisse crederentur nostris cum insultatione reclamantibus. Ac mox portis ex omni parte urbs clauditur. Foedatur regni habitus atque in modum lugubrem funestumque obducta facies civitatis. Cum sicut in tali nuntio adsolet, repente concursus trepidantium fieret in eundem locum ac statim sine ulla certa ratione per diversum fuga. Nunc planctus crebri, modo urbe tota silentium ex incerto. Inter quae et spes extremas multi credidere

cum nocte simul Graecos moenia invasuros excisurosque urbem securos interitu tanti ducis, nonnulli etiam pro confirmato habere Achillem exercitum eum, qui duce Penthesilea Priami rebus auxilio venerat, partibus suorum adiunxisse, postremo omnia adversa hostilia fractas ablatasque opes, nullam salutis spem interempto Hectore in animo habere, quippe is solus omnium in ea civitate adversum tot milia imperatoresque hostium varia semper victoria certaverat. Cui fama bellandi inclito per gentes numquam tamen vires consilio superfuerant.

[17] Interim apud Graecos, ubi Achilles ad naves redit et cadaver Hectoris in ore omnium est, dolor, quem ob Patrocli interitum paulo ante perceperant, nece metuendi hostis et ob id praecipua laetitia circumscribitur. Ac tum universis placet, uti in honorem eius, quoniam abesset hostilis metus, certamen ludis solitum celebraretur. Neque minus tamen reliqui populi, qui non certaturi spectandi gratia convenerant, instructi armis paratique adessent, ne qua scilicet hostis quamvis fractis rebus solito tamen insidiandi more inrueret. Igitur Achilles victorum praemia, quae ei videbantur maxima, statui imperat. Et postquam nihil reliquum erat, reges omnes ad considendum hortatur, ipse medius atque inter eos excelsior. Tum primum quadriugis equis Eumelus ante omnes victor declaratur, bigarum praemia Diomedes meruit, secundo post eum Menelaus.

[18] Ceterum ad certandum qui sagittarum arte maxime praevalebant Meriones atque Ulixes duos erexere malos, quis religatum linum tenuissimum atque ex transverso extentum utriusque capiti adnectebatur, media columba sparto dependebat; eius contingendae certamen maximum. Tum reliquis incassum tendentibus Ulixes cum Merione destinatum confixere. Quibus cum a reliquis favor attolleretur, Philocteta non columbam se, verum id, quo religata esset, sagitta excisurum promittit. Admirantibus deinde difficultatem regibus, fidem promissi non feliciter quam sollertius confirmavit; ita dirupto vinculo columba cum maxima populi adclamatione decidit. Praemia certaminis eius Meriones atque Ulixes tulere. Achilles duplici extra ordinem munere Philoctetam donat.

[19] Cursu longo certantibus Oilei Ajax victor excipitur, post quem secundus Polipoetes. Duplici campo Machaon, singulari Eurypylus, saltu Tlepolemus, disco Antilochus victores abeunt. Praemia luctandi intacta permansere, quippe Ajax arripiens medium Ulixem deicit, qui ruens pedibus eius circumvertitur, atque ita praepedito obligatoque nixu Ajax paene iam victor ad terram ruit. Cestibus reliquoque manuum certamine idem Ajax Telamonius palman refert. Cursu in armis postremo Diomedes praevaluit. Dein ubi praemia certaminis persoluta sunt, Achilles primum omnium Agamemnoni domum, quod ei honoratissimum videbatur, offert, secundo Nestori, Idomeneo tertio, post quos Podalirio et Machaoni, dein reliquis pro merito ducibus, ad postremum

eorum sociis, qui in bello occiderant; hisque mandatum, uti, cum tempus fuisset, domum ad necessarios eorum perferrent. Postquam certandi praemiorumque finis factus et iam diei vesper erat, ad sua quisque tentoria discessere.

[20] At lucis principio Priamus lugubri veste miserabile tectus, cui dolor non decus regium, non ullam tanti nominis atque famae speciem reliquam fecerat, manibus vultuque supplicibus ad Achillem venit, quocum Andromacha, non minor quam in Priamo miseratio. Ea quippe deformata multiplici modo Astyanacta, quem nonnulli Scamandrium appellabant, et Laodamanta parvulos admodum filios prae se habens regi adiumentum deprecandi addiderat, qui maeroribus senioque decrepitis filiae Polyxenae umeris innitebatur. Dein sequebantur vehicula plena auri atque argenti pretiosaeque vestis, cum super murum despectantes Troiani comitatum regis oculis prosequerentur. Quo viso repente silentium ex admiratione oritur ac mox reges avidi noscere causas adventus eius procedunt obviam. Priamus ubi ad se tendi videt, protinus in os ruit pulverem reliquaque humi purgamenta capiti aspargens. Dein orat, uti miserati fortunas suas precatores secum ad Achillem veniant. Eius aetatem fortunamque recordatus Nestor dolet, contra Ulixes maledictis insequi et commemorare, quae ad Troiam in consilio ante sumptum bellum ipse adversum legatos dixerat. Ea postquam Achilli nuntiata sunt, per Automedontem eum accersi iubet, ipse retinens gremio urnam cum Patrocli ossibus.

[21] Igitur ingressis ducibus nostris cum Priamo rex genua Achilli manibus complexus: «Non tu mihi, inquit, causa huiusce fortunae, sed deorum quispiam, qui postremam aetatem meam, cum misereri deberet, in hasce aerumnas deduxit confectam iam ac defatigatam tantis luctibus filiorum. Quippe hi fisci regno per iuventutem, cum semper cupiditates animi quoquo modo explere gestiunt, ultro sibi mihi que perniciem machinati sunt. Neque dubium cuiquam, quin contemptui sit adolescentiae senecta aetas. Quod si interitu meo reliqui huiusmodi facinoribus temperabunt, me quoque, si videtur, exhiheo poenae mortis, cui misero confectoque maeroribus omnes aerumnas, quibus nunc depressus infelicissimum spectaculum mortalibus praebeo, cum hoc exiguo spiritu simul auferes. Adsum eni ultro, nihil deprecor, vel si ita cordi est, habe in custodia captivitatis, neque enim mihi quicquam iam superioris fortunae reliquum est, quippe interfecto Hectore cuncta regni concidere. Sed si iam Graeciae universae ob meorum male consulta satis poenarum filiorum sanguine et meis aerumnis persolvi, miserere aetatis ac deos recordatus retorque animos ad pietatem: concede parvulis saltem non animam parentis, sed cadaver deprecantibus. Veniat in animum recordatio parentis tui omnes curas vigiliisque in te tuamque salutem impendentis. Sed illi quidem cuncta secundum sua vota proveniant longeque aliter neque mei similem senectam degat».

[22] Interea dum haec commemorat, paulatim animo deficere ac dissolvi membris, dein obmutescere occipit, quod spectaculum longe miserrimum omnibus, qui tum aderant, dolori fuit. Dein Andromacha parvulos Hectoris filios ante Achillem prosternit, ipsa fletu lamentabili orans, uti sibi cadaver coniugis intueri saltem concederetur. Inter haec tam miseranda Phoenix Priamum sustollere atque uti animum reciperet hortari. Tum rex ubi in aliquantum refovit spiritum, nixis genibus atque utraque manu caput dilanians: «Ubi nunc illa est, ait, quae apud Graecos praecipue erat iusta misericordia? an solum in Priamum circumscribitur?».

[23] Iamque omnibus dolore permotis Achilles decuisse ait filios eum suos initio ab eo, quod admiserint, facinore cohibere neque ipsum concedendo tanti delicti participem fieri. Ceterum ante id decennium non ita defessum senecta fuisse, ut suis despectui esset, sed obsedis animos eorum desiderium rerum alienarum, neque ob mulierem solum unam, sed Atrai atque Pelopis divitiis inhiantes raptum res more incondito perrexisse; pro quis aequissimum esse eiusmodi poenas vel etiam graviores pendere. Namque ad id tempus Graecos secutos morem in bellis optimum, quoscumque hostium pugna conficeret, sepulturae re stituere solitos, contra Hectorem supergressum humanitatis modum, Patroclum eripere proelio ausum, scilicet ad inludendum ac foedandum cadaver eius, quod exemplum poenis ac suppliciis eorum eluendum, ut Graeci ac reliquae posthac gentes memores ultionis eius moremque humanae condicionis tuerentur. Non enim Helenae neque Menelai gratia exercitum relictis sedibus parvulisque procul ab domo, cruentum suo hostilique sanguine inter ipsa belli discrimina huiusmodi militiam tolerare, sed cupere dinoscere, barbarine Graecine summa rerum potirentur, quamquam iustam causam fuisse inferendi belli etiam pro muliere. Namque uti ipsi raptu rerum alienarum laetarentur, ita maxime dolori esse his, qui amiserint. Ad haec multa infausta detestandaque imprecari confirmareque se capto Ilio ante omnes tanti admissi poenas sanguine eius expetere, ob quam patria parentibusque carens Patroclum etiam, solitudinis suae levamen maximum amiserit.

[24] Dein consiliatum cum supradictis ducibus surgit. Quis omnibus una atque eadem sententia est, scilicet uti acceptis quae allata essent corpus exanime concederet. Quod ubi satis placuit, singuli ad sua tentoria discedunt. Moxque Polyxena ingresso Achille obvoluta genibus eius sponte servitium sui pro absolute cadaveris pollicetur. Quo spectaculo adeo commotus iuvenis, ut, qui inimicissimus ob mortem Patrocli Priamo eiusque regno esset, tum recordatione filii ac parentis ne lacrimis quidem temperaverit. Itaque manu oblata Polyxenam erigit praedicta prius mandataque cura Phoenici super Priamo. Sed rex nil se luctus neque praesentium miseriarum remissurum ait. Tum Achilles confirmare non prius cupitis eius satis futurum quam mutato in melius habitu cibum etiam secum sumeret. Ita rex veritus, ne quae concessa videbantur, ipse recusando impediret,

demisse omnia quaeque imperarentur facienda decrevit.

[25] Igitur ubi excussus comis pulvis totusque lautus est, mox a iuvene ipseque et qui cum eo venerant, cibo invitantur. Dein ubi satias omnes tenuit, hoc modo Achilles disseruit: « Refer nunc iam mihi, Priame, quid tantum causae fuerit, cur deficientibus quidem vobis in dies copiis militaribus, ingravescentibus autem calamitatibus atque aerumnis Helenam tamen in hodiernum retinendam putetis neque velut contagionem infausti ominis reppuleritis? quam prodidisse patriam parentesque et, quod indignissimum omnium est, fratres sanctissimos cognoveritis. Namque hi execrati facinus eius ne in militiam quidem nobiscum coniuraverunt, scilicet ne, quam audiri incolumem nollent, ei per se reditum in patriam quaerent. Eam igitur, cum cerneretis malo omnium civitatem intravisse vestram, non eiecistis? Non cum detestationibus extra muros persecuti estis? Quid illi senes, quorum filios pugna in dies conficit. Nonne adhuc persenserunt eandem causam exitisse tantorum funerum? Itane ergo divinitus vobis eversa mens est, ut nullus in tanta civitate reperiri possit, qui fortunam labentis patriae dolens de pernicie publica cum exitio eius transigat? Ego quidem aetatis tuae contemplatione atque harum precum cadaver restituam neque unquam committam, ut, quod in hostibus reprehenditur crimen malitiae, ipse subeam».

[26] Ad ea Priamus renovato fletu quam miserabili non sine decreto divum adversa hominibus inruere ait, deum quippe auctorem singulis mortalibus boni malique esse neque quoad beatum esse licitum sit, cuiusquam in eum vim inimicitiasque procedere. Ceterum se diversi partus quinquaginta filiorum patrem beatissimum regum omnium habitum, ad postremum Alexandri natalem diem, evitari ne dis quidem praecinentibus potuisse. Namque Hecubam foetu eo gravidam facem per quietem edidisse visam, cuius ignibus conflagravisse Idam ac mox continuante flamma deorum delubra concremari omnemque demum ad cineres conlapsam civitatem intactis inviolatisque Antenoris et Anchisae domibus. Quae denuntiata cum ad perniciem publicam expectare aruspices praecinerent, inter necandum editum partum placuisse. Sed Hecubam more femineae miserationis clam alendum pastoribus in Idam tradidisse. Eum iam adultum, cum res palam esset, ne hostem quidem quamvis saevissimum, ut interficeret, pati potuisse, tantae scilicet fuisse eum pulchritudinis atque formae. Quem coniugio deinde Oenonae iunctum cupidinem cepisse visendi regiones atque regna procul posita. Eo itinere abductam Helenam urgente atque instigante quodam numine cunctorum civium animis, sibi etiam laetitiae fuisse, neque cuiquam, cum orbari se filio aliove consanguineo cerneret, non acceptam tamen, solo omnium adversante Antenore, qui initio post Alexandri reditum filium suum Glaucum, quod eius comitatum secutus erat, abdicandum a penetibus suis decreverit, vir domi belloque prudentissimus. Ceterum sibi, quoniam ita res ruerent, optatissimum adpropinquare naturae finem

omissis iam regni gubernaculis atque cura; tantum se in Hecubae filiarumque recordatione cruciari, quas post excidium patriae captivas incertum cuius domini fastus manerent.

[27] Dein omnia, quae ad redimendum filium advectaverat, ante conspectum iuvenis exponi imperat. Ex quis quicquid auri atque argenti fuit tolli Achilles iubet, vestis etiam quod ei visum est; reliquis in unum collectis Polyxenam donat et cadaver tradidit. Quo recepto rex in gratiamne impetrati funeris an si quid Troiae accideret securus iam filiae, amplexus Achillis genua, orat, uti Polyxenam suscipiat sibi que habeat. Super qua iuvenis aliud tempus atque alium locum tractatumque fore respondit; interim cum eo reverti iubet. Ita Priamus recepto Hectoris cadavere ascensoque vehiculo cum his, qui se comitati erant, ad Troiam redit.

### LIBER QVARTVS

[1] Sed postquam Troianis palam est regem perfecto negotio inviolatum atque integro comitatu regredi, admirati laudantesque Graeciae pietatem ad caelum ferunt, quippe quis animo ita haeserat nulla spe impetrandi cadaveris ipsumque et qui cum eo fuissent retineri ab Graecis, maxime ob Helenae, quae non remitteretur, recordationem. Ceterum viso Hectoris funere cuncti cives sociique adcurrentes fletum tollunt, divellentes comam foedantesque ora laniatibus, neque in tanta populi multitudine quisquam in se virtutis aut spei bonae fiduciam credere illo interfecto, qui inclita per gentes fama rerum militarium, in pace etiam praeclara pudicitia, ex qua haud minorem, quam reliquis artibus gloriam adeptus erat. Interea sepelivere eum haud longe a tumulo Ili regis quondam. Dein exorto quam maximo ululatu postrema funeri peragunt, hinc feminis cum Hecuba deflentibus, hinc reclamantibus Troianis viris et ad postremum sociorum gentibus. Quae per dies decem concessa bellandi requie ab ortu solis ad usque vesperam per Troianos gesta nullo usquam remisso lugendi officio.

[2] Interim per eosdem dies Penthesilea, de qua ante memoravimus, cum magna Amazonum manu reliquisque ex finitimo populis supervenit. Quae postquam interemptum Hectorem cognovit, perculsa morte eius regredi domum cupiens ad postremum multo auro atque argento ab Alexandro inlecta ibidem opperiri decreverat. Dein exactis aliquot diebus copias suas armis instruit. At seorsum ab Troianis ipsa suis modo bellatoribus satis fidens in pugnam pergit: cornu dextro sagittariis, altero peditibus instructo, medios equites collocat; in quis ipsa. Contra ab nostris ita occursum, ut sagittariis Menelaus atque Ulixes et cum Teucro Meriones, peditibus Aiaces duo, Diomedes, Agamemnon, Tlepolemus et cum Ialmeno Ascalaphus opponentur, in equites ab Achille et reliquis ducibus pugnaretur. Hoc modo instructo utrimque exercitu conflixere acies. Cadunt sagittis reginae plurimi neque ab Teucro secus bellatum. Interim Aiaces et qui cum his

erant pedites, contra quos steterant, caedere ac restantes detrudere umbonibus, moxque repulsos obtruncare. Neque, quoad deletae peditum copiae, finis fit.

[3] Achilles inter equitum turmas Penthesileam nactus hasta petit, neque difficilius quam feminam equo deturbat manu comprehendens comam atque ita graviter vulneratam detrahens. Quod ubi visum est, tum vero nullam spem in armis rati fugam faciunt. Clausisque civitatis portis nostri reliquos, quos fuga bello exemerat, insecuti obtruncant, feminis tamen abstinentes manus parcentesque sexui. Dein uti quisque victor, interfectis quos adversum ierant, regrediebatur, Penthesileam visere seminecem etiam nunc admirarique audaciam. Ita brevi ab omnibus in eundem locum concursum placitumque, uti, quoniam naturae sexusque condicionem superare ausa esset, in fluvium reliquo adhuc ad persentiendum spiritu aut canibus dilanianda iaceretur. Achilles interfectam eam sepelire cupiens mox a Diomede prohibitus est. Is namque percontatus circumstantes, quidnam de ea faciendum esset, consensu omnium pedibus adtractam in Scamandrum praecipitat, scilicet poenam postremae desperationis atque amentiae. Hoc modo Amazonum regina deletis copiis, quibuscum auxiliatum Priamo venerat, ad postremum ipsa spectaculum dignum moribus suis praebuit.

[4] At sequenti die Memnon, Tithoni atque Aurorae filius, ingentibus Indorum atque Aethiopum copiis supervenit, magna fama, quippe in unum multis milibus armatis vario genere spes etiam votaue de se Priami superaverat. Namque omnia circum Troiam et ultra, quae visi poterant, viris atque equis repleta splendore insignium refulgebant. Eos omnes iugis Caucasi montis ad Troiam duxit, reliquos neque numero inferiores imposito Phala duce atque rectore mari misit. Qui adpulsi Rhodum, ubi animadvertere insulam Graecis sociam, veriti, ne re cognita incenderentur naves, ibidem opperiebantur; ac mox divisi in Camirum et Ialysum, urbes opulentas. Neque multo post Rhodii Phalam incusare, quod paulo ante eversa ab Alexandro Sidona, patria sua, auxilium ei, a quo laesus sit, ferre cuperet. Quo animos exercitus permoverent, confirmare haud dissimiles barbarorum videri eos, qui tam indignum facinus defenderent. Multa praeterea, quae accensura vulgum et pro se facturi essent, disserere. Quae res haud frustra fuit. Phoenices namque, qui in eo exercitu plurimi aderant, permoti querelis Rhodiorum an cupidine diripiendarum rerum, quas secum advexerant, Phalam lapidibus insecuti necant distributique per supradictas urbes aurum ac reliqua praedae inter se dispertiunt.

[5] Interim exercitus, qui cum Memnone venerat, positus per locos patulos castris – nam intra moenia haud facile tanta vis hominum retineri poterat – diversi suo quisque genere exercebantur. Neque in eadem arte simplex atque idem modus, sed ut quemque regionis suae mos adsuefecerat,



ita telis aliis in alium modum formatis, scutorum etiam et galearum multiformi specie horrendam belli faciem praebuerant. At ubi triti aliquot dies et miles bellum cupit, simul cum luce exercitus omnis signo dato in proelium ducitur cumque his Troiani et qui intra moenia socii fuerant. At contra Graeci instructi pro tempore opperiri, debilitati aliquantum animos metu ingentis atque incogniti hostis. Igitur ubi intra teli iactum ventum est, tum vero barbari clamore ingenti ac dissono ruinae in modum inrumpunt, nostri confirmati inter se satis impigre hostium sustentavere. Sed postquam acies renovatae atque in ordinem reformatae sunt et iaci hinc atque inde tela coepere, cadunt utriusque exercitus plurimi, neque finis fit, quoad Memnon curru vectus adhibito secum fortissimo quoque medios Graecorum invadit, primum quemque obvium fundens aut debilitans. Ita iam plurimis nostrorum interfectis duces, ubi fortuna belli eversa neque spes reliqua nisi in fuga est, victoriam concessere. Eo die incensae deletaeque naves omnes forent, ni nox, perfugium laborantium, ingruentes hostes ab incepto cohibuisset. Tanta in Memnone bellandi vis peritiaque et nostris adversae res.

[6] Igitur Graeci, postquam requies est, percussi inter se ac summae rerum diffidentes per universam noctem quos in bello amiserant sepelivere. Dein consilium futuri certaminis adversum Memnonem ineunt; ac placet sorte eligi nomen ducis cum eo bellaturi. Tunc Agamemnon Menelaum excipit, Ulixem, Idomeneum; reliquorum sors agi coepta Aiace Telamonium votis omnium deligit. Ita relictis cibo corporibus reliquum noctis cum quiete transigunt. At lucis principio armati instructique pro negotio egrediuntur. Neque segnius a Memnone actum, cum quo Troiani omnes. Ita hinc atque inde ordinato exercitu proelium initum. Plurimi utriusque partis, ut in tali certamine, cadunt aut icti graviter proelio decedunt. In quo bello Antilochus Nestoris obvius forte Memnoni interficitur. Moxque Ajax, ubi tempus visum est, inter utramque aciem progressus lacescit regem, praedicto prius Ulixi et Idomeneo, ab ceteris uti se defenderent. Igitur Memnon ubi ad se tendi videt, curru desilit confligitque pedes cum Aiace magno utriusque partis metu atque expectatione, cum dux noster summa vi umbonem scuti eius telo in aliquantum foratum gravis atque summis viribus ingruens impulit vertitque in latus. Quo viso regis comites adcurrere Aiace exturbare nitentes. Tum Achilles, ubi barbaris intercedi videt, pergat contra et nudatum scuto hostis iugulum hasta transfigit.

[7] Ita praeter spem interfecto Memnone animi hostium commutantur et Graecis aucta fiducia. Iamque Aethiopum versa acie nostri instantes caedunt plurimos. Tum Polydamas renovare proelium cupiens circumventus ad postremum atque ictus inguina ab Aiace interficitur, Glaucus Antenoribus adversum Diomedem adstans Agamemnonis telo cadit. Tum vero cerneret hinc Aethiops cum Troianis per omnem campum sine ordine atque imperio fugientes multitudine ac

festinatione inter se implicari cadere ac mox palantibus equis proculcari, hinc Graecos resumptis animis sequi caedere impeditosque dissolvere atque ita confodere laxatos. Redundant circa muros campi sanguine et omnia, qua hostis intraverat, armis atque cadaveribus completa sunt. In ea pugna Priami filiorum Aretus et Echemmon ab Ulixē interfecti, Dryops, Bias et † Chorithan ab Idomeneo, ab Aiace Oilei Ilioneus cum Philenore, itemque Thyestes et Telestes a Diomede, ab Aiace altero Antiphus, Agavus, Agathon atque Glaucus ab Achille Asteropaeus. Neque prius finis factus, quam Graecos satias et ad postremum fatigatio incessit.

[8] At ubi ab nostris in castra recessum est, missi ab Troianis, qui peterent eorum, qui in bello ceciderant, humandi veniam. Collectos suos quisque igni cremant et more patrio sepeliunt seorsum ab ceteris cremato Memnone, cuius reliquias urnae conditas per necessarios regis remisere in patrium solum. At Graeci lautum bene cadavere Antilochi iustisque factis Nestori tradunt eumque orant, ferret animo aequo fortunae bellique adversa. Ita ad postremum corpora sua quisque curantes vino atque epulis per multam noctem Aiacem simulque Achillem laudibus celebrant atque ad caelum ferunt. At apud Troiam, ubi requies funerum est, non iam dolor in casu Memnonis, sed metus summae rerum et desperatio incesserat, cum hinc Sarpedonis interitus, inde secuta paulo post Hectoris clades spes reliquas animis abstulissent neque, quod postremum in Memnone fortuna obtulerat, reliquum iam existeret. Ita confluentibus in unum tot adversis curam omnem exurgendi omiserant.

[9] At post paucos dies Graeci instructi armis processere in campum lacescentes, si auderent, ad bellandum Troianos. Quis dux Alexander cum reliquis fratribus militem ordinat atque adversum pergit. Sed priusquam ferire inter se acies aut iaci tela coepere, barbari desolatis ordinibus fugam faciunt. Caesique eorum plurimi aut in flumen praeceps dati, cum hinc atque inde ingrueret hostis atque undique adempta fuga esset. Capti etiam Lycaon et Troilus Priamidae, quos in medium productos Achilles iugulari iubet indignatus nondum sibi a Priamo super his, quae secum tractaverat, mandatum. Quae ubi animadvertere Troiani, tollunt gemitus et clamore lugubri Troili casum miserandum in modum deflent recordati aetatem eius admodum immaturam, qui in primis pueritiae annis cum verecundia ac probitate, tum praecipue forma corporis amabilis atque acceptus popularibus adolescebat.

[10] Deinde transactis paucis diebus solemne Thymbraei Apollinis incessit et requies bellandi per indutias interposita. Tum utroque exercitu sacrificio insistente Priamus tempus nactus Idaeum ad Achillem super Polyxena cum mandatis mittit. Sed ubi Achilles in luco ea, quae inlata erant, cum Idaeo separatim ab aliis recognoscit, cognita re apud naves suspicio alienati ducis et ad

postremum indignatio exorta. Namque antea rumore proditiis ortum clementer per exercitum in verum traxerant. Ob quae simul uti concitatus militis animus leniretur, Ajax cum Diomede et Ulixes ad lucum pergunt hique ante templum resistunt opperientes, si egrederetur, Achillem, simulque uti rem gestam iuveni referrent, de cetero etiam detererent in colloquio clam cum hostibus agere.

[11] Interim Alexander compositis iam cum Deiphobo insidiis pugionem cinctus ad Achillem ingreditur confirmator veluti eorum, quae Priamus pollicebatur moxque ad aram, quo ne hostis dolum persentisceret aversusque a duce, adsistit. Dein ubi tempus visum est, Deiphobus amplexus inermem iuvenem quippe in sacro Apollinis nihil hostile metuentem exosculari gratularique super his, quae consensisset, neque ab eo divelli aut omittere, quoad Alexander librato gladio procurrensque adversum hostem per utrumque latus geminato ictu transfigit. At ubi dissolutum vulneribus animadvertere, e parte alia, quam venerant, proruunt, re ita maxima et super vota omnium perfecta, in civitatem recurrunt. Quos visos Ulixes: “non temere est, inquit, quod hi turbati ac trepidi repente prosiluerunt”. Dein ingressi lucum circumspicientesque universa animadvertunt Achillem stratum humi exsanguem atque etiam tum seminecem. Tum Ajax: “fuit, inquit, confirmatum ac verum per mortales nullum hominum existere potuisse, qui te vera virtute superaret, sed, ut palam est, tua te inconsulta temeritas prodidit”. Dein Achilles extremum adhuc retentans spiritum: “dolo me atque insidiis, inquit, Deiphobus atque Alexander Polyxenae gratia circumvenere”. Tum exspirantem eum duces amplexi cum magno gemitu atque exosculati postremum salutant. Denique Ajax exanimem iam umeris sublatum e luco effert.

[12] Quod ubi animadvertere Troiani, omnes simul portis proruunt eripere Achillem nitentes atque auferre intra moenia scilicet more solito inludere cadaveri eius gestientes. Contra Graeci cognita re arreptis armis tendunt adversum, paulatimque omnes copiae productae, ita utrimque certamen brevi adolevit. Ajax tradito his, qui secum fuerant, cadavere eius infensus Asium Dymantis, Hecubae fratrem, quem primum obvium habuit, interficit. Dein plurimos, uti quemque intra telum, ferit, in quis Nastes et Amphimachus reperti Cariae imperitantes. Iamque duces Ajax Oilei et Sthenelus adiuncti multos fundunt atque in fugam cogunt. Quare Troiani caesis suorum plurimis nusquam ullo certo ordine aut spe reliqua resistendi dispersi palantesque ruere ad portas neque usquam nisi in muris salutem credere. Quare magna vis hominum ab insequentibus nostris obtruncantur.

[13] Sed ubi clausis portis finis caedendi factus est, Graeci Achillem ad naves referunt. Tuncque deflentibus cunctis ducibus casum tanti viri plurimi militum haud condolere, neque, uti res

exposcebat, tristitia commoveri, quippe quis in animo haeserat Achillem saepe consilia prodendi exercitus inisse cum hostibus; ceterum interfecto eo summam militiae orbatam et ademptum complurimum; et viro egregio bellandi ne honestam quidem mortem aut aliter quam in obscuro oppetere licuerit. Igitur propere ex Ida adportata ligni vis multa atque in eodem loco, quo antea Patroclo, bustum extruunt. Dein imposito cadavere subiectoque igni iusta funeri peragunt Aiace praecipue insistente, qui per triduum continuatis vigiliis labore non destitit, quam reliquiae coadunarentur. Solus namque omnium paene ultra virilem modum interitu Achillis consternatus est, quem dilectum praetere ceteros animo summis officiis percoluerat, quippe cum amicissimum et sanguine coniunctum sibi, tum praecipue plurimum virtute ceteros antecedentem.

[14] Contra apud Troianos laetitia atque gratulatio cunctos incesserat interfecto quam metuendo hoste; hique Alexandri commentum laudantes ad caelum ferunt, scilicet cum insidiis tantum perfecit, quantum ne in certamine auderet quidem. Inter quae nuntius Priamo supervenit Eurypylum Telephi ex Mysia adventare, quem rex multis antea inlectum praemiis, ad postremum oblatione desponsae Cassandrae confirmaverat. Sed inter cetera, quae ei pulcherrima miserat, addiderat etiam vitem quandam auro effectam, et ob id per populos memorabilem. Ceterum Eurypylus virtute multis clarus Mysiacis modo Ceteiisque instructus legionibus summa laetitia a Troianis exceptus spes omnes barbaris in melius converterat.

[15] Interim Graeci ossa Achillis urna recondita adiunctaque simul Patrocli in Sigeo sepelivere. Cui sepulchrum etiam extruendum ab his, qui in eo loco habebant, mercede Ajax locat indignatus iam de Graecis, quod nihil in his dignum doloris iuxta amissionem tanti heróis animadverteret. Per idem tempus Pyrrhus, quem Neoptoleum memorabant, genitus Achille ex Deidamia Lycomedis superveniens offendit tumulum extractum iam ex parte maxima. Dein percontatus exitum paternae mortis Myrmidonas gentem fortissimam et inclitam bellandi armis aque animis confirmat, impositoque faciendo operi Phoenice ad naves atque ad tentoria parentis vadit. Ibi custodem rerum Achillis Hippodamiam animadvertit. Moxque adventu eius cognito in eundem locum a cunctis ducibus concurritur; hique, uti animum aequum haberet, deprecantur. Quis benigne respondens nec sibi ait ignoratum esse omnia, quae divinitus confierent, forti pectore patienda, neque cuiquam super fatum vivendi concessam legem, turpem namque ac detestandam viris fortibus condicionem senectae, contra imbellibus optabilem. Ceterum sibi eo leviolem dolorem esse, quod non in certamine neque in luce belli Achilles interfectus esset, quo fortiorem ne optasse quidem quemquam existere nunc vel in praeteritum excepto uno illo Hercule. Addit praeterea: solum virum dignum ea tempestate, sub cuius manibuse excindi Troiam deceret, neque tamen abnuere, quod imperfectum a patre relictum esset, a se atque a circumstantibus perfici.

[16] Postquam finem loquendi fecit, in proximum diem certamen pronuntiatum. Duces omnes, ubi tempus visum est, solito ad Agamemnonem cenatum veniunt, in quis Ajax cum Neoptolemo, Diomedes, Ulixes et Menelaus hique inter se eundem locum cenandi capiunt. Interim inter epulas plurima iuveni patris fortia facinora numerare virtutemque eius commemorando efferre laudibus. Quis Pyrrhus non mediocriter laetus accensusque industria enisurum se omni opere respondit, quo ne indignus patris meritis existeret. Dein ad sua quisque tentoria quietum abeunt. At postero die simul cum luce iuvenis castris egressus offendit Diomedem cum Ulixē. Quos salutatos quid causae foret; hique aiunt interponendam dierum moram ad reficiendos militum eius animos, longo itinere maris torpentibus etiam nunc membris et ob id nequaquam satis firmo nisu, ut solitis viribus agerent.

[17] Itaque ex eorum sententia biduum interpositum, quo transacto omnes duces regesque suis quisque militibus instructis exercitum ordinant atque ad pugnam vadunt. In quis Neoptolemus regens medios circum se Myrmidonas statuit atque Aiace[m], quem adfinitatis merito parentis loco percolebat. Interim Troiani vehementer moventur, maxime quod suis in dies deficientibus auxiliis novus adversum se miles pararetur cum memorando duce. Tamen Eurypyli hortatu arma capiunt; is namque adiunctis secum regulis copias suas Troianis mixtas porta educit. Atque ita ordinata acie medium sese locat. Tum primum Aeneas parato certamine intra muros manet execratus quippe Alexandri facinus commissum in Apollinem, cuius sacra is praecipue tuebatur. Sed ubi signum bellandi datum est, manus conserunt magna vi utrimque decertantes caduntque plurimi. Interim Eurypylos obvium forte nactus Peneleum proturbat hasta atque interficit; inde multo saevior Nirea adgressus moxque obtruncat. Iamque deturbatis, qui in acie steterant, medios adgrediebatur, cum Neoptolemus re cognita comminus advolat deiectumque curru hostem et ipse desiliens gladio impigre interficit. Tum ablatum propere cadaver atque ad naves iussu eius perlatum. Quod ubi animadvertere barbari, quibus spes omnis in Eurypylo fuerat, sine certo ordine aut rectore fuga proelium deserunt atque ad muros revolant; tum plurimi eorum in fuga interfecti.

[18] Igitur postquam fuis hostibus ad naves revertere Graeci, ex consilii sententia Eurypyli cremata ossa at que urnae condita patri remittunt, scilicet memores beneficiorum atque amicitiae. Cremati etiam per suos Nireus atque Peneleus, seorsum singuli. At postero die per Chrysem cognoscitur Helenum Priami fugientem scelus Alexandri apud se in templo agere. Moxque ob id missis Diomede et Ulixē traditit sese deprecatus prius, uti sibi partem aliquam regionis, in qua reliquam vitam degeret semotam ab aliis concederent. Dein ad naves ductus ubi consilio mixtus est, multa prius locutus non metu, ait, se mortis patriam parentesque deserere, sed deorum

coactum aversione, quorum delubra violari ab Alexandro neque se neque Aeneam quisse pati. Qui metuens Graecorum iracundiam apud Antenorem agere senemque parentem. De cuius oraculo imminetia Troianis mala cum cognovisset, ultro supplicem ad eos decurrere. Tunc nostris festinantibus secreta dinoscere, Chryses nutu uti silentium ageretur significat atque Helenum secum abducit. A quo doctus cuncta Graecis uti audierat refert, addit praeterea tempus Troiani excidii idque administris Aenea atque Antenore fore. Tum recordati eorum, quae Calchas edixerat, eadem cuncta congruentiaque animadvertunt.

[19] Dein postero die egresso utrimque milite ad bellandum plurimi Troianorum cadunt, sed ex sociis pars maxima. At ubi vehementius ab nostris instatur et omni ope bellum finire in animo est, signo dato dux duci occurrit atque in se proelium convertunt. Tunc Philocteta progressus adversus Alexandrum lacessit, si auderet, sagittario certamine. Ita concessu utriusque partis Ulixes atque Deiphobus spatium certaminis definiunt. Igitur primus Alexander incassum sagittam contendit, dein Philocteta insecutus sinistram manum hosti transfigit, reclamanti per dolorem dextrum oculum perforat ac iam fugientem tertio consecutus vulnere per utrumque pedem traicit fatigatumque ad postremum interficit, quippe Herculis armatus sagittis, quae infectae Hydrae sanguine haud sine exitio corpori figebantur.

[20] Quod ubi animadvertere barbari, magna vi inruunt, eripere Alexandrum cupientes, multisque suorum interfectis a Philocteta negotium tamen peragunt, atque in civitatem reportant. Tumque Ajax Telamonijs insecutus fugientes ad usque portam pergit. Ibi caesa vis multa hostium, cum festinantibus inter se et singulis evadere inter primos cupientibus magis in ipso aditu multitudine sua detinerentur. Interim multi eorum, qui primi evaserant, super muros siti collecta undique cuiuscemodi saxa super clipeum Aiadis deicere congestamque quam plurimam terram desuper volvere, scilicet ad depellendum hostem. Cum supra modum gravaretur egregius dux, facile scuto decutiens haud segnius imminere. Denique Philocteta eos, qui in muris locati erant, eminus sagittis proturbat multosque interficit. Neque secus ab reliquis in parte alia res gestae. Atque eo die excisa eversaue moenia hostium forent, ni nox iam ingruens nostros ab incepto cohibuisset. Qui ubi ad naves regressi sunt, laeti Philoctetae facinoribus et ob id maximam animo fiduciam gestantes, summo favore ac laudibus ducem celebrant. Qui simul cum luce adiunctis sibi reliquis ducibus in proelium egressus hostes metu sui adeo deterruit, ut vix se moenibus defensarent.

[21] Interim Neoptolemus apud tumulum Achillis, postquam in auctorem paternae caedis vindicatum est, initium lugendi sumit, una cum Phoenice atque omni Myrmidonum exercitu comas sepulchro deponit pernoctatque in loco. Per idem tempus filii Antimachi, de quo supra

memoravimus, adiuncti Priami rebus ad Helenum veniunt eumque ut ad amicitiam cum suis redeat deprecari, ubi nihil proficiunt, ad suos remeantes Diomedi atque Aiaci alteri itineris medio occurrunt. Ab quis comprehensi perductique ad naves, quinam essent et rem ob quam venerant omnem expediunt. Tum recordati patris eorum et quae adversum legatos dixerit molitusque sit, tradi eos popularibus atque ante conspectum barbarorum produci iubent, dein lapidibus iniectis necari. Interim Alexandri funus per † partem aliam portae † ad Oenonem, quae ei ante Helenae raptum nupserat, necessarii sui, uti sepeliretur, perferunt. Sed fertur Oenonem viso cadavere Alexandri adeo commotam, uti amissa mente obstupefieret, ac paulatim per maerorem deficiente animo concideret. Atque ita uno eodem funere cum Alexandro contegitur.

[22] Ceterum Troiani, ubi hostis muris infestus magis magisque saevit, neque iam resistendi moenibus spes ulterius est aut vires valent, cuncti proceres seditionem adversus Priamum extollunt atque eius regulos. Denique accito Aenea filiisque Antenoris decernunt inter se, uti Helena cum his, quae ablata erant, ad Menelaum duceretur. Quod postquam Deiphobus cognovit, traductam ad se Helenam matrimonio sibi adiungit. Ceterum ingressus consilium Priamus, ubi multa ab Aenea contumeliosa ingesta sunt, ad postremum ex consilii sententia iubet ad Graecos cum mandatis belli deponendi ire Antenorem. Qui ex muris signum ostendens legationis, ubi a nostris recessum est, ad naves venit. Ubi benigne salutatus atque exceptus summum fidei benevolentiaeque erga Graeciam testimonium capit maximeque a Nestore, quod Menelaum insidiis Troianorum appetitum consilio suo atque auxilio filiorum servaverit; pro quis Troia eversa multa praeclara polliceri hortarique, uti dignum memoria pro amicis adversum perfidos moliretur. Tunc longam exorsus orationem semper, ait, principes Troiae poenam ob male consulta divinitus consequi. Dein subiungit Laomedontis adversum Herculem famosa periuria insecutamque eius regni eversionem. Qua tempestate Priamus parvulus admodum atque expers omnium, quae gesta erant, petito Hesionae regno impositus est. Eum male iam inde desipientem cunctos sanguine et iniuriis insectari solitum, parcum in suo atque appetentem alieni, quo exemplo veluti pessima contagione imbutos filios eius neque sacro neque profano abstinuisse. Ceterum se eadem stirpe, qua Priamum Graecis conciunctum, animo semper ab eo discerni. Hesionam quippe Danaï filiam Electram genuisse, ex qua ortus Dardanus Olizonae Phinei iunctus Erichthonium dederit, eius Tros, dein ex eo Ilus, Ganymedes et Cleomestra, ex Cleomestra Assaracus atque ex eo Capys Anchisae pater. Ilum dein Tithonum et Laomedontem genuisse, ex Laomedonte Hicetaonem, Clytium, Lampum, Thymoetem, Bucolionem atque Priamum genitos rursusque ex Cleomestra et Aesyete se genitum. Ceterum Priamum cuncta iura adfinitatis proculcantem magis in suos superbiam atque odium exercuisse. Postquam finem loquendi fecit, postulat, uti, quoniam a

senibus legatus pacis missus esset, darent de suo numero, cum quis super tali negotio disceptaret. Electique Agamemnon, Idomeneus, Ulixes atque Diomedes, qui secreto ab aliis prodicionem componunt. Praeterea placet, uti Aeneae, si permanere in fide vellet, pars praedae et domus universa eius incolumis, ipsi autem Antenori dimidium bonorum Priami regnumque uni filiorum eius, quem elegisset, concederetur. Ubi satis tractatum visum est, Antenor ad civitatem dimittitur, referens ad suos composita inter se longe alia, in quis, donum Minervae parari a Graecis eosque cum gratia cupere recepta Helena acceptoque auro bellum omittere atque ad suos regredi. Ita composito negotio Antenor traditoque sibi Talhybio, quo res fidem acciperet, ad Troiam venit.

### LIBER QVINTVS

[1] Antenore Talhybioque civitatem ingressis cuncti populares sociique cognita re prope concurrunt, cupientes dinoscere, quae apud Graecos actitata essent. Quis Antenor in proximum diem relata differt; atque ita dimisso conventu disceditur. Cum inter epulas Talhybius interesset, filios suos monere Antenor nihil his in vita custodiendum, quam uti antiquissimam ducerent cum Graecis amicitiam, dein singulorum probitatem, fidem atque innocentiam commemorando admiratur. Ita finito convivio tum disceditur. At lucis principio, omnibus iam in consilio expectantibus audire, si quis modus tantis malis fieret, cum Talhybio ipse venit neque multo post Aeneas, dein Priamus cum residuis regulis. Denique ubi ea, quae a Graecis audierat, dicere iussus est, hoc modo disseruit:

[2] «Grave, Troiani principes vosque socii, grave bellum nobis extitisse adversum Graeciam, gravius vero multoque durius, mulieris causa hostes effectos quam amicissimos, qui inde iam a Pelope orti adfinitatis etiam iure nobis coniuncti sunt. Namque si praeterita mala summatim attingere oporteat, en unquam civitas nostra depressa aerumnis ad requiem emersit? Unquamne nobis defuere fletus aut sociis imminutae calamitates? Quando non amici parentes propinqui filii denique in bello amissi? Et, ut ex me reliquorum luctuum memoriam recenseam, quidnam in Glauco filio toleravi? Cuius interitus, quamquam acerbus mihi, tamen non ita dolori fuit, quam tempus illud, quo adiunctus Alexandro ad raptum Helenae comitatum sui praebuit. Sed praeteritorum satias, futuris saltem parcendum ac consulendum est. Graeci homines custodes fidei ac veritatis, principes benevolentiae atque officiorum. Testis his rebus Priamus, qui ipso strepitu discordiarum fructum tamen misericordiae eorum tulit; neque inferendo bellum quicquam prius temeratum ab his, quam perfidiam in ipsa legatione insidiasque ab nostris experti sunt. In qua re, dico enim quod sentio, Priamus eiusque filii auctores, in his etiam Antimachus, qui recens amissis liberis iniquitatis suae poenas luit. Haec omnia in gratia Helenae gesta, scilicet eius mulieris,



quam ne Graeci quidem recipere gestiunt. Retineatur igitur in civitate ea foemina, ob quam nulla gens, nulli usquam populi amici aut non infesti huic regno. Nonne sponte supplices, ut recipiant eam, rogabimus? Non omni modo satisfaciemus laesis iam totiens per nos? Non in futurum saltem reconciliabimus tales viros? Ego quidem abibo hinc iam et discedam longius neque committam, ut ulterius intersim malis nostris. Fuit tempus, quo manere in hac civitate iucundum erat; socii, amici, propinquorum salus, patria denique incolumis adtinuere in hunc diem. Contra nunc quid horum non imminutum aut in totum sublatum nobis est? Non feram me cum his morari, quorum opera cuncta mihi cum patria concidere. Et eos quidem, quos in bello fortuna eripuit, utcumque iam sepelivimus, concedentibus ultro veniam hostibus, sed postquam deorum arae atque delubra sanguine humano per scelus infecta sunt, hoc etiam amisimus, quippe, quis maiora supplicia post mortem carissimorum, quam in amissione subeunda sunt. Quae ne accidant, nunc saltem providete. Auro atque huiusmodi aliis praemiis redimenda patria est. Multae in hac civitate dites domus, singuli pro facultatibus in medium consulamus, postremo offeratur pro vita hostibus, quod mox interitu nostro ipsorum futurum est. Templorum etiam, si necesse erit, ornamentis pro incolumitate patriae utendum est. Solus suas opes intus custodiat Priamus, solus divitias potiores civibus suis teneat, his etiam, quae cum Helena rapta sunt, incubet, videritque, quem ad finem utendum putet patriae calamitatibus. Nos victi iam sumus malis nostris».

[3] Haec atque alia cum lacrimis disserente eo cuncti simul gemitum edunt, tendentes ad caelum manus annuere, tot adversis rebus Priamum singuli vel inter se omnes finem miseriarum deprecantes, ad postremum uno ore patriam redimendam clamant. In quis Priamus dilanians caput fletu quam miserabili non solum iam se ait odio dis, verum suis hostem effectum, quippe cui non amicus antea, non propinquus, non denique civis inveniri posset, qui aerumnis suis ingemesceret. Namque optasse haec non nunc demum, verum vivis Alexandro atque Hectore agi coepta. Sed quoniam praeterita revocare nulli concessum, praesentium habendam rationem spemque futuris adhibendam. Se namque omnium, quae haberet, ad redemptionem patriae potestatem dare. Quam rem Antenori agendam permittere. Ceterum se, quoniam odio iam suis esset, abire e conspectu consentientem his, quae inter se decernerent.

[4] Tum separato rege placet, uti Antenor ad Graecos redeat exploratum voluntatem certam adiunctusque ei, uti voluerat, Aeneas. Ita composita re disceditur. Sed media ferme nocte Helena clam ad Antenorem venit suspicans tradi se Menelao et ob id iram derelictae domus metuens. Itaque eum orat, uti inter cetera sui quoque apud Graecos commemorationem faceret ac pro se deprecaretur. Ceterum, ut cognitum est, post Alexandri interitum invisit ei apud Troiam fuere omnia desideratusque ad suos reditus. At lucis initio, quibus imperatum erat, ad naves veniunt,

decretum civium cunctis narrant. Itaque, cum quis antea, ad confirmanda, quae tempus monebat, secedunt. Ibi cum multa de republica ac summa rerum dissererent, voluntatem quoque Helenae docent veniamque orant et ad postremum confirmant inter se prodicionis pactionem. Dein ubi tempus visum est, cum Ulixe et Diomede ad Troiam veniunt cohibito Aiace ab Aenea, scilicet ne qua insidiis opprimeretur talis vir, quem solum barbari non secus quam Achillem metuebant. Igitur postquam duces Graeci in civitate conspecti sunt, cuncti cives tollunt spe animos existimantes finem belli atque discordiarum. Itaque propere senatus habitus, ubi nostris praesentibus decernitur primum omnium Antimachum ex omni Phrygia exulandum, scilicet auctorem tanti mali. Dein super condicione pacis tractari coeptum.

[5] Inter quae repente strepitus ex Pergamo, ubi regia Priamo erat, clamorque ingens editur. Quare turbati, qui in consilio erant, foras prosiliunt, credentes insidias temptatas solito ab regulis; itaque in templum Minervae propere concedunt. At paulo post ex his, qui ex arce descenderant, cognoscitur Alexandri filios, quos ex Helena susceperat, casu camerae extinctos. Hique erant † Bunomus, Corythus atque Idaeus. Quare consilio dilato duces nostri ad Antenorem abeunt ibique acceptis epulis pernoctant. Praeterea cognoscunt ab Antenore editum quondam oraculum Troianis maximo exitio civitati fore, si Palladium, quod in templo Minervae esset, extra moenia tolleretur. Namque id antiquissimum signum caelo lapsum, qua tempestate Ilus templum Minervae extruens prope summum fastigium pervenerat ibique inter opera, cum necdum tegumen superpositum esset, sedem sui occupavisse; idque signum ligno fabrefactum esse. Hortantibus dein nostris, uti secum ad ea omnia eniteretur, facturum se, quae cuperent, respondit. Atque his praedicat publice se in consilio super qualitate eorum, quae postulaturi essent, exertius disserturum, scilicet ne qua suspicio sui apud barbaros oriretur. Ita composito negotio cum luce simul Antenor ac reliqui proceres ad Priamum vadunt, nostri ad naves redeunt.

[6] Dein, ubi iusta pueris facta sunt, post diem tertium Idaeus supradictos duces accitum venit. Quis praesentibus Panthus ceterique, quorum consilium praevalebat, multa disserere atque docere ea, quae antea gesta essent temere et inconsulta, non per se, quippe qui contempti disiectique ab regulis arbitrio alieno agerent. Ceterum quod arma adversus Graecos tulissent, non sponte factum, namque qui sub imperio alieno agerent, expectandum his atque exsequendum esse nutum eius, qui teneat. Ob quae dignum esse Graecos data venia consulere eis, qui semper auctores pacis fuerint. Ceterum a Troianis ob male consulta satis poenarum exactum. Dein multo hinc atque inde habito sermone ad postremum de modo praemiorum agi coeptum. Tum Diomedes quinque milia talentorum auri ac totidem argenti optat, praeterea tritici centena milia; eaque per annos decem. Tum silentio habito a cunctis Antenor non Graecorum more agere eos adversum se ait, sed

barbaro, namque quod impossibilia postularent, palam fieri praetextu pacis bellum eos instruere. Ceterum auri tantum atque argenti ne tum quidem, priusquam in auxilia conducta dilaceraretur, civitati fuisse. Quod si permanere in eadem avaritia vellent, superesse Troianis, uti clausis portis incensisque intus deorum aedificiis ad postremum idem sibi cum patria exitium peterent. Contra Diomedes: «Non civitatem vestram consideratum Argis venimus, verum adversum vos dimicaturi. Quocirca, siue etiam nunc bellare in animo est, parati Graeci, sive, ut ais, igni dabitur Ilium, non prohibebimus, quippe Graecis affectis iniuria ulcisci hostes suos finis est». Tum Panthus in proximum diem veniam deliberandi orat. Ita nostri ad Antenorem abeunt atque inde in aedem Minervae.

[7] Interim cognoscitur in apparatu rerum divinarum portentum ingens, namque aris composita sacrorum consueta, mox subiectus ignis non comprehendere neque consumere, uti antea, sed aspernari. Qua re turbati populares, simul uti fidem nuntii noscerent, ad aram Apollinis confluunt. Atque ibi superpositis extorum partibus ubi flamma admota est, repente cuncta, quae inerant, disturbata ad terram decidunt. Quo spectaculo percussis atque attonitis omnibus subito avis aquila stridore magno immittit sese atque extorum partem eripit moxque supervolans ad naves Graecorum pergit, ibique raptum omittit. Id vero barbari non iam leve aut in obscuro, sed palam perniciosum credere. Interim Diomedes cum Ulixē dissimulantes, quae gerebantur, obambulare in foro circumspicientes laudantesque praeclara operum civitatis eius. At apud naves auspicio tali monitis omnium animis Calchas, uti bonum animum gererent, hortatur, brevi quippe dominos fore eorum, quae apud Troiam essent.

[8] Ceterum Hecuba re cognita placatum deos egreditur ac praecipue Minervam atque Apollinem, quis cum dona multa, tum victimas opimas admovet. Sed in adolendo, quae sacra aris reddebantur, eodem modo restingui ignes ac repente interire visi. Inter quae tam sollicita Cassandra deo plena victimas ad Hectoris tumulum transferri imperat, deos quippe aspernari iam sacrificia indignatos ob commissum paulo ante scelus in Apollinem. Ita tauris, qui immolati erant, ad rogam Hectoris, sicuti imperabatur, adportatis moxque igni subiecto, consumuntur cuncta. Inde, ubi iam vesperarat, domum discessum. Atque eadem nocte Antenor clam in templum Minervae venit. Ibi multis precibus vi mixtis Theano, quae ei templo sacerdos erat, persuasit, ut Palladium sibi traderet, habituram namque magna eius rei praemia. Ita perfecto negotio ad nostros venit hisque promissum offert, verum id Graeci obvolutum bene, quo ne intellegi a quoquam posset, vehiculo ad tentoria Ulixidis per necessarios fidosque suos remittunt. At lucis principio postquam senatus coactus et nostri ingressi sunt, Antenor veluti iracundiam Graecorum metuens veniam eorum orare, quae adversum eos pro patria exertius disseruisset. Dein Ulixes: non se his

moveri neque indignari, sed quod finis in tractando non adhiberetur, maxime cum opportunum ad navigandum tempus brevi praetervolet. Tum multo invicem habito sermone ad postremum binis milibus talentorum auri atque argenti rem decidunt. Quod uti ad suos referrent, Graeci ad naves abeunt. Ibi conductis ducibus cuncta dicta gestaue exponunt. Palladium ablatum per Antenorem docent. Dein ex omnium sententia reliquus miles rem cognoscit.

[9] Ob quae placet universis mitti Minervae donum quam honoratissimum. Tum accitus ad eam rem Helenus cuncta, quae clam se gesta erant, ac si praesens adfuisset, ordine exponit additque finem iam advenisse Troianarum rerum, quippe quo maxime sustentaretur summa civitatis eius, Palladium fuisse; quo ablato exitium ingruere. Ceterum donum Minervae fatale Troianis esse, equum ligno fabrefactum forma ingenti, cuius magnitudine muri solvendi essent, adnitente atque administro Antenore. Dein recordatus parentem Priamum residuosque fratres fletum edit miserabilem, consternatus per dolorem atque obstupefactus ruit. Tum Pyrrhus collectum eum refectumque animi ad se deducit custodesque addit veritus, ne qua per eum hostibus, quae gesta erant, patefierent. Quod ubi Helenus persensit, Pyrrhum, uti bonum animum gereret, hortatur, securum sui secretorumque; namque se cum eo etiam post patriae excidium multis tempestatibus in Graecia moraturum. Itaque ut Heleno placuerat, multa materies, quae apta huiusmodi fabricae videbatur, per Epium atque Aiacem Oilei advecta.

[10] Interim firmatores pactae pacis ad Troiam eunt decem lecti duces, Diomedes, Ulixes, Idomeneus, Ajax Telamonius, Nestor, Meriones, Thoas, Philocteta, Neoptolemus atque Eumelus. Quos ubi in foro animadvertere populares, laeti animos tollunt finem iam aerumnarum credentes. Itaque singuli pluresve, uti quisque occurrerat, benigne adeunt, salutant gratulantes atque exosculantur. Tum Priamus pro Heleno orare Graecos multisque adhibitis precibus commendare carissimum sibi et inter ceteros dilectum magis propter prudentiam. Dein ubi tempus visum est, convivium publice coeptum in honore ducum adscitaeque pacis Antenore deserviente Graecis atque omni modo benigne exhibente cuncta. At lucis initio senes omnes in aedem Minervae conveniunt, in quis Antenor refert missos a Graecis super conditionibus praedictae pacis decem legatos viros. Quos ubi deduci in senatum placuit et dextrae invicem datae atque acceptae sunt, statuunt inter se, uti proximo die campi medio atque in ore omnium aras statuunt, in quis fidem pacis iurisiurandi religionibus firmarent. Quis perfectis Diomedes atque Ulixes iurare occipiunt permansuros se in eo, quod sibi cum Antenore convenisset, testesque in eam rem Iovem summum Terramque matrem, Solem, Lunam atque Oceanum fore. Dein excisis in partes duas hostiis, quae ad eam rem admotae erant, ita uti pars ad solem, residuum ad naves spectaret, per medium transeunt. Dein Antenor in eadem verba placitum confirmat. Ita perfecto negotio ad suos quisque

abeunt. Ceterum barbari Antenorem summis efferre laudibus, advenientem singuli quasi deum venerari, solum quippe omnium credere auctorem pacis eius adscitaeque cum Graecis amicitiae. Ita sopito iam exinde bello passim, uti quisque partium voluerat, nunc Graeci cum Troianis rursusque hi apud naves amice agere. Interim ubi foedus intervenerat, cuncti barbarorum socii, qui bello residui erant, gratulantes interventu pacis ad suos discedunt ne opperientes quidem praemia tantorum discriminum atque aerumnarum, scilicet veriti, ne qua pacti fides apud barbaros dissolveretur.

[11] Interim apud naves, uti Heleno placuerat, equus tabulatis extruitur per Epium fabricatorem eius operis. Cui edito in immensum ima, quae sub pedibus erant, rotis interpositis suspenderat, scilicet quo adtractu motus facilius foret. Quem offerri donum Minervae maximum omnium ore agitabatur. Ceterum apud Troiam auri atque argenti praedictum pondus per Antenorem atque Aeneam summo studio in aedem Minervae portabatur. Et Graeci, postquam auxilia sociorum dimissa cognitum est, impensius pacem atque amicitiam agitavere nullo exinde barbarorum interfecto aut vulnerato, quo magis sine ulla discordiarum suspicione apud hostes fuere. Dein equum compactum adfabre confixumque ad muras movent praenuntiato Troianis, uti cum religione susciperent, Minervae scilicet sacrum dicatumque. Quare magna vis hominum portis egressa summa laetitia sacrificioque donum excipit attrahitque propius moenia. Sed postquam magnitudine operis impediri per portas ingressum animadvertere, consilium destruendorum desuper murorum capiunt, neque quisquam secus prae tali studio decernebat. Ita inviolatum multis tempestatibus murorum opus Neptunisque, ut perhibebatur, atque Apollinis maxima monumenta nullo dilectu civium manibus dissolvuntur. Sed postquam maior pars operis deiecta est, consulto a Graecis intercessum, confirmantibus non se passuros intra moenia induci equum, priusquam praedictum auri atque argenti pondus susceperint. Ita intermisso opere semirutisque moenibus Ulixes cunctos civitatis Troianae artifices ad reficiendas naves conducit. Composita dein universa classe, ubi cuncta navigia instructa et praemium persolutum est, iubent nostri peragere incepta. Itaque destructa murorum parte cum ioco lasciviaque inducere equum feminis inter se atque viris certatim adtrahere festinantibus.

[12] Interim Graeci, ubi cuncta navibus imposita sunt, incensis omnium tabernaculis ad Sigeum secedunt, ibique noctem opperiantur. Fessis dein multo vino atque somno barbaris, quae utraque per laetitiam securitatemque pacis intervenerant, multo silentio ad civitatem navigant, servantes signum, quod igni elato Sinon ad eam rem clam positus sustulerat. Moxque omnes postquam intravere moenia divisim inter se civitatis locis, ubi signum datum est, magna vi caedere eos, quos fors obiecerat, atque obtruncare passim per domos atque vias, loca sacra profanaque et, si qui

persenserant, priusquam armare se aut aliud pro salute capere quirent, opprimere. Prorsus nulla requies stragis atque funerum, cum palam et in ore suorum liberi parentesque magno inspectantium gemitu necarentur moxque ipsi, qui spectaculo carissimorum corporum interfuerant, miserandum in modum interirent. Neque segnius per totam urbem incendiis gestum positus prius defensoribus ad domum Aeneae atque Antenoris. Interim Priamus re cognita ad aram Iovis anteaedificialis confugit, multique ex eo loco ad reliqua deorum templa, in quis Cassandra in aedem Minervae. Sed postquam universos, qui in manus venerant, foede atque inultos obtruncavere, occipiente luce domum, in qua Helena erat, adgrediuntur. Ibi Menelaus Deiphobum, quem post Alexandri interitum Helenae matrimonium intercepisse supra docuimus, exsectis primo auribus brachiisque ablatis deinde naribus ad postremum truncatum omni ex parte foedatumque summo cruciatu necat. Dein Priamum Neoptolemus sine ullo aetatis atque honoris dilectu retinentem utraque manu aram iugulat. Ceterum Cassandram Oilei Ajax e sacro Minervae captivam abstrahit.

[13] Hoc modo consumptis cum civitate barbaris, deliberatio inita super his, qui ab deorum aris auxilium vitae imploraverant decretumque ab omnibus, uti per vim avulsi necarentur: tantus dolor iniuriae et ob id studium extinguendi Troiani nominis incesserat. Ita comprehensi, qui cruciatum praedictae noctis subterfugerant, trepidantes ac vice pecorum interficiuntur. Dein more belli per templa ac semiustas domos populatio rerum omnium et per dies plurimos, ne quis hostium evaderet, studium in requirendo. Interim ad coacervandum auri atque argenti materiam opportuna loca destinantur et alia ob pretiosam vestem. Igitur ubi satias Troiani sanguinis tenuit et urbs incendiis complanata est, initium solvendae per praedam militiae capiunt, primo a feminis captivis puerisque adhuc imbellibus. Itaque ex his prima omnium Helena sine sorte Menelao conceditur, dein Polyxena suadente Ulixē per Neoptelemum Achilli inferias missa, Agamemnoni Cassandra datur, postquam forma eius captus, quin palam desiderium fateretur, dissimulare nequiverat, Aethram et Clymenam Demophoon atque Acamas habuere. Reliquarum sors agi coepta atque ita Neoptolemo Andromacha adiunctis, postquam id evenerat, filiis eius in honorem tanti ducis, Ulixi Hecuba obvenere. Hactenus nobilium feminarum cessere servitia. Alii, ut quemque sors contigerat, praedam aut ex captivis, quantum pro merito distribuebatur, habuere.

[14] Interim super Palladio ingens certamen inter se ducibus exortum Aiace Telamonis expostulante in munus sibi pro his, quae in singulos universosque virtute atque industria sua contulerat. Qua re coacti paene omnes, simul uti ne laederetur animus tanti viri, cuius praeclara facinora vigiliasque pro exercitu in animo retinebant, concedunt Aiaci renitentibus solis omnium Diomede atque Ulixē sua quippe opera insinuantibus id ablatum. Contra Ajax adfirmare non

labore aut virtute eorum rem gestam, Antenorem namque contemplatione communis amicitiae abstulisse. Tum Diomedes honori eius per verecundiam concedens a certamine destitit. Igitur Ulixes cum Aiace summa vi contendere inter se atque invicem industriae meritis expostulare adnitentibus Ulixi Menelao atque Agamemnone ob servatam paulo ante opera eius Helenam. Namque post captum Ilium Ajax recordatus eorum, quae tantis tempestatibus propter mulierem experti perpersique essent, primus omnium interfici eam iusserat. Iamque adprobantibus consilium Aiakis multis bonis Menelaus amorem coniugii etiam tunc retinens singulos ambiundo orandoque ad postremum perfecerat, uti intercessu Ulixis Helena incolumis sibi traderetur. Itaque uti iudicio amborum merita expectantes, quis etiam nunc bellum in manibus atque hostiles multae nationes circumstreperent, nullo dilectu virorum fortium, spretisque Aiakis egregiis facinoribus ac frumenti, quod ex Thracia advexerat, per totum exercitum distributione Ulixi Palladium tradunt.

[15] Quare cuncti duces, qui memores virtutum Aiakis nihil praeferendum ei censuerant quique secuti gratiam Ulixi impugnaverant talem virum, studio in partes discedunt. Interim Ajax indignatus et ob id victus dolore animi palam atque in ore omnium vindictam se sanguine eorum a quis impugnatus esset, exacturum denuntiat. Itaque ex eo Ulixes, Agamemnon ac Menelaus custodiam sui augere et quo tutiores essent, summa ope invigilare. At ubi nox aderat, discedentes uno ore omnes lacerare utrumque regem neque abstinere maledictis, quippe quis magis libido desideriumque in femina quam summa militiae potiora forent. At lucis principio Aiacem in medio exanimem offendunt perquirentesque mortis genus animadvertere ferro interfectum. Inde ortus per duces atque exercitum tumultus ingens ac dein seditio brevi adulta, cum ante iam Palamedem virum domi belloque prudentissimum nunc Aiacem, inclitum tot egregiis pugnis, atque utrosque insidiis eorum circumventos ingemescerent. Ob quae supradicti reges veriti, ne qua vis ab exercitu pararetur, intus clausi firmatique per necessarios manent. Interim Neoptolemus advecta ligni materia Aiacem cremat reliquiasque urnae aureae conditas in Rhoeteo sepeliendas procurat brevique tumulum extractum consecrat in honorem tanti ducis. Quae si ante captum Ilium accidere potuissent, profecto magna ex parte promotae res hostium ac dubitatum de summa rerum fuisset. Igitur Ulixes veritus vim offensi exercitus clam Ismarum aufugit atque ita Palladium apud Diomedem manet.

[16] Ceterum post abscessum Ulixi Hecuba, quo servitium morte solveret, multa ingerere maledicta imprecarique infesta omina in exercitum. Qua re motus miles lapidus obrutam eam necat sepulchrumque apud Abydum statuitur appellatum Cynossema ob linguae protervam impudentemque petulantiam. Per idem tempus Cassandra deo repleta multa in Agamemnonem adversa praenuntiat: insidias quippe ei ex occulto caedemque domi per suos compositam;

praeterea universo exercitui profectionem ad suos incommodam exitialemque. Inter quae Antenor cum suis Graecos orare, omitterent iras atque urgente navigii tempore in commune consulant. Praeterea omnes duces ad se epulatum deducit ibique singulos quam maximis donis replet. Tunc Graeci Aeneae suadent, secum uti in Graeciam naviget, ibi namque ei simile cum ceteris ducibus ius regnique eandem potestatem fore. Neoptolemus filios Hectoris Heleno concedit, praeterea reliqui duces auri atque argenti quantum singulis visum est. Dein consilio habito decernitur, uti per triduum funus Aiakis publice susciperetur. Itaque exactis his diebus cuncti reges comam tumulo eius deponunt. Atque exin contumeliis Agamemnonem fratremque agere eosque non Atrei sed Plisthenidas et ob id ignobiles appellare. Quare coacti, simul uti odium sui apud exercitum per absentiam leniretur, orant, uti sibi abire e conspectu eorum sine noxa concedant. Itaque consensu omnium primi navigant deturbati expulsique ab ducibus. Ceterum Aiakis filii, Aeantides Glauca genitus atque Eurysaces ex Tecmessa, Teucro traditi.

[17] Dein Graeci veriti, ne per moram interventu hiemis, quae ingrebat, ab navigando excluderentur, deductas in mare naves remigibus reliquisque nauticis instrumentis complent. Atque ita cum his, quae singuli praeda multorum annorum quaesiverant, discedunt. Aeneas apud Troiam manet. Qui post Graecorum profectionem cunctos ex Dardano atque ex proxima paene insula adit, orat, uti secum Antenorem regno exigent. Quae postquam praeverso de se nuntio Antenori cognita sunt, regrediens ad Troiam imperfecto negotio aditu prohibetur. Ita coactus cum omni patrimonio ab Troia navigat devenitque ad mare Hadriaticum multas interim gentes barbaras praevectus. Ibi cum his, qui secum navigaverant, civitatem condit appellatam Corcyram Melaenam. Ceterum apud Troiam postquam fama est Antenorem regno potitum, cuncti, qui bello residui nocturnam civitatis cladem evaserant, ad eum confluunt brevique ingens coalita multitudo. Tantus amor erga Antenorem atque opinio sapientiae incesserat. Fitque princeps amicitiae eius rex Cebrenorum Oenideus. Haec ego Gnosius Dictys comes Idomenei conscripsi oratione ea, quam maxime inter tam diversa loquendi genera consequi ac comprehendere potui, litteris Punicis ab Cadmo Danaoque traditis. Neque sit mirum cuiquam, si quamvis Graeci omnes diverso tamen inter se sermone agunt, cum ne nos quidem unius eiusdemque insulae simili lingua sed varia permixtaque utamur. Igitur ea, quae in bello evenere Graecis ac barbaris, cuncta sciens perpessusque magna ex parte memoriae tradidi. De Antenore eiusque regno quae audieram retuli. Nunc reditum nostrorum narrare iuvat.



## LIBER SEXTVS

[1] Postquam impositis cunctis, quae singuli bello quaesiverant, ascendere ipsi, solutis anchoralibus navigant. Dein a puppi secundante vento paucis diebus pervenere ad Aegaeum mare, ibi malta imbris ventisque, et ob id saeviente mari indigna experti passim, uti fors tulerat, dispalantur. In quis Locrorum classis, perturbatis per tempestatem officiis nautarum et inter se implicatis ad postremum fulmine comminuta aut incensa est, et rex Locrorum Aiax, postquam natando evadere naufragium enisus est, aliique per noctem tabulis aut alio levamine fluitantes, postquam ad Euboeam devenere, Choeradibus scopulis appulsi pereunt. Eos namque re cognita Nauplius ultum ire cupiens Palamedis necem, per noctem igni elato ad ea loca deflectere tamquam ad portum, coegerat.

[2] Per idem tempus Oeax Naupli filius, Palamedis frater cognito Graecos ad suos remeare Argos venit, ibi Aegialen atque Clytemestram falsis nuntiis adversum maritos armat praedicto ducere eos secum ex Troia uxores praelatas his. Praeterea addere ea, quis mobile suasu natura muliebre ingenium magis adversum suos incenderetur. Itaque Aegiale advenientem Diomedem per cives aditu prohibet. Clytemestra per Aegisthum adulterio sibi cognitum Agamemnonem insidiis capit eumque interficit. Brevique denupta adultero Erigonen ex eo edit. Interim Talthybius Orestem Agamemnonis filium manibus Aegisthi ereptum Idomeneo, qui apud Corinthum agebat, tradit. Eo Diomedes expulsus regno et Teucrus prohibitus Salamina a Telamone, scilicet quod fratrem insidiis circumventum non defendisset, conveniunt. Interim Menestheus cum Aethra Pitthei et Clymena filia eius ab Atheniensibus recipitur, Demophoon atque Acamas foris manent. Ceterum ubi plures eorum qui mare insidiasque suorum evaserant, apud Corinthum fuere, cavent, uti iuncti inter se singula aggredierentur regna belloque aditum ad suos patefacerent. Eam rem Nestor prohibet suadens temptandos prius civium animos neque committendum, uti per seditionem Graecia omnis intestinis discordiis corrumpetur. Neque multo post cognoscit Diomedes in Aetolia ab his, qui per absentiam eius regnum infestabant, Oeneum multimodis afflicti. Ob quae profectus ad ea loca omnes, quos auctores iniuriae reppererat, interficit metuque omnibus circum locis iniecto facile ab suis receptus est. Inde per omnem Graeciam fama orta suos quisque reges accipiunt summam in his, qui apud Troiam bellaverant, virtutem, neque in resistendo cuiusquam vires idoneas existimantes. Ita nos quoque cum Idomeneo rege Cretam patrium solum summa gratulatione civium remeavimus.

[3] Dein ubi Orestes transactis pueritiae annis officia viri exsequi coepit, orat Idomeneum, uti secum ex ea insula quam plurimos mitteret; cupere namque se Athenas navigare. Itaque collecto numero eorum, quos idoneos credebat, Athenas venit; ab his auxilium contra Aegisthum orat.

Dein ad oraculum adit responsumque fert, uti matrem et cum ea Aegistum interficiat; ex quo fore, uti regnum patrium reciperet. Huiusmodi numine armatus cum praedicta manu ad Strophium venit. Is namque Phocensis, cuius filia in matrimonium Aegisthi denupserat, indignatus, quod spreto priore coniugio Clytemestram superduxerit et regem omnium Agamemnonem insidiis interfecerit, ultro ei auxilium adversum inimicissimos obtulerat. Itaque conspirato inter se cum magna manu Mycenae veniunt statimque, quod Aegisthus aberat, primo Clytemestram interficiunt multosque alios, qui resistere ausi erant. Dein cognito Aegisthum adventare, insidias ponunt eumque circumveniunt. Inde per omnem Argivorum populum dissensio animorum exorta, quod diversa inter se cupientes ad postremum in partes discederent. Per idem tempus Menelaus adpulsus Cretam cuncta super Agamemnone regnoque eius cognoscit.

[4] Interea per omnem insulam, postquam cognitum Helenam eo venisse, multi undique virile ac muliebre secus confluunt advenientes dignoscere, cuius gratia orbis paene omnis ad bellum conspiravisset. Ibi inter cetera Menelaus perfert Teucrum expulsam patriam civitatem apud Cyprum Salamina nomine condidisse. Multa etiam apud Aegyptum miranda refert et Canopi gubernatoris sui, qui ibi morsu serpentium interierat, extractum magnificentum monumentum. Dein ubi tempus visum est, Mycenae navigat. Ibi multa adversum Orestem molitur. Ad postremum multitudine popularium cohibitus ab eo quod coeperat negotio restitit. Inde placet cunctis Orestem super eo facinore causam dicere apud Athenienses, ubi Ariopagitarum iudicium severissimum per omnem Graeciam memorabatur. Apud quos dicta causa iuvenis absolvitur. Erigona quae ex Aegistho edita erat, ubi fratrem absolutum intellegit, victa dolore immodico laqueo interiit. Menestheus liberatum Orestem parricidii crimine purgatumque more patrio cunctis remediis, quae ad oblivionem huiusmodi facinoris adhiberi solita erant, Mycenae remittit; ibique regnum ei concessum. Dein transacto tempore accitu Idomenei Cretam venit neque multo post Menelaus. Ibi multa in patrum severe per eum ingesta, quod sibi per dissensionem popularium multimodis periclitanti ipse etiam insidiatus esset. Ad postremum intercessu Idomenei uterque conciliatus sibi Lacedaemona discedit. Ibi Menelaus, sicuti convenerat, Hermionam in matrimonium Oresti despondit.

[5] Per idem tempus Ulixes Cretam appulsus est duabus Phoenicum navibus mercedis pacto acceptis, namque suas cum sociis atque omnibus, quae ex Troia habuerat, per vim Telamonis amiserat scilicet infesti ob inlatam per eum filio necem, vix ipse liberatus industria sui. Percontantique Idomeneo, quibus ex causis in tantas miseras devenisset, erroris initium narrare occipit: quo pacto appulsus Ismarum multa inde per bellum quaesita praeda navigaverit adpulsusque ad Lotophagos atque adversa usus fortuna devenerit in Siciliam, ubi per Cyclopa et Lestrygona fratres multa indigna expertus ad postremum ab eorum filiis Antiphate et Polyphemo

plurimos sociorum amiserit. Dein per misericordiam Polyphemi in amicitiam receptus filiam regis Arenen, postquam Alphenoris socii eius amore deperibat, rapere conatus. Ubi res cognita est, interventu parentis puella ablata per vim, exactus per Aeoli insulas devenerit ad Circen atque inde ad Calypso utramque reginam insularum, in quibus morabantur, ex quibusdam inlecebris animos hospitem ad amorem sui inlicitos. Inde liberatus pervenerit ad eum locum, in quo exhibitis quibusdam sacris futura defunctorum animis dignoscerentur. Post quae adpulsus Sirenarum scopulis, ubi per industriam liberatus sit. Ad postremum inter Scyllam et Charybdim mare saevissimum et inlata sorbere solitum plurimas navium cum sociis amiserit. Ita se cum residuis in manus Phoenicum per maria praedantium incurrisse atque ab his per misericordiam reservatum. Igitur, uti voluerat, acceptis ab rege nostro duabus navibus donatusque multa praeda ad Alcinoem regem Phaeacum remittitur.

[6] Ibi ob celebritatem nominis per multos dies benigne acceptus cognoscit Penelopam ab triginta illustribus viris diversis ex locis in matrimonium postulari; hique erant ab Zacyntho, Echinadibus, Leucata, Ithaca. Ob quae multis precibus persuadet regi, uti secum ad vindicandam matrimonii iniuriam navigaret. Sed postquam devenere ad eum locum paulisper occultato Ulyxe, ubi Telemachum rem, quae parabatur, edocuere, domum ad Ulixem clam veniunt; ubi multo vino atque epulis repletos iam procos ingressi interficiunt. Dein per civitatem Ulixem adventasse popularibus cognitum est, a quo benigne et cum favore exceptus cuncta, quae domi gesta erant, cognoscit; meritis donis aut suppliciis afficit. De Penelopa eiusque pudicitia praeclara fama. Neque multo post precibus atque hortatu Ulixis Alcinoi filia Nausica Telemacho denubit. Per idem tempus Idomeneus dux noster apud Cretam interiit tradito per successionem Merioni regno. Et Laerta triennio, postquam filius domum redit, finem vitae fecit. Telemacho ex Nausica natum filium Ulixes Ptoliporthum appellat.

[7] Dum haec apud Ithacam aguntur, Neoptolemus apud Molossos naves quassatas tempestatibus reficit. Atque inde, postquam cognitum ab Acasto expulsum regno Pelea, ultum ire iniurias avicupiens primo exploratum duos quam fidissimos et incognitos illis locis Chrysippum et Aratum Thessaliam mittit hique cuncta, quae gerebantur, insidiasque ei paratas per Acastum ab Assandro non alieno Pelei cognoscunt. Is namque Assandrus iniquitatem tyranni evitans, Peleo consenserat notusque adeo eius domus, uti inter cetera originem etiam nuptiarum Pelei cum Thetide Chironis filia Chrysippo atque Arato narraverit. Qua tempestate multi undique reges acciti domum Chironis inter ipsas epulas novam nuptam magnis laudibus veluti deam celebraverant, parentem eius Chirona appellantes Nerea ipsamque Nereidam; et ut quisque eorum regum, qui convivio interfuerant, choro modulisque carminum praevaluerat, ita Apollinem Liberumque, ex feminis

plurimas Musas cognominaverant. Unde ad id tempus convivium illud deorum appellatum.

[8] Itaque ubi cuncta, quae voluerant, cognovere, ad regem redeunt, ei singula per ordinem narrant. Ob quae coactus Neoptolemus adverso mari et multis regionis eius prohibentibus classem exornat ascenditque ipse. Dein saevitia hiemis multum mari fatigatus adpulsusque ad Sepiadum litus, quod propter saxorum difficultatem nomen eiusmodi quaesiverat, omnes fere naves amittit vix ipse cum his, qui in eodem navigio fuerant, liberatus. Ibi Pelea avum repperit occultatum spelunca abdita et tenebrosa, ubi senex vim atque insidias Acasti evitans assidue nepotis desiderio navigantes et si forte eo adpulsi essent speculari consuerat. Dein ubi cuncta domus fortunarumque edoctus est, consilium adgrediendi hostes inire occipit, cum forte cognoscit filios Acasti Menalippum et Plisthenem venatum profectos devenisse ad ea loca. Itaque mutata veste Iolcum simulans iuvenibus offert sese eisque cupitum sui interitum refert. Ob quae iunctus his in venando, ubi seorsum ab ceteris Menalippum videt, eumque et paulo post fratrem eius insecutus interficit. In quorum inquisitionem servus quidam Cinyras nomine perquam fidus profectus in manus iuvenis devenit comprehensusque Acastum adfore nuntiat atque ita occiditur.

[9] Itaque Neoptolemus mutata Phrygia veste tamquam filius Priami Mestor, qui captivus cum Pyrrho ad ea loca navigaverat, Acasto obvius venit eique, quinam esset, et Neoptolemus in spelunca fatigatum navigio somnoque iacere. Ob quae anxius Acastus opprimere quam inimicissimum cupiens ad speluncam pergat atque in ipso aditu a Thetide, quae ad ea loca inquisitum Pelea venerat, re cognita reprimitur. Dein cunctis, quae adversum domum Achillis inique et adversum fas gesserat, enumeratis increpatisque ad postremum intercessu suo manibus iuvenis liberat persuadens nepoti, ut ne sanguine ulterius ulcisci cuperet ea, quae antecesserant. Itaque Acastus ubi se praeter spem liberatum animadvertit, sponte et in eo loco cuncta regni Neoptolemo tradit. Inde iuvenis cum avo ac Thetide reliquisque, qui secum navigaverant, summam regni adeptus in civitatem venit. Ibi a cunctis popularibus quique iuxta inhabitantes sub imperio eius agebant benigne et cum gratulatione exceptus amorem sui brevi confirmat.

[10] Haec ego cuncta a Neoptolemo cognita mihi memoriae mandavi accitus ab eo, qua tempestate Hermionam Menelai in matrimontum susceperat. Ab eo etiam de reliquiis Memnonis cognitum mihi, uti tradita ossa eius apud Paphum his, qui cum Pallante duce Memnonis mari ad Troiam profecti ductore interfecto ablataque praeda ibidem morabantur, utque Himera, quam nonnulli materno nomine Hemeram appellabant, soror Memnonis, ad investigandum cadaver fratris eo profecta, postquam reliquias repperit et de intercepta praeda Memnonis palam ei factum est, utrumque recipere cupiens intercessu Phoenicum, qui in eo exercitu plurimi fuerant, optionem

rerum omnium ac seorsum fratris acceperit, praelataque sanguinis affectione recepta urna Phoenicem navigaverit. Delata dein ad regionem eius Phalliothim nomine sepultisque fratris reliquiis nusquam repente comparuerit. Cuius opinio exorta triplex, seu quod post occasum solis cum matre Himera ex conspectu hominis excesserit, sive super modum dolore affecta fraternae mortis ultro praeceps ierit, vel ab his, qui incolebant, ob eripienda, quae secum habuerat, circumventa interierit. Haec de Memnone eiusque sorore comperta mihi per Neoptolemum.

[11] Post quae profectus Cretam, anno post nomine publico cum duobus aliis ad oraculum Apollinis remedium petitum venio. Namque nulla certa causa ex improvise tanta vis lucustarum insulam eam invaserat, uti cuncta fructuum, quae in agris erant, corrumperebantur. Itaque multis precibus supplicisque responso editur, divina ope animalia interitura insulamque propectu frugum brevi redundaturam. Dein navigare cupientes ab his, qui apud Delphos erant, prohibemur: importunum namque et perniciosum tempus esse. Lycophron et Ixaeus, qui una ad oraculum venerant, contemptui habentes escendunt navem medioque fere spatio fulmine icti intereunt. Interim, uti praedictum divinitus erat, eodem ictu fulminum sedata vis mali immersaque mari et regio omnis repleta frugibus.

[12] Per idem tempus Neoptolemus confirmato iam cum Hermiona matrimonio Delphos ad Apollinem gratulatum, quod in auctorem paternae caedis Alexandrum vindicatum esset, proficiscitu relicta in domo Andromacha eiusque filio Laodamante, qui reliquis iam filiorum Hectoris superfuerat. Sed Hermiona post abscessum viri victa dolore animi neque pelicatum captivae patiens parentem suum Menelaum accitum mittit; cui multa conquesta super iniuria praelatae sibi a viro captivae mulieris persuadet, uti filium Hectoris necet. Ceterum Andromacha re cognita instantis periculi vim subterfugit auxilio popularium liberata; qui miserati fortunas eius ultro Menelaum contumeliis prosecuti vix a pernicie viri retenti sunt.

[13] Interim Orestes adveniens rem cunctam cognoscit, hortatur Menelaum, ut incepta perageret, ipse dolens praereptum sibi a Neoptolemo Hermionae matrimonium insidias adveniendi parare occipit. Itaque primo ex his, quos secum habebat quam fidissimos, speculatum de adventu Neoptolemi Delphos mittit. Quis cognitis Menelaus vitare huiusmodi facinus cupiens Spartam concedit. Sed illi, qui praemissi erant, regressi Neoptolemum Delphis esse negant. Quare coactus Orestes ipse ad inquisitionem viri profectus alio quam ierat die remeat, ut sermo hominum ferebatur, negotio perfecto. Dein post paucos dies fama perfertur interisse Neoptolemum eumque, sermone omnium circumventum insidiis Orestis per populum disseminatur. Ita iuvenis, ubi de Pyrrho palam est, recepta Hermiona, quae sibi antea desponsa erat, Mycenae discedit. Interim

Peleus cum Thetide cognito nepotis interitu, ad investigationem eius profecti cognoscunt iuvenem Delphis sepultum. Ibi, ut mos erat, iusta persolvunt cognoscuntque in his locis interisse, ubi visus Orestes negabatur. Ea res per populum haud credita, adeo praesumpta ante iam opinio de Orestis insidiis cunctorum animis inhaeserat. Ceterum Thetis ubi Hermionam Oresti iunctam videt, Andromacham partu gravidam ex Neoptolemo Molossos mittit dolum Orestis eiusque coniugis insidias de interimendo fetu evitans.

[14] Per idem tempus Ulixes territus crebris auguriis somniisque adversis omnes undique regionis eius interpretandi somnia peritissimos conducit. Hisque refert inter cetera visum sibi saepius simulacrum quoddam inter humanum divinumque vultum formae perlaudabilis ex eodem loco repente edi. Quod complecti summo desiderio cupienti sibi porrigentique manus responsum ab eo humana voce sceleratam huiusmodi coniunctionem quippe eiusdem sanguinis atque originis; namque ex eo alterum alterius opera interiturum. Dein versanti sibi vehementius cupientique causam eius rei perdiscere signum quoddam mari editum intervenire visum. Idque secundum imperium eius in se iactum, utrumque diiunxisse. Quam rem cuncti qui aderant uno ore exitialem pronuntiant adduntque, caveret ab insidiis filii. Ita suspectus parentis animo Telemachus agris, qui in Cephalenia erant, relegatur additis ei quam fidissimis custodibus. Praeterea Ulixes secedens in alia loca abdita remotaque quantum poterat somniorum vim evitare nitebatur.

[15] Per idem tempus Telegonus, quem Circe editum ex Ulixem apud Aeaenam insulam educaverat, ubi adolevit, ad inquisitionem patris profectus, Ithacam venit gerens manibus quoddam hastile, cui summitas marinae turturis osse armabatur, scilicet insigne insulae eius in qua genitus erat. Dein edoctus, ubi Ulixes ageret, ad eum venit. Ibi per custodes agri patrio aditu prohibitus, ubi vehementius perstat et e diverso repellitur, clamare occipit indignum facinus prohiberi se a parentis complexu. Ita credito Telemachum ad inferendam vim regi adventare acrius resistitur, nulli quippe compertum esse alterum etiam Ulixem filium. Dein iuvenis ubi se vehementius et per vim repelli videt, dolore elatus multos custodum interficit aut graviter vulneratos debilitat. Quae postquam Ulixem cognita sunt, existimans iuvenem a Telemacho inmissum, egressus lanceam, quam ob tutelam sui gerere consueverat, adversum Telegonum iaculatur. Sed postquam huiusmodi ictum iuvenis casu quodam intercipit, ipse in parentem insigne iaculum emittit infelicissimum casum vulneri contemplatus. At ubi ictu eo Ulixes concidit, gratulari cum fortuna confiterique optime secum actum, quod per vim externi hominis interemptus parricidii scelere Telemachum carissimum sibi liberavisset. Dein reliquum adhuc retentans spiritum iuvenem percontari quisnam et ex quo ortus loco se domi belloque inclitum Ulixem Laertae filium interficere ausus esset. Tunc Telegonus cognito parentem esse utraque manu dilanians caput fletum edit quam miserabilem

maxime discruciatuſ ob inlatam per ſe patri necem. Itaque Ulixi, uti voluerat, nomen ſuum atque matris, inſulam, in qua ortuſ erat et ad poſtremum inſigne iaculi oſtendit. Ita Ulixes ubi vim ingruentium ſomniorum praedictumque ab interpretibus vitae exitium animo recordatuſ eſt, vulneratuſ ab eo, quem minime crediderat, triduo poſt mortem obiit ſenior iam proſpectae aetatiſ neque tamen invaliduſ virium.

### 4.3. Tradução: *Diário da Guerra de Troia*, de Díctis Cretense

#### DIÁRIO DA GUERRA DE TROIA

DÍCTIS CRETENSE

#### EPÍSTOLA

#### (L.) SEPTÍMIO SAÚDA A Q. ARÁDIO RUFINO<sup>201</sup>

Díctis Cretense, que serviu na mesma expedição com Idomeneu,<sup>202</sup> compôs um diário da guerra de Troia, originalmente com o alfabeto púnico,<sup>203</sup> o qual então estava sendo popularizado pela Grécia graças ao trabalho de Cadmo e Agenor<sup>204</sup>. Depois de muitos séculos, tendo, por vetustez,<sup>205</sup> colapsado o seu sepulcro perto de Cnosso, outrora sede do rei,<sup>206</sup> pastores, como para lá se dirigissem, por acaso se depararam em meio às ruínas com um cofre fechado artisticamente com estanho e, acreditando ser um tesouro, logo o abriram. Apresentaram-se à luz<sup>207</sup> não ouro

<sup>201</sup> As conjecturas de quem tenham sido Septímio, Rufino e outros nomes que aparecem nestes paratextos encontram-se na seção 2.3. *Texto e paratextos: o pacto ficcional e o labirinto da leitura em Ephemēris*.

<sup>202</sup> Filho de Deucalião e neto de Minos, Idomeneu era, por excelência, o rei de Creta na época em que eclodiu a guerra troiana. Cf. *Il.* XIII, 219, 221, 259, 274. Encontra-se sua *aristeia* (ἀριστεία) na *Il.* XIII, 361-454.

<sup>203</sup> *Litteris Punicis*, “em alfabeto púnico”, embora o idioma fosse mesmo o grego. Os gregos adaptaram os caracteres fenícios como substitutos de formas anteriores de grafiação (minóico-micênica e chipriota), o que teria ocorrido, segundo Vega & López (2001), por volta de 2000 a. C., embora as primeiras inscrições remontem ao século VIII a. C. Ao levar em conta que a Guerra de Troia teria ocorrido por volta do século XII a. C., os autores afirmam que o dado não se aparta em demasia da realidade histórica da evolução da escrita grega.

<sup>204</sup> Cadmo e Agenor são personagens míticos provenientes da Fenícia, respectivamente irmão e pai de Europa. Heródoto (5.58-61) atribuiu a introdução do alfabeto púnico a um grupo de fenícios estabelecidos na Beócia sob o comando de Cadmo. (CAGLIARI, 2009). No *Prólogo*, apenas aparece o nome de Cadmo

<sup>205</sup> Enquanto na *Epístola* o motivo da queda do sepulcro de Díctis é a “velhice” (*collapso per vetustatem*), no *Prólogo* é um terremoto (*terrae motus*).

<sup>206</sup> A indicação histórica *olim Cretensis regis sedem* (“outrora sede do rei cretense”) poderia ser uma anotação a um público não grego, pois para os romanos a capital da província *Creta et Cyrenae*, como era comumente conhecida, era Gortina, motivo pelo qual, junto desses autores, pode-se supor que tal indicação é um acréscimo de Septímio. (LELLI, 2015, p. 479)

<sup>207</sup> A expressão intransitiva †*prodierunt*† traz problemas textuais, pois em alguns manuscritos aparecem “*sed libros ex philyra in lucem prodierunt*” e outros “*sed libros ex philyra in lucem prodituri*”. Timpanaro (1987, p. 421) entendia esse problema como um anacoluto sintático e propunha como solução a substituição do acusativo *libros* pelo nominativo *libri*, o que serviria então como sujeito de *prodierunt*, pois compreendia que todos os verbos precedentes da sentença, como *offendere* e *dissolvunt*, estavam ligados a *pastores*, motivo que possivelmente teria levado o copista a modificar a sentença. Por outro lado, há críticos textuais que são da opinião de que se deve ler *prodituri*, com um *erant* omitido; outros propõem uma *emendatio* diferente, que consistia em manter o acusativo *libros* e *pastores* como sujeito do verbo, porém não de *prodietunt*, mas do transitivo *protulerunt*, que seguiria paralelamente como uma sinonímia de *invenerunt* do *Prólogo* (LELLI, 2015, p. 479-480). Em nossa tradução, optamos pela leitura de Timpanaro.



nem qualquer outro despojo, mas livros feitos de fílira.<sup>208</sup> E, quando se frustrou a esperança, levaram-nos a Práxis, senhor da localidade, o qual os tendo transliterado para o alfabeto ático, pois se tratava da linguagem grega,<sup>209</sup> apresentou a Nero, César romano, em função do que foi por ele grandemente recompensado. Chegando a nossas mãos esses opúsculos, apoderou-se de nós, ávidos de história verdadeira,<sup>210</sup> o desejo de traduzi-los,<sup>211</sup> como estavam, para o latim, não porque confiássemos em nossa capacidade, mas para que dissipássemos a desídia da alma ociosa.<sup>212</sup> Conservamos, assim, o mesmo número dos cinco primeiros volumes, os quais abordam o início e o desenvolvimento da guerra; os demais, sobre o retorno dos gregos, redigimos em um apenas e, dessa forma, enviamos-te. Caro Rufino, sendo conveniente, sê favorável ao meu projeto e, assim, ao ler Díctis <...>.<sup>213</sup>

## PRÓLOGO

Houve um Díctis, cretense de origem, da cidade de Cnossos, contemporâneo dos *atridas*, versado na linguagem e letras fenícias, as quais foram trazidas por Cadmo à Acaia.<sup>214</sup> Ele foi um dos aliados de Idomeneu, filho de Deucalião,<sup>215</sup> e de Meríones, filho de Molo,<sup>216</sup> comandantes que vieram com um exército contra Ílion,<sup>217</sup> e deles recebera ordens para compor os anais da guerra de Troia. Por conseguinte, sobre tílias dispôs com letras fenícias nove volumes sobre toda a guerra.

<sup>208</sup> O termo em latim é “*philyra* (-lura), -ae, “Cordão feito da casca da tília para entrançar coroas” (FARIA, 1994, p. 414). Septímio usa de um grecismo enquanto no *Prólogo* a palavra para indicar a natureza do material dos livros é “*tilla*, -ae” (FARIA, 1994, p. 548). Além da relação metonímica que o uso de *philyra* (Φιλύρα) evoca, há a existência do mito da ninfa homônima, à qual se atribuem a maternidade de Quíron e a invenção da escrita e da fabricação de papel (GRIMAL, 2005, p. 171).

<sup>209</sup> Ou seja, passou o texto do alfabeto púnico para o alfabeto ático já desenvolvido.

<sup>210</sup> Como observaram Vega & López (2001), essa afirmação marca que Septímio se localiza em um tempo pós-neroniano. Além disso, observa-se que Septímio usa o termo *vera historia* para se referir ao contexto em que se inseriria o diário de Díctis, fato que acena a forja da credibilidade histórica da narrativa traduzida.

<sup>211</sup> A expressão *Latine disserere*, “traduzir para o latim”, é rara e, confrontando a versão septimiana com a do original grego dos papiros, não levaria a supor uma redução ou resumo, acepção evocada pelo verbo (LELLI, 2015, p. 480). No entanto, como se lê mais adiante na *Epístola*, há sim uma redução do original, não sendo uma tradução *ipsis litteris* aquela empreendida por Septímio.

<sup>212</sup> Fórmula de modéstia, tópico muito presente nos exórdios (CURTIUS, 1979).

<sup>213</sup> A *Epístola* tem seu final mutilado. Timpanaro (1987, p. 202) supõe que somente algumas poucas palavras estariam faltando e propõe algo na linha de “*atque in legendo Dictym animum publicis negotiis distentum relaxa*” (“e com a leitura de Díctis possa aliviar o espírito carregado com compromissos públicos”). Para nossa tradução, optamos por manter o corte abrupto da *Epístola*.

<sup>214</sup> Segundo Troca Pereira (2016), *Achaia* era província romana que fora anexada em 14 a. C. por Lúcio Múmio, conhecido, desde então, por Achaicus.

<sup>215</sup> Esse Deucalião é o filho de Minos e Pasífae, irmão de Catreu, Glauco e Andrógeo (GRIMAL, 2005, p. 117-118).

<sup>216</sup> Molo era filho bastardo de Deucalião, meio-irmão de Idomeneu, o que fazia de Meríones sobrinho de Idomeneu (GRIMAL, 2005, p. 317).

<sup>217</sup> Na *Ilíada*, informa Vega & Lopez (2001, p. 196), Meríones não era exatamente comandante, mas escudeiro de Idomeneu. Cf. *Ilíada*, II, 645-652.

Retornado a Creta já em idade avançada, perto de sua morte recomendou que esses volumes fossem enterrados consigo. Então, como mandara, encerraram as tais tílias em seu túmulo, depositadas num pequeno cofre de metal. Contudo, tempos depois, ao trigésimo ano do principado de Nero,<sup>218</sup> tendo havido na cidade de Cnossos um tremor de terra, escancararam-se muitos sepulcros e também o de Díctis, de tal modo que o pequeno cofre podia ser visto pelos transeuntes. E assim pastores que passavam, como o vissem, arrebatarem-no do sepulcro, acreditando ser um tesouro. E, tendo-o aberto, acharam tílias com escritas em letras estranhas para eles e imediatamente as trouxeram ao seu senhor, certo homem chamado Eupraxis.<sup>219</sup> Ele, de fato, tendo reconhecido o alfabeto do qual se tratava, apresentou-as a Rútílio Rufo, então cônsul daquela ilha.<sup>220</sup> Este, junto ao próprio Eupraxis, enviou a Nero o que lhe havia sido apresentado, pois julgava conter nele alguma coisa muito secreta. Então, Nero, recebendo-os e percebendo que estavam em alfabeto púnico, mandou vir a ele peritos no assunto. Eles, como chegassem, interpretaram tudo. E, como Nero tomasse conhecimento de que aquela era uma obra de um antigo homem que estivera em Ílion, mandou que ela fosse transcrita para o idioma grego, a partir do qual o texto mais verdadeiro sobre a guerra de Troia tornou-se conhecido a todos.<sup>221</sup> Então, depois de presenteá-lo com bens e com a cidadania romana, dispensou Eupraxis para casa. Recolheu na biblioteca grega os anais, inscritos sob o nome de Díctis, cuja sequência o texto que segue expõe.<sup>222</sup>

<sup>218</sup> A saber, 67 d. C., um ano antes da morte de Nero.

<sup>219</sup> Cf. Práxis, na *Epístola*. Troca Pereira (2016) curiosamente percebe uma simbologia nesse antropônimo: εὔπραξις, ἰος (εὖ – πρᾶξις: ‘boa acção’). Movellan Luís (2015), nessa mesma linha, observa que Septímio teria sido o “sétimo” estágio na cadeia de sucessão pela qual passa o texto de Díctis. Frazer (1966) também enxergou no nome de Díctis uma simbologia, e ligou-o a uma montanha da costa oriental de Creta, Dicta, onde se encontrava um templo dedicado a Júpiter, assinalando dessa forma o nome ao gentílico.

<sup>220</sup> Troca Pereira (2016) identifica como sendo um Públio Rútílio Rufo, cônsul em 105 a. C. O título cônsul para indicar a administração de uma província romana é atestado apenas por volta de IV d. C., tratando-se, segundo Merkle (1989, p. 86), de uma inovação constantiniana. O termo que se esperaria era procônsul, pois em época neroniana Creta era uma província senatorial. Cf. 2.3.

<sup>221</sup> Mais uma vez se atesta a historicidade e autenticidade tanto da guerra troiana quanto do documento que a relata, pois o diário de Díctis seria o testemunho mais confiável sobre a guerra de Troia (*Troiani belli verior textos*).

<sup>222</sup> Segundo Vega & Lopez (2001, p. 199), essa “biblioteca grega” refere-se à seção fundada por Augusto em Roma junto ao templo de Apolo no Paltino. Evidencia-se, também, que a designação do documento de Díctis é, no *Prólogo*, feita por um termo romano (*annales*, anais) e, na *Epístola*, por outro, mais próximo da cultura grega, (*ephemeris*, diário), o que evidencia atitudes linguísticas diferentes e aponta, ainda, para duas pessoas diversas.

## LIVRO I

[1] Todos os reis, bisnetos de Minos,<sup>223</sup> filho de Júpiter, que sobre a Grécia exerciam poder, foram a Creta a fim de dividirem entre si as riquezas de Atreu.<sup>224</sup> Esse Atreu, filho de Minos, próximo da morte, ordenou que fossem divididos de modo igual todos os seus bens – ouro, prata e rebanho – entre seus netos, que suas filhas geraram,<sup>225</sup> excetuando-se, no entanto, o domínio das cidades e das terras, as quais, por sua ordem, se legaram a Idomeneu, filho de Deucalião, e a Meríones, filho de Molo. Vieram Palamedes e Éax, filhos de Clímene e Náuplio. Do mesmo modo Menelau, filho de Aéropa e Plístenes,<sup>226</sup> sua irmã Anaxíbia, que naquele tempo fora desposada por Nestor<sup>227</sup> e Agamêmnon, irmão mais velho, dirigiram-se para gozar da divisão que lhes cabia. Mas eles eram considerados não filhos de Plístenes, mas, sim, de Atreu, já que Atreu, por comiseração da idade, adotou-os e lhes deu uma educação digna de reis, porque Plístenes, pai verdadeiro deles, morrendo cedo, não pode fazer nada memorável. Na divisão, todos, por causa da reputação do nome entre eles, trataram-se com extrema nobreza.

[2] Todos descendentes de Europa,<sup>228</sup> cultuada naquela ilha com elevada religião, sabendo da notícia, chegaram-se a eles e, com boa vontade, tendo-os cumprimentado, conduziram-nos ao templo. Ali celebraram, como era costume da pátria, imolando muitas vítimas sacrificiais, apresentando um banquete abundante e desse modo esplendoroso os mantinham por dias seguidos. Os reis da Grécia aceitavam tudo com a mesma alegria com que lhes era ofertado. Muito mais se impressionavam com a magnífica beleza do templo e com os ricos detalhes da

<sup>223</sup> Minos, rei de Creta, filho de Europa e Zeus/Júpiter, casado com Pasífae, filha de Hélio e Perseis. Seus filhos legítimos são Catreu, Deucalião, Glauco, Andrógeu, Acacalis, Xenodice, Ariadne e Fedra. (GRIMAL, 2005, p. 313-314).

<sup>224</sup> Pela tradição, Atreu não é contado entre os descendentes de Minos, mas, sim, Catreu (cf. APOLLOD. *Bibl.* VII; DIOD. SIC., IV, 60, 4). Nesse sentido, observa-se uma possibilidade de ter havido uma má leitura dos manuscritos, embora, como cogitam Vega & Lopez (2001, p. 201), pode ter sido uma tentativa do autor de se afastar da tradição mítica ou, ainda, pode-se acreditar ser uma corruptela produzida no texto latino por mão de um copista. Mais que um lapso do autor grego ou do tradutor latino, a corruptela é explicável pela raridade de testemunhos de Catreu em grego (TIMPANARO 1987, p. 177-178; LELLI, 2015, p. 485). A edição de Eisenhut que seguimos para nossa tradução traz *Atreus* sem assinalar o problema.

<sup>225</sup> Atreu não teve filhas. Assume-se aqui a descendência de Catreu, que teve três filhas Aéropa, Clímene e Apemosine, e um filho, Altemene (APOLLOD, III, 2).

<sup>226</sup> A versão mais comum relata Menelau como filho de Atreu, rei de Micenas, e da cretense Aéropa, filha de Catreu, levada a Micenas por Náuplio. Há outra tradição em que Agamêmnon e Menelau eram filhos de Plístenes, filho de Pélops e Hipodâmia. A versão conciliadora dessa genealogia que em *Ephemeris* se segue conta Plístenes como filho de Atreu que, morrendo jovem, deixou os filhos sob a tutela do avô (GRIMAL, 2005, p. 380). Cf. APOLLOD, *Bibl.* III, 2, 2.

<sup>227</sup> Essa união consta em Apolodoro (*Bibl.* I, 9, 9), contradizendo a informação dos versos homéricos: “a respeitável esposa de Nestor, / Eurídice, a mais velha das filhas de Glorioso.” (*Od.* III 451-452).

<sup>228</sup> Europa, filha de Agenor, rei de Tiro, e, por meio de Zeus/Júpiter, mãe de Minos, Sárpedon e Radamante (APOLLOD, III, 1).

estrutura, que enquanto examinavam, lembravam cada coisa que fora enviada de Sídon por Fênix, seu pai, e por nobres matronas para servir de majestoso adorno.<sup>229</sup>

[3] Enquanto isso, o frígio Alexandre,<sup>230</sup> filho de Príamo, acompanhado de Eneias e de outros de mesma origem, tendo sido recebido como hóspede<sup>231</sup> no palácio de Menelau em Esparta, consumou um crime desonroso: ele, notando a ausência do rei, cativo de amor por Helena,<sup>232</sup> furtou não só as riquezas do palácio, mas também a própria moça, a mais bela entre as mulheres gregas.<sup>233</sup> Junto a ela foram levadas Etra e também Clímene, parentes de Menelau, por causa da ligação familiar viviam junto a Helena.<sup>234</sup> Depois a notícia chegou até Creta, graças à fama que ama aumentos, fez com que aquilo que Alexandre cometeu contra a casa de Menelau parecesse pior do que já era. Espalhavam boatos do tipo que diziam que a casa do rei fora assaltada, ele expulso e todo o seu reino conquistado.

[4] Tendo isso conhecido, Menelau, se bem que o sequestro da esposa lhe houvesse perturbado o ânimo, muito mais se consternou por causa da injúria para com as suas parentes, as quais citamos anteriormente. Por outro lado, quando Palamedes observou que o rei extirpara o bom senso, estupefato pela ira e também pela indignação, ele próprio preparou as naus e também os aportou à terra, munidos de todo equipamento. Em seguida, tendo consolado brevemente o rei, em razão do tempo, a partir da divisão, tendo estabelecido todas as coisas que em tal negócio o tempo permitia, faz também com que suba a uma nau e, dessa forma, com os ventos soprando como

<sup>229</sup> Na versão mais comum dessa genealogia, Fênix é irmão e não pai de Europa, sendo a sua paternidade atribuída a Agenor, rei da Fenícia (APOLLOD, III, 1).

<sup>230</sup> Mais conhecido como Páris.

<sup>231</sup> Efetuar-se-á um crime desonroso (*indignissimum facinus*): Alexandre ferirá o direito de hospitalidade (em latim, *hospitium*, e, em grego, ξενία, *xenia*).

<sup>232</sup> Cf. *Il.*, III, 438-447.

<sup>233</sup> Não há qualquer menção aqui ao episódio do julgamento de Páris Alexandre sobre a disputa das deusas. O relato completo estaria nas *Cíprias*, e na *Íliada* (XXIV, 25-30) há uma alusão ao episódio. Também se encontra nas *Heróides* (XVI, 71 e 5.35), de Ovídio, nos *Diálogos dos Deuses* (20), de Luciano de Samósata, na *Biblioteca* (*Epitome* 3.2), Pseudo Apolodoro e nas *Fabulae* (XCII), do mitógrafo Higino. Essa omissão em *Ephemeris* é parte do seu projeto racionalizante, pois o episódio é protagonizado essencialmente por deuses. De modo diferente, em *De Excidio* (VII) há a menção do episódio, mas, para servir a intenções evemeristas do autor, atribui-se o evento mítico a um sonho: *Nam sibi in Ida silva, cum venatum abisset, in somnis Mercurium adduxisse Iunonem Venerem et Minervam, ut inter eas de specie iudicaret: et tunc sibi Venerem pollicitam esse, si suam speciosam faciem iudicaret, daturam se ei uxorem, quae in Graecia speciosissima forma videretur: ubi ita audisset, optimam facie Venerem iudicasse.*; “De fato, quando estava a caçar no bosque do monte Ida, **em sonho**, Mercúrio trouxera-lhe Juno, Vênus e Minerva para que entre elas julgasse acerca de sua formosura: e, então, Vênus lhe prometeu, se considerada a mais bela, dar-lhe-ia como esposa a mulher considera a mais bela da Grécia. Quando isso ouviu, julgou Vênus como a mais formosa.”. Como se sabe, essa mulher considerada a mais bela entre as gregas é Helena (*Helena praeter ceteras Graeciae feminas miranda specie*; Eph. I, 3).

<sup>234</sup> Cf. *Il.*, III, 143-144.

intencionavam, em poucos dias alcançaram Esparta. Agamêmnon, Nestor e todos da progênie de Pélops, que na Grécia reinavam, tendo conhecido os fatos, para lá confluíram. Então, depois souberam que Menelau chegara, todos, a um só tempo, reúnem-se. E, mesmo que a atrocidade do acontecido impelisse as injúrias à indignação e à vingança, decidem, no entanto, pela ponderação da razão, que mandassem primeiro Palamedes, Ulisses e Menelau a Troia, a fim de que eles, uma vez tendo se queixando das injúrias, reivindicassem Helena e aquilo que com ela fora arrebatado.

[5] Em poucos dias chegam os embaixadores a Troia.<sup>235</sup> No entanto, não encontram Alexandre nesse local, pois, havendo partido sem reflexão, por causa da pressa em navegar, os ventos o impeliram até Chipre. De lá, tomando um número considerável de naus, desceu à Fenícia. Durante a noite, com armadilhas ele mata o rei dos sidônios, que o havia recebido amigavelmente.<sup>236</sup> Com a mesma ambição, com a qual agira em Lacedemônia, converteu em crime próprio a casa inteira do rei. Assim, ele, indignamente, ordenou que tudo que servisse à ostentação da magnificência régia fosse tomado e levado às naus. Mas, depois um tumulto surgiu da lamentação de sobreviventes que haviam escapado da pilhagem chorando a desgraça de seu senhor, todo o povo junto correu ao palácio. De lá, porque Alexandre já se apressava em embarcar, depois de ter arrebatado tudo aquilo que queria, chegam às naus armados, segundo as circunstâncias, e iniciado um ferino prélio entre eles, caem numerosos de ambos os lados, pois obstinadamente se esforçavam com máximas forças, uns para vingarem o assassinato do rei, outros, para não perderem a pilhagem granjeada. Enfim, com duas naus incendiadas, a muito custo os troianos defenderam e livraram as demais. Mas, assim, com os inimigos já fatigados pelo prélio, evadem-se.<sup>237</sup>

[6] Nesse ínterim, em Troia, Palamedes, um dos embaixadores, cuja opinião nessas situações, tanto na paz quanto na guerra, teve enorme valor, apresenta-se diante de Príamo. Uma vez reunida a assembleia, queixa-se, em primeiro lugar, da injúria de Alexandre, expondo a ruína da hospitalidade comum; em seguida, adverte que aquele fato poderia incitar muitas inimizades entre os dois reinos, introduzindo a lembrança das discórdias não só de Ilo e de Pélops,<sup>238</sup> mas também de outros, que por causas similares chegaram até mesmo ao massacre de suas populações. Por último, opondo as dificuldades da guerra em face às vantagens da paz, disse que não ignorava a

---

<sup>235</sup> Cf. *Il.* III, 205.

<sup>236</sup> Alexandre, por uma segunda vez, fere o direito de hospitalidade.

<sup>237</sup> Cf. *Il.* VI, 290-291; *APOLLOD*, *Ep.* III, 5.

<sup>238</sup> Segundo Grimal (2005, p. 249-250), uma versão desse episódio conta que Ilo combateu e baniu Tântalo e Pélops, considerados responsáveis pelo rapto de seu filho Ganimedes. A referência a esse evento tem por objetivo fazer presente os resultados desastrosos do combate entre gregos e troianos.

possibilidade de um crime tão atroz incutir indignação a tantos mortais, pelo qual os autores da injúria, desamparados por todos, deveriam sofrer as penas da impiedade. E, como ele desejasse falar mais coisas, Príamo, interrompendo o discurso dele ao meio, disse: “– Por favor, Palamedes, sê mais moderado. Iníquo, pois, parece-me acusar alguém que esteja ausente, principalmente quando é possível que, uma vez estando presente com uma refutação, dissipem-se as acusações criminosas que foram feitas.”. Acrescentando essas e outras coisas de mesma natureza, ordena que se adiem as queixas até a chegada de Alexandre. Via, pois, que cada um dos que estavam na assembleia comoviam-se com o discurso de Palamedes, mesmo que calados, com seus semblantes condenavam o crime cometido, já que cada uma das coisas era exposta em um estilo oratório admirável e se inseria no discurso do rei grego certa força misturada com comiseração. E, desse modo, a assembleia se desfez por aquele dia. Mas Antenor, homem hospitaleiro e, mais do que qualquer outro, sectário do bem e da honestidade, convida os embaixadores à sua casa, os quais aceitam.

[7] Poucos dias passados, Alexandre veio com os seus companheiros nomeados acima, trazendo consigo Helena. Com a sua chegada, parte da cidade abominava aquele tipo de crime e outra lamentava as injúrias lançadas contra Menelau, sem que de todos um sequer lhe apoiasse. Por fim, com todas as indignações, surgiu um tumulto. Atormentado por esses fatos, Príamo chamou os filhos e consultou-os sobre o que parecia ser necessário fazer em tal situação. Eles responderam a uma só voz que de jeito algum Helena deveria ser devolvida. Viam que, certamente, se Helena fosse devolvida, perderiam conseqüentemente todas as riquezas que com ela haviam sido trazidas.<sup>239</sup> E mais que isso: seduzidos pela beleza das mulheres que com Helena tinham vindo, já intencionavam casar-se com cada uma delas, pois eles, bárbaros de língua e de costumes, agiam, atravessados pela pilhagem e luxúria, sem se submeterem a nenhuma ponderação ou reflexão.<sup>240</sup>

[8] Portanto, Príamo, deixando-os, reúne os anciãos, informa a opinião dos filhos e consulta-os acerca do que havia de ser feito. Mas, antes que, segundo o costume, as opiniões fossem pronunciadas, os príncipes subitamente invadem a assembleia e, pelos costumes grosseiros, ameaçam prejudicar a cada um deles caso decidissem por algo diferente do que lhes era conveniente. Nesse ínterim, todo o povo, com execração, reclamava da injúria indignamente cometida e de muitas outras coisas semelhantes. Diante disso, teme Alexandre, arrebatado pela paixão de seu coração, que seus compatriotas se insurgissem contra ele. Então, escoltado por seus

---

<sup>239</sup> Em *De Excidio* (XI), Príamo se alegra com Helena porque nela via a oportunidade de reaver sua irmã Hesíone, que tinha sido sequestrada pelos gregos em outra oportunidade (*De Exc.* III; cf. *Eph.* IV, 22).

<sup>240</sup> O narrador Díctis descreve negativamente os troianos.

aliados armados, faz um ataque contra a multidão e dizima muitos. Os que sobram são salvos pela intervenção dos nobres que haviam estado no concílio, com Antenor no comando. Assim, sem levar a cabo o que era necessário, o povo, tratado com desprezo, sem contar o massacre, retira-se para casa.

[9] Depois, no dia seguinte, o rei, por conselho de Hécuba, procura Helena e, saudando-a com bondade, aconselha que ela tivesse bom ânimo. Pergunta-lhe sua origem. Ela, então, responde-lhe que era parente de Alexandre e, remontando a todos os seus antepassados, que sua origem pertencia mais a Príamo e Hécuba do que aos filhos de Plístenes; que, de fato, Dânao e Agenor eram fundadores não só de sua estirpe, mas também da de Príamo, e que de Plesíona, filha de Dânao, e de Atlante nasceu Electra.<sup>241</sup> Esta engravidou de Júpiter, dando à luz a Dárdano, do qual Trós e sucessivamente todos os reis seguintes de Ílion descendem. Continuando até Taigeta de Agenor, que de Júpiter teve Lacedêmone, do qual é filho Amiclas e que, por sua vez, gerou Árgalo, pai de Ébalo, que consta ser pai de Tíndaro, seu pai.<sup>242</sup> Também remontava com Hécuba a linhagem de sua origem materna. Fênix, filho de Agenor dividia a origem consanguínea não só com Dimas, pai de Hécuba, mas também Leda. Depois refez tudo de memória, chorando terminou pedindo que, se tivesse sido recebida na boa-fé deles, não pensassem em devolvê-la. Tudo, que consigo havia sido levado da casa de Menelau, pertencia-lhe, e nada mais fora tomado. Mas pouco claro estava se havia assim preferido se posicionar ou por causa do amor imensurável por Alexandre ou por causa do medo das punições que temia receber em razão do abandono do lar.<sup>243</sup>

[10] Portanto, Hécuba, porque conhecia a vontade de Helena e ao mesmo tempo porque a ela estava ligada por uma ligação familiar, esforçava-se com sumas forças para que ela não fosse devolvida, embora Príamo e os demais príncipes já houvessem dito que os embaixadores não mais deveriam aguardar, nem deveria haver resistência à vontade dos compatriotas – apenas com Deífobo dentre todos concordando com Hécuba, a quem (não diferentemente de Alexandre) o desejo por Helena<sup>244</sup> afastava de uma opinião racional. Assim, como ora suplicasse a Príamo,

---

<sup>241</sup> Electra é filha de Plesíone (ou Pleíone) e Atlas, abandonada na ilha de Samotrácia (APOL. RH. Arg., I, 916). Ela gerou Dárdano, Iaso e Harmonia. Dárdano é filho de Zeus, mítico fundador da Dardânia ao pé do monte Ida (*Il.*, XX, 21; APOLLOD, III, 12, 1). Vega & Lopez (2001, p. 207), aponta que dar a paternidade de Electra a Dânao é omitir a origem mítica da personagem, que seria uma oceanide, coerente com a intenção racionalizante do relato de Díctis.

<sup>242</sup> A saber, Tíndaro pai de Helena. No entanto, na tradição mítica, Helena é filha de Zeus/Júpiter com Leda. Cf. *Il.* III, 426.

<sup>243</sup> A estrutura optativa em *Ephemeris* serve para deixar ao leitor a escolha entre duas causas de um efeito.

<sup>244</sup> Deífobo, quando Alexandre morre, assume Helena como esposa (*Eph.* IV, 22).

primeiro, depois aos filhos, ora por razão alguma pudesse ser afastada do abraço dela, Hécuba, com obstinação, trouxe para sua vontade todos que estavam presentes. E desse modo, por fim, o bem público corrompeu-se em decorrência da graça materna. Depois, no dia seguinte, Menelau vem à reunião junto com os seus companheiros de comitiva reclamando sua esposa e tudo aquilo que com ela fora arrebatado. Então Príamo, estando em meio aos príncipes, uma vez feito silêncio, para Helena, que por esse motivo mesmo viera à vista do povo, ofereceu a escolha: se a ela parecesse bem poderia, voltar para sua casa para junto dos seus. Afirmam que ela disse que não navegara contra a própria vontade e que não lhe convinha, em sua opinião, o casamento com Menelau. Assim, os príncipes, com a posse de Helena, não sem exultação, retiram-se da reunião.

[11] Diante desses acontecimentos, Ulisses, mais por efeito de contestação que de tirar proveito de todo o discurso, relembra todas as coisas que foram cometidas indignamente por Alexandre contra a Grécia e atesta que, por causa delas, em breve haveria vingança. Em seguida, Menelau, agitado intensamente pela ira, uma vez tendo prometido, com o rosto feroz, a ruína, abandona a assembleia. Quando aos priâmidas<sup>245</sup> chegaram os fatos, em segredo entre si firmaram como cercariam os embaixadores para fazer-lhes mal. Com efeito, acreditavam que, se os embaixadores retornassem sem ter levado a cabo sua intenção, certamente uma grande guerra se formaria contra eles (o que, não em vão, os preocupou). Por conseguinte, Antenor, cujo sublime respeito pelos bons costumes há pouco citamos, procura Príamo e se queixa da conspiração feita: certamente os filhos dele estavam preparando armadilhas não para os embaixadores, mas contra ele mesmo, o que ele não deixaria passar. Em seguida, não muito depois, informa o fato aos embaixadores. Assim, assegurando salvaguarda a todos, dispensa-os intactos no primeiro momento oportuno que surgiu.

[12] Enquanto essas coisas em Troia se passavam, com a fama já disseminada por toda a Grécia, todos os pelópidas<sup>246</sup> se encontraram em um só lugar e, uma vez interposta religiosamente a obrigação do juramento, decretam guerra contra Príamo caso Helena não fosse devolvida juntamente com tudo aquilo que fora raptado. Os embaixadores voltam à Lacedemônia, contam sobre Helena e sua vontade e depois sobre as palavras e o tratamento de Príamo e de seus filhos contra eles, elogiando grandemente a honestidade de Antenor para com os embaixadores. Logo que ouvem isso, decide-se que, cada um em seus próprios territórios e domínios preparasse os recursos de guerra. Portanto, escolhe-se, por decisão em assembleia, Argos, reino de Diomedes,

<sup>245</sup> Pelo termo *Priamidae*, “priâmidas” entende-se os filhos de Príamo.

<sup>246</sup> Entende-se *Pelopidae*, “pelópidas”, como descendentes de Pélops, os quais são Agamêmnon, Egisto, Menelau e Orestes.



como lugar propício para se reunirem e no qual se trataria do aparato de guerra.

[13] Assim, no tempo previsto, chega, primeiro entre todos, Ájax Telamônio, de grande renome quanto à coragem e ao físico; juntamente com ele, seu irmão Teucro. Em seguida, não muito depois, Idomeneu e Meríones, ligados entre si por uma forte amizade. O fato é que, tendo eu seguido a comitiva deles, as coisas que aconteceram antes em Troia relatei o mais diligentemente possível, tendo-as conhecido a partir de Ulisses; e o restante, as coisas que aconteceram depois, porque eu mesmo estive presente, contarei o mais verdadeiramente que eu puder.<sup>247</sup> Portanto, depois disso que anteriormente lembramos, chegou em seguida Nestor juntamente com Antíloco e Trasímedes, os quais Anaxíbia gerara. Seguiu-os Peneleu, juntamente de seus parentes Clônio e Arcesilau; depois os príncipes Protenor e Leito da Beócia, bem como Esquédio e Epístrofo da Fócida, Ascalafo e Jalmeno de Orcómeno; então Diores e Meges, filhos de Fileu; Toás de Andrêmones, Eurífilo, filho de Evêmones, natural de Ormeno, e Leontes.

[14] Depois desses, Aquiles, filho de Peleu e Tétis, a qual se dizia filha de Quíron.<sup>248</sup> Ele, ainda nos primeiros anos da adolescência, alto e belo de rosto, quanto à inclinação dos assuntos bélicos já então superava todos em coragem e glória.<sup>249</sup> E, no entanto, não faltava a ele uma certa força irresponsável e uma feroz impulsividade de costumes. Em sua companhia, Pátroclo e Fênix, um por causa da ligação de amizade, outro por ser seu mentor e conselheiro. Depois, Tlepólemo, filho de Hércules; seguiram-no Fídipo e Antifo, insígnies na arte das armas, sendo seu avô Hércules. Depois destes, Protesilau, filho de Íficio, junto de seu irmão Podarces. Esteve presente também Eumelo de Feras, cujo pai Admeto outrora protelara seus próprios destinos graças à morte de sua esposa, que substituiu a sua própria; e os tricenses Podalírio e Macáon, filhos de Esculápio, chamados a esta guerra por causa da sua destreza na arte médica. Depois, chegaram Filoctetes de Peante – companheiro de Hércules, o qual recebeu as suas flechas divinas<sup>250</sup> como prêmio por sua dedicação depois da partida deste aos deuses –, o belo Nireu, Menesteu de Atenas e Ájax, filho de Oileu da Lócrida; Anfíloco e Estênelo de Argos; Anfíloco, filho de Anfiarau, por sua vez filho de

<sup>247</sup> Aqui Dícitis se instala como testemunha ocular dos fatos e reporta como soube dos eventos anteriores.

<sup>248</sup> Omite-se completamente a origem divina de Tétis e de Quíron. Na tradição, relata-se que Quíron foi mentor de Aquiles e de outros heróis ilustres, como Asclépio, Hércules e Teseu.

<sup>249</sup> Esta é sua descrição em *De Excidio*, XIII: *Achillem pectorosum ore venusto membris valentibus et magnis iubatam bene crispatum clementem in armis acerrimum vultu hilari largum dapsilem capillo myrteo*; “Aquiles tem um peitoral largo, um belo rosto, membros grandes e musculosos, cabeleira bastante ondulada, é exímio e impetuoso em armas, tem semblante agradável, é largamente generoso e tem cabelos cor de murta.”

<sup>250</sup> Famosos objetos de Hércules, ícone consagrado na mitologia. Cf. PHILOSTR. *Her.* V; DIOD. SIC. IV, 38; HYG. *Fab.* XXXVI; OV. *Met.* IX. 230. É interessante notar que, na contramão do viés racionalizante, o narrador assume aqui o caráter mágico do objeto (*sagittas divinas*), assim como a natureza divina do própria Hércules.

Capaneu, <e> junto a eles Euríalo, filho de Mecisteo. Em seguida, da Etólia, Tessandro, filho de Polinices; enfim, depois de todos Demófon e Acamante. Assim se reuniram todos da origem de Pélops. Mas além desses, dos quais já citamos, muitos outros também se apresentaram: parte formando a comitiva de seus reis, outros senhores de seu próprio reino, cada qual de sua região, cujos nomes, um a um, não parece necessário expor.

[15] Portanto, quando todos chegaram a Argos, Diomedes recebe todos com hospitalidade, e supre o necessário. Depois Agamêmnon distribuindo entre eles grande peso de ouro trazido de Micenas, faz os ânimos de todos mais dispostos à guerra a ser travada. Então, agrada à assembleia como um todo ser interposto um juramento sobre a condição do prélio neste termos: o adivinho Calcas, filho de Téstores, manda que se levasse um porco macho ao meio do fórum, o qual corta em duas partes, separando uma para o oriente e outra para o ocidente, e assim manda que cada um com as espadas desembainhadas passem-nas pelo seu meio. Depois, já com as pontas de suas espadas untadas com sangue do animal, arranjadas ainda as demais coisas necessárias àquele assunto, confirmam para si, por meio do ritual, inimizades contra Príamo: e não deixariam a guerra antes que houvessem destruído Ílion e todo o seu reino. Terminadas tais coisas, uma vez devidamente purificados, com muitas imolações procuram o favor de Marte<sup>251</sup> e de Concórdia.

[16] Depois, no templo de Juno argiva, foi oportuno declarar o comandante de todos. Por conseguinte, todos em pequenas tábuas, que eles receberam para eleger o principal da guerra, o qual, a cada um, parecesse ideal, escrevem em letras púnicas<sup>252</sup> o nome de Agamêmnon. Assim, pelo consenso de todos – e com aprovação rumorosa – encarregou-se ele da frente da guerra e do exército. Por mérito lhe foi imputado tanto porque era irmão do homem pelo qual a guerra se estava preparando quanto porque ostentava uma abundante força militar, pela qual era tido como grande e glorioso acima dos outros reis gregos. Depois, designam como capitães e condutores dos navios Aquiles, Ájax e Fênix. À frente do exército de campo foram postos Palamedes com Diomedes e Ulisses, para que, assim, dividam entre si alternadamente as vigílias diurnas e noturnas. Feito isso, cada um se retira a seus domínios a fim de preparar suas tropas e seus instrumentos militares. Nesse ínterim, toda a Grécia ardia pelo esforço de guerra: equipamento defensivo, armas ofensivas, cavalos, naus e todas essas coisas estavam sendo preparadas num período de dois anos, como se apressassem nas obrigações militares, uns pela natureza da juventude, outros pela rivalidade aos seus iguais em alcançar glória. Mas, dentre essas coisas, com sumo cuidado se fabricou a grande força naval, evidentemente para que os muitos milhares dos

<sup>251</sup> Marte é o deus da guerra, cujo equivalente grego é Ares.

<sup>252</sup> Em concordância com a *Epístola* e o *Prólogo*, remete-se a dualidade entre língua grega e caracteres fenícios.

exércitos, reunidos de todas as partes em um só lugar, não demorassem a navegar por falta de diligência.

[17] Portanto, passados os dois anos, cada rei envia a Áulis da Beócia – pois esse local fora o escolhido – as esquadras equipadas segundo a possibilidade dos seus recursos e reino. Dentre eles, o primeiro foi Agamêmnon, que reuniu de Micenas 100 naus, e outras 60<sup>253</sup> de diversas cidades, as quais estavam sob o seu domínio, e estabeleceu Agapenor como chefe. Nestor, uma esquadra equipada de 90 naus; Menelau, 60 naus de toda a Lacedemônia; Menesteu, de Atenas, 50; Elefenor, de Eubeia, 40. Ájax Telamônio, 12, de Salamina; Diomedes, de Argo, uma esquadra de 80 naus; Ascalafo e Jalmeno, 30 naus de Orcomeno; o oileu Ájax, 40. Do mesmo modo, de toda a Beócia, Arcesilau, Protenor, Peneleu, Leito, Clônio, 50 naus; Esquédio e Epistrófo, de Fócida, 40. Depois, Tálpio e Diores, juntamente com Anfímaco e Polixeno, de Élide e de outras cidades de sua região, 40 naus; Tóas, da Etólia, 40; Meges, de Dulíquio e das ilhas Equinades, 40. Idomeneu junto com Meríones, de toda a Creta, uma esquadra de 80 naus; de Ítaca, Ulisses, 12; 40, Próto, da Magnésia; Tlepólemo, de Rodes e de outras ilhas à sua volta, 9; 11, Eumelo Fereu; Aquiles, de Argos pelasgica, 50; 3, Nireu, de Simi. Podarces e Protesilau, de Fílaca e de outros lugares, sobre os quais governavam, 40 naus; 30, Podalírio e Macáon; Filoctetes, de Metona e de outras cidades, 7 naus; Eurípilo Ormênio, 40; 22, Guneu, de Perrébia. Leonteu e Polipetes [reuniram] de suas regiões 40 [naus]; Fidipo, juntamente com Antifo, 30, das ilhas de Cós e de Crápatos. Tessandro, quem há pouco lembramos ser filho de Polinices, 50 naus de Tebas; Calcas, de Acarnânia, 20; Mópso, de Cólofon, 20; Epios, 30, das ilhas Cíclades. E as encham com uma grande quantidade de trigo e de outros suprimentos necessários. Pois assim receberam a ordem de Agamêmnon, evidentemente para que tão grande força de soldados não fosse afetada pela falta do indispensável.

[18] Por conseguinte, entre tamanho aparato de esquadras, por causa da condição dos locais, havia muitos cavalos e carros bélicos, mas a infantaria era a maior parte, pela seguinte razão: porque se proibiu o emprego da cavalaria em razão da pobreza muito maior de pastagem por toda a Grécia. Ademais, houve muitos que eram confiados à equipagem náutica, indispensáveis por causa da sua perícia nessa arte. Durante esse mesmo tempo, não foi possível seduzir o lício Sarpédon, nem por recompensa nem por reconhecimento de Fálides, rei dos sidônios, de tal maneira que ele aceitasse a aliança com nossa expedição contra os troianos, pois Príamo já o mantivera em extrema fidelidade para consigo por meio de suntuosos presentes, em seguida duplicados. No entanto, o

---

<sup>253</sup> Inicia-se o catálogo das naus, cuja famosa passagem se encontra na *Ilíada*, II, 484-759; cf. *De Exc.* XIV.

número de todas as esquadras, que anteriormente expomos ter sido reunido de diversos reinos da Grécia, havia sido preparado e munido durante todo um espaço de tempo de cinco anos. Assim, como coisa nenhuma impedisse a partida, a não ser a ausência da soldadesca, reunidos todos os comandantes, conforme sinal dado, juntos e ao mesmo tempo acorreram em massa à Áulis.

[19] Nesse ínterim, na mesma pressa de navegar, Agamêmnon, do qual ensinamos acima que fora declarado pelo grupo chefe de todos, tendo se afastado um pouco mais longe do exército, por acaso avista perto do bosque sagrado de Diana uma cabra que pastava e, descuidando do caráter religioso do local, transpassa-a com um dardo. E, não muito depois, tendo uma vez invadido os corpos, começa uma peste, seja pela ira celeste ou por causa da mudança da atmosfera.<sup>254</sup> E ela, nesse ínterim, a cada dia mais e mais violenta atormentava muitos milhares e atingia indistintamente o gado e exército. Sem impedimento algum, à morte, nem moderação nem descanso, de tal forma que era devastada qualquer coisa que se encontrasse no caminho daquele mal.<sup>255</sup> Agitados os comandantes por essas coisas, uma certa mulher tomada por um deus profetizou a ira de Diana: era por causa do assassinato da cabra, da qual a deusa se alegrava grandemente, e reivindicava do exército grande indenização pelo sacrilégio; e não se abrandaria, antes que o autor de tamanha desgraça não imolasse a sua filha mais velha como substituta da vítima. Quando tais palavras chegam ao exército, todos os comandantes dirigem-se a Agamêmnon para, primeiramente, suplicar-lhe e, recusando ele, por fim coagi-lo a tomar providências contra o mal. Mas quando veem obstinadamente negar e que por força alguma são capazes de dobrá-lo, eles o acoçam com muitos insultos até que, por fim, eles o espoliam do régio comando. E para que exército tão grande em tamanho não vagasse sem comandante, perdida e sem conduta de operação militar, colocam Palamedes à frente de todos,<sup>256</sup> depois Diomedes e Ájax Telamônio, e em quarto lugar Idomeneu. Assim, por meio de uma igual distribuição em número, dividiram os exércitos em quatro partes.

[20] Enquanto isso, nenhum fim da vastidão. É quando Ulisses, depois de ter simulado a raiva de Agamêmnon pela sua pertinácia, e por causa disso confirmando que voltaria à casa, imagina um grande e inesperável remédio para tudo. Já, então, em Micenas leva, sem que ninguém soubesse

---

<sup>254</sup> Seguindo a lógica racionalizante, há a explicitação da dúvida quanto à causa da peste por meio de uma construção optativa.

<sup>255</sup> Na versão mais comum do mito, é a ausência de vento que impede o avanço da expedição grega.

<sup>256</sup> Em *De Excidio*, Palamedes é um crítico ferrenho das decisões que Agamêmnon e, em certo momento, consegue também toma deste o domínio supremo (XXV).

de sua ideia, uma carta falsa de Agamêmnon para Clitemestra, cuja sentença era esta:<sup>257</sup> Aquiles, ao qual foi prometida Ifigênia, sua filha mais velha, não partiria a Troia sem que antes se consumasse a palavra dada, motivo pelo qual se apressasse a, prontamente, enviar a moça e as coisas necessárias às núpcias. Além disso, consegue confiança ao seu negócio tendo falado muitas coisas com argumento fingido. Clitemestra, no mesmo momento em que recebeu, não só por causa da graça de Helena, então muito grande, mas também porque daria sua filha a um varão de celeberrimo nome, envia feliz Ifigênia com Ulisses. E ele, depois de ter concluído o negócio, em poucos dias volta ao exército, e de improviso se avista no santuário de Diana junto à virgem. Sabendo disso, Agamêmnon prepara-se fuga, ou agitado pela afeição do amor paternal ou para que não se perdesse naquele ilícito crime de morte. Tomando conhecimento de tal, Nestor, tendo começado um longo discurso, ao fim de gênero persuasivo, no tipo que diante de todos os varões da Grécia era jucundo e benquisto, proíbe o rei de seu propósito.

[21] Nesse ínterim, Ulisses e Menelau junto a Calcas, aos quais tal tarefa foi dada, preparam a virgem para o sacrifício afastados de todos a uma certa distância, quando eis que o dia começa a se transfigurar e o céu a se encobrir de nuvens; depois, de repente, trovões, relâmpagos e ademais uma ingente agitação de terra e mar, finalmente com a confusão do ar a luz sumiu. Não muito depois precipitou uma grande quantidade de chuva e granizo. No meio da qual, tão sombria, nenhuma cessação de tempestade, Menelau com aqueles que cuidavam do sacrifício, por medo e hesitação, mudou de ideia, aterrados pela súbita transformação do céu e crentes que era aquilo um sinal divino, depois, para que abandonasse o plano. Comoveu-se pelo prejuízo dos soldados. Então, no meio de tamanha dúvida de alma certa voz emitida do bosque sagrado: “O nume recusa esse tipo de sacrifício, pelo corpo da virgem ele não pode ser abtido porque a deusa se comisera por ela. Ademais, diante de tamanho crime de muitas penas para Agamêmnon a ser obtido por sua esposa depois da vitória troiana.”. E assim cuidassem de imolar aquilo que reconhecessem como oferenda no lugar da virgem. Depois do vento, começou a se consumirem não só os raios, mas tudo que no grande movimento do céu costuma surgir.

[22] Mas, com isso acontecendo no bosque, Aquiles, à parte, recebe uma carta enviada a ele por Clitemestra juntamente com grande peso de ouro, na qual lhe recomendava a filha e toda a sua casa. Depois o plano de Ulisses foi descoberto, às pressas, deixando tudo, dirige-se ao bosque sagrado, gritando por Menelau e todos que com ele estavam, que se detivessem pela inquietação de Ifigênia, tendo ameaçado-os vivamente de morte caso não obedecessem. Em pouco tempo,

---

<sup>257</sup> Em outras versões do episódio, é Menelau o autor da trama, não sem consentimento de Agamêmnon. Cf. EUR. *Iph. Aul.*

com eles atônitos e estupefatos sobreveio o próprio Aquiles e, com o dia já refeito, arrancou a virgem. Nesse mesmo momento, deliberando-se todas as coisas, o que ou onde estava aquilo que se ordenasse a imolar, parou, em frente ao altar, intrépida, uma corça de formosura admirável.<sup>258</sup> Entendida como a predita vítima e provisão da parte dos deuses, foi tomada e logo imolaram-na. Consumado o ato, a epidemia acalma-se e do mesmo modo o céu se descobre em um tempo estivo. Ademais, Aquiles e aqueles que presidiam sobre o sacrifício, às escondidas, todos ao rei da Cítia, que estava presente naquele momento, confiam a virgem.

[23] E quando os comandantes notaram a força do mal aplacada e os sopros dos ventos prósperos para a navegação e a estiva aparência do mar, todos eles felizes chegaram a Agamêmnon. Depois de consolá-lo, pois o rei estava abatidíssimo pela morte da filha, celebram a sua volta à honra real. Essa decisão foi muito agradável e bem aceita pelo exército, pois a Agamêmnon, o melhor consultor deles, todos da milícia tratavam como a um parente. Mas Agamêmnon, ou prevendo muito bem tudo que acontecera ou examinando em seu ânimo acerca da necessidade das coisas humanas, e por causa disso, pôs-se extremamente contra os infortúnios, ignora tudo o que a ele aconteceu, assume o cargo e naquele mesmo dia a todos os comandantes chama em um festim. Depois de não muitos dias, o exército, ordenado pelos comandantes, como o tempo já se lançava oportuno para se navegar, sobe às naus repletas de muitos bens preciosíssimos, que eram ofertados pelos habitantes daquela região. De resto, cereais, vinho e outras necessidades alimentares foram oferecidos por Ânio e suas filhas, que eram lembradas como enótropas<sup>259</sup> e antistes de um culto divino.<sup>260</sup> Desse modo, navegaram de Áulis.

## LIVRO II

[1] Depois os ventos impeliram todas as esquadras à região dos mísios, rapidamente, a um sinal dado, aproximam-se da praia todas as naus. Depois, os guardas locais se apresentaram, frente a

<sup>258</sup> Variam as versões do mito quanto ao tipo de animal, entre corça e cabra (EUR. *Iph. Aul.*; SERV. ad. VIRG. *Aen.* II, 116; APOLLOD. *Ep.* II, 21; HYG. *Fab.* XCVIII).

<sup>259</sup> O termo *oenotropae* (em grego, οινotρόποι), o qual Troca Pereira (2016) corrige para *oenotrop[o]ae*, é um grecismo de Septímio e significaria, segundo Vega & Lopez (2001, p. 221), “que transforma [algo] em vinho”. Ainda segundo estes autores, Einsenhut afirmara que o termo era produto de uma latinização da forma grega *oinótropoi*, encaixada na primeira declinação latina. Em nossa tradução, seguindo o procedimento do tradutor latino, optamos por aporuguesar o termo, utilizando, portanto, *enótropas*. Grimal (2005, p. 29) as chama de “as vinhateiras” e explica que seus nomes, Elais, Espermo e Eno, respectivamente se referiam ao azeite, ao trigo e ao vinho, víveres que elas podiam fazer brotar do solo graças aos poderes que Dioniso lhes havia legado.

<sup>260</sup> Como fica evidente, o narrador, apesar do seu viés racionalizante, não se furta em informar a crença no divino.

frente, com aqueles que desejavam desembarcar. De fato, Télefo,<sup>261</sup> que era o então comandante da Mísia, os havia posto à testa do litoral para que toda a região fosse defendida de incursões de inimigos marítimos. Por conseguinte, logo foram proibidos de desembarcar e não foi permitido tocar a terra antes que se anunciasse ao rei quem eram. No começo, os nossos desobedeceram ao que estava determinado e um a um saíram das naus; depois disso, então, nada era permitido pelos guardas e, com suma força, começaram a resistir e a opor-se. Julgando que a injúria deveria ser vingada à força, todos os chefes, tendo pegado em armas, saíram precipitadamente das naus e, acesos pela ira, mataram os guardas e não pouparam aqueles que haviam se posto em fuga, mas, ao contrário, logo que o fugitivo era capturado, era assassinado.

[2] Nesse ínterim, chegam a Télefo os primeiros que se evadiram fugindo dos gregos: anunciam que muitos milhares de inimigos haviam invadido e, tendo matado os guardas, estavam ocupando o litoral. Cada um, em razão do seu medo, adicionava muitas outros detalhes. Depois, tendo conhecido esse fato, Télefo, na companhia daqueles que tinha à sua volta e de outros que, naquela pressa, puderam ser reunidos, veio às pressas ao encontro dos gregos e, com as frentes reunidas de um lado e de outro,<sup>262</sup> imediatamente pôs-se a marchar com grande força. Em seguida, logo que se mata cada um que vem às mãos, nesse meio tempo uns e outros reciprocamente abalados pela morte dos seus, instam-se mais violentamente. Mas, nessa mesma batalha, Tessandro, que dissemos anteriormente<sup>263</sup> ser filho de Polinice, tendo avançado contra Télefo e ferido por ele, cai,<sup>264</sup> mas não sem antes ter matado muitos dos inimigos, dentre esses, um companheiro de Télefo que combatia infatigavelmente, o qual o rei mantinha entre os comandantes em vista de sua aplicação de forças e inteligência; este, aos poucos levado pelos seus sucessos no combate e,

---

<sup>261</sup> Télefo é filho de Hércules e com a princesa tegéa Auge, filha de Aleu. Muitas são as versões que circundam o seu nascimento. Uma delas conta que sua mãe foi confinada em um cofre e lançada ao mar, porém o objeto ficou flutuando até chegar à Mísia. Outra versão diz que sua mãe foi cedida a Náuplio e acabou vendida ao rei Teutra da Mísia. Assim como outros personagens lendários, como Romulo e Remo, Alexandre e Moisés, Télefo também foi separado da mãe e exposto a perigo e é salvo e nutrido por um animal, em seu caso, uma cerva (seu próprio nome guarda essa relação: *thelé*, “ubre” e *élaphos*, cerva, segundo Cabral, 2013, p. 87, n. 154). acaba recolhido por pastores do rei Córito, que o educa como se fosse seu próprio filho. Já crescido, vai a um oráculo e recebe direções para encontrar sua mãe. Chegado à Mísia, é reconhecido pela mãe e aceito na corte. Quando Teutra morre, torna-se rei. Provavelmente, esses episódios teriam sido desenvolvidos na peças perdidas de Sófocles, *Alévades* e *Os Mísios* (GRIMAL, 2005, p. 432-433). Cf. HYG. *Fab.* 99, 100, 101; APOLLOD. *Bibl.* II, 7, 4; 8; III, 9, 1; *Ep.* III, 17; V, 12.

<sup>262</sup> Hoplítica, formação militar muito presente em *Ephemeris*, mas excepcional em Homero, cujo exemplo se encontra em *Il.* XIII, 125. (LELLI, 2015, p. 218). Cf. Hanson, 1989.

<sup>263</sup> *Eph.* I, 14.

<sup>264</sup> No entanto, na tradição seguida por Virgílio (*VIRG. Aen.* 2,261), ele consta vivo no episódio do cavalo de madeira.

por causa disso, tendo sondado coisas maiores que as suas forças, foi morto.<sup>265</sup> Então, Diomedes levou sobre os ombros o seu corpo ensanguentado, porque um pacto de aliança persistia entre os dois, iniciado já desde os pais.<sup>266</sup> E, tendo cremado o corpo, sepultou os restos segundo o costume pátrio.

[3] Por outro lado, quando Aquiles e Ájax Telamônio<sup>267</sup> perceberam que o prosseguimento da guerra estava trazendo grande detrimento aos seus, dispersam o exército em duas partes. E então, nessas circunstâncias, encorajados, os seus lançam-se mais violentamente contra os inimigos como se estivessem com as forças restauradas. Os próprios comandantes eram os principais do certame, porque ora perseguiam os que fugiam, ora se opunham eles mesmos como um muro aos que os atacavam. E assim, de toda forma, ou como os primeiros ou estando entre os primeiros combatentes, consumaram a fama já então admirável de sua força diante dos inimigos e também entre os seus. Enquanto isso, Teutrânio, filho de Teutrante e Auge, irmão de Télefo por parte de mãe,<sup>268</sup> no momento em que nota Ájax combatendo contra os seus com tamanha glória, às pressas se vira em sua direção e, nesse confronto, cai morto, ferido pelo dardo daquele. Télefo, não moderadamente abalado e ansiando pela vingança da morte fraterna, invade furioso o campo de batalha e ali, tendo afugentado aqueles contra os quais ele ia, como obstinadamente ele seguisse Ulisses entre as vinhas, que tinham sido plantadas naquele local, cai ao tropeçar em um tronco de videira. Quando, à distância, Aquiles percebe o ocorrido, tendo lançado seu dardo, transpassa a coxa esquerda do rei. Mas Télefo, levantando-se rapidamente, extrai o ferro do corpo e, protegido por um grupo dos seus, livra-se da morte iminente.

[4] E já se havia passado boa parte do dia, quando, com ambas as linhas de batalha aplicadas em uma luta contínua sem algum descanso, e com os comandantes se atacando energicamente, o prélio tornava-se estafante. Com efeito, sobretudo, a presença de Télefo debilitara os nossos, já bastante exaustos com a navegação de muitos dias. Realmente, nascido de Hércules, de elevada estatura quanto ao corpo e poderoso quanto às forças, ele havia equiparado a sua própria glória aos divinais atributos do pai.<sup>269</sup> Então, aproximando-se a noite, por desejo unânime, realizou-se o descanso da guerra. E assim se foram os mísios à sua casa; os nossos, às naus. Ademais, muitos

<sup>265</sup> Uma clara referência à ὄργις, personificação da insolência (GRIMAL, 2005, p. 227), embora o soldado em questão não seja um grego, mas, sim, na definição do narrador Díctis, um “bárbaro”.

<sup>266</sup> Consta na tradição que Diomedes e Tessandro (Tersandro) participaram da vingança contra Tebas. Cf. Apollod. *Bibl.* 3,7,2; DIOD.SIC. Sic., IV 66, 1-3; HYG. Fab. 70; PAUSAN. IX 5, 13; 8, 6, 9, 4; 19, 2.

<sup>267</sup> Essa dupla terá grande destaque neste e no próximo livro quando das incursões de cidades vizinhas e aliadas de Troia. Cf. *Il.* VIII,224; XI,7.

<sup>268</sup> Cf. *Il.* V, 705; VIRG. *Aen.* X,403; APOLLOD. *Bibl.* 3.9.1.

<sup>269</sup> Em *Ephemeris*, Hércules é, para todos os efeitos, uma figura mítica. Cf. I, 14; II, 5; III, 1; IV, 15, 19, 22.



foram os mortos de ambos os lados naquela luta, mas os feridos ainda eram a maior parte. Em suma: nenhum ou bem poucos deixaram de experimentar a ruína dessa guerra.<sup>270</sup> Depois, no dia seguinte, enviam-se embaixadores de ambas as partes a sepultar aqueles que foram abatidos no combate. E assim, fazendo-se trégua, os corpos, coletados e cremados na pira, são sepultados.

[5] Nesse meio tempo, Tlepólemo e Fidipo, com seu irmão Ântifo, que dissemos anteriormente serem filhos de Téssalo e netos de Hércules,<sup>271</sup> sabendo que Télefo comandava aquelas áreas, vão até ele pela confiança do laço sanguíneo e lhe fazem saber quem eram e com quem navegavam. Depois de terem terminado de conversar, por fim, os nossos censuram-no vivamente por ter se voltado de modo tão hostil contra os seus. O fato era que os Pelópidas Agamêmnon e Menelau, não estranhos à sua origem,<sup>272</sup> haviam formado aquele exército. Depois explicam acerca daquilo que foi cometido por Alexandre para com a casa de Menelau e acerca do rapto de Helena. E não só por causa da consanguinidade, mas principalmente por causa do crime de violação do direito de hospitalidade, convinha que ele espontaneamente levasse auxílio para os gregos, em favor dos quais também existiam numerosos testemunhos dos trabalhos do próprio Hércules por toda a Grécia. Embora estivesse afligido excessivamente pela dor do ferimento, Télefo respondendo a essa exposição, todavia, com bons modos, disse que a culpa era, antes de tudo, daqueles homens mesmos, porque ele ignorava que as pessoas que haviam chegado a seu reino eram amicíssimas e ligadas a ele por afinidades de origem. Com efeito, teria sido conveniente [diz ele] ter havido pré-emissários por meio dos quais a chegada deles teria sido conhecida e ele iria ao seu encontro felicitando-os e, recebidos amigavelmente com hospitalidade e agraciados com presentes, poderiam partir quando lhes parecesse cômodo. Ademais, [afirma] que recusava a campanha contra Príamo, explicando que, tendo a ele sido unida em matrimônio Astíoque,<sup>273</sup> filha de Príamo, da qual foi gerado Eurípilo, este intercedia como uma muito sólida fiança de afinidade. Depois às pressas mandou anunciar ao povo que desistissem do plano. E assim permitiu aos nossos o livre direito de descer das naus. Tlepólemo e aqueles que com ele vieram foram

<sup>270</sup> Um exemplo de imitatio em *Ephemeris: nec quisquam adeo mali expers* (TAC. *Ann.* II,45); *prorsus nullo aut perpaucis clade belli eius expertibus* (*Eph.* II, 4).

<sup>271</sup> *Eph.* I, 14. Tlepólemo é filho de Hércules e de Astíoque, filha de Filas, rei dos Tesprotos (GRIMAL, 2005, p. 453-454). Na *Ilíada* (II, 635), é comandante dos ródios. Fidipo e Ântifo também constam na *Ilíada* (II, 678). Cf. *Il.* XI, 653; APOLLOD. *Bibl.* II, 7, 6; 8; *Ep.* III, 13; VI, 15; HYG. *Fab.* 81; 97; 162; DIOD. *Sic.* IV, 36; 57. STRAB. XIV; PAUSAN. III, 19, 10; Pind. *Olimp.* 7, 50.

<sup>272</sup> De fato, por serem descendentes um de Hércules e outros de Tântalo, compartilham ascendência em Zeus-Júpiter. Cf. GRIMAL, 2005, p. 205-221 e 427-428. O tópico da genealogia é muito presente em *Ephemeris*, como já observado em *Ephemeris* I, 9, quando Helena expõe sua linhagem e se mostra da mesma estirpe que Príamo.

<sup>273</sup> *Astyothen Priami*, embora a tradição a consagre como sua irmã. Cf. HYG. *Fab.* 112; 113. Eurípilo, Cf. Grimal, 2005, p. 159; *Od.* XI, 519; HYG. *Fab.* 112.

entregues a Eurípilo e, satisfeitos daquilo que queriam, dirigiram-se aos navios anunciando a Agamêmnon e aos demais reis a paz e a concórdia com Télefo.

[6] Quando ouviram o anúncio, felizes largaram a aparelhagem de guerra. Depois, a partir da sentença do conselho, Aquiles com Ájax chegaram-se a Télefo e, uma vez consolado aquele que estava lançado em grandes dores, suplicaram-lhe que suportasse virilmente<sup>274</sup> a desgraça. Télefo, porém, à medida que decorria o repouso da dor, acusava os gregos por não terem lhe enviado previamente uma mensagem sequer da chegada. Depois, sondou sobre quais e quantos Pelópidas havia naquela campanha e, tendo sido instruído acerca disso, pediu com muitas súplicas que viessem todos a ele. Então os nossos prometeram que atenderiam às suas petições e anunciaram aos demais o desejo do rei. Por conseguinte, todos os pelópidas, exceto Agamêmnon e Menelau, reunidos vão ter com Télefo e levam ao rei com sua presença bastante felicidade e alegria. E, em seguida, regalados à larga com presentes, são recebidos com hospitalidade. Contudo, nem um soldado restante, que estava junto às naus, ficou isento da generosidade do rei, já que, de acordo com o número de naus, em abundância levavam-se trigo e outros itens necessários. Além disso, quando percebe que Agamêmnon e seu irmão estavam ausentes, o rei suplica a Ulisses com muitas preces para que ele fosse chamá-los. Eles, então, chegam até Télefo e, tendo sido reciprocamente dados e recebidos os presentes segundo o costume régio, mandam vir Macaón e Podalírio, filhos de Esculápio, para tratem-lhe a ferida. Esses, uma vez estudado o tratamento, de imediato aplicam os remédios apropriados à dor.<sup>275</sup>

[7] Mas, quando o mau tempo começou a retardar a navegação em alguns dias e, por outro lado, o mar a se enfurecer dia após dia graças aos ventos contrários, eles vão até Télefo e consultam-no acerca da condição do tempo. E instruídos por ele de que era o início da primavera a oportunidade de navegar daquelas paragens até Troia, sendo as demais adversas, todos, por decisão unânime, voltam à Beócia, e ali, recolhidas as naus, cada um se afasta aos seus domínios para passar o inverno. Enquanto isso, nesse retiro, houve para o rei Agamêmnon tempo de criar discórdias contra seu irmão Menelau por causa da entrega de Ifigênia. Pois de fato acreditava-se que ele era

---

<sup>274</sup> O advérbio utilizado é *viriliter* e refere-se a uma qualidade intimamente ligada a varão, homem do sexo masculino e às suas atitudes másculas. O contraponto se pode ver na expressão *in modum effeminati* em II e no tratamento dispensado à Pentesileia em IV, 3 e às esposas dos reis Diomedes e Agamêmnon em VI, 1 (*mobili suasu natura muliebre*), em que o aspecto feminino denota fraqueza moral e física.

<sup>275</sup> Macaón e Podalírio constam na *Ilíada* como “excelentes médicos” (ἰητῆ ἄγαθῶ, *Il.* II,732, trad. Fred. Lourenço). Cfr. *Il.* IV, 193; XI, 506; XIV, 2; QUINT. SM., *Posth.* VI, 391-397; VII, 58-65; APOLLOD. *Ep.* 3,10,8. Por outro lado, apesar de se assinalar a perícia na arte médica, nada se diz sobre o aspecto divino de Esculápio (também conhecido como Asclépio), deus da medicina. Cf. Grimal, 2005, p. 49-50.

responsável e da mesma forma causa de seu luto.<sup>276</sup>

[8] Por esse mesmo tempo, logo soube-se em Troia acerca da conjuração de toda a Grécia, notícias essas levadas por produtores bárbaros da Cítia, que, em razão de negociarem por todo o Helesponto e acostumados a trocarem mercadorias com os vizinhos, vagavam de lá para cá. Medo e aflição profunda invadiram todos, quando cada um, aos quais o crime de Alexandre desde o início desagradou, declarava ter sido um mau ato contra a Grécia e, por causa disso, com o erro de poucos, tudo precipitaria à ruína comum.<sup>277</sup> Entre essas coisas, havia preocupações muito graves, várias pessoas escolhidas a partir de toda ordem social, foram enviadas por Alexandre e outros péssimos conselheiros para reunir auxílios entre os reinos limítrofes e foi mandado por esses<sup>278</sup> que, tão logo cumprida a missão, voltassem. Essas providências eram apressadas sobretudo pelos priâmidas pelo seguinte motivo: para que, tendo estruturado às pressas o exército, antecipassem a hora da partida e fosse transportada toda a guerra que se preparava às regiões da Grécia.<sup>279</sup>

[9] Enquanto isso ocorria em Troia, Diomedes, bem certificado do plano deles,<sup>280</sup> tendo percorrido a Grécia inteira com grande rapidez, reuniu todos os comandantes. Explicando as intenções dos troianos, ele os adverte e exorta a apressassem-se a navegar o quão antes eles estivessem munidos dos itens necessários para guerra. Não muito depois, com o plano em conhecimento de todos, encontram-se em Argos. Ali Aquiles, indignado com o rei,<sup>281</sup> pelo fato de proibir a partida por causa da filha, foi reconduzido às boas graças por Ulisses. Este, dando a saber a Agamêmnon, que por muito tempo esteve cheio de tristeza e de luto, o que acerca de sua filha de fato ocorrera,<sup>282</sup> devolveu-lhe o ânimo e a graça de rei. Então, com todos presentes, embora por ninguém fossem negligenciadas as tarefas da campanha, todavia, mais que todos, Ájax Telamônio e Aquiles junto com Diomedes assumem o cuidado máximo e a aplicação em

<sup>276</sup> Essa atribuição de culpa parece se relacionar com EUR. *Iph. Aul.* (94-414), de Eurípides, peça na qual o principal responsável pelo ardil contra a moça é seu tio Menelau.

<sup>277</sup> Encontra-se aqui, assim como em outras partes da narrativa de *Ephemeris*, o *topos* do qual trata Rynearson (2013) em respeito à *Iliada*, no qual o ato de um personagem tem um declarado potencial para afetar a comunidade inteira, a exemplo de Helena e sua fuga, Aquiles e sua cólera funesta e, neste caso, Alexandre e sua violação ao sacro costume da hospitalidade.

<sup>278</sup> A saber, Alexandre e outros péssimos conselheiros.

<sup>279</sup> A estratégia assumida é afastar a guerra de Troia. No entanto, o narrador, seguindo a sua visão grega e o menosprezo pelo inimigo, deixa explícito que as decisões tomadas pelos troianos são irrefletidas e tomadas por medo e aflição (*metus atque maeror*). Cf. *Eph.* I, 7.

<sup>280</sup> A expressão “factus certior incepti eorum” encerra a ideia de que o grego Diomedes, por alguns indícios não explicitados, deduziu de modo certo a intenção dos troianos levarem a guerra das terras troianas a paragens gregas.

<sup>281</sup> A saber, Agamêmnon.

<sup>282</sup> *Eph.* I, 22.

aprestar a guerra. E pareceu-lhes conveniente que, diante da esquadra reunida, fossem preparadas as naus com as quais fariam incursões aos locais inimigos. Assim, em poucos dias, abasteceram uma esquadra constituída de cinquenta naus com todo tipo de recursos. Ademais, decorrido já, àquela altura, o oitavo ano desde o início dessa campanha, iniciava-se o nono.<sup>283</sup>

[10] Por outro lado, quando as esquadras estavam munidas com tudo e o mar abrindo-se à navegação, e não havia motivo algum para impedimento, eles contratam como guias uns citas, que, por acaso, graças à atividade comercial, haviam chegado àquele local. Durante esse mesmo tempo, Télefo, por muito tempo afligido com a dor da ferida que recebera no prélio contra os gregos, como nenhum remédio pudesse tratar, sendo, por fim, advertido pelo oráculo de Apolo a apresentar-se junto a Aquiles e aos filhos de Esculápio, às pressas navegou para Argos.<sup>284</sup> Depois, relata o oráculo a todos os comandantes que estavam admirados por causa de sua chegada e assim pede que não lhe fosse negado por amigos o predito remédio. Quando Aquiles com Macaón e Podalírio ouviram o pedido, ofereceram a cura para a ferida, confirmando logo a confiança do oráculo.<sup>285</sup> Ademais, com muitas imolações, invocando os deuses para serem adjutores de sua empresa, os gregos chegam a Áulis com as referidas naus, e, de lá, começando às pressas a navegar, Télefo foi feito guia pela ajuda recebida. E assim, tendo subido às naus, aproveitando os ventos, chegaram a Troia em poucos dias.

[11] Por esse mesmo tempo, convocado por Príamo com frequentes mensagens, chegava o lício Sarpédon, filho de Xanto e Laodâmia,<sup>286</sup> juntamente com uma grande força armada. Quando ele percebe ao longe a grande força das esquadras que se movia para a praia, tendo calculado que era um problema, às pressas organiza os seus e avança contra os gregos que começavam a desembarcar. Não muito depois, tendo conhecido a situação, os Priâmidas acorrem de armas em punho. Nesse ínterim, com inimigos encarniçando e ameaçando-os de todas as maneiras, como os gregos não pudessem desembarcar sem perdas nem mesmo pegar em armas (uma vez que as ações haviam sido tumultuadas), por causa disso, estavam travando-lhes todas as possibilidades.

---

<sup>283</sup> Racionalização dos míticos anos de guerra.

<sup>284</sup> Consta que Aquiles também sabia os princípios médicos por ter sido educado por Quíron. Além disso, conforme constaria na peça *Télefo*, de Eurípides, em grande parte perdida, seria Aquiles a curar Télefo (GRIMAL, 2005, p. 433).

<sup>285</sup> Cf. II, 6.

<sup>286</sup> A tradição dá como seu pai Júpiter (GRIMAL, 2005, 413). Tem papel relevante na *Ilíada* e, morto por Pátroclo, em volta de seu corpo há um renhido combate. Cf. *Il.* II,876; V,471; 627; VI,198; XII, 101; 290; 382; XVI, 419; 466; 569. Em respeito à paternidade de Sarpedón relatada em *Ephemeris*, Vega e López (2001, p. 231) sugerem que Xanto pode se referir ao famoso rio troiano ou a um mortal não conhecido, sendo este último o mais provável em vista do projeto racionalista empreendido.

Por fim, contudo, aqueles, para os quais a chance estava nessa presteza de se armar, encorajando-se entre si reciprocamente, arremetem energicamente contra os inimigos. Mas Protesilau, cuja nau fora a primeira dentre todas a chegar em terra, estando ele a combater entre os primeiros, por fim, cai nessa batalha ferido pelo dardo de Eneias.<sup>287</sup> Morreram também dois filhos de Príamo,<sup>288</sup> e da parcela da destruição não se excetua a multidão restante, nem de um lado nem de outro.

[12] Ademais, Aquiles e Ájax Telamônio, em cujo valor sustentavam-se os gregos, combatendo com grande glória, deram medo aos inimigos e confiança aos seus. Por mais tempo já não se conseguira resistir junto deles, a tal ponto que, aos poucos retrocedendo os que marchavam contra eles, por fim, todos fugiam. Assim, os gregos, por um momento livre dos inimigos, colocam a salvo as naus, recolhidas e emparelhadas em ordem. Depois, entre todos eles, escolhem como guardas Aquiles e Ájax Telamônio, na coragem dos quais eles especialmente confiavam, e a esses confiam a tutela das esquadras e do exército, distribuindo-se pelas laterais e pelas alas.<sup>289</sup> Então, com tudo organizado e disposto, Télefo, sob cujo comando os gregos haviam navegado para Troia, voltou para casa gozando de grande prestígio junto ao exército. Não muito depois, estando os nossos ocupados com o sepultamento de Protesilau e em tal período não temendo nada de hostil, Cicno,<sup>290</sup> cujo reino não ficava longe de Troia, conhecendo sobre nossa chegada, às escondidas e com armadilhas ataca os gregos e os faz fugir sem ordem alguma nem disciplina militar, aterrorizados pelo mal da desvantagem. Depois, os demais, que não participaram no enterro, ao saberem da situação, pegam em armas e correm em contra-ataque. Entre eles, Aquiles, enfrentando o rei, inflige-lhe a morte, assim como a um grande número de inimigos. Os que se entregaram à fuga, conseguiram, desse modo, escapar ilesos.

[13] Ademais, com os comandantes agitados e atormentados com a desgraça de muitos, causada

<sup>287</sup> Herói tessálio, filho de Íficlo e de Astíoque, irmão de Podarces e esposo de Laodamia. Conta-se, no entanto, que estava condenado a morrer por não ter completado os devidos rituais para efetuação do matrimônio (GRIMAL, 2005, p. 398). Cf. *Il.* II,698-710; APOLLOD. *Bibl.* III, 10, 8; *Ep.* II,14, 30; HYG. *Fab.* 103; 104; OV. *Her.* XIII; PHILOSTR. *Her.* II, 15-18; Catul. 68, 74; peças *Protesilau*, de Eurípides, e *Os pastores*, de Sófocles.

<sup>288</sup> Não se diz quais. Príamo é reconhecidamente pai de muitos filhos, uns legítimos, outros bastardos. Cf. APOLLOD. *Bibl.* 3,12,5; *Il.* XI,102-104; XI, 490; 13,173; XVI,738; XX, 95; XXIV, 495-497.

<sup>289</sup> O *sermo castrensis* empregado na obra, principalmente nessa passagem, recorda a escrita de César (Cf. *Bell. Gal.* 1,25,6), o que demonstra um interesse do tradutor em atualizar a terminologia para o público romano (LELLI, 2015, p. 526).

<sup>290</sup> Em grego, Κόχνος, que significa “cisne”, reconhecido como filho de Posídon/Netuno, rei de uma cidade próxima de Troia chamada Colonas, em frente a uma ilha de nome Lêucofris; segundo a tradição, possuía o poder da invulnerabilidade; Aquiles em luta tenta sufocá-lo até a morte, mas Netuno o transforma em cisne e o salva (GRIMAL, 2005, p. 86-87). Esses detalhes divinos são suprimidos pelo autor de *Ephemeris*, em favor do seu racionalismo. Cf. OV. *Met.* 12,72-145; *Cíprias*; PIND. *Olymp.* II, 147; HYG. *Fab.* 157; 273; APOLLOD. *Ep.* 3,31.

pelos frequentes ataques dos inimigos, é decidido que primeiro iriam com parte do exército às cidades vizinhas de Troia e as atacariam de toda a forma. Assim, a primeira de todas que invadem é a região de Cicno e devastam tudo em volta. Mas quando, sem qualquer resistência, eles começaram a invadir a cidade dos neandrienses<sup>291</sup> e atear-lhe fogo, ela que era lembrada como capital do reino e nutriz dos filhos de Cicno, seus cidadãos, com muitas súplicas e lágrimas rogavam que eles desistissem da empresa, abraçando-lhes os joelhos<sup>292</sup> pediam por tudo aquilo que era humano e divino que uma cidade inocente e pouco depois fiel a eles não sofresse o ônus dos delitos do seu péssimo comandante. Desse modo, por comiseração, a cidade foi preservada. Ademais, os filhos do rei, Cóbis e Coriano e sua irmã Glauce foram entregues aos gregos que os reivindicavam; esta, reservada dos demais despojos, os nossos concederam como posse a Ájax por causa dos seus feitos valorosos. Não muito depois, os neandrienses, suplicantes e dispostos à paz, vão aos gregos prometendo amizade e fazer tudo aquilo que eles mandassem. Feito isso, tendo os gregos ido contra Cila, tomam-na de assalto. Contudo, a Carene, que não ficava muito longe, não tocaram em respeito aos neandrienses, que, senhores dessa cidade, até àquela altura haviam permanecido fiéis e muito amigos para conosco.

[14] Na mesma época, foi anunciado aos gregos um oráculo de Pitio:<sup>293</sup> que todos anuissem em que, por meio de Palamedes, fosse oferecido um sacrifício a Apolo Esminteu.<sup>294</sup> Essa indicação, que era agradável para muitos por causa da dedicação desse homem e da afeição que ele suscitava junto a todo o exército, fora motivo de mal-estar para alguns comandantes. Ademais, conforme fora predito e estando à frente Crises, sacerdote daquele local, cumpria-se a imolação de cem vítimas<sup>295</sup> a bem de todo o exército. Nesse ínterim, tendo conhecido o assunto, Alexandre, reunida uma força armada, veio para impedi-los. Os dois Ajaces,<sup>296</sup> tendo matado muitos, afugentaram-no antes mesmo que ele se aproximasse do templo. Mas Crises, que anteriormente dissemos ser sacerdote de Apolo Esminteu, temendo ofender a ambos os exércitos, para cada uma das partes que a ele vinha, fingia ser aliado dela. Nesse ínterim, durante aquele sacrifício, estando de pé não

<sup>291</sup> De Neandreia ou Neandro (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 233).

<sup>292</sup> *Nixis genibus* e expressões semelhantes são frequentes em *Ephemeris* (e.g. II, 19, 42, 50; III, 22, 24) e recordam uma postura de rendição e suplicação (Cf. *Il.* 1,500-502).

<sup>293</sup> *Pythus*, relativo à cidade de Pito, de Delfos, também relacionado ao deus Apolo, Apolo pítico.

<sup>294</sup> *Apollo Zmintheus* ou *Smintheus*, uns dos vários epítetos de Apolo, este relacionado ao seu poder de encantar ou exterminar ratos, consta também na *Ilíada* I, 39 (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 234; LELLI, 2015, p. 534).

<sup>295</sup> A expressão *immolatio centum victimarum* recorda a expressão grega ligada à realização de sacrifícios ἑκατόμβη, hecatombe, frequente em Homero, por exemplo (Cf. *Il.* XXIV, 206 e *Od.* I, 25).

<sup>296</sup> A saber, Ájax Telamônio e o lócrio Ájax, filho de Oileu. Apesar de a tradição da *Ilíada* dar *Ajantes* (cf. *Ilíada*, II, 406 na tradução de Frederico Lourenço), seguimos aqui a morfologia latina mantendo a transformação -x > -c, mesma solução seguida por Troca Pereira (2016).

muito longe do altar daquele templo, Filoctetes é, por acaso, afligido pela mordida de uma serpente.<sup>297</sup> Depois, do clamor erguido por todos que perceberam o sucedido, Ulisses, acorrendo, mata a serpente. Não muito depois, Filoctetes, junto a poucos, é enviado à ilha de Lemnos para que se curasse,<sup>298</sup> pois, segundo diziam os povos vizinhos, naquelas paragens consagradas a Vulcano habitavam sacerdotes do deus acostumados a tratar de venenos daquele tipo.<sup>299</sup>

[15] Por esse tempo, por causa do caráter humano, que, fraco diante dos males da alma e cheio de inveja, não suporta facilmente ser ultrapassado por alguém melhor,<sup>300</sup> Diomedes e Ulisses encetam uma trama para matar Palamedes. Então, tendo fingido que queriam repartir com ele um tesouro achado num poço, distante de todos, persuadem-no que, de preferência, ele mesmo descesse. E, baixam-no com a ajuda de uma corda, sem que ele temesse a prática insidiosa. Entretanto, tendo tomado sorrateiramente pedras que estavam ali em volta, às pressas, esmagam-no de cima abaixo.<sup>301</sup> Assim parece de modo indigno homem excelente e benquisto do exército, cujas opiniões e coragem em momento algum foram em vão:<sup>302</sup> surpreendido por aqueles de quem ele menos esperava. Mas houve quem dissesse que Agamêmnon não se excetuava desse conselho, por causa do amor daquele comandante dentro do exército e falavam abertamente porque grande parte desejava que por Agamêmnon fosse transferida a soberania àquele rei.<sup>303</sup> Então, seu corpo, cremado com fogo por todos os gregos como se fosse o seu funeral público, foi sepultado em um pequeno vaso de ouro.

[16] Nesse ínterim Aquiles, tendo acreditado que as cidades próximas a Troia fossem aliadas, e

<sup>297</sup> Cf. *Il.* 2.716-729; APOLLOD. *Ep.* V.8; *Bibl.* III, 10, 8; *Hig. Fab.*, 97, 102; PHILOSTR. *Her.* 28,4; *OV. Met.* IX, 229; XIII, 45, *Cíprias*.

<sup>298</sup> Na peça *Filoctetes*, de Sófocles entre outras circunstâncias diversas da versão narrada em *Ephemeris*, o herói é abandonado em Lemnos por seus companheiros que não mais aguentavam o mau cheiro de sua ferida. Cf. *Il.* 2,722.

<sup>299</sup> Vulcano/Hefesto, deus do fogo, reconhecidamente como responsável pela forja de metais e a fabricação manual (GRIMAL, 2005, p. 195-196). Sua relação com a ilha de Lemnos aparece em Apollod. *Bibl.* I.3.5. Cf. *Hes. Teog.* 570; 927; *HYG. Fab.* 158.

<sup>300</sup> Uma máxima sobre o caráter humano em geral, tipo de comentário valorativo que aparece com parcimônia em *Ephemeris*. Para Vega e López (2001, p. 235), essa consideração moral às margens da narração dos acontecimentos é própria do historiador Salústio.

<sup>301</sup> Cf. *VIRG. Aen.* II, 81-96 (91 *invidia pellacis Ulixis*; LELLI, 2015, p. 529); *OV. Met.* XIII, 36-62; *QUINT. SM., Posth.* V, 197-199; APOLLOD. *Ep.* III, 8; PAUSAN. X, 31,2; *Serv. ad Aen.* II, 81. Em *De Excidio* (28), o herói morre por flecha de Alexandre.

<sup>302</sup> Mais um exemplo da *imitatio sallustiana*: SALLUST. *B. Iug.* 7,6: (*Iugurtha*)...*quouis neque consilium neque inceptum ullum frustra erat; Ita vir optimus acceptusque in exercitu, cuius neque consilium umquam neque virtus frustra fuit* (*Eph.* II, 15).

<sup>303</sup> Paira a dúvida se Agamêmnon participara ou não da trama contra Palamedes. No entanto, segundo Vega e López (2001, p. 235), no *Heróico*, de Filóstrato, claramente Agamêmnon tramou junto de Ulisses a armadilha contra o herói.

tendo tomado algumas naus, vai contra Lesbos como uma espécie de treino de guerra. E, sem qualquer dificuldade, toma-a e mata Forbas, rei daquele lugar, que havia hostilmente maquinado muitas coisas contra os gregos, e, em seguida, toma Diomedéia, filha do rei, junto com grande espólio.<sup>304</sup> Depois, sob as exigências de todos os seus soldados, tendo atacado com grande violência Esciro<sup>305</sup> e Hierápolis, cidades cheias de riquezas, leva-as à ruína em poucos dias, sem nenhuma dificuldade. Ademais, por onde avançava, os campos que ficavam cheios de gado em tempos de paz foram depredados e atormentados de toda a forma, e nada que parecesse benéfico aos troianos foi deixado sem ter sido destruído ou devastado. Conhecidos esses eventos, os povos vizinhos, espontaneamente, correram a ele com pedido de paz e, tendo firmado metade da colheita para que não fossem devastados seus campos, dão garantia de paz e dele a recebem. Com esses feitos, Aquiles retorna ao exército levando glória magnífica e exuberância em pilhagens. Nesse mesmo tempo, tendo conhecido a chegada dos nossos, o rei dos citas com muitos presentes se aproximava.

[17] Ademais, Aquiles não contente com as proezas que havia realizado, ataca os cilícios, e ali, com poucos dias de batalha, toma Linerso.<sup>306</sup> Depois de ter matado Eécion, que reinava sobre aquele local, enche as naus com abundância de riquezas, levando Astínome, filha de Crises,<sup>307</sup> a qual, àquela altura, havia se casado com o rei.<sup>308</sup> Em seguida, às pressas começou a tomar de assalto Pédaso,<sup>309</sup> cidade dos léleges.<sup>310</sup> Mas quando o rei deles, Brises, percebeu os nossos investirem furiosamente, tendo calculado que força alguma conseguiria afastar-nos ou de modo satisfatório defender os seus, por causa do desespero de fugir e de se salvar, enquanto os demais se aplicavam contra os inimigos, tendo ele voltado para o palácio se matou enforcado. Não muito depois, a cidade foi tomada, muitos habitantes foram mortos e a filha do rei, Hipodâmia, foi

<sup>304</sup> A ilha de Lesbos se situa ao sul de Troia, à pouca distância da costa. Cf. *Il.* IX, 664-665; APOLLOD. *Ep.* III, 33.

<sup>305</sup> Vega e López (2001, p. 236) julgam bastante surpreendente que Aquiles ataque uma ilha na qual havia sido recebido como refugiado, pois Esciro seria o domínio do rei Licomedes, avô de Neoptólemo. Todavia, Troca Pereira (2016) alerta para o equívoco, pois se trataria aqui de uma cidade chamada Esciro, e não o reino de Licomedes. Cf. *Il.* 9.668; PHILOSTR. *Her.* 46

<sup>306</sup> Cidade situada a sudoeste de Troia (Vega e López 2001, p. 237).

<sup>307</sup> Astínome é o verdadeiro nome de Criseida, filha de Crises, é natural de Crisa, na Tróade. Conta-se que é raptada pelos gregos quando estava em visita a Ifíone, irmã do rei Eécion, em Tebas na Mísia (GRIMAL, 2005, p. 103). Cf. HYG. *Fab.* 151; APOLLOD. *Bibl.* II, 4, ; 5, 10

<sup>308</sup> Eécion é pai de Andrômaca e rei de Tebas, e não de Linerso. Não consta que seja esposo de Astínome (Grimal, 2005, p. 129) Cf. *Il.* VI,414-429.

<sup>309</sup> Cidade abaixo de Linerso (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 237). No entanto, a captura de Hipodamia ocorre, segundo a tradição, na própria Linerso.

<sup>310</sup> No entanto, na *Ilíada* consta Altes como rei desse povo, sendo ele pai de Laótoe, a mãe de Polidoro e Licaón (TROCA PERERIA, 2016). Cf. *Il.* 21.85-90.



raptada.<sup>311</sup>

[18] Por esse mesmo tempo, Ajax Telamônio, de todas as maneiras, atacava o Quersoneso da Trácia.<sup>312</sup> Mas quando o rei deles, Polimestor,<sup>313</sup> conheceu a coragem e a glória daquele homem, não mais confiando nas condições dos seus, começou a render-se. E, depois disso, entrega, como paga pela paz, Polidoro, filho do rei Príamo, que o havia confiado secretamente quando ainda recém nascido para que o criasse.<sup>314</sup> Também ouro e outros presentes dessa natureza apresentavam-se a fim de cativar amplamente os ânimos dos inimigos. Posteriormente, tendo prometido distribuir trigo de um ano inteiro a todo o exército, enche os navios cargueiros, os quais Ajax, por causa disso mesmo, havia trazido consigo. Aquele que, diante dos gregos, negava com muitas execrações a amizade de Príamo, é recebido em confiança de paz. Tendo feito isso, Ajax converte o rumo em direção aos frígios e, tendo penetrado na região deles, mata Teutras, senhor daqueles locais, em combate singular e, depois de poucos dias, tendo tomado de assalto a cidade e a incendiado, arrebatou grande quantidade de despojos, levando Tecmessa, filha do rei.<sup>315</sup>

[19] Então, ambos os comandantes, eles próprios ilustres e magníficos por causa de seu ingente nome, com muitas regiões devastadas e conquistadas, como se tivessem combinado, voltaram ao mesmo tempo ao exército por caminhos diferentes. Depois, por meio de pregoeiros, reunidos todos os soldados e os comandantes, tendo avançado para o meio, cada um expôs a mostra de seus esforços e de sua diligência. Quando os gregos observaram isso, tendo-os honrado com intenso aplauso e elogios e pondo-os ao centro, coroaram-nos com ramos de oliveira.<sup>316</sup> Depois começou a tomar lugar a assembleia sobre os despojos a serem divididos, tendo Nestor e Idomeneu como os melhores juízes para as sentenças. E assim, por unanimidade, a partir de todo o despojo, que Aquiles trouxera, entregaram a Agamêmnon, por causa da honra régia, excetuada a esposa de

<sup>311</sup> Também chamada de Briseida, é filha de Briseu (ou Brises), sacerdote da cidade de Linerso. Briseu é, por vezes, identificado como irmão de Crises (GRIMAL, 2005, p. 62). Cf. II.II, 688ss; XIX, 60; QUINT. SM., *Posth.* III, 552 e s; OV. *Her.* 3; APOLLOD. *Ep.* III.33.

<sup>312</sup> Península de Dardanelos, do outro lado do mar, em frente de Troia (Vega e López, 2001, p. 238).

<sup>313</sup> Rei da Trácia, casado com a filha de Príamo Ilione (GRIMAL, 2005, p. 385).

<sup>314</sup> Na versão mais comum sobre Polidoro, ele não é entregue aos gregos, mas morto pelo próprio Polimestor, seja por desejo de assenhorar-se dos bens que Príamo havia dado como suporte ao filho, seja por medo de represália por parte dos gregos (GRIMAL, 2005, p. 383). No entanto, existem outras variantes com detalhes um pouco diversos, Cf. VIRG. *Aen.* III, 41-68; QUINT. SM., *Posth.* IV, 154 e 586; OV. *Met.* XIII, 429-438; HYG. *Fab.* 109; *Hécuba*, de Eurípidés. Além disso, é considerado filho de Príamo e de Laotee, o mais jovem rebento da realeza troiana, que acaba morto por Aquiles na *Ilíada* (XX, 411-412). Em outras versões, sobretudo nos tragediógrafos e alexandrinos, é filho de Hécuba (LELLI, 2015, p. 532).

<sup>315</sup> Tecmessa é, na verdade, filha do rei Frígio Teleutante (GRIMAL, 2005, p. 431). O autor pode ter cometido um equívoco, confundido Teleutante com Teutrante, pai de Télefo (LELLI, 2015, p. 531; cf. *Eph.* II, 3). Cf. QUINT. SM., *Posth.* V, 5, 21ss; *Ájax*, de Sófocles.

<sup>316</sup> Esse ato, normalmente, condecora os vencedores de jogos olímpicos. Cf. κότινος

Eécion, Astínome, que anteriormente informamos ser filha de Crises.<sup>317</sup> Além de Hipodâmia, filha de Brises, o próprio Aquiles também retinha para si Diomedéia,<sup>318</sup> porque, sendo as moças da mesma idade e da mesma criação, não sem grande dor poderiam ser apartadas e, por isso, tendo elas se atirado antes aos joelhos de Aquiles, haviam implorado com elevadas preces para que elas não fossem separadas. Ademais, os despojos restantes foram distribuídos homem a homem, segundo os méritos de cada um. Depois, aquilo que Ájax havia trazido, por seu pedido, Ulisses e Diomedes apresentaram ao centro. A partir disso, o quanto parecia satisfatório de ouro e de prata é dado ao rei Agamêmnon e, em seguida, a Ájax, por causa das egrégias façanhas de seus esforços, concedem Tecmessa, filha de Teutrante. Assim tendo dividido para cada um aquilo que havia sobrado, repartem o trigo para o exército.

[20] Terminada a distribuição, importa tratar sobre o pacto de confiança celebrado com Polimestor e sobre a entrega de Polidoro. Em razão disso, decide-se, por unanimidade, que Ulisses e Diomedes fossem até Príamo para recuperarem Helena com o que fora roubado, e assim entregassem Polidoro ao rei. Então, com eles se encaminhando, Menelau, em cujo favor tal empreitada se executava, igualmente incumbe-se da realização da embaixada junto com os já mencionados. E assim, tomando Polidoro, chegam aos troianos. Mas quando os populares perceberam que chegavam homens excelentes e de grande renome, às pressas reúnem todos os velhos, cuja opinião costumava se ter em consideração, enquanto Príamo era mantido por seus filhos em seu palácio. Portanto, com os demais gregos presentes, Menelau tomou a palavra: já pela segunda vez ele viera pela mesma causa. Como muitas outras coisas contra ele e contra sua casa se haviam executado, então, com grande lamentação, queixava-se da orfandade da filha pela ausência da esposa,<sup>319</sup> tendo acontecido tudo isso não por seu próprio merecimento, mas por causa daquele que um dia fora amigo e hóspede.<sup>320</sup> Os mais velhos escutando com lágrimas aquela lamentação profunda, a tudo que Menelau falava anuíam como que fossem partícipes da mesma injúria.

[21] Depois dele, Ulisses, pondo-se de pé no meio da assembleia, faz um discurso da seguinte natureza: “Acredito eu, ó príncipes troianos, que vós bem sabeis que os gregos não costumam começar nada de modo imprudente, nada impensado, porém para eles, tendo sempre tudo sido

---

<sup>317</sup> *Eph.* II, 17.

<sup>318</sup> *Cf. Il.* IX, 663-665.

<sup>319</sup> Hermíone, filha única de Menelau e Helena. *Cf. APOLLOD. Ep.* III, 3; *VIRG. Aen.* III, 328; *OV. Her.* VIII, 31 e s; *HYG. Fab.* 123; Grimal, 2005, p. 224. Haveria uma peça homônima de Sófocles dedicada a essa personagem.

<sup>320</sup> A saber, Alexandre. *Cf. Eph.* I, 3 ([Alexander] *Spartae in domum Menelai hospitio receptus*).

pelos anciãos já então previsto e elaborado para que a glória, não a culpa, siga os feitos e as campanhas. Deixando de lado as coisas pretéritas, já bem discutidas, a isto se deve, então, atentar: com a Grécia prejudicada há pouco pelas injúrias e ultrajes de Alexandre, não se recorreu nem à força nem às armas, o que costuma ser refúgio para a indignação. De fato, como vós lembrais, baseados em uma decisão geral, viemos como embaixadores com Menelau a fim de recuperar Helena. A nós nada foi restituído da parte de Príamo ou dos príncipes, a não ser soberbas palavras de ameaça e armadilhas ocultas. Estando, portanto, o assunto inacabado, segundo penso, pegar em armas e, pela força, arrancar deles o que amigavelmente não foi possível, foi consequência. Assim sendo, preparado o exército e tantos comandantes egrégios e ilustres, nem sequer assim era nossa intenção travar contra vós batalha, mas antes, imitando o costume e a moderação habituais, por essa mesma causa vos viemos rogar. Todo o resto, ó troianos, está em vossas mãos, e, se de algum modo vossa mente estiver sã, não nos será vergonhoso ter-vos concedido corrigir com decisões salutareis vossos equivocados juízos anteriores.

[22] Pelos deuses imortais, ponderai em vossos ânimos quanta ruína e, do mesmo modo, tamanha malignidade haveria de se apoderar de todo o orbe terrestre a partir de um exemplo tal. Quem, com efeito, daí em diante, tendo responsabilidade de homem, ao lembrar do crime de Alexandre, não se inclinará em temer que todas as coisas vindas de seu amigo sejam suspeitas e insidiosas? Ou qual irmão a outro irmão há de dar entrada? Quem não há de se acautelar com um hóspede ou um parente como se fosse um inimigo? Em conclusão, se essas coisas vós aprovais, o que espero não, encerrados estarão todos os termos de aliança e de piedade entre bárbaros e gregos. Pelo que, ó príncipes troianos, bom e útil é que os gregos, tendo recebido tudo aquilo que por força foi tomado, sejam mandados para casa amigavelmente e conforme pareça conveniente, e que não se espere que os dois reinos, amicíssimos entre si, cheguem ao ponto de contender. Quando considero essas coisas, por hércules!, penso ser deplorável vossa condição, vós que, inocentes e nascidos livres daquela culpa, pela luxúria de poucos, logo depois sois obrigados a sofrer as penas do crime alheio. Por acaso, somente vós ignorais como as cidades vizinhas e amigas de vós tenham sido abaladas ou aquilo que se está, dia a dia, preparando para as restantes? De fato, a vós é conhecido que Polidoro foi tomado e está retido junto aos gregos. Se, pelo menos, Helena juntamente com o saque for reconduzida por ora, ele poderá ser restituído a Príamo, intacto; por outro pacto não pode a guerra ser adiada nem se dar fim ao guerrear, a não ser que ou todos os chefes da Grécia, os quais, particularmente, estão bastante preparados para arruinar vossa cidade, ofereçam-se à morte ou, o que espero que logo aconteça, tomada Ílion e queimada com fogo, seja ela deixada aos pósteros como exemplo de vossa impiedade. Por causa disso, enquanto

a decisão inteira até aqui está em vossas mãos, pensai antes duas vezes.

[23] Depois Ulisses deu fim à sua fala, todos estavam em grave silêncio, como costuma ser feito em tal situação, esperando a réplica alheia, como todos acreditassem que fossem a autoridade menos indicada, Panto,<sup>321</sup> em clara voz, falou: “Ulisses, tu dizes palavras junto àqueles que, a não ser a vontade, não têm poder de resolver o problema” Depois, após ele, Antenor falou: “Admitimos tudo aquilo que por vós foi lembrado, ciente e prudentes, e não falta vontade de resolver, se poder fosse concedido. Mas, como vedes, outros possuem a supremacia, para os quais a própria ambição é mais poderosa que a necessidade” Assim que expôs esses fatos, sem demora manda que entrem um a um os comandantes, que, não só tendo reunido por amizade de Príamo, mas também por soldo, haviam trazido uma tropa auxiliar. Tendo eles entrado, Ulisses, tendo começado um segundo discurso, chamou todos de iniquíssimos e não diferentes de Alexandre, pois eles, tendo se afastado do que é bom e honesto, seguiam o autor de um gravíssimo crime. E que ninguém ignorava que, se tão atroz injúria fosse aprovada, tendo sido disseminado o mau exemplo por entre os mortais, aconteceria de semelhantes ou mais graves crimes seguissem também a eles próprios que viviam não longe. Sobre esse assunto, que era terrível, todos, calados, entre si em seu ânimo refletiam e assim, estando aborrecidos com tal sorte de exemplo, abalavam-se com a indignação provocada por tais atitudes. Depois, segundo o costume habitual, solicitada a opinião dos mais velhos, decidiu-se por igual consenso de todos que Menelau indignamente sofrera injúria. Somente Antímaco,<sup>322</sup> entre os anciãos, estava a favor de Alexandre e reclamava contra todos. E, imediatamente, entre todos, foram escolhidos dois homens que fossem enviados a Príamo para informá-lo e esses, entre outras tarefas que lhes foram confiadas, também instruísem sobre Polidoro.

[24] Quando o rei recebeu essas informações, profundamente consternado com a notícia sobre seu filho, desmorona ante as faces de todos. Depois, tendo sido reanimado pelos circunstantes, por um breve momento ficou em pé e, desejando ir à assembleia, é impedido pelos príncipes. Tendo deixado o pai para trás, eles mesmos, de fato, irrompem a reunião no momento exato em que Antímaco, com muitos opróbrios lançados em afronta aos gregos, então falava em dispensar Menelau somente se Polidoro fosse devolvido; em último lugar, dizia ser o mesmo caso e o mesmo desfecho de ambos os prisioneiros. Estando todos em silêncio, Antenor resistia contra

---

<sup>321</sup> O mesmo que Pântoo, um dos anciãos mais antigos de Troia, companheiro de Príamo (GRIMAL, 2005, p. 354). Cf. II.III, 146-152; VII, 35-378; VIRG. *Aen.*II, 319, 430.

<sup>322</sup> Personagem que também na *Ilíada* (XI, 122 ss) se negava em devolver Helena graças a um suborno de Alexandre (VEGA & LÓPEZ, 2001, p. 244).

essas determinações e opunha-se com grande empenho para que o problema não se resolvesse daquela maneira. Mas, depois alternadamente muitos discursos foram proferidos, a disputa deles avança às vias de fato, todos que estavam presentes, chamando Antímaco de perturbado e sedicioso, lançaram-no fora do local da reunião.

[25] Mas, quando os príamidas entraram, Panto rogando a Heitor, pois esse era considerado entre os príncipes como muito virtuoso e prudente, exortou-o a que muito melhor então era que Helena fosse cordialmente devolvida uma vez que os gregos vieram suplicando por essa causa e que a Alexandre não pouco tempo houvera para consumir seu amor, se o havia tido por Helena.<sup>323</sup> Por conseguinte, ante aos olhos de todos convinha ocupar-se da presença dos reis gregos e de seus feitos enérgicos e da glória recentemente advinda da ruína das cidades amicíssimas de Troia. Ele dizia também que, por essa mesma causa, Polimestor, repugnando o exemplo desse crime, entregou voluntariamente Polidoro aos gregos. A partir disso, também havia de se temer que as regiões vizinhas, tendo em mente tal fato, maquinassem planos perniciosos contra Troia, sendo nada seguro nem confiável, pelo contrário, todas as insídias e adversidades constituiriam perigo iminente. Assim, completou Panto, no estado em que a situação está, se sobre isso todos refletissem no ânimo e não consentissem em dispensar os próximos embaixadores, se fosse Helena devolvida como obséquio, cresceria a garantia de amizade, ainda maior e mais estreita, entre os dois reinos. Quando Heitor ouviu isso, ficou ainda mais entristecido pela recordação do crime do irmão e derramou lágrimas junto à sua aflição profunda. Contudo, era ele da opinião de que Helena, de maneira alguma, deveria ser entregue, pois era uma súplice de sua casa e, por isso, deveria ser defendida por causa de um compromisso assumido.<sup>324</sup> Se, entretanto, informassem aquilo que com ela foi tomado, seria tudo restituído, pois, em troca de Helena, Cassandra ou Polixena,<sup>325</sup> a qual parecesse aos embaixadores, entregar-se-ia em matrimônio a Menelau junto a notáveis presentes.

[26] A essas coisas, o impetuoso Menelau respondeu colericamente: “Por Hércules! Notavelmente procedemos se realmente, eu espoliado de minha propriedade,<sup>326</sup> sou obrigado a trocar matrimônio em favor do arbítrio dos meus inimigos”. Contra ele, Eneias disse: “Nem mesmo isso

---

<sup>323</sup> *Alexandro neque parum transactum ad explendum amorem, si habuerat quem circa Helenam*; Essa expressão põe em dúvida o amor sentido por Alexandre para com Helena. Talvez, como apontamos em nossa análise, dá-se aqui mais um indício do caráter negativo dos personagens, indicando a luxúria como real motivo da união dos amantes.

<sup>324</sup> Em outras palavras, para Heitor, Helena era uma refugiada a qual prometera proteção.

<sup>325</sup> Filhas de Príamo, à altura, ainda não casadas.

<sup>326</sup> *Proprio spoliatus*. Helena, como qualquer mulher no universo belicoso da *Ilíada*, é considerada uma propriedade. Cf. Pomeroy, 1975.

será concedido, pois contradigo e me oponho, e também os demais, nós, parentes e amigos, velamos por Alexandre em seu interesse.<sup>327</sup> Com efeito, são e sempre serão aqueles que protegem a casa e o reino de Príamo e com a perda de Polidoro não sobrevivem a Príamo privação de filhos, com tantos e tais filhos supérstites.<sup>328</sup> Ou por acaso somente aos que são da Grécia se concede um rapto dessa natureza, já que foi permitido eles mesmos levarem Europa de Sídón para Creta, Ganimedes desde estas fronteiras e domínio? E Medeia? Vós ignorais que ela fora transportada da Cólquida às fronteiras dos iolcos? E não posso deixar passar o primeiro de todos esses raptos, Io, que, levada da região dos sidônios, rumou para Argos.<sup>329</sup> Até aqui para com vós tratamos em palavras, e se não saírem imediatamente com toda a vossa esquadra desses locais, logo haveis de experimentar a força troiana, já que em nosso reino há em abundância juventude perita na guerra e cresce, dia após dia, o nosso número de aliados.”. Depois ele termina a sua fala, Ulisses, com plácido discurso, disse: “Por Hércules! Não vos é íntegro adiar a inimizade. Dai, portanto, sinal de guerra, e, assim como foram causando injúrias, assim também, iniciando o prélio, tornai-vos os responsáveis. Nós, uma vez provocados, responderemos. Finalizando, por sua vez, com tais palavras, os embaixadores foram embora da assembleia. E, sem demora, sendo disseminado por todo o povo aquilo que Eneias dissera contra os embaixadores, levantou-se um tumulto: evidentemente, por causa dele, toda a casa de Príamo cairia em consequência do ódio ao seu reino por causa do seu péssimo exemplo de intercessão.

[27] Portanto, quando os embaixadores voltaram ao exército, expuseram a todos os comandantes aquilo que fora dito e feito pelos troianos contra eles. E assim decidiu-se que matariam Polidoro na presença de todos e em frente de seus próprios muros. E a ação não foi prorrogada para mais tarde. De fato, levado ao meio e, enquanto a maioria dos inimigos via dos muros, golpeado com pedras, pagou as penas da impiedade fraterna. E imediatamente é mandado um dentre os oficiais ilienses para informar que pedissem o corpo de Polidoro a fim de sepultá-lo. E, enviado para essa tarefa Ideu com escravos reais, levou Polidoro à sua mãe Hécuba, desfigurado e dilacerado pelas pedras. Nesse ínterim, Ájax Telamônio, para não permitir nenhum repouso nas regiões vizinhas e amigas de Troia, tendo marchado agressivamente contra elas, toma Pítia e Zeleia, cidades conhecidas por suas riquezas. Não satisfeito com essas, saqueia, com admirável celeridade,

<sup>327</sup> Eneias e outros parentes são cúmplices no rapto de Helena, *Eph.* I, 3.

<sup>328</sup> Príamo é pai de numerosos filhos, legítimos, gerados de Hécuba, e bastardos, gerados por concubinas. Cf. Grimal, 2005, p. 393-395.

<sup>329</sup> Interpretações racionalizadas dos raptos mitológicos: HEROD. 1.1.1. Sobre Europa, cf. APOLLOD. 3.1.1.; HYG. *Fab.*178. Sobre Ganimedes, Cf. *Il.* 20.234-235 Sobre Medeia, Cf. *OV. Met.* VII; HYG. *Fab.*25, 26; APOL. RH. *Arg.*; e em especial *Medeia*, de Eurípides e também a de Sêneca. Sobre Io, APOLLOD. *Ep.* II, 1; HYG. *Fab.*145; *OV. Met.* I, 583.

Arisba, Gárgaro, Gergita, Escepsis e Larissa. Depois de saber por meio dos habitantes que muito gado de variada espécie ficava num estábulo sobre o monte Ida,<sup>330</sup> com todos, que com ele vieram, vindo requestar, mais que depressa, Ájax marchou com sua tropa ao monte e, tendo matado os guardiões dos rebanhos, leva grande quantidade de gado. Depois, como nenhum deles se opunha, por onde passava todos voltavam-se em fuga. Quando pareceu-lhe uma boa oportunidade, volta para junto dos seus com grande pilhagem.

[28] Por esse mesmo tempo, Crises,<sup>331</sup> que anteriormente informamos ser sacerdote de Apolo Esminteu, tendo sabido que sua filha Astínome vivia com Agamêmnon, confiado na religiosidade de tão grande nume, veio às naus expondo a figura do deus e alguns ornamentos do seu templo com o fito de, com a recordação da presença do nume, mais fácil fosse o respeito a ele incutido nos reis. Depois, levados à frente numerosos presentes, constituídos de ouro e prata, pediu o resgate da filha, suplicando que dessem grande importância à presença do deus, o qual consigo vinha rogar-lhe por causa do próprio sacerdote. Além disso, ele lembra que inimizades e hostilidades contra ele, dia após dia, eram urdidas por Alexandre e seus consanguíneos por causa de uma imolação por ele praticada pouco antes.<sup>332</sup> Quando souberam desse fato, aprazeu a todos devolver a filha ao sacerdote e nada de prêmio receber por isso,<sup>333</sup> já que se acreditava merecer nada menos que isso, não só por ser simplesmente amigo e fiel a nós, mas, e principalmente, por sua devoção a Apolo. E, de fato, por muitas amostras e pela reputação dentre os habitantes daquelas localidades, eles já haviam determinado obedecer em tudo ao deus dele.

[29] Depois de ouvir essas coisas, Agamêmnon insistia em contrariar a decisão coletiva. E assim, tendo com o semblante furioso feito ameaças de morte ao sacerdote se não se retirasse, embora o assunto estivesse inconcluso,<sup>334</sup> despachou de perto de seu exército o velho, que estava apavorado e temendo medidas extremas. Desse modo, desfeita a reunião, cada rei foi ter com Agamêmnon e o atacou com muitas censuras, pois ele havia, por causa do amor de uma mulher cativa, desprezado não só a eles, mas também, e o que parecia ainda mais indigno, um deus de tamanho poder.<sup>335</sup> E, sem demora, havendo todos o amaldiçoado, desertaram-no por essa causa e por se lembrarem de Palamedes, o qual era reconhecido e benquisto no exército, a quem Diomedes e

<sup>330</sup> Cf. APOLLOD. *Ep.* III, 32.

<sup>331</sup> Inicia-se o argumento iliádico. Cf. *Il.* 1.12-21.

<sup>332</sup> Inovação do autor que é relativa à hecatombe em *Eph.* II, 14.

<sup>333</sup> De outro modo em Homero, Cf. *Il.* I, 21-23

<sup>334</sup> A saber, Crises não havia conseguido a devolução da filha. Cf. *Il.* I 26-33

<sup>335</sup> Mais um exemplo em que a ação de um rei afeta todo o povo (que se dará pela peste). Além disso, é salientado a luxúria a avareza de Agamêmnon e a sua falta de respeito religioso (fides).

Ulisses, tendo cercado com armadilha, mataram, não sem o consentimento de Agamêmnon.<sup>336</sup> Ademais, à vista de todos Aquiles flagelava com afrontas a ele e a Menelau.<sup>337</sup>

[30] Então, quando Crises se retirou à sua casa depois de ter suportado com paciência a injúria de Agamêmnon, não correram muitos dias, uma doença gravíssima invadiu o exército, primeiramente alastrando-se a partir do gado e depois, com o mal paulatinamente se agravando mais e mais, dispersou-se por entre os homens, não se sabe ao certo se por outro fator ou, conforme parecia a todos, por ira de Apolo.<sup>338</sup> Então, de fato, grande quantidade de homens perecia, com os corpos extenuados por essa pestífera doença até, por fim, a morte medonha. Mas, ao todo, nenhum dos reis nem morreu por causa desse mal nem foi por ele tocado. Ademais, como não havia qualquer moderação da doença e dia a dia mais homens morriam, todos os chefes já se fechando em si por medo, reúnem-se e, em seguida, insistem junto a Calcas, o qual lembramos ser capaz de conhecer de antemão os tempos futuros, que dissesse a causa de tanto mal. Ele, com efeito, afirma reconhecer claramente a origem de tal enfermidade, mas não estava livre para revelá-la a qualquer um, já que, a partir disso, aconteceria que ele contrairia a ofensa de um potentíssimo. Depois disso, Aquiles forçou a cada um dos reis a se obrigarem, por meio de um compactado compromisso sagrado de juramento, a não ficarem ofendidos seja por qualquer que fosse essa causa.<sup>339</sup> Desse modo, Calcas quando reuniu os ânimos de todos para si, pronunciou a ira de Apolo: o fato era que ele, hostil aos gregos por causa da injúria do sacerdote reivindicava as penas às custas do exército. Depois, com Aquiles insistindo em saber, ele pronunciou que o remédio para o mal era a restituição da virgem.<sup>340</sup>

[31] Nesse momento, Agamêmnon, conjecturando o que em breve aconteceria, tendo saído calado da reunião ordenou a todos que tivera consigo que pegassem em armas.<sup>341</sup> Quando Aquiles percebeu sua intenção, furioso pela indignação do fato, ao mesmo tempo que aflito com o morticínio do exército fatigado, manda que os corpos dos defuntos que se produziram de modo infame sejam juntados de toda parte para um único lugar e sejam levados à assembleia ante à vista de todos. Os reis e todos os demais comovem-se de tal maneira com aquele cenário que todos

<sup>336</sup> Como se suspeitava em *Eph.* II, 15.

<sup>337</sup> As palavras de Aquiles se encontram na *Iliada*, I, 149ss.

<sup>338</sup> A forma dubidativa que põe em paralelo a causa natural e a causa divina. Cf. *Il.* I, 48-79.

<sup>339</sup> Outrossim, *Il.* I, 68-100.

<sup>340</sup> Conforme observa Vega e López (2001, p. 252), apesar de parecer estranho a utilização do termo *restitutio virginis* para se referir a Astínome, uma vez que em II, 17 declara-se que ela esteve casada com Eeción, informam ser comum que *virgo*, assim como o seu relativo grego *parthénos*, ser usado para referir-se de modo geral a qualquer “jovem”.

<sup>341</sup> Reação semelhante na *Iliada*, I, 101ss.



erguem-se contra Agamêmnon, tendo Aquiles a iniciativa e o comando, enquanto ele convencia a todos a puni-lo com a morte, caso persistisse. Quando comunicam ao rei tais notícias, este, disposto a chegar até às últimas consequências, fosse por obstinação, fosse por amor à cativa, resolve não ceder nem um pouco da sua decisão.<sup>342</sup>

[32] Depois tomaram conhecimento da situação, ao mesmo tempo que viam, fora dos muros, um constante queimar de corpos e diversas sepulturas, e, entendendo também que os gregos restantes estavam fracos pela desastrosa calamidade, os troianos avançam. Exortando-se entre si, tomam as armas e, com uma tropa auxiliar, avançando portas afora, iniciam uma ofensiva.<sup>343</sup> E, depois, através dos campos, com o exército dividido em duas frentes, foram estabelecidos como comandantes para os troianos, Heitor, e Sarpédon para as tropas auxiliares. esse momento, os nossos, ao ver os inimigos frente a frente, armaram-se e, organizando-se em conformidade com a situação, formaram uma linha de combate com uma frente simples, com generais dispostos em alas: da ala direita, cuidavam Aquiles junto a Antíloco, da outra ala cuidavam Ájax Telamônio junto a Diomedes, receberam a parte central o outro Ájax e Idomeneu, nosso comandante. Desse modo ordenado, o exército de cada um dos lados, avançaram um contra o outro. E quando chegaram à peleja, cada um tendo encorajado os seus, bateram-se na linha de frente. Então, verdadeiramente, muitos de ambos os lados caíram em uma luta bastante prolongada, sobressaindo nessa batalha Heitor e Sarpédon do lado dos bárbaros, Diomedes junto a Menelau do lado dos Gregos. Depois, a noite, descanso comum de ambos os lados, dissolveu o prélio. Então, recolhido o exército, tendo cremado os corpos de seus soldados, sepultam-nos.

[33] Terminado o confronto, os gregos estabelecem entre si que Aquiles, cuja solicitude quando de circunstâncias adversas aos gregos apresentava-se como a mais importante, garanta aquela empresa de todos. Mas Agamêmnon, preocupado em não perder a liderança geral, na assembleia proferiu um discurso: Que, acima de tudo, estava em seu coração a segurança do exército e que não podia mais adiar que fosse devolvida ao pai Astínome, principalmente se com a restituição dela eles se livravam da perda presente, não pedindo nada mais senão apenas que em lugar dela ele recebesse Hipodâmia, que vivia com Aquiles, como benefício substitutivo de um prêmio perdido.<sup>344</sup> Tal solicitação surtiu efeito, ainda que parecesse gravíssima e indigna a todos, muito

---

<sup>342</sup> O presente capítulo é totalmente constituído de elementos não homéricos (LELLI, 2015, p. 536) e é formulado de maneira antitética, procurando acentuar, por um lado, o caráter altruísta de Aquiles e, por outro, o egoísmo de Agamêmnon.

<sup>343</sup> Não há paralelos dessa investida troiana. Além disso, o narrador dá margem para se observar o oportunismo do inimigo, salientando mais uma vez o seu caráter bárbaro e covarde.

<sup>344</sup> Cf. *Il.* I, 116-120.

embora para ela fechasse os olhos Aquiles, possuidor daquele prêmio por causa de seus muitos e notáveis feitos. Tamanho amor e cuidado para com o exército penetraram no coração desse egrégio jovem. Então, contra a vontade de todos e contudo sem que alguém protestasse abertamente, Agamêmnon, como parecesse coisa concedida por todos, ordenou ele aos litores<sup>345</sup> que fosse levada embora Hipodâmia; e esses logo cumprem as ordens. Nesse ínterim, os gregos, por intermédio de Diomedes e Ulisses, levaram Astínome com grande abundância de vítimas ao templo de Apolo. Depois, consumado o sacrifício, via-se que paulatinamente a força do mal ia se abrandando e não mais eram afligidos os corpos, e os daqueles, que antes eram fatigados, iam sendo curados como por um alívio esperado dos deuses. E, assim, em pouco tempo a salubridade e o vigor costumeiro foram renovados por todo o exército. Envia-se, também, a Filoctetes em Lemnos parte desse despojo, que, levada por intermédio de Ajax e Aquiles, os gregos distribuíam entre si, soldado por soldado.

[34] Ademais, Aquiles, lembrando da injúria mencionada anteriormente, decidira abster-se da reunião pública principalmente pelo ódio a Agamêmnon e porque fora suprimido o amor que tivera para com os gregos, evidentemente porque, em razão da omissão deles, depois de tantas vitórias em guerras e feitos valorosos, por meio de injustiça havia sido tomada Hipodâmia, prêmio concedido por seus esforços.<sup>346</sup> Depois, vindo os comandantes a ele, negava-lhes a entrada e não reconhecia neles nenhum amigo, porque o abandonaram quando podiam eles tê-lo defendido contra os ultrajes de Agamêmnon. Então, mantendo-se dentro de sua tenda, retinha consigo Pátroclo e Fênix, este por ser mentor de condutas, aquele por ser querido pelos benefícios da amizade; e também seu auriga Automedonte.<sup>347</sup>

[35] Por esse tempo, junto a Troia, os exércitos aliados e os que, contratados por soldo, trouxeram tropas auxiliares, com muito tempo dispendido em vão, seja por tédio, seja já por saudade dos seus em casa, começavam uma revolta. Logo que Heitor soube disso, forçado pela necessidade, ordenou aos soldados que fossem às armas e, sem demora, quando o sinal fosse dado, seguissem-

---

<sup>345</sup> *Lictor*, uma provável romanização do termo κληρῦς (LELLI, 2015, p. 537). O termo latino indica uma função oficial que servia aos magistrados romanos, que os acompanhava levando aos ombros os feixes (*fascēs*) com uma machadinha ao meio e na mão direita uma vara (*virga*), conjunto simbolizando o *imperium* (FARIA, 1994; Oxford, 1968).

<sup>346</sup> Logo, conclui-se que não fora a subtração de Hipodamia o que mais afligiu Aquiles, mas a condescendência do exército com a ação de Agamêmnon.

<sup>347</sup> Como bem observam Vega e López (2001, p. 255), são suprimidas as súplicas de Aquiles para sua mãe Tétis. Cf. *Il.* I, 350.

no.<sup>348</sup> Então, depois pareceu o momento e todos anunciavam estar armados, ordena que saíam, sendo ele mesmo o comandante e também capitão da campanha. A situação parece exigir registro<sup>349</sup> dos reis daqueles que, ou sendo aliados e amigos de Troia ou constituindo tropas auxiliares contratadas mediante soldo, vindos a partir de diversas regiões, seguiam o comando dos príamidas. O primeiro, portanto, a irromper as portas foi Pândaro, filho de Licaon da Lícia; depois Hipoto, †filho de Pileu†, da Larissa dos pelásgidas; Acamaa †...†, Piros, da Trácia, depois dos quais Eufemo Trezênio que comandava os cicônios; Pilemenes Pafaglônio, famoso por seu pai Mélio; Odio e Epístrofo, filhos de Minuo, reis dos alizonos; Sarpedon, gerado por Xanto, chefe dos lícios de Solemo; Nastes e Anfímaco, filhos de Nomione, de Cária; os meônios Ántifo e Mestles, cujo genitor era Talemenes; o lício Glauco, filho de Hipóloco, a quem Sarpédon recebeu para junto de si para participar das coisas de guerra porque, diante de todos os demais de sua região, sobressaía-se em prudência e em armas; os frígios Fórcis e Ascânio; Crômio e Enomo, migdões da Mísia; o peonio Pirecmes, filho de Axio; Ânfito e Adrasto, gerados de Méropes, da Adrestia; Asio, filho de Hírtaco, de Sesto. Depois, outro Asio, gerado de Dimante, irmão de Hécuba, da Frígia.<sup>350</sup> Seguiam a esses homens, os quais lembramos, muitos homens de costumes grosseiros e falares díspares,<sup>351</sup> acostumados a lidar com prélios sem nenhuma ordem ou organização.<sup>352</sup>

[36] Quando os nossos perceberam essa ação, tendo avançado ao campo, conforme o costume da campanha<sup>353</sup> organizaram a linha de batalha, sendo o ateniense Menesteu<sup>354</sup> mentor e preceptor da composição; essa organização, contudo, deu-se segundo cada povo e cada região, com Aquiles permanecendo junto ao exército dos mirmidões. A bem da verdade, esse, embora não tivesse aplacado nada do coração por causa da injúria levada a cabo por Agamêmnon e do roubo de Hipodâmia, contudo, estava principalmente indignado porque os demais chefes foram convidados

<sup>348</sup> Troca Pereira (2016), observa o paralelo divino que há na *Ilíada* (II, 786-815), em que Zeus manda Íris a incitar os troianos.

<sup>349</sup> A expressão “Res postulare videtur” relembra a salustiana (Cat. 5, 9) “res ipsa hortari videtur” (LELLI, 2015, p. 538).

<sup>350</sup> Ademais, inicia-se o catálogo dos reis troianos. Embora a maioria deles se encontre no texto homérico (II.II, 824-877), apenas Ásio, cuja menção só se encontra no canto XVI, 717-719, e, do mesmo modo, é citado na lista de Díctis por último. Cf. *De Exc.* 18.

<sup>351</sup> Essa variação linguística diatópica entre os aliados troianos, como bem observou Troca Pereira (2016), consta na *Ilíada* (II, 803-804). Em *Ephemeris*, ela é novamente recuperada ao fim do livro V, mas em referência aos gregos.

<sup>352</sup> Diminuição do inimigo.

<sup>353</sup> *More militiae*, terminologia própria da literatura bélica, como em Salústio e Tácito (LELLI, 2015, p. 539). Cf. SALLUST. *B. Jug.* 54, 1; Tac. *Ann.* 2, 52, 1; 12, 69, 2.

<sup>354</sup> Personagem presente na *Ilíada*, II, 552-54; IV, 327 e 338; XIII, 195 e 690; XII, 331 ss, XV, 331.

para um jantar e somente ele foi posto de lado, sinal de desprezo.<sup>355</sup> Ademais, organizado o exército e então, pela primeira vez, com todas as tropas inimigas formadas umas contra as outras, quando nenhuma parte ousa começar, com os soldados retidos um pouco no local como se fora planejado ambos os lados dão sinal de recuo.<sup>356</sup>

[37] E já os gregos, tendo regressado às naus, guardam as armas e cada um, nos locais de costume, começam a restaurar o corpo com alimentos, quando Aquiles, querendo vingar-se das injustiças, tenta atacar os nossos, que desconheciam sua intenção (e, por isso, procediam com tranquilidade). Por outro lado, quando Ulisses é informado desse fato pelos vigias, que presenciaram a saída brusca daquele, às pressas, correndo para lá e para cá advertiu aos gritos os comandantes e os exortou que, pegadas as armas, protegessem a si mesmos; depois explicou a cada um a decisão e o plano de Aquiles. Conhecendo-se a situação, ingente clamor nasceu, apressando-se todos às armas e cada um velando por si mesmo. Assim, Aquiles com a notícia sobre si mesmo já desvendada, quando todos estavam em armas e seus impulsos não podiam ir adiante, volta para as tendas sem concluir seu plano. E sem demora os nossos, convencidos de que os ilienses fossem estimulados pelo clamor dos gregos e por causa disso iniciassem uma nova investida, a fim de reforçar a guarda, destacam os dois Ajaces, Diomedes e Ulisses. E eles entre si dividiram a região pela qual havia entrada para os inimigos. Essa estratégia não os ocupou em vão. De fato, em Troia, Heitor, desejoso de entender a causa do tumulto deles, mandou que o filho de Eumedes, Dólón,<sup>357</sup> tendo-o seduzido, em última instância, com muitos prêmios e promessas, saísse a explorar a situação dos gregos. Ele, não muito longe das naus, ávido em desvelar o mistério, enquanto quis completar a confiança da missão a ele confiada, caiu nas mãos de Diomedes, que junto a Ulisses cuidava daquela área. Sem demora, tendo sido apanhado, ele revela tudo e é assassinado.

[38] Depois de dispendidos alguns dias em ócio, preparou-se o avanço de ambos os exércitos. E dividido entre si o campo que se estendia bem no meio entre Troia e as naus, quando parecia ser o tempo de guerrear, com grande cuidado todo o exército disposto, ambos avançaram às armas. Depois dado o sinal, com as frentes mais reforçadas de um contingente maior, bateram-se as

---

<sup>355</sup> Não ser convidado para um festim ou mesmo ser indicado a um lugar ou porção medíocre é bastante ofensivo e essa postura se encontra em outros testemunhos, como na Retórica de Aristóteles (2, 1401) e de uma peça perdida de Sófocles (*Syndeipnoi*), logo, não há de se menosprezar a reação de Aquiles, muito menos crer nela algo de paródico (LELLI, 2015, p. 540)

<sup>356</sup> Apesar de parecer irônica a cena de dois exércitos perfilados sem atacar, segundo Movellán Luis (2015), ela ocorre em outros autores, como em César.

<sup>357</sup> “Doloneia” na *Iliada*, X.

linhas de frente. Mais bem organizados estavam os gregos e iam cada um acompanhando o comando dos chefes, ao passo que, sem modo ou ordem alguma lançavam-se os bárbaros.<sup>358</sup> Ademais, muitos homens de ambas as partes foram mortos nessa batalha. Não só nada se concedia aos que atacavam, como também, a exemplo do mais ativo, cada um apressava-se a igualar à glória daquele que estava mais próximo. Nesse ínterim, alguns comandantes feridos gravemente foram obrigados abandonar a guerra: dos bárbaros, Eneias, Sarpédon, Glauco, Heleno, Eforbo, Polidamante; dos nossos, Ulisses, Meríones, Eumelo.

[39] Ademais, tendo Menelau avistado por acaso Alexandre com grande ímpeto atacou-o; evitando-o e não tendo a audácia de resistir por mais tempo, Alexandre põe-se em fuga.<sup>359</sup> E quando, de longe, Heitor percebeu o fato, correndo rapidamente na companhia de Deífobo, agarrou o irmão e depois de o terem atacado com palavras ríspidas e ultrajes, por fim obrigaram-no a avançar para o meio das linhas de batalha e, com o assentimento dos demais, desafiar para uma luta singular o próprio Menelau.<sup>360</sup> Então, tendo sido reconduzido à guerra, Alexandre avançou ante a linha de batalha, o que parecia ser um sinal de desafio. Depois, de longe, Menelau percebeu o gesto, pensou que lhe era exatamente agora oferecida, enfim, ocasião lançar-se sobre o grande rival. E, confiante de que, em breve, seriam pagas com sangue as penas por todas as injúrias, avança contra ele com todas as forças. Mas quando ambos os exércitos perceberam que eles se inclinavam um contra o outro, preparados com as armas e os ânimos, dado o sinal, todos recuaram.<sup>361</sup>

[40] E já ambos avançando a passos largos um contra o outro, chegaram à distância de um lançamento de dardo. Foi quando Alexandre, querendo tomar a dianteira e, ao mesmo tempo, pensando que com o primeiro dardo logo encontraria uma brecha para feri-lo, enviou antecipadamente a haste e ela foi facilmente rechaçada,<sup>362</sup> quebrando-se no encontro com o clípeo.<sup>363</sup> Depois, com grande ímpeto, Menelau fez seu arremesso, mas com sorte não tão

<sup>358</sup> Clara dicotomia da conduta e do caráter dos gregos frente aos troianos, o que reflete um menosprezo do narrador para com o inimigo em questão bélica na situação em tela.

<sup>359</sup> Passagem da fuga de Alexandre (Páris) em seu paralelo na *Ilíada* III 15ss.

<sup>360</sup> Esses eventos denotam a covardia de Alexandre. Ademais, na *Ilíada* (III 38-57), as repreensões a Alexandre são feitas somente por Heitor.

<sup>361</sup> Entrementes, na *Ilíada* (III) ocorre a “teleoscopia”, a cena em que Helena sobre a muralha comenta os heróis para Príamo.

<sup>362</sup> Semelhante ao que ocorre na *Ilíada* III, 346-349.

<sup>363</sup> *Clipeus* ou *Clupeus* é um tipo de escudo, geralmente redondo e côncavo, às vezes com busto de deuses e heróis representados em sua superfície. As outras armas presentes nesse trecho são: *telum*, o dardo de arremesso; *iaculum*, dardo especialmente destinado a arremessos; e *hasta*, lança destinada a combates de média ou curta distância, podendo também ser arremessada. Via de regra, diferem essas três em tamanho.

diferente. De fato, já tendo o outro se preparado para se precaver e, desviando do golpe, o dardo crava-se na terra. E quando, com novos dardos as mãos de ambos tornaram a se armar, avançaram. Enfim, ferido na coxa, Alexandre cai<sup>364</sup> e para não conceder sem demora ao inimigo uma vingança com a mais elevada glória, sobreveio com um péssimo exemplo. De fato, quando Menelau, tendo sacado o gládio, lança-se sobre ele para matá-lo, sendo ocultamente ferido pela seta de Pândaro,<sup>365</sup> foi contido naquele ímpeto. Então, fez-se um clamor entre os nossos e ao mesmo tempo sucedeu a ira por causa da indignação: é que os dois se enfrentavam separados dos outros e, sobretudo, porque era por causa deles que se fazia a guerra, mas, de repente, uma prática terrível da parte dos troianos se mostrou e um pelotão de bárbaros, atacando pela segunda vez, arrancou Alexandre dali do meio.<sup>366</sup>

[41] Nesse ínterim, no meio dessa confusão, enquanto os nossos hesitavam, Pândaro, estando de longe, transpassou muitos dos gregos com setas. E não houve fim antes que Diomedes, tendo sido motivado pela atrocidade da cena, avançasse para perto do inimigo e o abatesse com um dardo. Desse modo, uma vez que violara o acordo da luta, e por causa disso muitos haviam morrido, Pândaro, por fim, paga as penas pela muito criminosa conduta.<sup>367</sup> Ademais, o corpo dele foi salvo da linha de batalha e os priâmidas cremaram-no com fogo; e os restos foram confiados aos aliados e levados à Lícia, seu solo pátrio. Nesse ínterim, dado o sinal, ambos os exércitos passaram a travar batalha e, enquanto pugnavam com a mais elevada força e a sorte tendia ora para uma parte ora para a outra, levam a guerra até o pôr do sol. Mas ao passo que a noite chegava, os reis de ambos os lados, tendo retirado as tropas para não longe da linha de batalha, fortificaram o exército com guardas apropriados. E assim por alguns dias aguardavam o tempo de guerrear, mantendo em vão os soldados armados. De fato, quando o inverno chegou e os campos se alagaram com as frequentes chuvas, os bárbaros afastaram-se para dentro de seus muros. E os nossos, como nada notassem de hostil, havendo feito a retirada para as naus, dispuseram as obrigações de inverno e, sem demora, repartido em dois o campo que não mais estava próprio para o combate, em ambas as partes aplicaram-se ao arado e semeavam cereais e outras coisas que a época do ano favorecia. Nesse ínterim, Ajax Telamônio aparelha os soldados que consigo havia conduzido, tendo também alguns do exército de Aquiles. Tendo invadido a região da Frígia, hostilmente devastou muitos campos, capturou cidades, e, depois de poucos dias, retornou vitorioso ao exército, cheio de

<sup>364</sup> Diferente do que ocorre na *Ilíada*, III, 361-382. Retira-se toda a intervenção divina de Afrodite/Vênus.

<sup>365</sup> Flechada de Pândaro, embora sem a incitação de Atena/Minerva. Cf. *Il.* IV 85-126

<sup>366</sup> Substitui-se a ação de Afrodite/Vênus, que salva Alexandre envolvendo-o com um nevoeiro, pela ação humana dos soldados troianos. Cf. *Il.* III 380-382

<sup>367</sup> Cf. *Il.* V 290-296. Por outro lado, não se narra o combate entre Diomedes e Eneias, nem o salvamento deste último por Afrodite/Vênus que acaba ferida (VEGA e López, 2001, p. 261).

despojos.

[42] Mais ou menos por esses mesmos dias, aproveitando-se da tranquilidade dos nossos por causa da condição de inverno e porque nada de hostil suspeitássemos, os bárbaros prepararam uma investida, e cuja ousadia e comando foram de Heitor. O fato é que, dispostas todas as tropas ao amanhecer, ele as conduz para as portas e manda que em linha reta e passos largos, fossem diretamente às naus e atacassem os inimigos. E os gregos, estando então pouco numerosos e negligentemente sem armas, ficaram desnorteados. Ao mesmo tempo, aqueles que fugiam, pois os que primeiramente o inimigo os abatera, dificultavam o acesso às armas; e então muitos soldados caíram mortos. E já postos em fuga aqueles que estavam no meio de sua trajetória, Heitor, tendo avançado em direção às naus, começara a lançar fogo às proas e a provocar incêndios sem que nenhum dos nossos ousasse resistir. Eles se aterrorizaram e já pálidos pelo repentino tumulto, caíam de joelhos ante Aquiles, que, entretanto, negava a ajuda.<sup>368</sup> Era muito grande a mudança de ânimos repentinamente se apoderara de nós e dos inimigos.

[43] Enquanto, na sua volta Ájax Telamônio, soube que Heitor apareceu junto às naus causando grande espanto com notável aspecto de suas armas e, em seguida, com sua grande estatura e à custa de muito suor, por fim impeliu o inimigo para longe das naus, para além da trincheira.<sup>369</sup> Então, já perseguindo com mais veemência àqueles que fugiam, com uma pedra gigantesca derruba Heitor, ferindo-o e, em seguida, aterrorizando-o, ele que se dispusera com grande determinação contra ele.<sup>370</sup> Mas, muitos correndo rapidamente e de todos os lados em sua direção, com uma multidão dos seus protegendo-o, livram-no do combate e das mãos de Ájax, e quase morto o levam para dentro dos muros, resultado daquela intervenção nada favorpavel contra os inimigos. Ademais, Ájax ainda mais irritado por causa da glória que lhe arrancaram das mãos, já se associando a Diomedes juntamente com Idomeneu e o outro Ájax, perseguiram os soldados assustados e disperso. Então, os que fugiam eles abatiam de longe com o dardo, e os que faziam prisioneiros os aniquilavam diretamente com as armas, não saindo intacto nenhum que naquela área estivera. No meio daquela situação tão alarmante, Glauco, filho de Hipóloco, Sarpédon e Astropeu tendo ousado resistir ao inimigo por mais tempo, sem demora, cravados por feridas, abandonaram o local. Com a volta desses, os bárbaros supunham que sem chefes não restava esperança alguma de salvação. Errando eles daqui para lá sem maneira nem ordem alguma, e dispersando-se, correram para as portas. Naquela entrada estreita e bloqueada pela multidão dos

---

<sup>368</sup> Cf. XI, 609-610.

<sup>369</sup> Cf. II, XV, 726-746.

<sup>370</sup> Combates entre os dois heróis se encontram em VII, 232-283 e XIV, 402-403 da *Ilíada*.

que se apressavam, um caía sobre o outro como fosse um desabamento, e então sobreveio Ájax com os já citados comandantes. Então, um grande número de bárbaros, tendo eles se agitado e interdito entre si mesmos, foram mortos e exterminados, entre os quais figuravam Antifo e Polites, filhos de Príamo, Pamon e Mestor, e também Eufemo da Trezena, notável comandante dos cicônios.

[44] E assim os troianos, pouco antes vencedores, quando da chegada de Ájax tiveram a fortuna na guerra mudada. Voltando em fuga seus comandantes, pagaram as penas de uma operação irrefletida. E depois, chegando a tarde, o sinal de retirada foi-nos dado, os nossos, vencedores e felizes retornam às naus e, sem demora, são por Agamêmnon conduzidos a um banquete. Ali Ájax, muito elogiado pelo rei, foi honrado com notáveis presentes. E os demais comandantes não deixaram em silêncio os feitos e proezas do homem, pois cada um exaltando a sua força lembrava dos bravos feitos, tantas cidades da Frígia destruídas por ele e tantos os despojos saqueados e, por fim, a notável luta contra Heitor dentro das nossas próprias naus e as esquadras salvas do fogo. E não havia nenhuma dúvida de que, naquele momento, por causa de todos os seus feitos extraordinários e formidáveis, todas as esperanças e riquezas da operação subsistiam em tal homem. Ademais, Épio<sup>371</sup> em pouco tempo consertou as proas de duas naus, sobre as quais havia sido lançado fogo e apenas essa parte fora consumida. E então os gregos, convencidos de que depois do mau desempenho em combate, os troianos ulteriormente não ousariam nada hostil, ficaram tranquilos e sem temor.

[45] Por esse tempo, Reso, filho de Eião, não alheio à amizade de Príamo, pactuada a soldo, chegava com grandes tropas trácias.<sup>372</sup> Sobreveio já a tarde, durante um pouco de tempo ele se demorou junto a península, a qual se situava defronte à cidade e que se ligava ao seu continente, próximo da segunda vigília entrou nos campos troianos e, estendidas as tendas, ali mesmo aguardavam. Quando Diomedes juntamente com Ulisses, que cuidavam de vigiar aquela área, perceberam ao longe o fato, tendo pensado que os troianos haviam sido mandados por Príamo para espionar, pegaram em armas e, sem demora, a passos largos e olhando em torno, avançaram. Então, eles matam os sentinelas, fatigados por causa da viagem e por esse motivo premidos de sono, e, avançando mais ao interior, matam o rei em suas próprias tendas. Depois, convencidos de que nada mais havia para ousar, conduzem aos navios o carro e, com suas notáveis insígnias, os

---

<sup>371</sup> O mesmo que Epeu, filho de Panopeu, exímio construtor, que dentre as suas lendárias obras, participa da fabricação do cavalo de madeira (GRIMAL, 2005, p. 140). Cf. *Eph.* V, 11.

<sup>372</sup> Cf. *Il.* X, 435-439; *Rhesos*, de Eurípidés; APOLLOD. *Bibl.* I, 3, 4; *Ep.* IV, 4; HYG. *Fab.* 113.



cavalos dele.<sup>373</sup> E assim acabam o resto da noite descansando cada qual em sua tenda. E, ao amanhecer, reuniram os demais comandantes para notificarem-nos sobre aquele feito que tinham ousado e levado a cabo. E, sem demora, convencidos de que, enfurecidos pela morte do rei, os bárbaros iriam atacar, ordenaram que todos bem guarnecidos ficassem de prontidão às armas e esperassem o inimigo.

[46] Não muito depois, os trácios, tendo despertado do sono, perceberam o rei assassinado dentro das tendas, a face horrenda. Os vestígios do roubo do carro ficaram evidentes. Precipitadamente e sem ordem alguma, conforme o acaso os tinha ajuntado, saíram voando em direção às naus. Vendo-os ao longe, os nossos se alinham entre si e, atendendo aos comandos, saem de encontro a eles. Mas já avançando uma boa distância, os dois Ajaces atacam e subjagam os primeiros trácios. Depois, os demais comandantes, conforme o lugar que cada um tomara, mataram um a um e, no lugar em que se haviam alinhado, ali pararam. Agrupados de dois em dois ou mais, eles com seu próprio ímpeto os destruíam e, sem demora, mataram aqueles que se haviam dispersado e andavam sem rumo, de modo que nenhum restou que fugisse da morte. E imediatamente os gregos, tendo exterminado aqueles que contra eles se haviam lançado, dado o sinal, avançam às suas tendas. Por outro lado, somente aqueles que haviam sido deixados como guardas do acampamento haviam sobrevivido. Vendo-se eles frente a frente com inimigos, por terror mesmo e de modo miserável, esses efeminados abandonaram tudo e refugiam-se junto às muralhas. Nesse momento os nossos, atacando por todos os lados, arrebatarem armas e cavalos e também as riquezas do rei e, em última instância, aquilo que lhes oferecia o acaso.

[47] Desse modo, depois de destruídos os trácios juntamente com seu chefe, os gregos, vitoriosos, carregados de despojos e também de vitória, retiram-se às naus. Nesse ínterim, de seus muros, os troianos espreitavam, mas, temendo dentro das muralhas, não ousaram fazer nada em favor dos aliados.<sup>374</sup> Então, os bárbaros já enfraquecidos por causa de todas as adversidades, enviam embaixadores aos gregos a fim de pedir uma trégua. Como os nossos aprovaram as condições, sem demora, por meio de sacrifício, firmaram fé ao pacto. Por esse mesmo tempo, Crises, o sacerdote de Apolo Esminteu, como lembramos anteriormente, veio ao exército nos agradecer pela tão benévola ação de lhe havermos devolvido a filha. Por causa dessa ação tão honrosa, ao mesmo tempo que reconhecia ter sido Astínome tratada como uma pessoa livre, trazia-a consigo e

---

<sup>373</sup> Reso era famoso por seus cavalos. Cf. *Il.* X 436-438.

<sup>374</sup> Mais um dado que aponta o menosprezo do narrador para com a conduta do inimigo.

a confiava a Agamêmnon.<sup>375</sup> E não muito tempo depois, juntamente com aqueles que lhe haviam levado parte dos despojos de guerra, Filoctetes regressa inválido de Lemnos, então ainda sequer com o andar satisfatoriamente firme.<sup>376</sup>

[48] Enquanto isso, os gregos fizeram uma reunião na qual Ajax Telamônio, avançando para o meio deles, orientou que era oportuno enviar intercessores junto a Aquiles, para que lhe pedissem, em nome dos chefes e também do exército, que pusesse de lado sua ira e recuperasse a habitual estima junto dos seus. De fato, não se deve desprezar, de modo algum, um homem como ele, principalmente agora, quando as coisas estavam propícias, os gregos, há pouco vitoriosos, pediam a estima dele, não por necessidade, mas, sim, a título de honra. No meio de seu discurso, também pedia a Agamêmnon que se empenhasse e, ao mesmo tempo, mostrasse vontade de resolver a situação. Pois, nos tempos em que viviam, todos deveriam velar pelos interesses em comum, especialmente estando longe de casa, em locais estrangeiros e também inóspitos. De outra maneira, em meio a tão graves guerras, cercados por todos os lados por regiões inimigas, eles não estariam seguros não fosse pela concórdia. E assim, quando Ajax terminou seu discurso, todos os comandantes louvaram o ponto de vista daquele homem ao mesmo tempo que prediziam sua elevação ao céu, pois era evidente que ultrapassava a todos, seja em força corporal, seja em inteligência. Depois dessas palavras, Agamêmnon disse que ele não só havia antes mandado muitos mediadores para se reconciliar com Aquiles, como também agora mesmo nenhuma outra coisa estava em seu coração. E assim, sem demora, pediu ele a Ulisses e também ao próprio Ajax que se encarregassem das providências e que também fossem a ele, em nome de todos, sobretudo porque se acreditava que Ajax, em decorrência do parentesco,<sup>377</sup> teria a conciliação concluída com maior facilidade. Então, eles prometeram afincos de sua parte, Diomedes disse que voluntariamente os acompanharia.<sup>378</sup>

[49] Firmadas essas determinações, Agamêmnon ordenou que os lictores oficiais trouxessem uma vítima expiatória. Sem demora, ela foi erguida sobre a terra, enquanto dois homens, que estavam ali para ajudar naquela tarefa, mantinham-na suspensa. O rei sacou o gládio da bainha e, com ele,

---

<sup>375</sup> Estranha o fato de Crises devolver a filha a Agamêmnon, sobretudo por dá-la oficialmente como esposa (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 267). Uma versão legada por Higino (*Fab.* 121), no entanto, informa que Agamêmnon recupera a moça já grávida (LELLI, 2015, p. 547).

<sup>376</sup> Em nada se fala do fantasma de Hércules e as outras circunstâncias da volta de Filoctetes, como a necessidade das suas flechas em Troia para que os gregos pudessem sair vitoriosos. Cf. *Filoctetes*, Sófocles; EPh. II, 14 (ferimento de Filoctetes).

<sup>377</sup> Segundo a versão mais difundida, Telamón e Peleu eram irmãos, Ajax e Aquiles, portanto, primos (GRIMAL, 2005, p. 431-432).

<sup>378</sup> Cf. *Il.* IX 168-169.

corta em duas partes a vítima e, assim como a dividira, coloca-a à vista. Depois, mantendo o ferro<sup>379</sup> manchado de sangue na mão, passa-o pelo meio do sacrificial entre as duas as partes. Nesse ínterim, Pátroclo, tomando conhecimento do que se preparava, chega inesperadamente à assembleia. Tendo o rei, como anteriormente dissemos, cumprido já o sacrifício, jura por fim que, de sua parte, durante aqueles dias, Hipodâmia permanecera inviolada. Nem por paixão nem por desejo, havia ele transgredido os limites. Fora por ira, motivação de muitos males que se executam, que ele chegara até aquele ponto. A essas coisas Agamêmnon acrescenta que desejava, além disso, se também agradasse ao próprio Aquiles, dar-lhe uma das filhas em matrimônio, aquela que tivesse em seu coração, além da décima parte de todo o seu reino e também cinquenta talentos como dote.<sup>380</sup> Quando aqueles que estavam na reunião escutaram essa proposta, admiraram a magnificência do rei, e sobretudo Pátroclo, que, embora feliz com a oferta de tantas riquezas, antes de tudo estava feliz porque Hipodâmia se garantia intacta. Então vem a Aquiles e lhe relata tudo o que fora acordado e feito.

[50] Depois, quando o rei começou a meditar e também a refletir consigo mesmo sobre essas coisas que ouvira, chegou inesperadamente Ajax com aqueles que anteriormente já havíamos mencionado. Então, tendo eles entrado, já benevolmente saudados, pediu-lhes que se sentassem, e Ajax ao seu lado.<sup>381</sup> Ele, tendo-lhe sido dada a oportunidade de falar familiarmente, e por causa disso mais livremente, recriminou-o e censurou-o porque Aquiles, em momentos muito críticos para os seus, em nada cedera em sua cólera e porque pudera ter admitido a desgraça do exército, quando a ele suplicavam, jogados ao seus joelhos muitos amigos e também numerosos parentes. Depois de Ajax, Ulisses disse ser aquilo próprio dos deuses. Contudo, expôs em ordem as coisas que na assembleia foram decididas, e também aquelas pelas quais prometeu e jurou Agamêmnon. Por fim, pede que não desprezasse as preces de todos nem as núpcias oferecidas. E, sem demora, faz uma enumeração de todos os itens que juntamente se ofereciam.

[51] Aquiles então, tendo começado um longo discurso, primeiramente expôs todos seus atos e feitos. E depois os fez lembrar de quantos trabalhos em proveito de todos ele executara, das cidades que, tendo atacado, tomara, do tempo que todos descansavam, mas que ele mesmo, preocupado, dias e noites, labutava na guerra; e de quando, nem a seus soldados nem a ele mesmo

---

<sup>379</sup> *Ferrum*, metonímia para a espada. Ademais, o ritual descrito, em que se passa entre as duas partes do animal, não encontra paralelos homéricos (LELLI, 2015, p. 548), embora guarde semelhanças com a narrativa mítica em que Peleu obriga seu exército a realizar o mesmo ato em respeito ao cadáver de Astidamia (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 269). Sobre o pacto de incolumidade de Hipodamia/Briseida, Cf. II.IX, 132-134.

<sup>380</sup> Cf. II. IX, 120-157.

<sup>381</sup> Embaixada grega a Aquiles, Cf. II. IX.

poupara, não por menos para recolher os despojos obtidos ao bem comum. Em troca disso, somente ele, dentre todos foi eleito a ser desonrado com tão humilhante injúria. Somente ele fora assim desprezado a um tal ponto de ter-lhe sido vergonhosamente arrancada dos braços Hipodâmia, prêmio por todos aqueles trabalhos. E a culpa disso recaía não somente sobre Agamêmnon, mas especialmente sobre os demais gregos, que, esquecidos dos benefícios, haviam deixado passar em silêncio o seu ultraje. Depois encerrou a sua fala, Diomedes disse: “O pretérito deve ser deixado de lado e não convém a um homem prudente lembrar-se daquilo que já passou, mesmo quando, embora queiras muito, não podes repará-lo.”. Entretanto, Fênix<sup>382</sup> e juntamente com aquele mesmo Pátroclo, rodeando-o, a face, todo o rosto desse moço, as mãos beijaram; os joelhos os tocaram. Pediram-lhe que restituísse em graça e também abandonasse aqueles ânimos, não só em vista dos varões presentes, os quais vieram ter com ele, mas também e, antes de tudo, por bem do resto do exército, que merecia essa graça dele.

[52] Então, Aquiles, tendo sido dobrado pela presença de tais homens, pelas preces dos familiares e, por último, também pela recordação do exército inocente, por fim respondeu que ele faria como eles queriam.<sup>383</sup> Depois, tendo atendido a exortação de Ájax, então primeiramente, depois da infausta cólera,<sup>384</sup> misturou-se aos gregos e entrou na assembleia, tendo sido saudado por Agamêmnon, conforme o costume régio. Entretanto, tendo os demais comandantes aplaudido em pé a reconciliação, tudo se encheu de regozijo e alegria. Então, Agamêmnon retendo a mão de Aquiles conduziu-o a ele e aos demais comandantes ao jantar.<sup>385</sup> E, pouco depois, em meio a refeições, enquanto felizes tratavam-se bem uns aos outros, o rei pediu a Pátroclo que conduzisse às tendas de Aquiles Hipodâmia juntamente com os ornamentos que lhe dera. E este, prazerosamente, obedeceu às ordens. Ademais, durante aquela época de inverno frequentemente os gregos e os troianos, seja individualmente, seja em grupo, conforme acontecia por acaso,

---

<sup>382</sup> Cf. *Il.* IX, 430-465

<sup>383</sup> Diferentemente do que ocorre na *Iliada*, pois no poema, como bem lembra Vega e López (2001, p. 271), Aquiles volta à batalha apenas em razão da morte de Pátroclo, referido no canto XIX. Na versão relatada pelo bizantino Cedreno, no entanto, lê-se que Agamêmnon consegue convencer Aquiles a abandonar a sua cólera por meio de muitos presentes e súplicas (LELLI, 2015, p. 550).

<sup>384</sup> Paralelo com as palavras do primeiro verso da *Iliada*, como observou também Troca Pereira (2016): *Il.* 1.1: μῆνις Ἀχιλλῆος, *mala iracundia*.

<sup>385</sup> Assim, em contraposição ao ato de ser deixado de fora de um festim real (Cf. *Eph.* II, 36), nesta cena Aquiles encontra lugar de honra no banquete. Desse modo, forma-se um paralelo entre a causa da raiva do herói e a consequência de sua reconciliação.

misturavam-se, sem medo algum, no bosque sagrado de Apolo Timbreu.<sup>386</sup>

### LIVRO III

[1] Nesse ínterim, a guerra tinha sido adiada por causa das condições do tempo, e durante todo o inverno os gregos se lançaram com muito afinco e persistência a tudo aquilo que, em tal inatividade, as operações reclamavam. De fato, diante da paliçada, o contingente todo foi disposto, segundo seus comandantes e seu povo,<sup>387</sup> para vários tipos de luta e, por isso, segundo ótimo costume, foram destacados cada um ao seu próprio ofício. Durante muitos dias assim se exercitaram: estes se serviam de objetos de arremesso fabricados como se fossem lanças, não sendo eles inferiores nem em medida nem em peso; aqueles — os que não tinham esses acessórios —, usavam venábulo forjados pelo fogo; uns, ainda, serviam-se de setas e tentavam acertar uns aos outros mutuamente; e outros mais usavam de pedras. Mas entre os arqueiros se sobressaíam grandemente Ulisses, Teucro, Meríones, Épio e Menelau. E, contudo, não havia dúvida que dentre esses Filoctetes se sobressaía, pois de fato era senhor das setas de Hércules e admirável na arte de acertar o alvo.<sup>388</sup> Por outro lado, os troianos, juntamente com as tropas auxiliares viviam mais tranquilos e descuidados em relação às operações de guerra, nada atentos para com o exército. Sem medo algum de armadilhas, era frequente um ou outro, com muitas oblações, prestar culto a Apolo Timbreu. Mais ou menos por aqueles dias mesmos, transita uma mensagem sobre todas as cidades próximas à Ásia abandonarem Príamo e arrenegarem a coalizão com ele. Sem dúvida, por causa do exemplo de crime, todos os povos e populações já suspeitavam de qualquer um a respeito da hospitalidade. Ao mesmo tempo, soube-se que os gregos saíam vitoriosos em todos os combates, e a decadência de muitas cidades daquela região fixara-se nos espíritos. Por fim, um ódio pesado contra os filhos e reino de Príamo apoderou-se deles.<sup>389</sup>

[2] Por outro lado, certo dia junto a Troia, casualmente estava Hécuba prestando culto a Apolo, Aquiles, indo contemplar o procedimento cerimonial, chegou ao templo com uns poucos companheiros. Estavam com Hécuba muitas outras matronas, esposas dos principais de Troia e dos filhos deles; algumas suplicavam, tributando honra e complacência à rainha, outras, a tal

<sup>386</sup> Thymbraeus Apollo, epíteto toponímico de Apolo. Essa localidade é evocada na *Ilíada* no canto X (LELLI, 2015, p. 550). O *lucus* aqui mencionado será cenário de um episódio importante em *Ephemeris*, a morte de Aquiles (Cf. *Eph.* IV, 10-11), como também atestado na *Eneida*, III, 85, embora com circunstâncias diferentes.

<sup>387</sup> Conforme era comum se fazer. Cf. *Eph.* II, 36; *Il.* II, 362-3.

<sup>388</sup> Cf. *Eph.* I, 14; *Il.* II, 718 (τόξων εὖ εἰδὼς, "o sapiente arqueiro").

<sup>389</sup> Reguli vs populares. Há uma crescente cisão entre a realeza troiana e seus súditos ao passo que se acumulam as ações indignas dos príncipes e as aflições.

pretexto, suplicavam cada uma para pedir em favor de si próprias. Também as filhas de Hécuba ainda não casadas Polixena e Cassandra, sacerdotisas de Minerva e também Apolo, com um novo e bárbaro ornamento coroadas, com os cabelos soltos de lá para cá, faziam preces. Fora Polixena mesmo que produzira o aparato para aquele culto. E então, por acaso, Aquiles, tendo virado seus olhos para Polixena, foi tomado pela beleza da virgem.<sup>390</sup> Como o ânimo não se abrandasse, e o desejo aumentara em questão de horas, afastou-se para os navios. Mas, com o passar de alguns dias, o amor se agrava ainda mais. Aquiles revela ao estrangeiro Automedonte o ardor em seu ânimo, e, por fim, pede que fosse ter com Heitor a respeito da virgem. Mas, em verdade, Heitor manda dizer que, se ele lhe entregasse todo o exército, daria a sua irmã em matrimônio a Aquiles.

[3] Aquiles, então, compromete-se a resolver toda a guerra em troca da entrega de Polixena. Em resposta, Heitor disse que ou a traição seria por ele garantida ou seriam mortos os filhos de Plístenes<sup>391</sup> e também Ájax. Sobre tal negócio nada mais se ouviria. Quando Aquiles ouviu essa sentença, concitado pela ira, exclama que, assim que iniciassem as operações de guerra, no primeiro prélio ele o mataria. Depois ferido por esse golpe em sua alma, às vezes vagando de cá para lá, fica pensando, no entanto, em como deve agir na situação em que se encontrava. Por outro lado, quando Automedonte percebe que ele estava abatido na alma, que ele mais e mais ardia de desejo e que ele passava a noite fora de sua tenda, receoso de que maquinasse algo contra si ou contra os reis mencionados, abre a questão toda a Pátroclo e também a Ájax. Tendo dissimulado aquilo que haviam ouvido, eles, então, permanecem mais tempo na companhia do rei. Mas, em certo momento aconteceu que, ponderando consigo mesmo o assunto, chama Agamêmnon e Menelau para revelar a situação, conforme o que decidira, e a aspiração de sua alma. De ambos teve como resposta que procedera de boa alma, pois em breve ele entraria na posse daquilo que, pedindo, não conseguira.<sup>392</sup> Ele parecia confiar nisso, porque o predomínio dos desígnios troianos já estava próximo do ocaso. O fato é que todas as cidades da Ásia haviam execrado a amizade dos priâmidas e nos ofereciam, por vontade própria, auxílio e aliança de guerra. Ao que nossos comandantes benevolmente respondiam que já eram suficientes as tropas presentes e não faltavam tropas auxiliares. Reconheciam, certamente, a amizade que espontaneamente ofereciam e a vontade deles era grata por todos. Evidentemente porque se acreditava que a confiança era

---

<sup>390</sup> Amor à primeira vista, tópico muito caro ao romance antigo. Em *De Excid.* XXVII, a expressão é ainda mais incisiva: *Polyxenam contemplatur, figit animum, amare vehementer eam coepit.* Acerca desse amor entre Aquiles e Polixena, Cf. PHILOSTR. *Her.* XX, 16; Serv. ad *Aen.* VI, 57; III. 222; HYG. *Fab.* 110. Ademais, sobre a aparência física da jovem, Cf. *De Excid.* 12.

<sup>391</sup> A saber, Agamêmnon e Menelau. Cf. *Eph.* I, 1.

<sup>392</sup> Ou seja: uma vez tomada Troia, Aquiles poderia ficar com Polixena.

hesitante, os ânimos pouco considerados e que não havia mudança súbita sem dolo.<sup>393</sup>

[4] E já passados os meses de inverno começara a primavera, quando os gregos, dando ordens de que todo soldado estivesse armado, sem demora, sendo dado sinal de guerra, avançam seu exército e o organizam nos campos. E o mesmo, não mais lentamente, era feito pelos troianos. Assim, quando ambas as linhas de batalha estavam organizadas, avançaram e chegaram a uma distância menor que a de um arremesso de dardo. E cada qual encorajando os seus, foram à lida. As cavalarias posicionaram-se ao meio e, por causa disso, foram elas as primeiras a avançar.<sup>394</sup> E primeiramente, então, os nossos reis e os reis dos inimigos, tendo montado nos carros e cada um tendo tomado para si um auriga para conduzir os cavalos, lançaram-se à guerra. Mas o primeiro dentre todos a investir foi Diomedes: matou Pirecmes, rei dos peônios, ferindo-o na frente com uma lança.<sup>395</sup> Em seguida mata outros, que o rei tinha consigo como guardas, por causa de seu valor. Esses, tendo se aglomerado entre si, tinham ousado resistir. Parte deles os derrotou à distância, com o dardo; outros os aniquilou, atropelando-os ao passar pelo meio deles com o carro. Depois Idomeneu, tendo Meríones aos cavalos, abateu Acamante, rei dos trácios. Enquanto este caía, com o dardo contra ele corre Idomeneu e assim o matou.<sup>396</sup> Mas como, situado em outra parte, Heitor compreende que suas fileiras centrais estavam sendo postas em fuga, e como lutava com soldados bem dispostos e bastante destemidos, ocorreu em auxílio dos que passavam aquele aperto, tendo Glauco consigo, e também Deífobo e Polidamante. E não há dúvida de que aquela parte dos inimigos teria sido destruída pelos reis supracitados, se, com a sua chegada Heitor não coibisse os nossos de avançar ainda mais, e os seus, de fugir. E assim, diante dos que haviam chegado posteriormente, reprimido o passo, os gregos pararam, impedidos de dar morte aos que restavam.

[5] E, sem demora, conhecido por todo o exército como se dera o prélio, os demais comandantes, que se haviam colocado firmemente naquela parte em que cada um lutara, de todos os lugares para ali confluíram. Tornaram-se mais densas ambas as linhas de batalha, e reiniciou-se o prélio. Assim, Heitor quando entendeu que a maior parte dos seus estava presente e que ele estava bem

---

<sup>393</sup> Em outras palavras, os chefes gregos temiam que as nações da Ásia viessem a mudar novamente de ideia e, assim, trai-los.

<sup>394</sup> Aparentemente é um anacronismo de Septímio e talvez também do autor grego, uma vez que no universo homérico os cavalos só eram usados atrelados a carros (LELLI, 2015, p. 567-568), como descrito na sentença seguinte em *Ephemeris: Tumque primum reges nostri atque hostium ascensis curribus bellum ineunt adscito sibi quisque auriga ad regendos equos*.

<sup>395</sup> Cf. Grimal, 2005, p. 375; *Il.* II, 848-850. Na *Ilíada* (XVI, 284-290), é Pátroclo, em sua *aristeia*, a ferir e matar Pirecmes com um golpe de lança no ombro direito.

<sup>396</sup> Sem Idomeneu, porém, na *Ilíada* (XVI, 284-290).

protegido, ergueu os ânimos. Depois, com grande clamor, chamando cada um pelo nome, exorta-os a baterem-se com o inimigo de modo ainda mais confiante; e, tendo ele mesmo avançado por dentro da linha de batalha, feriu Diores e Polixeno,<sup>397</sup> e outros, que muito incansavelmente lutavam. Mas quando Aquiles percebe que Heitor estava assim pronto a combater contra o inimigo, ao mesmo tempo desejou ir ao socorro daqueles contra os quais Heitor guerreava. E, lembrando-se da repulsa que o rei troiano pouco antes lhe dirigira em relação à Polixena, tendo avançado em direção ao centro, abate num confronto corpo a corpo aquele que se lhe opusera a fim de impedi-lo, Pilémenes, o rei dos paflagônios, o qual não era estranho à linhagem dos priâmidas.<sup>398</sup> Conta-se que, de fato, era ele também um daqueles que remontavam à memória do filho de Agenor, Fineu, do qual também Olizones era filha. Esta, depois de crescida, fora dada em matrimônio a Dardano.

[6] De resto, depois Heitor vê que a marcha tendia em sua direção, tendo lembrado as causas do ódio, e não ousando experimentar algo para além do arrebatamento daquele homem, retira-se em fuga da linha de batalha. E então Aquiles, tendo-o seguido o quanto a linha de batalha dos inimigos permitia, por fim matou o seu auriga com um lançamento de dardo, depois do que Heitor, abandonando o carro, escapa por outro lado.<sup>399</sup> Depois, doendo-se porque fugira de suas mãos o seu inimigo mais odiado, pela segunda vez enfureceu-se com maior veemência e, tendo extraído o dardo do corpo do auriga, matou os que vinham ao seu encontro e aos caídos, quando outros atacava, esmagava-os pisando-os por cima deles. Em meio à situação tão trépida, enquanto todos fugiam, Heleno, tendo procurado ocultamente um lugar de onde feri-lo, quando encontrou, atravessa a mão de Aquiles, de longe e de improviso, com uma seta. E assim, o homem mais notável das ações de guerra, com cuja chegada aterrorizara e afugentara Heitor, que levava à extinção muitos mortais, incluindo os comandantes, que às escondidas e ocultamente fora ferido, cessa as operações de guerra naquele mesmo dia.

[7] Nesse ínterim, Agamêmnon e junto dele os dois Ajaces, entre outra carnificina de desconhecidos, mataram grande número dentre os filhos de Príamo. Agamêmnon mata Ésaco juntamente com Deiópites, Arquémaco, Laudoco e Filénores. Ajax Oileu e Ajax Telamônio

<sup>397</sup> Cf. *Eph.* I, 17; *Il.* II, 615-24.

<sup>398</sup> Cf. *Eph.* II, 35; *Il.* II, 851. Na *Ilíada* (V, 576-80), é morto por Menelau. Segundo Grimal (2005, p. 374), apesar de morto no canto V, participa do cortejo fúnebre de seu filho Harpálion no canto XIII da *Ilíada*.

<sup>399</sup> Pressupõe-se que essa passagem seja uma reminiscência da cena homérica no canto XXII, 135-231, da *Ilíada* (LELLI, 2015, p. 572). Na *Ilíada* (XVI, 726-54), o auriga é Cebríones, irmão bastardo de Heitor, morto por Pátroclo.



matarem Mílio, Astínoo, Doriclo, Hipótoo e Hipodamante.<sup>400</sup> No entanto, em outra parte da guerra, Pátroclo e o lício Sarpédon, que estavam nas alas do exército, sem nenhum dos parentes presentes, dado um sinal de combate entre si, marcharam sozinhos, sem uma linha de batalha. E sem demora lançados os dardos um contra o outro, com ambos tendo permanecido intactos, saltaram do carro e, sacados os gládios, cada qual avança de encontro ao opositor. E já haviam combatido golpeando muito um ao outro, e não sendo nem um nem outro ferido, e muito do dia já haviam empregado, quando Pátroclo, tendo pensado que deveria ousar ainda mais, recolheu-se atrás do escudo e, tendo se protegido com mais cautela e marchando em frente, conteve o inimigo cortando seu jarrete com a mão direita. Impulsiona com seu corpo aquele<sup>401</sup> agora debilitado por tal ferimento e inválido em razão dos nervos cortados e o mata enquanto caía.<sup>402</sup>

[8] Quando disso se aperceberam os troianos que estavam por perto, levantam um clamor com grande lamentação. Abandonadas as ordens, dado um sinal, voltam às armas contra Pátroclo, convencidos evidentemente de que, com a morte de Sarpédon, dar-se-ia uma matança generalizada. Contudo, Pátroclo, prevendo o movimento dos inimigos, rapidamente apanhou o dardo que estava ao chão e, uma vez armado, resiste ainda mais audaciosamente. Então, atacando em luta corpo a corpo, fere Deífobo na tíbia com a lança e então o obriga a retirar-se da linha de batalha, tendo antes matado o irmão dele, Gorgítiones.<sup>403</sup> E não muito depois, com a chegada de Ájax, os demais foram derrotados. Nesse ínterim, informado sobre tudo o que acontecera, Heitor chega inesperadamente e, sem demora, restabelece em ordem a sua linha de batalha diante daquela situação, tendo censurado os comandantes e tendo recuperado a maior parte dos que se haviam desabalado em fuga. Assim, com a presença dele, elevam-se os ânimos e inflama-se o prélio. Então, verdadeiramente, tendo os ilustres comandantes de ambas as partes fortificado o exército, as linhas de batalha se debatem, ora aqui, ora lá, com uns recuando, outros atacando, e, quando uma linha de frente vacilava, os reforços acorriam. Entretanto, de um e outro exército numerosos soldados caem e a sorte da guerra não se altera. Mas depois as tropas haviam intentado

---

<sup>400</sup> Passando ao largo da descrição da *aristeia* individual, Díctis apenas cita os homens pelo nome (LELLI, 2015, p. 573). Na *Iliada*, Deiópites (XI, 420) é morto por Ulisses; Astínoo (V, 144), por Diomedes; Doriclo (XI, 489-90); por Ájax; Hipótoo (XXIV, 251) e Hipodamante (XX, 400-406), mortos por Aquiles; Ésaco, no entanto, não consta em Homero, mas em Apolodoro (*Bibl.* III, 12, 3), como filho de Príamo, dotado de dons divinatórios (CABRAL, 2013, p. 114; Cf. OV., *Met.* XI, 749-795).

<sup>401</sup> A saber, Pátroclo empurra Sarpedón.

<sup>402</sup> Na *Iliada*, Sarpédon, filho de Zeus/Júpiter, é morto durante a sua *aristeia* de Pátroclo (*Il.* 16,419-683). Os prelúdios divinos da morte do comandante lício contidos no poema homérico (Cf. *Il.* 16,431-61) são totalmente suprimidos em *Ephemeris* (LELLI, 2015, p. 573).

<sup>403</sup> Na *Iliada*, Gorgítion era filho de Príamo com Castianeira e acaba morto por flecha de Teucro (Cf. VIII, 302-3).

durante boa parte do dia em guerra, mais e mais se cansavam e era já a tarde do dia; querendo um e outro lado, iam-se retirando da batalha.

[9] Então, junto a Troia, tudo se encheu de luto e de lamento. Todos, e principalmente as mulheres, choravam abundantemente em volta do cadáver de Sarpédon. Nenhum outro caso tão penoso, nem mesmo a morte dos priâmidas, ocupara o coração de todos como o pesar por ele. Tinham naquele homem tanta segurança que com sua morte acreditavam ter sido levada a esperança.<sup>404</sup> Já os gregos, tendo voltado para o acampamento, antes de tudo visitam Aquiles. Perguntando-lhe sobre seu ferimento e, quando veem que ele se movimenta sem dor, felizes, por fim, começam a contar os valentes feitos de Pátroclo. Depois, seguindo a ordem, vão encontrar os demais que tinham sido feridos. E assim, tendo todos sido visitados, cada qual se retirou para sua tenda. Nesse ínterim, na volta de Pátroclo, Aquiles exaltou-o com elogios, depois o advertiu a que se lançasse com ainda mais veemência sobre os inimigos também no restante daquela guerra, em memória das coisas que já havia levado a cabo. Desse modo, passou-se a noite. E ao amanhecer, recolhido os cadáveres de seus companheiros, cada um dos lados cremou-os em uma pira, depois os sepultou. Mas, depois de alguns dias, os cansados e os feridos se reestabeleceram, tornando-se oportuno dispor em ordem as armas e colocar as tropas em atividade.

[10] Mas os bárbaros, segundo seu péssimo costume, não querendo nenhuma organização, nem outra coisa senão confusão e armadilhas, às escondidas e antes do tempo, saíram para precipitar o combate. E, então, lançavam um clamor grosseiro à maneira de um desmoronamento<sup>405</sup> ao mesmo tempo em que também lancetam os dardos contra os inimigos ainda desarmados e, naquele momento então, ainda desorganizados. Morreram, assim, muitos dos nossos, dentre os quais o beócio Arcesilau e Esquédio dos crisseus, ambos ótimos comandantes.<sup>406</sup> Quanto aos demais, a maior parte estava ferida. Meges também estava e Agapenor; aquele era comandante dos equínados, e Agapenor era da Arcádia. Em meio à tão horrenda situação com tão grande mudança das circunstâncias, Pátroclo avança para vencer a sorte da guerra. Enquanto exortava os seus ao mesmo tempo em que atacava aos inimigos de modo mais exposto do que é o costume da

---

<sup>404</sup> Sarpédon e Heitor são, respectivamente, os baluartes do exército troiano e aliado e com praticamente a mesma expressão se descreve a morte de ambos: Sarpédon (*Eph. III, 9*) *et interfecto spes ablata credebatur*; Heitor (*Eph. III, 16*) *nullam salutis spem interempto Hectore in animo habere*.

<sup>405</sup> Deformidade e assimetria em gestos ou composições é, na visão do narrador Díctis, tipicamente da cultura bárbara e, por esse motivo, eles mostravam-se menos civilizados. Cf. *Eph. IV, 5* (*horrendam belli faciem*). Nesse mesmo sentido, a lapidação e a mutilação são mortes afligidas pelos gregos que menosprezam o inimigo, e.g. as mortes de Polidoro em *Eph. II, 27*, e Déifobo em *Eph. V, 12*, além do próprio vilipêndio do corpo de Heitor, episódio homérico constante em *Eph. III, 15* (adjetivado como *genus poenae novum miserandumque*).

<sup>406</sup> Cf. *Il. XV, 329, 515*.

guerra, cai ao chão golpeado pelo dardo de Euforbo.<sup>407</sup> E imediatamente Heitor voando surpreendeu-o e, já em cima dele, perfura-o com muitas feridas;<sup>408</sup> e, sem demora, esforçou-se para tirá-lo do combate, evidentemente querendo, como é próprio da insolência de sua gente, ultrajá-lo por meio de todo o tipo de desonra.<sup>409</sup> Quando o fato chegou ao conhecimento de Ajax, esse deixou o lugar onde lutava, acorreu às pressas e, com sua lança, golpeia aquele que começava já a arrastar o cadáver.<sup>410</sup> Nesse ínterim, Euforbo, tendo sido cercado com a máxima intensidade por Menelau e, pelo outro lado, por Ajax, acaba pagando com a sua morte as penas do assassinato do comandante como se fosse o responsável.<sup>411</sup> Depois, ao passo que a tarde ia caindo, o combate ia se resolvendo mal, com desonra para muitos dos nossos mortos.

[11] Mas, depois ambas as linhas de frente se haviam recolhido e as nossas tropas já estavam em segurança, todos os reis juntos vão ter com Aquiles, que estava desfigurado pelas lágrimas e também por todas as preces de súplica e lamentação. Ele, umas vezes se prostrou na terra; agora se lançando sobre o cadáver, a tal ponto tocara os ânimos dos demais, que também Ajax, que ali estivera para consolá-lo, em nada mitigou o luto.<sup>412</sup> Não só a morte de Pátroclo incutira em todos aquela desmedida lamentação, mas principalmente a recordação dos ferimentos por todos os locais pudicos do corpo, péssimo exemplo que então primeiramente visto por mortais, nunca antes pelos gregos presenciado.<sup>413</sup> Os reis, então, com muitas preces e todo tipo de consolação, finalmente soerguem Aquiles que estava prostrado por terra. Depois de purificado o corpo de Pátroclo, sem demora o cingiram com uma veste, sobretudo para cobrir as feridas, as quais, de

---

<sup>407</sup> Outrossim, *Il.* XVI, 805ss.

<sup>408</sup> Cf. *Il.* XVI, 818-867 e XVII, 125-127. Assim como na *Ilíada*, Pátroclo é primeiro ferido por Euforbo, depois exterminado por Heitor.

<sup>409</sup> Em conformidade com a atitude xenofóbica do narrador, já acentuada em outras partes.

<sup>410</sup> Cf. *Il.* XVII, 128-139.

<sup>411</sup> Cf. *Il.* XVII, 53-60, mas apenas Menelau. Além disso, como salientaram Vega e López (2001, p. 238), Euforbo participa como coadjuvante na morte de Pátroclo, sendo Heitor o senhor do golpe fatal.

<sup>412</sup> Na *Ilíada* (XVIII, 1-21), é Antíloco que leva a notícia da morte de Pátroclo a Aquiles, mas a reação do herói é semelhante (XVIII, 22-35: “e uma nuvem negra de dor se apoderou de Aquiles. / Levantando com ambas as mãos a poeira enegrecida, atirou-a por cima da cabeça e lacerou seu belo rosto. / Sobre a sua túnica perfumada caiu a cinza negra. / E ele próprio, grandioso na sua grandiosidade, jazia / estatelado na poeira e com ambas as mãos arrancava o cabelo.”; trad. Fred. Lourenço).

<sup>413</sup> A correlação entre a presente morte de Pátroclo e a posterior morte de Heitor fica patente na descrição dos ferimentos de ambos. Certamente há nessa atitude de Heitor algo de bárbaro para os gregos, como já salientado em outras notas. Especificamente, pode-se perceber uma referência ao rebaixamento da masculinidade do guerreiro morto e, por extensão, de todos os guerreiros gregos inimigos. Não se pode, contudo, cogitar também uma atitude homofóbica, trazida à mente pela famosa possibilidade de haver uma relação homoafetiva e sexual entre Pátroclo e Aquiles, pois em *Ephemeris* faltam elementos claros para comprová-la. Assim, do mesmo modo que a desfiguração de Pátroclo foi *exemplum numquam antea a Graecis solitum*, a de Heitor também o será *genus poenae novum miserandumque* (*Eph.* III, 15).

diversas maneiras infligidas, eram observadas não sem uma grande lamentação.

[12] Feito isso, manda-se que guardas ficassem de vigia, cuidando para que os inimigos não se lançassem sobre nós, como eles costumavam, enquanto estivéssemos, ocupados com as coisas em torno do funeral.<sup>414</sup> E, assim, cada um cuidando das tarefas a si atribuídas, pernoitaram armados junto a muitas fogueiras. E, ao nascer do dia,<sup>415</sup> pareceu bem que, entre todo o efetivo de comandantes, cinco deles fossem ao monte Ida para cortar madeira na floresta com a qual se cremar Pátroclo, uma vez que por todos fora decidido dar caráter público a seu funeral. Foram, assim, Jalmeno, Ascalafo, Épio e o outro Ájax juntamente com Meríones.<sup>416</sup> E, sem demora, Ulisses e Diomedes dimensionam o lugar destinado à pira com cinco lanças de comprimento e outras tantas de largura.<sup>417</sup> Transportada, depois, abundância de lenha, constrói-se a pira. Colocado o cadáver em cima e fogo na parte inferior, cremam-no adornado com todo o decoro de uma preciosa veste.<sup>418</sup> De fato, dessa ornamentação se ocuparam Hipodâmia e Diomedea,<sup>419</sup> das quais por aquele jovem Diomedea fora muito amada, com todo o afeto.<sup>420</sup>

[13] Ademais, poucos dias depois, com os comandantes refeitos de seu esforço de vigilância, logo ao amanhecer, o exército saído a campo durante todo o dia ficam armados aguardando a chegada dos bárbaros. Esses, olhando de cima dos muros, depois viram os nossos preparados para o

---

<sup>414</sup> Ao contrário do que ocorre na *Ilíada*, o cadáver de Pátroclo é imediatamente preparado para o funeral. Em Homero, no entanto, Aquiles deseja vingar a morte do amigo antes de sepultá-lo (*Il.* XVIII, 333-335), mas guardava receio de que o cadáver de Pátroclo fosse tomado por bichos, sobre o que sua divina mãe o despreocupou, assegurando-lhe que zelaria do corpo e o deixaria intacto até que se cumprisse o desejo do filho (*XIX*, 1-39). Após conseguir completar a sua vingança, Aquiles promove o funeral de Pátroclo (*Il.* XXIII, 257-897).

<sup>415</sup> *At lucis principio*, expressão muito presente nesta narrativa, tem paralelo com o formulismo de Homero (PEREIRA, 1984). A exemplo, leia-se: “Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos” (*Il.* I, 477; trad. Fred. Lourenço). O primeiro texto remonta à historiografia, o segundo, à épica.

<sup>416</sup> Cf. *Il.* XXIII 110-127.

<sup>417</sup> “dimetiuntur quinque hastarum longitudine totidemque in transversum.”. É difícil estipular paralelos entre o tamanho da lança grega e o da romana (DUHAIME, 2004, p. 89), dada as variações possíveis, mas se compreende que a dimensão da *hasta* romana estaria entre um metro e meio a dois metros (CURRIER, 1976, p. 50-51). A medida que consta na *Ilíada* é a seguinte: “Fizeram uma pira **de cem pés em cada direção**” (*Il.* XXIII, 164; **grifos nossos**).

<sup>418</sup> Não consta em *Ephemeris* a dificuldade em cremar o corpo de Pátroclo e a intervenção dos ventos Bóreas e Zéfiro mediante a súplica de Aquiles, episódio sobrenatural da *Ilíada* (XXIII, 192 – 216).

<sup>419</sup> Segundo Troca Pereira (2016), esse fato é original de *Ephemeris*. Cf. *Eph.* II, 16, 19. No entanto, o amor entre Diomedea pode ter tido inspiração em uma passagem da *Ilíada* (XIX, 282-300), em que é Briseida a relembrar a bondade do jovem (LELLI, 2015, p. 578).

<sup>420</sup> Para além da carência de elementos que comprovem uma relação homoafetiva entre Pátroclo e Alexandre, em *Ephemeris* se reafirma a heterossexualidade de ambos, Aquiles com Polixena, Pátroclo com Diomedea. E não sem razão, pois Díctis dá mais que um exemplo de apelo ao masculino em detrimento do feminino. Cf. *effeminati* em *Eph.* II, 46; comentário sobre Pentesileia em IV, 3; tratamento dispensado a Hécuba, V, 16; comentário sobre Egíale e Clitemnestra em VI, 2.

combate, naquele mesmo dia adiaram a luta. E assim, ao pôr do sol, os gregos retornaram aos navios. Por outro lado, mal principiava o dia, os troianos, convencidos de que naquele momento os gregos estariam fora de formação, voam armados às portas, sem ponderação e com audácia, conforme antes já haviam demonstrado. E atacam ao redor da trincheira, com insistência, lançando dardos mais numerosos do que com eficácia para os nossos, preparados para rechaçar tantos golpes. Assim, quando se percebe que muito do dia se passara e os bárbaros já estavam cansados de energicamente lançar dardo e não mais o faziam tão veementemente, de nossa parte, em conjunto, realizamos uma investida, e incursando contra o lado esquerdo nós os derrotamos e os colocamos em fuga. E não muito depois, do outro lado os bárbaros já se recusavam à luta e sem dificuldade alguma empreendem fuga.

[14] E, assim numerosos bárbaros, quando voltaram as costas, horripelmente e como covardes, foram pisados por seus perseguidores e, por fim, foram mortos por eles.<sup>421</sup> Dentre as vítimas estavam Ásio, filho de Hirtaco, e juntamente a Hipótoo, Pileu; reinavam estes sobre Lariseus, Ásio sobre Sesto.<sup>422</sup> E, naquele mesmo dia, por Diomedes foram capturados doze homens vivos;<sup>423</sup> por Ájax, quarenta. Capturados foram também os priâmidas Piso e Evandro. Nessa batalha, de entre gregos foi morto Guneu, rei cífio;<sup>424</sup> também, foi ferido Idomeneu, nosso comandante.<sup>425</sup> Ademais, quando os troianos entraram por entre seus muros e fecharam as portas, findou-se o ataque. Os nossos, tendo espoliado os cadáveres dos inimigos de suas armas e tendo-os levado ao rio, ali os lançam dentro, lembrados da insolência dos bárbaros há pouco cometida contra Pátroclo. Depois, levam para Aquiles todos os cativos, em ordem, de acordo com quem os havia capturado. E, tendo ele extinguido já as cinzas com muito vinho,<sup>426</sup> reuniu os restos mortais de Pátroclo em uma urna, pois decidira no fundo do peito levá-lo consigo a solo pátrio ou, se a fortuna mudasse no que lhe dizia respeito, ser colocado em uma única e mesma sepultura com o

---

<sup>421</sup> Essa sequência narrativa mostra a estratégia troiana (embora frustrada) de pegar desprevenido o exército inimigo, o que pode ser considerado *modum inbellium*, no adjetivo empregado por Díctis, que além de abranger o caráter “covarde” significa “não apto à guerra”, condizente com o tratamento que o narrador dispensa aos troianos.

<sup>422</sup> Sobre esses homens na *Ilíada*, cf. Ásio, XIII,383-93; Hipótoo, XVII, 288-303; Pileu, II, 840-3.

<sup>423</sup> Na versão de Homero, é Aquiles a realizar essa proeza. Cf. *Il.* XXI, 26-28. O número doze também tem caráter cabalístico e serve para saldar “o preço do morto Pátroclo, filho de Menécio” (*Il.* XXI, 28; trad. Fred. Lourenço).

<sup>424</sup> Cf. sua colocação entre os aliados na *Ilíada* II, 748.

<sup>425</sup> Ferimento sem paralelo com o texto de Homero (TROCA PEREIRA, 2016).

<sup>426</sup> O mesmo ato na *Ilíada* (XXIII, 250-251).

seu amigo mais amado de todos.<sup>427</sup> E assim, aqueles cativos que lhe foram ofertados — juntamente também ali estavam os filhos de Príamo — foram conduzidos até a pira. Ali mesmo manda que, afastando-se bastante das cinzas, sejam eles degolados como forma de oferenda aos manes de Pátroclo.<sup>428</sup> E sem demora lança os príncipes para serem dilacerados por cães<sup>429</sup> e assegura<sup>430</sup> que ele não deixaria de dormir no chão antes que tivesse vingado tamanho luto com o sangue do responsável.<sup>431</sup>

[15] Mas não eram passados muitos dias quando, de repente, chegou a notícia de que Heitor junto com uns poucos companheiros estava indo ao encontro de Penteseleia.<sup>432</sup> Com as amazonas, essa rainha chegara para auxiliar Príamo, não se sabe ao certo se por algum pagamento ou se por desejo de guerrear. Povo belicoso e, por isso, indômito para com os vizinhos; entre os mortais, famoso pelo aspecto de suas armas. Assim, Aquiles, levando consigo uns poucos companheiros confiáveis, às pressas avança para preparar uma emboscada e passa à frente do inimigo, então negligente de sua própria segurança. Cercam-no precisamente quando começava a travessia de um rio. Assim, contra toda expectativa, mata o príncipe e também todos que o acompanhavam, os

<sup>427</sup> Na *Ilíada* (XXIII, 59-92), é a própria alma de Pátroclo a reclamar a Aquiles em sonho que fossem ambos sepultados juntos. Estas são suas palavras: “Que os ossos de nós dois uma só urna acolha / dourada e de asa dupla, que te deu tua excelsa mãe.” (XXIII, 91-92; trad. Fred. Lourenço).

<sup>428</sup> Na *Ilíada* (XXIII,175), também Aquiles degola os homens que havia capturado.

<sup>429</sup> Essa pena aos filhos de Príamo não consta em Homero, apesar do propósito de Aquiles aplicar essa punição a Heitor nos versos 182-183 do canto XXXIII (VEGA e López, 2001, p. 286). Contudo, essa espécie de punição (*canibus dilaniandos*) não é estranha em *Ephemeris* e consta também no episódio da morte de Penteseleia (Cf. *Eph.* IV, 3; *canibus dilanianda iaceretur*). Relaciona-se com os tópicos do “não-sepultado” e da desfiguração do corpo.

<sup>430</sup> Semelhante à promessa e à atitude de Aquiles presente na *Ilíada*, XIII, 42-47.

<sup>431</sup> A saber, Heitor. Assim, com a rejeição da mão de Polixena somada à morte do amado Pátroclo, Aquiles promete vingar-se matando o príncipe troiano. Na tradição homérica, somente a morte de Pátroclo é o estopim da fúria de Aquiles.

<sup>432</sup> Na tradição mítica, Penteseleia é filha de Ares/Marte, deus da guerra, e de Otrera (GRIMAL, 2005, p. 366). É conhecida a rainha de povo belicoso formado exclusivamente de mulheres, as amazonas, que em grego, ἄμαζόνες, tem como sentido etimológico “as que não têm seio” (MELO, 2012, 330), pois praticavam um processo de amputação desde a infância para que, sem o seio direito, pudessem manipular melhor o arco (MARTÍNEZ, 2014, p. 173), conforme atestam Diodoro Sículo (II, 45,3) e Virgílio (*Eneida*, I, 491-493: Penthesilea furens, mediisque in milibus ardet, / aurea subnectens exsertae cingula mammae, / bellatrix, audetque viris concurrere virgo.). A referência às amazonas também se encontra no texto homérico (cf. *Il.* III,188-189; VI,186) embora não nomeie Penteseleia, são assim caracterizadas: “chegaram as Amazonas, iguais dos homens” (III, 189; trad. Fred. Lourenço). Em outros textos da literatura (*Eumênides*, de Ésquilo, 681-693 e Lisístrata, de Aristófanes, 672-679) e na iconografia, as amazonas representam, em certa medida, uma ameaça do gênero feminino ao controle social masculino (LELLI, 2015, p. 605). Cf. Etiópicas, Escól. a *Il.* III, 189; HYG. Fab. 112; Serv., ad Virg., *Aen.*, I, 491. Cf. Crest. 172; Hig.; IG XIV 1284 I 10 e IG XIV 1285; QUINT. SM., *Posth.* (20-32), DIOD.SIC. Sic. II, 46.

quais ignoravam uma emboscada dessa natureza.<sup>433</sup> E, contudo, um dos filhos de Príamo que fora aprisionado, ele o reenviou, sem demora, com as mãos decepada à cidade para anunciar os feitos que ele próprio cometera ao matar seu maior inimigo. Então, enfurecido pela memória da dor, sem demora, espoliando o inimigo das armas e amarrando juntos os dois pés, liga-o à parte posterior de seu carro com um laço. Depois, quando ele mesmo sobe, ordena a Automedonte que chicoteasse os cavalos. E assim, saindo com o carro a toda velocidade pelo campo, por onde melhor pudessem ser vistos, voava à frente do inimigo que em círculos arrastava de modo assombroso, um novo e miserando tipo de pena.<sup>434</sup>

[16] E, junto a Troia, quando de cima dos muros perceberam os espólios de Heitor, que os gregos, conforme ordem do rei, apresentam diante dos olhos dos inimigos, e o filho de Príamo, enviado antes por Aquiles, dá a notícia de como o fato se dera. De todos os lados tamanho luto derrama-se por toda a cidade e também um clamor com o qual, acreditava-se igualmente as aves consternadas com o vozerio despencavam do alto,<sup>435</sup> enquanto os nossos não cessavam de clamar com insultos. E, sem demora, por toda parte a cidade se fecha em suas portas. O hábito do reino desfigurou-se e a face da cidade passa a um modo lúgubre e funesto. Assim como costuma ocorrer diante de uma notícia tal, de repente irrompe uma correria de gente amedrontada para aquele mesmo local e imediatamente, sem nenhuma razão certa, corre-se em fuga por lugares diversos. Ora numerosos prantos; às vezes, sem um porquê, silêncio na cidade inteira. Entre esses acontecimentos e as esperanças já extremadas, acreditavam que, quando viesse a noite, imediatamente os gregos invadiriam as muralhas e destruiriam a cidade, seguros pela morte de tão grande comandante. Também, muitos tinham como confirmado que Aquiles anexara às suas fileiras aquele exército que com a comandante Pentésiléia viera em auxílio aos reveses de Príamo. Por fim, tinham no

<sup>433</sup> Diferente da versão na *Ilíada* (II. XXII 247-3710, mais heróica, em que Aquiles e Heitor lutam em combate individual.

<sup>434</sup> De modo semelhante é descrito na *Ilíada* (XXII, 395-405). Deve-se ter em mente que, na sequência narrativa de *Ephemeris*, esse vilipêndio do corpo de Heitor se torna uma resposta à altura do flagelo infligido ao seu amado Pátroclo e esse paralelismo se encontra até mesmo no nível linguístico: caracterização da morte de Pátroclo, *exemplum numquam antea a Graecis solitum* (Eph. II, 11), e a de Heitor, *genus poenae novum miserandumque* (Eph. III, 15).

<sup>435</sup> A dor individual e parental na *Ilíada* nas figuras de Príamo, Hécuba e Andrômaca (XXII, 405-515) é transformada em *Ephemeris* uma aflição coletiva (VEGA e López, 2001, p. 288; LELLI, 2015, p. 582). A hiperbólica cena da morte dos pássaros não encontra paralelo em Homero. Na cultura antiga as aves eram fonte fértil de símbolos e motivos para formulação de mito, folclore e fábula e eram centrais para as antigas práticas de augúrio e adivinhação (MYNOTT, 2018). Presente em diversas obras, como na peça *As Aves*, de Aristófanes, e na obra mitográfica *Metamorfoses*, de Ovídio, os pássaros têm a potencialidade de representar a alma humana (ROQUE, 2010), o que permite perceber em *Ephemeris* a queda das aves como uma analogia da desesperança coletiva ao mesmo tempo em que, apesar de explicar pela razão física (*aves consternatae vocibus*) e manter uma distância objetiva (*crederentur*), o narrador descreve um portentoso que exprime a desgraça futura dos troianos sem o valoroso Heitor.

espírito que tudo era adverso, hostil; que as riquezas tinham sido violadas e roubadas; que com Heitor morto não tinham nenhuma esperança de salvação, pois somente ele, de todos naquela cidade, contra tantos milhares de comandantes e vários inimigos, combatera sempre vitoriosamente. A esse homem, ínclito entre os povos por causa de sua fama de guerreiro, as forças, contudo, nunca havia excedido à estratégia.<sup>436</sup>

[17] Nesse ínterim, junto aos gregos, quando Aquiles volta às naus e o cadáver de Heitor se torna o assunto de todos, a dor, que sentiram pouco antes por causa da morte de Pátroclo, abrandava-se um pouco por causa da morte do temeroso inimigo e, em razão disso, instalava-se a alegria que a superava. E, então, parece adequado a todos, uma vez ausente o medo do inimigo, que em sua honra fosse celebrado o costumeiro torneio de jogos.<sup>437</sup> E não por menos, contudo, a demais gente, que ora confluía não a fim de competir, mas para assistir, apresentou-se instruída em armas e preparada para evitar, evidentemente, que o inimigo atacasse por causa de seu habitual costume insidioso embora tudo estivesse desestruturado. Assim, Aquiles ordena estabelecer prêmios dos vitoriosos, os quais lhe pareciam os melhores. E depois nada mais faltava, exorta todos os reis a se assentarem juntos, ficando ele mesmo ao centro e no lugar mais alto entre eles. Então, primeiramente Eumelo é declarado diante todos vencedor nos cavalos em quadrigas,<sup>438</sup> Diomedes<sup>439</sup> vence os prêmios das bigas, e em segundo, depois dele, Menelau.<sup>440</sup>

[18] Ademais, para que se confrontassem aqueles que especialmente prevaleciam na arte do arco e flecha, Meríones e Ulisses erigiram dois postes, nos quais se atou atravessada uma linha tenuíssima que se estendia da ponta de um para a do outro. No meio, estava dependurada uma pomba com um cabo de esparto. O maior desafio era acertá-la.<sup>441</sup> Então, tendo os demais se esforçado inutilmente, Ulisses juntamente com Meríones cravaram o alvo. Como a esses se cumulava o favor público por parte do demais, Filoctetes promete cortar com uma flecha não a pomba, mas, na verdade, aquilo com que ela estava amarrada. Em seguida, admirados os comandantes com a dificuldade daquilo, ele confirmou a fé empenhada tanto com total sucesso

<sup>436</sup> Em outras palavras: Heitor era grande estrategista, lutando mais com a cabeça do que com o braço.

<sup>437</sup> Cf. *Il.* XXIII,257-897.

<sup>438</sup> Na *Ilíada* (XXIII, 532-565), é prêmio de consolação.

<sup>439</sup> Cf. *Il.* XXIII,538.

<sup>440</sup> Na *Ilíada* (XXIII, 541-611), Menelau vence por contestação. Ademais, não consta em Homero essa divisão em duas categorias de corrida de carro (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 290; LELLI, 2015, p. 584).

<sup>441</sup> Esse tipo de desafio encontra-se tanto em Homero (*Il.* XXIII,850-83) quanto em Virgílio (*VIRG. Aen.* V,485-544). Na leitura homérica, os únicos a competirem são Teucro e Meríones, com a vitória deste último, não contando com as intervenções de Ulisses e muito menos de Filoctetes, como narra Díctis (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 290). Díctis dá maior ênfase na disputa com arco enquanto em Homero a disputa com carros.



quanto com muita habilidade. Assim, rompido o cabo, cai a pomba acompanhada de grande aclamação do povo. Meríones e Ulisses levaram os prêmios dessa luta. Aquiles dá a Filoctetes um presente duas vezes mais valioso, fora do previsto.<sup>442</sup>

[19] Dentre os competidores em corrida de longa distância, considera-se Ajax Oileu vencedor, depois do qual, em segundo lugar, Polipetes.<sup>443</sup> Saíram vitoriosos: na corrida de campo duplo, Macaón; na de campo simples, Eurípilo; no salto Tlepólemo; e no disco Antíloco.<sup>444</sup> Os prêmios destinados ao combate permaneceram intactos, pois Ajax, agarrando Ulisses pelo meio do corpo, derruba-o; este, ainda caindo, enrosca-se aos pés daquele e, assim embaraçado e obrigado a se curvar, Ajax, já quase vitorioso, cai na terra.<sup>445</sup> Nas demais lutas, pugilismo e luta livre, o mesmo Ajax Telamônio leva a palma. Na corrida com armas, por fim, prevaleceu Diomedes.<sup>446</sup> Depois, quando acabam inteiramente os prêmios das competições, Aquiles oferta a Agamêmnon o maior de todos os presentes, porque a ele parecia honradíssimo,<sup>447</sup> depois a Nestor, em terceiro a Idomeneu; depois deles a Podalírio e a Macaón; depois aos demais comandantes segundo seu mérito; por fim aos companheiros daqueles que haviam morrido na guerra. A esses ele deixou estabelecido que, quando fosse oportuno, levá-los-iam aos parentes mais próximos deles junto a sua morada. Depois se deu fim às competições e às premiações e já era a tarde do dia, desceu cada um a sua tenda.

[20] Príamo, a quem a dor não facultara o decoro régio, nem o que restava da imagem de tamanho nome e fama, ao nascer do dia, miseravelmente coberto com uma veste lúgubre, com as mãos e rosto suplicantes veio até Aquiles,<sup>448</sup> acompanhado de Andrômaca cuja infelicidade não era menor que a dele. Ela, descomposta de modo vário, tendo diante de si os filhos bastante pequenos

---

<sup>442</sup> Segundo Vega e López (2001, p. 290), a atuação de Filoctetes e sua premiação pode ser uma reminiscência da admirável cena da flechada de Aceste na *Eneida* (V 519-540).

<sup>443</sup> Na *Ilíada* (XXIII 826-849), Polipetes vence o arremesso de peso.

<sup>444</sup> Da mesma forma que na corrida com carros, não há em Homero a duplicidade de categorias (LELLI, 2015, p. 586). Quem ganha a corrida no poema homérico é Ulisses. Cf. *Il.* XXIII 740-797.

<sup>445</sup> De modo bem semelhante se narra na *Ilíada*, XXIII, 700-39.

<sup>446</sup> Como observaram Vega e Lopez (2001, p. 291), em Homero se fala em luta com armaduras e não corrida. Cf. *Il.* XXIII 797-825.

<sup>447</sup> Esse presente gratuito, segundo opinião de Vega e López (2001, p. 291), tem relação com a passagem do canto XXIII 884-897 da *Ilíada*, em que Agamêmnon toma a frente na disputa de lança, mas Aquiles logo o presenteia sem que colocasse à prova sua habilidade. Além disso, consta em Homero que o único prêmio honorífico estava destinado a Nestor em consideração de sua avançada idade (XXIII, 617-623: “Já a penosa velhice pesa sobre ti.”, trad. Fred. Lourenço). As demais premiações constantes em *Ephemeris* são invenção de seu autor (LELLI, 2015, p. 587).

<sup>448</sup> Segue-se a ordem do texto homérico, cf. *Il.* XXIV 322-691.

Astíanax, a quem alguns chamavam de Escamandro, e Laodamante,<sup>449</sup> colocara-os à disposição do rei para ajudar na súplica, o qual, decrépito pelos grandes pesares e pela velhice, apoiava-se nos ombros de sua filha Polixena.<sup>450</sup> Depois, carruagens cheias de ouro e prata e vestes preciosas seguiam-no, enquanto os troianos, observando de cima do muro, acompanhavam com os olhos a comitiva do rei.<sup>451</sup> De repente, ao ver-se isso, da admiração nasce um silêncio e, sem demora, ávidos de saber as causas da vinda dele, nossos reis vão-lhe ao encontro.<sup>452</sup> Quando Príamo viu que eles vinham em sua direção, imediatamente prostrou-se diante deles e sobre a cabeça esparramava pó e as demais imundícies do solo. Depois pede que, condoídos de seus infortúnios, fossem com ele até Aquiles como suplicantes. Nestor, recordando a idade e a sorte dele, compadece-se; Ulisses, ao contrário, atacou-o com palavras ofensivas e trouxe à memória aquilo que, na assembleia junto a Troia, antes de assumida a guerra, ele mesmo contra os embaixadores dissera.<sup>453</sup> Depois essas coisas lhe foram anunciadas, Aquiles manda, por intermédio de Automedonte, que Príamo se aproxime dele, retendo ele mesmo a urna com os ossos de Pátroclo junto ao seu colo.<sup>454</sup>

[21] Assim, tendo os nossos comandantes entrado junto com Príamo, o rei agarrou com as mãos os joelhos de Aquiles,<sup>455</sup> dizendo: “Para mim, não és tu a causa de uma sorte dessa natureza, mas algum dentre os deuses,<sup>456</sup> esse que, quando devia compadecer-se de minha idade extrema, conduziu-a, já completamente sofrida e fatigada por tantos lutos de filhos, a provações desse tipo.

<sup>449</sup> Consta em Homero apenas Astíanax como filho de Heitor e Andrômaca. Seu nome é assim explicado no poema: “filho amado de Heitor, semelhante a uma linda estrela, / a quem Heitor chamava Escamândrio, embora os outros / lhe chamassem **Astíanax**; pois só Heitor era **baluarte de Ílion**”. (Il.VI, 401-403; trad. Fred. Lourenço; **grifo nosso**); de fato, a etimologia do nome Αστυάναξ significa “príncipe da cidade” (GRIMAL, 2005, p. 51).

<sup>450</sup> Substitui-se a companhia de Hermes/Mercúrio do texto homérico (Il. XXIV, 321-328) pela presença humana da esposa do morto, de seus filhos e, sobretudo, da paixão de Aquiles, Polixena. Essa mudança, se por um lado diminui o intervencionismo divino, por outro amplia o *pathos* da cena, aspecto amplamente explorado no diálogo travado entre Aquiles e o rei troiano. Essa companhia pode ser atestadas em outras fontes, como nos bizantinos e no *Heróico*, de Filóstrato (51, 3), assim como em uma gravura sobre um sepulcro do século II-III d. C. conservado no museu do Louvre (LELLI, 2015, p. 589).

<sup>451</sup> Príamo tenta garantir a comitiva não só com o poder da comisseração, como também com a presença de Polixena, de grande interesse de Aquiles, e igualmente com bens palacianos.

<sup>452</sup> Na *Ilíada* (XXIV, 445-477), no entanto, Príamo, por mediação de Hermes/Mercúrio, aproxima-se sem ser visto.

<sup>453</sup> Cf. *Eph.* II,21-6.

<sup>454</sup> A imagem de Aquiles com a urna de Pátroclo no colo aumenta o *pathos* da cena como se fizesse presente o próprio jovem morto diante do pai de seu algoz que pedia a permissão para enterrar seu filho.

<sup>455</sup> Na *Ilíada* (XXIV, 477-479): “Despercebido deles entrou o grande Príamo; acercou-se / e com as mãos agarrou os joelhos de Aquiles e beijou / as terríveis mãos assassinas, que tantos filhos lhe mataram.”

<sup>456</sup> Responsabilizam-se os deuses e se abona Helena, como Príamo também o faz na *Ilíada*, III, 164: “pois no meu entender não tens [Helena] culpa, mas têm-na os deuses”.

Pois eles,<sup>457</sup> confiados no seu reinado, por causa da juventude, quando sempre vivem para saciar os desejos dos ânimos de qual forma for, por arbítrio próprio maquinaram a perdição para si e também para mim. Ninguém duvida que a idade senil seja desprezível para a mocidade. Porque, se, com a minha morte, os demais filhos abrandarem crimes dessa natureza, eu também me apresento, se for conveniente, à pena de morte. Ao mesmo tempo, junto com este pouco espírito, tirarás deste pobre e alquebrado pelas tristezas todas as provações por causa das quais apresento, agora abatido, um infelicíssimo espetáculo aos mortais. Presente aqui estou de boa vontade. Nada suplico, ou se assim estiver em seu coração, tenha-me em custódia de escravidão. De fato já não me resta coisa alguma de minha sorte precedente, pois, com a morte de Heitor, perece todo o meu reino.<sup>458</sup> Mas se já saldei a toda a Grécia o bastante das penas por causa das más decisões dos meus com sangue de meus próprios filhos e com as minhas provações, tende compaixão por minha idade e, recordando-te dos deuses, volta os ânimos à piedade: concede pelo menos aos pequeninos que suplicam não a alma do pai, mas o cadáver. Acorra ao teu espírito a recordação de teu próprio pai, que dedicou todos os cuidados e vigílias em favor de ti e de tua integridade. Mas que, certamente, tudo lhe aconteça segundo seus votos, e que ele passe sua velhice de maneira muito diversa, não semelhante à minha.”<sup>459</sup>

[22] Entretanto, enquanto trazia essas coisas à memória, pouco a pouco afrouxou o ânimo e soltou os membros; depois, foi emudecendo, porque o espetáculo foi motivo para dor, absolutamente lastimável a todos que então ali estavam presentes. Depois, Andrômaca ajoelha os filhos pequeninos de Heitor diante de Aquiles, enquanto ela mesma em lamentável pranto pedia que lhe fosse ao menos concedido ver o cadáver do marido. Numa situação tão miseranda, Fênix levantou Príamo e exortou-o a recobrar o ânimo. Então disse o rei, quando restabeleceu um pouco o espírito, dobrados os joelhos e também com as duas mãos arranhando a cabeça: “Onde está agora aquela justa misericórdia que era particular junto aos gregos? Por acaso ela se limita contra Príamo?”

[23] E com todos já comovidos com a dor, Aquiles disse que teria sido conveniente que ele, desde o início, impedisse seus filhos desse crime que cometeram, e não permitisse ele próprio tornar-se partícipe de tamanho delito. Ademais, antes deste decênio não estava assim afatigado pela velhice a ponto de que pelos seus fosse olhado com desprezo, mas o desejo pelas coisas alheias

<sup>457</sup> A saber, os príncipes troianos.

<sup>458</sup> Com efeito, Heitor era considerado baluarte de Troia também na *Iliada* (Cf. VI, 403). Sobre a confiança que o povo depositava nesse comandante, Cf. *Eph.* II, 9; *Tantum in eo viro praesidium et interfecto spes ablata credebatur.*

<sup>459</sup> O apelo à lembrança de Peleu também é empreendido por Príamo em seu discurso na *Iliada* (XXIV,486-94).

dominaram os ânimos deles, e não por causa de uma só mulher, mas, cobiçando avidamente as riquezas de Atreu e também de Pélops, prosseguiram o rapto pelo mau costume.<sup>460</sup> Por isso, parecia justíssimo pagarem penas dessa natureza ou ainda piores. E, de fato, até aquele tempo, os gregos haviam obedecido a um ótimo procedimento nas guerras: qualquer um dos inimigos que uma batalha matasse, era seu costume devolvê-los para que fossem sepultados. Heitor, pelo contrário, ultrapassou o limite da maneira humana de proceder, tendo ousado retirar Pátroclo do combate evidentemente a fim de zombar e desonrar o seu cadáver, exemplo que limparia com os castigos e os suplícios deles, para que, a partir disso, os gregos e os demais povos, lembrados da vingança dele, respeitassem o costume da condição humana. Com efeito não foi por causa de Helena nem de Menelau que o exército, deixando para trás casa e filhos, longe da nação e ensanguentando-se com sangue do inimigo e o seu próprio, resistiam na campanha em meio aqueles momentos decisivos de uma guerra dessa natureza. Foi porque desejaram discernir se os bárbaros ou os gregos tornar-se-iam os supremos donos de tudo, ainda que fosse justa causa travar uma guerra por causa de uma mulher.<sup>461</sup> E, de fato, da mesma forma que eles próprios se alegravam com o roubo dos bens alheios, proporcionalmente havia dor máxima para aqueles que os perdiam. E, além disso tudo, invocou muitas imprecações infaustas e abomináveis, garantindo ele que, uma vez capturada Ílion, diante de todos reclamaria o castigo para tantas perpetrções com o sangue daquela por causa da qual ele, tendo deixado a pátria e seus pais, perdera também Pátroclo, o maior lenitivo de sua solidão.

[24] Depois, ele se levantou para ir se reunir com os supracitados comandantes. Para todos eles, a sentença foi uma e a mesma, evidentemente, ou seja, aceitos os bens que foram oferecidos, que ele concedesse o corpo inânime. À medida que isso pareceu suficientemente adequado, cada um afasta-se em direção à sua tenda. E, sem demora, à chegada de Aquiles, Polixena, lançando-se em direção aos joelhos dele, pela própria vontade, jura permanecer a seu serviço em troca da liberação do cadáver. O jovem ficou comovido a tal ponto com aquela demonstração que, inimicíssimo que fosse de Príamo e do reino dele por causa da morte de Pátroclo, então reconsiderando em relação ao filho e ao pai, não conseguiu segurar as lágrimas.<sup>462</sup> E assim, tendo

---

<sup>460</sup> O tópico da *avaritia* do próprio Príamo e de seus filhos é retomado em vários momentos, como no discurso de Antenor (*Eph.* IV, 22).

<sup>461</sup> Expõe-se a suposta verdadeira causa da guerra: a dominação geopolítica. A ideia de ser válida a luta entre duas nações em razão de uma mulher pode ser encontrada na narração dos raptos femininos em Heródoto (I, 1-4).

<sup>462</sup> A expressão *recordatione filii ac parentis*, conforme reportam Vega e López (2001, p. 296), pode ser lido em alguns códices como *filiae et parentis*, que se mostraria mais coerente com o contexto da passagem, referindo-se a Polixena e Príamo. Contudo, a expressão guarda reminiscência homérica (LELLI, 2015, p. 595), mesmo que

oferecido a sua mão, levanta Polixena, tendo antes indicado e mandado a Fênix que cuidasse de Príamo. Mas o rei responde que nada faria para remir seu luto e suas misérias presentes. Então Aquiles garantiu que não satisfaria os desejos dele sem que antes, melhorado seu aspecto, tomasse com ele também algum alimento. E assim o rei, tendo receio de que, com sua recusa, impedisse as coisas que pareciam já concedidas, decide fazer humildemente tudo aquilo que lhe fosse ordenado.<sup>463</sup>

[25] Assim, quando já havia se sacudido a poeira dos cabelos e havia se banhado todo, sem demora ele mesmo e aqueles com quem havia vindo são convidados pelo jovem a uma refeição. Depois, quando teve a certeza de que todos estavam satisfeitos, Aquiles fez o seguinte discurso: “Ó Príamo, relata-me agora qual terá sido o vosso grande motivo para que, mingando de vós mesmos as tropas militares dia após dia e agravando-se mais e mais as calamidades e as provações, penseis, contudo, em reter Helena<sup>464</sup> até o dia de hoje e não a rejeitaste como contágio de todo o infausto? Vós sabeis que ela traíra a pátria e os pais, e o que é o mais indigno de tudo, os seus sagrados irmãos.<sup>465</sup> De fato, eles, execrando o crime dela, nem sequer acordaram em participar desta campanha conosco, evidentemente para que não procurassem obter por si o regresso dela à pátria, nem sequer querer ouvir se estava incólume. Assim, quando a percebestes

---

modificado: “E ambos [Príamo e Aquiles] se recordavam: um deles de Heitor matador de homens / e chorava amargamente, rolando aos pés de Aquiles; / porém Aquiles chorava pelo pai, mas também, por outro lado, / por Pátroclo (*Il.* XXIV,511-2).

<sup>463</sup> Cf. *Il.* XXIV, 520-628.

<sup>464</sup> O historiador Heródoto, fazendo-se a mesma pergunta, após descrever diversas versões sobre o rapto de Helena, assim conclui: “Se essa princesa estivesse em Tróia, tê-la-iam entregue, certamente, aos Gregos, com ou sem o consentimento de Alexandre. Príamo e os príncipes da família real não eram tão desprovidos de senso, a ponto de pôr em perigo sua própria segurança, a de seus filhos e de sua cidade, a fim de que Alexandre permanecesse na posse de Helena. Mas, mesmo supondo que tinham tal propósito no começo da guerra, ao verem que pereciam tantos Troianos em cada combate travado com os Gregos e o sacrifício em vidas que a luta estava custando aos filhos de Príamo, teriam, se Helena estivesse realmente em seu poder, procurado pôr fim à contenda, devolvendo-a aos que a reclamavam. O próprio Príamo, mesmo que estivesse, como muitos afirmam, por ela apaixonado, não hesitaria em entregá-la aos Gregos para livrar-se de tantos males.” (HEROD. Hist. II, 120).

<sup>465</sup> Os irmãos gêmeos Castor e Pólux (ou Polideuces), conhecidos como Dióscuros, “filhos de Zeus” (GRIMAL, 2005, p. 123; Cf. APOLLOD. *Bibl.* III, 10, 6; 11, 1; 13, 7; OV. *Met.* VIII, 300; HYG. Fab. 80). O adjetivo *sanctissimus* (Cf. *sanctus*, FARIA, 1994, p. 489; OXFORD, 1968, p. 1687) aqui empregado pode ser interpretado de dois modos: pode-se considerar que se refere ao caráter divino que os gêmeos haveriam contraído quando falecidos; ou pode-se considerar a sua integridade moral, o que parece mais coerente com a sequência do texto e com a reminiscência homérica, quando Helena na *teleoscopia* não consegue enxergar seus irmãos perfilados juntos ao exército grego: “só não consigo ver dois condutores de hostes: / Castor domador de cavalos e o pugilista Polideuces, / meus irmãos, que minha mãe deu à luz. / Ou não seguiram para cá, da agradável Lacedemônia, / ou embora tenham vindo nas naus preparadas para o alto-mar, / não querem agora participar neste combate de homens, / por recearem os vergonhosos insultos a meu respeito.” (*Il.* III, 236-242). Contudo, a ambiguidade no texto de *Ephemeris* não parece nada fortuita.

entrar em vossa cidade para o mal de todos, não a lançastes fora? Não a perseguistes com maldições até para fora dos muros? O que fizeram aqueles velhos cujos filhos o combate dia após dia matou? Por acaso até agora eles não notaram ter sido ela mesma a causa de tantos funerais?<sup>466</sup> E assim, até que ponto, por causa de uma divindade,<sup>467</sup> vossa mente foi transtornada que ninguém em cidade tão grande se pode encontrar que, sofrendo com pátria em colapso, acabasse com a desgraça pública por meio de morte dela? Eu mesmo, pela contemplação de tua idade e também pelos pedidos destes, restituirei o cadáver e nunca cometerei coisa alguma que suceda a mim e que se repreenda em relação aos inimigos como um crime de maldade.”.

[26] Em resposta, Príamo, renovado o pranto digno da maior comiseração, disse não ser sem a vontade dos deuses que adversidades lancem-se sobre os homens, pois um deus era responsável pelo bem e pelo mal acerca de cada um dos mortais e, até onde seja lícito ser feliz; contra ele procede a força e as inimizades de algum deles.<sup>468</sup> Ademais, disse que, depois de cinquenta diferentes partos de filhos,<sup>469</sup> foi tido em todo o reino como o pai mais feliz entre todos os reis até o dia em que enfim nasceu Alexandre, o qual não se pode evitar nem mesmo com os deuses o preludiando. E de fato, estando Hécuba grávida dele, em um sonho pareceu dar à luz uma tocha, cujo fogo conflagrou o monte Ida e sem demora a chama continuando a abrasar os templos dos deuses e, enfim, toda a cidade em cinzas entrou em colapso, ficando intactas e invioladas as casas de Antenor e de Anquises.<sup>470</sup> Quando, declarado esse sonho, os arúspices<sup>471</sup> preludiaram que se

---

<sup>466</sup> É notável a fala dos anciãos sobre Helena na teleoscopia: “Assim que viram Helena avançando em direção à muralha, / sussurraram uns aos outros palavras aladas: / ‘Não é ignomínia que Troianos e Aqueus de belas cnêmides / sofram durante tanto tempo dores por causa de uma mulher destas! / Maravilhosamente se assemelha ela às deusas imortais. / Mas apesar de ela ser quem é, que regresse nas naus; que aqui não fique como flagelo para nós e nossos filhos.’” (*Il.* III, 154-160). Cf. HEROD. II, 120.

<sup>467</sup> Culpa-se, mais uma vez, aos deuses. Na *Ilíada*, diversas são as vezes em que um deus é responsável pelas decisões humanas, mas, em contrapartida, o ser humano tem sua parcela de responsabilidade (HERNANDES, 2011).

<sup>468</sup> Espelhamento das palavras de Príamo na *Ilíada*: “Foi isto que fiaram os deuses para os pobres mortais: / que vissem no sofrimento. Mas eles próprios vivem sem cuidados. / Pois dois são os jarros que foram depostos no chão de Zeus, / jarros de dons: de um deles, ele dá os males; do outro, as bênçãos. / Àquele a quem Zeus que com o trovão se deleita mistura a dádiva, / esse homem encontra tanto o que é mau como o que é bom.” (XXIV, 525-530). Cf. Hernades, 2011.

<sup>469</sup> Sobre o número de filhos de Príamo, ele afirma na *Ilíada*, XXIV, 495-497: “Eram cinquenta, quando chegaram os filhos dos Aqueus. / Dezenove nasceram do mesmo ventre materno; / os outros foram dados à luz por mulheres no palácio.”.

<sup>470</sup> O mesmo é informado nas tragédias *Andrômaca* (293-300) e *As Troianas* (919-922) e também em APOLLOD. 3,12,5; VIRG. *Aen.* VII, 319-20, X,704-5; OV. *Her.* 16,45-9; HYG. Fab. 91. Do mesmo modo os bizantinos Malalas (5, 3), Antiocheno (fr.40) e Manasses (1118-44). O sonho premonitório de Hécuba que, ao mesmo tempo, aponta o causador primário, Alexandre, e os responsáveis secundários, Antenor e Eneias, que por meio de um pacto de traição hão de entregar a própria cidade nas mãos dos gregos. Cf. *Eph.* V, 12: *Neque segnius per totam urbem incendiis gestum positus prius defensoribus ad domum Aen.eae atque Antenoris.*

referia à desgraça pública, pareceu adequado entre eles que uma vez nascido fosse morto. Mas Hécuba, por costume de comiserção feminina,<sup>472</sup> às escondidas confiou a criação dele a pastores no monte Ida. Quando, já sendo ele adulto, o assunto veio a público, não pôde permitir que fosse morto, mesmo sendo ele um inimigo cruelíssimo, tão evidente era sua beleza e formosura.<sup>473</sup> O qual, em seguida, unindo-se em casamento a Enone,<sup>474</sup> apoderou-se dele desejo de ver regiões e reinos ao longe de onde estava.<sup>475</sup> Nessa viagem raptara Helena, com algum nune impelindo-o e instigando-o.<sup>476</sup> Ela foi fator de felicidade da alma de todos os cidadãos e também a dele.<sup>477</sup> Ninguém deixou de aceitá-la mesmo quando se percebia privado do filho ou de outro familiar. Dentre todos, foi contrário somente Antenor, homem prudentíssimo seja na guerra seja em paz, que desde o início, depois da chegada de Alessandro, decidira rejeitar seu filho Glauco, pois estivera em sua comitiva,<sup>478</sup> negando-lhe os penates.<sup>479</sup> De resto, quanto a si, ainda que as coisas assim se desmoronassem, desejava muito aproximar-se o fim de sua natureza, tendo já abandonado o governo e o cuidado do reino; somente era muito atormentado ao pensar em Hécuba e nas filhas, pois, depois da destruição da pátria, elas restariam cativas a uma altivez incerta de um senhor.<sup>480</sup>

<sup>471</sup> *Haruspex* ou *aruspex* era o sacerdote que examinava as entranhas das vítimas de sacrifício em busca de respostas divinas (hepatoscopia). Supõe-se que Septímio tenha empregado esse termo específico da cultura romana, de raiz etrusca, em tradução do termo mais genérico *μαντις*, “adivinho”.

<sup>472</sup> Usando a expressão *more femineae miserationis*, Díctis atribui a hesitação ao caráter natural do gênero feminino, conforme retoma em *Eph.* VI, 2, em referência a Egíale e Clitemnestra: *mobili suasu natura muliebre*.

<sup>473</sup> Assim como Aquiles (Cf. *Eph.* I, 14), ressalta-se o composição física de Alexandre como atributo qualitativo. Para a sua aparência, Dares assim o descreve: *Alexandrum candidum longum fortem oculis pulcherrimis capillo molli et flavo ore venusto voce suavi velocem cupidum imperii* (*De Excid.* 12); Alexandre era cândido, alto, forte, com olhos lindíssimo, com cabelo liso e loiro, de boca venusta com voz suave, era veloz e desejoso por comandar”.

<sup>474</sup> Esposa da juventude de Alexandre, Enone é na tradição mitológica uma ninfa, filha do deus-rio Cébrén, com a qual o jovem teria tido um filho chamado Córito (GRIMAL, 2005, p. 137). Cf. *OV. Met.* V; *Eph.* IV, 21.

<sup>475</sup> À semelhança de uma narrativa em *flashback*, relata-se o prelúdio troiano do rapto de Helena.

<sup>476</sup> Acertadamente Vega e López (2001, p. 299) observam que Díctis suprime o episódio do pomo da discórdia e do julgamento de Alexandre. Contudo, pode-se considerar essa passagem como uma referência clara a esse episódio, pois, à semelhança do que ocorre na *Ilíada*, não há uma descrição completa, mas apenas uma referência obscura que exige do leitor repertório mitológico: “A todos os outros isto agradou, menos a Hera e a Posêidon e à virgem de olhos esverdeados [Atena], / que estavam como quando primeiro lhes repugnou a sacra Ílion / e Príamo e seu povo, por causa do desvario de Alexandre, / que insultou as deusas quando elas vieram à sua granja, / ao louvar aquela que lhe favoreceu sua lascívia atroz” (XXIV, 25-30). Para a narração do episódio, Cf. *OV. Her.* V e XVI; Luciano, *Diálogos dos deuses*, 20; APOLLOD. *Ep.* III, 2; HYG. *Fab.* 92; Pausan. 5, 19, 5.

<sup>477</sup> A saber, de Príamo. Contudo, houve protesto em sua chegada, cf. *Eph.* I, 17.

<sup>478</sup> Cf. *Eph.* I, 3. Embora não categoricamente nomeado, a expressão aliisque ex consanguinitate comitibus pode muito bem se referir a Glauco, pois ele, segundo a genealogia que seu pai Antenor expõe em *Eph.* IV, 22, seria da mesma estirpe que Príamo.

<sup>479</sup> Os *penates* são divindades romanas que protegem a casa (GRIMAL, 2005, p. 364).

<sup>480</sup> Como Heitor supõe na *Ilíada*, VI, 450-65.

[27] Depois, mandou que se expusesse diante da vista do jovem todos os bens que transportara para resgatar o filho. Desses, Aquiles ordena levar tudo que fosse de ouro e de prata; também as roupas que lhe parecessem boas; presenteia Polixena com o restante recolhido em um monte e lhe entrega o cadáver. Este recebido, o rei ou em razão da gratidão por ter permitido o funeral do filho ou se já seguro quanto à filha caso algo acontecesse a Troia,<sup>481</sup> tendo abraçado os joelhos de Aquiles pediu-lhe que recebesse Polixena e a mantivesse consigo. Sobre isso, o jovem respondeu que haveria outro momento e outro lugar para discutir; nesse ínterim, manda que ela volte com ele.<sup>482</sup> Assim Príamo, tendo recebido o cadáver de Heitor e subido ao veículo com aqueles que o haviam acompanhado, volta a Troia.

#### LIVRO IV

[1] Mas depois se tornou público aos troianos que seu rei voltara incólume, com a missão cumprida e com sua comitiva ilesa, admirados e tecendo elogios, eles elevam ao céu a piedade da Grécia, pois em seu espírito eles estavam certos de que não havia nenhuma esperança de obter o cadáver e de que o próprio Príamo e aqueles, que haviam partido com ele, ficariam retidos junto aos gregos, principalmente por causa da recordação de Helena, que não havia sido devolvida. Ademais, ao verem o corpo de Heitor, todos os cidadãos e aliados, correndo em direção a ele, começam a prantear, arrancando os cabelos e desfigurando a face com arranhões. E não se encontrava em tamanha multidão alguém que em si depositasse alguma convicção de esperança e de força favoráveis, uma vez morto aquele que entre os povos gozava de íclita fama nas questões militares, e também de ilustre honra na paz, a partir da qual adquirira glória não menor que nas demais artes.<sup>483</sup> Entretanto, sepultaram-no não longe do túmulo de Ilo, um antigo rei.<sup>484</sup> Depois, tendo iniciado gemidos muito intensos, prestam as últimas honras ao cadáver: de um lado, as

---

<sup>481</sup> A forma optativa é deveras presente na narrativa de *Ephemeris*, principalmente no exame dos eventos divinos. Essa postura incerta, que apresenta duas opções para um mesmo fato, simula a insegurança objetiva de um prudente historiador.

<sup>482</sup> Margem para o episódio da armadilha contra Aquiles levada a cabo por Deífobo e Alexandre em *Eph.* IV, 11.

<sup>483</sup> Unânime em quase toda tradição troiana é a figura de Heitor como homem respeitado por suas virtudes (cf. *Il.* 15,440 e 18,335; *De Exc.* 12).

<sup>484</sup> Na família real troiana, o nome aparece duas vezes. A primeira, nomeando um dos quatro filhos de Dárdano, que morreu sem descendência. A segunda, nomeando um dos filhos de Trós, o qual se torna pai de Laomedonte e fundador de Ílion. Segundo a tradição mítica, Ilo havia vencido os jogos promovidos pelo rei da Frígia, conquistando cinquenta jovens escravos de ambos os sexos. O rei frígio acrescentou a esse prêmio, por indicação de um oráculo, uma vaca malhada e exortou Ilo a estabelecer uma cidade onde o animal indicasse. A vaca encaminhou-se para o norte e parou na colina frígia chamada Ate (que significa "o erro"). Ergueu a cidade na planície do rio Escamandro, perto da cidade do monte Ida fundada por Dárdano. Como confirmação de que aquele era o lugar correto, Ilo recebeu de Zeus o Paládio, uma estátua da imagem de Palas Atena: do alto do céu o objeto desceu pelo teto do templo que estava sendo construído (GRIMAL, 2005, p. 429). Cf. *Il.* 10,415; 11,166, 371 s.; 24,349; APOLLOD. *Bibl.* 3,12,3.



mulheres junto de Hécuba choravam; do outro, os homens troianos o chamavam e, por fim, os povos aliados.<sup>485</sup> Concedida trégua à guerra, os troianos dedicaram-se a essa celebração durante dez dias,<sup>486</sup> do nascer do sol ao entardecer, sem que, de modo algum, abandonassem as tarefas fúnebres.

[2] Nesse ínterim, por aqueles mesmos dias, Pentesileia, sobre a qual já falamos,<sup>487</sup> chegou com uma grande tropa das Amazonas e demais povos da região. Ela, depois soube do assassinato de Heitor, abalou-se com a sua morte e quis voltar para casa. Mas, por fim, seduzida por Alexandre à custa de ouro e prata,<sup>488</sup> resolveu aguardar ali mesmo. Depois, passados alguns dias, ela garante as suas tropas com armas. E, à parte aos troianos, ela própria sai à peleja, confiando o bastante apenas em seus guerreiros: coloca na ala direita, arqueiros; do outro lado, o batalhão de infantaria; e, ao meio, a cavalaria, da qual ela mesma participava. Da nossa parte, assim marchamos: opunham-se contra os arqueiros, Menelau e Ulisses e, com Teucro, Meríones; contra a infantaria, os dois Ajaces, Diomedes, Agamêmnon, Tlepólemo e, com Ialmeno, Ascalafo; contra a cavalaria lutava-se sob comando de Aquiles e dos demais chefes. Com ambos os exércitos desse modo organizados, enfrentaram-se as linhas de batalha. Cai grande número de guerreiros pelas flechas da rainha, e não diferentemente o próprio Teucro guerreia.<sup>489</sup> Nesse ínterim, os Ajaces e aqueles que com eles estavam na infantaria, matavam os que se opunham contra eles, e repeliam com os escudos os restantes, e, sem demora, exterminam<sup>490</sup> os que foram afastados. E não houve termo até que não se destruíssem as tropas da infantaria.

[3] Tendo se deparado com Pentesileia entre os batalhões equestres, Aquiles ataca-a com sua lança. E derruba-a do cavalo tão fácil quanto a qualquer mulher, agarrando seus cabelos com a

---

<sup>485</sup> cf. *Il.* 24,720-722. O rito fúnebre grego consistia em duas etapas: a primeira era o pranto de parentes e amigos (Πρόθεσις), a segunda era o depósito do cadáver na pira (ἐκφορά), guardando em seguida as cinzas em uma urna e depositadas em um lugar próprio, pois, em momentos especiais como aniversário de morte, essa lembrança do ente querido era celebrada em rito memorial, tarefa estritamente feminina (GAGLIARD, 2007, p. 24-25). Vega e López (2001, p. 302, n. 176) explicam que, em relação ao rito fúnebre antigo, a ação de clamar em voz alta (a *conclamatio*) remonta aos tempos míticos. Há a referência a esse ritual em diversas partes de *Ephemeris* e dele são adeptos gregos e os demais povos.

<sup>486</sup> *Il.* 24,664 e 784; *De exc.* 25.

<sup>487</sup> Cf. *Eph.* 3, 15.

<sup>488</sup> Também Pentesileia é apresentada como indivíduo movido pela cobiça de riquezas, o já observado *topos* da *avaritia*.

<sup>489</sup> Cf. *Mal. Chron.* 5,26,68.

<sup>490</sup> Frequente em *Ephemeris*, a expressão em latim *obtruncare* carrega dois sentidos, o de “cortar em pedaços” e o segundo, derivado, “matar, assassinar”, e seu uso salienta a violência da batalha. Consta em Salústio (*Jug.* 67, 2) e também em *De Excidio* (XXXVI).

mão e puxando-a assim gravemente ferida.<sup>491</sup> Quando viram o ocorrido, julgando então que certamente não mais havia esperança nas armas, eles<sup>492</sup> empreendem fuga. E, uma vez fechadas as portas da cidade,<sup>493</sup> o nosso exército, perseguindo os demais que a fuga eximira da guerra, extermina-os. No entanto, abstinham-se de pôr as mãos sobre as mulheres e respeitavam o sexo.<sup>494</sup> Depois, conforme cada um regressava vitorioso, tendo então matado os que se lançaram contra eles, contemplaram Pentésiléia, embora já moribunda, e admiraram sua audácia.<sup>495</sup> Assim, tendo logo todos se reunido naquele mesmo lugar, concordou-se que, em razão de haver ela ousado superar a condição de sua natureza e de seu sexo,<sup>496</sup> ela fosse lançada no rio para sentir profundamente o fôlego de vida ainda restante ou atirada aos cães<sup>497</sup> para ser dilacerada. Aquiles, que queria dar sepultura a ela quando morta, foi, sem demora, impedido por Diomedes.<sup>498</sup> Este, enfim, tendo perguntado a quem estava em volta sobre o que havia de se feito com ela, por consenso geral, precipita-a no Escamandro<sup>499</sup> amarrada pelos pés, evidentemente como escarmento pelo seu desespero extremo e sua amênia.<sup>500</sup> Desse modo, aniquiladas as tropas com

<sup>491</sup> Cf. *QUINT. SM., Posth.* 599-624; *Etiópidas; De Exc.* XXXVI. Ademais, a expressão *neque difficilium quam feminam* denota o desprezo para com a força bélica de um exército composto de mulheres, mesmo que tenha causado grandes baixas ao contingente grego.

<sup>492</sup> A saber, os aliados de Pentésiléia.

<sup>493</sup> Pela expressão *Clausisque civitatis portis* do texto, não há explicitação do sujeito da ação. Contudo, Malalas (*Chron.* 5,26,75) deixa claro que foram os próprios fugitivos que fecharam as portas da cidade (διὰ τοὺς εὐγοντας); de natureza semelhante, em *De excidio* (XXIII), o episódio da morte de Mêmnon, aliado troiano, atesta essa mesma atitude: *reliqui in oppidum confugerunt, portas clauserunt* (LELLI, 2015, p. 608, n. 24).

<sup>494</sup> Essa cena demonstra o caráter androcêntrico da cultura grega. A hesitação dos guerreiros em matar as mulheres pode estar ligada ao fato de que a mulher tinha valor de propriedade, podendo se tornar escrava. Assim, frente à estranheza de um exército feminino, os gregos ficariam entre matar e escravizar as Amazonas.

<sup>495</sup> Cfr. *Mal. Chron.* 5,26,78; *QUINT. SM., Posth.* 1,657-674.

<sup>496</sup> A culpa recai toda sobre o fato de Pentésiléia ser subversiva ao seu estatuto social de mulher, tendo ousado sair do lugar destinado a esse gênero, o lar familiar (οἶκος), e ter se dirigido ao campo de batalha empunhando armas, atitudes destinadas ao gênero masculino (cf. SANO, 2013). Cf. *QUINT. SM., Posth.* 1,651-653.

<sup>497</sup> Tornar o inimigo comida de animais carniceiros, como cães e aves, é muito frequente na tradição homérica (cfr. *Il.* 1,4; 8,379; 13,831; *Od.* 14,133, *QUINT. SM., Posth.* 10, 335 e 354.) e representativo na questão dos ritos fúnebres, pois consiste em não dar enterro legítimo ao cadáver, a γέρας θανόντος, tornando esses mortos ἀκλαυτος, “não chorado”, e ἄθαπτος, “insepulto” (LELLI, 2015, p. 609, n. 29). Por esse motivo, nas batalhas, incessantes são as disputas para reaver o corpo de um soldado morto, ainda mais se for herói ilustre.

<sup>498</sup> Aquiles demonstra compaixão para com Pentésiléia. Por outro lado, não se indica, aqui, a paixão que, em algumas versões do mito, o herói contrai ao ver a beleza de Pentésiléia, igualada à de Afrodite. Cf. *QUINT. SM., Posth.* 1,657-674; Grimal, 2005, p. 366.

<sup>499</sup> A morte de Pentésiléia consta em diversos autores (Cf. *QUINT. SM., Posth.* 1,782-803). Na crônica troiana de Dares (*De Exc.* XXXVI), quem mata a rainha das Amazonas é Neoptólemo, filho de Aquiles, pois este já está morto na cronologia da narrativa de Dares. Outras versões da morte da rainha das Amazonas dão Aquiles como carrasco de Pentésiléia (GRIMAL, 2005, p. 366).

<sup>500</sup> *Desesperatio* e *amentia* evocam a impossibilidade de Pentésiléia ultrapassar a sua condição de subalternidade feminina, sendo o primeiro ligado a sua audácia e ambição em vencer e o segundo termo relacionado a uma total perda das capacidades de julgamento (LELLI, 2015, p. 610). Diante dessas atitudes, os gregos decidem dar a ela um escarmento (*poena*), um duro e doloroso castigo a se tornar exemplar.

as quais havia vindo em auxílio de Príamo, a própria rainha das Amazonas, por fim, ofereceu um espetáculo digno de sua própria conduta.

[4] Por outro lado, no dia seguinte, Mêmnon, filho de Titono e Aurora,<sup>501</sup> chega inesperadamente com ingentes tropas dos indianos e etíopes. Com grande fama, ele havia superado a expectativa e os votos de Príamo sobre ele, pois reunia em um só exército muitos milhares de soldados armados de variada maneira. De fato, todas as paragens em volta e além Troia que podiam ser vistas, repletas de homens e de cavalos, brilhavam com o esplendor das insígnias. Desde o cimo do monte Cáucaso conduziu todos esses a Troia; os demais, de número não inferior, mandou-os por mar, tendo estabelecido Falas como comandante e guia. Estes, aportados em Rodes, quando perceberam que a ilha era aliada dos gregos, temendo que, uma vez conhecida a sua empresa, incendiassem as naus, esperaram ali mesmo; contudo, sem demora, dividiram-se entre as opulentas cidades de Camiro e Jaliso.<sup>502</sup> E, não muito depois, os ródios incriminam Falas porque, mesmo com Sídon, sua pátria, há pouco arruinada por Alexandre,<sup>503</sup> ele desejava levar auxílio a alguém por quem fora lesado. Para excitar os ânimos do exército, garantem que eles não se mostravam diferentes dos bárbaros, já que defendiam tão indigna ação. Muitas outras coisas expuseram, as quais serviam para acender a turba e para captá-la em seu favor. Isso não foi em vão, uma vez que os fenícios, que estavam em grande número naquele exército, muito agitados com as querelas dos ródios ou pelo desejo de disputar a posse das riquezas que haviam transportado consigo,<sup>504</sup> matam Falas lapidando-o e repartem entre si o ouro e o restante dos despojos, distribuindo-os entre as cidades supracitadas.

[5] Nesse ínterim, o exército que com Mêmnon viera montou acampamento em campo aberto, pois dificilmente poder-se-ia abrigar tamanho contingente de homens dentro de uma muralha. Então divididos, exercitava-se cada um de acordo com sua especialidade. E não o faziam na mesma e única arte nem em um mesmo modo, mas conforme cada um aprendera pelo costume de sua região. Assim, com dardos diferentes feitos em um formato diferente, e também com aspecto multiforme de escudos e de capacetes, apresentaram uma horrenda aparência da guerra.<sup>505</sup> Por um lado, no momento em que, passados alguns dias, a guarnição queria guerra, logo ao amanhecer,

<sup>501</sup> Mêmnon é sobrinho de Príamo. Sua mãe, a divina Eos (em grego, Ἠώς), é identificada como Aurora nesta passagem, mas com o nome de Hemera em 6.10. Mêmnon figura como comandante dos etíopes e indianos. Cf HES. *Theog.*, 984-985; QUINT. SM., *Posth.* 2,100-110; *Etiópicas*.

<sup>502</sup> Cidades situadas na costa de Rodes (VEJA e LÓPEZ, 2001, p. 304, n. 178).

<sup>503</sup> Cfr. *Eph.* 1,5; APOLLOD. *Ep.* 3,1-4; PROCL. *Chrest.* 80; *Il.* 6,289-90; *Cíprias*; HEROD. II,117.

<sup>504</sup> Forma dubitativa semelhante àquelas referentes às pestes.

<sup>505</sup> Em atitude xenofóbica, Díctis conecta adjetivos negativos aos inimigos.

dado o sinal, todo o exército encaminha-se para o prélio e, ao mesmo tempo em que esses, os troianos e os que estavam dentro da muralha. Por outro lado, os gregos, organizados em função da situação, aguardava-os defronte, bastante receosos pelo medo de tão numeroso e desconhecido inimigo. Então, quando chegaram à distância de um lançar de dardo entre eles, nesse momento, com efeito, os bárbaros irrompem em ingente e confuso clamor, em modo de desmoronamento.<sup>506</sup> Os nossos, encorajando-se uns aos outros, com diligência suportariam satisfatoriamente a força dos inimigos. Mas, depois as linhas de batalha se renovaram e se restabeleceu sua ordem, e, de um lado e de outro, começaram a lançar os dardos, caem grande número de homens de ambos os exércitos. E não se conheceu termo até que Mêmnon, usando o poderosíssimo carro que havia trazido consigo, com ele invadissem o cerne dos gregos, abatendo e prostrando o primeiro que viesse ao seu encontro. Assim, já mortos um grande número dos nossos, como a fortuna da guerra estivesse contrária e como a esperança restante estivesse apenas na fuga, nossos comandantes concederam-lhes a vitória. Naquele dia seriam todos os navios incendiados e destruídos, se a noite, abrigo para os que estão em dificuldades, não tivesse coibido a intenção dos inimigos que nos atacavam.<sup>507</sup> Pois tamanha era a força e perícia bélica de Mêmnon, e complicada nossa situação.

[6] Então, já em repouso, os gregos, abalados entre si e desacreditando do resultado de suas ações, durante toda a noite sepultaram aqueles que haviam perdido na guerra. Depois, fizeram uma reunião para tratar da futura luta contra Mêmnon e pareceu bem eleger, por meio de um sorteio, o nome do comandante que haveria de guerrear com ele. Naquele momento, Agamêmnon exclui Menelau, Ulisses e Idomeneu. Iniciado o sorteio dos demais nomes, acaba eleito Ájax Telamônio, conforme já era o voto de todos. Assim, com o corpo restaurado pelo alimento, passam descansando o resto da noite. Mas, armados e ordenados como requeria a campanha, saem logo ao amanhecer. E não mais lentamente procedeu Mêmnon, e, com ele, todos os Troianos. Assim, ordenados os exércitos, tanto o de lá como o de cá, deu-se início ao combate. Consoante uma luta como aquela, grande número de homens de ambos os lados caem ou, feridos gravemente, retiram-se do combate. Nessa guerra, Antíloco, filho de Nestor, que acidentalmente fora de encontro a

<sup>506</sup> Como em *Eph.* II, 43: *cum super alium alius ruinae modo praecipitentur*; e em *Eph.* III, 10: *Tuncque effusi ruinae modo clamorem inconditum simul*.

<sup>507</sup> Formulação homérica, e.g.: A escuridão da noite veio cobrir-lhe os olhos. E agora **teria perecido** Eneias soberano dos homens, / **se** arguta **não se tivesse apercebido** a filha de Zeus, Afrodite, / sua mãe, que o concebeu para Anquises quando ele tratava do gado. (V, 310-313); [...] Porém Zeus salvou-me, / ele que estimulou a minha força e tornou velozes os meus joelhos. **Se** assim **não fosse teria sido subjugado** às mãos de Aquiles e Atena, / ela que foi à frente dele e lá colocou a sua luz, dizendo-lhe / para matar com a lança de bronze Léleges e Troianos. (XX, 92-96).

Mêmnon, acaba sendo morto.<sup>508</sup> Sem demora, quando pareceu oportuno, tendo antes dito a Ulisses e Idomeneu para que o defendessem dos demais, Ájax, avançando por entre as linhas de batalha, investe contra o rei. Então, quando Mêmnon viu-o vindo em sua direção, salta de seu carro e combate a pé contra o grande Ájax. De ambas as partes havia medo e expectativa. Logo o nosso comandante com força tremenda bate a sua arma contra a bossa do escudo de Mêmnon com potência suficiente para perfurá-lo. E, atacando-o com grande violência, derruba-o e o vira de bruços. Ao ver aquilo, os companheiros do rei acorrem, esforçando-se para afastar Ájax. Então, Aquiles, quando viu que os bárbaros intercediam, avança contra eles e traspassa com sua lança a garganta de um inimigo desguarnecido de escudo.<sup>509</sup>

[7] Assim, com Mêmnon morto contra as expectativas, mudam-se completamente os ânimos dos inimigos, ao passo que a confiança dos gregos aumenta. E, já desbaratada a linha de batalha dos etíopes, perseguindo-os, os nossos matam grande número de homens. Nesse momento, Polidamante, desejando retomar o combate, cercado por fim e ferido na virilha, morre nas mãos de Ájax. Glauco, filho de Antenor, lutando contra Diomedes, cai vitimado pelo dardo de Agamêmnon.<sup>510</sup> Então, em verdade, tu discernirias<sup>511</sup> de um lado, os etíopes junto dos troianos fugindo por todo o campo sem ordem nem comando, embaraçar-se uns com os outros pela multidão e pela pressa, caírem e, sem demora, serem pisoteados pelos cavalos desgarrados. De outro, reconhecerias os gregos, de ânimos recobrados, seguirem, matarem e, tendo destacado os que estavam tolhidos, transpassarem os já abatidos. Infestam de sangue os campos em volta da muralha e enchem-se de armas e cadáveres todas as áreas em que o inimigo havia penetrado. Naquela batalha, foram mortos por Ulisses, Areto e Equêmnon, filhos de Príamo; Dríopes, Bias e Coritano por Idomeneu; por Ájax Oileu, Ilioneu juntamente com Filenor; e, do mesmo modo, Tiestes e Telestes por Diomedes; pelo outro Ájax, Antífo, Ágavo, Ágaton e também Glauco; e, por Aquiles, Asteropeu. E não houve termo à batalha antes que a saciedade e, por fim, o cansaço se apoderasse dos gregos.<sup>512</sup>

[8] Por outro lado, quando os nossos retiraram-se para o acampamento, foram enviados pelos troianos homens para solicitar a permissão de enterrar aqueles que na guerra haviam perecido.

<sup>508</sup> Cf. *Etiópicas*; *Od.* 4,187-188; Píndaro, *PIND. Pyth.* 6,28-42; QUINT. SM., *Posth.* II, 247-259; *De Exc.* 34.

<sup>509</sup> Cfr. QUINT. SM., *Posth.* II, 542-546; PROCL. *Chrest.* 172; *Etiópicas*; APOLLOD. *Ep.* V, 3.

<sup>510</sup> Cf. *Il.* VI.

<sup>511</sup> *Cereres*. Aqui, como em outras partes, percebe-se uma evocação da presença de um virtual leitor e deixa-se patente a autoconsciência do personagem-narrador como um “autor”. Cf. Díctis: a questão do personagem, narrador e autor em *Ephemeris*.

<sup>512</sup> Aqui Díctis atesta a brutalidade dos gregos, também retomada em outras, principalmente com atos que visam à humilhação do inimigo, como se vira com a morte de Heitor e de Pentesileia.

Recolhidos os cadáveres, cada lado crema os seus e, segundo o costume de sua pátria, sepultam-nos. Tendo cremado Mêmnon separadamente dos demais, guardam suas cinzas em uma urna e, por meio de embaixadores próximos do rei, enviam-nas ao solo pátrio. Por outro lado, os gregos, tendo lavado bem o cadáver de Antíloco e feitas as exéquias, confiam-no a Nestor e pedem-lhe que suporte com resignado ânimo as adversidades do destino e da guerra. Assim, afinal, cada um cuidando do seu físico com alimentação e vinho, durante grande parte da noite celebram ao mesmo tempo Ájax e Aquiles com elogios e elevam-nos ao céu. Da parte de Troia, contudo, enquanto se descansa dos funerais, já não mais era a dor pela morte de Mêmnon que se propagava, mas o medo de males maiores e o desespero. Como, de um lado, a perda de Sarpédon, e de outro e logo em seguida, a desgraça de Heitor tivessem levado de seus ânimos as últimas esperanças, já não existia mais nenhuma, porque a última havia a fortuna oferecido em Mêmnon. Assim, com tantas adversidades convergindo para um único local,<sup>513</sup> haviam abandonado completamente o empenho de se reerguerem.

[9] Contudo, depois de poucos dias, os gregos, tendo se armado, dirigiram-se ao campo, incitando os troianos à guerra, caso tivessem a audácia. Com isso, o comandante Alexandre junto aos seus irmãos restantes organiza a sua guarnição e avança contra os gregos. Mas, antes que as linhas de batalha começassem a se ferir ou a lançar dardos, os bárbaros, tendo abandonado a formação, empreendem fuga. E grande número deles morreram ou se lançaram de cabeça ao rio, pois daqui e dali o inimigo atacava, e a fuga era impedida por todos os lados. Além disso, foram capturados os príamidias Licáon<sup>514</sup> e Troilo,<sup>515</sup> os quais, conduzidos em meio a todos, à frente das tropas, Aquiles manda degolar, indignado com o fato de que até o momento não havia recebido posicionamento da parte de Príamo sobre aquilo que ele havia tratado consigo. Quando disso os troianos tiveram notícia, elevam um gemido e dolorosamente choram com clamor lúgubre a morte de Troilo, recordados de que tinha bem pouca idade, ele que, estando nos primeiros anos de adolescência, com modéstia e probidade ainda crescia, amável e aceito pelo povo, principalmente por sua beleza física.<sup>516</sup>

[10] Depois, passados poucos dias, chegaram as celebrações de Apolo Timbreu e, por meio de

---

<sup>513</sup> Isto é, Troia.

<sup>514</sup> Cf. *Il.* 21,34-135.

<sup>515</sup> Troilo tem maior ênfase no texto de Dares. Para a morte de Troilo: *Il.* XXIV, 257; APOLLOD. *Ep.* III, 32; *De Exc.* XXXIII; VIRG. *Aen.* I.

<sup>516</sup> Como se pode ver, o tópico tradicional da beleza corporal e da justeza de caráter é conservado em *Ephemeris* (cf. *Eph.* III, 26). Em *De Excidio* (XXI) assim esse herói é descrito: *Troilum magnum pulcherrimum pro aetate valentem fortem cupidum virtutis*; “Troilo é grande, muito belo, valente para idade, forte e desejoso de honra”.

tréguas, estabeleceu-se pausa à guerra. Então, enquanto ambos os exércitos cumpriam o sacrifício, Príamo, aparecendo a oportunidade, manda Ideu até Aquiles com determinações relativas à Polixena.<sup>517</sup> Mas, enquanto Aquiles, em separado, no bosque sagrado, toma com Ideu conhecimento das instruções que haviam sido levadas, o fato tornou-se conhecido junto às naus. Levantou-se a suspeita de que o comandante convertera-se em inimigo, resultando, por fim, em indignação. E, com efeito, diante do rumor de traição despontando aos poucos por todo o exército, interpretaram o fato como verdadeiro. Por causa disso, para que se abrandasse o ânimo incitado da tropa, naquele mesmo instante Ájax com Diomedes e Ulisses se dirigem ao bosque sagrado. E eles param diante do templo, aguardando Aquiles, caso ele sáisse, e ao mesmo tempo, para relatarem ao jovem o problema que se criara, e, para além disso, dissuadi-lo de prosseguir em um colóquio às escondidas com o inimigo.

[11] Nesse ínterim, tendo antes tramado com Deífobo a armadilha, Alexandre, cingido de um punhal, avança em direção de Aquiles como se fosse o responsável pelas coisas que Príamo prometia. E, sem demora, perto do altar ele se detém, virando-se de costas para o comandante, a fim de que o inimigo não percebesse o engano.<sup>518</sup> Depois, quando apareceu a chance, Deífobo, abraçando o jovem desarmado – pois, estando aquele no templo sagrado de Apolo, nada temia de hostil –, beijou e felicitou-o sobre o tratado que se firmava. E não se apartou dele ou deixou-o despegar-se até que Alexandre, tendo posto a descoberto o gládio e investindo rapidamente contra o inimigo, traspassa-o com um golpe duplo, de fora a fora.<sup>519</sup> Por outro lado, quando o perceberam destroçado pelos ferimentos, precipitaram-se por uma parte diferente daquela pela qual vieram. E assim, tendo levado a cabo um feito importantíssimo e acima dos desejos de todos, buscam abrigo na cidade. Tendo-os visto, Ulisses disse: “Não é à toa que esses, perturbados e trépidos, evadiram-se repentinamente.” Em seguida, tendo entrado no bosque sagrado e olhando tudo em volta, constatam que Aquiles, esvaído em sangue, está estirado no chão, e também, nesse momento, quase morto. Então Ájax disse: “Ficou atestado e certo que, entre todos os mortais, nenhum homem pode existir que te supere na força franca, mas, como está evidente, a tua irrefletida temeridade te traiu.”<sup>520</sup> Ao que disse Aquiles, retendo até ali o último suspiro:

---

<sup>517</sup> Cf. III. 27.

<sup>518</sup> Cf. Em *De Excídio* é Hécuba a responsável por tramar a emboscada contra Aquiles como vingança por ter matado Troilo.

<sup>519</sup> Cf. Serv. ad. *Aen.* 6,57; HYG. *Fab.* 110; Eschol. EUR. *Tro.* 16; Eschol. EUR. *Hec.* 388; PHILOSTR. *Her.* 47,4 e 51,1. Outra versão conta que Alexandre, escondido atrás da estátua de Apolo, flecha Aquiles.

<sup>520</sup> As palavras de Ájax refletem conceitos gregos ligados à conduta do guerreiro. Parcialmente, *virtus* pode-se ligar a *ἀρετή* e *temeritas* a *Σωφροσύνη*.

“Deífobo e Alexandre<sup>521</sup> cercaram-me com dolo e armadilhas por causa de Polixena.” Então, já morrendo, os comandantes o abraçaram e beijaram com grande gemido e, pela última vez, despedem-se dele. Em seguida, Ájax, ergue-o já sem vida aos ombros, e leva-o para fora do bosque sagrado.<sup>522</sup>

[12] Quando os troianos tiveram ciência dessa situação, todos ao mesmo tempo precipitam-se portas afora, esforçando-se para tomar-lhes Aquiles e o levar para dentro da muralha, na ânsia evidente, segundo seu costume habitual, de escarnecer do seu cadáver.<sup>523</sup> Em contrapartida, os gregos, uma vez sabida a intenção deles, tomaram logo as armas e vão-lhes de encontro. Paulatinamente as tropas todas marcham, e assim, dentro de pouco tempo, a luta cresce de ambos os lados. Depois de confiar o cadáver de Aquiles àqueles que com ele estavam, Ájax, encarniçado, mata Ásio, filho de Dimas, irmão de Hécuba, o primeiro que teve à frente. Depois feriu grande número de homens, conforme ia cada um alcançando seu dardo. Dentre esses, encontravam-se Nastes e Anfímaco, que governavam sobre a Cária. E então os comandantes Ájax, filho de Oileu, e Estenelo juntos derrotam muitos e os põem em fuga. Pelo que os troianos, com grande número dos seus mortos, sem direção certa em nenhuma parte ou expectativa restante de resistir dispersavam-se, espalhavam-se e corriam para as portas, pois não acreditavam haver salvação em outro lugar senão dentro dos muros. Por isso, grande número de homens, seguidos pelos nossos, são decapitados.

[13] Mas quando, fechadas as portas, decretou-se o fim da matança, os gregos levam Aquiles às naus. E depois disso, enquanto todos os comandante choravam a morte de tão importante homem, grande número de soldados não se condoeram, nem, como exigia a situação, comoveram-se com a tristeza, pois em seu ânimo fixara-se que Aquiles muitas vezes mantivera reuniões com os inimigos a fim de trair o exército. Ademais, acreditava-se que, com ele assassinado, a autoridade máxima da milícia estava órfã e fora arrebatada grande parte da esperança. A um egrégio homem de guerra não se dera sequer o direito a uma morte honesta ou encontrá-la de forma diferente que não fosse por meio de um ardil. Assim, com a maior rapidez, foi trazida grande quantidade de

---

<sup>521</sup> Em *De Excidio* (XXXIV), Hécuba é a responsável por tramar a morte de Aquiles como vingança pelas mortes de Troilo e de Heitor levadas a cabo por esse herói grego.

<sup>522</sup> Segundo Vega e López (2001, p. 331, n. 185), a cena de Ájax com Aquiles aos ombros é amplamente representada na arte cerâmica.

<sup>523</sup> Díctis atribui mais uma vez atos indignos ao costume grego, neste caso, o desrespeito ao corpo de um guerreiro. No entanto, deve se ter em mente que quem praticou vilipêndio de cadáver foi o próprio Aquiles, quando matou Heitor.



lenha do monte Ida, e construíram a pira<sup>524</sup> no mesmo lugar em que havia antes sido construída para Pátroclo. Em seguida, depositado o cadáver e ateadado o fogo, levam a cabo a cerimônia do funeral. Dedicou-se principalmente Ajax, que, por três dias em vigílias contínuas, não desistiu do labor, até que se reunissem os restos. De fato, só ele dentre todos consternou-se pela morte de Aquiles, quase além do que é normal para um homem.<sup>525</sup> Ele amava-o de coração, muito mais que aos outros e o havia honrado com excelentes exéquias, não só porque era amicíssimo e a ele ligado pelo sangue, mas também, principalmente, porque ele antecedia aos outros em questão de coragem.

[14] Ao contrário, entre os troianos, a alegria e a felicidade apoderam-se de todos com a morte de um temível inimigo. E eles, elogiando a intervenção de Alexandre, elevam-no até o céu. Evidentemente como na luta mesmo não ousaria, levou a cabo com armadilhas. Em meio a isso, chega a Príamo um mensageiro anunciando que Eurípilo, filho de Télefo, vinha da Mísia. Esse o rei antes havia seduzido com prêmios, que garantiria, por fim, pela promessa de casamento com Cassandra. Mas entre outras coisas belas que a ele enviara, adicionara também certa vide feita de ouro,<sup>526</sup> a qual, por causa disso, tornou-se memorável entre os povos. Ademais, Eurípilo, ilustre entre muitos pela sua virtude, guarnecido de suas legiões de misíacos e ceteus, foi recebido pelos troianos com a suma alegria, e aos bárbaros convertera para melhor todas as esperanças.<sup>527</sup>

[15] Nesse ínterim, guardados os ossos de Aquiles em uma urna e ajuntados no mesmo lugar que os de Pátroclo, os gregos sepultaram-no no promontório de Sigeu.<sup>528</sup> Por meio de pagamento

<sup>524</sup> A palavra é *bustum*, cujo significado se refere a um local construído com o propósito de cremar ou sepultar o cadáver.

<sup>525</sup> *paene ultra virilem modum*, “quase além do que é normal para um homem”. Outras passagens em *Ephemeris* deixa patente o estatuto considerado adequado para o gênero masculino e feminino. Cf. *effeminati*, em *Eph.* II, 46; *more femineae miserationis*, em *Eph.* III, 26; *neque difficilium quam feminam*, em *Eph.* IV, 3; *mobili suasu natura muliebre*, em *Eph.* VI, 2.

<sup>526</sup> *Vitis* comumente identifica, em seu sentido próprio, a cepa de videira e, por extensão, a cepa de centurião, vara retirada da videira e usada por essa classe como símbolo de autoridade (FARIA, 1994, p. 585, OXFORD, p. 2079; Cf. TAC. *Ann.* I, 23; APUL. *Met.* IX, 40). Ademais, segundo o mito de quando Zeus/Júpiter raptou Ganimedes, filho de Príamo, deixou como compensação cavalos divinos e uma cepa de ouro feita por Hefesto/Vulcano. Essa mesma cepa será oferecida como suborno a Astíoque, irmã de Príamo e mulher de Télefo (mas em *Eph.* II, 5 é irmã), em troca do envio de Eurípilo a Troia (GRIMAL, 2005, p. 181). No escólio de Estácio a *Od.* XI, 520, conta também que Príamo ofereceu, além de vários bens e da cepa, a mão de uma de suas filhas, mas sem nomear qual (LELLI, 2015, p. 633). No fragmento grego supérstite de *Ephemeris* (P. Tebt. 268 II, 85) lê-se: τὴν χρυσὴν ἄμπελον; “vide de ouro” (PEINADO, 2015, p. 64), enquanto na versão latina a expressão recolhe um sentido indefinido: vitem **quandam** auro effectam.

<sup>527</sup> Cf. QUINT. SM., *Posth.* VI, 119-132.

<sup>528</sup> Sigeu é um promontório da Trôade, onde outros autores também atestam estar o túmulo de Aquiles, como Cícero em seu discurso *Pro Archia* (24) e Estrabão em sua *Geografia* (XIII, 1, 32). Apolodoro (*Ep.* V, 5), no entanto, afirma que o local em que se juntaram os ossos de Pátroclo e Aquiles foi na ilha Leuca, no mar jônico.

Ájax negocia com os habitantes daquele lugar a construção do sepulcro dele, indignado com os gregos porque não percebia nada de digno de dor neles para com a perda de tremendo herói. Por aquele mesmo tempo, chegando ali Pirro, que chamavam de Neoptólemo, filho de Aquiles com Deidamia, filha de Licomedes,<sup>529</sup> encontra o túmulo já na maior parte construído. Depois, informado sobre a ruína que fora a morte do pai, conforta os mirmidões, gente fortíssima e ínclita na guerra com armas e em coragem. Determinando que Fênix concluísse a obra,<sup>530</sup> vai às naus e às tendas do pai. Ali fica sabendo que era Hipodâmia quem guardava os bens de Aquiles. E, sem demora, conhecida a sua chegada, acorrem àquele mesmo lugar todos os comandantes e eles lhe pedem que mantenha tranquilo seu ânimo. Ao que ele respondeu de boa vontade, dizendo que não lhe era desconhecido que todas as coisas ter-se-iam feitas pela vontade dos deuses, e ele haveria de suportar com o peito forte. A ninguém era concedida permissão de viver mais do que o destinado, pois torpe e de fato detestável é para os homens fortes a condição de velhice; apetecível, ao contrário, para os fracos. Ademais, a ele a dor era mais leve porque não na luta nem na luz da guerra Aquiles havia sido morto, pois tinha em seu espírito que certamente outro não existira mais forte no presente ou no passado, exceto um, o próprio Hércules. Acrescenta, além disso, que só ele era homem digno daquele momento, sob cujas mãos convinha arruinar Troia; e não negava, contudo, que aquilo que foi deixado inacabado pelo pai, havia de ser levado a cabo por ele mesmo e por aqueles à sua volta.<sup>531</sup>

[16] Depois encerrou a sua fala, a luta ficou acertada para o dia seguinte. Quando pareceu oportuno, todos os comandantes vão ceiar junto de Agamêmnon, como de costume. Dentre esses, Ájax com Neoptólemo, Diomedes, Ulisses e Menelau. Eles entre si tomam o mesmo lugar para a ceia. Nesse ínterim, durante o banquete, enumeram ao jovem os feitos valentes do pai e, recordando sua coragem, tecem-lhe elogios. Pirro muito feliz e animado com isso, respondeu que

---

Nas Etiópidas consta que foi Tétis, a mãe de Aquiles, acompanhada das musas e das nereidas, a sepultá-lo em Leuca. Na *Odisseia* (XXIV, 70-79), a alma de Agamêmnon se dirige à alma de Aquiles narrando-lhe assim as exéquias do pelida: “Mas após a chama de Hefesto terminar contigo, / pela manhã coligimos teus ossos fúlgidos, Aquiles, / e pusemos em vinho puro e óleo. Tua mãe ofertou / dourada ânfora dupla-alça; oferenda de Dioniso / disse ser, trabalho do bem famoso Hefesto. / Nela jazem teus ossos fúlgidos, ilustre Aquiles, / misturados com os do morto Pátroclo, filho de Menoitio, / separados dos de Antíloco, que mais honravas entre todos / os outros companheiros após a morte de Pátroclo.” (trad. Werner).

<sup>529</sup> Cf. APOLLOD. *Bibl.* III, 13, 8. Para fugir da comitiva grega, Aquiles tinha se escondido na corte do rei Licomedes, vestindo-se de mulher e participando do cotidiano das princesas. Acaba, no entanto, se apaixonando por Deidamia e a engravida. Os gregos Diomedes e Ulisses descobrem-no e ele se junta ao exército (GRIMAL, 2005, p. 35-40.).

<sup>530</sup> A saber, dar cabo à construção do sepulcro de Aquiles.

<sup>531</sup> Segundo consta em Filoctetes, de Sófocles, a presença do filho de Aquiles era premissa de ordem divina para se conseguir conquistar Troia.

ele, com zelo, dedicar-se-ia com todo o seu empenho para que não se mostrasse indigno dos méritos do pai. Depois, cada um parte para a sua tenda a fim de repousar. Já ao amanhecer, no outro dia, o jovem, saindo do acampamento, encontra Diomedes com Ulisses. Saúda-os e lhes pergunta sobre o que conversavam e eles disseram que se deveria dar um intervalo de alguns dias para se refazerem os ânimos de seus soldados, pois seus membros estavam ainda esgotados pela longa viagem de mar, motivo pelo qual de forma alguma procederiam com o desempenho satisfatório de acordo com as forças habituais.

[17] E assim, por consenso de todos, foram estabelecidos dois dias, passados os quais, todos os comandantes e reis organizam o exército, cada qual com seus soldados, e marcham para a batalha. Dentre eles estava Neoptólemo que, sendo o comandante, colocou à sua volta e no meio da formação grega os mirmidões e também Ajax, a quem honrava com o respeito devido a um pai em razão de seu parentesco. Nesse ínterim, os troianos se comportavam de modo febril, sobretudo porque, com suas tropas auxiliares se extinguindo dia após dia, uma nova guarnição se preparava contra eles sob o comando de um chefe memorável. Contudo, por exortação de Eurípilo, pegam em armas; ele, de fato, ajuntados os reis consigo, conduziu porta afora suas tropas misturadas às troianas. E assim organizada a linha de batalha, coloca a si mesmo no cerne dela. Então, pela primeira vez, Eneias, preparada a peleja, permanece dentro dos muros, pois ele abominava o crime de Alexandre cometido contra Apolo, cujo culto ele precipuamente velava.<sup>532</sup> Mas, quando foi dado o sinal de guerra, ambos os lados travam combate, pelejando com grande violência, e numerosos homens caem. Nesse ínterim, Eurípilo com a lança derruba Peneleu, surgido por acaso em seu caminho, e o mata; então muito mais furioso, tendo atacado Nireu, degola-o sem demora. E já haviam sido desbaratados violentamente aqueles que na linha de batalha estiveram firmes, quando Neoptólemo, tomando conhecimento da situação, voa imediatamente contra o inimigo e, tendo-o ele mesmo saltado, derruba-o do carro matando-o rapidamente com o gládio. De imediato, por ordem sua, o cadáver, rapidamente retirado, é levado para as naus. Quando tiveram conhecimento disso, os bárbaros, cuja esperança toda tinha estado em Eurípilo, sem ordem certa ou direção desertam do combate em fuga e voltam voando para os muros; nesse momento, enquanto fugiam, muitos deles são mortos.

[18] Então, depois de derrubados todos os inimigos, os gregos voltaram às naus. Por decisão em

---

<sup>532</sup> É observável que, no início deste romance, Eneias estava totalmente alinhado aos interesses de Alexandre (cf. *Eph.* II, 22), mas depois do crime cometido por este, Eneias, conservando a sua religiosidade, afasta-se dos troianos. Em consequência disso, compactuará com a traição da nação idealizada por Antenor e se colocará livre das penas a serem infligidas aos troianos (cf. *Eph.* IV, 18; V, 12).

assembleia, evidentemente em memória dos benefícios e da amizade, os ossos de Eurípilo foram cremados, guardados em uma urna e enviados ao pai.<sup>533</sup> Também, cada um separadamente, Nireu e Peneleu pelos seus foram cremados. E, no dia seguinte, por meio de Crises, conheceu-se que vivia consigo no templo, Heleno, filho de Príamo, que fugia do crime de Alexandre. E, sem demora, por causa disso, foram enviados Diomedes e Ulisses. A eles se entrega Heleno, tendo antes suplicado que lhe concedessem um pedaço de terra na região, na qual pudesse levar o resto da vida separado dos outros. Conduzido às naus, depois, quando em meio à assembleia, tendo antes falado muitas coisas, disse que não por medo de sua própria morte abandonara a pátria e os parentes, mas por que fora coagido pelo desagrado dos deuses, cujos santuários haviam sido violados por Alexandre, coisa que nem ele nem Eneias puderam admitir. Este, disse ainda, temendo a cólera dos gregos, vivia junto de Antenor e de seu idoso pai.<sup>534</sup> Heleno disse também que, como conhecesse os males iminentes contra os troianos a partir de um oráculo deste último,<sup>535</sup> por iniciativa própria recorrera aos gregos como súplice. Então, com os nossos ansiosos em desvendar os segredos, Crises faz um sinal de cabeça para que se fizesse silêncio e traz consigo Heleno.<sup>536</sup> Informado por meio deste, relatou aos gregos todas as coisas que ouvira, adicionando, entre outras mais, que havia de chegar o momento da destruição troiana e nisso seriam colaboradores Eneias e Antenor.<sup>537</sup> Nesse momento, recordados do que Calcas proclamara, perceberam serem todas essas coisas as mesmas e idênticas.

[19] Depois, no dia seguinte, tendo ambas as guarnições saído para guerrear, caem inúmeros troianos, mas a maior parte era de aliados. Por outro lado, quando de nossa parte ataca-se com maior veemência, e no ânimo reside a ideia de a todo custo acabar com a guerra, a um sinal comandante ataca comandante, e assim fazem convergir para si o combate. Então, Filoctetes tendo avançado contra Alexandre, provoca-o, caso tivesse coragem, a um duelo de flechas.<sup>538</sup> Assim, em acordo de ambas as partes, Ulisses e Deífobo definem o espaço da luta. Então, sendo Alexandre o primeiro, em vão lançou a flecha; seguiu-se Filoctetes, que transpassa a mão esquerda do inimigo; com este reclamando da dor, aquele perfura-lhe o olho direito e, já com o

<sup>533</sup> A saber, Télefo. Cf. *Eph.* II.5.

<sup>534</sup> Anquises. Como bem notaram Vega e López (2001, p. 317, n. 191), na *Eneida* Eneias viva com sua mulher, Creúsa. Cf. VIRG. *Aen.* II.299-300.

<sup>535</sup> Segundo fragmentos dos Anais, de Ênio, Anquises ganhou de Vênus o dom da vidência. Cf. Vega e López, 2001, p. 317, n. 192.

<sup>536</sup> Atitude muito similar à de Eneias. Cf. *Eph.* IV, 17.

<sup>537</sup> Dessa forma, a traição é justificável pelos desígnos dos deuses.

<sup>538</sup> Na tradição mítica, Alexandre-Páris consta como habilidoso no manejo do arco, e não menos o era Filoctetes, como já se teve ocasião de frisar. Para o episódio do duelo de Páris-Alexandre e Filoctetes, cf. *Pequena Ilíada*; Crest. 206; Apol. *Ep.* 5,8-9; QUINT. SM., *Posth.* X, 207-254.

outro fugindo, consegue com o terceiro golpe atravessá-lo por ambos os pés. Estando arrasado Alexandre, por fim, Filoctetes mata-o, pois se havia armado das flechas de Hércules, as quais, infectadas com o sangue da Hidra, não eram fincadas sem dano fatal ao corpo.<sup>539</sup>

[20] Quando desse fato os bárbaros apercebem-se, saem em grande quantidade, querendo tomar Alexandre. Mesmo com muitos dos seus mortos por Filoctetes, levam a cabo a intenção, e assim o levam de volta à cidade. E então, Ájax Telamônio, tendo perseguido os que fugiam, chega até a porta. Ali, foi morta muito grande quantidade de inimigos, pois, quanto mais eles apressavam-se entre si, cada um querendo evadir-se primeiro, por causa dessa sua multidão mais se embaraçavam na mesma entrada. Nesse ínterim, muitos daqueles que foram os primeiros a se evadirem, postados em cima dos muros, jogavam abaixo sobre o clípeo de Ájax pedras de tipos variados, coletadas de toda parte, e derrubavam sobre ele abundante amontoado de terra, com o claro intuito de repelir o inimigo. Embora aquilo tudo pesasse demasiadamente, o egrégio comandante, rechaçava facilmente com o escudo, ameaçando-os sem covardia. E, depois, de longe, Filoctetes pôs em debandada com suas flechas aqueles que estavam localizados nos muros e matou muitos. E as demais coisas aconteciam não diferentemente em outra parte. Por outro lado, naquele mesmo dia, teriam sido destruídas e derrubadas as muralhas dos inimigos caso a noite, que já começava a cair, não nos tivesse contido a empresa.<sup>540</sup> Quando gregos haviam regressado às naus, felizes pelas façanhas de Filoctetes e, por esse motivo, trazendo confiança no ânimo, celebraram o comandante com a mais alta afeição e elogios. Ele, logo que amanheceu, tendo reunido a si os demais comandantes e saído ao combate, enxotou os inimigos por um medo tal que somente se defendiam dentro das muralhas.

[21] Nesse ínterim, junto do túmulo de Aquiles, Neoptólemo assume o início do luto depois de exercida a vingança contra o responsável pela morte do pai. Junto de Fênix e também de todo o exército dos mirmidões, depôs os cabelos sobre o sepulcro e naquele local pernoita.<sup>541</sup> Por aquele tempo, os filhos de Antímaco, do qual anteriormente falamos,<sup>542</sup> ligados aos interesses de Príamo, vão ter com Heleno, suplicando-lhe que reatasse amizade com os seus. Ser ter alcançado qualquer

---

<sup>539</sup> Sobre as flechas de Hércules dadas a Filoctetes, cf. *Eph.* 1,4; QUINT. SM., *Posth.* X, 203-205; SEN. Herc. Oet. 1717; PHILOSTR. Imag. 17; HYG. *Fab.*25. Ter posse desses objetos sagrados era uma das condições previstas por oráculo para se tomar Troia, cf. SOPH. *Phil.* Ademais, em *De Excidio* (XXXV), Alexandre morre por mão de Ájax.

<sup>540</sup> Essa formulação sintática, “X aconteceria caso Y não acontecesse”, consta também na épica homérica: Então **teriam se arremessado** rumo às cavas naus / **se** o varão com muito saber antigo **não os tivesse contido**, / Nestor, cujo plano, também no passado, era o melhor. (*Od.* XXIV, 50-53; trad. Werner, **grifos nossos**).

<sup>541</sup> Rito semelhante ao feito por Aquiles em honra a Pátroclo, cf. *Il.* 23,140-153; *Filost. Her.* 51, 13.

<sup>542</sup> *Eph.* II. 23-24.

progresso, enquanto voltavam aos seus, no meio do trajeto depararam-se com Diomedes e o outro Ájax. Apanhados por estes e levados às naus, explicam tudo, quem eram e o objetivo pelo qual tinham vindo. Os gregos então, recordados do pai deles e daquilo que contra os embaixadores havia ele dito e tramado,<sup>543</sup> confiaram-nos aos populares, mandando que fossem colocados à vista dos bárbaros e que depois fossem trucidados a pedradas. Nesse ínterim, para que Alexandre fosse sepultado, os seus parentes levam por outra parte saída o corpo dele até Enone, que com ele estava casada antes do rapto de Helena. Mas conta-se que Enone, ao ver o cadáver de Alexandre, ficou a tal ponto abatida que, tendo perdido a consciência, quedou paralisada e, por causa dessa aflição profunda, extinguindo o ânimo paulatinamente, morreu.<sup>544</sup> E, assim, com um único e mesmo funeral, junto a Alexandre ela foi enterrada.<sup>545</sup>

[22] Ademais, ao passo que o inimigo, arremetendo-se contra os muros, enfurecia-se mais e mais, e não mais havendo uma esperança ulterior de resistir por meio das muralhas ou de valerem-se das forças, os líderes troianos arquitetam uma sedição contra Príamo e seus príncipes. Depois, tendo sido chamados Eneias e os filhos de Antenor, decidem entre si que Helena, juntamente com o que fora arrebatado, fosse conduzida a Menelau. Depois Deífobo tomou conhecimento desse plano, tendo trazido Helena para junto de si, liga-se a ela em matrimônio.<sup>546</sup> Ademais, quando muitas contumélias eram proferidas por Eneias, tendo Príamo entrado na assembleia, este ordenou, por fim, de acordo com uma decisão da assembleia, que Antenor fosse até os gregos com termos para que se findasse a guerra. Ele, para além dos muros, indicava sinal de embaixada. No momento em que nos afastamos, ele vem às naus. Quando já havia sido bondosamente saudado e acolhido, conquista o maior testemunho de confiança e benevolência para com a Grécia e, sobretudo, da parte de Nestor, pois, por sua iniciativa e com auxílio de seus filhos, mantivera Menelau a salvo das armadilhas dos troianos.<sup>547</sup> Em favor desse ato, uma vez destruída Troia, muitas coisas excelentes lhe eram prometidas, e exortava-se que fosse maquinado algo digno de memória em favor de seus amigos e contra os pérfidos. Nesse momento, tendo começado um longo discurso, disse que os príncipes de Troia, por causa de suas más decisões, receberiam um castigo da parte dos deuses. Depois, ajuntou os famosos perjúrios de Laomedonte contra Hércules e a conseqüente derrocada de seu reino.<sup>548</sup> Nessa época, sendo Príamo bastante novo ainda e

<sup>543</sup> *Eph.* II 23-24.

<sup>544</sup> Sobre Enone e Alexandre, Cf. QUINT. SM., *Posth.* 10,255-489; APOLLOD. *Bibl.* 3,12,6; MALAL. *Chronogr.* 5,13,52-56; CEDR. 130; OV. *Her.* V; Grimal, 137.

<sup>545</sup> Em *De Excidio* XXXV, quem desmaia é Helena.

<sup>546</sup> Em *Ephemeris*, consta como o terceiro casamento de Helena, depois de Menelau e Alexandre.

<sup>547</sup> *Eph.* I. 11.

<sup>548</sup> Cf. *Bibl.* 2,5,9; 2,6,4; 3,12,5; *Il.* VII,452 e XXI,441

isento de todas as coisas que haviam sido feitas, por pedido de Hesíone foi imposto à frente do reino. Ele – [continuava Antenor] – já desde essa época, não estando em seu juízo perfeito, comportava-se muito mal, acostumado a perseguir todos com sangue e injúrias, avaro quanto aos seus bens e cobiçoso pelo alheio. O exemplo dele, como uma péssima influência, impregnou seus filhos, que não se abstinham nem de coisa sagrada, nem de profana. Ademais, embora fosse [ele, Antenor,] da mesma estirpe pela qual Príamo se ligava aos gregos, distinguia-se sempre dele pelas opiniões. Hesíone, de fato, filha de Dânao, gerara Electra,<sup>549</sup> da qual nascera Dárdano. Este, unindo-se a Olizona,<sup>550</sup> filha de Fineu,<sup>551</sup> deu à luz Erictônio; cujo filho foi Trós. Em seguida, deste veio Ilo, Ganimedes e Cleomestra. De Cleomestra nasceu Assáraco e, dele, Cápis, pai de Anquises. Ilo, depois, gerou Titono<sup>552</sup> e Laomedonte; de Laomedonte, foram filhos Hicetaone, Clítio, Lampo, Timetes, Bucolião e Príamo; e, ainda mais uma vez, de Cleomestra<sup>553</sup> e Esietes havia ele próprio<sup>554</sup> nascido. Ademais, [conclui Antenor,] Príamo, pisando em todas as leis de parentesco, exercera principalmente contra os seus a sua soberba e o seu ódio.<sup>555</sup> Depois de encerrada sua fala, já que fora ele enviado pelos anciãos como embaixador da paz, [Antenor] pede que dentre eles indiquem alguns com os quais discutisse tal assunto. E uma vez eleitos Agamêmnon, Idomeneu, Ulisses e também Diomedes, eles, sorrateiramente em relação aos demais, compuseram a traição.<sup>556</sup> Além disso, considerou-se adequado que fosse concedido a Eneias, se este quisesse permanecer em confiança, parte do despojo e que toda a sua casa ficasse incólume; por outro lado, ao mesmo Antenor concedeu-se metade dos bens de Príamo, e o reino a um de seus filhos — aquele que ele escolhesse. Quando pareceu suficiente o tratado, Antenor despachou-se rumo à cidade. Aos seus ele relatou termos muito diferentes daqueles que haviam

---

<sup>549</sup> *Eph.* I.9.

<sup>550</sup> Segundo Vega e López (2001), Batía ou Arisbe são os nomes que constam como esposa de Dárdano, e não consta que Olizona foi filha de Fineu ou de Fênix, mas, sim, de Teucro.

<sup>551</sup> Segundo Vega e López (2001, p. 322, n. 202), é provável que haja uma confusão nessa passagem entre Fênix e Fineu, mas nem um nem outro consta como pai de Olizona.

<sup>552</sup> Em outras versões, Titono é filho de Laomedonte.

<sup>553</sup> Nome estranho às genealogias troianas conhecidas, mas aparece uma Cleópatra. (GRIMAL, 2005, p. 249). Cf. APOLLOD. *Bibl.* III,12,2.

<sup>554</sup> Aqui Antenor se insere na genealogia que estava descrevendo.

<sup>555</sup> A conclusão de Antenor é de que Príamo, ao ofender os gregos, ofendia a parentes. Assim, como se verá em outro discurso do ancião, Antenor debita todas as desgraças que atingiram gregos e troianos sobre a autoridade de Príamo, motivo pelo qual então decidira maquirar a traição. Contudo, como se observará, Antenor, uma vez destruída Troia, assume o trono e passa a reconstruí-la e governa-la, atitude que abre espaço para a suposição, mesmo que apenas interpretativa, de sede pelo poder por sua parte.

<sup>556</sup> Percebe-se que em *Ephemeris* não faltam suspeitas de traição, de ambos os lados, até que realmente ela se efetiva contra os troianos por intermédio de Antenor.

sido combinados entre eles, dentre os quais, que um presente a Minerva<sup>557</sup> estava sendo preparado pelos gregos e que eles queriam por benevolência abandonar a guerra e perdoá-los, uma vez recebida Helena e aceito o ouro. Tendo concertado o plano, assim veio Antenor a Troia, trazendo consigo Taltíbio<sup>558</sup> para conquistar mais confiança.

## LIVRO V

[1] Quando Antenor e Taltíbio entraram na cidade, todos os populares e aliados, ao saberem da chegada, correm às pressas querendo tomar conhecimento daquilo que junto aos gregos fora pleiteado. Antenor lhes protela o relato para o próximo dia; e assim, desfeito aquele ajuntamento, retira-se. Como Taltíbio estivesse presente ao banquete, Antenor advertiu seus filhos a que em suas vidas procurassem nada mais que conservar a antiquíssima amizade com os gregos. Depois, admirou a probidade, a confiança e a boa fé de cada um deles. Assim, terminada a reunião, retirase para repousar. E, ao amanhecer, todos já estavam na assembleia esperando ouvir se haveria alguma solução para tantos males. Ele mesmo<sup>559</sup> chegou com Taltíbio e, não muito depois, Eneias. Em seguida, Príamo com os demais príncipes. Por fim, quando requisitou-se que dissesse aquilo que dos gregos ouvira, [Antenor] discursou deste modo:

[2] “Grave, ó príncipes troianos e vós, aliados, grave guerra iniciamos contra a Grécia. Em verdade, é mais grave e muito mais dura porque, graças a uma mulher,<sup>560</sup> fizemos inimigos aqueles que eram amicíssimos, os quais, já desde as descendências de Pélops, uniam-se a nós também por laços de parentesco.<sup>561</sup> Se é de fato oportuno tocar sumariamente nos males pretéritos, acaso em algum momento a nossa cidade, imersa em tribulações, emergiu para o descanso?<sup>562</sup> Ou, em algum momento, faltou-nos o pranto ou aos nossos aliados calamidades menores? Quando não perdemos na guerra amigos, parentes próximos, filhos, enfim? E, para

<sup>557</sup> Aqui o ardil do presente a Minerva é da lavra de Antenor, e não de Ulisses. O cavalo de Madeira, no entanto, é atribuído a outro personagem, não sendo nenhum desses dois.

<sup>558</sup> Frequente na *Ilíada*, Taltíbio é escudeiro de Agamêmnon (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 323, n. 207).

<sup>559</sup> Antenor.

<sup>560</sup> *Topos* da singularidade em despeito da coletividade, presente também na *Ilíada*. Helena é culpada pelas numerosas mortes de troianos e gregos, assim como Aquiles (RYNEARSON, 2013).

<sup>561</sup> Mais uma vez, o argumento do discurso baseia-se na genealogia. Pélops (ou Pélope) é filho de Tântalo. Sua mãe, cujos nomes variam entre Clície, Eurianassa, Euristanassa, Euristemiste, etc., é identificada como filha de um deus-rio asiático, Pactolo ou Xanto. Pélops, desposando Hipodâmia, filha de Enomau, torna-se o ancestral de Agamêmnon e Menelau. (GRIMAL, 2005, p. 363). Não sem razão, a genealogia busca mais uma vez reforçar o grau de parentesco entre gregos e troianos, pois Hipodâmia, por ser filha de Estérope, gozava de descendência de Atlas, assim como a esposa de Dárdano, o ancestral troiano, chamada Electra (cf. GRIMAL, 2005, p. 111, 133 e 152).

<sup>562</sup> A forma retórica antitética é presente no texto latino: *unquam civitas nostra depressa aerumnis ad requiem emersit?*; “em algum momento a nossa cidade, **imersa** em tribulações, **emergiu** ao descanso?”.



enumerar a lembrança dos demais lutos, de minha parte, o que suportei por Glauco, meu filho? Sua morte,<sup>563</sup> mesmo que para mim amarga, contudo não foi assim tão dolorosa quanto anteriormente, quando ele, unido a Alexandre, apresentou-se como cúmplice do rapto de Helena.<sup>564</sup> Mas estamos fartos do passado. Pelo menos devemos conservar o futuro e ocuparmos dele. Os gregos são homens defensores da boa fé e da verdade, os primeiros em benevolência e em obséquios. Testemunha dessas coisas é Príamo, que, mesmo no tumulto das discórdias, contudo, desfrutou da misericórdia deles.<sup>565</sup> E, ao fazer guerra, coisa alguma havia sido profanada por eles até que provaram da perfídia em sua própria embaixada e de armadilhas de nossa parte.<sup>566</sup> Em tal caso, na verdade, digo o que percebo: Príamo e seus filhos são os responsáveis,<sup>567</sup> e nisto também Antímaco, que recentemente pagou com a perda dos filhos as penas por sua iniquidade.<sup>568</sup> Tudo isso foi levado a cabo por causa de Helena, dessa mulher que, sem dúvida, nem os próprios gregos estão se esforçam para recuperar.<sup>569</sup> Retenha-se, portanto, na cidade essa mulher, por causa da qual nenhuma nação, nenhum povo de região alguma é amigo ou não ameaçador de nosso reino. Com boa vontade, apresentando-nos como suplicantes, não roguemos que a recebam? Não compensaremos de todo modo aqueles que já tantas vezes por nós foram prejudicados? Não nos reconciliaremos com tais homens, pelo menos a partir de agora? Eu mesmo abandonarei ainda este lugar e retirar-me-ei para o mais longe possível para que não corra o risco de, mais tarde, participar dos nossos males. Foi-se o tempo em que ficar nesta cidade era bom. Aliados, amigos, proteção dos vizinhos, enfim, a pátria se guardava incólume naqueles dias. Ao contrário de agora. O que dessas coisas não nos foi reduzido ou completamente suprimido? Não suportarei habitar junto com esses, cujas obras destruíram, junto com a pátria, tudo que me era caro. E, apesar de tudo, ao menos sepultamos aqueles que na guerra o destino arrebatou, havendo a altruísta permissão aos inimigos para isso. Mas, depois que os altares e os templos dos

---

<sup>563</sup> A morte de Glauco por mãos de Agamêmnon ocorre em *Eph.* IV, 7.

<sup>564</sup> Como Vega e López (2001, p. 236, n. 208) anotam, em *Ephemeris* III, 26, Antenor renegou seu filho por ele ter acompanhado Alexandre no rapto de Helena.

<sup>565</sup> Referência a devolução do corpo de Heitor em *Eph.* III, 20-27.

<sup>566</sup> Cf. *Eph.* I, 6-8, a primeira embaixada; *Eph.* II, 24, a segunda; a armadilha à qual se refere, encontra-se em *Eph.* I, 11, quando os príamidas decidem furtivamente atacar Menelau e Ulisses, mas são impedidos por Antenor que salva os embaixadores e censura os príncipes troianos.

<sup>567</sup> Caracterizados como fracos de espírito, de opiniões torpes e abusadores do poder, a realeza troiana tomou decisões refletidas no mal do povo: *Eph.* I, 8-10; II, 23-25; 4.21 (LELLI, 2015, p. 647).

<sup>568</sup> Os filhos de Antímaco morreram nas mãos dos gregos em *Eph.* 4.21.

<sup>569</sup> Essa afirmação é estranha. Mais que retórica, com o fito de diminuir a figura dessa mulher frente aos populares, pode-se entrever o argumento racionalizante encontrado na historiografia desde Heródoto que enxergava na investida grega à cidade troiana mais uma intenção geopolítica de dominação do que qualquer outra coisa (LELLI, 2015, p. 647, n. 12). Assim, Helena torna-se apenas um pretexto e não a razão primeira da guerra, como ela é na *Ilíada* (cf. I, 149 – 171). Cf. *Eph.* III, 23.

deuses foram tingidos com sangue humano por causa de um crime,<sup>570</sup> também isso perdemos, já que, depois da morte dos nossos entes mais queridos, não marchar contra nós suplícios maiores que os suportados com a perda. Para que isso não ocorra, pelo menos agora, acautelai-vos. Com ouro e com prêmios de qualquer outra natureza há de se redimir a pátria.<sup>571</sup> Nesta cidade há muitas casas ricas, reunamos os bens cada um conforme à sua propriedade e, então, em troca de nossa vida, seja oferecido aos inimigos aquilo que, sem demora, com a nossa morte, seria deles mesmos. Também, se for necessário, sejam utilizados ornamentos dos templos em troca da segurança da pátria. Que somente Príamo guarde suas riquezas consigo, somente ele retenha seus bens, que lhe são preferíveis a seus cidadãos. Que ele se aposses também daquilo que com Helena fora roubado; e verá até que limite pensa em se aproveitar das calamidades da pátria. Nós já fomos vencidos pelos nossos males.”.

[3] Expondo ele em lágrimas essas e outras questões, todos ao mesmo tempo produzem um gemido, estendendo as mãos ao céu, e concordam com ele. Com tantas adversidades, individualmente ou em conjunto todos suplicavam a Príamo o término das misérias e, por fim, clamam a uma só voz a remição da pátria. Em meio a essa situação, Príamo arranha o rosto em pranto miserável, dizendo que ele já não só se havia feito odioso aos deuses, mas também inimigo dos seus, pois não lhe era possível encontrar um amigo como antes, nem um parente, nem, por fim, um cidadão que lamentasse por seus problemas. De fato, [continuava Príamo] preferia que essas decisões não fossem tomadas somente agora, mas quando Alexandre e Heitor estavam ainda vivos. Mas, já que revogar o que se passou a ninguém é concedido, deveria ocupar-se do interesse da situação atual e aplicar-se à expectativa do futuro. De fato, ele, de tudo que tinha, deu sua propriedade para a redenção da pátria. Autorizou Antenor a fazer o que tinha de ser feito. Ademais, ele, por já sofrer o ódio dos seus, retirou-se da vista deles, consentindo-lhes com o que entre si decidissem.

[4] Então, tendo-se retirado o rei, pareceu bem que Antenor voltasse aos gregos para verificar a sua verdadeira intenção e, junto a ele, Eneias, como este quisera. Assim decidida a situação, dispersaram-se. Mas, quase meia noite, Helena foi às escondidas até Antenor. Ela suspeitava que seria entregue a Menelau e temia, por causa disso, a ira pelo abandono da casa. E assim pede-lhe

---

<sup>570</sup> Referência à morte de Aquiles em *Eph.* IV, 11.

<sup>571</sup> Nessa passagem há dois exemplos dos abundantes decalques linguísticos da cultura romana efetuado por Septímio em sua tradução. O primeiro em referência a Salústio: *Quae ne accidant, nunc saltem providete (Eph. , V, 2); hoc nisi provideris ne accidat (Sal. Cat. 52,4)*. O segundo, uma paródia da fala lendária de C. Marco Fúrio Camilo: *non auro, sed ferro, recuperanda est pátria (Lívio, Ab Urbe Condita V, 49, 3); Auro atque huismodi aliis praemiis redimenda patria est. (Eph. V, 2)*.

que, entre outras coisas, junto aos gregos também fizesse menção sobre ela e que suplicasse em seu favor. Ademais, conforme se sabia, depois do assassinato de Alexandre, junto a Troia tudo tornara-se odioso para ela, que desejava regressar aos seus.<sup>572</sup> Por outro lado, ao amanhecer, chegam às naveas aqueles que haviam sido encarregados das negociações, e informam a todos a decisão dos cidadãos. E assim, afastam-se com os mesmos de antes para consolidar o que a oportunidade aconselhava. Ali, embora expusessem muitas informações sobre o governo e a situação geral, informam também a vontade de Helena e pedem perdão por ela. Por fim, confirmam entre si o pacto de traição. Depois, quando pareceu oportuno, vão com Ulisses e Diomedes a Troia. Ájax foi impedido por Eneias, evidentemente para que não fosse surpreendido com armadilhas um homem tal, único que os bárbaros temiam de forma não diferente da que temiam Aquiles. Então, depois os comandantes gregos foram vistos dentro da cidade, todos os cidadãos enchem os ânimos de esperança, estimando o fim da guerra e das discórdias. E assim, convocado às pressas o senado, com os nossos presentes, logo se decide que, antes de tudo, Antímaco fosse definitivamente exilado da Frígia, claramente por ser o responsável por tamanho mal.<sup>573</sup>

[5] Entrementes, de súbito, eleva-se um tumulto que vinha de Pérgamo,<sup>574</sup> onde ficava o palácio de Príamo, e um clamor ingente. Perturbados com essa surpresa, saltam para fora os que na assembleia estavam, acreditando serem as armadilhas de costume tentadas pelos príncipes;<sup>575</sup> e assim se põem a caminho do templo de Minerva. E, pouco depois, da parte dos que haviam descido à cidadela, toma-se conhecimento de que os filhos de Alexandre, que ele tivera com Helena, haviam sido vitimados pela queda de um teto. Eram eles † Bunomo, Corito e Ideu.<sup>576</sup> Porque a assembleia havia sido dispersada, os nossos comandantes se retiram para a casa de Antenor e ali, depois de participarem de um banquete, pernoitam. Por meio de Antenor, conhecem outros fatos: outrora um oráculo declarara que uma enorme desgraça ocorreria à cidade troiana se

<sup>572</sup> Para além de entrever-se aqui o evidente desprezo para com o atual matrimônio com Deífobo, observa-se que ela busca livrar-se de penas mais duras. Por outro lado, observa-se, no tocante à tradição, uma reestruturação narrativa, trocando a figura de Ulisses pela de Antenor (LELLI, 2015, p. 649, n. 24). Cf. *Pequena Ilíada*, *Od.* IV, 240-264.

<sup>573</sup> Cf. Em *Ephemeris* II, 23-24. Antímaco se posicionou contra o povo troiano e a favor de Alexandre. O mesmo papel desempenha na *Ilíada*, XI, 123-125 e 138-142 (LELLI, 2015, p. 647, n. 10).

<sup>574</sup> Pérgamo é o nome da cidadela troiana (GRIMAL, 2005, p. 367).

<sup>575</sup> Como a tentativa frustrada contra a assembleia grega e a lograda contra Aquiles. Cf. *Eph.* I, 8; IV, 11.

<sup>576</sup> Os nomes desses filhos são controversos ou desconhecidos (Cf. LELLI, 2005, p. 650, n. 32; GRIMAL, 2005, p. 197-200). Ademais, com esse incidente, finda-se completamente a linhagem da união entre Alexandre e Helena.

o Paládio,<sup>577</sup> que ficava no tempo de Minerva, fosse levado para fora das muralhas. De fato, tendo caído do céu essa antiquíssima estátua, pela época em que Ilo estava construindo o templo de Minerva, ela chegara quase no topo do telhado e ali, como a cobertura ainda não tivesse sido colocada por cima, ocupara o seu lugar no meio da construção; e essa estátua era talhada em madeira. Depois, sob a instigação a que cooperasse com os nossos para o completo sucesso, [Antenor] em seguida responde que faria tudo o que eles quisessem. Por outro lado, publicamente disse-lhes de antemão que em assembleia ele exporia detalhadamente a qualidade daquilo que seria postulado, com o claro objetivo de não levantar suspeitas quanto a si mesmo junto aos bárbaros.<sup>578</sup> Assim, tramado o plano, logo ao amanhecer, Antenor e os demais próceres vão ter com Príamo. Os nossos voltam às naus.

[6] Na sequência, três dias depois de quando foram prestadas as devidas cerimônias às crianças, Ideu veio chamar os comandantes supracitados. Com eles presentes, Panto<sup>579</sup> e outros, cuja opinião prevalecia, muitas coisas expuseram e também instruíram sobre aquilo que antes fora realizado sem ponderação e sem reflexão, não em razão deles, pois viviam sob arbítrio alheio, desprezados e contrariados pelos príncipes. Ademais, no tocante a terem empreendido guerra contra os gregos, [diziam], não o haviam feito por vontade própria, pois aqueles que vivem sob domínio alheio devem esperar e seguir as ordens daquele que detém o poder. Por causa disso, era digno que os gregos deliberassem em conceder o perdão a eles, que sempre foram promotores da paz. Ademais, os troianos já haviam sofrido castigos suficientes por causa de suas más decisões. Depois de ter havido réplica de ambos os lados, por fim, começou-se a tratar sobre a ordem dos valores. Então, Diomedes solicita cinco mil talentos em ouro e tantos outros em prata, outros cem mil de trigo; e essa mesma quantidade durante dez anos. Então, todos em silêncio, Antenor diz que eles o estavam tratando não segundo o costume dos gregos, mas dos bárbaros, pois, uma vez que eles requeriam coisas impossíveis, estava claro que, sob pretexto de paz, eles promoviam guerra. Ademais, certamente nem mesmo houve tanto ouro e prata então na cidade antes que se repartisse para contratação de tropas auxiliares. Se quisessem permanecer nessa mesma avareza, o

---

<sup>577</sup> Segundo conta Apolodoro (V, 9-10), quando Ilo, fundador de Troia, estava construindo a cidade pediu a Zeus/Júpiter um sinal e, em resposta, encontrou descida do céu uma grande estátua de uma figura segurando uma lança na mão direita e uma roca e uma fusa na esquerda. Segundo a tradição, a estátua do Paládio tinha a capacidade de garantir invulnerabilidade à cidade que a possuísse e lhe prestasse culto. São muitas as variantes desse mito, desde o material de qual foi feita a estátua até o modo como deixou (ou não deixou) Troia. Cf. Grimal (2005, p. 346-348).

<sup>578</sup> Nesta passagem palavra *barbarus* toma um significado mais patente, pois, sendo Antenor troiano, percebe-se uma quase completa alteridade a seu respeito.

<sup>579</sup> Outras intervenções de Panto localizam-se em *Eph.* II, 23 e 25.

que restava aos troianos era, por fim, fechadas as portas e incendiados por dentro os edifícios dos deuses, procurarem eles mesmos a morte junto com pátria. Em resposta, Diomedes disse: “Não viemos de Argos para respeitar a vossa cidade, mas para contra vós travar uma batalha. Em decorrência, se, contudo, ainda há no ânimo o guerrear, preparados estão os gregos. Ou se, como dizes, atearíeis fogo em Ílion, não o impediremos, pois com os gregos ofendidos pela injúria, era objetivo vingarem-se dos seus inimigos.”. Então, Panto pediu permissão para que se deliberasse no dia seguinte. Assim, os nossos foram até Antenor e dali ao templo de Minerva.

[7] Nesse ínterim, na preparação dos officios divinos, vê-se um ingente portentoso, pois, uma vez colocadas no altar as oferendas sagradas de costume, e tendo-lhes sem demora ateadado fogo, este não se apoderou delas nem as consumiu como antes, mas era repellido. Perturbados com esse evento, os populares afluem ao mesmo tempo ao altar de Apolo a fim de conhecerem a veracidade dos boatos. E quando a chama foi lançada às porções de entranhas dispostas ali em cima, de repente todas que ali estavam, tendo se movido, caem à terra. Estando todos abalados e atônitos com esse espetáculo, subitamente uma ave, uma águia, com grande estridor, lança-se e arrebatava uma parte das entranhas e, sem demora, erguendo voo, dirigiu-se às naus dos gregos e ali abandona o que agarrara.<sup>580</sup> Em verdade, os bárbaros não acreditavam que fosse aquilo algo frívolo ou obscuro, mas claramente pernicioso. Nesse ínterim, Diomedes com Ulisses, dissimulando aquilo que executavam, andavam em torno do foro, olhando em volta e elogiando a distinção das obras dessa cidade. Por outro lado, junto às naus, tendo lembrado os ânimos de todos de tal auspício, Calcas exorta que tivessem bom ânimo, pois em breve seriam senhores de tudo que houvesse em Troia.<sup>581</sup>

[8] Ademais, sabendo daquilo, Hécuba<sup>582</sup> sai para aplacar os deuses e principalmente Minerva e Apolo, aos quais traz tanto muitos presentes quanto vítimas cevadas. Mas na tentativa de queimar as oferendas sagradas que se devolviam ao altar, do mesmo modo o fogo parecia extinguir-se e, de repente, perder-se. Entre fatos tão alarmantes, Cassandra, possuída por um deus, ordena que vítimas fossem trazidas até o túmulo de Heitor, pois, ainda indignados pelo crime contra Apolo há pouco cometido,<sup>583</sup> os deuses rejeitavam os sacrificios. Assim, touros, que foram imolados, são

<sup>580</sup> Narração contida em QUINT. SM., *Posth.* XII, 500-508; VIRG. *Aen.* II, 172-175. Evento semelhante em *Il.* XII, 200-250.

<sup>581</sup> Na *Ilíada* (II, 303-332), narra-se outro evento portentoso que anuncia a não tardia vitória grega: uma serpente devora oito filhotes de pardal e sua mãe e, em seguida, torna-se pedra, a partir do que Calcas interpreta ser a determinação divina acerca da duração da guerra com a queda de Troia no décimo ano.

<sup>582</sup> Tanto na *Ilíada* (VI, 288-311) quanto em *Ephemeris* (III, 2) Hécuba é responsável por officios religiosos.

<sup>583</sup> Refere-se ao ato sacrílego que manchou o templo com a morte de Aquiles, em *Eph.* IV, 11.

transportados para junto da pira de Heitor, conforme fora mandado. Sem demora, uma vez ateado o fogo, todos são consumidos. Dali, quando já entardecia, desceram à casa. Por outro lado, naquela mesma noite, Antenor vai às escondidas ao templo de Minerva. Ali, com muitas preces misturadas a uma certa força bruta, persuade Teano, que era sacerdotisa daquele templo,<sup>584</sup> a lhe confiar o Paládio, pois haveria de ter grandes recompensas por causa desse ato.<sup>585</sup> Assim, concretizada a sua intenção, veio aos nossos e a eles apresenta o prometido. Em verdade, os gregos envolvendo o objeto bem para que não pudesse ser reconhecido por ninguém, em um carro, por meio de seus parentes e agentes de confiança, remetem-no à tenda de Ulisses. Por outro lado, ao amanhecer, depois o senado reuniu-se e os nossos entraram, Antenor, como se temesse a cólera dos gregos, pede perdão pelas reprimendas que contra eles tão proeminentemente expusera em favor da pátria. Depois Ulisses respondeu que eles não se abateram nem se indignaram com a exposição, pois não se oferecia fim ao tratado, principalmente quando em breve lhes escaparia o tempo oportuno para navegar. Então, bem mantida a conversa mútua, por fim decidem o valor em dois mil talentos de ouro e de prata. Os gregos voltam às naus para relatarem o tratado aos seus. Ali, reunidos os comandantes, expõem tudo o que foi dito e feito. Informam que o Paládio fora furtado por Antenor. Depois, por decisão geral, o resto da guarnição toma ciência da situação.

[9] Em razão disso, pareceu bem a todos enviar a Minerva uma oferenda a mais honrada possível. Então, tendo sido chamado Heleno para esse fim, tudo que às escondidas se fizera, como se presente estivesse, ele expõe ordenadamente e acrescenta que o fim dos troianos já estava perto, pois sobre aquilo em que se sustentava principalmente o poder daquela cidade fora o Paládio; uma vez furtado, a desgraça se lançava sobre eles.<sup>586</sup> Ademais, o presente de Minerva seria fatal para os troianos: um cavalo, de enormes dimensões, talhado em madeira, por cuja magnitude deveriam ser os muros destruídos, sendo Antenor nisso o incitador e o colaborador.<sup>587</sup> Depois, tendo recordado de seu pai Príamo e de seus outros irmãos, cai em um choro miserando, consternado pela dor e, entorpecido, desmaia. Então, Pirro, recolhe-o e, uma vez que recobrou os sentidos, leva-o à sua tenda e coloca guardas junto dele, pois temia que o que haviam tramado fosse por

<sup>584</sup> Na *Ilíada* (V,70; VI, 300), Teano é apresentada como esposa de Antenor e sacerdotisa de Minerva.

<sup>585</sup> Com algumas variantes, o mesmo episódio é narrado em *Pequena Ilíada, Malal.* 138; APOLLOD. III,12,3.

<sup>586</sup> Cf. APOLLOD. *Epit.* 5,10.

<sup>587</sup> O episódio do cavalo de madeira é comumente conhecido pela leitura da *Eneida* (II, 13) e em *Ephemeris se* encontram paralelos linguísticos em relação a esse autor, como: *donum exitiale Minervae*; em *Dictis*: *donum Minervae fatale* (VIRG. *Aen.*II, 3 1); (*Eph.*) *donum Minervae fatale Troianis esse* (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 335, n. 217). Suas variantes vão desde seu idealizador (Ulisses, Minerva ou Calcas) até a sua modelação (como a clássica, um ingente cavalo recheado de soldados, ou a racionalista, uma pintura em uma das portas troianas, como consta em De Excidio, XL). Cf. HYG. *Fab.*108; *Pequena Ilíada*, 231-232; *Saque de Ílion*, QUINT. SM., *Posth.* XII, 360; VIRG. *Aen.*2,182-195; APOLLOD. *Bibl.* 186,34; *Od.* 4,265; 8,402; 11,523.

meio dele revelado aos inimigos. Quando Heleno notou o fato, exorta a Pirro que tivesse bom ânimo, acerca de sua segurança e dos segredos. Na verdade, este também, por muito tempo, moraria na Grécia junto daquele depois da destruição de sua pátria.<sup>588</sup> E, assim, conforme parecera a Heleno, muita madeira, considerada adequada para a construção, foi trazida por intermédio de Épio e Ájax, filho de Oileu.

[10] Nesse ínterim, vão à Troia, como fiadores da paz pactuada, dez comandantes escolhidos: Diomedes, Ulisses, Idomeneu, Ájax Telamônio, Nestor, Meríones, Toas, Filoctetes, Neoptolemo e Eumelo. Quando os populares dão conta de que eles estão no foro, felizes elevam os ânimos, acreditando no fim das tribulações. E assim, com benevolência, aproximam-se deles um a um ou em muitos, conforme ocorria a cada um, saúdam-nos agradecendo e os beijam. Então Príamo pediu aos gregos em favor de Heleno e, tendo recorrido a muitos pedidos, recomendou-o como seu ente mais querido para ele próprio e entre todos o mais amado por causa de sua prudência. Depois, quando pareceu oportuno, deu-se início a um festim público em honra dos comandantes e da paz acordada. Antenor atendia com solicitude aos gregos e provia-os de tudo com benevolência. Por outro lado, ao amanhecer, todos os anciãos se reúnem no templo de Minerva, aos quais Antenor relatou que aqueles dez homens enviados pelos gregos eram embaixadores incumbidos de discutir as condições da paz programada. Quando pareceu adequado conduzi-los para o senado, reciprocamente dadas e recebidas as destras, estabelecem entre si que, no próximo dia, no meio do campo e à vista de todos, elevariam altares sobre os quais firmariam a garantia de paz por juramentos religiosos. Fechado o trato, Diomedes e Ulisses principiam a jurar que eles conservariam aquilo que haviam acordado junto de Antenor, e testemunhas daquela promessa seriam o altíssimo Júpiter e a mãe Terra, o Sol, a Lua e também o Oceano. Depois, cortaram em duas partes as vítimas expiatórias, que haviam sido trazidas àquele propósito. Assim, apontando uma parte na direção do sol e outra na das naus, eles passam pelo meio delas.<sup>589</sup> Depois, Antenor confirma os votos com aquelas mesmas palavras. Assim, levado a cabo o ritual, cada um volta aos seus aposentos. Ademais, os bárbaros exaltavam Antenor com os mais elevados elogios. Achegando-se a ele, cada um o venerava quase como a um deus, pois acreditavam que somente ele, dentre todos, era o responsável pela paz e pela conquista da amizade com os gregos. Assim, adormecida já a guerra a partir de então, espalhados, como ambas as partes haviam aspirado,

<sup>588</sup> O destino de Heleno consta em *Eph.* V, 16. Cf. *VIRG. Aen.* III.

<sup>589</sup> Ritual semelhante, composto de invocação e ato, lê-se em *Eph.* I,15; II, 49 e também em *Il.* III, 276-280: “Zeus pai que reges do Ida, gloriosíssimo, máximo! / E tu, ó Sol, que tudo vês e tudo ouves! / E vós, ó rios, e tu, Terra! E vós que nos infernos / vos vingais dos homens mortos, que com perjúrio juraram! / Sede vós testemunhas, vigiai os leais sacrifícios! [...]” (trad. Fred. Lourenço).

viviam agora os gregos junto aos troianos e, em contrapartida, esses junto às naus, amigavelmente. Nesse ínterim, desde que a aliança se concretizara, todos os aliados dos bárbaros, que haviam sobrevivido à guerra, congratularam-se pela chegada da paz. Afastam-se de volta aos seus, não aguardando nem mesmo os prêmios por tantos momentos decisivos e tribulações, evidentemente temerosos de que a confiança do pacto com os bárbaros se dissovesse de algum modo.

[11] Nesse ínterim, perto das naus, conforme parecera a Heleno, por mãos de Épio, artífice dessa obra, construiu-se um cavalo de tábuas.<sup>590</sup> Fazendo-o muito alto, Épio erguera com rodas encaixadas às suas bases, que ficavam sob os pés, a fim de que evidentemente fosse mais fácil movê-lo puxando-o. Corria, pela boca de todos, que esse magnífico presente se oferecia a Minerva.<sup>591</sup> Ademais, junto a Troia, o peso combinado em ouro e prata era carregado com o maior empenho para o templo de Minerva por Antenor e Eneias. E os gregos, depois que se soube da dispensa das tropas auxiliares dos aliados, ocuparam-se da paz e da amizade de modo mais generoso, não tendo sido nem morto nem ferido ninguém dentre os bárbaros, a fim de que permanecessem junto aos inimigos com ainda menos suspeitas de discórdias. Depois, arrematado o cavalo com muita habilidade e cuidadosamente firmado, movem-no em direção aos muros, tendo antes sido anunciado aos troianos que o recebessem com respeito, evidentemente por ser ele dedicado e consagrado a Minerva. Em razão disso, uma grande quantidade de homens portões afora toma a oferenda com a máxima alegria e, tendo realizado um sacrifício, arrastam-na para mais perto das muralhas. Mas depois se deram conta de que a magnitude da obra impedia o seu ingresso pelas portas, tomam a decisão de destruir os muros de cima a baixo, e, diante de tal resolução, ninguém pensava de maneira diferente.<sup>592</sup> Assim, a obra dos muros, inviolada durante muito tempo, e máximo monumento de Netuno, conforme se contava, e também de Apolo,<sup>593</sup>

<sup>590</sup> O mesmo que aparece na *Eneida* (II, 264) e é caracterizado como *ipse doli fabricator*, “ele mesmo o artífice do ardil” (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 336, n. 219).

<sup>591</sup> Não consta a cena clássica do cavalo recheado de soldados: *huc delecta virum sortiti corpora furtim / includunt caeco lateri penitusque cavernas / ingentis utrumque armato milite complent*. (VIRG. *Aen.*II, 18-20).

<sup>592</sup> Cf. VIRG. *Aen.*II, 234-236

<sup>593</sup> Cf. *Il.* VII, 451-453: “Deste feito se espalhará a fama até onde chega a aurora / e da muralha se esquecerão que eu próprio [Posêidon] e Febo Apolo / construímos pelo nosso esforço para o herói Laomedonte”. Conta-se que Poseidon/Netuno e Apolo, obrigados por Zeus, serviam a Laomedonte: o primeiro na construção dos muros da cidade troiana, o segundo, na lida do rebanho. Haviam essas deidades sido surpreendidas tramando contra o deus supremo, pelo que foram punidas. Terminado o tempo de servidão, Laomedonte recusou-se a pagar Poseidon. Ultrajado, o deus mandou uma enorme serpente marinha assolar a cidade. Recorrendo ao oráculo, Laomedonte teve uma resposta desagradável: o remédio para aquele mal era o sacrifício de sua filha Hesíone. Contudo, para a sorte da moça, o célebre Hércules estava pela região e, sabendo do fato, veio ao rei troiano e ofereceu seus serviços. Laomedonte aceitou, mas quando Hércules havia exterminado o mal, o rei novamente não honrou o trato. Em vingança, Hércules unido a uma esquadra grega destruiu Troia, exterminando



dissolve-se sem esmero algum pelas mãos dos cidadãos. Mas, depois que a maior parte daquela obra havia sido derribada, houve uma intervenção por decisão tomada pelos gregos: eles garantiam que não permitiriam a introdução do cavalo dentro da muralha sem que antes recolhessem o peso estipulado em ouro e de prata. Assim, tendo sido suspensa a obra e com a muralha pela metade destruída, Ulisses conduz todos os operários da cidade troiana até as naus para que as reparassem. Na sequência, tendo sido reparada a esquadra inteira, quando já todas as embarcações estavam armadas e a compensação tratada havia sido paga, os nossos ordenam que terminem o que haviam começado. E assim, destruído o resto dos muros, com brincadeiras e gracejos introduziram o cavalo. Entre si apressavam-se e obstinavam-se mulheres e homens em arrastá-lo.<sup>594</sup>

[12] Nesse ínterim, os gregos, quando todos os bens tinham sido colocados dentro das naus, tendo incendiado as barracas de todos, retiram-se na direção do Sigeu,<sup>595</sup> e ali aguardam a noite. Depois, com os bárbaros fatigados pela grande quantidade de vinho e pelo sono, que haviam advindo graças à alegria e à segurança da paz, os gregos navegam muito silenciosamente até a cidade, obedecendo ao sinal que Sínon, elevando uma tocha, havia estabelecido para aquele objetivo.<sup>596</sup> E, sem demora, depois penetraram na muralha, tendo dividido os setores da cidade ente si, quando foi dado um sinal, todos com grande violência mataram aqueles que a sorte os colocara no caminho, e perpetraram assassinatos em todas as partes, por entre casas e ruas, locais sagrados e profanos. Mesmo que os troianos disso se apercebessem, antes que quisessem armar-se ou tomar outra atitude para salvarem-se, os gregos os subjugavam. Em suma, não houve descanso à carnificina e às mortes. Publicamente e à vista dos seus eram mortos filhos e pais com grande gemido dos que assistiam. E, sem demora, estes mesmos, que presenciaram o espetáculo dos corpos de seus entes mais queridos, pereciam de modo lastimável. E, não mais brandamente, por

---

Laomedonte e muitos dos seus filhos. Hesfone foi feita cativa e dada a Télamon como esposa, união da qual nasce Teucro. Príamo, estando ausente durante esses acontecimentos, quando volta se dedica à reconstrução de Troia e passa a reinar sobre ela (MAYERSON, 2001, p. 387).

<sup>594</sup> Com o mesmo festejar a entrada do cavalo é descrita por Virgílio na *Eneida* (II, 237-142): *scandit fatalis machina muros / feta armis. pueri circum innuptaeque puellae / sacra canunt funemque manu contingere gaudent / illa subit mediaeque minans inlabitur urbi. / o patria, o divum domus Ilium et incluta bello / moenia Dardanidum!*; “Prenhe de armas, sobe / A máquina fatal: em torno a coros / Cantam meninos e devotas virgens, / De tocarem na corda mui contentes. / Através da cidade ela soberba / Vai minaz resvalando. Ó pátria! ó Ílio! / Invictos muros, divinal estância” (trad. Manuel Odorico Mendes).

<sup>595</sup> A tradição, como em Virgílio, consagra Tenedo como refúgio. Supõe-se que o autor de *Ephemeris* racionalizou também esse dado, pois Sigeu, por estar mais próximo, estaria mais passível à execução de trocas de sinais luminosos, que ocorrerão posteriormente para dar início ao saque da cidade troiana (LELLI, 2015, p. 660-661, n. 90).

<sup>596</sup> Cf. APOLLOD. *Ep.* 5,15-19, TRIPH., 219-304, VIRG. *Aen.*2, 57-198, *Saque de Ílion*.

toda a cidade procediam com incêndios,<sup>597</sup> não sem antes colocar defensores junto da casa de Eneias e Antenor.<sup>598</sup> Nesse ínterim, Príamo, tomando conhecimento da situação, refugia-se perto do altar de Júpiter em frente ao palácio. Muitas pessoas fugiram desse local em direção aos demais templos dos deuses. Dentre essas estava Cassandra, que se dirigia ao templo de Minerva. Mas, depois horrenda e impunemente decapitaram todos que caíam à sua mão, começando a amanhecer, atacam a casa em que Helena estava. Ali, Menelau abate Deífobo, que depois da morte de Alexandre contraíra matrimônio com Helena, como instruímos anteriormente.<sup>599</sup> Ele teve primeiro as orelhas e os braços cortados; em seguida, teve arrancado seu nariz; por fim, acaba mutilado de todas as partes e desfigurado por extraordinária tortura.<sup>600</sup> Depois, sem respeito algum por sua idade e por sua honra, Neoptólemo degola Príamo, que agarrava com ambas as mãos o altar.<sup>601</sup> Ademais, Ájax, filho de Oileu, do templo sagrado de Minerva arrebatou Cassandra como escrava.

[13] Desse modo, destruídos os bárbaros juntamente com a sua cidade, dá-se início a uma deliberação a respeito daqueles que, nos altares dos deuses, haviam implorado o socorro à vida. Decretou-se por unanimidade que, uma vez arrancados fora à força, fossem mortos. Uma dor muito grande motivada pela injúria apoderara-se dos gregos e, por causa disso, o empenho em extinguir o nome troiano. Assim, apanhados os que se furtaram à tortura da noite anterior, contudo, tremendo, foram mortos como gado. Depois, como é costume de guerra, por templos e por casas apenas em parte incendiadas, houve pilhagem de todos os bens e por numerosos dias houve diligência na procura para que nenhum inimigo lhes escapasse. Nesse ínterim, destinam-se lugares adequados para amontoar o volume de ouro e prata, e outros para vestes preciosas. Então, quando teve lugar a saciedade de sangue troiano e estava a cidade arrasada por incêndios, dão início ao pagamento das tropas por meio dos despojos, primeiramente pelas mulheres escravas e os meninos ainda imbeles. E, assim, desses, primeira dentre todas, Helena foi concedida sem sorteio a Menelau; depois, por aconselhamento de Ulisses, Polixena foi destinada por intermédio

---

<sup>597</sup> Concretizando nefasto sonho de Hécuba em *Eph.* III, 26.

<sup>598</sup> Como fora prometido em *Eph.* IV, 22.

<sup>599</sup> *Eph.* IV, 22.

<sup>600</sup> Cf. VIRG. *Aen.* VIII, 515; *Saque de Ílion*, Trifiod. 45; 163; 463; 626; QUINT. SM., *Posth.* XIII, 354-356; APOLLOD. *Epit.*

5,22; Tzetzes 729. No entanto, em Dares XXVIII, Deífobo perece em mãos de Palamedes.

<sup>601</sup> Cf. *Eneid.* II, 533.

de Neoptólemo como sacrifício em honra de Aquiles.<sup>602</sup> Cassandra foi dada a Agamêmnon, depois, tendo este sido tomado pela formosura dela, sem que confessasse publicamente o seu desejo, não pudera dissimulá-lo. Etra e Climena tiveram-nas Demofón e Acamante. Começou-se a lançar a sorte para as demais e, assim, depois o sorteio acabou, também Andrômaca, com os filhos dela juntos,<sup>603</sup> coube a Neoptólemo em honra a esse excelente comandante; Hécuba, a Ulisses. Até aqui distinguiu-se a escravidão das mulheres nobres. Outros, conforme a cada um a sorte tocara, tiveram seu despojo ou sua parte em escravos, o quanto se distribuía pelo mérito.

[14] Nesse ínterim, os comandantes travaram ingente disputa entre si a respeito do Paládio:<sup>604</sup> em seu favor, Ájax Telamônio reclamava-o diante daquilo com havia contribuído ele, por meio de sua própria coragem e inteligência, no benefício de cada um e de todos. Coagidos quase todos por essa razão, ao mesmo tempo que para não ferir a alma de excelente homem, cujos feitos ilustres e vigílias em favor do exército eles guardavam no coração, concederam-no a Ájax; dentre todos somente se opunham Diomedes e também Ulisses, pois insinuavam que aquela estátua havia sido roubada por obra deles. Ao contrário, Ájax afirmou que o roubo fora levado a cabo não pelo trabalho ou pela coragem deles, já que, em contemplação da amizade comum, Antenor é que o furtara. Então, em honra dele, Diomedes, cedendo por respeito, desiste da disputa. Então, Ulisses e Ájax contenderam entre si com bastante afinco e também reclamavam alternadamente pelos méritos da inteligência. Menelau e também Agamêmnon apoiavam Ulisses, pois, pouco antes, por obra dele Helena havia sido preservada.<sup>605</sup> De fato, depois de capturada Ílion, Ájax, recordando-se daquilo que em momentos críticos por causa dessa mulher experimentaram e sofreram, foi o primeiro dentre todos a ordenar que ela fosse morta. E já com muitos homens idôneos aprovando o conselho de Ájax, Menelau, que ainda guardava amor pela esposa até então, cercando a cada um e pedindo-lhes, conseguira, enfim, por intercessão de Ulisses, que Helena lhe fosse trazida incólume. E assim estavam, como em um julgamento, observando os méritos de ambos. Embora àquela altura a guerra ainda lhes estava em mãos e muitas nações os assediavam a sua volta como inimigas, não tiveram nenhuma consideração para com os valentes homens e, tendo sido

---

<sup>602</sup> Cf. *De Excid.* XLIII: *Agamemnon Neoptolemo tradit, is eam [Polyxenam] ad tumulum patris iugulat*; “Agamêmnon entrega Polixena a Neoptólemo, e este a degola junto ao túmulo do pai”.

<sup>603</sup> A tradição consagra apenas Astíanax como filho de Heitor e Andrômaca (Cf. *Il.* VI, 399-404; XXII, 500-504), cuja morte trágica se apresenta em *As troianas*, de Eurípides, em que Neoptólemo lança-o de cima das muralhas. Em *Ephemeris*, no entanto, menciona-se Laomedonte em VI, 12 como filho de Heitor.

<sup>604</sup> Outras fontes dão a disputa em função das armaduras de Aquiles. Cf. *Od.* XI,542-564; QUINT. SM., *Posth.* V; *OV. Met.* XIII, 1-122.

<sup>605</sup> Cf. QUINT. SM., *Posth.* XIII,385-408; Hig. 107.

desprezados todos os egrégios feitos de Ájax e a distribuição para todo o exército do trigo que ele havia trazido da Trácia, entregam o Paládio a Ulisses.

[15] Por causa dessa situação, todos os comandantes se dividiam em dois partidos, segundo a sua inclinação: uns, lembrando-se dos atos corajosos de Ájax, declaravam que nada havia de superá-lo; outros, seguindo em favor de Ulisses, atacavam aquele homem. Nesse ínterim, Ájax, indignado e, por causa disso, vencido por uma dor em sua alma, em público e à vista de todos, declara que havia de levar a cabo uma vingança de sangue contra aqueles pelos quais havia sido atacado. Assim, por causa disso, Ulisses, Agamêmnon e também Menelau aumentaram a sua guarda e, a fim de ficarem mais seguros, passaram a vigiar com o máximo cuidado. E quando a noite chegou, retirando-se, todos a uma só voz desaprovavam ambos os reis e não se abstinham de ultrajes, pois a luxúria e o desejo por uma mulher estavam para eles acima do bem da tropa. E ao nascer do sol, depararam com Ájax no meio do acampamento, sem vida. Procurando saber qual fora o tipo de morte, dão-se conta de que fora assassinado com uma espada.<sup>606</sup> A partir de então, um ingente tumulto nasceu entre os comandantes e o exército. E depois, como tivessem já antes lamentado Palamedes, homem prudentíssimo seja na guerra seja na paz, e agora Ájax, ínclito por todos os egrégios combates, ambos assaltados por armadilhas daqueles, logo uma sedição foi alimentada. Em razão disso, os supraditos reis, temendo que algum ato violento fosse tramado pelo exército, permanecem dentro de suas tendas enclausurados e defendidos por seus homens mais próximos. Nesse ínterim, Neoptólemo, tendo sido trazida madeira de árvores, cremou Ájax e tratou de sepultar no Reteu<sup>607</sup> suas cinzas guardadas em uma urna de ouro; e, rapidamente construído um túmulo, consagrou-o em honra de tão grande comandante. Com esses fatos, se pudessem ter acontecido antes da tomada Ílion, sem dúvida teria sido mais próspera em boa parte a situação dos inimigos e, por outro lado, haveria dúvidas sobre o resultado final. Então, temendo a violência do exército ofendido, às escondidas Ulisses foge para Ísmaro<sup>608</sup> e, assim, o Paládio permanece junto a Diomedes.

[16] Ademais, depois do afastamento de Ulisses, Hécuba, para que, por meio da morte, se livrasse

---

<sup>606</sup> Outra versão, mais familiar aos trágicos, conta que, após terem negado as armas de Aquiles a Ájax, este, tomado de loucura, mata o rebanho grego e, quando lúcido, comete suicídio (GRIMAL, 2005, p. 16-17). Cf. *Pequena Ilíada; Retornos; Ájax*, de Sófocles; Ovid. *Met.* 13,1-122. De modo bastante diferente narra-se em *De Excid.* XXXV, em que o herói morre por resultado de uma flecha de Alexandre, que, extraída, causou sua morte.

<sup>607</sup> Promontório próximo de Troia (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 344, n. 238). Estrabão localiza a tumba de Ájax em outro local, à costa do Helesponto, há cerca de seis quilômetros do campo aqueu (LELLI, 2015, p. 665, n. 119).

<sup>608</sup> Monte da Trácia; em frente a Troia, do outro lado do mar (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 344, n. 239). Cf. *Od.* 9,40.

da escravidão, proferiu muitos ultrajes e desejou maus agouros contra o exército. Ofendida por esse ato, a guarnição matou-a, aniquilando-a a pedradas. Um sepulcro junto a Abido, foi-lhe erguido, chamado de Cinossema,<sup>609</sup> por causa de petulância impudente dissoluta de sua língua. Por aquele tempo, Cassandra, possuída por um deus, prenuncia muitas adversidades contra Agamêmnon: com efeito, haveria ocultamente ciladas contra ele e, em sua casa, derramamento de sangue perpetrado pelos seus;<sup>610</sup> além disso, a partida rumo à casa seria difícil e funesta para todo o exército. Entrementes, Antenor junto com os seus pediu aos gregos que renunciassem a sua ira e que, pelo tempo de navegação que urgia, tomassem medidas em favor do bem comum. Além disso, conduz todos os comandantes a que banquetearassem com ele e ali enche cada um com presentes magníficos. Depois disso, os gregos convencem Eneias a navegar para Grécia junto deles, onde, com efeito, a ele seriam dados direito e mesma autoridade sobre o reino, à semelhança de outros comandantes.<sup>611</sup> Neoptólemo concedeu os filhos de Heitor a Heleno; além disso, os demais comandantes tiveram a quantidade de ouro e prata que a cada um pareceu adequada. Depois, decidiu-se em reunião que, por três dias, publicamente se prestassem honras fúnebres a Ajax. E assim, passados esses dias, todos os reis depõem seus cabelos sobre o túmulo dele.<sup>612</sup> E em seguida atacavam com contumélias Agamêmnon e seu irmão e chamavam-nos de filhos não de Atreu, mas de Plístenes e, por esse motivo, bastardos.<sup>613</sup> Por estarem constrangidos, ao mesmo tempo que para abrandar, por meio da ausência, o ódio contra eles junto ao exército, pediam que lhe concedessem ir embora da vista deles sem dano. E assim, por consenso de todos, foram eles os primeiros a navegar, escorraçados e expulsos pelos comandantes. Ademais, os filhos de Ajax, Eantide gerado por Glauca e Eurisace de Tecmessa, foram confiados a Teucro.

<sup>609</sup> Vega e López (2001, p. 345) que “κύων σῆμα” significa “tumba da cadela”, tumba construída em Abido, acima de Troia, na costa do estreito de Dardanelos. Ademais, essa versão está ligada, de certo modo, à morte metamórfica de Hécuba, mulher transformada em cachorra. Cf. OV. *Met.* 13,400-575; Eur. *Hec. e Tr.*; APOLLOD. *Epit.* V,23; QUINT. SM., *Posth.* XIV, 21-22; *De Excid.* XLIII. A palavra cão e cadela servem diversas vezes como ofensa em Homero (CREPALDI, 2012).

<sup>610</sup> Esse anúncio infausto se refere à morte de Agamêmnon pelas mãos de sua própria esposa Clitemnestra (*Eph.* VI, 2) e, posteriormente, o matricídio cometido por Orestes, filho dos dois (*Eph.* VI, 3) e seu julgamento no tribunal do Areópago (*Eph.* VI, 4), episódios que formam o enredo da trilogia de Ésquilo, a *Oresteia*.

<sup>611</sup> Essa nova proposta não encontra paralelo em nenhuma outra versão das narrativas do ciclo troiano. Tradicionalmente, Eneias é um fugitivo, levando seu pai às costas e os penates, símbolo da *pietas* e da *fides* (Cf. APOLLOD. *Ep.* 5,21; QUINT. SM., *Posth.* XIII,315-327; VIRG. *Aen.*II, 634- 804). Nessa passagem, no entanto, gozando de prestígio entre os gregos, nega a proposta para poder tentar assumir Troia por meio de uma trama contra Antenor. Cf. *Eph.* 5, 17.

<sup>612</sup> Sobre esse rito, Cf. *Eph.* IV, 21; V, 15; *Il.* XXIII,140-142

<sup>613</sup> Em *Eph.* I, 1 e III, 3, explica-se a genealogia de Agemêmnon e Menelau. Seguindo-a, eles seriam bastardos na partilha por serem apenas filhos adotivos de Atreu.

[17] Depois, os gregos, temendo que, por causa da demora, uma vez chegado o inverno,<sup>614</sup> que já se lançava sobre eles, ficassem impedidos de navegar, uma vez conduzidas as naus ao mar, completam-nas com remos e os demais instrumentos náuticos. E assim se retiram, com os bens que cada um havia procurado obter como despojos de muitos anos. Eneias permanece em Troia e, depois da partida dos gregos, visita toda gente de Dârdano e da península próxima de lá, pedindo que, com ele, expulsem Antenor do reino. Depois, prevenido por uma mensagem que dizia respeito a Eneias, vem ao conhecimento de Antenor a intenção dele, que, voltando para Troia com o plano inacabado, tem a entrada proibida. Assim, parte de Troia<sup>615</sup> obrigado a navegar junto com todo o seu patrimônio e chega ao mar Adriático, passando, nesse ínterim, por muitas populações bárbaras. Ali, com aqueles que haviam navegado com ele, funda uma cidade chamada Corcira Melena.<sup>616</sup> Ademais, junto a Troia, depois se tornou público que Antenor havia se apoderado do reino, todos que, naquela noite, haviam escapado à ruína da cidade, para lá confluem e rapidamente se ajuntou uma ingente multidão. Tamanho era o amor para com Antenor e crescente a reputação de sua sabedoria. E torna-se o primeiro de sua amizade Enideu, o rei dos Cebrenos.<sup>617</sup> Essas coisas eu, Díctis de Cnossos, companheiro de Idomeneu, compus com o estilo que dentre tão diversos modos de se expressar melhor eu pude conseguir e exprimir, com o alfabeto púnico trazido por Cadmo e Dânao.<sup>618</sup> E não seja de se admirar que, ainda que sejamos todos gregos, valemo-nos, no entanto, de diversos falares entre nós, quando nem nós, sendo da mesma e única ilha, usamos de língua similar, mas, sim, uma vária e misturada. Portanto, todas essas coisas que aconteceram na guerra aos gregos e aos bárbaros, confiei à memória, tendo eu conhecido e passado por grande parte delas. Acerca de Antenor e de seu reino, relatei o que ouvira.<sup>619</sup> Agora convém narrar o retorno dos nossos.<sup>620</sup>

<sup>614</sup> Virgílio (VIRG. *Aen.* III, 8), por outro lado, localiza o fim troiano no verão (LELLI, 2015, p. 668, n. 135).

<sup>615</sup> Dares (*De Excid.* XLIV) não apresenta nenhum detalhe acerca dessa viagem, a não ser o número de homens que seguiu o troiano: *Aen.eas navibus profectus est, in quibus Alexander in Graeciam ierat, numero viginti duabus: quem omnis aetas hominum secuta est in milibus tribus et quadringentis*; “Eneias partiu com vinte e duas naus, nas quais Alexandre havia partido para Grécia; seguiram-no pessoas de todas as idades em número de três mil e quatrocentos.”

<sup>616</sup> *Corcyra Melana*, Ilha do Adriático, atual Corfú.

<sup>617</sup> Desconhecido da literatura, esse rei domina região do sul de Troia, fundada por um filho de Príamo, Cebríones (LELLI, 2015, p. 669, n. 144).

<sup>618</sup> Cf. *Prólogo e Epístola*.

<sup>619</sup> Como estrato tucididiano, Díctis declara a fonte de suas informações e esclarece que se apoiou metodicamente em testemunhas oculares.

<sup>620</sup> Constitui uma quebra de seção nítida, dividindo formalmente a narração da *guerra* e a dos *retornos*. A partir deste ponto, a tradução de Septímio é um resumo do original grego.

## LIVRO VI

[1]<sup>621</sup> Depois, tendo carregado tudo aquilo que durante a guerra cada um procurou obter, eles embarcaram e, levantadas as âncoras, partem ao mar. Em seguida, com o vento favorecendo a popa, em poucos dias chegam ao mar Egeu, onde, com chuvas e ventos e, em razão disso, com o mar furioso, passando por muitos apuros de todos os lados, desgarram-se, conforme o acaso impelia. Dentre esses, prejudicadas as manobras dos marinheiros pela tempestade e embaraçando-se uns com outros, a frota dos locros é por fim despedaçada ou<sup>622</sup> incendiada por um raio. E depois Ájax, rei dos locros, esforçou-se em fugir do naufrágio a nado<sup>623</sup> e depois outros, flutuando a noite toda sobre tábuas ou por outro meio de salvação, chegam à Eubeia,<sup>624</sup> e perecem ao serem impelidos contra os penedos Quérades.<sup>625</sup> Com efeito, ao tomar conhecimento da aproximação deles, Náuplio, querendo vingar o assassinato de Palamedes,<sup>626</sup> durante a noite, ergueu uma tocha e levou-os a se desviar em direção àquela área tal qual fosse um porto.<sup>627</sup>

[2] Por esse mesmo tempo, Éax, filho de Náuplio e irmão de Palamedes,<sup>628</sup> ao saber que os gregos voltavam para casa, vai a Argos. Nesse lugar, arma Egialeia e Clitemestra com falsas notícias contra os maridos, dizendo que eles haviam trazido consigo de Troia esposas que tomariam seu

---

<sup>621</sup> O livro VI da *Ephemeris* latina é um resumo dos livros finais do original grego, como consta na *Epístola* de Septímio. Ademais, sua narração constitui do retorno dos heróis e o encontro de cada um com o seu destino fatal, constantes, principalmente, na Odisseia, nos Retornos e nos tragediógrafos gregos, além, é claro, dos mitógrafos.

<sup>622</sup> Mais uma vez, observa-se a construção optativa. Mais que indicar dúvida quanto ao ocorrido, a apresentação de duas versões para um mesmo fato indica o ceticismo do narrador ao relatar um evento que lhe reportaram.

<sup>623</sup> Na tradição mitológica, Ájax Oileu é punido pelos deuses pelo ato sacrílego que cometeu para com Cassandra ao arrebatá-la do templo de Minerva (Cf. *Eph.* V.12). Ao contrário do que afirma Díctis, a tradição considera Netuno como responsável pela salvação do herói, mas, ao gabar-se por ter se livrado sozinho daquela terrível tragédia, Ájax acaba assassinado por aquele deus, que, incitado por Minerva, derruba o rochedo em que se abrigava (GRIMAL, 2005, p. 16). Cf. *Od.* IV, 499-510; APOLLOD. *Ep.* 6, 6; QUINT. SM., *Posth.* XIV, 419-589; HYG. *Fab.* 110.

<sup>624</sup> Ilha grega do mar Egeu.

<sup>625</sup> Como observam Vega e López (2001, p. 350, n. 252), esses rochedos são localizados no cabo Cafereu da Eubeia, constantes também em outras fontes, como em Apolodoro, que afirma que, em sua época, chamavam-se Xilófago, significando “devorador de madeira” em alusão à periculosidade apresentada aos barcos que por ali navegassem.

<sup>626</sup> Episódio ocorre em *Eph.* II,15.

<sup>627</sup> Cf. *Helena*, de Eurípides, em que se narra o fato, mas não nomeia Náuplio (ACHAINTRE, 1813). Usa-se, nessa narração, um recurso retórico de inversão lógica dos fatos (*hýsteron próteron*), em que há primeiro o ocorrido sem a explicitação da causa real e, em seguida, revela-se a sua verdadeira razão de ocorrer. Ademais, lê-se aqui mais um exemplo da ardilosa inteligência dos personagens em fazer armadilhas e emboscadas contra o inimigo, deixando-se entrever, assim, no autor grego um apreço por esse tipo de resolução, pois opta em relatar versões troianas que a contenham.

<sup>628</sup> Em Apolodoro (*Ep.* VI), é o próprio Náuplio que trama e executa esse plano (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 350, n. 255; LELLI, 2015, p. 682-684).

lugar.<sup>629</sup> Acrescenta outros detalhes, com os quais se acende ainda mais contra seus maridos o temperamento de mulher, por natureza fácil de persuadir.<sup>630</sup> E assim, chegando Diomedes, Egíale proíbe sua entrada por intermédio dos cidadãos. Clitemnestra apanha Agamêmnon com armadilhas e o mata por intermédio de Egisto, com quem cometia adultério.<sup>631</sup> E logo desposa o amante com o qual gera Erígone.<sup>632</sup> Nesse ínterim, Taltíbio,<sup>633</sup> tendo tomado Orestes das mãos de Egisto, filho de Agamêmnon,<sup>634</sup> confia-o a Idomeneu, que vivia perto de Corinto.<sup>635</sup> Lá se ajuntaram Diomedes, que havia sido expulso de seu reino, e Teucro, barrado por Telamón em Salamina, sem dúvida porque não havia defendido seu irmão quando assaltado por armadilhas.<sup>636</sup> Nesse ínterim, Menesteu com Etra, filha de Piteu, e Climena, sua própria filha, é recebido pelos atenienses; Demofón e Acamas permanecem fora. Ademais, muitos deles, que haviam escapado do mar e das armadilhas dos seus, quando estavam em Corinto, tomam providências para, unidos entre si, atacarem cada reino e, por meio da guerra, franquearem a entrada aos seus. Nestor impede esse intento, persuadindo-os a que antes conquistassem os ânimos dos cidadãos. Não correriam o risco de que, por meio de uma sedição, toda a Grécia fosse corrompida com discórdias internas. E, não muito depois, Diomedes toma conhecimento de que, na Etólia, Eneu<sup>637</sup> de muitos modos havia sido afligido por aqueles que, em sua ausência, devastavam o reino. Por causa disso, tendo ele tomado a direção daquelas paragens, mata todos que descobria como responsáveis pela injúria. E tendo lançado o medo por todas as localidades em volta, é recebido

<sup>629</sup> São elas, respectivamente, esposas de Diomedes e de Agamêmnon (GRIMAL, 2005, p. 11-14; 96-97; 120-121; 131).

<sup>630</sup> Mais uma expressão misógina na narração de Díctis.

<sup>631</sup> O assassinato de Agamêmnon é amplamente presente nas narrativas épicas (*Odisseia*, *Retornos*) e nas tragédias (como em *Agamêmnon*, de Ésquilo, *Electra*, de Sófocles, *Orestes*, de Eurípides, e *Agamêmnon*, de Sêneca), bem como nos mitógrafos (Apolodoro, Pausânias, Higino). Além disso, deve-se ter em mente que essa morte atroz fora vaticinada por Cassandra, Cf. *Eph.* V, 16.

<sup>632</sup> Sobre o destino de Erígone, cf. *Eph.* VI, 4. Além disso, cabe observar que a rapidez com a qual Clitemnestra procura casar-se com Egisto tem objetivo claro de legitimar o trono. Nesse sentido, não se pode negar que a dualidade moral e o jogo político se fazem presentes nessa narração, haja vista que tanto ela quanto Egíale viviam em adultério antes mesmo de seus maridos contraírem escravas.

<sup>633</sup> Escudeiro de Agamêmnon que participou ativamente no plano da derrubada de Troia, Cf. *Eph.* IV, 22.

<sup>634</sup> A versão mais comum desse episódio conta *Electra* como salvadora de Orestes, como se representa na peça *Electra*, de Sófocles e em outros autores, como Apolodoro (*Ep.* 6,23) e Higino (*Fab.* 117). Contudo, há versões do episódio em que é uma ama (Pindaro nas *Píticas*, 11,17), um velho criado da família, um preceptor, ou mesmo a própria Clitemnestra (*Agamêmnon*, de Ésquilo) a salvar o pequeno Orestes. Cf. Lelli, 2015, p. 693-696, n. 16; Grimal, 2005, p. 338-339.

<sup>635</sup> Consta na *Odisseia* (III,191-192) e nos *Retornos* que Idomeneu retornou sem maiores ocorrências. Não há em outras fontes a localização de Idomeneu em Corinto. De resto, em *Ephemeris* não se encontra a narração do ataque que o herói sofre de Meda, sua esposa, à semelhança do mal que foi aplicado a Diomedes e a Agamêmnon. Cf. Grimal, 2005, p. 244-245; APOLLOD. *Ep.* VI, 10-11; LYC. *Alex.*,1214; Lelli, 2015, p. 696-697, n. 18.

<sup>636</sup> Cf. *Eph.* V, 15.

<sup>637</sup> Seu avô paterno, pai de Tideu. Cf. HYG. *Fab.*95.



facilmente pelos seus. Então, com a fama se elevando por toda a Grécia, recebem cada um de seus reis, sopesando a elevada coragem daqueles que haviam guerreado em Troia e as suas próprias forças que não eram suficientes para resistir a eles. Assim, também nós com o rei Idomeneu retornamos ao solo pátrio sob a mais alta felicitação dos cidadãos.

[3] Depois, passados os anos de puerícia, quando Orestes começou a realizar trabalhos de homem, pede a Idomeneu que, junto com ele, enviasse de sua ilha quantos pudesse, pois iria navegar para Atenas. E tendo assim formado um contingente daqueles que acreditava estarem aptos à tarefa, chega em Atenas e pede aos atenienses auxílio contra Egisto. Depois, consulta o oráculo e recebe a resposta de que ele mataria sua mãe e, com ela, Egisto. a partir de quando isso acontecesse, retomaria o reino paterno. Dotado de um consentimento dessa natureza,<sup>638</sup> com a predita tropa, vai até Estrófilo.<sup>639</sup> De fato, esse focense, cuja filha havia sido dada em matrimônio a Egisto, estava indignado porque, desprezando o primeiro casamento, ele sobrepusera-o com Clitemestra e porque com armadilhas assassinara Agamêmnon, rei supremo. De boa vontade oferecia ao jovem auxílio contra pessoas inimicíssimas. E tendo assim conspirado entre eles, vão a Micenas com grande quantidade de homens e, imediatamente, porque Egisto estava ausente, matam primeiramente Clitemnestra e muitos outros que haviam ousado resistir. Depois, sabendo que Egisto chegava, armam uma cilada e assaltam-no.<sup>640</sup> Em seguida, surgindo discordância de opiniões entre todo o povo dos Argivos porque entre si interessavam-se por coisas diversas, por fim, esses dividem-se em partes. Por esse mesmo tempo, Menelau, tendo aportado em Creta, toma conhecimento de tudo sobre Agamêmnon e o reino dele.

[4] Enquanto isso, depois se soube por toda a ilha que Helena vinha com ele, confluem muitos homens e mulheres de várias partes, aproximando-se para entender pelo que quase todo o orbe conjurara guerra. Nesse lugar, entre outros acontecimentos, Menelau relata que Teucro, expulso da pátria, fundara uma cidade de nome Salamina em Chipre. Também relata eventos maravilhosos no Egito, e que havia construído um magnífico monumento ao seu timoneiro Canopo, que perecera naquele lugar por uma picada de serpente.<sup>641</sup> Depois, quando o tempo pareceu favorável, navega

---

<sup>638</sup> Ou seja: amparado pela permissão e poder divinos.

<sup>639</sup> Estrófilo era casado com Anaxíbia, irmã de Agamêmnon, e vivia na cidade de Cirra, perto de Delfos (Grimal, 2005, p. 338-339). Aqui é reportado como oriundo da Fócida, região da Grécia central, não se confundindo, portanto, com Focea na Jônia asiática (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 353, n. 166).

<sup>640</sup> A trilogia *Oresteia* abarca toda essa sequência da trama, desde a morte de Agamêmnon nas mãos de Clitemnestra e Egisto (*Agamêmnon*), a vingança de Orestes (*Coéforas*) até o julgamento de Orestes (*Eumênides*).

<sup>641</sup> A tradição o consagra como exímio timoneiro, sendo em algumas versões como piloto da Argo e do deus Osíris. Após a queda de Troia, como piloto de Menelau e Helena, acompanha-os ao Egito, onde sofre o acidente.

para Micenas. Ali muitas armadilhas maquinou contra Orestes. Por fim, coibido por uma multidão de populares, desistiu do plano que tramava. Em seguida, pareceu bem a todos que Oreste declarasse junto aos atenienses a causa daquele crime. Ali era o lugar em que o juízo dos Areópagos era considerado o mais rigoroso de toda a Grécia.<sup>642</sup> Uma vez declarada a causa junto a eles, absolve-se o jovem. Erígone, que havia nascido de Egisto, quando soube que o irmão<sup>643</sup> fora absolvido, vencida por uma dor imensurável, mata-se enforcada.<sup>644</sup> Depois Orestes foi inocentado do crime de parricídio e purificado, segundo o costume pátrio, com todas as medidas comuns de serem aplicadas para perdoar uma infração daquela natureza, Menesteu envia-o a Micenas, e ali lhe é concedido o reino. Depois, passado um tempo, por chamado de Idomeneu, veio a Creta, e não muito depois Menelau. Ali proferindo severamente muitas críticas contra o tio paterno, porque até ele mesmo lhe havia armado ciladas quando estava de várias formas em perigo por causa da dissensão dos populares. Por fim, graças à intercessão de Idomeneu, os dois se reconciliam e descem à Lacedemonia. Naquele lugar, conforme conviera, dá Hermíone em matrimônio a Orestes.<sup>645</sup>

[5] Por esse mesmo tempo, Ulisses<sup>646</sup> foi impelido à Creta com duas naus dos fenícios, tomadas a troco de um pagamento, pois as suas próprias, junto com todos os aliados que, partidos de Troia, ainda mantinha, perdera por ataque de Télamon,<sup>647</sup> evidentemente enfurecido por causa do assassinato do filho levado a cabo por ele,<sup>648</sup> ele mesmo, com muito custo, salvara-se graças à própria inteligência. E a Idomeneu, que procurava saber por quais causas caíra em tantas misérias, ele começa a narrar o início de suas errâncias:<sup>649</sup> de maneira que, impelido a Ísmaro,<sup>650</sup> tendo adquirido muitos despojos por meio de guerra, dali navegara, e, impelido às terras dos lotófagos<sup>651</sup> e, também gozando de sorte adversa, dirigiu-se à Sicília, onde, tendo passado por

---

Sobre o seu túmulo chora Helena e ali nasce uma planta, a *helenion*. De Canopo provém o nome de uma cidade egípcia e de um braço de um rio da foz do Nilo (GRIMAL, 2005, p. 73).

<sup>642</sup> Exclui-se, por objetivos racionalistas do autor de *Ephemeris*, a intervenção de Minerva no juízo de Orestes, bem como a presença das Erínias. Cf. *Oresteia*; Grimal, 2005, p. 338-340.

<sup>643</sup> Entenda-se: Erígone nascera da união entre Egisto e Clitemnestra, pelo que é meia-irmã de Orestes por parte materna.

<sup>644</sup> Cf. APOLLOD. *Ep.* 6,25

<sup>645</sup> Em relação ao casamento de Orestes, cf. *OV. Met.* VIII; *Her.* XIII; *Od.* 4,3; *EUR. Andr.*; *Or.*

<sup>646</sup> O conteúdo da *Odisséia* é resumido em 5 e 6 e recebe um tratamento absolutamente racionalista.

<sup>647</sup> Episódio ausente na tradição que nos chegou.

<sup>648</sup> Telamón se mostra convicto que foi Ulisses a dar cabo de Ájax. Cf. *Eph.* V, 15.

<sup>649</sup> Aqui iniciasse a única quebra formal da linearidade da narração com um *flashback* de Ulisses.

<sup>650</sup> Primeira parada de Ulisses, como já informado em *Ephemeris* V, 15.

<sup>651</sup> Cf. *Od.* VIII,82-104.

situações indignas nas mãos dos irmãos Cíclope<sup>652</sup> e Lestrígones,<sup>653</sup> por fim graças a Antífas e Polifemo,<sup>654</sup> filhos daqueles, perdera numerosos aliados.<sup>655</sup> Depois, recebido em amizade por misericórdia de Polifemo, tentou raptar Arene, filha do rei, enquanto ela morria de amores por um aliado seu, Alfenor.<sup>656</sup> Quando se conheceu a situação, por intervenção do pai lhe arrebataram a moça à força. Compelido por entre as ilhas de Eólo,<sup>657</sup> acaba chegando na terra de Circe<sup>658</sup> e em seguida na de Calipso,<sup>659</sup> ambas rainhas de ilhas em que, como diziam, por meio de certos encantos seduziam as almas dos hóspedes a amá-las. De lá, uma vez liberto, alcançara um lugar em que por meio de certas cerimônias sagradas podia-se conhecer o futuro pelas almas dos mortos.<sup>660</sup> Depois disso, impelido aos penedos das Sereias,<sup>661</sup> foi libertado nesse momento graças à sua inteligência. Por fim, no mar entre Cila e Caríbdis,<sup>662</sup> furiosíssimo e acostumado a sorver aquilo que se apresentasse, perdera grande número de naus com aliados. Assim, ele junto aos que restavam caíram nas mãos dos fenícios enquanto eles faziam pilhagem pelos mares e, por misericórdia, fora salvo por eles.<sup>663</sup> Então, conforme quisera, tendo recebido de nosso rei duas

---

<sup>652</sup> Cf. *Od.* I,68.

<sup>653</sup> Cf. *Od.*X,80-132.

<sup>654</sup> Cf. *Od.* IX, 105-542.

<sup>655</sup> Há uma amálgama de informações diversas e uma transformação racionalista que torna mais humanos elementos que na *Odisseia* são fantásticos. De gentílicos na obra homérica, Cíclope e Lestrígones tornam-se nesta passagem nomes próprios; na *Odisseia*, Antífas era nome do rei dos lestrígones e Polifemo, um ciclope, gigante monstruoso com um único olho, mas aqui este personagem apenas é um varão humano (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 356, n. 272). Além disso, em *Ephemeris*, episódios que são separados na *Odisseia*, articulam-se em um mesmo episódio. Contudo, algumas fontes (Estrabão, 1, 2, 9; Plínio 8, 89; Tucídides 6, 2, 1-2) atestam a possibilidade de associação entre os Lestrígones e os Cíclopes e de situar a ambos na Sicília (LELLI, 2015, p. 708, n. 40).

<sup>656</sup> Talvez se refira a Elpenor, Cf. *Od.*X,190.11,59.

<sup>657</sup> Passa-se ao largo da narração mítica do estoque de vento com que Eólo presenteia Ulisses. Cf. *Od.* I, 1-76 e X,14-20; HYG. *Fab.*125; APOLLOD. *Ep.* 7.10-11.

<sup>658</sup> Episódio referente a Circe, cf. *Od.* X, 105.

<sup>659</sup> Episódio referente a Calipso, cf. *Od.* V.

<sup>660</sup> Κατάβασις, ou mais especificamente νέκυια, a visita de Ulisses ao inferno e sua conversa com os mortos. Cf. *Od.* XI.

<sup>661</sup> Em favor de seu projeto racionalista, o autor evita de tocar no misticismo que envolve a história das sereias. Cf. *Od.* XII, 1-200; HYG. *Fab.*125; APOLLOD. *Bibl.* I, 3, 4; 7, 10; 9, 25; APOLLOD. *Ep.* VII, 18; OV. *Met.* V, 512-562; Apol. Rh. Arg. IV, 895.

<sup>662</sup> Cila e Caríbdis eram monstros mitológicos que viviam nas proximidades da Sicília (GRIMAL, 2005, p. 74 e 88-89). Para Cila, cf. *Od.* XII, 73; Hig. *Fab.*, 125; OV. *Met.* VII, 62; XIII, 900 a XIV, 74; APOLLOD. *Bibl.* III, 12,3. Para Caríbdis, cf. *Od.*, XII; Apol.Rh. Arg. IV, 789, 825; APOLLOD. *Bibl.* I, 9, 25; APOLLOD. *Ep.* VII, 23; Hig. *Fab.*, 125, 199; OV. *Met.*, VII, 63; Virg. *VIRG. Aen.*III, 418 e 555.

<sup>663</sup> Segundo Vega e López (2001, p. 358), essa informação é integralmente da lavra do autor de *Ephemeris*, não se conhecendo paralelo na tradição mítica.

naus e tendo sido presenteado com muitos despojos, foi enviado a Alcínoo, rei dos feácios.<sup>664</sup>

[6] Ali, tendo sido bem tratado por muitos dias por causa da reputação de seu nome, toma conhecimento de que Penélope estava recebendo proposta de casamento de trinta nobres homens de diversos lugares;<sup>665</sup> e eles eram de Jacinto, de Equíades, de Leucates e de Ítaca. Por causa desse fato, com muitas preces persuade o rei a navegar junto dele a fim de vingar a injúria ao seu casamento.<sup>666</sup> Mas, depois chegaram aquele local, Ulisses escondeu-se por um tempo. Quando informaram a Telêmaco o que se estava preparando, vão às escondidas até a casa de Ulisses. Então, invadindo-a, matam os pretendentes, que estavam cheios de muito vinho e banquetes.<sup>667</sup> Depois, por toda a cidade soube-se pelos populares que Ulisses havia chegado. Com benevolência e afeição é acolhido por eles, conhece todos os acontecimentos que se deram em sua casa; confere presentes ou aplica suplícios aos mercedores. Sobre Penélope e sua pudicícia, preclara fama.<sup>668</sup> E não muito depois, por preces e exortação de Ulisses, dá-se Nausíca,<sup>669</sup> filha de Alcínoo, em casamento a Telêmaco. Por esse mesmo tempo, Idomeneu, nosso comandante, pereceu junto a Creta, sendo a Meríones confiado o reino por sucessão.<sup>670</sup> E Laerte, três anos depois seu filho volta para casa, chega ao fim de sua vida.<sup>671</sup> Ulisses chama o filho que Telêmaco teve de Nausíca

<sup>664</sup> Não há menção da narração de suas desventuras na corte dos feácios (Cf. *Od.* VI a VIII; XIII, 125), o que parece a Vega e López (2001) ser devido a sua substituição na audiência com Neoptólemo em *Ephemeris* VI, 10. O mesmo vale para a ausência de Nausícaa (Cf. *Od.* VI; VII; VIII, 416). Cf. Grimal, 2005, p. 18-19 e 324.

<sup>665</sup> Na *Odisseia*, o número de pretendentes é muito maior, cf. XVI, 190. Ao diminuir para trinta varões, o autor de *Ephemeris* pratica novamente uma moderação racional frente ao caráter hiperbólico da épica.

<sup>666</sup> Não há paralelo na literatura canônica que ateste Alcínoo acompanhando Ulisses.

<sup>667</sup> Nessa narração, faltam detalhes desse evento presentes em Homero. Contudo, não se pode cogitar se o episódio encontra-se assim no original ou se esse caráter sumário é resultado da tradução adaptada de Septímio.

<sup>668</sup> *Pudicitia*, essa é a característica consagrada dessa personagem que se tornou símbolo de castidade. O autor de *Ephemeris* nesse ponto se alinha a Homero. Somente Licofrón contraria essa tradição (Cf. *Cass.* 771-72), ao caracterizar Penélope como “raposa” (LELLI, 2015, p. 716).

<sup>669</sup> Forma mais comum de seu nome é Nausícaa. Na *Odisseia* (VII, 311), narra-se a oferta de Alcínoo para que Ulisses a desposasse. Segundo Grimal (2005, p. 324), são os mitógrafos pós-homéricos que afirmam ter Nausícaa casado com Telêmaco e tido dele um filho de nome Persépolis (Cf. *EUST. ad. Hom.*, XVI, 18, citando Helânico e Aristóteles). O autor de *Ephemeris* segue essa tradição, muito embora Eustácio tenha desmerecido a sua validade.

<sup>670</sup> Mais uma inovação de *Ephemeris*. A legitimidade ao trono parece não respeitar a linhagem sanguínea, pois Meríones é informado como filho de Molo (Cf. *Prólogo*), mas não se afirma em *Ephemeris* a paternidade deste que, em outras fontes, é considerado filho bastardo de Deucalião e meio irmão de Idomeneu (Cf. *Apol. Bibl.* III, 1, 7; GRIMAL, 2005, p. 317).

<sup>671</sup> Sem maiores detalhes e de modo extremamente sumário, é referida a morte de Laerte, que não conta com um relato na tradição mitológica. Cf. Grimal, 2005, p. 264.

de Ptoliporto.<sup>672</sup>

[7] Enquanto isso acontecia em Ítaca, Neoptólemo junto aos molossos repara as naus danificadas pelas tempestades. E depois se soube que Peleu havia sido expulso do reino por Acasto,<sup>673</sup> querendo vingar-se das injúrias contra o avô, primeiramente envia para espionar a Tessália dois varões dos mais fidelíssimos e desconhecidos naquelas paragens, Crisipo e Arato. Por meio de Assandro, varão não estranho a Peleu, eles tomam conhecimento de tudo que estava acontecendo e das armadilhas que estavam sendo preparadas por Acasto. Com efeito, esse Assandro, evitando a iniquidade do tirano, tinha se aliado a Peleu e tornara-se um amigo tão familiar que, entre outras coisas, terá narrado a Crisipo e Arato a origem das núpcias de Peleu com Tétis, filha de Quíron. Naquela época, convocados à casa de Quíron muitos reis de todas as regiões, entre os próprios banquetes haviam celebrado como uma deusa a recém-casada com belos elogios, chamando seu pai de Nereu e ela mesma de Nereida. E à medida que cada um daqueles reis, que estiveram presentes ao festim, sobressaía-se na dança e no canto melódico, chamavam-nos da seguinte maneira, de Apolo e Liber;<sup>674</sup> e muitas mulheres de Musas. Desde esse momento até os dias de hoje aquele é chamado de banquete dos deuses.<sup>675</sup>

[8] E assim, quando tomaram conhecimento de tudo que queriam, retornam à presença do rei e narram-lhe cada detalhe ordenadamente. Forçado por esses fatos, mesmo com o mar adverso e com muitas regiões ínvias, Neoptólemo arma uma esquadra e ele mesmo embarca. Depois, muito fatigado com o mar por causa da dureza do inverno e impelido à costa dos Sepíades,<sup>676</sup> que recebera esse tipo de nome em razão da dificuldade de seus penedos, perde quase todas as naus, a custo salvando-se a si mesmo com aqueles que participaram daquela mesma navegação. Ali, reencontrou seu avô Peleu, que se havia escondido em uma caverna afastada e tenebrosa, onde o velho, evitando o ataque e as armadilhas de Acasto, por saudade do neto, habituara-se a espreitar

<sup>672</sup> Em Grimal (2005 p. 324 e 401) registra-se, por um lado, Persépolis e, por outro, Ptoliporto. Este último, segundo informa, significando “destruidor de cidades”, foi o nome pelo qual Ulisses batizou o neto, sendo esse um dos epítetos empregados nos *Poemas homéricos* para referir-se a ele mesmo.

<sup>673</sup> Segundo Grimal (2005, p. 3), Peleu havia matado por acidente um caçador de Acasto e foi desculpar-se. Nessa ocasião, a esposa do nobre homem, Astidameia, apaixonou-se pelo pai de Aquiles e, como ele a recusava, envia uma carta à esposa de Peleu e com mentiras persuade a mulher a cometer suicídio. Além disso, calunia Peleu de assédio. Acasto prende-o e abandona-a desarmado no cimo do Pélio para que fosse morto por feras, porém Peleu é salvo por Quíron. Essa é a origem mítica dessa inimizade. Cf. Apolod, *Bibl.* 7, 5; APOLLON. *Ep.* 6,1; HYG. *Fab.* 14, 24, 103, 273; PAUSAN. I, 18, 1.

<sup>674</sup> O mesmo que Baco.

<sup>675</sup> Versão racionalizada das bodas de Peleu e Tétis. Cf. Catulo 64; HYG. *Fab.* 5; OV. *Met.* 11, 221-228.

<sup>676</sup> Situado na costa da Tessália, esse promontório é um lugar consagrado às nereidas (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 361; LELLI, 2015, p. 719). Seu nome relaciona-se com o verbo grego σῆπια, que significa “corromper”.

assiduamente os navegantes e se haviam se dirigido até ali por acaso. Depois, logo que foi informado de tudo sobre a sua casa e sobre as circunstâncias infelizes, começa a conceber um plano para atacar os inimigos, quando, por acaso, toma conhecimento de que os filhos de Acasto, Menalipo e Plístenes, que saindo à caça, haviam chegado àquelas paragens. E assim, tendo mudado de roupa simulando ser um dos iolcos, apresenta-se aos jovens e relata-lhes a sua própria morte, que era desejada por eles. Por causa disso, unido a eles na caçada, quando vê Menalipo à parte dos outros, mata-o e também o seu irmão, pouco depois de tê-lo perseguido. Encaminhado para investigar esse ocorrido, um certo escravo de inteira confiança chamado Cíniras,<sup>677</sup> acaba caindo nas mãos do jovem e, torturado, anuncia que Acasto estava por perto, e, logo, é assassinado.

[9] E assim Neoptólemo, mudando sua roupa para uma frígia semelhante a do filho de Príamo, Mestor,<sup>678</sup> que com Pirro havia navegado àquelas paragens como escravo, vai ao encontro de Acasto e conta-lhe quem era e que Neoptólemo jazia dormindo na caverna, fatigado da navegação. Por causa dessa informação, Acasto, ansioso e querendo destruir um varão especialmente inimigo, dirigiu-se à caverna e, à própria chegada, é bloqueado por Tétis, que, sabendo da situação, havia vindo àquelas paragens à procura de Peleu. Depois, tendo ela enumerado e recriminado tudo que contra a casa de Aquiles havia ele executado iníqua e injustamente, por fim, graças à sua intercessão, livra-o das mãos do jovem, persuadindo o neto a que não desejasse vingar as desgraças que antecederam com ainda mais sangue.<sup>679</sup> Quando Acasto percebe que, contra toda a expectativa, estava livre, por sua própria iniciativa e naquele local mesmo confia a Neoptólemo todos os bens do reino.<sup>680</sup> Em seguida, tendo obtido o domínio do reino, acompanhado do avô, de Tétis e dos demais que com consigo haviam navegado, o jovem vai à cidade. Lá, recebido com benevolência e com sinais de reconhecimento por todos os populares e junto aos habitantes que viviam sob seu domínio, rapidamente ele confirma sua aceitação.

[10] Tomando conhecimento desses eventos a partir de Neoptólemo, sob sua própria recomendação, confiei-os à minha memória, pela ocasião em que ele em matrimônio recebia

---

<sup>677</sup> A fidelidade desse varão também se encontra na etimologia de seu nome que se refere a “cão”, κύων (LELLI, 2015, p. 720).

<sup>678</sup> Mestor é morto por Ájax em *Eph.* II, 43.

<sup>679</sup> Embora de modo racionalizado, a intervenção de Tétis se assemelha em muito ao recurso *deus ex machina*, como ocorre, mas em outra circunstância, na peça euripidiana *Andrômaca* (LELLI, 2015, p. 720).

<sup>680</sup> Segundo o enredo de *Andrômaca*, o jovem se nega a assumir o trono enquanto o avô está vivo (LELLI, 2015, p. 720).

Hermíone, filha de Menelau.<sup>681</sup> Por ele também fiquei sabendo das demais informações sobre Mêmnon, que seus ossos foram trazidos à Pafo por aqueles que, com Palante,<sup>682</sup> comandante de Mêmnon, haviam partido para Troia, uma vez morto seu general e roubados os despojos, e ali mesmo viviam. E que Himera, irmã de Mêmnon, que alguns chamavam pelo nome materno Hemera,<sup>683</sup> havia chegado à região procurando o cadáver do irmão. Depois encontrou suas cinzas e lhe foi informado sobre a usurpação dos despojos de Mêmnon, quis recuperar ambos por intercessão dos fenícios, que estavam em grande número naquele exército. Ela então recebera a liberdade sobre todos os bens e, à parte, sobre os restos do irmão. Revelando a afeição pelo laço sanguíneo e tendo recebido a urna, navegara até a Fenícia. Trazendo-a, em seguida, à sua região, de nome Falíotis, e, sepultando os restos do irmão, ela, de repente, nunca mais foi vista em parte alguma. Desse acontecimento nascera uma tripla suposição: ou porque, depois do pôr do sol, ela se retirou com a mãe Himera da presença do ser humano; ou porque, muito afetada pela dor da morte do irmão, por vontade própria lançara-se em um precipício; ou ainda porque havia sido assaltada por aqueles que ali viviam, pois queriam lhe roubar os bens que havia obtido. Esses fatos sobre Mêmnon e sobre sua irmã foram-me comunicados por Neoptólemo.

[11] Depois disso, tendo me dirigido a Creta no ano seguinte, representando todos, vou ao oráculo de Apolo com outros dois soldados<sup>684</sup> em busca de um certo remédio.<sup>685</sup> Com efeito, sem razão aparente, repentinamente uma enorme quantidade de locusta<sup>686</sup> invadira nossa ilha de modo a

<sup>681</sup> Díctis atesta a sua fonte, pois não teria podido estar presente àqueles eventos que acabou de narrar. No final deste livro, mais uma vez atestará sua fonte, também, no caso, Neoptólemo.

<sup>682</sup> Anotam Vega e López (2001, p. 363) que “Sin duda hemos de identificar a este «Palante» (lat. Pallas, -antis) con el «Falas» (lat. Phalas, -ae) del que se hablaba en IV 4, a pesar de su distinto nombre, puesto que la caracterización prosopográfica coincide en a mbos casos: caudillo del ejército de Memnón muerto en el curso de la expedición (por los rodios: así sólo en IV 4; no especificado em el presente capítulo) y tras cuya muerte fueron robadas las riquezas que llevaba el ejército. El nombre es distinto, sí, pero esa diferencia nominal (Phalas, -ae y Pallas, -antis) no es tal, como puede observarse, que no se pueda reducir, en su origen, a un nombre único, desdoblado luego en dos por confusión y mala lectura de los copistas.”

<sup>683</sup> Etimologicamente, o nome da irmã de Mêmnon, Hemera/Himera pode derivar de ἡμερος, “desejo” ou, com mais probabilidade, de ἡμέρα, uma forma dialetal para a palavra “dia”. Em *Ephemeris* IV, 4, o herói é citado como filho de Titono e Aurora. Assim, tendo Aurora como mãe, não seria estranho ter uma irmã com o nome “dia”. Se na *Teogonia*, Hemera é filha da Noite e de Érebo, em Pausânias (I, 3,1; III, 18, 12) é, com efeito, identificada com Aurora (LELLI, 2015, p. 721; VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 364). Ademais, observa-se mais uma vez a inclinação do autor de *Ephemeris* em atribuir caráter lúdico à etimologia e à etiologia, explicando pelos nomes as atribuições míticas aos eventos e às personagens.

<sup>684</sup> Esses dois soldados são Licofrón e Ixeu, como se lerá mais abaixo. Ademais, o destino de ambos serve para salientar a temeritas do narrador-personagem Díctis.

<sup>685</sup> Neste raro momento, para além da organização e orientação textual, o narrador põe-se como personagem a executar ações, dentro da narrativa. Assim, seguindo classificação de Genette (1995), ocorre a autodiegese.

<sup>686</sup> A locusta é praga presente na literatura clássica (Cf. Estrab. 16, 2,12; 17,3,10; DIOD.SIC. 3,29,1-7) e também na *Bíblia Sagrada* (Exod. 10) e torna-se um tópico de destruição (LELLI, 2015, p. 722).

destruir todos os produtos da colheita que havia nos campos.<sup>687</sup> E assim, com muitas preces e súplicas, obteve-se a resposta: por auxílio divino os bichos pereceriam e a ilha se tornaria rapidamente abundante de grãos proveitosos. Depois, querendo navegar, somos impedidos por aqueles que estavam em Delfos, uma vez que, diziam, o tempo era inoportuno e pernicioso. Licofrón e Ixeu, que tinham vindo juntos ao oráculo, desprezam o conselho, sobem à nau e, quase no meio do percurso, perecem atingidos por um raio. Nesse ínterim, conforme fora predito pela divindade, por aquela mesma pancada de raios a força da praga tinha sido acalmada e, tendo sido ela mergulhada no mar, toda a região encheu-se de grãos.

[12] Por esse mesmo tempo, Neoptólemo, tendo já consumado o matrimônio com Hermíone, dirigiu-se a Delfos para agradecer a Apolo, porque contra o responsável pela morte do pai,<sup>688</sup> Alexandre, houvera vingança. Deixou no palácio Andrômaca e o filho dela, Laodamante, que ainda lhe sobrara dentre os demais filhos de Heitor.<sup>689</sup> Mas Hermíone, depois da partida do marido, vencida por uma dor de alma e não aguentando mais o concubinato com a escrava, envia uma mensagem a seu pai Menelau. A ele queixa-se das muitas implicações da injúria contra ela pelo fato de o marido ter tomado uma escrava como esposa. Menelau convence-a a matar o filho de Heitor. Ademais, Andrômaca, tomando conhecimento desse plano, foge rapidamente à violência de um ataque perigoso, libertada com o auxílio dos populares. Esses, tendo se apiedado do destino dela, haviam, por vontade própria, atacado Menelau com contumélias, e, a custo, foram impedidos de massacrar esse homem.

[13] Nesse ínterim, Orestes, chegando, toma conhecimento de toda a situação, e exorta Menelau que levasse a cabo o que havia começado. Ele mesmo, ressentido porque lhe fora subtraído por Neoptólemo o seu matrimônio com Hermíone, começa a preparar armadilhas contra este, que estava prestes a chegar. E assim, primeiramente, envia a Delfos os mais confiáveis daqueles que tinha consigo para especular acerca da chegada de Neoptólemo. Ciente dessa intenção, Menelau, querendo evitar um crime dessa natureza, pôs-se a caminho de Esparta. Mas, ao voltarem, aqueles que haviam sido antes enviados negam que Neoptólemo estivesse em Delfos. Levado por essa informação, pondo-se Orestes em pessoa à procura daquele homem, fora em um dia e noutro voltara, tendo, segundo supunha o boato de todos, consumado seu plano. Na sequência, daí a poucos dias, noticia-se que morrera Neoptólemo e pelo povo se dissemina, segundo conversa

<sup>687</sup> Segundo Vega e López (2001, p. 365), várias fontes relatam pragas na ilha de Creta após a Guerra de Troia. Cf. Serv. *ad, Aen.* III, 121; VIRG. *Aen.* III, 137; HEROD. 7,171.

<sup>688</sup> Alexandre mata Aquiles em *Eph.* IV, 10, com uma emboscada.

<sup>689</sup> Homero e os demais autores clássicos não atestam outros filhos de Heitor senão Astíanax. Cf. III, 20; V,13; V,16.



geral, que ele havia sido apanhado pelas armadilhas de Orestes. Assim, quando se tornam públicos os fatos sobre Pirro, tomada Hermíone, que lhe havia sido prometida, o jovem afasta-se para Micenas. Nesse ínterim, Peleu com Tétis, sabendo da morte do neto quando da investigação sobre ele, tomam conhecimento de que o jovem havia sido sepultado em Delfos. Ali, como de costume, prestam as honras fúnebres e tomam conhecimento de que ele havia sido morto naqueles lugares onde se negava ter sido visto Orestes. Em tal coisa não acreditava o povo, e também se fixara nos ânimos de todos a opinião, já antes presumida, acerca das armadilhas de Orestes. Ademais, quando Tétis vê Hermíone casada com Orestes, aos molossos envia Andrômaca, prestes a parir um filho de Neoptólemo, a fim de evitar o ardil planejado por Orestes e sua esposa sobre a interrupção da gravidez.<sup>690</sup>

[14] Por esse mesmo tempo, Ulisses,<sup>691</sup> atrozizado com repetidos augúrios e sonhos adversos, reúne de todas as partes de seu reino todos os mais capacitados em interpretação de sonhos.<sup>692</sup> E a eles relata, entre outros detalhes, que lhe aparecia muito frequentemente certa imagem entre humana e divina, um rosto de beleza muito elogiável, saía de repente daquele mesmo lugar. Porque, querendo abraçá-la com bastante ternura e estendendo-lhe as mãos, aquilo respondia-lhe, com voz humana, que uma relação daquela natureza era criminosa, já que eram de mesmo sangue e da mesma origem. Com efeito, por isso haveria de um perecer pelas obras do outro. Depois, agitando-se com bastante veemência e querendo compreender a causa de tal sentença, pareceu-lhe que intervinha certo sinal surgido no mar. E isso, segundo a ordem daquele, contra este fora lançado, separando ambos. Todos que estavam presentes, a uma só voz, pronunciavam-lhe ser funesta tal descrição e acrescentam que deveria se precaver das armadilhas de seu filho. Assim, sendo suspeito no ânimo do pai, Telêmaco foi relegado aos campos que existiam em Cefalênia,<sup>693</sup> tendo como guardas seus homens mais confiáveis. Além disso, Ulisses, refugiando-se em outras paragens, as mais afastadas e remotas que podia, esforçava-se em evitar a força dos sonhos.

---

<sup>690</sup> Segundo Vega e López (2001, p. 367, n. 305), esse feto é Molosso, filho de Andrômaca e Neoptólemo, epônimo dos molossos. Ademais, essa trama contra Andrômaca é relatada na peça homônima de Eurípides.

<sup>691</sup> Iniciam-se episódios que constariam na *Telegonia*, em que se narra a predita morte de Ulisses. Cf. HYG. *Fab.* 127; APOLLOD. *Ep.* 7, 34-37.

<sup>692</sup> O tópico dos sonhos premonitórios e a sua interpretação é também muito presente na Antiguidade, da tradição épica à bíblica e em *Ephemeris* ocorre também relacionado ao nascimento de Alexandre (III, 26).

<sup>693</sup> Ilha próxima de Ítaca (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 368).

[15] Por esse mesmo tempo, Telégono,<sup>694</sup> filho que Circe havia tido de Ulisses e educara junto à ilha Eeia, onde crescera, partiu à procura do pai. Chegou a Ítaca, levando nas mãos certo hastil, cuja ponta estava fortificada com osso de ave marinha,<sup>695</sup> evidentemente símbolo daquela ilha onde nascera. Depois, tendo sido informado de quando Ulisses chegaria, veio à presença dele. Ali, tendo sido pelos guardas proibido de entrar no campo paterno quando persiste de modo mais enérgico e de forma diversa é repellido, começa a gritar que era um crime indigno proibi-lo de ser abraçado pelo pai. Assim, resiste-se mais intensamente, pois se acreditava que Telêmaco vinha realizar um ataque ao rei, já que a ninguém estava patente que havia outro filho de Ulisses. Depois, vendo-se repellido de forma cada vez mais violenta e por intermédio da força, levado pela dor, o jovem mata muitos dos guardas ou, ferindo-os gravemente, deixa-os prostrados. Depois essa confusão se torna conhecida de Ulisses, que julga tratar-se de um jovem enviado por Telêmaco, ele sai e atira contra Telégono a lança que costumava carregar para proteção pessoal. Mas, depois por um acaso o jovem intercepta o golpe, ele próprio lança o notável dardo<sup>696</sup> contra o pai, pensando que o feria fatalmente. E, quando caído por causa daquele golpe, Ulisses agradecia a sorte e reconhecia ter sido ótimo favor para si mesmo, porque, uma vez morto por ataque de um homem estrangeiro, livrara seu querido Telêmaco do crime de parricídio. Depois, retendo até o último suspiro, pergunta ao jovem quem ele era e qual era o seu lugar de origem, para ter ousado matar Ulisses, filho de Laerte, íncrito tanto na paz quanto na guerra. Então Telégono, tendo-o reconhecido como seu pai, com ambas as mãos dilacera o rosto, solta um choro miserabilíssimo e tortura-se diante da morte do pai por ele mesmo concluída. E assim, apresenta a Ulisses, conforme este quisera, seu nome e o de sua mãe, a ilha na qual nascera e, por fim, a insígnia do dardo. Assim, quando recorda em sua mente o ataque dos sonhos que o perturbavam e o fim de sua vida predito pelos intérpretes, ferido por aquele que menos acreditava, Ulisses três dias depois morreu, velho, já de idade avançada, embora não inválido das forças.<sup>697</sup>

---

<sup>694</sup> Além da *Telegonia*, a versão da morte de Ulisses por mãos de Telégono seria conhecida pela tragédia *Odysseus Akanthoplex* (*Odisseu ferido por uma espinha*) de Sófocles, também conhecida como *Niptra*, (*As abluções*), inspiração para peça homônima de Pacúvio (VEGA e LÓPEZ, 2001, p. 68).

<sup>695</sup> A expressão marina turtur vai contra a tradição mitológica, pois em Proclo, por exemplo, afirma-se que é a espinha de um peixe, e em Apolodoro, de uma arraia. Neles o termo usado é τρυγών, que pode ser identificado com o animal marinho venenoso. Essa arma teria lhe sido dada por Hefesto (LELLI, 2015, p. 726).

<sup>696</sup> A saber, aquele hastil enfeitada de osso.

<sup>697</sup> O fim de Ulisses; Cf. *Od.* XI, 134-137.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou apresentar uma obra ainda pouco estudada na academia brasileira, *Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis* (*Diário da Guerra de Troia, de Díctis Cretense*). A primeira parte do estudo delineou o que chamamos de ciclo troiano, o conjunto de autores e obras que transmitem e conservam o mito da Guerra de Troia. Salientamos as relações intertextuais que possibilitaram a gênese de *Ephemeris* no que tange ao conteúdo e contexto que a favoreceu, ressaltando tanto a crítica homérica quanto sua relação com o ciclo épico. Na segunda parte do estudo, analisou-se a obra no que tange aos elementos extraliterários, como a datação, autoria e contexto histórico, e os elementos literários, como estrutura, narrador e personagens. Observamos também a questão do romance antigo e como *Ephemeris* salienta as condições de desenvolvimento desse gênero. Concluímos, então, que *Ephemeris* encerra em si essencialmente características dos gêneros épico, histórico e romanesco em um amálgama que o aproxima ao subgênero literário “romance histórico”. Por fim, ainda no estudo, observamos o viés racionalista nessa obra e como, apesar de não personificar os deuses, mantém-se a presença de divindades por meio da religiosidade demonstrada nos discursos e ações das personagens.

A segunda parte deste trabalho apresenta a nossa tradução anotada e comentada. Procuramos produzir, à luz da discussão teórica, um texto em língua portuguesa que transmitisse, na forma e no conteúdo, as características da obra original. As notas e comentários que complementam o trabalho tradutório visaram ao esclarecimento e à erudição do texto latino no tocante a nossas interpretações e relações intra e intertextuais de *Ephemeris*.

Assim, deve-se assinalar que a consideração de *Ephemeris*, e também de *De Excidio*, nos Estudos Clássicos pode trazer nova luz com respeito às relações hipertextuais, pois as narrativas modernas que retomam o mito troiano apresentam ligações, mesmo que incidentais ou indiretas, com essas duas obras. Podemos nos referir, por exemplo, à cena de Helena no palácio de Príamo quando da embaixada grega para reavê-la presente na recentíssima série *Troy: fall of a city*, lançada em 2018 pela produtora e divulgadora de filmes Netflix, que em muito lembra a mesma cena de *Ephemeris* no livro I, 12, quando Helena expõe sua opção de ficar em Troia. Também poderíamos aproximar o projeto do autor de *Ephemeris* ao de um autor moderno italiano, Alessandro Baricco, em sua *Omero, Iliade*, na qual se propõe a reescrever o mito troiano, retirando os deuses, mas mantendo as referências da crença no divino do contexto antigo.

Por fim, esperamos que este trabalho seja uma boa contribuição aos estudos da cultura e literatura clássicas, pois acreditamos que *Ephemeris* pode servir de objeto de muitos outros estudos, os quais podem, por exemplo, examinar as suas diversas relações intertextuais. De nossa parte, objetivamos, em trabalhos subsequentes, a tradução de *De Excidio*, assim como a obra anônima *Excidium Troiae* e a de Guido de Columnis, *Historia destructionis Troiae*, textos em latim que também tiveram proeminência no medievo. Com isso, intencionamos esclarecer a passagem entre a Antiguidade e o período medieval no tocante à preservação e à transmissão do mito troiano e os textos literários por elas responsáveis.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1968.
- ALMEIDA, Priscilla Adriane Ferreira. *Íliada latina: tradução e estudo literário da adaptação da Íliada de Homero na Antiguidade latina*. Dissertação (Mestrado em Letras). UFMG: Belo Horizonte, 2012.
- ALLEN, Archibald. Sincerity and the Roman Elegists. *Classical Philology*, vol. 45, n.3, jul. 1950, p. 145-146.
- ALVES, Daniel Vecchio. O fantástico na intersecção entre a história e a ficção: trânsitos imaginários. *Nonada: Letras em Revista*, v. 2, n. 27, p. 32-46, 2016.
- ALVES, Diogo Martins. *Ciclos mitológicos nas Fabulae de Higino: tradução e análise*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas, SP, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2013, [s.n.].
- AQUATI, Cláudio. *O grotesco no Satíricon*. USP, São Paulo: Tese (Doutorado em Letras Clássica), 1997.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- ARMSTRONG, Karen. *Breve história do mito*. (trad. Celso Nogueira). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- ATWOOD, E. Bagby; WHITAKER, Virgil K. *Excidium Troiae*. Medieval Academy Books, No. 44, 1944.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Editora Perspectiva, 1971.
- BAKER, Mona. *In other words: A coursebook on translation*. Routledge, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance. In: \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Ed. UNESP, 1988, p. 397-428.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*, 11.ed trad. de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. Rio de Janeiro, Bertrand, 2001.
- BARTHES, Roland. O Efeito de Real. In: BARTHES, Roland. *Literatura e Semiologia*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1972.
- BECKER, Gustavus (ed.). *Catalogi bibliothecarum antiqui*. 1885, p. 69-70.
- BENJAMIN, Walter. “A tarefa-renúncia do tradutor”. In: HEIDERMAN, Werner (org.). *Clássicos da teoria da tradução*. vol. 1. Florianópolis: Núcleo de tradução/UFSC, 2004.
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras/PGET, 2007.
- BERMAN, Sandra; PORTER, Catherine. *A Companion to Translation Studies*, 1e. 2014.

- BÍBLIA SAGRADA: antigo e novo testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.
- BICKEL, Ernst. *Historia de la literatura romana*. Gredos, 1982.
- BOOTH, Wayne. *Retórica da Ficção*. Trad. Maria Tereza H. Guerreiro. Lisboa: Arcádia, 1980.
- BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- BOSSUAT, André. Les origines troyennes: leur rôle dans la littérature historique au XVe siècle. *Annales de Normandie*, 8<sup>e</sup> année, n<sup>o</sup>2, 1958, p. 187-197.
- BOWERSOCK, Glen W., *Fiction as History*. Berkeley; Los Angeles; Oxford: Univeristy of California Press, 1997.
- BOWIE, Ewen. The readership of Greek Novels. In: TATUM, James. *The search for the ancient novel*. Johns Hopkins Univ Pr, 1994.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. A musa e Homero. *Organon*, Porto Alegre, n<sup>o</sup> 27, julho-dezembro, 1999, p. 15 -28.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. Qual romance? (Entre Antigos e Modernos). *Eutomia*, v. 1, n. 12, 2013, p. 80-90.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vol I. Petrópolis, RJ: 2010.
- BREMMER, Jan. Myth in the Novel: Some Observations. In. PINHEIRO, Marília P. Futre; BIERL, Anton; BECK, Roger. *Intende, Lector — Echoes of Myth, Religion and Ritual in the Ancient Novel*, 2013, p. 17-23.
- BUENO, Silveira. Prefácio. In. HOMERO. *Odisséia*. Trad. Manoel Odorico Mendes. 3<sup>a</sup> edição. São Paulo: Atena Editora, 2009, p. 6-11.
- BRÜNNERT, Wilhelm. *Sallust und Dictys Cretensis*, Druck von Gerhardt & Schreiber, 1883.
- BURGESS, Jonathan S. *The tradition of the Trojan war in Homer and the Epic Cycle*. JHU Press, 2001.
- BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2012.
- BRYCE, Trevor R., Ahhiyawans and Mycenaeans: an Anatolian viewpoint, *Oxford Journal of Archaeology*, 8, 1989, p. 297-310.
- CABRAL, Luiz Alberto Machado. *A Biblioteca do Pseudo Apolodoro e o estatuto da mitografia*. Tese (Doutorado em Linguística). Unicamp, 2013. 159f.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *A origem do alfabeto*. São Paulo: Paulistana, 2009.
- CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In. CANDIDO *et al.* *A Personagem de Ficção*. 9<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 3.ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.
- CERDAS, Emerson. *A Ciropedia de Xenofonte: um romance de formação na Antiguidade*.

- Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Araraquara, 2011. 195f.
- CHAMPLIN, Edward. *Serenus Sammonicus*, *Harvard Studies in Classical Philology*, 85, 1981, pp. 189–212.
- CIZEK, Eugen. *Histoire et historiens à Rome dans l'Antiquité*. Presses universitaires de Lyon, 1995.
- CLINE, Eric H. *The Trojan War: A Very Short Introduction*. Oxford University Press, 2013.
- COLLILIEUX, Eugène. *Etude sur Dictys de Crète et Darès de Phrygie*. Grenoble: Xavier Drevet, Imprimeur de l'Académie, 1886.
- CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature: A History*. Trad. Joseph B. Solodow. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1994.
- COSSON, Rildo; SCHWANTES, Cíntia. Romance histórico: as ficções da história. *Itinerários–Revista de Literatura*, 2005.
- COUMERT, Magali. La mémoire de Troie au haut Moyen Age en Occident. Les villes capitales em Occident. *Istanbul: Publications de la Sorbonne*, 2005, p. 327-347.
- CREPALDI, Clara Lacerda. Entre cães e cadelas: a Helena da *Ilíada*. *Nuntius Antiquus*, v. 8, n. 1, p. 51-65, 2012.
- CUEVA, Edmund. *The Myths of Fiction: Studies in the Canonical Greek Novels*. University of Michigan Press, 2004.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. 2. ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.
- DARETIS PHRYGII de excidio Troiae historia*. Ferdinand Meister (ed.), Lipsiae, in aedibus B. G. Teubneri, 1873.
- DE CARVALHO, Aécio Flávio. A *Farsália*, de Lucano: importância na evolução do *epos*. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 23, p. 93-101, 2001.
- DICTYS CRETENSIS ephemeridos belli troiani*. Ferdinand Meister (ed.), Lipsiae in aedibus B. G. Teubner, 1872.
- DICTYS CRETENSIS, Ephemeridos belli troiani libri a Lucio Septimio ex graeco in latinum sermonem translati accedunt papyri Dictys graeci in Aegypto inuentae edidit Werner Eisenhut, editio stereotypa editionis secundae* (MCMLXXIII), Stutgardiae et Lipsiae, 1994.
- DICTYS CRETENSIS Ephemeris belli Troiani*. Raffaella Tabacco e Maurizio Lana (coord.), DigilibLT, 2011.
- DITTI CRETESE e Darete Frigio, storici della guerra trojana volgarizzati del Cav. Compagnoni*, Milano, Tipografia di Gio. Battista Sonzogno, 1819.
- DOS SANTOS, Dominique Vieira Coelho. A tradição clássica e o desenvolvimento da escrita vernacular na Early Christian Ireland: algumas considerações sobre a matéria Troiana e a Togail Troí. *História e Cultura*, v. 5, n. 1, 2016, p. 93-110.
- DOSSE, François. *A história*. Trad. Roberto L. Ferreira, São Paulo: Editora Unesp, 2012.

- DUHAIME, Jean. *The War Texts: 1 QM and Related Manuscripts*, Londres, A&C Black, 2004.
- DUMÉZIL, Georges. *Heur et malheur du guerrier: aspects mythiques de la fonction guerrière chez led Indo-Européens*. Paris: Flammarion, 1969.
- ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. Editora Record, 2007.
- EGGER, Brigitte. The role of women in the Greek novel: woman as heróine and reader. In: SWAIN, S. (ed.), *The Greek Novel*, Oxford, 1999. p. 108-136.
- EISENHUT, Werner, «Zum neuen Diktys-Papyrus», *Rheinisches Museum für Philologie*, 112, 1969, pp. 114– 119.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução de Pola Civelli. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ELVIRA, Antonio Ruiz. *Mitología clásica*. Madrid: Gredos, 2000.
- EURÍPIDES. *Ifigênia em Áulis. As Fenícias. As Bacantes*. Trad. Mário da Gama Kury. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2005.
- FARIA, Ernesto. Dicionário escolar latino português. 6ª ed. Rio de Janeiro: Fundação de Assistência ao Estudante / Ministério da Educação, 1994.
- FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- FERREIRA, Luciano Alves. *Da mitologia para o mundo do entretenimento: o mito de Aquiles na Ilíada e no filme Tróia*. Monografia (Bacharelado em História). Uberlândia, 2008. 92 fl.
- FORSTER, Edward Morgan. *Aspectos do romance*. Globo Livros, 1974.
- FRAZER Jr., R. M. *The trojan war. The Chronicles of Dictys of Crete and Dares the Phrygian*. Translated with an introductoion and not by R. M. Frazer. Indiana: Indiana University, 1966.
- FREITAS, Maria Teresa. *Literatura e história*. São Paulo: Atual, 1986.
- FRY, Gérard, *Récits inédits sur la guerre de Troie*, París 1998
- FRYE, Northrop. *O Código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Tradução de Péricles Eugênio da S. Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FURLAN, M. Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente - I. Os Romanos. *Cadernos de Tradução* (UFSC), Florianópolis-SC, v. VIII, p. 11-28, 2003a.
- FURLAN, M. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: II. A Idade Média. *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 12, p. 9-28, 2003b.
- FURLAN, M. Possibilidade (s) de Tradução (ões). *Cadernos de Tradução*, v. 1, n. 3, p. 89-111, 1998.
- FUTRE PINHEIRO, Marília Pulquério. The Genre of the Novel: A Theoretical Approach. In.



CUEVA, Edmund P. & BYRNE (ed.), Shannon N. *A Companion to the Ancient Novel*. 1 ed. John Wiley & Sons, Inc: 2014, p. 201-216.

FUTRE PINHEIRO, Marília Pulquério. Origens gregas do género. In. OLIVEIRA, Francisco de; FEDELI, Paolo; LEÃO, Delfim. *O romance antigo: origens de um género literário*. Coimbra, 2005, p. 9-32.

GAINSFORD, Peter. "Satire and the marginal text: Lucian parodies Diktys (VH 2.25–26)", *Hermes* 139, 2011. 97–105

GAINSFORD, Peter. Diktys of Crete. *The Cambridge Classical Journal*. No. 58, p. 58-87, 2012.

GARCÍA GUAL, Carlos. Un truco de la ficción histórica: el manuscrito reencontrado. 1996. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcwd489>. Acesso em 08/04/2015.

GARCÍA GUAL, Carlos. Idea de la novela entre los griegos y romanos. *Estudios clásicos*, v. 19, n. 74, 1975, p. 111-144.

GARCÍA GUAL, Carlos. *Los orígenes de la novela*. Madrid: Istmo, 1972.

GATTI, Ícaro Francesconi. *A Crestomatia de Proclo: tradução integral, notas e estudo da composição do códice 239 da Biblioteca de Fócio*. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas). USP. São Paulo: 2012. 155f.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. trad. de Cibele Braga *et al.* Edições Viva Voz: Belo Horizonte, 2010.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Ateliê, 2009

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1995.

GOTÉRREZ, Ricardo Pichel. La circulación de la materia de Troya en la baja Edad Media y su reflejo en las letras gallegas: Aproximación al testimonio de la "Historia Troiana"(BMP 558). In: *Estudios sobre la Edad Media, el Renacimiento y la temprana modernidad*. Cilengua. Centro Internacional de Investigación de la Lengua Española, 2010. p. 331-345.

GRAVERINI, Luca. A Book-like self. Ovid and Apuleius. *Hermathena* 177/178, 2004, p. 225-250.

GRIFFIN, Nathaniel Edward. *Dares and Dictys. An introduction to the study of medieval versions of the story of Troy*. Baltimore: J. H. Furst Company, 1907.

GRIFFIN, Nathaniel Edward. Un-Homeric Elements in the Medieval Story of Troy. *The Journal of English and Germanic Philology*, Vol. 7, No. 1 (Jan.), 1908, p. 32-52.

GRILLO, A. Atreo contro Catreo. Due parole in lotta nel testo di Ditti-Settimio. *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica*, v. 118, p. 436, 1990.

GRIMAL, Pierre. *A mitologia grega*. (tradução e prefácio Dr. Victor Jabouille). 3 ed. Men Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 2005.

GUDEMAN, Alfred. Literary Frauds among the Greeks. AAVV., *Classical Studies in Honour of Henry Drisler*. Nueva York–Londres: Macmillan, 1894, p. 52–74

GUDEMAN, Alfred. Literary Frauds among the Romans. *Transactions of the American*

- Philological Association*, 25, 1894, p. 140–164.
- GUIMARÃES, Ruth. Introdução. In. APULEIO. *O Asno de Ouro*. São Paulo: Cultrix, 1963.
- HÄGG, Tomas. *The novel in Antiquity*. Oxford: Basil Blackwell, 1983.
- HAIGHT, Elizabeth Hazelton. The Tale of Troy: An Early Romantic Approach. *The Classical Journal*, Vol. 42, No. 5 (Feb.), 1947, p. 261-269.
- HAMILTON, George L. Review of Griffin (1907), *Modern Language Notes* 24, 1909, p. 16–21.
- HANSEN, William. Strategies of Authentication in Ancient Popular Literature. In. PANAYOTAKIS, Stelios; Panayotakis, ZIMMERMAN, Maaïke; KEULEN, Wytse (ed.). *The Ancient Novel and Beyond*. Leiden: Brill, 2003, p. 301-313.
- HARVEY, Paul (org.). *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro : Zahar, 1998.
- HAVELOCK, Eric. A. *A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HAVET, Louis. Sur la date du *Dictys* de Septimius, *Revue de Philologie*, 1878, p. 238–340.
- HEEGER, Georg. *Über die Trojanersagen der Franken und Normannen*. Kausler, 1890.
- HERNANDES, Thárea Raizza. *Homens e deuses na Ilíada: ação e responsabilidade no mundo homérico*. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/Araraquara, 2011, 116-f.
- HERÓDOTO. *História*. trad. J. Brito Broca. São Paulo: Ediouro, 2001.
- HIGHET, Gilbert. *The Classical Tradition. Greek and roman influences on western literature*. Oxford University Press, 2015.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Manoel Odorico Mendes. 3ª edição. São Paulo: Atena Editora, 2009.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Christian Werner. Cosac Naify, 2014.
- HORTA, Guida Nedda B. P. Raízes helênicas do romance. *Calíope*. v.01, 1984, p. 53-71.
- HUSKEY, Samuel J. “Ovid and the Fall of Troy in ‘Tristia’ 1.3.”. *Vergilius* (1959-), vol. 48, 2002, pp. 88–104.
- ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. 3ª edição. São Paulo, Editora Ática, 1992.
- JOHNE, Renate. Women in the ancient novel. In: SCHMELING, Gareth. *The novel in the ancient world*. Boston: Brill Academic Publishers. 2003.
- JOLLES, André. *Formas simples: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste*. Editora Cultrix, 1976.
- JOLY, Aristide. *Benoît de Sainte-More et le roman de Troie ou Les métamorphoses d’Homere et de l’épopée gréco-latine au moyen-âge*. 2 vols., Paris: A. Franck, 1870.

- JONES, Peter. Introdução. In.: HOMERO. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.
- KERÉNYI, Károly. *Miti e misteri*. Torino: Boringhieri, 1980, p. 275.
- KIM, Lawrence. *Homer between history and fiction in imperial Greek literature*. Cambridge University Press, 2010.
- LANDA, José Ángel García. “Homer in the Renaissance: the Troy stories”. [web version]. 2004. Disponível em [http://www.unizar.es/departamentos/filologia\\_inglesa/garciala/publicaciones/troy.html](http://www.unizar.es/departamentos/filologia_inglesa/garciala/publicaciones/troy.html). Acesso em 29/03/2015.
- LAPINI, Walter. I libri dell' Ephememeris di Ditti-Settimio. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, Bd. 117, 1997, p. 85-89.
- LATACZ, Joachim. *Achilleu: Wandlungen eines europäischen Heldenbildes*. Stuttgart/Leipzig: 1994.
- LAVADO, Juan Manuel Díaz. Homero y sus alegoristas: De Teágenes a Plutarco. *Anuario de estudios filológicos*, n. 17, 1994, p. 73-88.
- LAVORATI, Carla; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Dialógos entre ficção e história: do romance histórico clássico ao novo romance histórico. *Revista Odisseia*, n. 6, 2012.
- LELLI, Emanuele (Coord.). *L'altra Iliade*. Ditti di Creta. Il diario di guerra di un soldato greco. Con la Storia della distruzione di Troia di Darete Frigio e i testi bizantini sulla guerra troiana. Milano: Bompiani, 2015.
- LEEKER, Joachim. La légende de Troie au Moyen Âge. [s/l]. [s/d].
- LESKY, Albin. *Historia de la literatura griega*. Madrid: Gredos, 1989.
- LÉVÊQUE, Pierre. *La aventura griega*. Barcelona: Labor, 1968.
- LIMA, Alceu Dias. Possíveis correspondências expressivas entre Latim e Português: reflexões na área da tradução. *Itinerários—Revista de Literatura*, 2003.
- LOCKWOOD, Dean P. Two Thousand Years of Latin Translation from the Greek. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Vol. 49, 1918, p. 115-129.
- LOPES, Eliana da Cunha. O mito como símbolo da fundação de Roma, segundo o III livro dos *Fastos* de Ovídio. *Cadernos do CNLF*, Vol. XVI, Nº 04, t. 1. Anais do XVI CNLF, [s/d] pág. 972-991.
- LOPES, João José. A *Ilíada* e a *Odisseia*: dois pilares da civilização grega e legado para a posteridade. *Revista Memento*, V.4, n.1, jan.-jun. 2013, p. 118-127.
- LOPES, Antonio Orlando Dourado. Natureza dos deuses e divindade da natureza: reflexões sobre a recepção antiga e moderna do antropomorfismo divino grego. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 51, n. 122, 2010, p. 377-397.
- LOURENÇO, Frederico. Prefácio. In.: HOMERO. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo:

Duas cidades, 2000.

MACMASTER, Thomas J. The origin of origins: Trojans, Turks and the birth of the myth of Trojan origins in the medieval world. *Atlantide*, v. 2, 2014, p. 2-12.

MANGUEL, A. *Ilíada e Odisséia*. Uma biografia. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MARTIN, Richard P. Apresentação. In. HOMERO, *Odisseia*. Cosac Naify, 2014

MARTÍNEZ, Viviana Carola Velasco; SOUZA, Ivy Semiguel Freitas de. O mito das Amazonas em cena: uma discussão psicanalítica sobre a feminilidade eo gênero. *Cadernos de psicanálise* (Rio de Janeiro), v. 36, n. 30, p. 171-197, 2014.

MAYERSON, Philip. *Classical Mythology in Literature, Art, and Music*. Newburyport, MA: Focus Texts: For Classical Language Study, 2001.

MEDEIROS, Gracilene Felix. *Sagrado e a literatura: uma análise teórica da manifestação da religiosidade Romana na Eneida de Virgílio e na Farsália de Lucano*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. 126f.

MELO, António Maria Martins. A presença das Amazonas na Poética de Escalígero. *Narrativas do Poder Feminino*, 2012.

MERKLE, Stefan. News from the past. Dictys and Dares on the Trojan War. In. HOFMANN, Heinz. *Latin fiction: The Latin novel in context*. London: Routledge, 1999.

MILAZZO, Antonio M. Achille e Polissena in Ditti Cretese: un romanzo nel romanzo?. *Le forme e la storia, Riv. quadrimestr. di studi stor. e lett.*(Catania. CUECM), v. 5, p. 3-24, 1984.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *La historiografía griega*. Barcelona: Crítica, 1984.

MOTTA, Sérgio Vicente. *O engenho da narrativa e sua árvore genealógica: das origens a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

MOVELLÁN LUIS, Mireia. El tópico del manuscrito reencontrado en la encrucijada entre tradición grecorromana y cristianismo en la Antigüedad Tardía. *Antigüedad y Cristianismo*. n. 29, 2012, p. 347-356.

MOVELLÁN LUIS, Mireia. Elementos paródicos en la *Ephemeris belli Troiani*. *Habis. Anejo 1. Actas del II Congreso Ganimedes*.

MOVELLÁN LUIS, Mireia. *La crónica troyana de Dictis de Creta: trama épica y falsa historia*. Tese (doutorado). Universidad Complutense de Madrid - Facultad de Filología: Madrid, 2015.

MYNOTT, Jeremy. *Birds in the Ancient World: Winged Words*. Oxford University Press, 2018.

NÍ MHEALLAIGH, Karen. “Lost in translation the Phoenician Journal of Dictys of Crete”, In: WHITMARSH, T., THOMSON, S. (eds.), *The Romance between Greece and the East*, Cambridge 2013, 196-210.

NÍ MHEALLAIGH, Karen. Pseudo-documentarism and the limits of ancient fiction. *American Journal of Philology*, 2008, p. 403-431.

OLIVEIRA, Marcela. “Ulisses e o ardil da narração”. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. IX, n. 17 (juldez/2015), p. 45-57.

OLIVEIRA, Larissa da Costa. “O bobo” e a secularização das origens de Portugal em Alexandre Herculano. *XXVIII Simpósio nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios*. Jul/2005, Florianópolis-SC, p. 1-13.

PAGE, Denys. *The Greeks*. London: A. C. Watts, 1962.

PAVANELO, Luciene Marie. *Entre o coração e o estômago: o olhar distanciado de Camilo Castelo Branco*. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008.

PEINADO, Elísabet Gómez. *La Ephemera Belli Troiani: Edición del texto y estudio de los aspectos filológicos e literarios*. Tese (doutorado em estudos clássicos), Faculdade de filosofia e letras da Universidad de Alicante, 2015.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*. Coimbra: Atlântida, 1965.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1972.

PINHEIRO, Ana Elias. Homero. Tentativas de (re)construção biográfica na antiguidade. *Máthesis* 14, 2005, 111-128.

POMEROY, Sarah. *Goddesses, Whores, Wives and Slaves: women in classical antiquity*. 1975.

POUCET, Jacques. Le mythe de l'origine troyenne au Moyen âge et à la Renaissance: un exemple d'idéologie politique. *Folia Electronica Classica*, v. 5, 2003.

PRESSLER, Gunter Karl. O distanciamento épico: a voz do narrador no mito clássico escrito e no mito oral popular. *Moara*. rev. dos cursos de Pós-Grad. em Letras UFPA. Belém, n. 10, jul/dez, 1998, p. 77-89.

PROSPERI, Valentina. Il paradosso del mentitore: ambigue fortune di Ditti e Darete . In: CAPODIECI, Luisa; FORD, Philip. *Homère à la Renaissance*, Paris, 2011, p. 41-57.

PROSPERI, Valentina. The Trojan Chronicles of Dictys and Dares in the Early Italian Humanism: a Reassessment. *Atlantide* 2. Cahiers de l'EA 4276 – L'Antique, le Moderne, 2014, p. 1-10.

PYM, Anthony. *Explorando as teorias da tradução*. Trad. Rodrigo Borges de Faveri et al. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

REARDON, Bryan P. (ed.) *Collected Ancient Greek Novels*. Berkely: University of California Press, 1989.

ROCHA, Eduardo Lacerda Faria. *A ars grammatica de Diomedes: reflexos do bilinguismo greco-latino*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015. f.130.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

ROQUE, Maria-Àngels. Birds: Metaphor of the Soul. *Quaderns de la Mediterrània*, v. 12, p. 96-108, 2010.

RUIZ DE ELVIRA, Antonio. *Mitología clásica*. Madrid: Gredos, 1982.

RUIZ MONTERO, Consuelo. *La novela griega*. Madrid, Síntesis, 2006.

- RUIZ MONTERO, Consuelo. The rise of the Greek novel. In. SCHMELING, Gareth L. (Ed.). *The novel in the ancient world*. Brill, 1996, p. 29-86.
- RUIZ MONTERO, Consuelo. Una interpretación del «estilo καί» de Jenofonte de Éfeso. *Emerita*, v. 50, n. 2, 1982, p. 305-323.
- RUTHVEN, Karl. K. *O mito*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- RYNEARSON, Nicholas C. Helen, Achilles and the Psuchê: Superlative Beauty and Value in the Iliad. *Intertexts*, v. 17, n. 1, p. 3-21, 2013.
- SAGE, Michael, 'Roman Visitors to Ilium in the Roman Imperial and Late Antique Period: The Symbolic Functions of a Landscape', *Studia Troica*, 10 (2000), p. 211-31.
- SANO, Lucia. *Sendo Homem: A guerra no romance grego*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). Universidade de São Paulo, 2013. 234f.
- SANTOS, Sandra Ferreira dos. Ritos Funerários na Grécia Antiga: Um Espaço Feminino. *I Congresso internacional de religião mito e magia no mundo antigo & IX fórum de debates em história antiga*, 2010, p. 348-365.
- SCAFFAI, Marco (ed). *Baebii Italici Ilias Latina*: Introduzione, edizione critica, traduzione italiana, e commento. 2 ed. Bologna: Pàtron, 1997.
- SCHOLES, Robert; KELLOGG, Robert. *A natureza da narrativa*. Tradução de Gert Meyer. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.
- SCHÜLER, Donaldo. *Teoria do romance*. São Paulo: Editora Ática. 2000.
- SCHÜTZER, Linneu de Camargo. A noção de destino em Homero. *Revista de História*, v. 13, n. 27, p. 25-48, 1956.
- SCOBIE, Alex. Storytellers, Storytelling, and the Novel in Graeco-Roman Antiquity. *Rheinisches Museum für Philologie*, v. 122, n. H. 3/4, 1979, p. 229-259.
- SILVA, Glaydson José da. A ideia de História nos *Commentarii De Bello Gallico*, de César. In.: SILVA, Glaydson José da. SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *A ideia de História na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 365-398
- SOUZA, Rômulo Augusto de. *Manual de história da literatura latina*. Belém: Serviço de, 1977.
- STEPHENS, Susan. The Othes Greek Novels. In. CUEVA, Edmund P. & BYRNE (ed.), Shannon N. *A Companion to the Ancient Novel*. 1 ed. John Wiley & Sons, Inc: 2014, p. 147-158.
- TANNUS, Carlos Antonio Kalil. A Eneida. In APPEL, Myrna Bier; GOETTEMS, Míriam Barcellos. *As Formas do Épico*, Porto Alegre, 1992, p. 72-81.
- THOMPSON, Diane P. *The Trojan War: literature and legends from the Bronze Age to the present*. 2 ed. Jefferson: McFarland, 2013.
- TIMPANARO, Sebastiano. Sulla composizione e la tecnica narrativa dell'Ephemeris di Ditti-Settimio. In: AA.VV., *Filologia e forme letterarie*. Studi offerti a Francesco Della Corte, VI, Urbino 1987, p. 169-215.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Editora Perspectiva, 1975.
- TROCA PEREIRA, Reina Marisol. Comentário. In. CRETENSE, Díctis. *Efeméride da*

*Guerra de Tróia*. trad. Reina Marisol Troca Pereira. Biblioteca Nacional de Portugal, Edições 70, 2016.

*TRÓIA*. Direção: Wolfgang Petersen. Estados Unidos da América: Warner Bros. Pictures, 2004. DVD (163 mim), NTSC, son., color.

*TROY: Fall of a City*. Direção: Owen Harris e Mark Brozel. Roteiro: David Farr, Nancy Harris, Mika Watkins, Joe Barton. Estados Unidos/Reino Unido: NETFLIX/BBC One, 2018.

USENER, Knut. Dictys und Dares über den Troischen Krieg: Homer in der Rezeptionskrise?. *Eranos*, v. 92, 1994, p. 102-120.

USENER, Knut. Palamedes. Bedeutung und Wandel eines Heldenbildes in der antiken Literatur. *Würzburger Jahrbücher für die Altertumswissenschaft*, v. 20, 1994, p. 49-78.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Persona poética e autor empírico na poesia amorosa romana*. São Paulo: Editora da Unifesp, 2016.

VEGA, Maria Felisa del Barrio; LÓPEZ, Vicente Cristóbal. Introducción. In. ANÔNIMO. *La Ilíada Latina, Diario de la guerra de Troya de Dictis Cretense y Historia de la destrucción de Troya de Dares Frigio*. Introducciones, traducción y notas de Ma. Felisa del Barrio Vega y Vicente Cristóbal López. Madrid: Gredos, 2001.

VENINI, Paola. Ancora Atreo contro Catreo in Ditti-Settimio. *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica*, v. 119, p. 251, 1991.

VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VIEIRA, Trajano. Nota sobre Lícofron. *Ciência e Cultura*, v. 67, n. 4, 2015, p. 66-68.

VIRGÍLIO. Eneida. Trad. Manuel Odorico Mendes. Centaur Editions, 2013.

YAVUZ, Nurgül Kivılcım. *Transmission and Adaptation of the Trojan Narrative in Frankish History between the Sixth and Tenth Centuries*. Tese (Doutorado em História). The University of Leeds: Institute for Medieval Studies, 2015. f.298.

YOUNG, Arthur M. *Troy and her legend*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1948.

WERNER, Christian. *Memórias da Guerra de Troia: a performance do passado épico na Odisseia de Homero*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2018.

WHITMARSH, Tim. *The Second Sophistic*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

WINKLER, Martin M. (coord). *Troy: from Homer's Iliad to Hollywood epic*. Blackwell Publishing Ltd: 2007.

ZANUSSO, Valentina. Introduzione. In. LELLI, Emanuele (Coord.). *L'altra Iliade*. Ditti di Creta. Il diario di guerra di un soldato greco. Con la Storia della distruzione di Troia di Darete Frigio e i testi bizantini sulla guerra troiana. Milano: Bompiani, 2015, p. 13-148.

ZIEGLER, Judith. *Die Gestalt des Achilles in den lateinischen nachklassischen Trojadarstellungen der Antike* (Ilias Latina, Dictys Cretensis, Dares Phrygius, Excidium Troiae) Tese (Doutorado), Universität Wien, 2012. 141f.

ZILBERMAN, Regina. *Do mito ao romance: tipologia da ficção brasileira contemporânea*. Univ., Escola Superior de Teologia. São Lourenço de Brindes, 1977.